

O OLHAR DOS INOCENTES

DA AUTORA DE A PRINCESA DE GELO

CAMILLA LÄCKBERG





Ficha Técnica

Título original: *Änglamakerskan*
Título português: *O Olhar dos Inocentes*
Autor: Camilla Läckberg
Design de capa: Rui Garrido
Tradução do inglês Ricardo Gonçalves
Revisão: Sofia Graça Moura
ISBN: 9789722057745

Publicações Dom Quixote
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2011, Camilla Läckberg
Publicado originalmente por Bokförlaget Forum, Suécia
Publicado em Portugal por acordo com Nordin Agency AB, Suécia
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.pt
www.leya.pt

Este livro foi traduzido segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

«Se um único homem consegue manifestar tanto ódio, imagine-se o amor que todos juntos podemos expressar.»



Tinham pensado remodelar a casa para aliviar a dor. Nenhum dos dois sabia ao certo se seria um bom plano, mas não tinham outro. A alternativa era desistir de tudo e deixarem-se definhar.

Ebba passava o raspador pela parede exterior da casa. A tinta saía facilmente. Já havia começado a soltar-se em grandes lascas, por isso, tudo o que ela tinha de fazer era dar uma ajuda. O sol de julho estava tão quente que tinha a franja colada à testa, húmida de suor, e o braço doía-lhe porque era o terceiro dia consecutivo que se dedicava àquele movimento repetitivo: para cima e para baixo, para cima e para baixo. Mas a dor física era bem-vinda. Quanto mais intensa, mais calava a ferida no seu coração, pelo menos temporariamente.

Virou-se e olhou para Tobias, a trabalhar no relvado à frente da casa, a serrar tábuas. Ele pareceu pressentir que ela olhava para ele, porque ergueu os olhos e levantou a mão numa saudação, como se ela fosse uma conhecida que acabara de encontrar na rua. Ebba deu por si a responder-lhe com o mesmo gesto estranho.

Haviam decorrido mais de seis meses desde que a vida de ambos fora devastada, mas continuavam sem saber como reagir um com o outro. Deitavam-se todas as noites na cama de casal, de costas voltadas, com medo de que algum toque involuntário pudesse desencadear algo com que não saberiam lidar. Era como se o desgosto os preenchesse a ponto de não deixar espaço a outros sentimentos: amor, carinho, empatia.

A culpa, pesada e calada, separava-os. Tudo teria sido mais fácil se pudessem tê-la conseguido definir e remeter para onde pertencia. Mas continuava a ir e a vir, mudando de intensidade e de forma, mudando constantemente o flanco de ataque.

Ebba virou-se de novo para a casa e recomeçou a raspar a parede. Sob as mãos, a tinta branca saía em grandes tiras, revelando as pranchas de madeira por baixo. Afagou a madeira com a mão livre. Aquela casa parecia ter alma. Nunca sentira isso em qualquer outro lugar. A pequena casa geminada em Gotemburgo era praticamente nova quando ela e Tobias a compraram. Nessa época, Ebba adorara o facto de toda a casa parecer brilhar, de ter tido tão pouco uso. Agora, todas essas sensações de novidade pertenciam ao passado e esta casa antiga, com todos os seus defeitos, adequava-se mais à presente situação. Pensou novamente no telhado com goteiras, na caldeira que precisava regularmente de um bom pontapé para funcionar e nas correntes de ar que se infiltravam pelas janelas e tornavam impossível manter uma

vela acesa no peitoril. A chuva e o vento também lhe varriam a alma sem piedade, apagando as velas que aí tentava acender.

Talvez a sua alma se pudesse curar aqui em Valö. Não tinha memórias deste lugar, contudo era como se se conhecessem mutuamente, ela e esta ilha que se encontrava mesmo em frente de Fjällbacka. Se fosse até ao cais podia ver a pequena cidade costeira a espalhar-se do outro lado do mar. Na base do penhasco de granito íngreme, os pequenos edifícios brancos e as cabanas de pesca vermelhas alinhavam-se como um colar de pérolas. A vista era tão bela que quase doía.

O suor escorria-lhe da testa, os olhos ardiam-lhe. Limpou o rosto à *T-shirt* e olhou para o Sol. No céu, as gaivotas esvoaçavam em círculos. As aves chamavam-se umas às outras com os seus grasnidos. Os seus apelos misturavam-se com o ruído das lanchas que se deslocavam no estreito. Ebba fechou os olhos e deixou que aqueles sons a levassem para longe. Para longe de si, para longe de...

– Que tal fazermos uma pausa para irmos nadar um bocado?

A voz de Tobias quebrou o ruído de fundo, sobressaltando-a. Ebba abanou a cabeça, confusa, mas depois concordou.

– Claro, vamos a isso – disse, saltando do andaime.

Os fatos de banho estavam pendurados, a secar nas traseiras da casa. Ebba despiu as roupas de trabalho suadas para vestir um biquíni.

Tobias foi mais rápido e esperava-a com impaciência.

– Estás pronta? – perguntou, começando a descer o caminho que levava à praia. A ilha era grande e menos árida do que outras mais pequenas do arquipélago de Bohuslän. O caminho era ladeado por árvores frondosas e ervas altas, e Ebba pisava o chão com força enquanto seguia o marido. Tinha pavor de cobras, pavor que se intensificara há alguns dias quando vira uma víbora a aquecer-se ao sol.

Quando começaram a descer a encosta em direção à água, Ebba não conseguiu deixar de pensar em todos os pés de crianças que tinham percorrido aquele caminho ao longo dos anos. Ainda chamavam ao local «colónia balnear», embora não fosse utilizado como tal desde os anos 30.

– Tem cuidado, vê onde pões os pés – disse Tobias, apontando para umas raízes de árvores que despontavam do chão.

A preocupação de Tobias, que deveria tê-la comovido, pareceu-lhe quase sufocante, e ela fez um esforço redobrado para evitar as raízes. Alguns metros adiante, sentiu areia áspera sob os pés. As ondas açoitavam a orla marítima e ela largou a toalha na areia e dirigiu-se para a água salgada. As algas roçaram-lhe as pernas e o frio repentino deixou-a a arfar em busca de ar, mas depressa se adaptou à temperatura. Nas suas costas, ouviu Tobias a chamá-la. Fingindo não ouvir, continuou a avançar mar adentro. Quando deixou de ter pé começou a nadar e, com apenas algumas braçadas, atingiu a plataforma de mergulho ancorada a poucos

metros da praia.

– Ebba! – gritou Tobias da praia, mas ela continuou a ignorá-lo e agarrou a escada. Precisava de um tempo para si. Se se deitasse e fechasse os olhos, podia imaginar-se a naufragar em alto mar. Sozinha. Sem necessidade de prestar atenção a mais ninguém.

Ouviu-o a nadar cada vez mais perto. A plataforma agitou-se quando Tobias a alcançou e ela fechou os olhos com força para o manter afastado por mais um instante. Queria ficar sozinha. Não queria continuar a partilhar a solidão com Tobias, como acontecia nos últimos tempos. Porque, apesar de estarem juntos, estavam ambos sozinhos. Relutante, Ebba abriu os olhos.



Erica estava sentada à mesa na sala de estar. Parecia que uma bomba tinha explodido e espalhado brinquedos por toda a divisão. Carros, bonecas, animais de peluche e roupas de brincar. Três crianças, todas com menos de quatro anos, eram a principal razão de a casa se encontrar naquele estado. Mas agora que Erica tinha algum tempo para si, sem os filhos, resolvera, como de costume, dar prioridade à escrita e não à arrumação.

Quando ouviu a porta da rua a abrir-se, olhou de relance por cima do computador e viu o marido.

– Olá. O que estás a fazer aqui? Não ias visitar a Kristina?

– Para variar, a minha mãe não estava em casa. Devia ter ligado antes – disse Patrik, descalçando as *Crocs*.

– Tens mesmo de usar essas coisas? Como é que consegues conduzir com isso? – Erica apontou para o horrível calçado que, como se não bastasse, era verde fluorescente. A irmã de Erica, Anna, oferecera-as a Patrik por graça, mas agora ele recusava-se a usar outra coisa.

Patrik aproximou-se dela e deu-lhe um beijo.

– És tão bonita – disse, dirigindo-se depois à cozinha. – É verdade, a tua editora conseguiu falar contigo? Devia ser importante, até me ligaram para o telemóvel.

– Queriam saber se vou à feira do livro este ano, como prometi. Mas ainda não me decidi.

– Claro que vais. Eu tomo conta dos miúdos nesse fim de semana. Já tratei de tudo para tirar esses dias de folga.

– Obrigada – respondeu Erica. Porém, no fundo, ficou irritada consigo mesma por se sentir grata ao marido. Afinal de contas, não era ela que assumia sempre o comando cada vez que ele era chamado de urgência para ir trabalhar, ou quando os fins de semana, feriados e noites eram interrompidos porque o trabalho não podia esperar? Amava Patrik mais do que tudo, mas às vezes parecia que ele nem reparava que era sobre os seus ombros que recaía a maior parte das responsabilidades com a casa e com os filhos. Erica também tinha uma carreira, que por acaso até era muito bem-sucedida.

Ouvia muitas vezes as pessoas comentarem que devia ser incrível ganhar a vida como escritora. Ser responsável pela sua própria agenda, ser chefe de si própria. Ficava sempre um pouco irritada com estas observações. Por mais que adorasse o

seu trabalho e se sentisse uma felizarda, não era tão fácil como todos pareciam pensar. Liberdade não era uma palavra que se pudesse associar ao trabalho de um escritor. Pelo contrário, quando se dedicava à escrita, trabalhava vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Às vezes invejava as pessoas que iam para os seus empregos, trabalhavam as oito horas da praxe e deixavam tudo para trás quando regressavam a casa. Erica nunca podia pôr o seu trabalho de lado e, com o sucesso, chegaram também as exigências e expectativas que era necessário conciliar com o seu papel de mãe de crianças pequenas.

Mas dificilmente podia argumentar que o seu trabalho era mais importante do que o de Patrik. O marido protegia pessoas, solucionava crimes e contribuía para que a sociedade funcionasse melhor, ao passo que Erica escrevia livros que eram lidos como entretenimento. Por isso conformava-se com o facto de ser ela quem habitualmente tirava a palha mais curta, embora por vezes isso lhe desse vontade de gritar.

Com um suspiro, levantou-se e foi ter com o marido à cozinha.

– Eles estão a dormir? – perguntou Patrik, tirando os ingredientes para a sua sanduíche preferida: pão de forma, manteiga, caviar e queijo.

Erica estremeceu, sabendo que o próximo passo do marido seria mergulhar a sanduíche numa chávena de chocolate quente.

– Sim, para variar, consegui que dormissem uma sesta ao mesmo tempo. Fartaram-se de brincar esta manhã, por isso estavam os três exaustos.

– Ótimo – disse Patrik, sentando-se à mesa para comer.

Erica regressou à sala de estar para escrever mais um pouco antes de os filhos acordarem. Horas roubadas. Atualmente, só podia contar com isso.

Estava a sonhar com fogo. Com o terror estampado no rosto, Vincent pressionava o nariz contra o vidro. Por detrás dele, Ebba via as chamas elevarem-se cada vez mais alto. Estavam a aproximar-se dele, chamuscando-lhe os caracóis louros enquanto Vincent gritava silenciosamente. Ebba queria atirar-se ao vidro, estilhaçá-lo para poder resgatá-lo das chamas que ameaçavam engoli-lo. Porém, por mais que tentasse, o corpo recusava-se a obedecer-lhe.

Depois ouviu a voz de Tobias. Recriminadora. Ele odiava-a porque ela não conseguia salvar Vincent, porque estava ali parada a observar enquanto ele era queimado vivo mesmo à frente deles.

– Ebba! Ebba!

A voz dele fê-la tentar novamente. Tinha de correr contra o vidro e parti-lo. Tinha de...

– Ebba! Acorda!

Alguém a puxava pelos ombros forçando-a a sentar-se. Lentamente, o sonho

esfumou-se. Ebba queria agarrar-se a ele, atirar-se para as chamas e, talvez, por um momento, abraçar o pequeno corpo de Vincent antes de morrerem os dois.

– Tens de acordar. Há fogo!

De repente, Ebba estava totalmente desperta. O cheiro a fumo irritava-lhe as narinas, fazendo-a tossir tanto que até a garganta lhe doía. Quando olhou para cima viu o fumo ondulante a infiltrar-se no quarto através da porta.

– Temos de sair daqui! – gritou Tobias. – Rasteja por baixo do fumo. Eu vou atrás de ti. Vou ver se consigo apagar o fogo.

Ebba rebolou para fora da cama e caiu no chão. Podia sentir o calor das pranchas do soalho contra a face. Os pulmões ardiam-lhe e sentia-se terrivelmente cansada. Como é que ainda conseguia mover-se? Queria render-se, adormecer. Fechou os olhos e sentiu uma letargia pesada espalhar-se pelo corpo. Ia descansar ali por um momento. Dormir só um bocadinho.

– Levanta-te! Tens de levantar-te! – A voz de Tobias era estridente, despertando-a do seu torpor. Tobias não costumava ter medo de nada, mas estava a puxá-la com força pelo braço, obrigando-a a pôr-se de joelhos.

Relutante, Ebba começou a gatinhar para a frente e o medo apoderou-se dela. Cada vez que respirava sentia mais fumo a encher-lhe os pulmões, como um veneno de ação lenta. Mas preferia morrer por causa do fumo do que por causa do fogo. Imaginar a pele a queimar foi o suficiente para a fazer gatinhar mais depressa para fora do quarto.

De repente ficou confusa. Devia saber o caminho para as escadas, mas era como se o cérebro tivesse parado de funcionar. A única coisa que podia ver era uma espessa névoa cinzenta. Em pânico, recomeçou a gatinhar sempre em frente para, pelo menos, não ficar presa naquela fumaceira.

Quando alcançou as escadas, Tobias passou por ela a correr, empunhando um extintor. Desceu as escadas em três passadas e Ebba ficou a vê-lo afastar-se. Era como no sonho: o seu corpo parecia já não querer obedecer-lhe e as articulações recusavam-se a mexer-se. Desesperada, Ebba deixou-se ficar onde estava, de gatas, enquanto o fumo se tornava cada vez mais espesso. Estava outra vez a tossir. Um ataque de tosse atrás do outro. Lacrimejava e subitamente pensou em Tobias, mas não tinha energia para se preocupar com ele.

Sentiu novamente um impulso irresistível de desistir. De desaparecer, de se libertar da dor que lhe dilacerava o corpo e a alma. Pressentiu que estava prestes a desmaiar, por isso deitou-se, apoiou a cabeça nos braços, e fechou os olhos. Em seu redor era tudo suave e quente. Um enorme torpor abateu-se novamente sobre ela, acolhendo-a. Não lhe queria fazer mal, queria apenas recebê-la para a curar.

– Ebba! – Tobias puxava-lhe o braço, mas ela resistiu. Queria ser levada para aquele lugar bonito e tranquilo para onde se dirigia. Então sentiu uma bofetada na

cara, um golpe que lhe deixou a cara a arder. Confusa, levantou-se e olhou para o rosto de Tobias. O marido tinha uma expressão simultaneamente preocupada e irritada.

– Já apaguei o fogo – disse. – Mas não podemos ficar aqui.

Fez uma tentativa para a levantar, mas Ebba empurrou-o. Ele tirara-lhe a única oportunidade que tivera para descansar desde há muito. Furiosa, Ebba bateu-lhe com os punhos no peito. Era um enorme alívio poder libertar toda a raiva e desilusão, por isso continuou a bater-lhe com quanta força tinha, até que, por fim, Tobias lhe agarrou os pulsos. Segurou-os com firmeza e puxou-a para ele. Pressionou-lhe o rosto contra o peito e abraçou-a. Ebba podia ouvir o coração dele a martelar-lhe o peito e aquele som fê-la chorar. Depois deixou que Tobias a ajudasse a levantar-se. Ele conduziu-a à rua e, quando o ar frio da noite lhe encheu os pulmões, Ebba soltou-se dos braços de Tobias e afundou-se num torpor.

FJÄLLBACKA, 1908

ELES CHEGARAM DE MANHÃ CEDO. A MÃE JÁ ESTAVA DE PÉ COM OS MAIS PEQUENOS, ENQUANTO DAGMAR PREGUIÇAVA NA CAMA, SABOREANDO O CALOR SOB AS COBERTAS. AQUELA ERA A DIFERENÇA ENTRE SER A FILHINHA DA MAMÃ OU UM DOS BASTARDOS DE QUEM A MÃE TOMAVA CONTA. DAGMAR ERA ESPECIAL.

– O QUE SE PASSA? – GRITOU O PAI DO QUARTO. TANTO ELE COMO DAGMAR TINHAM SIDO DESPERTADOS POR BATIDAS INSISTENTES NA PORTA.

– ABRAM! É A POLÍCIA!

ENTÃO, QUEM QUER QUE FOSSE, TINHA OBVIAMENTE PERDIDO A PACIÊNCIA, POIS A PORTA ABRIU-SE DE ROMPANTE E UM POLÍCIA FARDADO PRECIPITOU-SE PARA DENTRO DE CASA.

ASSUSTADA, DAGMAR PERMANECEU NA CAMA, TENTANDO ESCONDER-SE DEBAIXO DOS COBERTORES.

– A POLÍCIA? – O PAI ENTROU NA COZINHA, ABOTOANDO ATABALHOADAMENTE AS CALÇAS. O PEITO ENCOVADO PONTEADO COM PELOS GRISALHOS. – SE AO MENOS ME DEIXAREM VESTIR UMA CAMISA, TENHO A CERTEZA DE QUE POSSO ESCLARECER TUDO. DEVE HAVER ALGUM MAL-ENTENDIDO. ESTA É UMA CASA DE PESSOAS RESPEITÁVEIS.

– HELGA SVENSSON MORA AQUI? – PERGUNTOU O POLÍCIA. ATRÁS DELE ENCONTRAVAM-SE MAIS DOIS AGENTES. TINHAM DE FICAR MUITO JUNTOS, PORQUE A COZINHA ERA MINÚSCULA E ESTAVA CHEIA DE CAMAS. HAVIA CINCO CRIANÇAS PEQUENAS A VIVER LÁ EM CASA.

– CHAMO-ME ALBERT SVENSSON E HELGA É A MINHA MULHER – DISSE O PAI. JÁ TINHA VESTIDO A CAMISA E CRUZARA OS BRAÇOS.

– ONDE ESTÁ A SUA MULHER? – HAVIA UM TOM DE URGÊNCIA NA VOZ DO POLÍCIA.

DAGMAR VIU O SULCO DE PREOCUPAÇÃO A FORMAR-SE NA TESTA DO PAI. DEIXAVA-SE PERTURBAR COM MUITA FACILIDADE, COMO A MÃE ESTAVA SEMPRE A DIZER. NERVOS À FLOR DA PELE.

– A MAMÃ ESTÁ NO QUINTAL, NAS TRASEIRAS. COM AS CRIANÇAS – DISSE DAGMAR.

SÓ ENTÃO OS POLÍCIAS REPARARAM NELA.

– OBRIGADO – DISSE O AGENTE QUE TINHA FEITO TODAS AQUELAS PERGUNTAS. RODOU NOS CALCANHARES E SAIU.

O PAI SEGUIU-O DE PERTO.

– NÃO PODE ENTRAR ASSIM EM CASA DE GENTE DECENTE, E ASSUSTAR AS PESSOAS DESTA MANEIRA. TEM DE NOS DIZER O QUE SE ESTÁ A PASSAR.

DAGMAR AFASTOU A ROUPA DE CAMA, POUSOU OS PÉS NO CHÃO FRIO DA COZINHA E CORREU ATRÁS DELES, VESTINDO APENAS UMA CAMISA DE NOITE. PAROU ABRUPTAMENTE

ATRÁS DOS HOMENS. DOIS AGENTES SEGURAVAM A MÃE PELOS BRAÇOS. ELA DEBATIA-SE PARA SE LIBERTAR E OS POLÍCIAS TINHAM DE FAZER UM ESFORÇO PARA A SEGURAR. AS CRIANÇAS GRITAVAM E A ROUPA QUE A MÃE TINHA ESTADO A PENDURAR NA CORDA CAÍRA NO CHÃO COM TODO AQUELE TUMULTO.

– MAMÃ! – GRITOU DAGMAR, CORRENDO PARA ELA.

DEPOIS ATIROU-SE ÀS PERNAS DE UM DOS POLÍCIAS E MORDEU-O NA COXA. ELE LARGOU HELGA A GRITAR, VIROU-SE E ESBOFETEOU DAGMAR COM TAL VIOLÊNCIA, QUE A ATIROU AO CHÃO. APANHADA DE SURPRESA, DAGMAR DEIXOU-SE FICAR NA RELVA, A MÃO CONTRA A FACE A ARDER. NOS SEUS OITO ANOS DE VIDA NUNCA NINGUÉM LHE BATERA. JÁ TINHA VISTO A MÃE DAR PALMADAS ÀS CRIANÇAS DE VEZ EM QUANDO, MAS NUNCA LHE LEVANTARA A MÃO A ELA. POR ESSARAZÃO, O PAI TAMBÉM NUNCA SE ATREVERA A BATER-LHE.

– O QUE É QUE ESTÁ A FAZER?! A BATER NA MINHA FILHA? – HELGA PONTAPEAVA O HOMEM, FURIOSA.

– ISSO NÃO É NADA, COMPARADO COM O QUE A SENHORA FEZ! – O AGENTE AGARROU NOVAMENTE O BRAÇO DE HELGA. – É SUSPEITA DE TER MATADO UMA CRIANÇA E TEMOS O DIREITO DE REVISTAR A SUA CASA. É ACREDITE, PRETENDEMOS SER MINUCIOSOS NESSA TAREFA!

DAGMAR REPAROU QUE A MÃE PARECIA TER-SE DESMORONADO. A CARA AINDA LHE DOÍA COMO SE ESTIVESSE A PEGAR FOGO E O CORAÇÃO BATIA-LHE ACELERADAMENTE NO PEITO. À SUA VOLTA, AS CRIANÇAS GRITAVAM COMO SE FOSSE O DIA DO JUÍZO FINAL. E SE CALHAR ERA. PORQUE EMBORA DAGMAR NÃO CONSEGUISSE COMPREENDER O QUE ESTAVA A ACONTECER, A EXPRESSÃO NO ROSTO DA MÃE DIZIA-LHE QUE O SEU MUNDO TINHA RUÍDO.



– Patrik, podes dar um salto a Valö? Telefonaram por causa de um incêndio na ilha e suspeitam de mão criminosa.

– O quê? Desculpa, o que é que disseste?

Patrik já estava a saltar da cama, prendendo o telefone entre a orelha e o ombro enquanto vestia umas calças de ganga. Ainda ensonado, olhou para o relógio. 7h15. Por um segundo perguntou-se o que estaria Annika a fazer na esquadra àquelas horas.

– Houve um incêndio em Valö – repetiu pacientemente Annika. – Os bombeiros foram chamados de manhã bem cedo e suspeitam de que possa ser fogo posto.

– Em que sítio de Valö?

Erica virou-se na cama.

– O que é que se passa? – murmurou.

– Trabalho. Tenho de ir a Valö – sussurrou ele. Exceccionalmente, já passava das seis e meia e os gémeos ainda dormiam, por isso não queria acordá-los.

– Na colónia balnear – respondeu Annika ao telefone.

– *Okay*. Levo o barco e dou lá um salto. Vou telefonar ao Martin. Também está de serviço hoje, não está?

– Exato. Até logo. Depois encontramo-nos todos na esquadra.

Patrik terminou a chamada e vestiu uma *T-shirt*.

– O que aconteceu? – perguntou Erica, sentando-se na cama.

– Os bombeiros suspeitam de que alguém pegou fogo à antiga colónia balnear.

– À colónia balnear? Alguém tentou incendiá-la? – Erica girou as pernas sobre a borda da cama.

– Prometo contar-te tudo mais tarde – disse Patrik com um sorriso. – Sei que é um dos teus projetos de estimação.

– Que estranha coincidência, tentarem pegar fogo à colónia logo agora que a Ebba voltou a morar lá.

Patrik abanou a cabeça. Sabia por experiência própria que a mulher gostava de se meter em assuntos que não lhe diziam respeito. Estava constantemente a tirar conclusões bizarras. Era verdade que, ocasionalmente, Erica acabava por ter razão, a maior parte das vezes, Patrik tinha de admiti-lo, mas por vezes também confundia tudo.

– A Annika disse-me que suspeitam de fogo posto. Por enquanto é tudo o que

sabemos. Mas podemos vir a concluir que essa suspeita não tem fundamento.

– Mesmo assim – disse Erica. – É estranho que tenha acontecido agora. Posso ir contigo? De qualquer maneira tinha planeado ir lá para conversar com a Ebba.

– E quem toma conta dos miúdos? Já pensaste nisso? Acho que a Maja ainda é demasiado nova para aquecer o biberão aos irmãos.

Patrik beijou Erica no rosto e depois desceu apressadamente as escadas. Atrás de si, começou a ouvir os gémeos a chorar; mesmo na hora certa.

Patrik e Martin trocaram apenas algumas palavras a caminho de Valö. A sugestão de que podia tratar-se de fogo posto era ao mesmo tempo perturbadora e inverosímil. À medida que se aproximavam da ilha e avistavam aquele cenário idílico, parecia-lhes ainda mais improvável.

– Isto é lindíssimo! – exclamou Martin, admirando a ilha enquanto subiam o caminho desde o cais onde Patrik amarrara o barco.

– Já tinhas estado cá, não tinhas? – perguntou Patrik sem se virar. – Pelo menos naquele Natal.

Martin murmurou algo em resposta. Não queria que lhe recordassem aquele Natal fatídico em que tinha sido arrastado para um drama familiar na ilha.

Uma vastidão de relva estendia-se diante deles. Pararam para admirar a paisagem.

– Tenho algumas memórias maravilhosas desta ilha – disse Patrik. – Costumávamos vir aqui em visitas de estudo algumas vezes por ano e também no verão, quando frequentava o acampamento de vela. Fartei-me de jogar futebol neste relvado. E também joguei muitas vezes críquete.

– Eu sei. Quem é que não frequentou esses acampamentos? É estranho designarem-nos sempre por colónia balnear.

Patrik encolheu os ombros e começou a subir o caminho para a casa.

– Suponho que o nome pegou. Só foi um colégio interno durante pouco tempo e ninguém quis dar-lhe o nome do velho Von Schlesinger, que viveu aqui antes.

– Ah, pois é. Ouvi falar desse maluco – disse Martin, praguejando quando um ramo o atingiu no rosto. – Quem é agora o dono da ilha?

– Creio que agora pertence ao casal que cá mora. Depois do que aconteceu em 1974, tem sido administrado pela câmara municipal, tanto quanto sei. É pena que tenham deixado a casa degradar-se tanto, mas parece que estão a começar a recuperá-la.

Martin ergueu os olhos para o andaime que cobria toda a fachada do edifício.

– Parecem estar muito empenhados. Espero que o incêndio não tenha provocado muitos danos.

Percorreram o caminho até às escadas de pedra que conduziam à porta da frente.

Os Bombeiros Voluntários de Fjällbacka estavam a recolher o equipamento, trabalhando de modo calmo e metódico. «Devem estar a suar brutalmente naqueles fatos pesados», pensou Patrik. O calor já era opressivo, apesar de ainda ser muito cedo.

– Olá! – Östen Ronander, o chefe dos bombeiros aproximou-se e cumprimentou-os com um aceno de cabeça. Tinha as mãos negras de fuligem.

– Olá, Östen. Então, o que aconteceu aqui? A Annika disse-me que suspeitam que o incêndio possa ter tido mão criminosa.

– É o que parece. Mas não estamos habilitados a tirar essas conclusões. Esperemos que o Torbjörn não demore.

– Telefonei-lhe quando vínhamos a caminho e contam estar aqui dentro de... – Patrik olhou para o relógio. – Cerca de meia hora.

– Ótimo. Entretanto, querem que vos mostre como isto ficou? Tentaremos não perturbar nada. O proprietário já tinha apagado as chamas com um extintor quando chegámos, por isso só tivemos de fazer o rescaldo, para nos certificarmos de que não há reacendimentos. Não havia muito mais a fazer. Olhem para ali...

Östen apontou para o vestíbulo. Do outro lado da soleira da porta, o soalho estava queimado num padrão estranho e irregular.

– Deve ter sido algum tipo de líquido inflamável, não te parece? – perguntou Martin, olhando para o chefe dos bombeiros.

Östen assentiu.

– Diria que alguém entornou o líquido por baixo da porta e depois pegou-lhe fogo. A julgar pelo cheiro, diria que foi gasolina, mas tenho a certeza de que o Torbjörn e os seus rapazes vão ser capazes de nos dizer o que aconteceu ao certo.

– Onde estão as pessoas que vivem aqui?

– Estão sentadas lá atrás à espera da equipa médica, que infelizmente está atrasada por causa de um acidente de viação. Ambos parecem estar em estado de choque e achei que seria bom dar-lhes um pouco de paz e sossego. Também pensei que era melhor não os deixar andar pela casa antes de vocês poderem recolher eventuais provas.

– Bem pensado. – Patrik deu-lhe uma palmadinha no ombro e, em seguida, virou-se para Martin: – Vamos falar com eles?

Sem esperar por uma resposta, Patrik dirigiu-se às traseiras da casa. Quando viraram a esquina, avistaram alguns móveis não muito longe. As cadeiras e a mesa estavam muito gastas, como se tivessem estado anos e anos ao sabor das intempéries. Sentados à mesa estavam um homem e uma mulher, ambos na casa dos trinta e ambos de olhar perdido. Quando o homem viu Patrik e Martin levantou-se e foi cumprimentá-los, estendendo a mão, que era forte e calejada, como se estivesse habituada a trabalhar com ferramentas.

– Tobias Stark.

Patrik e Martin apresentaram-se.

– Não percebemos o que aconteceu. Os bombeiros falaram em fogo posto. Será possível? – perguntou a mulher de Tobias, que se tinha aproximado e juntado ao marido. Era magra e baixa. Embora Patrik fosse apenas de estatura mediana, aquela mulher mal lhe chegava aos ombros. Parecia delicada e frágil e, apesar do calor, estava a tremer.

– Isso não é necessariamente verdade. Ainda não temos a certeza de nada – disse Patrik para os tranquilizar.

– Esta é a minha mulher, a Ebba – disse-lhes Tobias, que esfregou o rosto com a mão num gesto cansado.

– Que tal sentarmo-nos? – disse Martin. – Gostávamos que nos falassem um pouco mais do que aconteceu.

– Claro. Podemos sentar-nos ali – afirmou Tobias, apontando para a mesa e as cadeiras.

– Quem se apercebeu do fogo? – perguntou Patrik quando já estavam todos sentados. Observava Tobias, que tinha uma mancha escura na testa. Tal como Östen, tinha as mãos negras de fuligem.

Reparando na direção do olhar de Patrik, Tobias olhou para as mãos. Parecia ainda não se ter apercebido de como estavam sujas. Passou alguns momentos a limpá-las às calças antes de responder à pergunta.

– Fui eu. Acordei e senti um cheiro estranho. Assim que percebi que havia um incêndio no rés do chão, fui acordar a Ebba. Demorou alguns minutos, porque estava a dormir profundamente, mas depois acabei por conseguir tirá-la da cama. A seguir fui a correr buscar o extintor. Só pensava numa coisa: apagar o fogo. – Tobias falou tão depressa que ficou com falta de ar e teve de fazer uma pequena pausa.

– Pensei que ia morrer. Estava absolutamente convencida disso – afirmou Ebba, retirando uma cutícula de uma unha. Patrik lançou-lhe um olhar compassivo.

– Peguei no extintor e despejei-o sobre as chamas do vestíbulo como um louco – prosseguiu Tobias. – A princípio não aconteceu nada, mas continuei a vazar o extintor. De repente, as chamas apagaram-se. Mas ainda havia muito fumo. Havia fumo por toda a parte – mais uma vez, Tobias teve de parar para recuperar o fôlego.

– Porque é que alguém ia... Não percebo – disse Ebba com ar vago, e Patrik suspeitou que Östen tinha razão: aquela mulher estava em estado de choque. Isso também explicava porque é que tremia como se estivesse gelada. Quando os médicos chegassem, iam ter de prestar especial atenção a Ebba e também certificar-se de que nem ela nem Tobias sofriam os efeitos da inalação de fumo. Há muita gente que não percebe que o fumo pode ser mais mortífero do que o próprio fogo. Inspirar fumo profundamente pode ter consequências que só mais tarde se revelam.

– Porque é que os bombeiros acham que foi fogo posto? – perguntou Tobias, esfregando novamente o rosto. Patrik presumiu que o homem não tinha dormido muito.

– Como eu disse, de momento não temos certezas – respondeu evasivamente Patrik. – Mas há certos indícios. Não quero alongar-me mais antes de os técnicos poderem confirmar as nossas suspeitas. Algum dos dois ouviu algum barulho a meio da noite?

– Não. Como eu disse, quando acordei, o fogo já tinha começado.

Patrik apontou para uma casa a curta distância.

– Os vossos vizinhos estão em casa? Poderiam ter reparado em algo estranho?

– Estão de férias. Somos os únicos habitantes desta parte da ilha.

– Há alguém que possa querer fazer-vos mal? – perguntou Martin. Deixava frequentemente Patrik encarregar-se do interrogatório, mas ouvia atentamente e observava as reações das pessoas com quem falavam. E isso era tão importante quanto fazer as perguntas.

– Não, que eu saiba, não. – Ebba abanou a cabeça.

– Não vivemos cá há muito tempo. Apenas há dois meses – disse Tobias. – Esta casa pertencia aos pais da Ebba, mas esteve alugada durante muitos anos e a minha mulher nunca mais cá veio. Decidimos remodelar a casa, pô-la como deve ser.

Patrik e Martin trocaram um rápido olhar. A história daquela casa e da família de Ebba era bem conhecida na região, mas aquele não era o momento certo para lhe fazer referência. Patrik estava satisfeito por Erica não ter vindo com eles. Não teria sido capaz de conter-se.

– Onde moravam antes? – perguntou Patrik, embora tivesse um bom palpite, tendo em conta o sotaque característico de Tobias.

– Nascidos e criados em Gotemburgo – respondeu Tobias.

– E não há desavenças antigas por sanar com alguém de lá?

– Nunca tivemos quaisquer problemas com ninguém em Gotemburgo; nem em qualquer outro sítio, diga-se de passagem – respondeu secamente Tobias.

– Então porque decidiram mudar-se para cá? – perguntou Patrik.

Ebba olhou fixamente para a mesa enquanto tocava num pingente pendurado numa corrente em torno do pescoço. Um anjinho singelo de prata.

– O nosso filho morreu – afirmou, puxando com tanta força pelo anjo que a corrente lhe ficou marcada no pescoço. Precisávamos de mudar de cenário – disse Tobias. – Deixaram esta casa degradar-se e nunca mais ninguém se importou. Encarámos isso como uma oportunidade para começarmos de novo. Pertencço a uma família ligada à hotelaria, por isso pareceu-me natural montarmos o nosso próprio negócio e abrimos uma pousada. Com o tempo, esperamos conseguir atrair pessoas que participam em conferências e coisas assim.

– Vão ter muito trabalho pela frente – disse Patrik, olhando para a casa grande com a pintura a descascar. Optou deliberadamente por não fazer perguntas sobre o filho morto. A dor nos rostos daquele casal era demasiado óbvia.

– Não temos medo de trabalhar no duro. E vamos continuar até aguentarmos. Se nos faltarem as forças, podemos sempre contratar alguém para ajudar, mas precisamos de poupar dinheiro. Já assim vai ser difícil começar a ter lucro.

– Portanto, não lhe ocorre que possa haver alguém a querer fazer-vos mal aos dois ou prejudicar o vosso negócio? – insistiu Martin.

– Negócio? Que negócio? – perguntou Tobias com uma risada sarcástica. – Mas não. Como já lhe disse, não conseguimos pensar numa única pessoa que pudesse ter feito uma coisa destas. Não somos de arranjar problemas. Somos perfeitamente normais.

Patrik pensou por um momento no passado de Ebba. Não havia muitas pessoas perfeitamente normais que tivessem um trágico mistério daqueles no seu passado. Corriam vários rumores em Fjällbacka sobre o que acontecera à família de Ebba.

– A não ser que... – Tobias lançou um olhar de relance inquisitivo a Ebba, que não pareceu entender o que o marido estava a insinuar. Com os olhos fixos nela, Tobias acrescentou: – A única coisa que me ocorre é o postal de parabéns.

– O postal de parabéns? – repetiu Martin.

– Desde pequena que, em cada aniversário, Ebba recebe um postal de alguém que simplesmente assina «G». Os pais adotivos nunca descobriram quem enviava os postais. Mas continuaram a chegar, mesmo depois de Ebba ter saído de casa dos pais.

– E a Ebba não faz ideia de quem possa ser? – perguntou Patrik antes de se aperceber de que estava a falar como se Ebba não estivesse presente. Virou-se para ela e repetiu a pergunta: – Não faz ideia de quem lhe anda a enviar esses postais?

– Não.

– E os seus pais adotivos? Tem a certeza de que não sabem de nada?

– Não fazem a mais pequena ideia.

– Esse tal «G» já tentou entrar em contacto consigo de alguma outra maneira? Já foi ameaçada?

– Não, nunca. Nada disso, pois não, Ebba? – Tobias estendeu a mão como se fosse tocar na mulher, mas em seguida deixou-a cair no colo.

Ebba abanou a cabeça.

– O Torbjörn já chegou – disse Martin, apontando para o caminho.

– Ótimo. Nesse caso, vamos parar por aqui e deixar-vos descansar. A equipa médica está a caminho e, se eles acharem que devem ir ao hospital, julgo que devem fazê-lo. Estas coisas têm de ser levadas a sério.

– Obrigado – disse Tobias, levantando-se. – Se descobrirem alguma coisa, digam-

nos.

– Esteja descansado. – Patrik lançou novo olhar preocupado a Ebba. Ainda parecia estar envolta numa bolha. Patrik interrogou-se de que forma a tragédia que sofrera em criança a teria afetado, mas depois afastou o pensamento. Precisava de se concentrar no trabalho que tinha pela frente. E isso significava perceber se estavam ou não a lidar com um incendiário.

FJÄLLBACKA, 1912

DAGMAR AINDA NÃO COMPREENDIA COMO AQUILO PODIA TER ACONTECIDO. TINHAM-LHE TIRADO TUDO E ESTAVA COMPLETAMENTE SOZINHA. PARA ONDE QUER QUE FOSSE, OUVIA AS PESSOAS A SUSSURRAR PALAVRAS DESAGRADÁVEIS NAS SUAS COSTAS. ODIAVAM-NA POR CAUSADO QUE A MÃE FIZERA.

POR VEZES, À NOITE, SENTIA TANTAS SAUDADES DOS PAIS QUE TINHA DE MORDER A ALMOFADA PARA NÃO SOLUÇAR MUITO ALTO. PORQUE SE O FIZESSE, A BRUXA HORRENDA COM QUEM VIVIA DAVA-LHE UMA TAREIA DE MORTE. MAS NEM SEMPRE CONSEGUIA CONTER OS GRITOS; POR VEZES OS PESADELOS ERAM TÃO MAUS QUE ACORDAVA ENCHARCADA EM SUOR. NOS SEUS SONHOS, DAGMAR VIA AS CABEÇAS DECEPADAS DOS PAIS. PORQUE HAVIAM SIDO AMBOS DECAPITADOS. DAGMAR NÃO ESTIVERA PRESENTE QUANDO ISSO ACONTECEU, MAS A IMAGEM FICARA-LHE GRAVADANAMENTE.

OUTRAS VEZES, A IMAGEM DAS CRIANÇAS TAMBÉM LHE ASSOMBRAVA OS SONHOS. A POLÍCIA ENCONTROU OS CADÁVERES DE OITO BEBÉS QUANDO ESCAVOU O CHÃO DE TERRA DA ADEGA. ERA O QUE A BRUXA DIZIA. «OITO POBRES CRIANCINHAS», AFIRMAVA, ABANANDO A CABEÇA, SEMPRE QUE ALGUÉM A IA VISITAR. QUANDO OUVIAM AQUELAS PALAVRAS, OS AMIGOS VIRAVAM-SE PARA ELA. «DECERTO A RAPARIGA SABIA», DIZIAM. «APESAR DE SER TÃO NOVA, DE CERTEZA QUE SE APERCEBEU DO QUE OS PAIS ESTAVAM A FAZER, NÃO ACHA?»

DAGMAR RECUSAVA-SE A DEIXAR-SE INTIMIDAR. NÃO IMPORTAVA SE ERA VERDADE OU NÃO. A MAMÃ E O PAPÁ AMAVAM-NA E NINGUÉM QUERIA AQUELES FEDELHOS NOJENTOS SEMPRE A BERRAR. POR ISSO É QUE A MÃE TINHA FICADO COM ELES. DURANTE ANOS, TINHA-SE MATADO A TRABALHAR, MAS O ÚNICO AGRADECIMENTO QUE RECEBERA POR TER ACOLHIDO TODAS AQUELAS CRIANÇAS INDESEJADAS FORA A HUMILHAÇÃO POR PARTE DAS OUTRAS PESSOAS, O ESCÁRNIO. E, POR FIM, MATARAM-NA. O MESMO SE PASSARA COM O PAI. AJUDARA A MAMÃ A ENTERRAR AQUELAS CRIANÇAS E, POR ESSA RAZÃO, DISSERAM QUE TAMBÉM MERECEIA MORRER.

DEPOIS DE A POLÍCIA TER PRENDIDO OS PAIS, LEVARAM-NA PARA CASA DA BRUXA. NINGUÉM QUERIA FICAR COM ELA, NEM A FAMÍLIA NEM OS AMIGOS. NINGUÉM QUERIA TER NADA QUE VER COM A SUA FAMÍLIA. «A FAZEDORA DE ANJOS DE FJÄLLBACKA» – FOI O QUE COMEÇARAM A CHAMAR À MÃE NO DIA EM QUE ENCONTRARAM AQUELES PEQUENOS ESQUELETOS. AGORA, AS PESSOAS ATÉ CANTAVAM BALADAS SOBRE ELA. SOBRE A ASSASSINA QUE AFOGARA AS CRIANÇAS NUMA BACIA E O SEU MARIDO, QUE AS ENTERRARA NA ADEGA. DAGMAR SABIA AS MÚSICAS DE COR. OS FILHOS PETULANTES DA MÃE ADOTIVA NÃO PERDIAM UMA OPORTUNIDADE DE AS CANTAR PARA QUE ELA OUVISSE.

MAS TUDO ISSO LHE ERA INDIFERENTE, PORQUE CONTINUAVA A SER A PRINCESINHA DOS PAIS E SABIA QUE FORA DESEJADA E AMADA. A ÚNICA COISA QUE A FAZIA TREMER DE MEDO

ERA O RUÍDO DOS PASSOS DO PAI ADOTIVO A APROXIMAREM-SE. NESSES MOMENTOS, DAGMAR DESEJAVAPODER TER MORRIDO COM AMÃE E O PAI.



Josef passou nervosamente o polegar pela pedra que tinha na mão. Aquela reunião era importante e não estava disposto a permitir que Sebastian estragasse tudo.

– Aqui está. – Sebastian apontou para os desenhos que tinha pousado na mesa de conferências. – Esta é a nossa visão. Um projeto para a paz no nosso tempo¹. – Sebastian dissera a última frase em inglês.

Josef suspirou para si. Não estava convencido de que o presidente e os vereadores da câmara municipal ficassem impressionados com frases pomposas em inglês.

– O que o meu sócio está a tentar dizer é que esta é uma oportunidade incrível para Tanum fazer alguma coisa pela paz. Uma iniciativa que dará grande prestígio à região.

– Claro, a paz na Terra é uma coisa excelente. E, financeiramente, também não é uma ideia descabida. A longo prazo fará crescer o turismo e criará novos postos de trabalho para os residentes, e todos sabem o que isso significa. – Sebastian ergueu a mão e esfregou o polegar no indicador. – Mais dinheiro para toda a região.

– Sim, mas acima de tudo é um projeto de paz com muito significado – disse Josef, resistindo à vontade de dar um pontapé na canela a Sebastian. Quando aceitou o dinheiro de Sebastian, soube que seria assim, mas não tivera alternativa.

Erling W. Larson assentiu. Após o escândalo em torno da remodelação do Hotel Badis, em Fjällbacka, mantivera-se na sombra durante algum tempo, mas agora estava outra vez envolvido na política local. Aquele projeto mostraria que ainda era uma força a ter em conta e Josef esperava que Erling percebesse isso.

– Parece-nos interessante – disse Erling. – Podem dar-nos uma visão mais abrangente do projeto?

Sebastian inspirou, preparando-se para falar, mas Josef antecipou-se.

– Este objeto é um pequeno pedaço da história – afirmou, estendendo a pedra. – Albert Speer comprou granito da pedreira de Bohuslan² para o Reich alemão. Speer e Hitler tinham planos grandiosos para transformar Berlim, ou «Germania», na capital mundial e o granito deveria ser enviado para a Alemanha para ser utilizado como matéria-prima para os novos edifícios.

Josef levantou-se e começou a andar de um lado para o outro enquanto falava. No seu cérebro ressoava o martelar das botas dos soldados alemães. O ruído que os pais tantas vezes lhe descreveram com terror.

– Mas depois rebentou a guerra – prosseguiu. – Alemanha nunca evoluiu para além de um modelo sobre o qual Hitler fantasiou durante os seus últimos dias. Um sonho não realizado, uma visão de monumentos imponentes e edifícios cuja construção teria custado a vida a milhões de judeus.

– Que coisa horrível – disse Erling, mostrando-se no entanto pouco impressionado.

– Os carregamentos de granito nunca saíram de Tanum...

– E é aí que nós entramos – Sebastian interrompeu Josef. – Pensámos que, a partir daquele granito, podíamos fazer símbolos de paz que podiam ser vendidos. Se for feito como deve ser, renderá uma fortuna.

– Depois podíamos utilizar o dinheiro para construir um museu dedicado à história judaica e à relação da Suécia com o judaísmo. Incluindo a nossa posição supostamente neutra durante a guerra – acrescentou Josef.

Sentou-se e Sebastian pôs-lhe o braço em torno dos ombros. Josef teve de se conter para não o sacudir. Em vez disso, esboçou um sorriso tenso. Sentia-se tão falso quanto se sentira durante o tempo que passara em Valö. Mesmo nessa época não tinha nada em comum com Sebastian ou os seus outros pretensos amigos. Por mais que tentasse, sabia que nunca seria capaz de entrar no mundo da classe alta a que pertenciam John, Leon e Percy. Nem queria.

Porém, naquele momento, precisava de Sebastian. Era a sua única esperança de realizar o sonho que alimentara durante tantos anos: prestar homenagem à sua herança judaica e tornar público o que sabia sobre os abusos que foram cometidos, e que continuavam a ser, contra o povo judeu. Se isso implicasse a assinatura de um pacto com o diabo, fá-lo-ia. Esperava no futuro conseguir acabar com a sua parceria com Sebastian.

– Como o meu sócio estava a dizer – prosseguiu Sebastian –, vai ser um museu extraordinário, assim como um destino de peregrinação para turistas de todo o mundo. E, ao apoiar o projeto, todos os presentes obterão prestígio.

– Não me parece nada mal – disse Erling. – Que te parece? – perguntou, virando-se para Uno Brorsson, o vice-presidente. Apesar do calor, Uno vestia uma camisa de flanela axadrezada.

– Pode ser um projeto a considerar – murmurou. – Mas isso depende do valor do nosso contributo. Vivemos tempos difíceis.

Sebastian lançou-lhe um sorriso rasgado.

– Tenho a certeza de que podemos chegar a um acordo. O principal é haver interesse suficiente para seguirmos em frente. Eu, pessoalmente, estou a investir uma grande quantia neste projeto.

«Pois. Mas não vais propriamente dizer-lhes quais são as tuas condições», pensou Josef. Cerrou os maxilares. Tudo o que podia fazer era aceitar em silêncio o que era

proposto e concentrar-se no objetivo. Inclinou-se para apertar a mão a Erling. Já não havia volta a dar.

Uma pequena marca na testa, cicatrizes no corpo e um ligeiro coxear eram os únicos sinais visíveis do acidente ocorrido há dezoito meses. O acidente em que perdera o bebé de Dan e em que quase perdera a vida.

Interiormente, era tudo bem diferente. Anna ainda se sentia destroçada.

Hesitou por um momento à entrada. Às vezes era difícil estar com Erica e constatar como tudo corra bem à irmã. O que tinha acontecido não deixara quaisquer cicatrizes em Erica, e a irmã não perdera nada. No entanto, fazia-lhe bem estar com ela. As feridas interiores de Anna provocavam-lhe pontadas de dor, mas o tempo que passava com Erica ajudava de alguma forma a sará-las.

Talvez tenha sido preferível que Anna não se tenha dado conta do tempo que estas feridas levavam a curar. Se fizesse a mais pequena ideia, talvez nunca tivesse conseguido emergir do estado de apatia em que mergulhara depois de a vida se ter quebrado em mil pedaços. Há pouco tempo, Anna dissera a Erica, em tom de brincadeira, que se sentia como uma daquelas ânforas antigas com que lidava quando trabalhou numa casa de leilões. Uma ânfora que tinha caído ao chão e se partira, e cujos pedaços tinham depois sido laboriosamente colados uns aos outros. Ao longe, parecia inteira, porém, à medida que nos aproximávamos, as rachas tornavam-se dolorosamente óbvias. Mas, quando tocou à campainha da casa de Erica, percebeu que não era brincadeira nenhuma. Era assim que se encontrava naquele momento. Uma ânfora partida.

– Entra! – gritou Erica algures de dentro da casa.

Anna entrou e descalçou-se.

– Já vou. Estou só a mudar a fralda aos gémeos.

Anna foi para a cozinha, que lhe era tão familiar. Aquela casa tinha pertencido aos pais e conhecia-lhe todos os cantos e recantos. Há vários anos, a casa desencadeara uma disputa entre elas, que quase destruíra a sua relação, mas isso acontecera num tempo diferente, num mundo diferente. Anna e Erica já podiam rir-se do assunto e falar da «VCL» e da «VDL» – a vida com Lucas e a vida depois de Lucas. Anna estremeceu. Tinha jurado pensar o mínimo possível no ex-marido, e no que ele tinha feito. Lucas já se fora. Só lhe restavam as únicas coisas boas que ele lhe tinha dado: os filhos, Emma e Adrian.

– Queres comer alguma coisa? – perguntou Erica quando entrou na cozinha com um gémeo empoleirado em cada anca. Os rostos das crianças iluminaram-se quando viram a tia. Quando Erica os pôs no chão, correram ambos para Anna e tentaram subir-lhe para o colo.

– Calma, há espaço suficiente para os dois – Anna pegou neles e, em seguida, olhou para Erica. – Depende do que aí houver – acrescentou, esticando o pescoço para ver o que Erica tinha para oferecer.

– Que tal bolo de ruibarbo da avó com massapão? – Erica estendeu-lhe um bolo coberto com película transparente.

– Estás a brincar? Quem é que ia recusar uma coisa dessas?

Erica cortou duas grandes fatias de bolo que colocou num tabuleiro sobre a mesa. Noel lançou-se imediatamente ao prato, mas Anna conseguiu puxá-lo na altura certa. Partiu um pedaço de bolo para cada um dos gémeos. Noel enfiou o seu pedaço inteiro na boca, satisfeitiíssimo, enquanto Anton mordiscou cuidadosamente um canto enquanto lançava um sorriso rasgado à tia.

– São tão diferentes – disse Anna, mexendo vigorosamente no cabelo dos dois rapazes louros.

– Achas? – respondeu sarcasticamente Erica, abanando a cabeça.

Serviu o café e pousou a chávena de Anna na mesa, certificando-se, como de costume, de que estava fora do alcance dos gémeos.

– Consegues, ou queres que pegue num deles? – perguntou Erica, ao reparar que Anna tentava equilibrar as crianças, a chávena de café e o bolo ao mesmo tempo.

– Deixa, eu consigo. É muito bom tê-los assim chegados a mim – Anna acariciou a cabeça de Noel. – Onde está a Maja?

– Colada à televisão. O novo grande amor da vida dela é o Mojje. Está a ver *Mimmi e Mojje nas Caraíbas*. Acho que vomito se tiver de ouvir «Numa Linda Praia das Caraíbas» mais uma vez.

– O Adrian anda obcecado com os *Pokémon* e também ando a ficar maluca com aquilo – Anna bebericou o café com cuidado para não o derramar sobre as crianças de dezoito meses que se contorciam, sentadas no seu colo. – E o Patrik?

– Está a trabalhar. Suspeita de fogo posto em Valö.

– Em Valö? Em casa de quem?

Erica hesitou antes de responder.

– Na colónia balnear – disse, incapaz de ocultar a emoção.

– Oh, que horror. Fico sempre arrepiada quando penso nessa ilha e em como eles desapareceram sem deixar rasto.

– Eu sei. Já tenho feito umas pesquisas sobre isso. Pensei que podia transformar a história num livro se descobrisse alguma coisa. Mas não houve grandes desenvolvimentos. Até agora.

– Como assim? – Anna deu uma grande dentada numa fatia de bolo de ruibarbo. Também tinha a receita da avó, mas raramente fazia bolos. Quase nunca, na verdade.

– Ela voltou.

- Quem?
- Ebba Elvander. Mas agora o apelido dela é Stark.
- Estás a falar daquela miudinha? – Anna olhou fixamente para Erica.
- Exatamente. Ela e o marido mudaram-se para Valö e parece que estão a recuperar a casa. Ontem à noite, alguém tentou pegar-lhe fogo. Isso dá-me que pensar – Erica tinha desistido de tentar esconder o entusiasmo.
- Não pode ter sido uma coincidência?
- Claro que pode. Mas continuo a achar estranho. A Ebba regressa e, de repente, as coisas começam a acontecer.
- Só aconteceu *uma* coisa – objetou Anna. Sabia como a imaginação de Erica era rápida a tirar conclusões precipitadas. O facto de a irmã ter conseguido escrever uma série de livros com base em pesquisas sólidas e devidamente fundamentados parecia a Anna ao mesmo tempo um milagre e um mistério.
- *Okay, okay*, uma coisa – concedeu Erica, acenando desdenhosamente com a mão. – Estou mortinha por que o Patrik chegue. Por acaso até quis ir com ele, mas não tinha ninguém para ficar a tomar conta dos miúdos.
- Não achas que seria um pouco estranho apareceres lá com o Patrik?
- Anton e Noel cansaram-se de estar sentados ao colo de Anna e saíram a correr para a sala de estar.
- Bem, estou a pensar ir lá falar com a Ebba um dia destes – disse Erica, voltando a encher as chávenas de café.
- O que será que aconteceu àquela família? – disse Anna, pensativa.
- Mamãaa! Tira-os daqui! – gritou estridentemente Maja da sala de estar. Erica levantou-se com um suspiro.
- Eu sabia que era bom de mais para ser verdade. Isto acontece o dia inteiro. Maja está constantemente a zangar-se com os irmãos. Não fazes ideia da quantidade de vezes que diariamente tenho de intervir.
- Hum... – disse Anna, observando Erica enquanto saía apressadamente da cozinha. Sentiu uma pontada no coração. Pessoalmente, não se importaria de ter um pouco menos de paz e sossego.

Fjällbacka nunca estivera tão radiosa. Do cais da cabana de pesca onde estava sentado com a mulher e os sogros, John podia ver toda a embocadura do porto. O tempo glorioso tinha atraído mais entusiastas da vela e turistas do que o habitual, e havia dezenas de barcos atracados, muito juntos, ao longo do pontão. John podia ouvir música e risos vindos do interior das embarcações e contemplava a animada cena com os olhos semicerrados por causa da luz do Sol.

– É pena que não se possa debater as coisas como deve ser na Suécia – John ergueu o copo de vinho e bebeu um gole de rosé bem frio. – As pessoas fartam-se

de defender a democracia e de dizer que todos têm direito a ser ouvidos, mas não podemos expressar os nossos pontos de vista. É como se não existíssemos. O que toda a gente esquece é que fomos eleitos pelo povo. Uma percentagem considerável de suecos tem uma profunda desconfiança em relação ao modo como o país está a ser governado. As pessoas querem mudar e nós prometemos-lhes essa mudança.

John pousou o copo na mesa e recomeçou a descascar um camarão. Numa taça, muitos por descascar aguardavam a sua atenção.

– Eu sei. É terrível – disse o sogro, estendendo a mão para a taça de camarões e agarrando um punhado. – Se estamos verdadeiramente numa democracia, é preciso ouvir as pessoas.

– E toda a gente sabe que muitos imigrantes vêm para cá apenas para tirar proveito dos benefícios sociais – exclamou a sogra. – Não haveria problema se todos esses estrangeiros estivessem dispostos a trabalhar e a contribuir para a sociedade. Mas não tenho vontade de ver os meus impostos usados para apoiar esses parasitas – prosseguiu Barbro, que começava a arrastar a voz.

John suspirou. Que idiotas. Não faziam ideia do que estavam a dizer. E o mesmo acontecia com a maioria dos eleitores: não passavam de carneiros que simplificavam a situação e eram incapazes de ver o problema como um todo. Os sogros personificavam a ignorância que John detestava. No entanto, ali estava ele, forçado a aturá-los durante uma semana inteira.

Liv acariciou-lhe a coxa para tentar acalmá-lo. Sabia o que John pensava deles e, em larga medida, concordava com o marido. Mas Barbro e Kent eram os seus pais e não havia muito que pudesse fazer quanto a isso.

– O pior é que hoje em dia estão por todo o lado – disse Barbro. – Uma família acabou de se mudar para o nosso bairro. A mulher é sueca, mas o homem é árabe. Nem consigo imaginar como deve ser horrível para aquela pobre mulher. Porque os árabes tratam as mulheres muito mal. E tenho a certeza de que as crianças vão ser alvo de *bullying* na escola. Vão acabar por ter problemas com a polícia e a mulher vai acabar por lamentar não ter casado antes com um rapaz sueco.

– Tens toda a razão – disse Kent, tentando abocanhar uma enorme sanduíche de camarão.

– Podem deixar o John abstrair-se um bocado da política? – pediu Liv num tom levemente reprobatório. – Já passa tempo suficiente a tratar da questão dos imigrantes em Estocolmo. Não faz outra coisa. Acho que merece uma pausa enquanto aqui estiver.

John lançou-lhe um olhar de gratidão e fez uma pausa para admirar a mulher. Era perfeita. Cabelo louro e sedoso penteado para trás, feições clássicas e olhos azul-claros.

– Desculpa, minha querida. Nem pensámos nisso. É que estamos muito

orgulhosos do que o John está a fazer e do cargo que alcançou. Mas está bem, vamos falar de outra coisa. Então, como vai o teu pequeno negócio?

Entusiasmada, Liv começou a falar das inúmeras dificuldades com que se estava a deparar na alfândega, que parecia determinada a complicar-lhe as transações. Estava constantemente a ter contratempos com as entregas dos objetos de decoração que importava de França e depois vendia na sua loja *online*. Mas John sabia que o interesse de Liv pela loja tinha vindo a diminuir. Dedicava cada vez mais tempo à política partidária. Tudo o resto parecia pouco importante quando comparado.

As gaivotas pairavam muito baixo sobre o cais e John pôs-se de pé.

– Devíamos levantar a mesa. Esta passarada está a aproximar-se demasiado para o meu gosto. – John pegou no prato, afastou-se até ao final do cais e lançou as cascas de camarão ao mar. As gaivotas aproximaram-se para apanhar o maior número possível. Os caranguejos encarregar-se-iam do resto.

John ficou ali por um momento e respirou fundo enquanto olhava fixamente para o horizonte. Como era habitual, deteve o olhar em Valö e, como de costume, a raiva começou a crescer dentro dele. Por sorte, os seus pensamentos foram interrompidos por um zumbido no bolso das calças. Sacou rapidamente o telemóvel, lançando um olhar ao ecrã antes de responder. Era uma chamada do primeiro-ministro.

– Diz-me o que pensas dos tais postais? – perguntou Patrik enquanto segurava a porta aberta para Martin. Era tão pesada que teve de dar-lhe um empurrão com o ombro. A esquadra de Tanum fora construída na década de 60 e, a primeira vez que Patrik pôs os pés naquela espécie de *bunker*, sentira-se esmagado pela aparência lúgubre do edifício. Com o passar do tempo, já se habituara tanto ao bege e ao amarelo-sujo da decoração que tinha deixado de notar a completa falta de conforto e de encanto do local.

– Parece-me tudo muito estranho. Quem é que iria mandar postais anónimos de parabéns todos os anos?

– Não são completamente anónimos. Estão assinados por esse tal «G».

– Bem, isso torna-os ainda mais estranhos – respondeu Martin, e Patrik riu-se.

– Qual é a graça? – perguntou Annika, olhando para os dois agentes através dos vidros da receção.

– Nada de especial – respondeu Martin.

Annika deslizou sobre a cadeira até à entrada do seu pequeno gabinete.

– Como correram as coisas na ilha?

– Temos de esperar para ver o que o Torbjörn consegue descobrir, mas parece que alguém tentou incendiar a casa.

– Vou fazer um café e depois conversamos – Annika avançou pelo corredor, enxotando Patrik e Martin à sua frente.

– Já contaste ao Mellberg? – perguntou Martin quando entraram na cozinha.

– Não. Achei que não era preciso dizer nada ao Bertil. Afinal de contas, está de folga este fim de semana. Não vale a pena estarmos a incomodar já o chefe.

– Tens razão – disse Martin, sentando-se numa cadeira à janela.

– Com que então todos aqui a conversar e a beber café e nem se lembraram de me convidar – Gösta estava parado na soleira da porta com ar mal-humorado.

– Estás cá? Mas hoje é o teu dia de folga. Porque é que não foste jogar golfe? – Patrik puxou a cadeira ao lado dele para que Gösta pudesse sentar-se.

– Está demasiado calor. Pensei que mais valia vir para cá adiantar alguns relatórios. Assim posso passar umas horas no campo de golfe noutro dia, quando não estiver tanto calor. Hoje podia-se estrelar um ovo no passeio. Onde estiveram? Annika falou em fogo posto.

– Exato. Parece que alguém despejou gasolina ou outro catalisador por baixo da porta e depois pegou-lhe fogo.

– Meu Deus! – Gösta pegou numa bolacha *Ballerina* e separou cuidadosamente as duas metades. – Onde foi que isso aconteceu?

– Em Valö. Na antiga colónia balnear – respondeu Martin.

Gösta sobressaltou-se.

– Na colónia balnear?

– Sim. É um bocado estranho. Não sei se já soubeste, mas a filha mais nova, a que ficou quando a família inteira desapareceu, regressou e tomou conta da casa.

– Sim, tenho ouvido muitos rumores sobre isso – afirmou Gösta sem levantar os olhos da mesa.

Patrik lançou-lhe um olhar perplexo.

– Tu estavas cá nessa altura, por isso deves ter trabalhado no caso, não?

– Sim, é verdade. É para verem como sou velho – disse Gösta. – Porque será que ela quis voltar para lá?

– Disse qualquer coisa sobre ter perdido um filho – afirmou Martin.

– A Ebba perdeu um filho? Quando? O que aconteceu?

– Não acrescentaram muito mais sobre o assunto. – Martin levantou-se para ir buscar leite ao frigorífico.

Patrik franziu a testa; Gösta não costumava mostrar-se tão preocupado. Mas já tinha visto aquilo acontecer. Cada polícia veterano tinha um caso não solucionado que não lhe saía da mente. Uma velha investigação sobre a qual estava constantemente a remoer, tentando resolver o mistério antes que fosse demasiado tarde.

– Quer dizer que esse é um caso especial para ti, não é?

– Sem dúvida. Dava qualquer coisa para saber o que aconteceu naquele sábado de Páscoa.

– Tenho a certeza de que não és o único – interrompeu Annika.
– E agora a Ebba regressou. – Gösta coçou o queixo. – E alguém tentou pegar fogo à casa.

– Não apenas à casa – disse Patrik. – Quem ateou o fogo sabia certamente, e até talvez tenha mesmo contado com isso, que a Ebba e o marido estavam a dormir lá dentro. Foi pura sorte o Tobias ter acordado e conseguido apagar o fogo.

– Uma coincidência bizarra, disso não há dúvida – comentou Martin, que deu um salto na cadeira porque Gösta bateu com o punho na mesa.

– Não é coincidência!

Os colegas olharam para Gösta, surpreendidos, e na cozinha fez-se um silêncio atordado.

– Talvez devêssemos dar uma olhadela ao antigo caso – acabou por dizer Patrik. – Só para termos a certeza.

– Posso mostrar-te o que temos – disse Gösta. O rosto magro de perdigueiro tinha recuperado a sua expressão ansiosa. – De vez em quando vou consultar o processo, por isso sei perfeitamente onde está todo o material.

– Ótimo, então vai buscá-lo Depois ajudamos-te a rever os depoimentos. Talvez encontremos algo novo se abordarmos o caso com outros olhos. Annika, podes ir buscar tudo o que houver no arquivo sobre Ebba?

– É para já – disse a secretária, começando a levantar a mesa.

– Se calhar devíamos também verificar as finanças do casal Stark. E ver se a casa em Valö está no seguro – disse Martin, lançando uma olhadela cautelosa a Gösta.

– Estás a querer dizer que foram eles próprios a atear o fogo? Isso é a coisa mais estúpida que alguma vez ouvi. Eles estavam dentro de casa quando aquilo começou a arder e foi o marido da Ebba que apagou o fogo.

– Mesmo assim, vale a pena investigar. Quem sabe se não ateou o fogo e depois se arrependeu. Vou fazer algumas perguntas.

Gösta abriu a boca para falar, mas mudou de ideias e saiu pesadamente da cozinha.

Patrik levantou-se.

– Acho que a Erica também tem algumas informações.

– A Erica? Porquê? – Martin também ia a sair mas estacou.

– Há muito tempo que se interessa pelo caso. É uma história que toda a gente conhece em Fjällbacka e, tendo em conta o que ela escreve, é compreensível que esteja interessada.

– Então é melhor descobrires o que a Erica sabe. Quanto mais informações, melhor.

Patrik assentiu, embora estivesse um pouco hesitante. Sabia o que aconteceria se permitisse que Erica se envolvesse na investigação.

– Claro, vou ter uma conversa com ela – disse, na esperança de não ser uma decisão da qual se viesse a arrepender.

A mão de Percy tremeu ligeiramente quando serviu dois copos do seu melhor conhaque. Entregou um deles à mulher.

– Não consigo mesmo perceber qual é a ideia deles. – Pyttan sorveu rapidamente a bebida em poucas goladas.

– O avô até dava voltas no caixão se soubesse disto.

– Tens de arranjar alguma maneira de resolver isto, Percy. – Pyttan estendeu o copo e Percy não hesitou, voltando a enchê-lo. A tarde ainda estava a começar, mas em algum lugar do mundo já passava das cinco. E sem dúvida que um dia como aquele exigia bebidas fortes.

– Eu? Que raio hei de fazer? – a voz de Percy atingiu um tom de falsete. Estava a tremer tanto que entornou metade do conhaque para fora do copo de Pyttan.

A mulher retirou a mão.

– Toma atenção ao que estás a fazer, idiota!

– Desculpa. Peço imensa desculpa. – Percy afundou-se numa das grandes poltronas muito usadas da biblioteca. Ouviram o barulho de algo a rasgar-se e Percy apercebeu-se de que fora o estofó. – Maldição!

Percy levantou-se e começou a pontapear violentamente a poltrona. Tudo em redor deles estava a cair aos bocados. O palacete estava à beira de desmoronar-se, a sua herança fora gasta há muito tempo e agora aqueles sacanas da Autoridade Tributária queriam que pagasse uma quantia enorme, que não possuía, em impostos.

– Acalma-te – Pyttan limpou as mãos a um guardanapo. – Deve haver alguma maneira de resolver isto. Mas não percebo como é que todo aquele dinheiro desapareceu.

Percy virou-se para a encarar. Sabia quão assustador era aquele pensamento, mas tudo o que conseguia sentir por ela era desprezo.

– *Como é que todo aquele dinheiro desapareceu?* – gritou. – Será que fazes alguma ideia de quanto gastas por mês? Fazes ideia de quanto custam essas coisas todas? As viagens, os jantares, as roupas, as malas, os sapatos, as joias e sabe Deus que mais compras tu!

Não era costume Percy gritar daquela maneira e Pyttan encolheu-se, alarmada. Depois ficou a estudá-lo por um tempo. Percy conhecia-a suficientemente bem para saber que ela estava a ponderar as suas opções: a decidir se havia de dar-lhe luta ou tentar acalmá-lo. Quando a sua expressão de repente se suavizou, Percy concluiu que Pyttan se decidira pela segunda opção.

– Meu querido, não vamos começar a discutir por causa de uma coisa tão trivial como o dinheiro. – Pyttan compôs-lhe a gravata e, em seguida, prendeu-lhe a camisa

nas calças. – Assim está melhor. Agora já pareces outra vez o meu elegante marido, o proprietário deste palacete.

Pyttan aproximou-se mais dele e Percy sentiu que começava a ceder. A mulher estava com o vestido *Gucci* e, como era costume, Percy tinha dificuldade em resistir-lhe.

– Vamos fazer o seguinte: tu telefonas ao contabilista e verificas outra vez os registos. As coisas não podem estar assim tão mal. Tenho a certeza de que vais ficar mais descansado depois de debater a situação com ele.

– Tenho de falar com o Sebastian – murmurou Percy.

– O Sebastian? – perguntou Pyttan, estremecendo como se tivesse engolido alguma coisa repugnante. Olhou para Percy. – Sabes que não gosto que te encontres com esse homem. Porque vou ter de entreter aquela mulher insípida dele. Aqueles dois pura e simplesmente não têm classe. Estou-me nas tintas que o Sebastian tenha muito dinheiro, é um patife da pior espécie. Ouvi dizer que a Inspeção das Atividades Económicas anda de olho nele há algum tempo. Só lhes falta fazer prova, mas é só uma questão de tempo. Não devíamos ter nada que ver com ele.

– O dinheiro dele é tão bom como o de qualquer outra pessoa – disse Percy.

Sabia o que o contabilista ia dizer. Já não havia dinheiro. Tinha-se ido todo e, para sair daquela armadilha e salvar Fygelsta, precisava de capital. Sebastian era a sua única esperança.

Tinham sido levados para o hospital de Uddevalla, mas tudo parecia estar bem: não havia sinais de fumo residual nos pulmões de Ebba e de Tobias. Agora que passara o choque inicial, Ebba sentia que acordara de um sonho estranho.

Sentada à secretária e dando por si a semicerrar os olhos na penumbra, ligou o candeeiro. Agora que era verão, o crepúsculo avançava lentamente e Ebba forçava invariavelmente os olhos durante algum tempo antes de se aperceber de que precisava de mais luz.

O anjo em que estava a trabalhar estava a revelar-se intratável e Ebba debatia-se para prender o laço. Tobias não conseguia compreender porque é que a mulher fazia as joias à mão em vez de mandá-las fabricar na Tailândia ou na China, sobretudo agora que chegavam muitas encomendas da loja *online*. Mas, nesse caso o trabalho não teria o mesmo significado para ela. Queria fazer cada peça à mão, pôr o mesmo amor em cada colar que enviava. Imbuir os anjos da sua própria tristeza e das suas próprias memórias. Além disso, descobrira que aquele género de trabalho, ao final da tarde, era reconfortante depois de passar um dia inteiro a pintar, a martelar e a serrar. Quando se levantava pela manhã, todos os músculos lhe doíam, porém, enquanto trabalhava nas suas joias, o corpo descontraía-se.

– Fechei a casa a sete chaves – disse Tobias.

Ebba sobressaltou-se. Não o ouvira entrar.

– Merda – praguejou ao ver que o laço se desfez depois de quase ter conseguido pô-lo no sítio.

– Não achas que devias parar um bocado com isso esta noite? – sugeriu cautelosamente Tobias, pondo-se por detrás da mulher.

Ebba podia senti-lo hesitar sobre a possibilidade de lhe pôr as mãos nos ombros. No passado, antes do que acontecera a Vincent, Tobias costumava massajar-lhe as costas, e Ebba adorava o seu toque firme mas suave. Agora mal podia suportar que lhe tocasse e corria o risco de sacudir instintivamente os ombros para lhe afastar as mãos, ferindo-lhe assim os sentimentos e aumentando ainda mais a distância entre eles.

Ebba tentou novamente apertar o laço e por fim conseguiu.

– Será que trancar ou não a casa é importante? – perguntou sem se virar. – As portas trancadas não parecem ter detido quem quer que tivesse tentado incendiar a casa ontem à noite.

– Que mais podemos fazer? – disse Tobias. – E tu podias ao menos olhar para mim quando estamos a falar. Isto é importante. Alguém tentou incendiar a maldita casa e não fazemos ideia de quem foi ou do motivo. Isso não te assusta?

Lentamente, Ebba virou-se e encarou-o.

– Porque é que haveria de estar assustada? O pior já aconteceu. Estou-me nas tintas para portas trancadas ou destrancadas.

– Não podemos continuar assim.

– Porque não? Eu fiz o que tu querias. Mudei-me para cá, concordei com os teus planos grandiosos de recuperar esta velha casa em ruínas e depois vivermos felizes para sempre na nossa ilha paradisíaca enquanto os convidados vêm e vão. Concordei com tudo. Que queres mais? – Ebba podia ouvir quão fria e implacável soava.

– Nada, Ebba. Não quero nada. – A voz de Tobias era tão fria quanto a dela. Virou-se e saiu.

1 Referência à célebre frase proferida pelo primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain, a 30 de setembro de 1938, depois de ter regressado de Berlim, onde assinou um acordo de paz com Hitler. Cerca de um ano depois começava a Segunda Guerra Mundial. (*N. do T.*)

2 Província histórica sueca onde se situa Fjällbacka. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1915

FINALMENTE ESTAVA LIVRE. TINHA ENCONTRADO TRABALHO COMO EMPREGADA DOMÉSTICA NUMA QUINTA EM HAMBURGSUND E PODIA ESTAR LONGE DA MÃE ADOTIVA E DOS SEUS FILHOS ODIOSOS. PARA NÃO FALAR DO PAI ADOTIVO. AS VISITAS NOTURNAS TINHAM-SE TORNADO MAIS FREQUENTES À MEDIDA QUE IA CRESCENDO E O CORPO SE DESENVOLVIA. DEPOIS DA PRIMEIRA MENSTRUACÃO, DAGMAR VIVIA CONSTANTEMENTE ATERRORIZADA, COM MEDO DE QUE UM BEBÉ COMEÇASSE A CRESCER DENTRO DELA. A ÚLTIMA COISA QUE QUERIA ERA UMA CRIANÇA. NÃO TENCIONAVA SER UMA DAQUELAS RAPARIGAS ASSUSTADAS, COM OS ROSTOS INCHADOS DE TANTO CHORAR, QUE IAM BATER À PORTA DA MÃE COM UM BEBÉ ENFAIXADO A GRITAR-LHE NOS BRAÇOS. DESDE MUITO NOVA QUE AS DESPREZAVA, A SUA FRAQUEZA, O SEU AR RESIGNADO.

DAGMAR EMBALOU OS PARCOS PERTENCES. NÃO TROUXERA NADA DE CASA DOS PAIS LEGÍTIMOS E ALI NÃO ADQUIRIRA NADA DE VALOR PARA LEVAR. MAS NÃO IA SAIR DE MÃOS A ABANAR. ESGUEIROU-SE ATÉ AO QUARTO DOS PAIS ADOTIVOS. NUMA CAIXA DEBAIXO DA CAMA, ENCOSTADA À PAREDE, ESTAVAM AS JOIAS QUE A MÃE ADOTIVA TINHA HERDADO. DAGMAR DEITOU-SE NO CHÃO E PUXOU A CAIXA. A MÃE ADOTIVA ESTAVA EM FJÄLLBACKA, E OS FILHOS ESTAVAM A BRINCAR NO QUINTAL, POR ISSO NÃO HAVIA NINGUÉM POR PERTO PARA A PERTURBAR.

ABRIU A TAMPA E SORRIU DE SATISFAÇÃO. HAVIA OBJETOS DE VALOR SUFICIENTES PARA LHE DAR ALGUMA SEGURANÇA DURANTE UNS TEMPOS E ELA FICOU CONTENTE: A BRUXA IA SOFRER COM A PERDA DAQUELAS JOIAS HERDADAS.

– QUE ESTÁS A FAZER AQUI? – EXIGIU SABER O PAI ADOTIVO DA ENTRADA DO QUARTO, FAZENDO-A ESTREMECER.

DAGMAR PENSAVA QUE O HOMEM ESTAVA LÁ FORA, NO CELEIRO. O CORAÇÃO BATEU-LHE FRENETICAMENTE NO PEITO POR UM MOMENTO, MAS DEPOIS SENTIU UMA GRANDE CALMA APODERAR-SE DELA. NADA IRIA ESTRAGAR-LHE OS PLANOS.

– QUE LHE PARECE QUE ESTOU A FAZER? – PERGUNTOU DAGMAR, TIRANDO TODAS AS JOIAS DA CAIXA E ENCHENDO O BOLSO DA SAIA COM ELAS.

– PERDESTES O JUÍZO, RAPARIGA? ESTÁS A ROUBAR AS JOIAS? – O PAI ADOTIVO AVANÇOU UM PASSO, MAS DAGMAR ERGUEU A MÃO.

– É ISSO MESMO. E ACONSELHO-O A NÃO TENTAR IMPEDIR-ME. PORQUE SE O FIZER VOU DIREITINHA AO XERIFE DO CONDADO E CONTO-LHE O QUE VOCÊ ME TEM FEITO.

– NÃO TINHAS CORAGEM! – EXCLAMOU O HOMEM. CERROU OS PUNHOS, MAS ENTÃO A CARRANCA QUE SE FORMARA NO SEU ROSTO RELAXOU. – ALÉM DISSO, QUEM É QUE IA ACREDITAR NA FILHADA FAZEDORA DE ANJOS?

– EU CONSIGO SER MUITO CONVINCENTE. E OS RUMORES VÃO COMEÇAR A ESPALHAR-SE

MAIS DEPRESSADO QUE POSSA IMAGINAR.

O ROSTO DO HOMEM TOLDU-SE NOVAMENTE. O PAI ADOTIVO PARECEU HESITAR, MAS DAGMAR DECIDIU AJUDÁ-LO.

– TENHO UMA SUGESTÃO. QUANDO A MINHA QUERIDA MÃE ADOTIVA DESCOBRIR QUE AS JOIAS DESAPARECERAM, VAI FAZER TUDO O QUE PUDER PARA ACALMÁ-LA E CONVENCÊ-LA A ESQUECER TUDO. SE ME PROMETER ISSO, DOU-LHE UMA PEQUENA RECOMPENSA EXTRA ANTES DE ME IR EMBORA DAQUI.

DAGMAR APROXIMOU-SE DO PAI ADOTIVO. LENTAMENTE, ERGUEU A MÃO, POUSOU-A NOS ÓRGÃOS GENITAIS DO HOMEM E COMEÇOU A ACARICIÁ-LOS. OS OLHOS DO AGRICULTOR NÃO TARDARAM A FICAR VIDRADOS E DAGMAR PERCEBEU QUE O TINHA EM SEU PODER.

– TEMOS ACORDO? – PERGUNTOU DAGMAR, DESABOTOANDO-LHE LENTAMENTE AS CALÇAS.

– TEMOS ACORDO – RESPONDEU O PAI ADOTIVO, PONDO-LHE A MÃO SOBRE A CABEÇA E PRESSIONANDO-A PARA BAIXO.



A torre de mergulho de Badholmen erguia-se contra o céu, majestosa como sempre. Erica afastou a imagem de um homem a balançar suavemente numa corda presa à torre; a última coisa que queria era recordar-se daquele terrível acontecimento. Como que a tentar o seu melhor para distraí-la de tais pensamentos negros, a pequena ilhota de Badholmen refulgia como uma joia no mar ao largo de Fjällbacka. A pousada da juventude que existia na ilha era muito popular e estava quase sempre cheia durante o verão, e Erica conseguia perceber porquê. A localização e o charme à moda antiga do edifício eram uma combinação irresistível. Mas, nesse dia, Erica não estava em condições de apreciar a vista.

– Estão todos aqui? – sentindo os seus níveis de stress a aumentar, Erica olhou em redor, contando as crianças.

Três figuras indisciplinadas vestindo coletes salva-vidas cor de laranja brilhante saltitavam no cais.

– Patrik! Talvez me possas dar uma ajudinha – disse Erica, agarrando o grande colarinho do colete salva-vidas de Maja quando a filha passou por ela a correr, perigosamente perto da borda do cais.

– Então e quem é que vai pôr o motor a trabalhar? – Patrik abriu os braços, o rosto corado.

– Primeiro pões os miúdos no barco, antes que caiam à água, e depois podes pôr o motor a trabalhar.

Maja contorcia-se como um verme para tentar soltar-se, mas Erica estava a agarrar-lhe firmemente o colarinho e aguentou os puxões da filha. Com a outra mão agarrou Noel, que corria atrás de Anton sobre as suas pernas gordinhas. Pelo menos já só havia uma criança à solta.

– Anda, vem buscá-los. – Erica rebocou as crianças barulhentas até ao *snipa* de madeira amarrado no cais. Claramente irritado, Patrik subiu para o convés para pegar em Maja e em Noel. Então, Erica virou-se e correu atrás de Anton, que descolara na direção da pequena ponte de pedra entre Badholmen e o continente.

– Anton! Para! – gritou Erica, mas o filho continuou a correr sem lhe ligar nenhuma. Porém, apesar dos esforços de Anton, Erica acabou por conseguir apanhá-lo. Gritando histericamente, a criança debatia-se para se libertar enquanto a mãe o levava de volta ao barco.

– Meu Deus, porque é que eu achei que isto era boa ideia? – perguntou Erica

enquanto entregava Anton, que estava lavado em lágrimas, a Patrik. Com o suor a escorrer-lhe pelo rosto, Erica desatou a amarra e saltou para dentro do barco.

– Vai correr melhor quando estivermos em alto mar – Patrik ligou a ignição e, para variar, o motor pegou à primeira. Inclinou-se para desatar a amarra da popa e utilizou a outra mão para manter o barco a uma distância segura da embarcação que estava atracada logo a seguir. Manobrar o *snipa* para fora do porto não era tarefa fácil. Os barcos estavam muito juntos e, se não tivessem defensas de borracha, nem a embarcação de Patrik e de Erica nem as vizinhas teriam sido capazes de escapar sem danos.

– Desculpa ter-me exaltado – disse Erica quando se sentou depois de ter conseguido instalar os filhos no chão do barco.

– Já nem estava a pensar nisso – gritou Patrik, empurrando lentamente a cana do leme, o que fez com que o barco virasse e ficasse com a popa voltada para o porto e a proa virada para Fjällbacka.

Estava uma manhã de domingo de uma beleza radiante, com um céu azul-claro e a água lisa como um espelho. Gaivotas a gritar circulavam por cima deles e, quando Erica olhou em redor, apercebeu-se de que as pessoas estavam a tomar o pequeno-almoço em vários dos barcos do porto. Sem dúvida que muitos ainda estavam na cama, a curar a ressaca do que tinham bebido na noite anterior. Os jovens visitantes entregavam-se sempre a grandes bebedeiras nas noites de sábado. «Ainda bem que esses dias já passaram», pensou e depois olhou de novo com ternura para as crianças que já se tinham acalmado e estavam sentadas em silêncio no barco.

Erica aproximou-se de Patrik e pôs-se ao seu lado, inclinando a cabeça para o seu ombro. Patrik pôs o braço em torno dela e beijou-a na face.

– É verdade – disse Patrik de repente. – Quando chegarmos lá, lembra-me para te fazer algumas perguntas sobre Valö e a colónia balnear.

– O que queres saber? – perguntou Erica com interesse.

– Digo-te mais tarde, quando tivermos um pouco de paz e sossego – respondeu Patrik, dando-lhe outro beijo.

Erica sabia que o marido estava a fazer aquilo para a provocar. Estava em pulgas para saber mais, mas controlou-se. Em silêncio, ergueu a mão para proteger os olhos enquanto contemplava Valö. À medida que passavam lentamente pela ilha, vislumbrou a grande casa branca. Será que alguma vez iam descobrir o que ali acontecera há tantos anos? Detestava livros e filmes que, no final, deixavam perguntas por responder e mal conseguia ler sobre homicídios não solucionados nos jornais. Quando começara a aprofundar o caso Valö, não descobrira nada de novo, apesar de pesquisar demoradamente em busca de uma explicação. A verdade estava tão escondida como a casa que estava agora oculta por detrás das árvores.

Martin ergueu a mão, mas deteve-a no ar por um momento antes de tocar à campainha. Não tardou a ouvir alguém aproximar-se no interior e teve de lutar contra o impulso de dar meia-volta e ir-se embora. A porta abriu-se, e Annika olhou fixamente para ele, surpreendida.

– Martin? Que estás aqui a fazer? Aconteceu alguma coisa?

Martin fez um sorriso forçado, mas Annika era a pessoa errada para tentar enganar e fora essencialmente por isso que tinha ido a casa dela. Desde que começara a trabalhar na esquadra que Annika era como uma mãe substituta e, naquele momento, era com ela que Martin queria falar.

– Bem, sabes, é que eu... – foi tudo o que conseguiu dizer.

– Entra – disse Annika. – Vamos para a cozinha tomar uma chávena de café. Já me contas o que está para aí a atormentar-te.

Martin entrou, descalçou-se e seguiu-a.

– Senta-te – disse Annika, que começou a colocar, com mão experiente, colheradas de café moído no filtro. – Onde estão a Pia e a Tuva?

– Estão em casa. Disse-lhes que ia dar um passeio, por isso não posso demorar-me. Estamos a pensar ir à praia.

– Ah! Parece-me bem. Leia também adora nadar. Já estivemos na praia de manhã cedo e quase não conseguimos tirá-la do mar quando decidimos voltar para casa. Adora a água, aquela menina. Lennart saiu um bocado com ela para eu poder fazer umas limpezas que já devia ter feito há mais tempo.

O rosto de Annika iluminou-se quando falou na filha. Já passara quase um ano desde que ela e o marido, Lennart, após muitos anos de tristeza e de mágoa, tinham conseguido trazer para a Suécia a filha adotiva chinesa. Agora, tudo nas suas vidas girava em torno de Leia.

Martin não podia imaginar melhor mãe do que Annika. Tinha um ar carinhoso e atencioso, e fazia-o sempre sentir-se seguro. Naquele preciso momento, o que mais teria gostado de fazer era aconchegar-se no ombro de Annika e soltar as lágrimas que ameaçavam libertar-se, mas conteve-se. Se começasse a chorar, podia nunca mais conseguir parar.

– Acho que vou aquecer uns bolos. – Annika pegou num saco do congelador e pôs dois bolos no micro-ondas. – Fi-los ontem e estava a pensar levar alguns para a esquadra.

– Espero que compreendas que não faz parte do teu trabalho alimentar-nos com guloseimas – disse Martin.

– Nisso acho que o Mellberg não ia concordar contigo. Se estudasse o meu contrato de trabalho com mais cuidado, tenho a certeza de que ia lá encontrar escrito em letras pequeninas: fornecer a esquadra de Tanum com produtos de padaria caseiros.

– Meu Deus, sem ti e a padaria, o Bertil não duraria um dia.

– Eu sei. Sobretudo desde que a Rita o pôs de dieta. Pelo que a Paula diz, nos últimos tempos, o Bertil só tem comido pão integral e legumes.

– Gostava de ver isso! – Martin deu uma gargalhada. Era bom rir e um pouco da tensão que sentia começou a diminuir.

O micro-ondas apitou. Annika pôs os bolos quentes num prato e, em seguida, colocou também duas chávenas de café sobre a mesa.

– Ora bem, serve-te e depois conta-me o que te anda a incomodar. No outro dia dei-me conta de que havia qualquer coisa que não estava bem, mas pensei que era melhor deixar-te falar sobre isso quando achasses conveniente.

– Pode não ser nada e não quero incomodar-te com os meus problemas, mas... – Martin apercebeu-se com frustração que os soluços já começavam a formar-se na garganta.

– Não sejas tonto. É para isso que estou aqui. Agora conta-me.

Martin respirou fundo.

– A Pia está doente – disse por fim, ouvindo como as palavras ecoavam nas paredes da cozinha.

Viu o rosto de Annika empalidecer. Provavelmente não estava à espera daquilo. Martin rodou a chávena de café entre as mãos e começou tudo de novo. De repente, as palavras jorraram.

– Há algum tempo que anda a sentir-se cansada. Por acaso foi desde que a Tuva nasceu, mas não dei importância ao assunto. Pareceu-me uma reação normal para quem teve um bebé. Mas a Tuva já tem quase dois anos e a Pia não tem melhorado. Na verdade está a ficar cada vez pior. Depois, ela reparou que tinha vários caroços no pescoço.

A mão de Annika voou para a boca, como se entendesse o sentido que aquela conversa estava a tomar.

– Há umas semanas fui com ela a um médico e percebi logo do que é que ele suspeitava. Encaminhou-a imediatamente para um especialista em Uddevalla e fomos lá para lhe fazerem exames. Tem uma consulta marcada com um oncologista amanhã à tarde para saber os resultados, mas já sabemos o que vai dizer. – As lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Martin, que as limpou com irritação.

Annika entregou-lhe um guardanapo de papel.

– Chora à vontade. Chorar costuma ajudar.

– É tão injusto. A Pia só tem trinta e três anos e a Tuva ainda é uma bebé. Pesquisei as estatísticas e, se for o que pensamos, as hipóteses não são muito boas. Ela está a ser incrivelmente corajosa, mas eu sou um cobarde do caraças e não suporto falar com ela sobre isto. Mal consigo suportar vê-la com a Tuva ou olhá-la nos olhos. Sinto-me imensamente inútil! – Martin já não conseguia conter as

lágrimas. Inclinou-se sobre a mesa, enterrou a cabeça nos braços e soluçou tanto que todo o corpo lhe tremia.

Annika pôs o braço em volta dos ombros do amigo e encostou a face à cara de Martin. Não disse uma palavra, limitando-se a afagar-lhe as costas. Pouco depois, Martin endireitou-se na cadeira, virou-se para Annika e aninhou-se nos seus braços. Annika embalou-o suavemente, como embalaria Leia se a filha se tivesse magoado.

Tinham tido a sorte de encontrar uma mesa no Café Bryggan. Toda a área ao ar livre estava cheia e Leon observou várias sanduíches de camarão a serem servidas. A localização do restaurante, perto da Praça Ingrid Bergman, era perfeita, com mesas ao longo de todo o cais e mesmo até à beira-mar.

– Acho que devíamos comprar a casa – disse Ia.

Leon virou-se para olhar embasbacado para a mulher.

– Dez milhões de coroas suecas³ não são propriamente uns trocos.

– E eu disse que eram? – Ia inclinou-se para a frente para endireitar a manta que ele tinha no colo.

– Para quieta com essa maldita manta. Estou a transpirar que nem um maluco.

– Não podes constipar-te. Sabes muito bem disso.

A empregada de mesa apareceu e Ia pediu um copo de vinho para si e água para Leon, que olhou para a jovem.

– Eu quero uma cerveja grande – disse.

Ia lançou-lhe um olhar de reprovação, mas Leon limitou-se a acenar com a cabeça à empregada de mesa. A rapariga reagiu da mesma maneira que toda a gente que olhava para ele reagia, com um esforço exagerado para não olhar para as cicatrizes resultantes das queimaduras. Quando a empregada de mesa se afastou, Leon contemplou o mar.

– O cheiro é o mesmo que recordo – disse Leon. As mãos, cobertas de grossas cicatrizes, descansavam no colo.

– Continuo a não gostar deste sítio. Mas vou aprender a gostar, se comprarmos a casa – disse Ia. – Não tenciono de todo viver num casebre qualquer e não quero passar aqui o verão inteiro. Umas duas semanas por ano devem ser suficientes.

– Não achas que não é muito razoável comprar uma casa por dez milhões para a usar apenas duas semanas por ano?

– Essas são as minhas condições – disse Ia. – Senão podes ficar aqui sozinho. E isso não vai resultar, ou vai?

– Não, sei bem que não consigo aguentar-me sozinho. E nas raras ocasiões em que me esqueço, posso sempre contar contigo para mo lembrar.

– Já pensaste em todos os sacrifícios que fiz por tua causa? Tenho de aturar os teus caprichos loucos e nunca te preocupas com os meus sentimentos. E agora

queres vir para cá. Não estarás demasiado queimado para brincar com o fogo?

A empregada de mesa trouxe o vinho e a cerveja, pousando os copos na toalha de xadrez azul e branco. Leon deu vários goles e depois passou o polegar sobre o vidro frio.

– *Okay*, faz como quiseres. Liga para o tal agente imobiliário e diz-lhe que vamos comprar a casa. Mas quero mudar-me o mais depressa possível. Detesto ficar em hotéis.

– Ótimo – disse Ia sem entusiasmo. – Se conseguirmos essa casa, tenho a certeza de que aguento passar aqui duas semanas por ano.

– És muito corajosa, minha querida.

Ia lançou-lhe um olhar sombrio.

– Esperemos que não te arrependas desta decisão.

– Muita água passou debaixo da ponte – disse calmamente Leon.

Nesse momento ouviu alguém por detrás dele a exclamar com surpresa:

– Leon?

Encolheu-se. Não precisou de virar a cabeça para reconhecer aquela voz. Josef. Depois de todos aqueles anos, ali estava ele.

Paula contemplava o fiorde refulgente, desfrutando o calor. Pôs a mão na barriga e sorriu quando sentiu o pontapé.

– Bem, parece que está na hora de comermos um geladinho – disse Mellberg, levantando-se. Lançou uma olhadela a Paula e abanou o indicador na sua direção. – Não sabes que não é boa ideia expor a barriga à luz solar?

Paula olhou para Mellberg com espanto enquanto o superintendente se dirigia ao quiosque.

– Ele está a gozar comigo? – perguntou Paula, virando-se para a mãe.

Rita riu-se.

– O Bertil diz estas coisas com boa intenção.

Paula murmurou para si mesma, mas tirou um xaile de uma sacola e cobriu a barriga. Leo passou a correr, completamente nu. Johanna alcançou-o rapidamente.

– O Bertil tem razão – disse Rita. – Os raios ultravioleta podem causar alterações no pigmento da pele, por isso também devias pôr protetor solar na cara.

– Alterações no pigmento? – disse Paula. – Mas a minha pele já é tão morena.

Rita entregou-lhe um boião de protetor solar fator 30.

– Ganhei muitas manchas escuras na cara quando estava grávida de ti, por isso não discutas.

Paula obedeceu e Johanna esfregou um pouco de creme na sua própria pele clara.

– Bem, tu tens sorte – disse. – Pelo menos não apanhas escaldões.

– Só gostava que o Bertil levasse as coisas com mais calma – disse Paula,

esmagando uma grande bolha de protetor solar na palma da mão. – Esta manhã apanhei-o a ler as minhas revistas para grávidas. E anteontem levou para casa um frasco de xarope com ómega 3 que comprou na ervanária. Leu numa revista que era bom para o desenvolvimento do cérebro do bebé.

– O Bertil está muito feliz com a tua gravidez. Deixa-o estar – disse Rita. Pela segunda vez, começou a espalhar protetor solar dos pés à cabeça de Leo. O rapazinho herdara a pele rosada e sardenta de Johanna e apanhava escaldões com facilidade. Paula perguntou-se distraidamente se o bebé teria a pele como a sua ou como a do doador desconhecido. Era-lhe indiferente. Leo era o filho de ambas – dela e de Johanna – e Paula quase nunca pensava que estivera outra pessoa envolvida. E o mesmo aconteceria com aquele bebé.

Os pensamentos de Paula foram interrompidos pelo brado de satisfação de Mellberg.

– Cá estão os gelados!

Rita fitou-o com olhar severo.

– Espero que não tenhas comprado um para ti.

– Só um pequeno *Magnum*. Tenho-me portado tão bem durante toda a semana... – Mellberg sorriu e piscou o olho a Rita, numa tentativa de levá-la a ceder.

– Nem pensar – disse Rita, tirando-lhe calmamente o gelado da mão e deitando-o no lixo.

Mellberg murmurou algo.

– O que é que disseste?

O superintendente engoliu em seco.

– Nada. Nem uma palavra.

– Sabes o que disse o médico. Estás em risco de sofrer de problemas cardíacos e diabetes.

– Um *Magnum* não ia fazer-me mal. Um homem tem de viver um pouco de vez em quando – disse Mellberg, distribuindo os outros gelados.

– Já só falta uma semana de férias – disse Paula, fechando os olhos por causa do sol enquanto comia o seu *Cornetto*.

– Acho que não devias voltar ao trabalho – disse Johanna. – Já falta pouco tempo para o bebé nascer. Tenho a certeza de que podias meter baixa se falasses com a obstetra. Precisas de descansar.

– Alto aí – disse Mellberg. – Ouvi o que disseste. Não te esqueças de que o chefe de Paula sou eu. – O superintendente coçou pensativamente os finos cabelos grisalhos. – Mas concordo. Também acho que não devias ir trabalhar.

– Já falámos sobre isso. Se ficar sentada em casa à espera, fico maluca. Além disso, tem estado tudo bastante calmo.

– Tem estado tudo bastante calmo? – Johanna olhou fixamente para a

companheira. – Esta é a altura mais agitada do ano, com todas as bebedeiras que para aí há e tudo o mais.

– O que eu quis dizer é que não temos nenhuma grande investigação em andamento. Só habituais assaltos a casas de férias, etc. Consigo lidar com isso com uma perna às costas. E não preciso de andar a conduzir. Posso ficar na esquadra a tratar da papelada. Por isso, parem de preocupar-se. Estou grávida, não estou doente.

– Vamos ver como as coisas correm – disse Mellberg. – Mas numa coisa tens razão. Anda tudo realmente calmissimo.

Era o seu aniversário de casamento e Gösta tinha levado um ramo de flores para pôr na campa de Maj-Britt, como fazia todos os anos. Tirando as flores, não tinha muito jeito para cuidar da campa, mas isso não tinha nada que ver com os seus sentimentos por Maj-Britt. Tinham vivido felizes muitos anos e não havia um dia em que não sentisse a falta dela. Claro que se habituara à vida de viúvo e os seus dias eram tão regradados que às vezes parecia um sonho distante ter em tempos partilhado a pequena casa com outra pessoa. Mas o facto de se ter habituado àquela vida não significava que gostasse dela.

Agachou-se e tocou nas letras gravadas na lápide, soletrando o nome do filho pequeno. Não havia fotografias dele. Tinham pensado que teriam todo o tempo do mundo para isso e não lhes ocorrera tirar fotografias logo após o nascimento. E, quando o bebé morreu, não ficou qualquer imagem dele. Nem uma única fotografia. Gösta sabia que, hoje em dia, as pessoas lidam com a morte de maneira diferente, mas naquele tempo era esquecer e andar com a vida para a frente.

Ter outro filho o mais depressa possível, foi o conselho que receberam quando deixaram o hospital em estado de choque. Mas isso não estava destinado a acontecer. A única criança que tiveram foi a rapariga. A miúda, como lhe chamavam. Talvez devessem ter-se esforçado mais para ficar com ela, mas a dor ainda era muito forte e pensaram que não seriam capazes de dar-lhe o que precisava, a não ser por um breve período de tempo.

Foi Maj-Britt quem por fim tomou a decisão. Gösta sugerira timidamente que deviam cuidar da menina, que deviam deixá-la ficar. Maj-Britt respondeu: «Ela precisa de irmãos.» E a menina partiu. Nunca voltaram a falar nela, mas Gösta não conseguira esquecê-la. Se lhe dessem uma coroa por cada vez que pensou nela desde então, seria agora um homem rico.

Gösta levantou-se. Arrancou algumas ervas daninhas da campa. O ramo de flores ficou lindo no vaso. Podia ouvir a voz de Maj-Britt muito claramente na sua mente: «Oh, Gösta, que disparate, a desperdiçares estas flores tão bonitas comigo.» A mulher não acreditava ser merecedora de tantas atenções e Gösta desejava não ter

sido tão poupado e tê-la mimado mais vezes. Ter-lhe dado flores quando ela podia apreciá-las. Agora, apenas podia esperar que ela estivesse algures lá em cima, a olhar para baixo, e que aquelas lindas flores a fizessem feliz.

³ Cerca de um milhão e cem mil euros. Uma coroa sueca equivale a 0,108 euros. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1919

OS SJÖLIN ESTAVAM A DAR OUTRA FESTA. DAGMAR AGRADECIA AS OCASIÕES QUE CELEBRAVAM COM UMA FESTA. PRECISAVA DO DINHEIRO EXTRA E ERA FANTÁSTICO TER A OPORTUNIDADE DE VER DE PERTO TODAS AQUELAS PESSOAS RICAS E BONITAS. VIVIAM VIDAS TÃO MARAVILHOSAS E DESPREOCUPADAS. COMIAM DO MELHOR QUE HAVIA E BEBIAM COPIOSAMENTE, DANÇAVAM, CANTAVAM E RIAM ATÉ AO AMANHECER. DAGMAR DESEJAVA QUE FOSSE ESTA A SUA VIDA, MAS POR ENQUANTO TERIA DE CONTENTAR-SE EM SERVIR AQUELAS PESSOAS MAIS AFORTUNADAS, DESFRUTANDO DA SUA PRESENÇA DURANTE ALGUM TEMPO.

AQUELA FESTA PARECIA SER ESPECIAL. DE MANHÃ BEM CEDO, DAGMAR E OS OUTROS CRIADOS FORAM TRANSPORTADOS PARA UMA ILHA AO LARGO DE FJÄLLBACKA E OS BARCOS NÃO PARARAM TODO O DIA, TRANSPORTANDO COMIDA, VINHO E CONVIDADOS.

– DAGMAR! TENS DE IR BUSCAR MAIS VINHO À ADEGA! – GRITOU A SR.A SJÖLIN, A MULHER DO MÉDICO. DAGMAR APRESSOU-SE A CUMPRIR A ORDEM.

ESTAVA ANSIOSA POR AGRADAR À SR.A SJÖLIN. A ÚLTIMA COISA QUE QUERIA ERA QUE ELA COMEÇASSE A ANDAR DE OLHO NELA. SE ISSO ACONTECESSE, A SR.A SJÖLIN NÃO TARDARIA A REPARAR NOS CONSTANTES OLHARES E BELISCÕES CARINHOSOS QUE O MARIDO LHE DAVA DURANTE AS FESTAS. ÀS VEZES IA AINDA MAIS LONGE, QUANDO A MULHER SE DESCULPAVA E SE RETIRAVA PARA O QUARTO. NESSAS ALTURAS, OS RESTANTES FOLIÕES ESTARIAM JÁ DEMASIADO BÊBADOS OU ENTREGUES À SUA PRÓPRIA ALEGRIA PARA SE PREOCUPAREM COM O QUE SE PASSAVA À SUA VOLTA. DEPOIS DESSAS OCASIÕES, QUANDO CHEGAVA A ALTURA DE PAGAR OS SALÁRIOS, O MÉDICO DAVA A DAGMAR UM POUCO MAIS DE DINHEIRO.

RETIROU RAPIDAMENTE QUATRO GARRAFAS DE VINHO DA ADEGA E CORREU ESCADAS ACIMA COM ELAS. SEGURAVA-AS JUNTO AO PEITO QUANDO CHOCOU COM ALGUÉM E AS GARRAFAS CAÍRAM NO CHÃO. DUAS PARTIRAM-SE E DAGMAR APERCEBEU-SE COM ANGÚSTIA DE QUE MUITO PROVAVELMENTE LHE SERIAM DEDUZIDAS NO SALÁRIO. AS LÁGRIMAS COMEÇARAM A ROLAR-LHE PELO ROSTO QUANDO OLHOU PARA O HOMEM QUE ESTAVA À SUA FRENTE.

– PEÇO PERDÃO! – DISSE O HOMEM, MAS AS PALAVRAS DINAMARQUESAS QUE PROFERIU SOARAM DE MODO ESTRANHO.

A ANGÚSTIA DE DAGMAR RAPIDAMENTE SE TRANSFORMOU EM RAIVA.

– JÁ VIU O QUE FEZ! NÃO SABE QUE NÃO PODE ESTAR À FRENTE DE UMA PORTA DESTAS?

– PERDOE-ME – REPETIU O HOMEM. – *ICH VERSTEHE NICHT* – DISSE EM ALEMÃO.

DE REPENTE, DAGMAR SOUBE QUEM ELE ERA. TINHA CHOCADO COM O CONVIDADO DE HONRA DAQUELA NOITE, O HERÓI ALEMÃO, O PILOTO QUE COMBATERA CORAJOSAMENTE DURANTE A GUERRA. DEPOIS DE DOLOROSA DERROTA DA ALEMANHA, GANHAVA A VIDA EM ESPETÁCULOS AÉREOS. AS PESSOAS TINHAM PASSADO O DIA A COCHICHAR SOBRE ELE.

PARECIA QUE TINHA IDO VIVER PARA COPENHAGA, MAS HAVIA RUMORES DE QUE UM ESCÂNDALO O FORÇARA A VIR PARA A SUÉCIA.

DAGMAR OLHOU PARA ELE. ERA O HOMEM MAIS BONITO QUE ALGUMA VEZ VIRA. NÃO PARECIA ESTAR TÃO BÊBADO COMO MUITOS DOS OUTROS CONVIDADOS E O SEU OLHAR ERA FIRME QUANDO A OLHOU NOS OLHOS. FICARAM PARA ALI DURANTE UM LONGO MOMENTO, A OLHAR UM PARA O OUTRO. DAGMAR ERGUEU O QUEIXO. SABIA QUE ERA LINDA. TINHA-LHO SIDO CONFIRMADO MUITAS VEZES POR HOMENS QUE LHE PERCORRIAM O CORPO COM AS MÃOS E LHE DIZIAM PALAVRAS OFEGANTES AO OUVIDO. MAS DAGMAR ESTIVERA TÃO SATISFEITA COM A SUA PRÓPRIA BELEZA.

SEM TIRAR OS OLHOS DELA, O PILOTO ABAIXOU-SE E COMEÇOU A APANHAR OS PEDAÇOS DE VIDRO DAS GARRAFAS PARTIDAS. CUIDADOSAMENTE, LEVOU-OS ATÉ UNS ARBUSTOS E ATIROU-OS AO CHÃO. ENTÃO, LEVOU O DEDO AOS LÁBIOS, DESCEU À ADEGA E TROUXE MAIS DUAS GARRAFAS. DAGMAR SORRIU AGRADECIDA QUANDO SE APROXIMOU PARA LHE TIRAR AS GARRAFAS DAS MÃOS. QUANDO OLHOU DE RELANCE PARA AS MÃOS DELE PERCEBEU QUE O PILOTO ESTAVA A SANGRAR DE UM CORTE NO INDICADOR ESQUERDO.

DAGMAR FEZ UM GESTO PARA MOSTRAR QUE QUERIA OBSERVAR-LHE A MÃO, POR ISSO, O PILOTO POUSOU AS GARRAFAS NO CHÃO.

NÃO ERA UM CORTE PROFUNDO, MAS ESTAVA A SANGRAR MUITO. COM OS OLHOS FIXOS NOS DELE, DAGMAR LEVOU O DEDO À BOCA E SORVEU DELICADAMENTE O SANGUE. OS OLHOS DO PILOTO ARREGALARAM-SE E DAGMAR SENTIU UM OLHAR FAMILIAR QUANDO FICARAM VIDRADOS. AFASTOU-SE E PEGOU NAS GARRAFAS. QUANDO SE VIROU E SE DIRIGIU AOS CONVIDADOS, SENTIU OS OLHOS DO PILOTO A SEGUI-LA.



Patrik tinha reunido os colegas para debater o caso. Era importante que Mellberg ficasse ao corrente dos acontecimentos. Aclarou a garganta.

– O Bertil não estava cá no fim de semana, por isso não sei se ouviu falar do que aconteceu.

– Não, conte-me – exigiu Mellberg, olhando para Patrik.

– No sábado houve um incêndio na colónia balnear, em Valö. Há indícios de fogo posto.

– Fogo posto?

– Ainda não tivemos a confirmação. Estamos à espera do relatório do Torbjörn – disse Patrik. Hesitou por um momento antes de prosseguir. – Mas há indícios suficientes para que continuemos a trabalhar no caso.

Patrik apontou para Gösta, que estava junto ao quadro branco de marcador na mão.

– De vez em quando, o Gösta consulta o processo sobre a família que desapareceu em Valö. Ele... – começou a dizer Patrik antes de ser interrompido.

– Conheço o caso de que está a falar. Toda a gente conhece essa história antiga. Mas o que é que esse caso tem que ver com isto? – perguntou Mellberg. Inclinou-se para acariciar o cão, *Ernst*, que estava deitado debaixo da sua cadeira.

– Não temos a certeza. – Patrik já estava a sentir-se cansado. Tinha sempre de comunicar tudo a Mellberg, que era oficialmente o comandante da esquadra, embora na prática estivesse mais do que disposto a deixar Patrik assumir toda a responsabilidade. Desde que pudesse receber todos os louros quando o caso fosse solucionado. – Partimos para a investigação sem quaisquer noções preconcebidas. Mas parece muito estranho que isto aconteça quando o único membro sobrevivente da família, a filha, regressa à ilha pela primeira vez em trinta e cinco anos.

– O mais certo é terem sido eles próprios a pegar fogo à casa para receberem o dinheiro do seguro – disse Mellberg.

– Estou a investigar as finanças deles – afirmou Martin, que estava sentado ao lado de Annika. Parecia estranhamente deprimido. – Amanhã de manhã já devo ter alguma novidade.

– Ótimo. Tenho a certeza de que isso vai resolver o mistério. O mais provável é terem percebido que recuperar aquela velha monstruosidade ia sair-lhes caro e então decidiram que faria mais sentido incendiá-la. Vi muito disso durante os meus dias

em Gotemburgo.

– Como eu disse, por enquanto não vamos ater-nos a nenhuma teoria específica – afirmou Patrik. – Agora parece-me que devíamos deixar o Gösta dizer-nos o que recorda.

Patrik sentou-se e acenou com a cabeça a Gösta para que o colega começasse. O que Erica lhe contara durante a viagem de barco pelo arquipélago era fascinante. Agora queria ouvir o que Gösta tinha para lhes contar sobre a antiga investigação.

– Tenho a certeza de que todos vocês estão familiarizados com o caso, mas se não se importam vou começar pelo princípio. – Gösta olhou em volta, e todos os colegas sentados à mesa assentiram.

– No dia 13 de abril de 1974, sábado de Páscoa, alguém telefonou para a esquadra de Tanum a pedir que a polícia se deslocasse ao colégio interno de Valö. A pessoa que fez a chamada desligou antes de explicar o que tinha acontecido. Quem atendeu o telefonema foi o chefe da polícia da altura e, de acordo com ele, era impossível dizer se o informador era homem ou mulher. – Gösta parou por um momento, como se a sua mente o estivesse a transportar até àquele momento no passado. – Mandaram-me a mim e ao meu colega, Henry Ljung, ir à ilha para saber o que estava a acontecer. Meia hora mais tarde chegámos ao local e deparámo-nos com algo estranho. A mesa da sala de jantar estava preparada para o almoço de Páscoa e havia sobras de comida nos pratos, embora não houvesse qualquer vestígio da família que lá morava. A única pessoa presente era uma menina de um ano, Ebba, que gatinhava pela sala. Era como se o resto da família se tivesse esfumado. Como se se tivessem levantado a meio da refeição e desaparecido.

– Puf! – disse Mellberg. Gösta lançou-lhe um olhar fulminante.

– Onde estavam os alunos? – perguntou Martin.

– Como eram as férias da Páscoa, a maior parte fora para casa da família. Só tinham ficado alguns em Valö e não se viam quando chegámos. Porém, passado pouco tempo, apareceram cinco rapazes num barco. Disseram que tinham ido pescar por umas horas. Durante as semanas seguintes, interrogámo-los insistentemente, mas nada sabiam sobre o que acontecera à família. Eu próprio conversei com eles e todos disseram a mesma coisa: não tinham sido convidados para o almoço de Páscoa da família, de modo que tinham ido à pesca. Quando deixaram a ilha, tudo estava perfeitamente normal.

– O barco da família ainda estava no cais? – perguntou Patrik.

– Sim. E vasculhámos a ilha de ponta a ponta, mas não havia nenhum vestígio deles. – Gösta abanou a cabeça.

– De quantas pessoas estamos a falar? – contra a sua vontade, a curiosidade de Mellberg tinha sido despertada e o superintendente estava inclinado para a frente para ouvir melhor.

– Havia dois adultos e quatro crianças na família. Uma das crianças era a pequena Ebba, claro. Portanto, desapareceram os adultos e três crianças. – Gösta virou-se para escrever no quadro. – O pai, Rune Elvander, era o diretor do colégio. Tinha sido militar e foi dele a ideia de fundar um colégio interno para rapazes cujos pais estabeleciam padrões de educação elevados, aliados a uma disciplina rigorosa. Ensino de primeira classe, regras para formar o caráter e atividades ao ar livre revigorantes para rapazes de boas famílias. Era assim que a escola era descrita no folheto, se bem me lembro.

– Jesus, isso parece saído dos anos vinte – disse Mellberg.

– Sempre houve pais a ansiar pelos bons velhos tempos e era exatamente isso que Rune Elvander oferecia – afirmou Gösta, retomando o seu relatório. – A mãe de Ebba chamava-se Inez. Tinha vinte e três anos à data do desaparecimento e era significativamente mais nova do que Rune, que estava na casa dos cinquenta. Rune também tinha três filhos de um casamento anterior: Claes, de dezanove anos; Annelie, de dezasseis; e Johan, com nove anos. A mãe deles, Carla, morreu um ano antes de Rune voltar a casar. De acordo com os cinco alunos, parecia haver uma série de problemas na família, mas foi tudo o que consegui sacar-lhes.

– Quantos alunos frequentavam o colégio interno durante os períodos letivos? – perguntou Martin.

– Variava um pouco, mas eram cerca de vinte. Além de Rune, havia dois outros professores, mas também tinham ido passar a Páscoa a casa.

– E suponho que tinham álibis para o momento em que a família desapareceu, certo? – perguntou Patrik, olhando para Gösta.

– Sim, tinham. Um deles fora passar a Páscoa a casa de uns familiares em Estocolmo. A princípio, ficámos um pouco desconfiados do outro professor, porque não parava de arranjar desculpas e não quis dizer-nos onde tinha estado. Mas descobriu-se que tinha ido de férias para um país soalheiro qualquer com o namorado, daí todo aquele secretismo. Não queria que ninguém descobrisse que era homossexual. Tinha tido o máximo cuidado em esconder o facto na escola.

– E os alunos que foram passar as férias a casa? Interrogaste-os a todos? – perguntou Patrik.

– Sem exceção. E as famílias confirmaram que os rapazes tinham passado a Páscoa em casa e nunca tinham estado sequer perto da ilha. A propósito, todos os pais pareciam satisfeitos com o efeito que o colégio estava a ter nos filhos. Estavam extremamente preocupados por não poderem voltar a frequentar o colégio interno. Fiquei com a impressão de que muitos dos pais consideravam que era um incómodo ter os rapazes em casa, mesmo durante as férias.

– Muito bem. E não encontraste nenhuma prova a indicar o que podia ter acontecido à família?

Gösta abanou a cabeça.

– Claro que não tínhamos o equipamento nem os conhecimentos que temos hoje em dia; por isso, a investigação forense foi feita com os meios de que dispúnhamos na altura. Mas todos deram o seu melhor e não havia nada. Ou melhor: não encontrámos nada. Mas fiquei sempre com a sensação de que nos estava a escapar alguma coisa, embora nunca tenha conseguido perceber o que era.

– O que aconteceu à miúda? – perguntou Annika, que ficava sempre preocupadíssima com qualquer criança em apuros.

– Não havia parentes vivos, de modo que a Ebba foi viver com uma família de acolhimento em Gotemburgo. Pelo que sei, acabaram por adotá-la – Gösta parou por um momento, olhando para baixo, para as mãos. – Tenho de dizer que fizemos um bom trabalho. Investigámos todas as pistas possíveis e tentámos estabelecer o motivo. Vasculhámos o passado de Rune, mas não encontrámos esqueletos no armário. Batemos a muitas portas em Fjällbacka, para saber se alguém tinha visto alguma coisa fora do comum. Abordámos o caso de todos os ângulos imagináveis, mas nunca fizemos nenhum progresso. Sem provas, era impossível descobrir se a família tinha sido assassinada, raptada ou se pura e simplesmente tinha partido voluntariamente.

– Fascinante – comentou Mellberg, aclarando a garganta. – Mas continuo sem perceber porque é que precisamos de relembrar este caso antigo. Não há nenhuma razão para complicar desnecessariamente as coisas. Ou essa tal Ebba e o marido pegaram fogo à própria casa ou então foram uns miúdos que se lembraram de lhes pregar uma partida.

– Não lhe parece que isto parece envolver um planeamento mais sofisticado, que se calhar não foi obra de um bando de adolescentes aborrecidos? – perguntou Patrik. – Se queriam incendiar uma casa, era muito mais simples fazê-lo na cidade do que ir de barco até Valö. E, como dissemos, o Martin está a investigar se podemos estar perante uma tentativa de defraudar a seguradora. Depois de ouvir o Gösta expor o caso antigo, mais forte é a minha intuição de que o fogo está relacionado com o que aconteceu quando a família desapareceu.

– Você e a sua intuição – disse Mellberg. – Não há nada de concreto que aponte para uma ligação. Sei que já acertou algumas vezes no passado, mas, neste caso, acho que está bastante equivocado. – Mellberg levantou-se, claramente satisfeito por ter partilhado o que considerava ser a verdade do dia.

Patrik encolheu os ombros, desvalorizando completamente as declarações do chefe. Há muito que deixara de levar a opinião de Mellberg em linha de conta. Na verdade, nunca se interessara pelos pontos de vista de Mellberg. Por isso, atribuiu as várias tarefas aos colegas e deu por terminada a reunião.

Quando ia a sair da sala, Martin chamou-o à parte.

– Posso tirar a tarde? Eu sei que é muito em cima da hora, mas...

– Claro, claro que podes, se é importante. O que se passa?

Martin hesitou.

– É um assunto pessoal. Prefiro não falar disso agora. Não levas a mal, pois não?

Havia algo no tom de voz do colega que impediu Patrik de fazer mais perguntas, mas ficou magoado por Martin não confiar nele. Considerava que tinham criado uma relação estreita durante os anos em que trabalharam juntos e que Martin deveria sentir-se à vontade para se abrir com ele acerca dos seus problemas.

– Não posso falar sobre isto – disse Martin, como se lesse o pensamento de Patrik. – Então não há problema se eu sair depois do almoço?

– Claro que não. Não há problema nenhum.

Martin lançou-lhe um leve sorriso e virou-se para sair.

– Mas se precisares de desabafar, eu estou cá para isso – disse Patrik.

– Eu sei. – Martin hesitou, mas depois afastou-se pelo corredor.

Quando descia as escadas, Anna já sabia o que ia ver na cozinha. Dan estaria sentado à mesa, enfiado no seu roupão velho, profundamente embrenhado no jornal da manhã e com uma chávena de café na mão.

Quando a viu entrar na cozinha, o rosto de Dan iluminou-se.

– Bom dia, meu amor. – Dan esticou-se para lhe dar um beijo.

– Bom dia – Anna virou a cabeça. – De manhã tenho um hálito horrível – disse em tom de desculpa, mas o mal já estava feito. Dan levantou-se sem dizer uma palavra dirigiu-se ao lava-louças para pôr a chávena lá dentro.

Porque é que tinha de ser tão difícil? Estava sempre a dizer e a fazer o que não devia. Queria que tudo voltasse ao normal, a ser como era. Queria restabelecer a relação natural que tinham antes do acidente.

Dan começou a lavar a louça do pequeno-almoço e Anna aproximou-se, abraçando-o por trás e encostando-lhe a face às costas. Mas a única coisa que sentiu no corpo tenso do companheiro foi frustração. Uma frustração que a contagiou, fazendo com que o seu desejo de proximidade desaparecesse, pelo menos por enquanto. Era impossível saber se, ou quando se proporcionaria outro momento assim.

Com um suspiro, Anna soltou Dan e sentou-se à mesa da cozinha.

– Preciso de voltar a trabalhar – disse, pegando numa fatia de pão e estendendo a mão para a faca da manteiga.

Dan virou-se e encostou-se à bancada de braços cruzados.

– Que género de trabalho?

Anna hesitou antes de responder:

– Gostava de montar o meu próprio negócio.

– É uma excelente ideia! Que género de negócio? Uma loja? Eu podia ver por aí se há alguma coisa disponível.

Dan lançou-lhe um sorriso rasgado, porém, de alguma forma, aquela reação ansiosa abafou o entusiasmo de Anna. Aquela ideia era dela e não queria partilhá-la, embora não conseguisse explicar porquê.

– Quero fazer isto sozinha – disse Anna, apercebendo-se do tom agudo da sua voz.

A alegria desapareceu instantaneamente do rosto de Dan.

– Claro, força – disse o companheiro, continuando a lavar ruidosamente a loiça.

«Merda, merda, merda.» Anna amaldiçoou-se em silêncio, cerrando os punhos.

– Estava a pensar abrir uma loja. Mas vou ter de a decorar sozinha, ir à procura de antiguidades e coisas assim – as palavras jorravam enquanto tentava recuperar a atenção de Dan. Mas o marido estava a fazer demasiado barulho a lavar os copos e os pratos, e não reagiu. As costas de Dan pareciam rígidas e implacáveis.

Anna pousou a fatia de pão no prato. Tinha perdido o apetite.

– Vou dar uma volta – disse, levantando-se e saindo da cozinha para ir ao andar de cima vestir-se. Dan não disse uma palavra.

– Que bom terem vindo petiscar connosco – disse Pyttan.

– É um prazer vir até cá e ver como vive a outra metade. – Sebastian riu-se e deu uma palmada tão forte nas costas de Percy que este tossiu.

– Bem, tu não estás propriamente na miséria.

Percy sorriu para si mesmo. Pyttan nunca fizera segredo do que pensava da mansão sumptuosa de Sebastian, com as duas piscinas e o campo de ténis. A casa podia ser mais pequena do que Fygelsta, mas era muito mais opulenta. «O dinheiro não consegue comprar o bom gosto», costumava dizer Pyttan sempre que iam lá a casa, torcendo o nariz às molduras douradas reluzentes e aos enormes lustres de cristal. Percy estava inclinado a concordar.

– Vem sentar-te – disse Percy, convidando Sebastian para o terraço onde a mesa já estava posta para o almoço. Naquela época do ano, Fygelsta era imbatível. O belo parque estendia-se até onde o olhar alcançava. Tinha sido meticulosamente cuidado durante várias gerações, mas não demoraria muito para que começasse a ser negligenciado, como acontecera com o palacete. Até Percy conseguir pôr as finanças em ordem, teriam de passar sem jardineiros.

Sebastian sentou-se e recostou-se na cadeira, os óculos de sol puxados para a testa.

– Um pouco de vinho? – Pyttan estendeu uma garrafa de *chardonnay* de primeira categoria. Por mais que desagradasse a Pyttan a ideia de pedir ajuda a Sebastian,

Percy sabia que a mulher faria o possível para apoiá-lo, agora que a decisão fora tomada. Além disso, não tinham alternativa.

Pyttan encheu o copo de Sebastian. Alheio ao facto de que era prerrogativa de Pyttan, como dona da casa, dar início à refeição, Sebastian lançou-se de imediato à entrada. Levou à boca uma grande garfada de salada de camarão com endro e começou a mastigar com a boca aberta. Percy viu a mulher desviar o olhar, repugnada.

– Quer dizer que tens um pequeno problema com os teus impostos, não é verdade?

– Sim, é uma trapalhada. Não sei o que dizer. – Percy abanou a cabeça. – Parece que já não há nada sagrado.

– Tens toda a razão. Não compensa trabalhar neste país – disse Sebastian.

– Pois. Tudo era diferente no tempo do meu pai. – Percy começou a comer, mas não sem antes lançar um olhar inquiridor a Pyttan. – Seria de esperar que as pessoas apreciassem a nossa dedicação a preservar este monumento cultural. É uma parte da História da Suécia e a nossa família tem suportado o peso da conservação, e fazêmo-lo com honra.

– É verdade. Mas os tempos mudaram – afirmou Sebastian, acenando com o garfo. – Os ventos da social-democracia já sopram há muito tempo e o facto de termos um governo conservador não parece ajudar. Não é permitido que alguém tenha mais do que o vizinho. Se isso acontecer, aqueles sacanas tiram-nos tudo o que temos. Eu também já passei por isso tudo. Este ano já paguei uma fortuna em impostos em atraso, mas felizmente apenas sobre o que tenho aqui na Suécia. Temos de ser espertos e depositar os nossos ativos no estrangeiro, onde o fisco não consegue deitar a mão a tudo o que conseguimos por nos termos matado a trabalhar.

Percy assentiu.

– Sim, claro, mas sempre investi grande parte do meu capital no palacete.

Percy não era estúpido. Sabia muito bem que Sebastian o tinha explorado ao longo dos anos. Empréstara-lhe muitas vezes o palacete para reuniões com os clientes, para caçadas ou para receber as inúmeras amantes. Perguntava-se se a mulher de Sebastian suspeitava de alguma coisa, mas isso não lhe dizia respeito. Pyttan mantinha-o com rédea curta e, pessoalmente, nunca se atreveria a tentar algo semelhante. Mas não ia começar a criticar o comportamento dos outros casais.

– Ainda assim, deves ter herdado uma quantia considerável do teu pai – disse Sebastian ao mesmo tempo que erguia o copo de vinho vazio na direção de Pyttan. Sem revelar um indício que fosse do que estava a pensar, ela pegou na garrafa e encheu-lhe o copo até à borda.

– Sim, mas sabes... – Percy mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. Tinha uma profunda aversão a falar de dinheiro. – Custa uma fortuna manter Fygelsta em

condições e o custo de vida continua a aumentar. É tudo tão caro hoje em dia...

Sebastian fez um sorriso rasgado.

– O custo de vida está definitivamente em ascensão.

Examinava descaradamente Pyttan, dos brincos de diamantes caros aos sapatos de salto alto *Louboutin*. Depois virou-se para Percy.

– Então, precisas de ajuda com o quê?

– Bem – Percy hesitou, mas depois de lançar um olhar à mulher encheu-se de coragem. Tinha de resolver a situação, caso contrário, teria de começar a investigar outras opções. – Trata-se de um empréstimo a curto prazo.

Seguiu-se um silêncio pesado, mas isso não pareceu incomodar Sebastian. Um pequeno sorriso bailou-lhe nos lábios.

– Tenho uma sugestão – acabou por dizer. – Mas acho que devíamos conversar sobre isso sozinhos, só nós os dois, como antigos colegas.

Pyttan estava prestes a protestar, mas Percy lançou-lhe um olhar severo, o que não era seu costume, pelo que Pyttan se manteve calada. Os olhos de Percy encontraram os de Sebastian e as palavras voaram silenciosamente entre eles.

– Se calhar é o melhor que temos a fazer – disse, baixando os olhos.

Sebastian fez um amplo sorriso e estendeu mais uma vez o copo para Pyttan.

Estava demasiado calor para trabalharem na fachada quando o Sol estava a pino, por isso, depois do almoço, trabalhavam dentro de casa.

– Começamos pelo chão? – perguntou Tobias na sala de jantar.

Ebba puxou um pedaço solto de papel de parede e uma grande tira despegou-se facilmente.

– Não seria melhor tratar primeiro das paredes?

– Não tenho a certeza se o chão vai aguentar-se. Há muitas pranchas a apodrecer. Acho que devíamos corrigir isso antes de fazer qualquer outra coisa. – Tobias calcou uma prancha, que cedeu sob o seu sapato.

– *Okay*, vamos tratar do chão – disse Ebba, pondo os óculos de proteção. – Como fazemos?

Ebba não tinha medo do trabalho árduo e estava disposta a dedicar-lhe tantas horas como Tobias. Mas o marido é que tinha experiência naquelas coisas e Ebba tinha de confiar na sua perícia.

– Uma marreta e um pé de cabra devem ser suficientes. Eu fico com a marreta e tu podes utilizar o pé de cabra, *okay*?

– Está bem. – Ebba pegou no pé de cabra que Tobias lhe entregou e começaram a trabalhar.

Podia sentir a adrenalina a fluir e foi com prazer que notou os bíceps a arder cada vez que enfiava o pé de cabra nos espaços entre as pranchas e as puxava. Enquanto

levava o corpo ao limite não pensava em Vincent. Quando ficava banhada em suor e o ácido láctico lhe preenchia os músculos ficava livre durante algum tempo. Já não era a mãe de Vincent. Era Ebba, que estava a restaurar a propriedade que herdara, que estava a desmantelá-la para depois a remodelar.

Nem pensava no fogo. Se fechasse os olhos, vinha-lhe à memória o pânico, o fumo a picar-lhe os pulmões, o calor que a fez compreender qual seria a sensação de se ser queimado vivo. E lembrou-se do que sentira: a maravilhosa sensação de por fim estar prestes a render-se.

Depois, com os olhos fixos em frente e empregando mais força do que era necessária para soltar os pregos enferrujados das vigas que havia por baixo, Ebba forçou-se a concentrar-se na tarefa que tinha em mãos. Porém, passado algum tempo, os pensamentos começaram a acumular-se. Quem queria fazer-lhes mal? E porquê? Enquanto trabalhava, as perguntas rodopiavam-lhe constantemente na cabeça, mas não conduziam a lado nenhum. Não conseguia pensar em ninguém. Além deles próprios, não parecia haver ninguém que quisesse prejudicá-los. Tinha pensado muitas vezes que seria melhor se estivesse morta e sabia que Tobias pensara o mesmo sobre ele próprio. Mas as pessoas que conheciam tinham mostrado apenas compaixão. Não havia má vontade, não havia ódio, simplesmente pena pelo que tinham passado. Ao mesmo tempo, não havia como escapar ao facto de alguém se ter aproximado furtivamente no escuro e tentar incendiar a casa com eles lá dentro. Incapaz de expulsar estes pensamentos, Ebba parou para limpar o suor da testa.

– Está demasiado calor aqui – disse Tobias, abatendo a marreta sobre o soalho, fazendo voar pequenos pedaços de madeira em todas as direcções. Tinha tirado a *T-shirt*, que atou ao cinto de carpinteiro.

– Tem cuidado para não te entrar nada para os olhos.

Ebba estudou o corpo de Tobias, banhado pela luz que jorrava pelas janelas sujas. Estava exatamente igual ao que era quando se tinham conhecido. Um corpo seco e vigoroso que, apesar de todo o duro trabalho manual, nunca parecia ganhar músculos. Ebba, por outro lado, nos últimos seis meses perdera as suas curvas femininas. Perdera completamente o apetite e devia ter emagrecido mais de dez quilos. Não sabia ao certo, já que nunca se preocupava em pesar-se.

Trabalharam em silêncio durante algum tempo. Uma mosca zumbia furiosamente contra uma vidraça. Tobias aproximou-se e abriu a janela de par em par. Lá fora não corria uma aragem, por isso não serviu de nada, mas a mosca conseguiu escapar e Ebba e Tobias livraram-se daquele zumbido constante.

Durante todo o tempo em que estiveram a trabalhar, Ebba esteve ciente do que em tempos acontecera. A história da casa estava nas suas paredes. Imaginou todas as crianças que iam passar o verão na colónia, para apanhar ar fresco e são, como dizia

um artigo de uma edição antiga do *Fjällbacka-Bladet* que Ebba encontrou. A casa também teve outros proprietários, incluindo o pai, mas era principalmente nas crianças que Ebba pensava. Que aventura devia ter sido deixarem os pais por uns dias e irem até ali para confraternizar com outras crianças que não conheciam. Dias soalheiros passados a nadar no mar, regras e regulamentos misturados com jogos e muita animação. Podia ouvir o riso, mas também os gritos daquelas crianças. O artigo também mencionava um caso de maus-tratos; por isso, talvez nem tudo tivesse sido assim tão idílico. Às vezes, Ebba perguntava a si própria se os gritos viriam apenas da colónia balnear ou se o que sentia sobre a casa não se teria misturado com outras memórias. Havia algo assustadoramente familiar naqueles gritos, mas Ebba era muito nova quando ali vivera. Aquelas memórias, se era disso que se tratava, deviam ser as que a própria casa encerrava, não as suas.

– Achas que vamos conseguir? – perguntou Tobias, inclinando-se sobre a marreta.

Perdida nos seus pensamentos, Ebba deu um salto ao ouvir a voz ao seu lado. Tobias agarrou a *T-shirt* que lhe pendia do cinto e serviu-se dela para limpar o rosto. Depois olhou para ela. Ebba não queria olhá-lo nos olhos. Em vez disso, lançou-lhe um olhar furtivo e continuou a trabalhar numa prancha que se recusava a sair. Aparentemente, Tobias referia-se à remodelação, mas Ebba percebeu que a pergunta era muito mais abrangente. E não tinha uma resposta para lhe dar.

Como Ebba não respondeu, Tobias suspirou e voltou a pegar na marreta. Martelou as pranchas, que gemiam a cada golpe. Um grande buraco começava a tomar forma no soalho de madeira à sua frente. Ergueu mais uma vez a marreta. Depois baixou-a.

– Mas que... Ebba, anda ver isto! – disse Tobias, fazendo-lhe sinal para que se aproximasse.

Ebba ainda estava a tentar soltar a prancha teimosa, mas a curiosidade levou a melhor sobre ela.

– O que é? – perguntou, já junto do marido.

Tobias apontou para o buraco no soalho.

– Que te parece aquilo?

Ebba agachou-se para ver melhor. Franziu a testa. Via-se uma grande mancha escura onde o soalho tinha sido removido. Alcatrão. Foi a primeira coisa em que pensou, mas então apercebeu-se do que podia ser.

– Parece sangue – disse. – Muito sangue.

FJÄLLBACKA, 1919

DAGMAR ERA SUFICIENTEMENTE INTELIGENTE PARA PERCEBER QUE NÃO ERA APENAS POR CAUSA DA SUA HABILIDADE A SERVIR À MESA E PELO SEU BELO ROSTO QUE A CONTRATAVAM PARA TRABALHAR EM FESTAS DADAS PELOS RICOS. AS PESSOAS SUSSURRAVAM E NÃO O FAZIAM COM MUITA DISCRICÃO. O CASAL ANFITRIÃO ENCARREGAVA-SE SEMPRE DE FAZER COM QUE TODOS OS CONVIDADOS SOUBESSEM IMEDIATAMENTE QUEM ELA ERA E, NAQUELA FESTA, DAGMAR VOLTOU A SENTIR OS OLHOS DOS QUE PROCURAVAM SENSações FORTES CRAVADOS NELA.

«A MÃE DELA... A FAZEDORA DE ANJOS... EXECUTADA...» AS PALAVRAS VOAVAM PELO AR COMO PEQUENAS VESPAS CUJO FERRÃO PICAVA, MAS DAGMAR APRENDERA A MANTER UM SORRISO NO ROSTO E A FINGIR QUE NÃO OUVIA.

AQUELA FESTA NÃO ERA EXCEÇÃO. QUANDO PASSAVA, OS CONVIDADOS JUNTAVAM AS CABEÇAS PARA MURMURAR E PRODUZIAM LEVES ACENOS REVELADORES. UMA DAS MULHERES LEVOU A MÃO À BOCA, ASSUSTADA, E OLHOU ABERTAMENTE PARA DAGMAR, QUE ESTAVA A ENCHER-LHE O COPO DE VINHO. O PILOTO ALEMÃO OBSERVAVA COM ESPANTO ÓBVIO A AGITAÇÃO QUE AQUELA RAPARIGA ESTAVA A PROVOCAR E, PELO CANTO DO OLHO, DAGMAR VIU-O INCLINAR-SE PARA A MULHER SENTADA AO LADO DELE. A MULHER SUSSURROU-LHE ALGO AO OUVIDO. O CORAÇÃO DE DAGMAR BATEU COM MAIS FORÇA. ESPEROU PARA VER A REAÇÃO DO PILOTO. A EXPRESSÃO DO ALEMÃO MUDOU; PORÉM, EM SEGUIDA, OS SEUS OLHOS BRILHARAM. ESTUDOU-A CALMAMENTE POR UM MOMENTO E DEPOIS ERGUEU O COPO NA SUA DIREÇÃO. DAGMAR SORRIU-LHE E SENTIU O CORAÇÃO BATER AINDA MAIS DEPRESSA.

O NÍVEL DE RUÍDO NA GRANDE MESA AO AR LIVRE SUBIA À MEDIDA QUE AS HORAS PASSAVAM. A ESCURIDÃO COMEÇOU A CAIR E, EMBORA A NOITE DE VERÃO AINDA ESTIVESSE QUENTE, ALGUNS DOS CONVIDADOS RETIRARAM-SE PARA OS SALÕES NO INTERIOR, ONDE CONTINUARAM A BEBER. OS SJÖLIN NÃO POUPAVAM NO ÁLCOOL E O PILOTO PARECIA JÁ TER BEBIDO BASTANTE. COM A MÃO A TREMER LIGEIRAMENTE, DAGMAR ENCHERA-LHE O COPO VÁRIAS VEZES. SURPREENDEU-SE COM A SUA PRÓPRIA REAÇÃO. JÁ TINHA CONHECIDO UMA DATA DE HOMENS E MUITOS DELES ERAM BASTANTE BONITOS. MUITOS SABIAM EXATAMENTE O QUE DIZER E COMO TOCAR NUMA MULHER, MAS NENHUM DELES LHE CAUSARA AQUELA SENSACIÓN DE TER BORBOLETAS NO ESTÔMAGO.

QUANDO VOLTOU A SERVI-LO, A MÃO DO PILOTO ROÇOU NA DELA. NINGUÉM PARECEU REPARAR E ELA DEU O SEU MELHOR PARA PARECER IMPERTURBÁVEL, EMBORA ENDIREITASSE UM POUCO MAIS O PEITO.

– *WIE HEISSEN SIE?* – PERGUNTOU O PILOTO EM ALEMÃO, OLHANDO PARA ELA COM OS OLHOS BRILHANTES.

DAGMAR LANÇOU-LHE UM OLHAR PERPLEXO. O SUECO ERA O ÚNICO IDIOMA QUE CONHECIA.

– COMO SE CHAMA? – DISSE COM VOZ ARRASTADA O HOMEM SENTADO À FRENTE DO PILOTO. – ELE QUER SABER O SEU NOME. DIGA AO PILOTO COMO SE CHAMA, MINHA LINDA, E DEPOIS TALVEZ QUEIRA VIR SENTAR-SE UM BOCADINHO NO MEU COLO, PARA DESCOBRIR QUAL É A SENSÇÃO DE ESTAR AO PÉ DE UM HOMEM COMO DEVE SER... – ACRESCENTOU, RINDO-SE MUITO ALTO DA PRÓPRIA PIADA E DANDO UMA PALMADINHA NAS COXAS GORDAS.

DAGMAR FRANZIU O NARIZ COM REPULSA E VOLTOU-SE PARA O PILOTO.

– DAGMAR – DISSE. – CHAMO-ME DAGMAR.

– DAGMAR – REPETIU O ALEMÃO. DEPOIS APONTOU COM UM GESTO EXAGERADO PARA O PRÓPRIO PEITO. – HERMANN – DISSE. – *ICH HEISSE HERMANN*.

DEPOIS DE UMA BREVE PAUSA, HERMANN ERGUEU A MÃO PARA LHE TOCAR NA CABEÇA E DAGMAR SENTIU OS PELINHOS DOS BRAÇOS ERIÇAREM-SE. O PILOTO DISSE MAIS QUALQUER COISA EM ALEMÃO E DAGMAR VIROU-SE PARA O HOMEM GORDO SENTADO DO OUTRO LADO DA MESA.

– DISSE QUE GOSTAVA SE SABER COMO FICA O SEU CABELO QUANDO ESTÁ SOLTO – O HOMEM RIU-SE OUTRA VEZ MUITO ALTO, COMO SE TIVESSE DITO ALGO EXTREMAMENTE ENGRAÇADO.

DAGMAR LEVOU INSTINTIVAMENTE A MÃO AO CABELO, QUE ESTAVA COMPOSTO NUM COQUE. O CABELO LOURO ERA TÃO ESPESSE QUE NUNCA CONSEGUIA PRENDÊ-LO CORRETAMENTE, E ALGUNS CARACÓIS REBELDES SOLTAVAM-SE CONSTANTEMENTE.

– VAI TER DE CONTINUAR A IMAGINAR. DIGA-LHE ISSO – AFIRMOU DAGMAR, E VIROU-SE PARA SE IR EMBORA.

O HOMEM GORDO DEU UMA GARGALHADA E PROFERIU VÁRIAS FRASES LONGAS EM ALEMÃO. O PILOTO NÃO SE RIU. DAGMAR AINDA ALI ESTAVA, DE COSTAS PARA ELE, E SENTIU A MÃO DE HERMANN A TOCAR-LHE NOVAMENTE NA NUCA. COM UM PUXÃO, O PILOTO ARRANCOU-LHE A TRAVESSA E O CABELO CAIU-LHE EM CASCATA PELAS COSTAS.

HIRTA, VIROU-SE PARA O ENCARAR. POR ALGUNS MOMENTOS, DAGMAR E O PILOTO ALEMÃO OLHARAM UM PARA O OUTRO, AO SOM DAS RUIDOSAS GARGALHADAS DO GORDO. ALCANÇARAM UM ENTENDIMENTO TÁCITO E, COM O CABELO AINDA SOLTO, DAGMAR CAMINHOU EM DIREÇÃO À CASA ONDE OS CACAREJOS E OS UIVOS DOS OUTROS CONVIDADOS QUEBRAVAM A PAZ DA NOITE DE VERÃO.



Patrik estava agachado ao lado do grande buraco no chão. As pranchas estavam velhas e podres, e era óbvio que o soalho precisava de ser substituído. Por isso, o que tinham encontrado por baixo ainda era mais surpreendente. Sentiu um nó a formar-se na boca do estômago.

– Fizeram bem em chamar-nos de imediato – disse sem tirar os olhos do buraco.

– É sangue, não é? – Tobias engoliu em seco. – Não sei que aspeto tem o sangue antigo e também pode ser alcatrão, ou outra coisa qualquer. Mas, tendo em conta...

– Realmente parece ser sangue. Podes ligar aos técnicos forenses, Gösta? Têm de cá vir dar uma vista de olhos a isto. – Patrik levantou-se, fazendo uma careta quando ouviu como as articulações rangiam. Um lembrete de que não estava a ficar mais novo.

Gösta assentiu e afastou-se um pouco enquanto marcava o número no telemóvel.

– Acha que há mais alguma coisa... lá em baixo? – perguntou Ebba com voz trémula.

Patrik apercebeu-se imediatamente do que Ebba estava a insinuar.

– É impossível dizer. Vamos ter de arrancar o resto do soalho para ver o que conseguimos encontrar.

– Por acaso dá-nos jeito alguma ajuda nas obras, mas não era exatamente isso que tinha em mente – disse Tobias com uma risada oca. Mas ninguém mais se riu.

Gösta terminou o telefonema e foi juntar-se a eles.

– Os técnicos só podem vir cá amanhã. Por isso peço-vos que deixem tudo como está até que cheguem. Não devem mexer em nada. Não podem limpar nem arrumar a casa.

– Não vamos mexer em nada. Porque haveríamos de fazer uma coisa dessas? – perguntou Tobias.

– Esta é a minha oportunidade de descobrir o que aconteceu – disse Ebba.

– Talvez possamos sentar-nos em algum lado e conversar um pouco. – Patrik afastou-se da parte do soalho removida, mas o que vira já lhe ficara gravado na memória. Estava convencido de que era sangue. Uma camada espessa de sangue coagulado, já não vermelho mas escurecido com o tempo. Se a sua teoria estivesse certa, o sangue devia ter mais de trinta anos.

– Podemos sentar-nos na cozinha, que é agradável e está arrumada – disse Tobias, fazendo um movimento para mostrar o caminho a Patrik. Ebba ficou onde estava,

juntamente com Gösta.

– Vens? – perguntou Tobias, virando-se para a mulher.

– Vão andando. Eu e a Ebba já lá vamos ter – disse Gösta.

Patrik estava prestes a dizer que era principalmente com Ebba que precisavam de conversar. Mas olhou de relance para o rosto pálido da mulher e apercebeu-se de que Gösta tinha razão. Ebba precisava de um momento para si própria e não havia realmente nenhuma pressa.

Descrever a cozinha como agradável e arrumada provou-se um exagero. Havia ferramentas e pincéis espalhados por toda a parte e a bancada estava atulhada com pilhas de pratos sujos e com os restos do pequeno-almoço.

Tobias sentou-se à mesa da cozinha.

– Eu e Ebba somos um bocado maníacos da arrumação. Ou melhor, éramos – corrigiu-se Tobias. – É difícil de acreditar quando se vê as coisas neste estado, não é?

– As remodelações são uma coisa diabólica – disse Patrik, sentando-se numa cadeira depois de sacudir algumas migalhas de pão.

– Já não parece muito importante manter tudo arrumado e limpo. – Tobias olhou para a janela da cozinha. Estava coberta de poeira, como se um véu tivesse descido sobre ela para esconder a vista.

– Quem conhece o passado de Ebba? – perguntou Patrik.

Podia ouvir Gösta e Ebba a conversar na sala de jantar, mas apesar de tentar, não conseguia perceber o que estavam a dizer. O comportamento de Gösta surpreendeu-o. Na esquadra, quando se precipitara para o gabinete do colega para lhe contar o que acontecera, a reação dele parecera-lhe completamente fora do normal. Mas, depois, Gösta tinha-se fechado como uma ostra, permanecendo em silêncio durante toda a viagem até Valö.

– Os meus pais e os pais adotivos da Ebba são bons amigos e o que aconteceu no passado dela nunca foi um segredo. Por isso, sei há muito tempo que a família da Ebba desapareceu sem deixar rasto. Não acho que haja muito mais para saber, pois não?

– Não. A polícia não fez qualquer progresso na investigação, apesar de ter gasto bastante tempo e de se ter empenhado muito. O motivo de terem pura e simplesmente desaparecido continua a ser um mistério.

– Talvez nunca tenham saído daqui. – A voz de Ebba fez com que os dois dessem um salto nas cadeiras.

– Não me parece que estejam ali – disse Gösta, parando à entrada. – Se alguém tivesse danificado o soalho de alguma forma, teríamos reparado. As pranchas estavam intactas e também não havia nenhum vestígio de sangue. Deve ter-se infiltrado por entre as pranchas.

– Pois, mas eu quero ter a certeza absoluta de que não estão lá em baixo – disse Ebba.

– Amanhã, quando chegarem cá, os técnicos vão inspecionar cada milímetro da casa. Pode ter a certeza disso – garantiu Gösta, pondo o braço sobre os ombros de Ebba.

Patrik olhou espantado para aquela cena. Habitualmente, quando estavam em serviço, Gösta esforçava-se muito pouco. E Patrik não conseguia lembrar-se de alguma vez ter visto o colega tocar noutra pessoa.

– Agora precisa de tomar um café forte. – Gösta deu a Ebba uma palmadinha no ombro e foi ligar a máquina de café. Enquanto o café começava a gotejar para dentro do pote, Gösta lavou algumas chávenas no lava-louças da cozinha.

– Porque não nos diz o que sabe sobre o que aconteceu aqui? – Patrik puxou uma cadeira para que Ebba se sentasse.

Ebba assim fez e Patrik ficou impressionado com a magreza da mulher. A *T-shirt* parecia grande de mais e os ossos notavam-se claramente sob o tecido.

– Não me parece que possa dizer-vos nada que as pessoas destas bandas já não saibam. Só tinha um ano naquela altura, por isso não me lembro. E os meus pais adotivos só sabem que alguém chamou a polícia para informar que algo tinha acontecido. Quando a polícia chegou, a minha família tinha desaparecido e eu estava para aqui sozinha. Desapareceram no sábado de Páscoa. – Ebba sacou o pingente que estava escondido debaixo da *T-shirt* e começou a repuxá-lo, tal como Patrik a vira fazer no dia anterior. O gesto fazia-a parecer ainda mais frágil.

– Tome. – Gösta pousou uma chávena de café à frente de Ebba e serviu um para si antes de se sentar. Patrik não pôde deixar de sorrir. Ali estava outra vez o velho Gösta de sempre.

– Que tal um café também para nós?

– Tenho cara de empregado de mesa?

Tobias levantou-se.

– Eu trato disso.

– É verdade que ficou sozinha quando a sua família desapareceu? Que não tinha mais parentes vivos? – perguntou Patrik.

Ebba assentiu.

– Sim. A minha mãe não tinha irmãos nem irmãs e a minha avó materna morreu antes de eu completar um ano. O meu pai era muito mais velho, e os pais dele há muito que não eram vivos. A minha única família é a adotiva. E, em certo sentido, tive muita sorte. Berit e Sture sempre me fizeram sentir como se fosse a verdadeira filha deles.

– Alguns rapazes do colégio ficaram por cá durante as férias da Páscoa. Alguma vez entrou em contacto com algum deles?

– Não, porque haveria de fazer uma coisa dessas? – Os olhos de Ebba pareciam enormes no seu rosto magro.

– Não tivemos nada que ver com este sítio até termos decidido mudar-nos para cá – disse Tobias. – A Ebba herdou a casa quando os pais biológicos foram declarados mortos, mas depois foi alugada várias vezes. Mas houve períodos em que ficou vazia. Foi precisamente isso que nos levou a decidir começar a recuperá-la. Não havia ninguém a tratar da casa. Desde que a família da Ebba desapareceu, apenas foram feitas as reparações mais básicas.

– Acho que estávamos destinados a vir cá arrancar o soalho – disse Ebba. – Há uma razão para tudo.

– A sério? – disse Tobias. – Para tudo?

Mas Ebba não respondeu e, quando Tobias seguiu Patrik e Gösta até à porta, ainda permanecia sentada à mesa em silêncio.

Quando se afastavam de Valö, Patrik matutava na mesma pergunta. Que fariam se os técnicos confirmassem que o que se encontrava sob o soalho era sangue? O crime já tinha prescrito. Tinha passado demasiado tempo e não havia garantias de que pudessem ser encontradas respostas tantos anos depois de aquilo ter acontecido. Por isso, para que servia aquela descoberta? Enquanto manobrava o barco de regresso a Fjällbacka, a cabeça de Patrik fervilhava de pensamentos inquietos.

O médico parou de falar e no gabinete fez-se um silêncio absoluto. O único som que Martin ouvia era o bater do próprio coração. Olhou para o médico. Como podia parecer tão pouco afetado pelo que acabara de dizer? Será que dava às pessoas aquele género de notícia várias vezes por semana? E, se assim era, como conseguia suportá-lo?

Martin obrigou-se a continuar a respirar. Parecia que se tinha esquecido de como se fazia. Cada inspiração exigia um ato consciente, uma instrução específica para o cérebro.

– Quanto tempo lhe resta? – acabou por conseguir perguntar.

– Há vários tipos de tratamento e esta especialidade está em constante evolução... – o médico abriu as mãos.

– Mas qual é o prognóstico, estatisticamente falando? – perguntou Martin, tentando manter a calma. Apetecia-lhe lançar-se sobre a mesa, agarrar o médico pelo casaco e abaná-lo até obter a informação que pretendia.

Pia não disse uma palavra e Martin continuava a não conseguir olhar para ela. Se o fizesse, tudo se desmoronaria. Tudo o que podia fazer era concentrar-se nos factos. Em algo tangível, algo que pudesse compreender.

– É difícil ser preciso. Há tantos fatores envolvidos. – A mesma expressão apologetica, as mãos erguidas no ar. Martin já detestava aquele gesto.

– Responda-me! – gritou, dando praticamente um salto na cadeira ao ouvir a própria voz.

– Vamos iniciar o tratamento de imediato e depois veremos como a Pia reage. Mas, tendo em conta a forma como o cancro se disseminou e a sua gravidade... Bem, estamos a falar de cerca de seis meses a um ano.

Martin olhou fixamente para o médico. Será que tinha ouvido bem? Tuva ainda não tinha dois anos. Não podia perder a mãe. Isso não podia acontecer. Começou a tremer. O pequeno gabinete estava opressivamente quente, mas Martin tinha tanto frio que os dentes lhe batiam. Pia pôs-lhe a mão no braço.

– Acalma-te, Martin. Temos de manter a calma. Há sempre uma hipótese de o prognóstico estar errado. E eu vou fazer o que for preciso para... – Pia virou-se para o médico. – Dê-me o melhor tratamento que houver. Vou lutar contra isto.

– Vamos interná-la imediatamente. Vá a casa e faça a mala. Vamos já preparar-lhe um quarto.

Martin sentiu-se envergonhado. Pia estava a ser muito forte, ao passo que ele estava à beira do colapso. Imagens de Tuva rodopiavam-lhe na mente, desde o nascimento até ao início daquela manhã, quando a filha se fora enroscar com eles na cama. O cabelo escuro desgrenhado, os olhos divertidos de tanto rir. Será que aquele riso ia ser silenciado? Será que a filha ia perder a sua alegria, a sua fé de que tudo estava bem e de que no dia seguinte estaria ainda melhor?

– Vamos ultrapassar isto. – O rosto de Pia estava pálido, mas havia uma determinação na sua expressão que Martin sabia ser um sinal da sua enorme tenacidade. E Pia precisaria de toda a determinação que conseguisse convocar para a luta mais importante da sua vida.

– Vamos buscar a Tuva a casa da minha mãe e comer qualquer coisa – disse, levantando-se. – Podemos falar com calma depois de a Tuva ter ido para a cama. E eu preciso de fazer as malas. Quanto tempo acha que passarei no hospital?

Martin levantou-se lentamente, mas as pernas pareciam prestes a ceder a qualquer momento. Era tão típico de Pia pensar nos pormenores práticos.

O médico hesitou.

– Prepare uma mala para algum tempo.

Dito isto, despediu-se e saiu para ir examinar o doente seguinte.

Martin e Pia ficaram no corredor por um momento. Em silêncio, esticaram os braços e deram as mãos.

– Tu dás-lhes sumo nos biberões? Não tens medo de que lhes faça mal aos dentes? – Kristina lançou um olhar de reprovação a Anton e a Noel, que estavam sentados no sofá, cada um com um biberão na mão.

Erica suspirou profundamente. A sogra era bem-intencionada e tinha melhorado

nos últimos tempos, mas às vezes mexia-lhe mesmo com os nervos.

– Tentei dar-lhes água, mas eles recusam-se a beber. E precisam de fluidos por causa deste calor. Mas diluí bastante o sumo.

– Bem, tu é que sabes – disse Kristina, fungando. – Só te dei a minha opinião. O Patrik e a Lotta só bebiam água e nunca houve nenhum problema. Não tiveram uma única cárie antes de saírem de casa e o dentista sempre me elogiou por causa dos belos dentes que tinham.

Erica estava na cozinha a fazer limpezas bem longe do olhar de Kristina e mordeu a língua. A sogra era tolerável em pequenas doses e era extraordinária para os filhos, mas aquelas visitas de várias horas levavam a paciência de Erica até ao limite.

– Acho que vou pôr uma máquina a lavar, Erica – disse Kristina em voz alta, continuando depois a falar, como que para si própria: – É mais fácil se fores lavando a roupa, assim não se acumula. As coisas devem estar sempre no seu lugar. Deves arrumar tudo aquilo de que já não precisas e a Maja já é suficientemente crescida para arrumar as suas coisas. Senão acaba por ficar uma adolescente mimada que nunca sai de casa e que está sempre à espera que lhe façam tudo. Conheces a minha amiga, Berit? Bem, o filho tem quase quarenta anos, mas nunca...

Erica enfiou os dedos nos ouvidos e encostou a testa a um dos armários da cozinha. Bateu devagar com a cabeça na superfície de madeira fresca, pedindo paciência a Deus. Um toque firme no ombro fê-la dar um salto.

– Que estás a fazer? – Kristina estava ao lado dela, com um cesto cheio de roupa aos pés. – Estava a falar contigo, mas não respondeste.

Com os dedos ainda enfiados nos ouvidos, Erica tentou encontrar uma explicação plausível.

– É a... pressão. – Erica apertou o nariz e soprou com força. – Há uns dias que ando a sentir isto.

– Ah – disse Kristina. – Não se pode brincar com essas coisas. Já foste ao médico ver se é uma infeção no ouvido? Quando andam no infantário, as crianças estão sempre a trazer doenças para casa. Sempre disse que os infantários não são a melhor solução. Eu fiquei em casa com o Patrik e com a Lotta até eles irem para a primária. Não precisaram de ir para o infantário nem de ficar com uma ama um único dia. E nunca adoeceram. O nosso médico estava sempre a elogiar-me por eles serem...

Erica cortou-lhe o pio.

– Há semanas que os miúdos não vão lá, por isso acho que a culpa não é do infantário.

– Se tu o dizes – retorquiu Kristina com ar magoado. – Mas pelo menos já ficaste a saber o que penso acerca disso. Afinal de contas, a quem é que telefonam sempre que as crianças estão doentes e vocês têm de trabalhar? Eu é que me chego sempre à frente. – Kristina abanou a cabeça, pegou no cesto de roupa suja e saiu da cozinha.

Erica contou lentamente até dez. Não podia negar que recorriam muitas vezes a Kristina, mas sem dúvida que pagavam um preço muito alto por isso.

Os pais de Josef já passavam dos quarenta quando a mãe recebeu a notícia completamente inesperada de que estava grávida. Depois de há muito se terem conformado com o facto de que nunca teriam filhos, organizaram a vida em conformidade, dedicando todo o tempo à pequena alfaiataria em Fjällbacka. A chegada de Josef mudou tudo. Embora tenham sentido grande alegria com a perspectiva de ter um filho e um herdeiro, também sentiram um grande peso por causa da responsabilidade de lhe transmitir a sua herança.

Josef contemplou carinhosamente a fotografia dos pais numa sólida moldura de prata que tinha em cima da secretária. Por detrás havia outras fotografias emolduradas, de Rebecka e dos filhos. Sempre fora o centro da vida dos pais e eles sempre estariam no centro da sua vida. Isso era algo que a sua família tinha de aceitar.

– O jantar está quase pronto – anunciou Rebecka quando entrou cautelosamente no estúdio de Josef.

– Não tenho fome. Jantem vocês – respondeu Josef sem olhar para cima. Tinha coisas muito mais importantes para fazer do que comer.

– Não vens jantar connosco? Logo hoje que os miúdos vieram visitar-nos?

Josef olhou para Rebecka com surpresa. Habitualmente, a mulher nunca insistia em relação a nada. A irritação cresceu dentro dele, mas então respirou fundo. Rebecka tinha razão. Os filhos quase já não iam lá a casa.

– Está bem. Já vou ter convosco – disse com um suspiro e fechando o bloco de notas. Estava cheio de ideias sobre como dar forma ao projeto e o bloco andava sempre com ele, para o caso de a inspiração surgir.

– Obrigada – disse Rebecka, que se virou e saiu do estúdio.

Josef seguiu-a. Na sala de jantar, a mesa já fora posta. Reparou que a mulher tinha utilizado o melhor serviço. Rebecka tinha uma ligeira tendência para ser ostensiva e parecia-lhe absurdo ir tão longe só por causa dos filhos, mas não fez nenhum comentário.

– Olá, pai – disse Judith, beijando-o no rosto.

Daniel levantou-se para lhe dar um abraço. Por um momento, o coração de Josef encheu-se de orgulho e desejou que o seu próprio pai pudesse ter visto os netos crescerem.

– Vamos sentar-nos antes que a comida arrefeça – disse Josef, tomando o seu lugar à cabeceira da mesa.

Rebecka preparara o prato preferido de Judith: frango assado com puré de batata. De repente, Josef apercebeu-se de que estava esfomeado e ocorreu-lhe que se

esquecera de almoçar. Depois de dar graças a Deus num murmúrio, Rebecka serviu a refeição e começaram a comer em silêncio. Quando já se sentia saciado, Josef pousou os talheres.

– Como estão a correr as aulas?

Daniel assentiu.

– Tive notas excelentes a todas as disciplinas durante o curso de verão. Agora é uma questão de conseguir um bom estágio no outono.

– E eu adoro o meu trabalho de verão – interrompeu Judith. Os olhos brilhavam-lhe de entusiasmo. – Devias ver como aquelas crianças são corajosas, mãe. Têm de suportar todas aquelas operações complicadas, os tratamentos com radiações e tudo o que se possa imaginar, mas nunca protestam e nunca desistem. São incríveis.

Josef respirou fundo. O sucesso dos filhos não contribuía minimamente para acabar com a inquietação que o acompanhava constantemente. Sabia que havia sempre um pouco mais que podiam dar, que podiam chegar um pouco mais longe. Tinham tantas metas para alcançar, tanto que vingar, e era seu dever certificar-se de que faziam tudo o que podiam para o conseguir.

– E a tua pesquisa? Ainda tens tempo para isso? – Josef fixou Judith com um olhar penetrante e viu como o entusiasmo se extinguia nos olhos da filha. Judith queria que o pai reconhecesse o seu valor e lhe oferecesse algumas palavras elogiosas, mas se Josef desse aos filhos a impressão de que o que estavam a fazer era suficiente, então deixariam de se esforçar. E Josef não podia deixar que isso acontecesse.

Não esperou pela resposta de Judith e virou-se para Daniel.

– Conversei com o diretor do curso a semana passada e ele disse-me que faltaste dois dias às aulas. Porquê?

– Estava com uma gastroenterite – disse Daniel. – Não me parece que gostassem muito que eu estivesse sentado na sala a vomitar para um saco de papel.

– Estás a tentar ser engraçado?

– Não. Estou a responder-te com toda a franqueza.

– Sabes que posso facilmente descobrir se estás a mentir – disse Josef. O garfo e a faca ainda estavam pousados no prato. Tinha perdido o apetite. Detestava já não ter controlo sobre os filhos como acontecia quando viviam lá em casa.

– Estava com uma gastroenterite – repetiu Daniel, baixando os olhos. Também parecia ter perdido o apetite.

Josef levantou-se rapidamente.

– Tenho de continuar o meu trabalho.

A caminho do estúdio, pensou que o mais certo era ficarem satisfeitos por se livrarem da sua presença. Através da porta, podia ouvir as vozes e o barulho dos pratos e dos talheres. Então Judith riu-se, uma gargalhada alta e despreocupada que

soou com tanta clareza como se a mulher estivesse sentada ao lado dele. De repente, Josef apercebeu-se de que o riso dos filhos, a sua alegria, esmorecia sempre quando entrava na sala. Judith deu nova gargalhada, que Josef sentiu como uma faca a ser revirada no seu coração. Judith nunca se ria assim ao pé dele e Josef perguntou a si próprio se as coisas poderiam ter sido diferentes. Ao mesmo tempo, não fazia ideia de como o poderiam ter conseguido. O amor que sentia por eles era tão grande que lhe provocava dor física, mas nunca poderia ser o pai que desejavam. Apenas podia ser o pai que a vida lhe ensinara a ser; apenas podia amá-los à sua maneira, transmitindo-lhes a sua herança.

Gösta olhava fixamente para o ecrã da televisão, que tremeluzia. Via as pessoas a aparecerem e a desaparecerem e, uma vez que estava a assistir a um episódio de *Midsummer Murders*⁴, sem dúvida que alguém ia ser assassinado. Mas perdera o interesse no enredo há algum tempo. Os pensamentos estavam noutro lugar completamente diferente.

Na mesa de café à sua frente havia um prato com duas sanduíches abertas. Pão de centeio *skogholm* com manteiga e salame. Normalmente era apenas isso que comia em casa. Dava demasiado trabalho e era demasiado deprimente cozinhar para uma única pessoa.

O sofá em que se sentava começava a ficar velho, mas Gösta não tinha coragem de se livrar dele. Lembrava-se da expressão de orgulho de Maj-Britt quando o levaram lá para casa. Dera com ela várias vezes a passar a mão nos estofos suaves com motivos florais, como se estivesse a acariciar um gatinho. Mal o deixava sentar-se nele durante esse primeiro ano. Mas a miúda tinha saltado e brincado nele. Rindo-se, Maj-Britt segurava-lhe as mãos enquanto a menina saltava cada vez mais alto sobre as molas que gemiam.

Agora os estofos estavam completamente gastos e tinham grandes buracos. Junto ao braço direito despontava uma mola. Mas Gösta sentava-se sempre do lado esquerdo. Esse era o seu lugar; o outro lado tinha pertencido a Maj-Britt. À noite, durante aquele verão, a miúda tinha estado sentada entre eles. Nunca vira uma televisão, por isso gritava de satisfação sempre que o aparelho estava ligado. O seu programa preferido era a série infantil *Drutten e Gena*. Nunca conseguia ficar quieta quando via aquelas marionetas; contorcia-se de puro prazer.

Há muito que ninguém saltava no sofá. Depois de a miúda ter desaparecido, era como se tivesse levado parte da alegria com ela, e seguiram-se muitas noites silenciosas. Nem Gösta nem Maj-Britt poderiam ter imaginado que o arrependimento magoava tanto. Pensavam estar a tomar a atitude mais acertada e, quando se aperceberam de que haviam tomado a decisão errada, era demasiado tarde.

Gösta olhava sem verdadeiramente ver o inspetor Barnaby, que acabara de

descobrir mais um cadáver. Pegou numa das sanduíches de salame e deu-lhe uma dentada. Era uma noite como tantas outras e muitas mais se lhe seguiriam.

[4](#) Série policial britânica estreada em 1997. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1919

NÃO PODIAM SER VISTOS NOS QUARTOS DOS CRIADOS, DE MODO QUE DAGMAR ESPEROU POR UM SINAL DE HERMANN PARA IR ATÉ AO QUARTO DO PILOTO. JÁ TINHA FEITO A CAMA E ARRUMADO O QUARTO, SEM SABER QUE MAIS TARDE VIRIA A TER MUITAS SAUDADES DE SE ENFIAR DEBAIXO DAQUELES MARAVILHOSOS LENÇÓIS DE ALGODÃO.

A FESTA AINDA ESTAVA NO AUGUE QUANDO RECEBEU O SINAL DE QUE ESTAVA À ESPERA. HERMANN CAMBALEAVA LIGEIRAMENTE, TINHA O CABELO LOURO DESGRENHADO E OS OLHOS VIDRADOS DA BEBIDA. MAS NÃO ESTAVA TÃO EMBRIAGADO QUE NÃO CONSEGUISSSE ENTREGAR-LHE DISFARÇADAMENTE A CHAVE DO QUARTO. O BREVE TOQUE DA MÃO DELE FEZ COM QUE O CORAÇÃO DE DAGMAR SE ACELERASSE. SEM O OLHAR NOS OLHOS, ESCONDEU A CHAVE NO BOLSO DO AVENTAL. ANIMADA COMO ESTAVA A FESTA, NINGUÉM REPARARIA SE DESAPARECESSE. OS ANFITRIÕES E OS CONVIDADOS ESTAVAM TODOS DEMASIADO BÊBADOS PARA SE PREOCUPAREM COM O QUE QUER QUE FOSSE A NÃO SER VOLTAREM A ENCHER OS COPOS E HAVIA MUITOS OUTROS CRIADOS PARA O FAZER.

TODAVIA, DAGMAR PAROU PARA OLHAR EM REDOR ANTES DE ABRIR A PORTA DO GRANDE QUARTO DE HÓSPEDES E, QUANDO ENTROU, PAROU DE COSTAS PARA A PORTA E RESPIROU FUNDO VÁRIAS VEZES. A SIMPLES VISÃO DA CAMA COM OS LENÇÓIS BRANCOS E A ELEGANTE COLCHA FÊ-LA FICAR TODA ARREPIADA. HERMANN PODIA CHEGAR A QUALQUER MOMENTO; POR ISSO, DAGMAR PRECIPITOU-SE PARA A PEQUENA CASA DE BANHO. APRESSOU-SE A ALISAR O CABELO, DESPIU AS ROUPAS DE CRIADA E LAVOU-SE DEBAIXO DOS BRAÇOS. DEPOIS MORDEU OS LÁBIOS E BELISCOU AS BOCHECHAS PARA AS TORNAR MAIS ROSADAS, UMA VEZ QUE ISSO ERA MODA ENTRE AS RAPARIGAS DA CIDADE.

QUANDO OUVIU A MAÇANETA RODAR, APRESSOU-SE A VOLTAR PARA O QUARTO E SENTOU-SE NA CAMA, APENAS EM COMBINAÇÃO. DEIXOU O CABELO CAIR SOBRE OS OMBROS, PLENAMENTE CONSCIENTE DE BRILHAR À LUZ PÁLIDA DA NOITE DE VERÃO QUE ENTRAVA PELA JANELA.

NÃO FICOU DECECIONADA. QUANDO HERMANN A VIU, ABRIU MUITO OS OLHOS E FECHOU RAPIDAMENTE A PORTA ATRÁS DE SI. ESTUDOU-A POR UM MOMENTO ANTES DE SE APROXIMAR DA CAMA E PÔR-LHE A MÃO SOB O QUEIXO, LEVANTANDO-LHE O ROSTO. DEPOIS INCLINOU-SE E OS LÁBIOS ENCONTRARAM-SE NUM BEIJO. CAUTELOSAMENTE, COMO SE QUISESSE PROVOCÁ-LA, HERMANN FEZ DESLIZAR A PONTA DA LÍNGUA ENTRE OS LÁBIOS ENTREABERTOS DE DAGMAR.

DAGMAR RESPONDEU APAIXONADAMENTE AOS SEUS BEIJOS. NUNCA TINHA VIVIDO UMA COISA DAQUELAS. ERA COMO SE AQUELE HOMEM TIVESSE SIDO ENVIADO POR UMA FORÇA DIVINA PARA SE UNIR A ELA E COMPLETÁ-LA. POR UM BREVE MOMENTO, TUDO FICOU ESCURO DIANTE DOS SEUS OLHOS E DAGMAR RELEMBROU MENTALMENTE IMAGENS DO PASSADO. AS

CRIANÇAS COLOCADAS NUMA BACIA COM UM PESO EM CIMA ATÉ PARAREM DE SE MEXER. OS POLÍCIAS QUE ENTRARAM DE ROMPANTE E PRENDERAM A MÃE E O PAI. OS PEQUENOS CADÁVERES QUE FORAM DESENTERRADOS NA CAVE. A BRUXA E O PAI ADOTIVO. OS HOMENS QUE TINHAM GEMIDO EM CIMA DELA COM O SEU HÁLITO NOJENTO A ÁLCOOL E A CHARUTOS. TODA A GENTE QUE A TINHA USADO E RIDICULARIZADO – AGORA SERIAM FORÇADOS A CURVAR-SE DIANTE DELA E A PEDIR-LHE PERDÃO. QUANDO A VISSEM A CAMINHAR AO LADO DAQUELE HERÓI LOURO IAM ARREPENDER-SE DE CADA PALAVRA QUE TINHAM SUSSURRADO NAS SUAS COSTAS.

LENTAMENTE, HERMANN FEZ DESLIZAR A COMBINAÇÃO E DAGMAR ERGUEU OS BRAÇOS POR CIMA DA CABEÇA PARA AJUDÁ-LO A TIRAR-LHA. SÓ QUERIA SENTIR A PELE DE HERMANN CONTRA A SUA. COMEÇOU A DESAPERTAR-LHE OS BOTÕES DA CAMISA UM A UM, MAS HERMANN ACABOU POR ARRANCÁ-LA. QUANDO AS ROUPAS DE AMBOS JAZIAM TODAS NUM MONTE NO CHÃO, O PILOTO DEITOU-SE EM CIMA DELA. JÁ NADA OS SEPARARIA.

QUANDO OS DOIS CORPOS SE UNIRAM, DAGMAR FECHOU OS OLHOS. NAQUELE MOMENTO, JÁ NÃO ERA A FILHA DA FAZEDORA DE ANJOS. ERA UMA MULHER A QUEM O DESTINO TINHA FINALMENTE ABENÇOADO.



Andava a preparar-se há semanas. Tinha sido difícil conseguir uma entrevista com John Holm em Estocolmo, mas como o político ia passar as férias a Fjällbacka, Kjell conseguira convencê-lo a abdicar de uma hora do seu tempo em troca de um perfil a ser publicado no *Bohusläningen*⁵.

Kjell estava certo de que Holm conhecia o pai, Frans Ringholm, que fora um dos fundadores dos Amigos da Suécia, o partido que Holm agora liderava. O facto de Frans ser um simpatizante nazi foi um dos motivos pelos quais Kjell se distanciara do pai. Pouco antes de Frans morrer, Kjell tinha-se reconciliado em parte com ele, mas nunca partilharia os pontos de vista do pai. Assim como nunca respeitaria os Amigos da Suécia nem apreciava o sucesso que o partido voltara a ter.

Concordaram reunir-se na cabana de pesca de Holm. A viagem de Uddevalla a Fjällbacka demorou quase uma hora por causa do trânsito de verão. Com dez minutos de atraso, Kjell estacionou no cascalho à frente da cabana, esperando que o tempo não fosse descontado aos sessenta minutos de entrevista que lhe haviam sido prometidos.

– Tira algumas fotos enquanto estamos a conversar, porque depois pode não haver tempo – disse Kjell ao colega quando saíram do carro. Sabia que isso não seria um problema. Stefan era o fotógrafo mais experiente do jornal e nunca falhava, fossem quais fossem as circunstâncias.

– Bem-vindos! – disse Holm indo ao encontro dos dois jornalistas.

– Obrigado – disse Kjell. Teve de esforçar-se bastante para apertar a mão a Holm. Além de os seus pontos de vista serem repulsivos, Holm era também um dos homens mais perigosos da Suécia.

Holm conduziu-os até ao cais, atravessando a pequena cabana de pesca.

– Nunca conheci o seu pai. Mas sei que era um homem que impunha respeito.

– Bem, passar uma data de anos na prisão tem esse efeito.

– Não deve ter sido fácil para si, crescer nessas condições – disse Holm, sentando-se numa cadeira do pátio ao lado de uma cerca que oferecia alguma proteção contra o vento.

Por um momento, Kjell foi tomado pela inveja. Parecia tão injusto que um homem como John Holm possuísse uma propriedade tão bonita, com vista para o porto e o arquipélago... Para esconder a sua antipatia, Kjell sentou-se à frente do político e

começou a remexer no gravador. Estava plenamente consciente de que a vida era injusta e, pelas pesquisas que tinha feito, sabia que Holm nascera em berço de ouro.

Ligou o gravador. Parecia estar a funcionar corretamente e Kjell começou a entrevista.

– Porque acha que conseguiu garantir um lugar no Riksdag⁶?

Era sempre boa ideia começar com cautela. Kjell também sabia que era uma sorte apanhar Holm sozinho. Em Estocolmo, o assessor de imprensa e outras pessoas teriam estado presentes, mas naquele momento tinha Holm só para si e esperava que o líder do partido estivesse descontraído por estar de férias e no seu território.

– Acho que o povo sueco amadureceu. Tornámo-nos mais conscientes do resto do mundo e de como isso nos afeta. Fomos demasiado crédulos durante muito tempo, mas agora estamos a começar a acordar e os Amigos da Suécia têm o privilégio de representar a voz da razão durante este despertar – respondeu Holm com um sorriso.

Kjell conseguia compreender porque é que as pessoas se sentiam atraídas por aquele homem. Tinha um carisma e uma autoconfiança que fazia com que os outros estivessem dispostos a acreditar no que dizia. Mas Kjell já era suficientemente calejado para não se apaixonar por aquele género de encanto e ficava com os pelos eriçados ao ouvir Holm dizer «nós» quando se referia a si próprio e ao povo sueco. John Holm não representava a maioria dos suecos. Nem de perto nem de longe.

Kjell continuou com as perguntas inocentes: Qual foi a sensação de entrar no parlamento como deputado? Como foi recebido? O que pensava das políticas que estavam a ser desenvolvidas em Estocolmo? Stefan circulava constantemente em torno deles com a sua máquina fotográfica e Kjell já podia imaginar as imagens: John Holm sentado no seu cais privado com o mar a brilhar ao fundo. Era completamente diferente das fotografias formais que costumavam aparecer nos jornais, mostrando-o de fato e gravata.

Kjell lançou uma olhadela fugaz ao relógio. Estava a entrevistar Holm há vinte minutos e a atmosfera que criara era agradável, embora não propriamente calorosa. Estava na altura de começar a fazer as perguntas incómodas. Durante as semanas que mediarão a aceitação do pedido da entrevista, Kjell lera inúmeros artigos sobre Holm e vira vários vídeos de debates televisivos. Muitos jornalistas tinham feito um mau trabalho, mal arranhando a superfície. Nas raras ocasiões em que conseguiam fazer uma pergunta mais atrevida eram invariavelmente iludidos por uma resposta autoconfiante, repleta de dados estatísticos errados e de mentiras descaradas que nunca conseguiram aprofundar. Aquele trabalho mal-amanhado fazia com que Kjell se envergonhasse de ser jornalista, porém, ao contrário dos colegas, tinha feito os trabalhos de casa.

– O seu orçamento é baseado na grande poupança que, de acordo com o seu

partido, o país vai conseguir levar a cabo se a imigração for travada. Uma poupança de setenta e oito mil milhões de coroas suecas. Como chegou a este número?

Holm sobressaltou-se. Apareceu-lhe um sulco entre as sobrancelhas, sinalizando um ligeiro incómodo, mas rapidamente desapareceu, sendo substituído pelo seu sorriso habitual.

– Os números foram cuidadosamente fundamentados.

– Tem a certeza disso? Porque algumas pessoas têm referido que os seus cálculos estão errados. Deixe-me dar-lhe um exemplo. O senhor afirma que apenas dez por cento das pessoas que imigram para a Suécia conseguem emprego.

– Sim, está correto. Há uma elevada taxa de desemprego entre as pessoas que permitimos que imigrem para a Suécia e isso implica um custo enorme para a nossa sociedade.

– Mas, de acordo com estatísticas a que tive acesso, sessenta e cinco por cento de todos os imigrantes na Suécia entre os vinte e os sessenta e quatro anos têm emprego.

Holm não disse nada e Kjell quase podia ver o seu cérebro a trabalhar a cem à hora.

– Pelo que sei são dez por cento – acabou por dizer.

– Mas não sabe como chegaram a essa percentagem, pois não?

– Não.

Kjell estava a começar a apreciar a situação.

– De acordo com seus cálculos, o país também pouparia se a imigração fosse travada porque a Segurança Social gastaria menos. Mas um estudo centrado entre 1980 e 1990 mostra que as receitas fiscais do trabalho dos imigrantes excedem em muito as despesas do Estado em termos de imigração.

– Isso não me parece minimamente credível – disse Holm com um sorriso irónico.

– O povo sueco já não se deixa enganar por esses estudos fraudulentos. É do conhecimento geral que os imigrantes tiram proveito do sistema de Segurança Social.

– Tenho aqui uma cópia do estudo. Pode ficar com ela e consultá-la à vontade. – Kjell tirou um maço de papéis da pasta e colocou-os à frente de Holm.

O deputado nem sequer olhou para eles.

– Tenho pessoas que tratam desse tipo de coisas.

– Tenho a certeza disso, mas essas pessoas não parecem ler muito bem – disse Kjell. – Vamos considerar quanto custaria implementar as suas propostas. Por exemplo, o serviço militar obrigatório que quer reinstituir... quanto custaria? Será que pode pormenorizar todos os custos para que possamos ficar com uma ideia? – Kjell aproximou um bloco e uma caneta de Holm, que os olhou com repulsa.

– Todos os números estão na nossa proposta de orçamento. Pode consultá-la.

– Quer dizer que não os sabe de cor? Apesar de a sua proposta de orçamento ser o núcleo da vossa política?

– Claro que conheço perfeitamente os números em questão. – Holm empurrou o bloco-notas na direção de Kjell. – Mas não tenciono de todo pôr-me aqui a debitá-los.

– Muito bem, por agora vamos esquecer os números do orçamento. Talvez tenhamos oportunidade de voltar a eles mais tarde. – Kjell remexeu na sua pasta e tirou outro documento, uma lista que tinha compilado.

– Além de uma política de imigração mais rigorosa, pretende tentar instituir penas mais severas para os criminosos.

Holm esticou-se, como que para aliviar os músculos das costas.

– Sim. É escandalosa a forma como somos condescendentes na Suécia. De acordo com as nossas propostas, os criminosos deixarão de poder escapar com um mero puxão de orelhas. Dentro do próprio partido também estabelecemos limites severos, sobretudo porque estamos plenamente conscientes de que, historicamente, estivemos associados a uma série de... Enfim, elementos indesejáveis.

«Elementos indesejáveis.» Sim, era uma forma de expressar o que tinha acontecido, pensou Kjell, embora optasse propositadamente por não comentar. Parecia estar prestes a pôr Holm exatamente onde o queria.

– Livrámo-nos de todos os elementos criminosos da nossa lista eleitoral e estamos a pôr em prática uma política de tolerância zero. Por exemplo, todos os candidatos têm de assinar um juramento de ética e todas as condenações, por mais antigas que sejam, devem ser reveladas. Ninguém com um passado criminoso pode representar os Amigos da Suécia. – Holm recostou-se, cruzando as pernas.

Kjell deixou-o sentir-se seguro por mais alguns segundos antes de pousar a lista na mesa.

– Porque é que não exige o mesmo às pessoas que trabalham na sede e nas delegações do partido? Nada mais, nada menos do que cinco colaboradores vossos têm antecedentes criminais. Estamos a falar de condenações por violência doméstica, intimidação, roubo e agressões a funcionários públicos. Por exemplo, em 2001, o seu assessor de imprensa foi condenado por agredir violentamente a pontapé um cidadão da Etiópia no mercado de Ludvika. – Kjell empurrou um pouco mais a lista, que ficou mesmo à frente de Holm. Um rubor de irritação era agora visível no pescoço do líder dos Amigos da Suécia.

– Não participo nas entrevistas de emprego nem controlo as operações da sede ou das delegações do partido, portanto não posso comentar esta questão.

– Mas, uma vez que, em última instância, o senhor é o responsável pelo pessoal contratado pelo partido, este assunto não deveria acabar em cima da sua mesa, independentemente de controlar ou não os aspetos práticos?

– Toda a gente tem direito a uma segunda oportunidade. Estamos sobretudo a falar de deslizes cometidos na juventude.

– Uma segunda oportunidade, diz o senhor? Porque é que os seus funcionários devem merecer uma segunda oportunidade se o mesmo não se aplica aos imigrantes que cometem um crime? De acordo com o seu partido, os imigrantes que cometem um crime deviam ser deportados assim que fossem condenados.

Holm cerrou os maxilares, o que lhe conferiu ao rosto um ar ainda mais empedernido.

– Como eu disse, não estou envolvido no processo de contratação. Vou ter de falar consigo mais tarde acerca disso.

Por alguns segundos, Kjell ponderou pressionar mais Holm sobre aquele ponto, mas o tempo estava a esgotar-se. O deputado podia decidir a qualquer momento que estava farto e dar por terminada a entrevista.

– Também tenho algumas perguntas pessoais – disse Kjell, consultando as notas. Na verdade, tinha memorizado todas as perguntas que queria fazer, mas sabia por experiência própria que, se parecesse ter tudo por escrito, isso exercia um efeito perturbador na pessoa que estava a entrevistar. A palavra impressa infundia um certo respeito.

– Há tempos declarou que o seu envolvimento em questões de imigração começou quando tinha vinte anos e dois estudantes africanos o atacaram e agrediram. Frequentavam o seu curso na Universidade de Gotemburgo. Comunicou o incidente à polícia, mas a investigação foi abandonada e o senhor viu-se obrigado a partilhar as salas de aula com os alunos em questão durante os restantes anos que passou na universidade. Os alunos estavam constantemente a provocá-lo e, consequentemente, a zombar da sociedade sueca como um todo. Esta última frase foi dita por si numa entrevista que deu ao *Svenska Dagbladet* na primavera passada.

Holm assentiu solenemente.

– Sim, esse foi um episódio que teve grande impacto em mim e que moldou a minha visão do mundo. Foi uma clara demonstração de como a sociedade funciona e de como os suecos foram rebaixados a cidadãos de segunda classe enquanto as pessoas de todo o mundo que tivemos a ingenuidade de acolher no nosso país são tratadas com indulgência.

– Interessante – Kjell inclinou a cabeça. – Verifiquei esse incidente e há várias coisas que são um pouco... estranhas.

– Que quer dizer com isso?

– Em primeiro lugar, não existe nenhuma denúncia no arquivo da polícia. Além disso, não havia estudantes africanos matriculados no mesmo curso que o senhor frequentou. Na verdade, não havia quaisquer estudantes africanos na Universidade de Gotemburgo quando o senhor lá estudou.

Kjell observou como a maçã de Adão de Holm subia e descia.

– Está enganado. Recordo-me muito claramente de tudo o que aconteceu.

– Não é mais provável que os seus pontos de vista decorram do ambiente familiar onde cresceu? Tenho informações que indicam que o seu pai era um fervoroso simpatizante do nazismo.

– Não posso pronunciar-me sobre as possíveis opiniões do meu pai.

Uma olhadela ao relógio mostrou a Kjell que lhe restavam apenas cinco minutos. Sentiu um misto de irritação e satisfação. A entrevista não produzira resultados concretos, mas tinha sido um prazer desestabilizar Holm. E Kjell não fazia tenção de desistir. Aquele fora apenas um *round* do combate. Ia continuar a escavar até encontrar algo que pudesse derrubar John Holm. Poderia precisar de se encontrar novamente com ele, por isso seria melhor terminar a entrevista com uma pergunta que não tinha nada que ver com política. Kjell sorriu.

– Ouvi dizer que foi aluno do colégio interno de Valö quando aquela família desapareceu. O que terá acontecido?

Holm fulminou-o com o olhar e depois levantou-se repentinamente.

– Acabou o tempo e tenho uma data de assuntos em mãos. Presumo que não seja necessário acompanhar-vos à saída.

Os instintos jornalísticos de Kjell nunca o tinham deixado ficar mal e a reação inesperada de Holm pôs-lhe o cérebro a trabalhar a todo o vapor. Havia algo em relação àquele assunto que Holm não queria que ele soubesse. Kjell estava ansioso por voltar para a redação e começar a vasculhar para descobrir o que poderia ser.

– Onde está o Martin? – Patrik olhou para os colegas sentados à mesa da cozinha da esquadra.

– Telefonou a dizer que está doente – informou Annika com ar evasivo. – Mas tenho o relatório que elaborou sobre as finanças e os seguros de Ebba e de Tobias.

Patrik olhou de relance para a secretária mas não fez nenhuma pergunta. Se Annika não queria dizer-lhe o que sabia, só recorrendo à tortura conseguiria sacar-lhe o que quer que fosse.

– E eu tenho aqui o processo da investigação levada a cabo quando a família desapareceu – disse Gösta, apontando para várias grossas pastas de papel pardo sobre a mesa.

– Foi rápido – disse Mellberg. – Costuma demorar séculos a encontrar alguma coisa no arquivo.

Houve uma longa pausa antes de Gösta voltar a falar.

– Tinha-os em casa.

– Guardas processos do arquivo em tua casa? Estás maluco? – Mellberg deu um

salto na cadeira e *Ernst*, que estava deitado a seus pés, sentou-se com as orelhas em pé. Ladrou algumas vezes, mas depois decidiu que tudo parecia suficientemente calmo e voltou a deitar-se.

– De vez em quando revejo os processos e dava demasiado trabalho andar a correr constantemente para o arquivo. Além disso, ainda bem que já o tinha tirado de lá, senão não o poderíamos consultar tão depressa.

– Que estupidez do caraças! – exclamou Mellberg.

Patrik apercebeu-se de que estava na altura de intervir.

– Sente-se, Bertil. O importante é termos acesso ao dossiê. Podemos discutir eventuais medidas disciplinares mais tarde.

Mellberg resmungou alguma coisa, mas concordou relutantemente.

– Os técnicos já começaram a trabalhar?

Patrik assentiu.

– Estão a arrancar todo o soalho e a recolher amostras. Torbjörn prometeu entrar em contacto connosco assim que souber alguma coisa.

– Alguém é capaz de me dizer porque é que estamos a desperdiçar tempo e recursos num caso que já prescreveu? – perguntou Mellberg.

Gösta olhou com irritação para o superintendente.

– Já te esqueceste de que alguém tentou pegar fogo à casa?

– Não, claro que não. Mas não vejo nenhuma razão para crer que um caso esteja ligado ao outro. – Mellberg pronunciou cada palavra com lentidão exagerada, como se estivesse a tentar provocar Gösta.

Patrik suspirou novamente. Estavam ambos a agir como crianças.

– Cabe-lhe a si decidir, Bertil, mas acho que seria um erro não examinar com mais pormenor o que os Stark descobriram ontem.

– Sei muito bem qual é a sua opinião sobre o assunto, mas não é você que terá de responder perante os superiores quando eles quiserem saber porque estamos a desperdiçar os nossos escassos recursos num caso que já prescreveu.

– Se estiver relacionado com o incêndio, como Hedström pensa, então, o desaparecimento da família é relevante – insistiu teimosamente Gösta.

Por um momento, Mellberg ficou em silêncio.

– *Okay*, vamos lá então perder algumas horas com isso. – Mellberg fez um gesto a Patrik a indicar-lhe que prosseguisse.

Patrik respirou fundo.

– Muito bem. Vamos começar por saber o que o Martin descobriu.

Annika pôs os óculos de leitura e olhou para o relatório.

– O Martin não encontrou quaisquer discrepâncias. A colónia balnear não tem um seguro muito abrangente, antes pelo contrário. Como tal, os Stark não receberiam grande coisa em caso de incêndio. Em relação às suas finanças pessoais, têm

bastante dinheiro no banco proveniente da venda da casa de Gotemburgo. Presumo que esse dinheiro vá ser utilizado na recuperação da casa e nas despesas do dia a dia até a pousada estar a funcionar em pleno. Além disso, Ebba tem uma empresa registada em seu nome. Chama-se My Angel. Parece que faz anjos de prata e vende as peças *online*, mas os lucros são insignificantes.

– Ótimo. Não vamos deixar cair completamente esse aspeto da investigação, mas pelo menos parece que podemos descartar a hipótese de fraude à seguradora. E depois temos a descoberta de ontem – acrescentou Patrik, virando-se para Gösta. – Podes contar-nos como estava a casa quando a polícia a revistou depois de a família ter desaparecido?

– Claro. E podem ver com os vossos próprios olhos; tenho aqui as fotografias originais – disse Gösta, abrindo uma das pastas. Pegou num maço de fotografias amareladas e passou-as aos colegas. Patrik ficou surpreendido. Apesar de serem antigas, as fotografias do local do crime eram de excelente qualidade.

– Na sala de jantar não havia pistas sobre o que aconteceu – explicou Gösta. – A família tinha começado o seu almoço de Páscoa, mas não havia o mais pequeno indício de ter ocorrido uma luta. Não havia nada partido e o chão estava limpo. Se não acreditam em mim, vejam.

Patrik fez o que o colega disse, estudando cuidadosamente as fotografias. Gösta tinha razão. Era como se a família se tivesse simplesmente levantado a meio do almoço e saído. Estremeceu. A mesa, ainda com comida nos pratos, e as cadeiras impecavelmente arrumadas em seu redor tinha algo de fantasmagórico. A única coisa que faltava eram as pessoas. E a descoberta sob o soalho lançava uma nova luz sobre a cena. Agora compreendia porque é que Erica dedicara tantas horas a tentar descobrir o que estava por detrás do misterioso desaparecimento da família Elvander.

– Se for sangue, podemos determinar se pertencia à família? – perguntou Annika.

Patrik abanou a cabeça.

– Não sou especialista nisso, mas duvido. Calculo que seja sangue demasiado antigo para fazer esse género de análise. Talvez o melhor que podemos esperar é a confirmação de ser ou não sangue humano. Além disso, não temos nada com que o comparar.

– Ebba ainda é viva – disse Gösta. – Se o sangue é de Rune ou de Inez, talvez os técnicos consigam um perfil de ADN para ver se corresponde ao de Ebba.

– Possivelmente. Mas acho que o sangue se decompõe muito depressa e já passaram muitos anos. Independentemente dos resultados da análise ao sangue, precisamos de descobrir o que aconteceu naquele fim de semana de Páscoa. Precisamos de recuar no tempo. – Patrik pousou as fotografias na mesa. – Vamos ter de ler todas as transcrições das declarações das pessoas ligadas ao colégio e depois

ter outra conversa com elas. A verdade está por aí algures. Uma família inteira não pode simplesmente desaparecer. E se se confirmar que se trata de sangue humano, então temos de supor que foi cometido um crime naquela divisão.

Patrik olhou para Gösta, que assentiu.

– Sim, tens razão. Precisamos de recuar no tempo.

Algumas pessoas poderiam achar estranho haver tantas fotografias em exposição num quarto de hotel, mas se assim fosse nunca ninguém lho tinha dito. Essa era a vantagem de viver numa suíte. Toda a gente assumia que alguém com tanto dinheiro tinha forçosamente de ser um pouco excêntrica. E a sua aparência dava-lhe a oportunidade de fazer o que quisesse sem se importar com o que os outros pensavam dele.

As fotografias eram importantes para ele. Estavam sempre em exposição e isso era uma das poucas coisas em que Ia não era autorizada a intrometer-se. Quanto a tudo o resto, era refém da mulher e sabia-o. Mas o que fora em tempos e o que tinha alcançado eram coisas que Ia nunca poderia tirar-lhe.

Leon deslocou a cadeira de rodas até à cómoda onde se encontravam as fotografias. Fechou os olhos e, por um breve momento, deixou-se levar até aos locais exibidos nas fotos. Imaginou o vento do deserto a queimar-lhe o rosto e como o frio extremo lhe fazia doer os dedos. Adorara a dor. «Não se ganha nada sem dor», fora sempre o seu lema. Agora, ironicamente, vivia com a dor a cada segundo de cada dia. Sem ganhar o que quer que fosse em troca.

O rosto que lhe sorriu das fotos era lindo – ou melhor, bonito. Dizer que era lindo implicava ser um rosto feminino, o que era enganoso. Aquele rosto irradiava virilidade e força. Um temerário, sedento de sentir a adrenalina a percorrer-lhe o corpo.

Estendeu a mão esquerda, que ao contrário da direita estava intacta, e pegou na sua fotografia preferida, tirada no topo do monte Everest. Tinha sido uma subida árdua e vários membros da expedição viram-se forçados a abandoná-la em várias estações. Alguns haviam desistido antes de começar. Aquele tipo de fraqueza era incompreensível. Desistir não era uma opção para Leon. Muitos tinham abanado a cabeça perante a sua tentativa de chegar ao cume sem oxigénio. Aqueles que sabiam o que isso envolvia disseram que nunca conseguiria. Até mesmo o líder da expedição lhe implorara que utilizasse oxigénio, mas Leon sabia que podia fazê-lo. Reinhold Messner e Peter Habeler tinham-no feito em 1978. Naquela época também era considerado impossível; nem mesmo os alpinistas nepaleses nativos o tinham conseguido. Mas Leon chegou ao cume do Everest à primeira tentativa – sem oxigénio. Na fotografia exibia um sorriso rasgado, segurando a bandeira sueca numa das mãos, as bandeiras coloridas de oração por detrás dele. Nesse momento estava

no topo do mundo. Parecia forte. Feliz.

Leon pousou cuidadosamente a fotografia e pegou na seguinte. O Paris-Dakar. De moto, claro. Ainda o incomodava não ter ganho. Em vez disso, teve de contentar-se em ficar entre os dez primeiros. Sabia que era um feito incrível, mas o primeiro lugar era a única coisa que contava. Sempre fora assim. Queria ficar no primeiro lugar do pódio, fosse qual fosse o desafio. Correu o polegar sobre o vidro que cobria a fotografia emoldurada, contendo um sorriso. Se sorrisse, um lado do rosto ficava desagradavelmente repuxado e Leon detestava essa sensação.

Ia ficara muito assustada. Um dos concorrentes tinha morrido logo no início da corrida e a mulher insistiu com ele para que desistisse. Mas o acidente só aumentou a sua motivação. Era a sensação de perigo que o conduzia, a percepção de que a vida poderia ser-lhe tirada a qualquer momento. O perigo fazia-o adorar o que era bom na vida ainda mais intensamente. O champanhe sabia melhor, as mulheres pareciam mais bonitas, os lençóis de seda pareciam mais suaves contra a sua pele. A riqueza era mais valiosa se corresse o risco de perdê-la. Ia, por outro lado, tinha medo de perder tudo. Detestava o modo como Leon se ria da morte e apostava enormes quantias nos casinos do Mónaco, Saint-Tropez e Cannes. Não compreendia a descarga de adrenalina que Leon sentia sempre que perdia em grande, só para recuperar tudo na noite seguinte. Nessas noites, Ia não conseguia dormir. Dava voltas e mais voltas na cama enquanto Leon fumava pacificamente um charuto na varanda.

No fundo, Leon desfrutava a angústia dela. Sabia que Ia adorava a vida que lhe oferecia. Não a adorava apenas, precisava dela e exigia-a. Era isso que tornava tão emocionante ver a expressão dela sempre que a bola da roleta parava no compartimento errado. Via-a morder a bochecha, tentando não gritar bem alto quando Leon apostava tudo no preto e a bola parava no vermelho.

Leon ouviu uma chave rodar na fechadura. Gentilmente voltou a pôr a fotografia na cómoda. O homem da moto lançou-lhe um sorriso rasgado.

⁵ Diário regional de tendência liberal fundado em 1878 e sediado em Uddevalla. (*N. do T.*)

⁶ Parlamento sueco. (*N. do T.*)

⁷ Diário de tendência conservadora fundado em 1884. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1919

ERA UM DIA MARAVILHOSO PARA SE DESPERTAR E DAGMAR ESTICOU OS MEMBROS COMO UM GATO. TUDO IA SER DIFERENTE. CONHECERA FINALMENTE ALGUÉM QUE IA SILENCIAR TODA A CONVERSA E FAZER COM QUE O RISO FICASSE ENTALADO NAS GARGANTAS DE TODOS AQUELES COSCUVILHEIROS. A FILHA DA FAZEDORA DE ANJOS E O HEROICO PILOTO – ERA CERTO QUE AQUILO TAMBÉM LHES DARIA MUITO QUE FALAR. MAS JÁ NÃO TERIA QUALQUER EFEITO SOBRE ELA, PORQUE IAM PARTIR JUNTOS. DAGMAR NÃO SABIA PARA ONDE, MAS ISSO NÃO ERA VERDADEIRAMENTE IMPORTANTE.

NA NOITE ANTERIOR, HERMANN ACARICIARA-A COMO NUNCA NINGUÉM A ACARICIARA ANTES. SUSSURRARA-LHE TANTAS PALAVRAS AOS OUVIDOS, PALAVRAS QUE NÃO PODIA ENTENDER, MAS QUE NO FUNDO DO CORAÇÃO SABIA SEREM PROMESSAS SOBRE O FUTURO PARTILHADO DE AMBOS. OS SUSPIROS APAIXONADOS DE HERMANN TINHAM FEITO COM QUE O DESEJO SE LHE PROPAGASSE A TODO O CORPO E DAGMAR TINHA-LHE DADO TUDO O QUE POSSUÍA.

SENTOU-SE LENTAMENTE NA BEIRA DA CAMA. NUA, FOI ATÉ À JANELA E ABRIU-A DE PAR EM PAR. LÁ FORA, OS PÁSSAROS CANTAVAM E O SOL ACABARA DE ERGUER-SE. ONDE ESTARIA HERMANN? TER-LHES-IA IDO BUSCAR O PEQUENO-ALMOÇO?

NA CASA DE BANHO, DAGMAR FEZ CUIDADOSAMENTE AS SUAS ABLUÇÕES MATINAIS. TERIA PREFERIDO MANTER O CHEIRO DELE NO CORPO, MAS AO MESMO TEMPO QUERIA ESTAR TÃO PERFUMADA COMO A MAIS BELA ROSA QUANDO HERMANN REGRESSASSE. E NÃO TARDARIA A VOLTAR A SENTIR O CHEIRO DELE. TINHA UMA VIDA INTEIRA PARA INSPIRAR O CHEIRO DELE.

QUANDO ACABOU DE SE LAVAR, DEITOU-SE NA CAMA PARA ESPERAR, MAS HERMANN DEMORAVA-SE E DAGMAR E SENTIU A IMPACIÊNCIA CRESCER. O SOL SUBIRA MAIS ALTO NO CÉU E O CHILREAR DOS PÁSSAROS COMEÇAVA A PARECER-LHE IRRITANTEMENTE ALTO. ONDE TERIA IDO HERMANN? NÃO SABIA QUE ELA ESTAVA À SUA ESPERA?

POR FIM, LEVANTOU-SE, VESTIU-SE E SAIU DO QUARTO DE CABEÇA ERGUIDA. PORQUE HAVERIA DE IMPORTAR-SE QUE ALGUÉM A VISSE? AS INTENÇÕES DE HERMANN SERIAM REVELADAS EM BREVE.

A CASA ESTAVA MUITO TRANQUILA. TODA A GENTE ESTAVA DEITADA, A DORMIR, E SEM DÚVIDA QUE ASSIM PERMANECERIA POR MAIS ALGUMAS HORAS. NORMALMENTE, OS CONVIDADOS NÃO APARECIAM ANTES DAS ONZE. MAS HAVIA RUÍDOS PROVENIENTES DA COZINHA. O PESSOAL LEVANTAVA-SE CEDO PARA PREPARAR O PEQUENO-ALMOÇO. OS FOLIÕES TINHAM SEMPRE UM APETITE VORAZ QUANDO FINALMENTE ACORDAVAM, POR ISSO OS OVOS TINHAM DE ESTAR COZIDOS E O CAFÉ PREPARADO. ENFIOU A CABEÇA PELA PORTA DA COZINHA. NÃO, HERMANN NÃO ESTAVA LÁ. UMA DAS COZINHEIRAS VIU-A E FRANZIU A TESTA,

MAS DAGMAR RETIROU A CABEÇA E FECHOU A PORTA.

DEPOIS DE PROCURAR POR TODA A CASA, FOI ATÉ AO CAIS. ESTARIA A DAR UM MERGULHO MATINAL? HERMANN ERA TÃO ATLÉTICO. PROVAVELMENTE FORA DAR UMAS BRAÇADAS REVIGORANTES.

CAMINHOU APRESSADAMENTE E DEPOIS COMEÇOU A CORRER ATÉ À MARGEM. OS PÉS PARECIAM VOAR SOBRE A RELVA E, QUANDO CHEGOU AO CAIS, SORRIU QUANDO CONTEMPLOU O MAR. MAS A SUA EXPRESSÃO LOGO SE TORNOU SÉRIA. HERMANN NÃO ESTAVA ALI. DEU MAIS UMA OLHADELA EM REDOR, MAS HERMANN NÃO ESTAVA NA ÁGUA, E NÃO HAVIA ROUPAS ATIRADAS PARA O CAIS. UM DOS RAPAZES QUE TRABALHAVA PARA OS SJÖLIN CAMINHAVA NA SUA DIREÇÃO.

– POSSO AJUDÁ-LA, MENINA? – PERGUNTOU, SEMICERRANDO OS OLHOS POR CAUSA DO SOL. QUANDO ESTAVA MAIS PERTO E VIU QUEM ELA ERA, RIU-SE. – ORA, ORA, BONS OLHOS TE VEJAM, DAGMAR. QUE ESTÁS AQUI A FAZER A ESTA HORA? OUVI DIZER QUE NÃO DORMISTE COM AS OUTRAS CRIADAS ONTEM À NOITE PORQUE ESTAVAS A DIVERTIR-TE NOUTRO LADO.

– CALA A BOCA, EDVIN – DISSE DAGMAR. – ESTOU À PROCURA DO PILOTO ALEMÃO. JÁ O VISTE?

EDVIN ENFIOU AS MÃOS NOS BOLSOS DAS CALÇAS.

– O PILOTO? ERA COM ELE QUE ESTAVAS? – O RAPAZ FEZ NOVAMENTE UM RISO DESDENHOSO. – SERÁ QUE SABIA QUE ESTAVA A IR PARA A CAMA COM A FILHA DE UMA ASSASSINA? TALVEZ OS ESTRANGEIROS COMO ELE ACHEM ISSO EMOCIONANTE.

– CALA-TE! RESPONDE À MINHA PERGUNTA. JÁ O VISTE ESTA MANHÃ?

EDVIN FEZ UMA GRANDE PAUSA ANTES DE RESPONDER. FITOU DAGMAR, OLHANDO-A DE ALTO A BAIXO.

– TALVEZ DEVÊSSEMOS DAR UMA VOLTINHA JUNTOS, EU E TU – DISSE POR FIM, DANDO MAIS UM PASSO NA DIREÇÃO DELA. – NUNCA TIVEMOS OPORTUNIDADE DE NOS CONHECERMOS UM AO OUTRO.

DAGMAR FULMINOU-O COM O OLHAR. OH, COMO DESPREZAVA AQUELES HOMENS ODIOSOS, SEM CLASSE NEM SOFISTICAÇÃO. NÃO TINHAM O DIREITO DE TOCÁ-LA COM AS SUAS MÃOS SUJAS. MERECIA MELHOR. MERECIA UMA BOA VIDA, TAL COMO OS PAIS LHE TINHAM DITO.

– ENTÃO? – INSISTIU. – OUVISTE BEM A PERGUNTA.

EDVIN CUSPIU PARA O CHÃO E DEPOIS OLHOU-A NOS OLHOS, INCAPAZ DE ESCONDER A SATISFAÇÃO AO DIZER:

– FOI-SE EMBORA.

– QUE ESTÁS PARA AÍ A DIZER? PARA ONDE É QUE FOI?

– RECEBEU UM TELEGRAMA ESTA MANHÃ POR CAUSA DE UM TRABALHO. PARTIU DE BARCO HÁ DUAS HORAS.

DAGMAR ARFOU EM BUSCA DE AR.

– ESTÁS A MENTIR! – TINHA VONTADE DE DAR UM SOCO NO ROSTO SARCÁSTICO DE

EDVIN.

– NÃO TENS DE ACREDITAR EM MIM – DISSE O RAPAZ, VIRANDO-SE. – MAS A VERDADE É QUE SE FOI MESMO EMBORA.

DAGMAR OLHOU PARA O MAR, PARA A DIREÇÃO QUE HERMANN DEVIA TER TOMADO E JUROU QUE IA ENCONTRÁ-LO. SERIA SEU, DEMORASSE O TEMPO QUE DEMORASSE. PORQUE ESTAVAM DESTINADOS A FICAR JUNTOS.



Erica sentiu uma pontada de culpa, embora não tivesse verdadeiramente mentido a Patrik, apenas não lhe dissera toda a verdade. Na noite anterior quisera falar com o marido acerca dos seus planos, mas não conseguira encontrar o momento certo. Além disso, Patrik não estava de muito bom humor. Quando lhe perguntou como lhe tinha corrido o dia, Patrik evitou dizer-lhe o que quer que fosse e acabaram por passar a noite em silêncio à frente da televisão. Por isso teria de preocupar-se com aquilo mais tarde, quando tivesse de explicar-lhe onde tinha estado.

Erica acelerou e virou o barco para bombordo. Pensou com gratidão no pai, Tore, que tinha ensinado as filhas a conduzir um barco. Tore sempre dissera que era uma obrigação para uma pessoa que vivia perto do mar saber manobrar um barco. Em boa verdade, Erica era melhor do que Patrik a atracar um barco, mas deixava que fosse o marido a fazê-lo, a bem da harmonia familiar. Os homens tinham egos muito frágeis.

Acenou a um dos barcos da Guarda Costeira que se dirigia a Fjällbacka. Parecia vir de Valö e Erica perguntou a si própria porque teria lá ido. Mas rapidamente descartou aquele pensamento, pois concentrava-se agora em atracar o barco, fazendo-o deslizar elegantemente até ao cais. Para sua surpresa, começava a sentir-se nervosa. Depois de dedicar tanto tempo à história, era um pouco estranho estar prestes a encontrar-se com uma das personagens principais em carne e osso. Pegou na mala e saltou para terra.

Há muito tempo que não ia a Valö. Como a maioria dos habitantes de Fjällbacka, Erica associava a ilha a acampamentos e passeios escolares. Quase podia sentir o cheiro das salsichas grelhadas no espeto enquanto caminhava por entre as árvores.

Quando se aproximou da casa, parou, surpreendida com a atividade febril que ali reinava. Nos degraus estava uma figura familiar que gesticulava. Erica começou a andar na sua direção, estugando o passo e quase correndo os últimos metros.

– Olá, Torbjörn! – Erica acenou e acabou por conseguir chamar a atenção do chefe dos técnicos forenses. – Que estão aqui a fazer?

Torbjörn olhou para ela com espanto.

– Erica? Eu podia fazer-lhe a mesma pergunta. O Patrik sabe que está aqui?

– Julgo que não. Mas diga-me o que estão a fazer.

Torbjörn parecia estar a ponderar o que podia dizer-lhe.

– Ontem, os proprietários fizeram uma descoberta dentro da casa, durante as obras

de remodelação – disse por fim.

– Uma descoberta? Será que encontraram a família que desapareceu? Onde?

Torbjörn abanou a cabeça.

– Receio não poder dizer-lhe mais nada.

– Será que posso entrar e dar uma vista de olhos? – Erica começou a subir os degraus.

– Peço desculpa, mas não pode. Não posso deixar ninguém entrar. Não podemos ter pessoas estranhas ao serviço a andar por aí enquanto estamos a trabalhar – Torbjörn sorriu. – Suponho que tenha vindo visitar o casal que mora aqui. Estão no quintal, nas traseiras.

Erica recuou.

– *Okay* – disse, incapaz de esconder o desapontamento.

Avançou contornando a casa e, quando dobrou a esquina, viu um homem e uma mulher que pareciam ter mais ou menos a sua idade. Olhavam para a casa com ar sombrio. Sem falar um com o outro.

Erica parou por um momento. Estava tão curiosa e entusiasmada que não pensara em nenhuma explicação para o propósito da sua visita. Mas a hesitação durou apenas alguns segundos. Afinal de contas, aquilo fazia parte do seu trabalho, fazer perguntas indiscretas e vasculhar os segredos e as tragédias de outras pessoas. Há muito que superara as próprias dúvidas e sabia que muitos familiares das vítimas sobre as quais escrevia apreciavam os seus livros depois de publicados. Além disso, era sempre mais fácil quando o incidente, como era o caso, ocorrera num passado longínquo. Normalmente, tanto tempo depois, as feridas já tinham sarado e as tragédias já haviam começado a transformar-se em história.

– Olá! – disse Erica, e o casal virou-se para olhar para ela. Então, a mulher sorriu-lhe, mostrando que a reconheceria.

– Eu conheço-a. É Erica Falck. Li os seus livros todos e adoro-os – disse. Depois calou-se, como se tivesse vergonha de ter sido tão espontânea.

– Olá. Ebba, certo? – Erica apertou-lhe a mão. Parecia muito pequena na sua, mas os calos na palma testemunhavam o empenho na recuperação da casa. – Fico muito contente por gostar dos meus livros.

Ainda um pouco timidamente, Ebba apresentou-lhe o marido, e Erica também lhe deu um aperto de mão.

– Que sentido de oportunidade perfeito – disse Ebba, que voltou a sentar-se e esperou que Erica também ocupasse uma cadeira.

– Como assim?

– Bem, calculo que queira escrever sobre o desaparecimento da minha família. Se assim for, veio no dia certo.

– Ouvi dizer que encontraram qualquer coisa na vossa casa – disse Erica.

– Sim, descobrimos aquilo quando levantámos o soalho da sala de jantar – disse Tobias. – Não sabíamos o que era, mas parecia sangue. A polícia apareceu, deu uma vista de olhos e decidiu investigar mais pormenorizadamente. É por isso que está cá esta gente toda.

Erica começou a compreender porque é que Patrik tinha sido tão evasivo quando lhe perguntou o que tinha acontecido. Perguntou a si própria o que pensaria o marido de tudo aquilo, se suspeitaria que a família fora assassinada na sala de jantar, tendo depois os cadáveres sido levados. Queria perguntar ao casal se tinha encontrado algo mais além do sangue, mas conteve-se.

– Deve ser terrivelmente perturbador para si. Não posso negar que o caso me tem interessado, mas para si, Ebba, é tão pessoal...

Ebba abanou a cabeça.

– Eu era muito nova naquela altura e não me lembro da minha família. Não posso chorar por pessoas das quais não me recordo. Não é como... – Ebba calou-se e desviou o olhar.

– O meu marido, o Patrik Hedström, foi um dos agentes que estiveram cá. E também foi ele que veio falar consigo no sábado. Ouvi dizer que foram vítimas de um incidente desagradável.

– Sim, pode chamar-lhe incidente. E foi sem dúvida desagradável. Não consigo perceber porque é que alguém quereria fazer-nos mal. – Tobias abriu as mãos.

– O Patrik acha que pode ter alguma coisa que ver com o que aconteceu aqui em 1974 – afirmou Erica sem conseguir conter-se. Praguejou de modo inaudível, sabendo como Patrik ficaria furioso se a sua revelação pudesse vir a ter algum impacto sobre a investigação.

– Como é que as coisas podem estar relacionadas? O desaparecimento aconteceu há tanto tempo... – Ebba virou-se para contemplar a casa. De onde estavam sentados não podiam ver o que estava a acontecer, mas podiam ouvir o ruído de madeira a rachar, sinal de que as pranchas do soalho estavam a ser arrancadas.

– Se não se importar, gostava de fazer-lhe algumas perguntas sobre o desaparecimento – disse Erica.

Ebba assentiu.

– Claro. Como eu disse ao seu marido, julgo que não tenho muito a dizer, mas tudo bem, pergunte.

– Não se importa que grave a nossa conversa? – perguntou Erica enquanto tirava um gravador da mala.

Tobias lançou um olhar inquiridor a Ebba, que encolheu os ombros.

– Não, não me importo.

Quando a fita começou a rodar, Erica sentiu um formigueiro no estômago, tal era a expectativa. Não fora ter com Ebba quando ela morava em Gotemburgo, embora

muitas vezes tivesse pensado em fazê-lo. Mas agora Ebba estava ali e talvez Erica pudesse descobrir algum pormenor que lhe permitisse avançar na sua própria pesquisa.

– Guardou alguma coisa que fosse pertença dos seus pais? Alguma coisa que tenha levado daqui?

– Não, nada. Os meus pais adotivos disseram-me que eu tinha apenas uma pequena mala cheia de roupa quando cheguei a casa deles. E não me parece que a tenha levado daqui. Pelo que a minha mãe me disse, foram umas senhoras simpáticas que me tricotaram as roupas e gravaram as minhas iniciais nelas. Ainda tenho essas roupas. A minha mãe guardou-mas para o caso de eu ter uma filha.

– Nenhuma carta? Nenhuma fotografia? – perguntou Erica.

– Não. Nunca vi nenhuma.

– Os seus pais tinham algum parente que possa ter guardado essas coisas?

– Nenhum. Também já disse isso ao seu marido. Pelo que sei, os meus avós maternos e paternos já tinham morrido e parece que os meus pais não tinham irmãos. Se há parentes distantes, nunca tentaram entrar em contacto comigo. E ninguém quis acolher-me.

Aquilo era incrivelmente triste e Erica lançou-lhe um olhar de compaixão, mas Ebba sorriu.

– Não precisa de ter pena de mim. Tenho uma mãe e um pai que me adoram e dois irmãos maravilhosos. Nunca me faltou nada.

Erica voltou a sorrir.

– Não há muitas pessoas que possam dizer o mesmo.

Estava a começar a gostar daquela mulher baixa e magra sentada à sua frente.

– Sabe muita coisa sobre os seus pais biológicos?

– Não. Acho que nunca me interessei muito por descobrir. Claro que sempre quis saber o que aconteceu, mas suponho que não queria deixar que nada disso interferisse na minha vida. Talvez receasse que, se mostrasse interesse nos meus pais biológicos, a minha mãe e o meu pai sentissem que não eram suficientemente bons pais.

– Pensa que estaria mais interessada em descobrir as suas raízes se tivessem filhos? – perguntou cautelosamente Erica. Não sabia muito sobre Ebba e Tobias, e aquela podia ser uma questão sensível.

– Nós tivemos um filho – disse Ebba.

Erica encolheu-se como se tivesse levado uma bofetada. Aquela não era a resposta de que estava à espera. Queria fazer mais perguntas, mas a linguagem corporal de Ebba mostrava claramente que não tinha intenção de falar daquele assunto.

– Pode-se dizer que termos vindo para cá foi uma maneira de a Ebba procurar as

suas raízes – disse Tobias.

Depois mudou nervosamente de posição no banco e Erica apercebeu-se de que ambos se tinham afastado um do outro inconscientemente, como se não pudessem suportar a proximidade. De repente, o ambiente tornou-se tenso e Erica sentiu-se uma intrusa a testemunhar algo muito privado.

– Tenho pesquisado a história da sua família e descobri muita coisa. Se estiver interessada em saber o que encontrei, diga-me. Tenho todas as minhas notas em casa – disse Erica.

– É muito simpático da sua parte – afirmou Ebba sem entusiasmo, como se toda a energia tivesse sido drenada do seu corpo.

Compreendendo que não adiantava continuar a conversa, Erica levantou-se.

– Obrigada pelo tempo que me dispensaram. Depois digo qualquer coisa. Mas podem ligar-me quando quiserem. – Erica sacou o bloco para anotar o seu número de telemóvel e o *e-mail*. Depois arrancou a folha e entregou-a ao casal. Desligou o gravador e voltou a guardá-lo na mala.

– Sabe onde encontrar-nos. Não fazemos mais nada além de trabalhar na casa vinte e quatro horas por dia – disse Tobias.

– Sim, já tinha ouvido dizer. Conseguem fazer as obras todas sozinhos?

– A ideia era essa. Pelo menos, tudo o que conseguirmos.

– Se conhecer por aí alguém com queda para a decoração, diga-nos qualquer coisa – interrompeu Ebba. – Eu e Tobias não temos jeito nenhum para essas coisas.

Erica estava prestes a dizer que não conhecia ninguém quando teve uma ideia.

– Conheço uma pessoa fantástica; tenho a certeza de que vai ser capaz de vos ajudar. Quando conseguir falar com ela telefono-vos.

Erica despediu-se e contornou a casa. Torbjörn estava junto à entrada a dar instruções a dois membros da sua equipa.

– Que tal está a correr? – perguntou Erica em voz alta, tentando sobrepor a voz aos lamentos de uma motosserra.

– Não é da sua conta – gritou Torbjörn. – Daqui a umas horas telefono ao seu marido para lhe resumir o meu relatório. Por isso, logo à noite pode perguntar-lhe.

Erica riu-se e acenou-lhe. Ao avançar para o cais, a sua expressão tornou-se séria. Que teria acontecido aos pertences da família Elvander? Porque é que Ebba e Tobias se comportavam de modo estranho um com o outro? Que aconteceu ao filho deles? E, acima de tudo, será que estavam a dizer a verdade quando afirmaram que não faziam ideia de quem tinha tentado incendiar a casa? A conversa com Ebba podia não ter sido tão produtiva quanto Erica esperara, mas o seu cérebro era um turbilhão de atividade quando subiu para o barco e se dirigiu a Fjällbacka.

Gösta estava a murmurar para si próprio. As críticas de Mellberg não o

incomodavam, mas pareceram-lhe desnecessários aqueles protestos por ter levado para casa o processo de uma investigação. Não seria mais importante ter poupado uma data de tempo a todos? Era difícil encontrar as informações que tinham compilado naqueles tempos em que os computadores ainda não eram de uso comum e tinha-lhes poupado o trabalho de vasculhar os arquivos em busca do processo.

Pôs folhas e uma caneta ao seu lado e abriu a primeira pasta. Quantas horas da sua vida tinha já passado a estudar aquelas fotografias, a rever as transcrições das declarações e os relatórios da inspeção ao local do crime? No entanto, se queriam fazer aquilo corretamente, tinha de ser o mais metódico possível. Patrik atribuíra-lhe a tarefa de fazer uma lista das pessoas com quem tinham falado na investigação original e referir aquelas com quem era prioritário voltarem a conversar. Não podiam falar com toda a gente ao mesmo tempo, por isso era importante começarem pelas testemunhas-chave.

Gösta ia-se afundando cada vez mais na cadeira à medida que revia aqueles depoimentos que pouco adiantavam. Como já os tinha lido inúmeras vezes, sabia que não se podia retirar nada de concreto deles. Era uma questão de se focar nas nuances e ler nas entrelinhas. Mas Gösta estava com dificuldade em concentrar-se. O cérebro traía-o e estava constantemente a pensar na miúda, que agora era uma mulher. Fora muito estranho voltar a vê-la e ter uma imagem em carne e osso para acrescentar à que visualizava na sua mente.

Mudou de posição na cadeira, impaciente. Há anos que não mostrava qualquer interesse pelo trabalho e, por mais que quisesse fazer aquilo como devia ser, o cérebro não queria obedecer às novas instruções que tentava enviar-lhe. Pôs os relatórios de lado e dedicou-se antes a examinar lentamente as fotografias, entre as quais a de um dos rapazes que tinham ficado no colégio durante as férias. Gösta fechou os olhos e voltou a pensar naquele sábado de Páscoa de 1974, um dia ensolarado, embora gélido. Ele e o já falecido colega, Henry Ljung, tinham subido até à grande casa branca. Estava tudo tão silencioso, quase assustadoramente tranquilo, ou talvez essa sensação fosse produto da sua imaginação, passados todos estes anos. Mas recordava-se perfeitamente de tremer de frio enquanto se dirigiam para a casa. Tinham trocado olhares, sem saberem o que iriam encontrar após o estranho telefonema para a esquadra. O chefe da polícia daquela época tinha-os destacado para investigar a ocorrência. «O mais certo é serem miúdos a querer pregar-nos uma partida», disse o chefe, mas depois mandou-os ir a Valö – sobretudo para não poder ser acusado de negligência se, contra todas as probabilidades, aquilo acabasse por revelar-se mais do que uma brincadeira levada a cabo por um grupo de rapazes ricos entediados. A polícia enfrentara muitos problemas no início das aulas, mas depois de o chefe da polícia ter telefonado a Rune Elvander, os ânimos tinham serenado. Gösta não sabia como o diretor o conseguira, mas o que quer que tenha

feito resultara. Até àquele dia.

Gösta e Henry pararam à entrada do colégio. Não se ouvia o mais pequeno ruído no interior. Em seguida, os gritos agudos de uma criança quebraram o silêncio e despertaram-nos da inércia momentânea que parecia ter-se apoderado deles. Bateram uma vez e depois entraram. «Está cá alguém?», perguntara Gösta em voz alta. Sentado à secretária, todos aqueles anos depois, Gösta perguntava a si próprio como conseguia lembrar-se de tudo com tantos pormenores. Ninguém respondeu, mas os gritos da criança subiram de tom. Precipitaram-se em direção ao ruído e depois pararam abruptamente quando entraram na sala de jantar onde se encontrava uma bebé sozinha a gritar a plenos pulmões. Instintivamente, Gösta aproximou-se dela e pegou-lhe ao colo.

– Onde está o resto da família? – perguntou Henry, olhando em redor. – Está cá alguém? – gritou, voltando depois ao vestíbulo.

Nenhuma resposta.

– Vou ver lá em cima – disse Henry, e Gösta assentiu, completamente empenhado na tentativa de acalmar a bebé.

Nunca tinha pegado numa criança, por isso não sabia ao certo o que devia fazer para que ela parasse de chorar. Abanou-a atabalhoadamente nos braços, acariciando-lhe as costas e cantarolando uma melodia. Para sua surpresa, resultou. Os gritos da criança diminuíram, transformando-se em soluços. Gösta podia sentir-lhe o peito a subir e a descer quando lhe apoiou a cabeça no ombro. Continuou a embalá-la enquanto cantarolava, repleto de emoções que não conseguia verbalizar.

Henry regressou à sala de jantar e abanou a cabeça.

– Também não há ninguém lá em cima.

– Para onde terão ido? Como foram capazes de deixar uma bebé tão pequena sozinha? Podia ter-lhe acontecido uma desgraça.

– Realmente. E quem raio fez aquele telefonema? – Henry tirou o boné e coçou a cabeça.

– Achas que saíram para dar um passeio pela ilha? – Gösta lançou um olhar cético à mesa com a refeição de Páscoa parcialmente comida. – Mas a meio do almoço? Só pessoas muito estranhas fariam uma coisa dessas.

– Sem dúvida. – Henry voltou a pôr o boné. – E o que será que esta miúda tão engraçada está aqui a fazer sozinha? – perguntou com voz melodiosa, aproximando-se da criança que estava nos braços de Gösta.

A menina começou imediatamente a chorar, agarrando-se com tanta força ao pescoço de Gösta que ele mal conseguia respirar.

– Deixa-a em paz – disse, dando um passo atrás. Sentiu uma agradável satisfação preencher-lhe o peito e perguntou a si próprio como teria sido se o rapaz tivesse sobrevivido – o filho que ele e Maj-Britt tinham tido. Afastou rapidamente aquele

pensamento. Tinha-se decidido a não pensar em como tudo poderia ter sido. – O barco deles estava lá em baixo? – perguntou passado um momento, quando a criança parou de chorar.

Henry fez uma careta.

– Havia um barco atracado no cais, mas eles não têm dois? Penso que compraram o barco de Sten-Ivar o ano passado e só vi o barco de fibra de vidro. Mas será que realmente saíram no barco e deixaram a bebé para trás? Apesar de serem gente da cidade, de certeza que não são assim tão malucos.

– Inez é daqui – corrigiu automaticamente Gösta. – A família dela é de Fjällbacka e é bastante antiga.

Henry suspirou.

– Bem, é mesmo muito estranho. Julgo que vamos ter de levar a criança connosco para o continente e depois esperar que alguém apareça – disse, virando-se para sair.

– A mesa está posta para seis pessoas – afirmou Gösta.

– Sim, mas estamos nas férias da Páscoa, portanto, quase de certeza que só está cá a família.

– Achas que devemos deixar isto assim? – A situação era no mínimo estranha e aquele desvio da rotina inquietava Gösta. Fez uma pausa para pensar. – *Okay*, vamos fazer o que sugeriste e levar a bebé connosco. Se ninguém disser nada, amanhã voltamos cá. Se entretanto não tiverem regressado, vamos ter de assumir que lhes aconteceu alguma coisa. E, nesse caso, isto será um local de crime.

Ainda sem terem a certeza de estar a fazer o mais acertado, saíram, fechando a porta atrás deles. Caminharam em direção ao cais e, quando estavam apenas a uma curta distância, viram um barco a aproximar-se.

– Olha, é o barco de Sten-Ivar – disse Henry, apontando para a embarcação.

– Vejo várias pessoas. Talvez seja o resto da família.

– Se for, vou dizer-lhes das boas. Como é que foram capazes de deixar esta menina para aqui sozinha? Mereciam era levar uma boa tarefa!

Henry caminhou em grandes passadas até ao cais. Gösta teve de correr para o acompanhar, mas não se atrevia a ir mais depressa com medo de tropeçar e deixar cair a criança. O barco acostou e um rapaz que parecia ter quinze anos saltou para fora dele. Tinha o cabelo muito preto e fulminava-os com o olhar.

– Porque é que a Ebba está convosco? – rosnou.

– E quem é você? – perguntou Henry quando o rapaz se pôs à sua frente com as mãos nas ancas.

Mais quatro rapazes saíram do barco e aproximaram-se de Henry e de Gösta, que já tinha alcançado o colega.

– Onde estão a Inez e o Rune? – perguntou o rapaz do cabelo preto. Os outros estavam por detrás dele, esperando em silêncio. Era obviamente o líder do grupo.

– Isso também nós gostávamos de saber – disse Gösta. – Alguém telefonou para a esquadra a dizer que tinha acontecido aqui alguma coisa e, quando chegámos, encontrámos a bebé sozinha em casa.

O rapaz olhou para Gösta com surpresa.

– A Ebba estava sozinha?

«Com que então chama-se Ebba», pensou Gösta. A menina cujo coração, agora encostado ao seu, batia aceleradamente.

– São alunos do Rune? – perguntou Henry com voz autoritária. Mas o rapaz não pareceu intimidado. Fitou calmamente o agente e respondeu educadamente:

– Somos alunos do colégio. Ficámos cá nas férias.

– Onde estiveram? – Gösta lançou-lhes um olhar severo.

– Saímos de barco ao princípio da manhã. A família ia fazer um almoço de Páscoa, mas não fomos convidados. Por isso resolvemos ir pescar, «formar o carácter».

– Pescaram alguma coisa? – O tom de voz de Henry mostrava que não acreditava na história do rapaz.

– Apanhámos uma carrada de peixe – respondeu, apontando para o barco.

Gösta olhou para a embarcação e viu um cabo, cuja outra extremidade estava dentro de água, firmemente amarrado à popa.

– Têm de vir connosco até à esquadra. Temos de descobrir o que está a acontecer – disse Henry, começando a caminhar para o seu próprio barco.

– Não podemos lavar-nos primeiro? Estamos nojentos e tresandamos a peixe – disse um dos rapazes com ar alarmado.

– Façam o que diz o agente – disse em tom irritado o rapaz que parecia liderar o grupo. – Claro que vamos convosco. Peço desculpa se fomos mal-educados. Ficámos perturbados por ver a Ebba com estranhos. Chamo-me Leon Kreutz – disse, e estendeu a mão para cumprimentar Gösta.

Henry já tinha embarcado e estava à espera deles. Segurando Ebba nos braços, Gösta seguiu os rapazes. Lançou um último olhar à casa. Onde raio estava aquela família? Que tinha acontecido ali?

Gösta voltou ao presente. As recordações eram tão vivas que quase sentia o calor da menina nos braços. Endireitou-se e retirou uma fotografia do maço. Tinha sido tirada na esquadra, no sábado de Páscoa. Mostrava os cinco rapazes: Leon Kreutz, Sebastian Månsson, John Holm, Percy von Bahrn e Josef Meyer. Tinham o cabelo desgrenhado, as roupas sujas e expressões sombrias. Todos, exceto Leon, que sorria alegremente para a máquina fotográfica e parecia mais velho do que os seus dezasseis anos. Era um rapaz muitíssimo bem-parecido, apercebeu-se Gösta ao olhar fixamente para a velha fotografia. Na altura não tinha pensado muito nisso. Folheou o processo. Leon Kreutz. «Que terá sido feito dele?» Gösta tomou uma nota. Dos

cinco rapazes, fora Leon quem lhe deixara uma impressão mais forte na memória. Seria boa ideia começar por ele.

FJÄLLBACKA, 1920

A BEBÉ CHORAVA CONSTANTEMENTE, DIA E NOITE, E MESMO QUE DAGMAR TAPASSE OS OUVIDOS COM AS MÃOS E GRITASSE, NÃO CONSEGUIA ABAFAR O RUÍDO. SÓ OUVIA A CRIANÇA A GRITAR E OS VIZINHOS A BATER NA PAREDE.

NÃO ERA ASSIM QUE AS COISAS DEVIAM ACONTECER. DAGMAR AINDA PODIA SENTIR AS MÃOS DE HERMANN A PERCORRER-LHE O CORPO, VER OS OLHOS DO PILOTO ENQUANTO ESTAVA DEITADA NA CAMA AO LADO DELE, NUA. ESTAVA CONVENCIDA DE QUE HERMANN SENTIA O MESMO POR ELA, PORTANTO, DE VIA TER-LHE ACONTECIDO ALGUMA COISA. CASO CONTRÁRIO NÃO A TERIA DEIXADO ENTREGUE ÀQUELA VIDA DE POBREZA E DEGRADAÇÃO. TALVEZ TIVESSE SIDO FORÇADO A REGRESSAR À ALEMANHA. SEM DÚVIDA QUE PRECISAVAM LÁ DELE. HERMANN ERA UM HERÓI QUE OBEDIENTEMENTE TINHA RESPONDIDO QUANDO O PAÍS O CONVOCARA, INDEPENDENTEMENTE DO DESGOSTO QUE TERIA DE SUPORTAR AO DEIXÁ-LA PARA TRÁS.

ANTES DE SE APERCEBER DE QUE ESTAVA GRÁVIDA, DAGMAR PROCURARA-O POR TODOS OS MEIOS AO SEU ALCANCE. ESCRIVERA CARTAS PARA A LEGAÇÃO ALEMÃ EM ESTOCOLMO E PERGUNTARA A TODAS AS PESSOAS QUE CONHECIA SE SABIAM DO HERÓI DE GUERRA HERMANN GÖRING E O QUE LHE TINHA ACONTECIDO. QUANDO HERMANN SOUBESSE QUE DERA À LUZ O SEU FILHO, DE CERTEZA QUE IA REGRESSAR. POR MAIS IMPORTANTE QUE FOSSE O SEU TRABALHO NA ALEMANHA, HERMANN LARGARIA TUDO PARA SALVÁ-LAS, A ELA E A LAURA. NUNCA PERMITIRIA QUE VIVESSEM NAQUELA MISÉRIA, NO MEIO DAQUELAS PESSOAS REPUGNANTES QUE OLHAVAM PARA ELA E SE RECUSAVAM A ACREDITAR NA SUA HISTÓRIA QUANDO LHES DIZIA QUEM ERA O PAI DE LAURA. FICARIAM SURPREENDIDAS QUANDO HERMANN APARECESSE À SUA PORTA, TÃO BONITO NO SEU UNIFORME DE PILOTO, DE BRAÇOS ABERTOS E COM UM AUTOMÓVEL CHIQUÊ À ESPERA.

A CRIANÇA CHORAVA CADA VEZ MAIS ALTO NO BERÇO E DAGMAR SENTIU A RAIVA CRESCER DENTRO DELA. NÃO TINHA PAZ POR UNS MINUTOS QUE FOSSE. A BEBÉ ESTAVA A FAZER AQUILO DELIBERADAMENTE, ERA ÓBVIO PELA SUA EXPRESSÃO. APESAR DE SER TÃO PEQUENA, MOSTRAVA TANTO DESPREZO POR DAGMAR COMO TODAS AS OUTRAS PESSOAS. ODIAVA-OS A TODOS. ELES QUE ARDESSEM NO INFERNO, TODAS AS COSCUVILHEIRAS E TODOS OS SACANAS LASCIVOS QUE, APESAR DA CHACOTA, IAM TER COM ELA DE NOITE, PAGANDO-LHE UMA NINHARIA PARA O ENFIAR DENTRO DELA. DEITAVAM-SE EM CIMA DELA E GEMIAM E ARFAVAM – PARA ISSO JÁ PARECIA SERVIR.

DAGMAR AFASTOU O COBERTOR E DIRIGIU-SE À COZINHA MINÚSCULA. TODAS AS SUPERFÍCIES ESTAVAM PEJADAS DE PRATOS SUJOS E UM CHEIRO REPUGNANTE ELEVAVA-SE DOS RESTOS DE COMIDA EM DECOMPOSIÇÃO. ABRIU A PORTA DA DESPENSA. ESTAVA VAZIA, À EXCEÇÃO DE UMA GARRAFA DE ÁLCOOL QUE UM FARMACÊUTICO LHE DERA. PEGOU NELA E

LEVOU-A ATÉ À CAMA. A FILHA CONTINUAVA A CHORAR E OS VIZINHOS ESTAVAM OUTRA VEZ A BATER NA PAREDE, MAS DAGMAR NÃO SE IMPORTAVA. EXTRAIU A ROLHA, SERVIU-SE DA MANGA DA CAMISA DE DORMIR PARA LIMPAR O GARGALO E DEU UMA GRANDE GOLADA. SE BEBESSE O SUFICIENTE, TODOS AQUELES RUÍDOS PERSISTENTES EM SEU REDOR DESAPARECERIAM.



Com uma enorme expectativa, Josef abriu a porta da sala de trabalho de Sebastian. Na mesa encontravam-se os projetos do edifício que, esperava, albergaria o museu num futuro não muito distante.

– Parabéns! – disse Sebastian, aproximando-se para o cumprimentar. – A Câmara Municipal comprometeu-se a apoiar o projeto – acrescentou, dando-lhe uma palmada nas costas.

– Ótimo – retorquiu Josef. – Na verdade, não esperara outra coisa. Como poderiam dizer que não a uma oportunidade tão incrível? Quando podemos começar?

– Calma! Não me parece que estejas a perceber o trabalho que temos pela frente. Temos de começar a produzir os símbolos da paz, planear a construção, elaborar um orçamento. Acima de tudo, temos de angariar muito dinheiro.

– Mas a viúva Grünewald dá-nos o terreno e tivemos muitas doações. Além disso, uma vez que és o empreiteiro, não és tu a decidir quando começam as obras?

Sebastian riu-se.

– Lá porque a empresa é minha, não significa que podemos construir o museu de borla. Tenho de pagar os salários aos trabalhadores e temos de comprar os materiais de construção. Isto vai sair caro – afirmou, batendo com o dedo nos projetos. – Vou ter de subcontratar uma parte dos serviços e os tipos não vão trabalhar de graça. Não são como eu.

Josef suspirou e sentou-se numa cadeira. O seu ceticismo em relação aos argumentos de Sebastião era mais do que muito.

– Vamos começar pelo granito – disse Sebastian, apoiando os pés na mesa. – Fiz uns esboços porreiros de como os símbolos de paz podiam ficar. Depois temos de montar uma campanha de *marketing* apelativa e desenvolver uma embalagem atraente, e então podemos começar a vender esta coisada toda – fez um sorriso rasgado quando viu a expressão de Josef.

– Ri-te à vontade. Para ti trata-se apenas de dinheiro. Não compreendes o valor simbólico disto? O granito ia fazer parte do Terceiro Reich, mas em vez disso vai ser um testemunho da derrota dos nazis e da vitória das forças do bem. Podemos fazer qualquer coisa dele e, conseqüentemente, criar isto. – Josef apontou para os projetos. Estava tão zangado que quase tremia de raiva.

O sorriso de Sebastian tornou-se ainda mais amplo. Abriu as mãos.

– Ninguém te obriga a trabalhar comigo. Podemos rasgar o nosso contrato aqui e agora e podes ir ter com quem quiseres.

O pensamento era tentador e, por um momento, Josef pensou fazer exatamente isso. Mas depois deixou-se cair na cadeira. Precisava de concluir aquele projeto. Até agora não fizera mais do que desperdiçar a sua vida. Não tinha nada para mostrar ao mundo, nada que pudesse honrar a memória dos pais.

– Sabes perfeitamente que és a única pessoa a quem posso recorrer – disse por fim.

– E vamos manter-nos unidos. – Sebastian tirou os pés de cima da mesa e inclinou-se para a frente. – Conhecemo-nos há muito tempo. Somos irmãos e tu sabes como eu sou. Nunca deixo de ajudar um irmão.

– Claro, vamos manter-nos unidos – disse Josef. Lançou a Sebastian um olhar perscrutador. – Ouviste dizer que o Leon regressou?

– Ouvi um rumor vago. Imagina tu, vê-lo por cá outra vez. E a lá. Nunca pensei que isso fosse acontecer.

– Parece que compraram uma casa que estava à venda por cima de Brandparken.

– Têm dinheiro para isso, não é verdade? Então, porque não haveriam de gastá-lo? Aliás, talvez Leon gostasse de investir no projeto. Já lhe perguntaste?

Josef abanou a cabeça. Faria tudo para acelerar o projeto do museu. Tudo menos aproximar-se de Leon.

– Ontem vi o Percy – disse laconicamente Sebastian.

– Como está ele? – Josef ficou satisfeito por mudar de assunto. – Ainda tem o palacete?

– Sim, tem sorte por ser o fideicomissário de Fygelsta. Se tivesse de repartir a herança com os irmãos, há muito que teria falido. Mas parece que os fundos dele secaram e foi por isso que me contactou. Para pedir uma *ajuda temporária*, como ele disse – Sebastian esboçou aspas no ar. – Claro que o fisco anda atrás dele e essa gente não se deixa iludir com antepassados nobres e um nome fino.

– Vais ajudá-lo?

– Não faças um ar tão preocupado. Ainda não decidi. Mas, como eu disse, nunca deixo de ajudar um irmão e Percy é tão meu irmão quanto tu. Certo?

– Claro – disse Josef, olhando pela janela para o mar. Eram irmãos para toda a eternidade, unidos pela escuridão. Os olhos regressaram aos projetos. A escuridão seria expulsa pela luz. Fá-lo-ia pelo pai. E por si próprio.

– O que se passa com o Martin? – Patrik estava à entrada do gabinete de Annika. Não gostava de intrometer-se, mas não aguentava mais, era óbvio que havia algum problema.

Annika virou-se para Patrik, juntando as mãos no colo.

– Não posso dizer nada. O Martin conta-te quando estiver preparado.

Patrik suspirou e uma data de pensamentos rodopiavam-lhe na cabeça quando se sentou na cadeira reservada às visitas que havia junto à porta.

– Então, o que achas deste caso?

– Acho que tens razão. – Annika estava claramente aliviada por Patrik ter mudado de assunto. – O incêndio e o desaparecimento estão de alguma forma relacionados. E, tendo em conta o que se descobriu debaixo do soalho, é provável que alguém receasse que a Ebba e o marido o encontrassem ao recuperar a casa.

– A minha querida esposa anda fascinada pela história da família desaparecida há muito tempo.

– E agora estás preocupado que ela meta o seu lindo nariz na investigação – acrescentou Annika.

– Sim, lá isso estou, mas espero que desta vez a Erica seja suficientemente inteligente para não se intrometer.

Annika sorriu e Patrik apercebeu-se de que não acreditava nas suas próprias palavras.

– Como tem tanto jeito para recolher informações, o mais certo é já ter conseguido um monte de material relacionado com o caso. Desde que não interfira na nossa investigação, pode ser que até consiga ajudar-nos – disse Annika.

– O problema é que a Erica não tem muito jeito para não interferir.

– Mas *tem* jeito para tomar conta dela própria. Então, por onde pensas começar?

– Não tenho a certeza. – Patrik cruzou as pernas e mexeu distraidamente a ponta do sapato. – Temos de falar com todas as pessoas que estiveram envolvidas quando se deu o desaparecimento. O Gösta está a atualizar os contactos de todos os professores e alunos. O mais importante é termos uma conversa com os cinco rapazes que estavam na ilha naquele dia. Pedi ao Gösta para fazer uma lista das pessoas mais importantes com quem temos de falar para decidir por quem havemos de começar. Estava a pensar que tu podias investigar o passado deles, com base no que o Gösta descobrir. Não tenho grande fé na capacidade de organização dele, por isso devia ter-te pedido para trabalhares com ele nessa tarefa. Mas o Gösta é a pessoa que está mais a par do caso.

– Pelo menos parece muito empenhado. Para variar – disse Annika. – E julgo que sei porquê. Ouvi dizer que o Gösta e a mulher acolheram a pequena Elvander durante algum tempo.

– A Ebba viveu com o Gösta?

– Foi o que ouvi dizer.

– Isso explica porque é que estava a agir de modo tão estranho na ilha. – Patrik recordou a maneira como Gösta tinha olhado para Ebba. Como lhe tocara no braço.

– Provavelmente foi por isso que nunca foi capaz de esquecer o caso. Parece que

eram muito ligados à miúda. – O olhar de Annika pousou na grande fotografia emoldurada de Leia que tinha em cima da secretária.

– Isso faz sentido – disse Patrik. Havia tanta coisa que não sabia, tanto que precisava de descobrir sobre o que aconteceu naquele tempo em Valö. De repente, a tarefa que tinha pela frente pareceu-lhe assustadora. Seria realmente possível resolver aquele caso passados tantos anos? E qual seria a urgência de o fazer?

– Achas que quem tentou incendiar a casa vai tentar outra vez? – perguntou Annika como se lhe tivesse lido os pensamentos.

Patrik refletiu. Depois assentiu.

– É possível. Não podemos dar-nos ao luxo de correr riscos. Vamos ter de trabalhar depressa para descobrir o que realmente aconteceu naquele sábado de Páscoa. Quem quer que tenha tentado fazer mal à Ebba e ao Tobias deve ser travado antes de voltar a atacar.

Anna estava nua em frente ao espelho e tinha lágrimas nos olhos. Não se reconhecia a si própria. Lentamente, ergueu a mão para tocar no cabelo. Quando voltara a crescer, após o acidente, estava mais escuro e mais fino do que antes e continuava muito mais curto. Uma visita ao cabeleireiro podia resolver o problema, mas a ideia não lhe agradava. Um novo corte de cabelo não ia mudar-lhe o corpo.

Com a mão trémula, Anna acompanhou as cicatrizes que lhe cruzavam a pele, formando como que um mapa. As linhas tinham-se desvanecido um pouco, mas nunca desapareceriam completamente. Beliscou distraidamente o rolo de gordura na cintura. Sempre conseguira manter-se magra sem grande esforço e tinha muito orgulho na sua figura. Agora, olhava com repugnância para a sua carne gorda. Por causa dos ferimentos, não fora capaz de se mexer muito e não se tinha preocupado com o que comia. Anna ergueu a cabeça para estudar o rosto, mal se atrevendo a olhar nos próprios olhos. Graças às crianças e a Dan, tinha conseguido regressar à vida, vinda de uma escuridão que tinha sido pior do que qualquer coisa que alguma vez vivera, pior ainda do que aqueles anos passados com Lucas. A questão agora era saber se tinha valido a pena. Ainda não sabia a resposta.

O som da campainha assustou-a. Estava sozinha em casa, por isso teria de ir ver quem era. Dando uma última olhadela ao corpo, Anna vestiu roupas confortáveis, que estavam amontoadas no chão, e correu escada abaixo. Quando viu Erica do lado de fora da porta ficou aliviada.

– Olá. Que estavas a fazer? – perguntou Erica.

– Nada de especial. Entra. Onde estão os miúdos?

– Em casa. A Kristina está a tomar conta deles. Precisava de fazer umas coisas, por isso pensei em passar por cá antes.

– Boa ideia – disse Anna, dirigindo-se à cozinha para fazer café. Imaginou

novamente a carne branca e gorda que vira no espelho, mas afastou a imagem e tirou alguns bolos de chocolate do frigorífico.

– Oh, não, não me atrevo a comer nem um bolo desses – disse Erica, franzindo a testa. No fim de semana passado vesti um biquíni e não foi uma visão agradável.

– Como é que podes dizer isso? Estás ótima – afirmou Anna, incapaz de esconder uma pontinha de amargura. Erica seguiu-a até ao pequeno pátio nas traseiras da casa.

– Estes móveis de jardim são giros. São novos? – perguntou Erica, passando a mão sobre a madeira pintada de branco.

– Sim, encontrámo-los na loja do Paulsson, perto do antigo supermercado Evas Livs. Tu sabes onde é.

– Tens mesmo jeito para encontrar coisas bonitas – disse Erica, sabendo que Anna ia gostar da ideia que tinha tido.

– Obrigada. Então e onde estiveste hoje?

– Na colónia balnear – respondeu Erica. E contou a Anna a visita que fizera a Ebba e a Tobias.

– Que emocionante. Quer dizer que descobriram sangue, mas nenhum cadáver? Bem, mas alguma coisa deve ter acontecido por lá.

– Parece que sim. – Erica esticou o braço para alcançar um bolo. Pegou numa faca para dividi-lo ao meio, mas mudou de ideias e voltou a pousá-la. Deu uma dentada no bolo.

– Sorri – disse Anna, sentindo-se momentaneamente invadida por uma agradável alegria infantil.

Erica percebeu exatamente o que estava a passar pela cabeça da irmã e fez um sorriso rasgado, mostrando os dentes cobertos de chocolate.

– E esta – disse Erica, pegando em duas palhinhas que estavam numa bandeja. Enfiou uma em cada narina, entortou os olhos e sorriu, revelando uma vez mais os dentes castanhos.

Anna não conseguiu conter uma risada. Lembrou-se de como quando eram crianças adorava que a irmã mais velha fizesse de palhaço. Erica era sempre tão adulta e séria, mais como uma mãe do que como uma irmã mais velha.

– Aposto que já não consegues beber pelo nariz como costumavas – disse Erica.

– Claro que consigo – respondeu Anna, sentindo-se insultada. Enfiou uma palhinha em cada narina, inclinou-se para a frente e enfiou-as no copo. Inspirou pelo nariz. Quando o sumo lhe chegou às narinas, começou a tossir e a espirrar incontrolavelmente, e Erica desatou a rir às gargalhadas.

– Mas que maluquice é essa?

Dan entrara sem que tivessem ouvido e, quando viram a sua expressão, as irmãs iam caindo das cadeiras de tanto rir. Apontaram uma para a outra e tentaram

explicar, mas estavam a rir tanto que não conseguiam proferir uma única palavra.

– Já vi que não devia ter voltado para casa sem ter avisado. – Dan abanou a cabeça e saiu.

Por fim, as irmãs acalmaram-se e Anna notou que o nó que sentia na boca do estômago diminuía um pouco. Ao longo dos anos, já tinham tido as suas desavenças, mas ninguém conseguia influenciar Anna tão profundamente como a irmã. Ninguém a irritava como Erica, mas também ninguém a conseguia fazer tão feliz. Estavam ligadas para sempre por um elo invisível e Anna apercebeu-se de quanto precisava da irmã ao vê-la sentada à sua frente a limpar dos olhos as lágrimas de riso.

– Depois de Dan te ter visto assim, é melhor não contares com abraços nem beijos hoje à noite – disse Erica.

Anna resfolegou.

– Duvido que isto faça alguma diferença. Mas vamos mudar de assunto. Parece-me um pouco incestuoso falar da minha vida sexual com a minha irmã se pensar que o meu noivo dormia com ela.

– Meu Deus, isso foi há cem anos. Para ser franca, nem sequer me lembro de como ele é nu.

Anna enfiou teatralmente os dedos nos ouvidos e Erica abanou a cabeça, dando uma gargalhada.

– *Okay*, é melhor ficar calada. Vamos falar de uma coisa completamente diferente.

Anna tirou os dedos dos ouvidos.

– Conta-me lá como foi em Valö. Como é a filha? Como é que se chama? Ebba?

– Sim, Ebba – disse Erica. – Está a viver lá com o marido, Tobias. Estão a recuperar a casa para abrir uma pousada.

– Achas que isso vai resultar? Temos uma época turística tão curta.

– Não faço a mais pequena ideia, mas suspeito de que não estão a fazer aquilo por dinheiro. O projeto parece ter uma finalidade diferente.

– Bem, talvez resulte. O sítio tem potencial.

– Eu sei. E é aí que tu entras. – Erica apontou para a irmã com um toque de excitação na voz.

– Eu? – perguntou Anna. – Onde é que eu entro nisso tudo?

– Não entras. Pelo menos por enquanto. Mas podias entrar. Tive uma ideia fantástica.

– Sempre tão modesta. – Anna riu-se, mas a sua curiosidade tinha sido despertada.

– Na verdade, Ebba e Tobias é que tocaram no assunto. Têm jeito para fazer as obras de recuperação da casa, o trabalho manual, mas precisam de ajuda com os

toques finais, para criar o ambiente certo. E é exatamente de ti que eles precisam: tu tens um dom para a decoração, percebes de antiguidades e tens bom gosto. Portanto, és a pessoa perfeita para o trabalho! – Erica prendeu a respiração e bebericou o seu sumo.

Anna mal podia acreditar no que ouvira. Aquela podia ser uma maneira de descobrir se conseguia trabalhar como decoradora por conta própria. Aquele podia ser o seu primeiro trabalho. Podia sentir um sorriso a formar-se no rosto.

– Que lhes disseste? Achas que querem contratar alguém? E têm posses para isso? Que tipo de estilo pensas que têm em mente? Não precisa necessariamente de custar uma data de dinheiro. Até era mais divertido dar a volta aos leilões de província e descobrir bons móveis e peças de decoração a preços imbatíveis. Acho que, lá na ilha, um estilo romântico algo antiquado resultava melhor e sei onde encontrar uns tecidos lindíssimos, e...

Erica ergueu a mão.

– Ei, acalma-te! A resposta é não, não lhes falei de ti. Tudo o que disse foi que talvez conhecesse alguém que podia ajudar. Não faço ideia de qual é o orçamento deles, mas porque não lhes telefonas? Depois podíamos ir lá as duas e ter uma reunião com eles, se estiverem interessados.

Anna semicerrou os olhos e fitou Erica.

– Só queres uma desculpa para ir lá outra vez bisbilhotar.

– Talvez... Mas continuo a achar que era ótimo para ti se os conhecesses. Ias ser uma mais-valia enorme para o projeto.

– Realmente tenho andado a pensar em criar um negócio qualquer.

– Então vamos a isso! Vou dar-te o número deles para lhes telefonares.

Anna sentiu uma centelha de algo novo a acender-se dentro dela. Entusiasmo. Essa era provavelmente a palavra que melhor descrevia o que sentia. Pela primeira vez em muito tempo sentia-se verdadeiramente entusiasmada.

– *Okay*, dá-me o número antes que mude de ideias – disse Anna, pegando no telemóvel.

A entrevista continuava a atormentá-lo. Era tão frustrante ter de ficar para ali a ouvi-lo falar sem poder dizer o que pensava. O jornalista com quem tinha falado naquela manhã era um idiota. A maior parte das pessoas eram idiotas. Recusaram-se a ver as coisas como realmente eram, o que fazia com que a sua responsabilidade fosse ainda maior.

– Achas que o partido vai ser prejudicado? – John Holm rodou o copo de vinho nas mãos.

A mulher encolheu os ombros.

– Provavelmente não. O jornal dele não é dos mais importantes. – Liv compôs o

cabelo atrás da orelha e pôs os óculos para começar a ler o monte de documentos que tinha à frente.

– Não é preciso muito para uma entrevista ser recuperada por outros jornais. Andam atrás de nós como falcões, sempre alerta, à espera do mais pequeno motivo para atacar.

Liv olhou para o marido por cima dos óculos de leitura.

– Não me digas que estás surpreendido. Sabes muito bem quem controla os média deste país.

Holm assentiu.

– Não precisas de ensinar a missa ao padre.

– Mas, depois das próximas eleições, as coisas vão ser diferentes. As pessoas vão finalmente despertar para o que está a acontecer na nossa sociedade. – Liv lançou-lhe um sorriso triunfante e voltou a folhear os documentos.

– Gostava de ter a tua fé. Às vezes interrogo-me se a opinião pública alguma vez vai compreender. Será que os suecos se tornaram demasiado preguiçosos e estúpidos, demasiado multiculturais e degenerados para compreender que a praga se está a disseminar? Se calhar têm tão pouco sangue puro a correr-lhes nas veias que já não vale a pena continuarmos o nosso trabalho.

Liv parou de ler. Os olhos brilhavam enquanto avaliava o marido.

– Ouve uma coisa, John. Desde que nos conhecemos que tens um objetivo muito claro. Sempre soubeste o que tens de fazer, aquilo para que estás destinado. Se ninguém ouvir... Bem, então tens de falar mais alto. Se alguém questionar os teus pontos de vista, então tens de apresentar-lhes um argumento melhor. Finalmente temos um assento no parlamento e foi o povo, as mesmas pessoas de quem estás agora a duvidar, que achou por bem pôr-nos lá. Esquece esse jornalista insignificante a mandar postas de pescada sobre os números da nossa proposta de orçamento. Sabemos que temos razão e isso é a única coisa que interessa.

Holm sorriu a Liv.

– Quando te conheci na juventude do partido falavas exatamente da mesma maneira. Embora tenha de dizer que ficas melhor com cabelo do que sem – aproximou-se e beijou o topo da cabeça da mulher.

Além do temperamento explosivo e da retórica feroz, não havia nada naquela mulher fria e elegantemente vestida que lhe recordasse a *skinhead* ataviada com roupas militares por quem se tinha apaixonado. Mas agora amava-a mais do que nunca.

– É só um artigo num jornal local, nada mais. – Liv apertou a mão que John lhe pusera no ombro.

– Se calhar tens razão – disse, embora não conseguisse livrar-se de uma sensação desconfortável. Tinha de levar a cabo o plano que estabelecera para si próprio. A

praga tinha de ser erradicada e cabia-lhe fazê-lo. Só gostava de ter mais tempo para o fazer.

A sensação dos azulejos da casa de banho contra a testa era maravilhosa. Ebba fechou os olhos e deixou aquela frescura invadi-la.

– Ainda não vens deitar-te?

Ouviu a voz de Tobias vinda do quarto, mas não respondeu. Não queria ir deitar-se. Sempre que se deitava ao lado de Tobias sentia que estava a trair Vincent. No primeiro mês nem sequer suportava estar na mesma divisão com ele. Não conseguia sequer olhar para Tobias e, se por acaso captasse o olhar dele no espelho, virava a cara. Só conseguia sentir culpa.

Os pais tinham-lhe feito companhia vinte e quatro horas por dia, tomando conta dela como se Ebba fosse um bebé. Tinham conversado com a filha, insistindo desesperadamente que ela e Tobias precisavam um do outro. Por fim, Ebba começou a acreditar neles e optou por ceder, porque assim era tudo mais fácil.

Lenta e relutantemente, Ebba começara a aproximar-se do marido. Voltou para casa. Passaram aquelas primeiras semanas em silêncio, com medo do que podia acontecer se comesçassem a falar um com o outro e dissessem algo que nunca mais poderia ser retirado. Então começaram a dizer coisas comuns.

«Passas-me a manteiga, se faz favor?»

«Já lavaste a roupa?»

Assuntos inofensivos e inocentes que não podiam provocar quaisquer acusações. Com o passar do tempo, as frases foram ficando maiores e Ebba e Tobias foram encontrando mais temas de conversa seguros. Começaram a falar sobre Valö. Foi Tobias quem sugeriu que deviam mudar-se para lá. Mas Ebba também tinha visto naquilo uma oportunidade de deixar para trás tudo o que lhes fizesse lembrar uma vida diferente. Uma vida que podia não ter sido perfeita, mas que pelo menos tinha sido feliz.

Sentada na casa de banho, de olhos fechados e com a testa pressionada contra os azulejos, Ebba começou pela primeira vez a questionar-se se tinham tomado a atitude certa. A casa tinha sido vendida, a casa onde Vincent tinha vivido toda a sua curta vida. O lugar onde lhe tinham mudado as fraldas, onde tinham passado noites acordados a embalá-lo nos braços, a casa onde o filho aprendera a gatinhar, a andar e a falar. Essa casa já não lhes pertencia e Ebba perguntou a si própria se tinham realmente tomado uma decisão ou se se tinham simplesmente afastado.

E agora estavam ali. Numa casa onde talvez nem sequer estivessem em segurança e onde todo o soalho da sala de jantar tinha sido levantado porque fora ali que a sua família tinha sido eliminada. Aquilo estava a afetá-la mais do que estava disposta a admitir. Quando estava a crescer, Ebba não tinha dedicado muito tempo a especular

sobre as suas raízes. Mas não podia continuar a pôr o passado de lado. Ao ver aquela mancha escura que tinha estado escondida sob o soalho, compreendera num instante de terrível clarividência que aquele não era um enigma vago, era algo muito real. Era de presumir que a mãe e o pai tinham morrido precisamente naquele sítio e, por algum motivo estranho, isso parecia mais real do que a noção de que possivelmente alguém os tentara matar aos dois. Ebba não sabia como ia lidar com aquela realidade, como conseguiria viver nela, mas não havia mais nenhum sítio para onde ir.

– Ebba?

Pela voz de Tobias, Ebba percebeu que, se não respondesse, o marido iria à sua procura. Então, ergueu a cabeça e disse na direção da porta:

– Vou já!

Demorou-se a escovar os dentes enquanto se examinava ao espelho. Desta vez não desviou o olhar. Olhou fixamente para aquela mulher com expressão mortíça, para a mãe que já não tinha o seu filho. Então cuspiu para o lavatório e limpou a boca a uma toalha.

– Demoraste tanto! – Tobias tinha um livro aberto nas mãos, mas Ebba reparou que o marido ia na mesma página onde tinha ficado na noite anterior.

Ebba não disse nada, limitando-se a levantar as cobertas e a enfiar-se na cama. Tobias pousou o livro na mesa de cabeceira e desligou a luz. As cortinas que tinham posto quando se mudaram faziam com que o quarto ficasse escuro como breu, mesmo que lá fora nunca escurecesse por completo.

Ebba deixou-se ficar ali, imóvel, a olhar para o teto. Sentiu a mão de Tobias a procurar a sua no escuro. Fingiu não perceber, mas, como sempre, Tobias não retirou a mão. Em vez disso, fê-la deslizar suavemente em direção à sua coxa, sob a *T-shirt*, para acariciar-lhe a barriga. Ebba sentiu as náuseas a subirem-lhe à garganta enquanto a mão continuava a subir, aflorando-lhe os seios. Os mesmos seios que tinham amamentado Vincent, os mesmos mamilos que a sua boca pequena tinha tão avidamente sugado.

A bÍlis encheu-lhe a boca e Ebba saltou da cama, correndo para a casa de banho. Mal conseguiu levantar a tampa da sanita antes de despejar o conteúdo do estômago. Quando acabou, deixou-se cair no chão, exausta. Do quarto, ouviu Tobias a chorar.

FJÄLLBACKA, 1925

DAGMAR FITOU O JORNAL NO CHÃO. LAURA ESTAVA PUXAR-LHE A MANGA DA BLUSA, DIZENDO «MAMÃ, MAMÃ» VEZES SEM CONTA, MAS DAGMAR NÃO LHE LIGOU NENHUMA. ESTAVA COMPLETAMENTE FARTA DE OUVIR AQUELA VOZ EXIGENTE E LAMURIENTA, E AQUELA PALAVRA ERA REPETIDA TANTAS VEZES QUE PENSOU QUE IA ENLOUQUECER. LENTAMENTE, INCLINOU-SE E PEGOU NO JORNAL. JÁ ERA TARDE E ESTAVA A TER DIFICULDADE EM VER CLARAMENTE, MAS NÃO HAVIA ABSOLUTAMENTE NENHUMA DÚVIDA. EM LETRAS PRETAS, O TÍTULO ANUNCIAVA: « GÖRING, O ÁS ALEMÃO, REGRESSA À SUÉCIA.»

– MAMÃ, MAMÃ! – LAURA ESTAVA A PUXÁ-LA AINDA COM MAIS FORÇA E DAGMAR DEU-LHE UMA BOFETADA TAL QUE A MENINA CAIU DO BANCO E COMEÇOU A CHORAR.

– PARA DE CHORAMINGAR! – DISSE DAGMAR COM IRRITAÇÃO. DETESTAVA AQUELE CHORO FINGIDO. NÃO FALTAVA NADA ÀQUELA CRIANÇA. TINHA UM TETO SOBRE A CABEÇA, ROUPA PARA VESTIR E NÃO ESTAVA A MORRER DE FOME, APESAR DE ÀS VEZES A COMIDA SER MESMO À JUSTA.

DAGMAR VOLTOU AO ARTIGO DO JORNAL, LENDO-O HESITANTEMENTE. O CORAÇÃO COMEÇOU A MARTELAR-LHE O PEITO. HERMANN TINHA REGRESSADO, ESTAVA NA SUÉCIA E AGORA IA BUSCÁ-LA. ENTÃO, OS OLHOS DE DAGMAR FOCARAM UMA FRASE MAIS ABAIXO: «GÖRING VEM VIVER PARA O NOSSO PAÍS COM A SUA MULHER SUECA, CARIN.» DAGMAR SENTIU A BOCA SECAR. TINHA CASADO COM OUTRA. TINHA-A TRAÍDO! A FÚRIA APODEROU-SE DELA, AGRAVADA PELOS GRITOS ESTRIDENTES DE LAURA, QUE ESTAVAM A FAZER COM QUE OS OUTROS TRANSEUNTES SE VIRASSEM PARA OLHAR PARA ELAS.

– CALA-TE! – DAGMAR DEU UMA BOFETADA A LAURA COM TANTA FORÇA QUE SENTIU PICADAS NA MÃO.

A CRIANÇA CALOU-SE, APERTANDO O ROSTO VERMELHO-FOGO, E OLHOU PARA A MÃE COM OS OLHOS MUITO ABERTOS. DEPOIS COMEÇOU NOVAMENTE A SOLUÇAR, MAIS ALTO DO QUE NUNCA. DAGMAR SENTIA O DESESPERO A INVADI-LA. FIXOU OS OLHOS NO JORNAL, RELEU O ARTIGO ATÉ O NOME CARIN GÖRING LHE FICAR A RESSOAR IMPLACAVELMENTE NO CÉREBRO. O ARTIGO NÃO DIZIA HÁ QUANTO TEMPO ESTAVAM CASADOS, MAS COMO CARIN ERA SUECA, DEVIAM TER-SE CONHECIDO ALI, NA SUÉCIA. DE ALGUMA FORMA, AQUELA MULHER DEvia TER ENGANADO HERMANN A PONTO DE O FAZER CASAR COM ELA. CARIN DEvia SER A RESPONSÁVEL POR HERMANN NÃO TER VOLTADO PARA A VIR BUSCAR, POR NÃO ESTAR COM ELA E COM A FILHA, COM A SUA FAMÍLIA.

ACENOU COM A CABEÇA ENQUANTO AMASSAVA O PAPEL E PEGAVA NA GARRAFA POUSADA NO BANCO AO SEU LADO. SÓ RESTAVA UM TRAGO, O QUE A SURPREENDEU, UMA VEZ QUE DE MANHÃ AINDA ESTAVA CHEIA. MAS DAGMAR NÃO QUIS SABER. BEBEU O QUE RESTAVA,

SABOREANDO A AGRADÁVEL SENSAÇÃO DE ARDOR NA GARGANTA QUE A BEBIDA ABENÇOADA PROVOCAVA.

A FILHA TINHA PARADO DE UIVAR. ESTAVA SENTADA NO CHÃO, A FUNGAR COM AS PERNAS ENCOLHIDAS E OS BRAÇOS EM TORNO DOS JOELHOS. SEM DÚVIDA COM PENA DE SI PRÓPRIA, COMO ERA COSTUME. AQUELA RAPARIGA SÓ TINHA CINCO ANOS E JÁ ERA ASTUTA COMO UMA RAPOSA. MAS DAGMAR SABIA O QUE TINHA DE SER FEITO. AINDA ERA POSSÍVEL VOLTAR A PÔR TUDO NO LUGAR. QUANDO HERMANN VOLTASSE PARA JUNTO DELAS, ENSINARIA LAURA A COMPORTAR-SE. UM PAI COM MÃO FIRME – ERA EXATAMENTE DISSO QUE AQUELA CRIANÇA PRECISAVA, PORQUE ATÉ AÍ NADA PARECERA RESULTAR, POR MAIS QUE DAGMAR TENTASSE INCUTIR-LHE À FORÇA ALGUM BOM SENSO.

SENTADA NAQUELE BANCO DE BRANDPARKEN, DAGMAR SORRIU. DESCOBRIRA QUAL ERA A FONTE DE TODOS OS SEUS PROBLEMAS E IA TRATAR DE RESOLVER A SUA VIDA E ADE LAURA.



Gösta parou o carro junto à casa de Erica, que suspirou de alívio. Correria o risco de Patrik o ver quando saísse para ir trabalhar.

Abriu a porta antes de Gösta poder tocar à campainha. Por detrás dela, os filhos faziam tanto barulho que o mais certo era Gösta sentir que estava a atravessar uma parede de som.

– Desculpe toda esta agitação. Qualquer dia, as autoridades vêm cá dizer que este não é um local de trabalho adequado. – Erica virou-se para impedir que Noel perseguisse Anton, que chorava.

– Não se preocupe. Estou habituado a que o Mellberg grite connosco – disse Gösta, agachando-se. – Olá, pequenotes. Que grandes malandros vocês me saíram!

Anton e Noel estacaram, mostrando-se subitamente tímidos, mas Maja avançou corajosamente.

– Olá, velhote. Chamo-me Maja.

– Maja! Não digas essas coisas – disse Erica à filha com um olhar severo.

– Não faz mal. – Gösta deu uma gargalhada e levantou-se. – Da boca das crianças e dos loucos só sai a verdade. E não há dúvida de que sou um velhote. Não é, Maja?

A menina assentiu e fulminou a mãe com o olhar antes de se ir embora dali com ar triunfante. Os gémeos continuavam sem se atrever a avançar. Em vez disso, afastaram-se lentamente em direção à sala de estar sem tirar os olhos de Gösta.

– Aqueles dois não são propriamente muito calorosos com os desconhecidos, pois não? – perguntou Gösta enquanto seguia Erica até à cozinha.

– O Anton sempre foi tímido. O Noel, por outro lado, é habitualmente bastante extrovertido, mas parece estar numa fase em que fica com medo dos desconhecidos.

– Não considero que isso seja necessariamente mau – disse Gösta quando se sentou numa cadeira da cozinha, olhando nervosamente em redor. – Tem a certeza de que o Patrik não volta cá?

– O Patrik saiu para a esquadra há meia hora, por isso já deve lá estar.

– Não sei se isto é muito boa ideia. – Gösta passou o dedo sobre o padrão da toalha da mesa.

– Acho que é uma ótima ideia – disse Erica. – Não há necessidade de envolver o Patrik. Ele nem sempre aprecia a minha ajuda.

– E com razão. Às vezes, a Erica tem tendência para meter-se onde não deve.

– Mas no fim tudo acaba bem.

Erica recusava-se a ser dissuadida. Achava que a ideia que tivera na noite anterior era um golpe de génio e mal esperara para telefonar a Gösta às escondidas de Patrik. E agora ali estava ele, embora tivesse sido necessário recorrer à persuasão para que não dissesse nada a Patrik.

– O Gösta e eu temos um interesse comum – disse Erica, sentando-se à frente do colega de Patrik. – Estamos ambos a tentar desesperadamente descobrir o que aconteceu em Valö durante aquelas férias da Páscoa.

– Sim, mas agora a Polícia está a trabalhar no caso.

– E isso é positivo. Mas o Gösta sabe como as investigações podem demorar por causa de todas as regras e procedimentos oficiais que os agentes têm de seguir. Eu, por outro lado, sou livre para utilizar métodos alternativos.

Gösta ainda estava cético.

– Talvez seja assim, mas o Patrik não ficará satisfeito se descobrir e não tenho a certeza se quero...

– É exatamente por isso que o Patrik não vai descobrir – interrompeu Erica. – Tudo o que o Gösta tem de assegurar é que eu consiga começar a estudar os arquivos do caso em segredo e depois eu digo-lhe tudo o que conseguir desenterrar. Assim que encontrar alguma coisa, comunico-lha imediatamente. O Gösta apresenta-a ao Patrik e será o herói do dia. Depois de o caso estar encerrado, eu utilizo as informações num dos meus livros. Toda a gente fica a ganhar, sobretudo o Patrik. O meu marido quer solucionar este caso e apanhar quem pegou fogo à casa da Ebba e do Tobias. Não vai fazer-lhe perguntas embaraçosas. Vai apenas ficar muito agradecido por quaisquer informações que consiga obter. Além disso, com o Martin doente e a Paula de férias, estão com falta de pessoal na esquadra, por isso, mal não fará terem uma pessoa extra a trabalhar no caso.

– Pois, lá isso é verdade. – A expressão de Gösta suavizou-se e Erica calculou que o agente simpatizasse com a ideia de ser o herói do dia. – E pensa mesmo que o Patrik não vai suspeitar?

– De maneira nenhuma. O Patrik sabe como o Gösta está envolvido neste caso; vá por mim, o Patrik não vai suspeitar de nada.

Parecia que um motim tinha rebentado na sala de estar. Erica levantou-se e saiu apressadamente para ir ver o que se passava. Depois de dirigir algumas palavras de advertência a Noel para que deixasse Anton em paz e de pôr um DVD da *Pippi das Meias Altas* no leitor, as coisas acalmaram e Erica pôde regressar à cozinha.

– Portanto, agora a pergunta é a seguinte: Por onde começamos? Já soube mais alguma coisa sobre o sangue?

Gösta abanou a cabeça.

– Ainda não, mas o Torbjörn e a equipa dele ainda estão a trabalhar na ilha, a

tentar encontrar alguma coisa. Mais logo, não se sabe ao certo a que horas, contamos receber um relatório que nos dirá se o que a Ebba e o Tobias descobriram é ou não sangue humano. De momento, apenas temos um relatório preliminar sobre o incêndio, que o Patrik recebeu ontem antes de eu sair da esquadra.

– Já começaram a falar com as pessoas? – Erica estava tão ansiosa que mal conseguia manter-se quieta. Não tencionava desistir até ter feito tudo o que podia para ajudar a resolver o mistério. O facto de aquilo poder vir a fornecer material para um livro fantástico era um bónus adicional.

– Ontem compilei uma lista dos indivíduos com quem julgo que devemos falar primeiro e depois comecei a tentar encontrar os contactos deles. Mas não é uma tarefa fácil, uma vez que já passou muito tempo. Pode ser difícil localizar as pessoas e as suas recordações podem já ser muito vagas. Resta-nos esperar para ver o que sai das conversas.

– Pensa que os rapazes podem ter estado envolvidos?

Gösta percebeu imediatamente quais os rapazes a que Erica se referia.

– Claro que isso me ocorreu, mas não sei mesmo. Prestaram declarações várias vezes e as histórias deles bateram sempre certo umas com as outras. Além disso, não encontrámos qualquer prova física a indicar que...

– Chegaram a encontrar alguma prova física? – perguntou Erica.

– Não. Não havia muito por onde pegar. Depois de eu e o Henry, o meu colega, termos encontrado a Ebba sozinha em casa, voltámos para o cais. Foi então que encontrei os rapazes que estavam a chegar no outro barco, e parecia mesmo que tinham estado a pescar.

– Revistaram o barco? Não é de descartar que os cadáveres possam ter sido deitados ao mar.

– O barco foi meticulosamente revistado, mas não havia vestígios de sangue nem de nada do que haveria se os rapazes tivessem transportado cinco cadáveres no barco. E interrogo-me se teriam sido capazes de arrastar os corpos até ao barco. Eram rapazes muito delgados. Além disso, os cadáveres normalmente emergem. Alguns dos membros da família acabariam por dar à costa, mais cedo ou mais tarde, a menos que os rapazes se lembrassem de pôr pesos nos cadáveres, o que exigiria objetos pesados que podiam não estar facilmente à mão no calor do momento.

– Conversaram com outros alunos do colégio?

– Sim, mas alguns dos pais mostravam-se relutantes em deixar-nos falar com os filhos. Suponho que se consideravam demasiado finos e que não queriam correr o risco de um escândalo.

– E então, descobriram alguma coisa interessante?

Gösta resfolegou.

– Não, só conversa fiada dos pais, que achavam tudo aquilo um horror. Disseram-

nos que os filhos não tinham nada a dizer sobre a vida na escola. Era tudo excelente. Rune era excepcional, os professores eram excepcionais e não havia conflitos nem brigas. E os alunos limitaram-se a repetir o que os pais nos disseram.

– E os professores?

– Claro que falámos com os dois. A princípio suspeitámos de Ove Linder. Mas mais tarde descobriu-se que tinha um álibi – Gösta ficou em silêncio por um momento. – Não tínhamos nenhum suspeito. Nem sequer podíamos provar que tinha sido cometido um crime. Mas...

Erica apoiou os braços na mesa e inclinou-se para a frente.

– Mas o quê?

Gösta hesitou.

– Não sei. O seu marido está sempre a falar dos pressentimentos dele e nós costumamos gozar com isso, mas tenho de admitir que, naquele tempo, tive a sensação de que estava a escapar-nos alguma coisa. Demos o nosso melhor, mas não conseguimos chegar a lado nenhum.

– Por isso vamos tentar novamente. Muita coisa mudou desde 1974.

– Pela experiência que tenho, algumas coisas nunca mudam. Esses finórios estão e estarão sempre muito protegidos.

– Vamos tentar de novo – disse pacientemente Erica. – Acabe de fazer a lista com os nomes de todos os alunos e professores e depois envie-me uma cópia para podermos trabalhar em duas frentes ao mesmo tempo.

– Mas por favor não diga...

– O Patrik não vai saber de nada. E eu mantenho-o a par de tudo o que descobrir. Esse era o nosso acordo, certo?

– Sim. – Uma expressão preocupada surgiu no rosto magro de Gösta.

– É verdade, ontem fui a Valö conversar com a Ebba e com o marido.

Gösta olhou para Erica.

– Como está ela? Ficou perturbada com o que aconteceu? Como...

Erica riu-se.

– Calma. Uma pergunta de cada vez – depois ficou séria. – Diria que estava um bocado apagada, mas serena. Dizem que não sabem quem poderá ter tentado incendiar a casa e não sei dizer se estão a mentir ou não.

– Julgo que deviam ir para outro sítio. – Era óbvio que Gösta estava extremamente preocupado. – Pelo menos até termos solucionado o caso. A ilha não lhes oferece nenhuma segurança e foi uma sorte terem conseguido sair da casa a tempo.

– Não me parece que desistam facilmente.

– A Ebba é teimosa – disse Gösta com orgulho evidente.

Erica olhou para o agente com surpresa, mas não fez nenhuma pergunta. Sabia por

experiência própria quanto se envolvia pessoalmente nas vidas das pessoas sobre quem escrevia. Se calhar acontecia o mesmo com os polícias, uma vez que se enredavam nos destinos de tantas pessoas ao longo das suas carreiras.

– Quando conheci a Ebba, houve uma coisa que me fez pensar e que achei um pouco estranha.

– O quê? – perguntou Gösta, mas um grito fez Erica saltar da cadeira e correr até à sala para ver se alguém se tinha magoado. Demorou alguns minutos a regressar à cozinha e a retomar a conversa.

– Onde é que íamos? Ah, pois. Achei estranho a Ebba não ter nenhum dos pertences que a família deixou quando desapareceu. A casa não era apenas um colégio, era o lar daquela família, por isso devia haver uma data de objetos pessoais. Deduzi que esses objetos tinham sido entregues a Ebba, mas ela não faz ideia do que aconteceu a todas essas coisas.

– Bem visto. – Gösta coçou o queixo. – Tenho de verificar se se fez algum inventário. Não me recordo de ver nenhuma lista.

– Pensei que talvez valesse a pena olhar para esses pertences com novos olhos.

– Não é má ideia. Vou ver o que consigo encontrar. – Gösta olhou para o relógio e, em seguida, levantou-se repentinamente. – Jesus, o tempo voou. O Hedström deve estar admirado por eu ainda não ter aparecido.

Erica pôs-lhe a mão no braço para tranquilizá-lo.

– O Gösta vai arranjar uma boa desculpa. Diga que não conseguiu acordar a horas ou uma coisa do género. Prometo que o Patrik não vai suspeitar de nada.

– É fácil para si dizer isso – retorquiu Gösta, dirigindo-se ao vestíbulo para calçar os sapatos.

– Não se esqueça do que combinámos. Preciso dos contactos de todas as pessoas envolvidas e o Gösta vai descobrir para onde foram os pertences da família Elvander.

Erica inclinou-se para a frente e impulsivamente deu um abraço a Gösta, que lho retribuiu desajeitadamente.

– Bem, vou mas é pôr-me a andar. Prometo começar a trabalhar em tudo isso assim que puder.

– O Gösta é um rochedo – disse Erica, piscando-lhe o olho.

– Certo. Bem, agora é melhor ir ver dos seus filhos. Assim que tiver alguma coisa, contacto-a.

Erica fechou a porta atrás de Gösta e fez exatamente o que o agente lhe sugerira. Sentou-se no sofá e, depois de os três filhos terem subido para reivindicar o melhor lugar ao colo, assistiu distraidamente ao desenrolar das aventuras da *Pippi das Meias Altas* na televisão.

Reinava a tranquilidade na esquadra. Para variar, Mellberg tinha saído do seu gabinete para ir sentar-se na cozinha. *Ernst*, que nunca se afastava mais do que um metro do dono, instalara-se debaixo da mesa, na esperança de, mais cedo ou mais tarde, receber alguma guloseima.

– Que maldito idiota! – rosnou Mellberg, apontando para a última edição do *Bohusläningen*, à sua frente, em cima da mesa. O jornal publicara a entrevista a John Holm como artigo de fundo.

– Não compreendo como é que as pessoas elegem tipos destes para o Riksdag. Na minha opinião, esse é o outro lado da moeda da democracia – Patrik sentou-se à frente de Mellberg. – Por acaso precisamos de ter uma conversa com ele. Parece que o Holm era um dos rapazes que estavam em Valö durante aquelas férias da Páscoa.

– Nesse caso é melhor apressarmo-nos. Diz aqui que o Holm só vai estar cá uma semana e que depois regressa a Estocolmo.

– Sim, eu também li a entrevista. Estou a pensar ir falar com ele esta manhã. Se calhar levo o Gösta comigo. – Patrik virou-se para olhar para o corredor por cima do ombro. – Mas onde é que ele se meteu? Sabes alguma coisa do Gösta, Annika?

– Nada. Talvez se tenha deixado dormir – respondeu Annika da receção.

– Eu podia ir consigo – disse Mellberg, fechando o jornal.

– Ah, não há necessidade. Eu espero pelo Gösta. Deve estar a chegar não tarda nada. Tenho a certeza de que o Bertil tem coisas mais importantes para fazer. – Patrik podia sentir o pânico a crescer. Levar Mellberg em trabalho era sempre sinónimo de desastre.

Mellberg estalou os dedos algumas vezes e Patrik tentou arduamente encontrar um argumento para dissuadi-lo de ir.

– Talvez devêssemos telefonar ao Holm a marcar uma hora.

Mellberg resfolegou.

– Mais vale apanhar um tipo como esse... Qual é a expressão... – Mellberg voltou a estalar os dedos novamente. – *En garde*.

– *Off guard* – corrigiu Patrik. – O Bertil quis dizer «desprevenido».

Poucos depois já estavam no carro a caminho de Fjällbacka. Mellberg assobiava baixinho. Tinha insistido em ser ele a conduzir, mas nisso Patrik não cederia.

– As pessoas como o Holm são muito tacanhas e mesquinhas. Não têm nenhum respeito por outras culturas ou pela diversidade humana. – Mellberg acenou com a cabeça perante as suas próprias declarações.

Patrik estava mortinho por lhe recordar quão tacanho tinha sido, tecendo comentários que os Amigos da Suécia sem dúvida aprovariam. Porém, em defesa do chefe, tinha de reconhecer que Mellberg se livrara de todos os preconceitos quando se apaixonara por Rita.

– Aquela é a cabana de pesca, certo? – Patrik virou para a pequena área coberta

com gravilha à frente de uma das antigas cabanas de pesca vermelhas de Hamngatan. Tinham concordado em arriscar; esperavam que Holm estivesse ali e não na casa que tinha em Mörhult.

– Pelo menos parece que há alguém sentado no cais. – Mellberg esticou o pescoço para olhar por cima da cerca.

A gravilha rangia sob os sapatos dos dois policiais à medida que se aproximavam. Patrik não tinha a certeza se devia bater, mas isso parecia disparatado, portanto, limitou-se a abrir o portão.

Reconheceu de imediato John Holm. O fotógrafo do *Bohuslänningen* capturara as suas feições suecas quase estereotipadas, fazendo ao mesmo tempo com que as fotografias do homem com um sorriso rasgado parecessem perturbadoramente ameaçadoras. Naquele momento, Holm estava a sorrir, mas os seus olhos azuis espelhavam perplexidade quando se aproximou para os cumprimentar.

– Bom dia. Somos da polícia de Tanum – explicou Patrik, apresentando-se a si próprio e a Mellberg.

– Ah, sim? – a expressão de Holm tornou-se cautelosa. – Aconteceu alguma coisa?

– Depende do ponto de vista. Estamos aqui para falar consigo sobre algo que aconteceu há muito tempo, mas que infelizmente está outra vez no centro das atenções.

– Valö – disse Holm. Já não era possível decifrar a sua expressão.

– Sim, exatamente – disse Mellberg, assumindo um tom agressivo. – Estamos aqui por causa de Valö.

Patrik respirou fundo algumas vezes para manter a calma.

– Podemos sentar-nos e conversar um pouco? – perguntou.

Holm assentiu.

– Claro. Sentem-se. O sol está muito forte aqui fora. Eu gosto, mas se acharem que está demasiado calor posso abrir o chapéu-de-sol.

– Não, está ótimo – disse Patrik fazendo um gesto com a mão a enfatizar a sua concordância. Queria acabar com aquilo o mais depressa possível, antes de Mellberg começar a atrapalhar tudo.

– Já vi que esteve a ler o *Bohuslänningen*. – Mellberg fez um gesto em direção ao jornal, que estava aberto sobre a mesa.

Holm encolheu os ombros

– O jornalismo de má qualidade é sempre tão cansativo. Fui citado e mal interpretado. O artigo está repleto de insinuações.

Mellberg repuxou o colarinho da camisa. Já tinha começado a ficar com o rosto vermelho.

– Eu acho que o artigo está bem escrito.

– O jornal foi claramente parcial; porém, quando estamos na política, temos de aturar estes ataques.

– Tudo o que o jornalista questiona está chapado no vosso programa eleitoral. Por exemplo, aquele absurdo de um imigrante que comete um crime dever ser deportado, independentemente de ter ou não autorização de residência. Como é que se podia fazer uma coisa dessas? Então uma pessoa que vive na Suécia há anos e que já criou raízes era recambiada para o país onde nasceu só por ter roubado uma bicicleta? – Mellberg tinha levantado a voz e enquanto falava salpicava o seu interlocutor com saliva.

Patrik parecia paralisado. Era como assistir a um acidente de viação prestes a acontecer. Mesmo que concordasse com o que Bertil estava a dizer, aquela não era a ocasião adequada para discutir política.

Imperturbável, Holm respondeu a Mellberg:

– Essa é uma questão que os nossos adversários decidiram interpretar de modo completamente errado. Podia dar-lhe uma explicação pormenorizada, mas presumo que não seja por isso que estão aqui.

– Não, como eu disse, estamos aqui para falar sobre os acontecimentos ocorridos em Valö em 1974. Certo, Bertil? – apressou-se a dizer Patrik. Cravou os olhos em Mellberg, que não disse nada durante alguns segundos, mas depois assentiu com relutância.

– Ouvi rumores de que aconteceu qualquer coisa na ilha – disse Holm. – Encontraram a família?

– Não propriamente – disse evasivamente Patrik. – Mas alguém tentou incendiar a casa. E, se tivessem conseguido, a filha e o marido podiam ter sido queimados vivos.

Holm endireitou-se na cadeira.

– A filha?

– Sim, Ebba Elvander – disse Patrik. – Ou Ebba Stark, como agora se chama. Ebba e o marido ficaram com a casa e estão a recuperá-la.

– Deve precisar mesmo de ser recuperada. Pelo que tenho ouvido, está praticamente abandonada. – Holm virou-se para olhar para Valö, que ficava do outro lado das águas reluzentes junto às quais estavam sentados.

– Mas o senhor não vai lá há muito tempo, pois não?

– Não vou lá desde que o colégio interno foi encerrado.

– Porque não?

Holm abriu as mãos.

– Simplesmente porque nunca houve nenhum motivo para lá voltar.

– Na sua opinião, o que aconteceu à família?

– Suponho que o meu palpite é tão bom como outro qualquer, mas realmente não

faço ideia.

– Mas o senhor está mais familiarizado com a situação do que a maioria das pessoas – persistiu Patrik. – Viveu com a família e estava lá quando os cinco desapareceram.

– Isso não é rigorosamente verdade. Eu e os outros alunos tínhamos ido à pesca. Ficámos chocados quando chegámos a terra e nos deparámos com dois polícias. O Leon ficou furioso. Pensava que eram estranhos a tentar raptar a Ebba.

– Quer dizer que não tem nenhuma teoria? Deve ter pensado sobre isso ao longo dos anos. – Mellberg parecia cético.

John Holm não lhe prestou atenção. Em vez disso, virou-se para Patrik e disse:

– Só para esclarecer: nós não vivíamos com a família. Frequentávamos o colégio, mas havia uma separação rígida entre os alunos e a família Elvander. Por exemplo, não fomos convidados para o almoço de Páscoa. Rune tinha o máximo cuidado em manter-nos afastados e geria o colégio como um quartel. Por isso é que os nossos pais gostavam tanto daquilo e nós odiávamos.

– Os alunos davam-se bem ou havia conflitos?

– Havia bastantes discussões, mas teria sido estranho se não houvesse, uma vez que o colégio estava cheio de adolescentes. Mas eram sempre coisas sem importância.

– E os professores? Que pensavam do diretor?

– Aqueles cobardes tinham tanto medo dele que provavelmente nem se atreviam a ter uma opinião. Pelo menos nunca os ouvimos dizer nada sobre o Rune.

– Os filhos do Rune tinham aproximadamente a vossa idade. Passavam algum tempo com eles?

Holm abanou a cabeça.

– O Rune nunca o teria permitido. Embora víssemos frequentemente o filho mais velho, porque era uma espécie de assistente. Um idiota do pior.

– Parece que tinha sentimentos bastante fortes em relação a alguns dos membros da família.

– Detestava-os. Todos os rapazes do colégio os detestavam. Mas não o suficiente a ponto de os matarmos, se é isso que está a pensar. A revolta contra a autoridade faz parte da adolescência.

– Então e os outros filhos do Rune Elvander?

– Metiam-se na sua vida, senão ficariam em apuros. E com a Inez passava-se a mesma coisa. Era responsável pelas limpezas, pelas roupas e pela cozinha. A filha do Rune, Annelie, também ajudava muito. Mas, como eu disse, não estávamos autorizados a comunicar com eles e podia haver uma razão para isso. Muitos dos rapazes eram verdadeiros idiotas que foram estragados com mimos desde que nasceram. Suponho que foi por isso que foram parar àquele colégio. Os pais

acabaram por perceber que os filhos se tinham tornado preguiçosos, indivíduos inúteis, por isso tentaram retificar o problema entregando-os nas mãos do Rune.

– Os seus pais não estavam propriamente na miséria.

– Os meus pais tinham dinheiro – afirmou Holm, enfatizando a palavra «tinham». Depois ficou em silêncio para mostrar que não pretendia falar sobre aquele assunto. Patrik não insistiu, mas tomou mentalmente nota para não se esquecer de investigar o passado da família de Holm.

– Como é que ela está? – perguntou de repente Holm.

Patrik demorou um segundo para compreender o que o deputado queria dizer.

– A Ebba? Pareceu-me estar bem. Como eu disse, está a recuperar a casa.

Holm olhou novamente para Valö. Patrik desejou poder ler os pensamentos daquele homem.

– Bem, obrigado pelo tempo que nos dispensou – disse Patrik, levantando-se. Era evidente que, de momento, não extrairiam mais nada de Holm, mas o que o deputado dissera tinha sido o suficiente para fazer com que Patrik ficasse mais curioso do que nunca sobre o que acontecera no colégio interno.

– Sim, obrigado. Sei que é uma pessoa muito ocupada – disse Mellberg. – A propósito, a minha companheira manda-lhe cumprimentos. É chilena. Emigrou para cá nos anos 70.

Patrik puxou o braço de Mellberg para o obrigar a sair. Com um sorriso forçado, Holm fechou o portão por detrás deles.

Gösta queria entrar na esquadra despercebidamente, mas foi logo descoberto à entrada.

– Deixaste-te dormir? Isso nem parece teu – disse Annika.

– O despertador não tocou – disse Gösta, sem se atrever a olhar Annika nos olhos. A secretária da esquadra detetava as mentiras e Gösta não se sentia à vontade para lhe esconder nada. – Onde é que se meteram todos?

Do corredor não vinha um único som e Annika parecia estar sozinha na esquadra. Só *Ernst* apareceu à entrada ao ouvir a voz de Gösta.

– O Patrik e o Mellberg saíram para ter uma conversa com o John Holm, por isso, *Ernst* e eu ficámos a tomar conta do forte. Não é verdade, meu velho? – disse a secretária, coçando a orelha do cão enorme. – Patrik queria saber onde estavas. Por isso é melhor praticares melhor essa história do despertador antes de ele voltar.

Annika olhou-o demoradamente.

– Talvez se me contares o que estiveste a fazer eu te possa ajudar a não seres apanhado.

– Não faço ideia do que estás para aí a dizer – afirmou Gösta, mas sabia que tinha

sido derrotado. – *Okay*, tudo bem, mas primeiro preciso de uma chávena de café.

Dirigiu-se à cozinha e Annika seguiu-o.

– Então conta lá – disse Annika, quando já estavam ambos sentados.

Relutantemente, Gösta contou-lhe o acordo que fizera com Erica. Annika riu-se.

– Desta vez é que te meteste mesmo numa boa alhada. Sabes como é a Erica: dás-lhe um dedo e fica-te logo com o braço! O Patrik vai ficar furioso quando descobrir.

– Eu sei – disse Gösta, contorcendo-se na cadeira. Sabia que Annika tinha razão, mas ao mesmo tempo aquilo era importante para ele. E era suficientemente inteligente para perceber porquê. Era por causa dela que estava a esforçar-se tanto, por causa da rapariga que ele e Maj-Britt não tinham conseguido ajudar.

Annika tinha parado de rir e estava a examiná-lo com uma expressão séria.

– Isto significa muito para ti, não é?

– Sim, muito. E a Erica pode ajudar. Tem um faro apuradíssimo. Sei que o Patrik não vai aprovar que a tenha metido no caso, mas o trabalho dela é desenterrar coisas do passado e é exatamente dessa capacidade que estamos a precisar.

Annika não disse nada por um momento. Depois respirou fundo.

– *Okay*. Eu não vou dizer nada ao Patrik. Com uma condição.

– Qual é?

– Que me mantenhas informada sobre o que vocês os dois forem descobrindo e que eu possa ajudar no que puder. Também tenho algum jeito para desenterrar coisas do passado.

Gösta olhou para Annika com surpresa. Não estava à espera daquilo.

– De acordo. Mas, como disseste, se o Patrik descobre é o meu fim.

– Quando chegarmos a essa ponte atravessamo-la. Então, o que é que já conseguiste? E o que é que eu posso fazer?

Aliviado, Gösta contou-lhe a conversa que tivera com Erica naquela manhã.

– Precisamos dos contactos de todos os alunos e professores do colégio interno. Eu tenho uma lista antiga, mas muitos contactos já estão desatualizados. De qualquer maneira, podemos servir-nos deles como ponto de partida. E alguns dos indivíduos tinham apelidos pouco comuns, por isso é possível que alguém nas moradas antigas saiba onde encontrá-los.

Annika ergueu as sobrancelhas.

– Que dizer que não tens os números dos cartões de cidadão deles?

Gösta olhou fixamente para Annika, sentindo-se um perfeito idiota por não ter pensado naquilo.

– Devo entender pela tua expressão que tens os números? Então, ótimo. Consigo dar-te uma lista atualizada ao fim do dia ou amanhã de manhã, o mais tardar. Serve?

Annika sorriu e Gösta disse:

– Isso seria ótimo. Estava a pensar ir com o Patrik falar com o Leon Kreutz.

– Porquê começar pelo Leon?

– Não há nenhum motivo específico, mas o Leon era um dos rapazes de que me lembro melhor. Fiquei com a impressão de que era o líder do grupo. Além disso, ouvi dizer que o Leon e a mulher acabam de comprar aquela casa grande no topo da colina. Em Fjällbacka, estás a ver onde é?

– A vivenda branca? Estavam a pedir dez milhões de coroas por ela! – disse Annika.

Os preços das casas com vista para o mar provocavam um fascínio permanente nos habitantes da região, que estavam sempre de olho nos preços pedidos e nos valores a que as propriedades acabavam efetivamente por ser vendidas. Mas dez milhões era o suficiente para impressionar mesmo os observadores mais experientes.

– Pelo que sei, os Kreutz têm dinheiro para isso. – Gösta pensou no rapaz bonito de olhos escuros. Mesmo naquela época irradiava prosperidade e algo mais que Gösta não conseguia definir. Uma espécie de autoconfiança inata era a melhor descrição que conseguia encontrar.

– Muito bem, ao trabalho – afirmou Annika. Pôs a chávena de café na máquina de lavar e, depois de lançar uma olhadela a Gösta, este seguiu-lhe o exemplo. – É verdade, já me ia esquecendo, tiveste uma consulta no dentista esta manhã.

– Uma consulta no dentista? Mas eu não... – Gösta calou-se bruscamente e sorriu. – Ah, certo. Ontem disse-te que tinha de ir ao dentista. Vê: zero cáries. – Gösta apontou para a boca e piscou-lhe o olho.

– Não compliques uma boa mentira acrescentando muitos pormenores – advertiu Annika, abanando o dedo em tom de censura antes de regressar ao seu computador.

ESTOCOLMO, 1925

QUASE TINHAM SIDO EXPULSOS DO COMBOIO. O REVISOR ARRANCOU A GARRAFA DAS MÃOS DE DAGMAR E GRITOU-LHE QUE ESTAVA DEMASIADO BÊBADA PARA VIAJAR. CLARO QUE NÃO ESTAVA. SÓ PRECISAVA DE UM GOLINHO DE VEZ EM QUANDO PARA SER CAPAZ DE ANDAR COM A VIDA PARA A FRENTE, QUALQUER PESSOA DEVIA ENTENDER ISSO. ERA CONSTANTEMENTE FORÇADA A MENDIGAR E A FAZER AS TAREFAS MAIS DEGRADANTES QUE LHE APARECIAM PELA FRENTE, POR CARIDADE E «POR CAUSA DA MENINA», E NORMALMENTE ACABAVA POR TER DE ATURAR AS VISITAS NOTURNAS DAQUELES HIPÓCRITAS OFEGANTES E DEVASSOS.

FOI POR CAUSA DA CRIANÇA QUE O REVISOR TEVE PENA DELA E LHE PERMITIU CONTINUAR NO COMBOIO ATÉ ESTOCOLMO. E FOI UMA SORTE, PORQUE SE AS TIVESSE POSTO FORA A MEIO DO CAMINHO, DAGMAR NÃO SABERIA COMO VOLTAR PARA CASA. DEMORARA DOIS MESES A POUPAR O DINHEIRO PARA O BILHETE SÓ DE IDA PARA ESTOCOLMO E AGORA NÃO TINHA UM TOSTÃO. MAS ISSO NÃO IMPORTAVA, PORQUE ASSIM QUE LÁ CHEGASSEM E TIVESSE OPORTUNIDADE DE CONVERSAR COM HERMANN, NUNCA MAIS PRECISARIA DE SE PREOCUPAR COM DINHEIRO. HERMANN TOMARIA CONTA DELAS. QUANDO SE REENCONTRASSEM E HERMANN SOUBESSE O QUE DAGMAR TINHA PASSADO, DEIXARIA IMEDIATAMENTE AQUELA MENTIROSA COM QUEM TINHA CASADO.

DAGMAR PAROU À FRENTE DE UMA MONTRA PARA ESTUDAR O REFLEXO NO VIDRO. ERA VERDADE QUE ENVELHECERA UM POUCO DESDE ÚLTIMA VEZ QUE SE TINHAM VISTO. O CABELO JÁ NÃO ERA TÃO ESPESSE E, AGORA QUE PENSAVA NISSO, JÁ NÃO O LAVAVA HÁ UNS TEMPOS. O VESTIDO, QUE ROUBARA DE UMA CORDA DE ESTENDER ROUPA ANTES DE PARTIREM, PENDIA-LHE DO CORPO MAGRO COMO UM SACO. SEMPRE QUE TINHA DINHEIRO, PREFERIA COMPRAR ÁLCOOL EM VEZ DE COMIDA, MAS ISSO NÃO VOLTARIA A ACONTECER. EM BREVE TERIA O ASPETO QUE EM TEMPOS TIVERA. HERMANN SENTIRIA UMA TERNURA IMENSA POR ELA QUANDO SOUBESSE COMO A VIDA TINHA SIDO DIFÍCIL DEPOIS DE A TER DEIXADO.

PEGOU NA MÃO DE LAURA E COMEÇOU NOVAMENTE A ANDAR. A FILHA RESISTIU TANTO QUE DAGMAR TEVE DE ARRASTÁ-LA.

– MEXE-TE! – ROSNOU. «PORQUE É QUE AQUELA CRIANÇA TINHA DE SER SEMPRE TÃO LENTA?»

TINHAM DE PARAR FREQUENTEMENTE PARA PERGUNTAR O CAMINHO, MAS ACABARAM POR ENCONTRAR A PORTA CERTA. DESCOBRIR A MORADA DE HERMANN ACABARA POR SER FÁCIL, PORQUE O NOME DO PILOTO VINHA NA LISTA TELEFÓNICA: ODENGATAN, NÚMERO 23. O PRÉDIO ERA TÃO GRANDE E IMPRESSIONANTE COMO DAGMAR IMAGINARA. RODOU A MAÇANETA, MAS A PORTA ESTAVA TRANCADA. FRANZIU A TESTA, MAS UM HOMEM APROXIMOU-SE, PEGOU NUMA CHAVE E ABRIU A PORTA.

– COM QUEM DESEJA FALAR?

DAGMAR RECOMPÔS-SE E ANUNCIOU COM ORGULHO:

– COM OS GÖRING.

– AH, SIM, ESTOU A VER QUE PRECISAM DE AJUDA – DISSE O HOMEM, DEIXANDO-AS ENTRAR NO PRÉDIO.

POR UM MOMENTO, DAGMAR PERGUNTOU-SE O QUE QUERERIA O HOMEM DIZER COM AQUILO, MAS DEPOIS DISSE A SI MESMA QUE NÃO TINHA IMPORTÂNCIA. AGORA JÁ ALI ESTAVAM. CONSULTOU OS NOMES GRAVADOS NA PLACA QUE HAVIA NO *HALL*, TOMOU MENTALMENTE NOTA DO ANDAR EM QUE OS GÖRING MORAVAM E COMEÇOU A ARRASTAR LAURA ESCADAS ACIMA. COM A MÃO TRÉMULA, DAGMAR TOCOU À CAMPAINHA. EM BREVE ESTARIAM NOVAMENTE JUNTOS. ELA, HERMANN E LAURA. A SUA FILHA.



Era incrível como era tão fácil, pensou Anna enquanto manobrava a cana do leme do barco que tinha comprado com Dan. Quando telefonara, Tobias sugerira-lhe que fosse a Valö assim que tivesse tempo e desde então não conseguira pensar em mais nada. Toda a família tinha reparado que a sua disposição melhorara e, na noite anterior, a esperança invadira a casa.

Porém, na realidade não era assim tão fácil. Aquele era o seu primeiro passo rumo a uma nova independência. Passara a vida a depender dos outros. Quando era pequena, apoiara-se em Erica. Depois passou a ser dependente de Lucas, o que conduziu à catástrofe que ainda a atormentava a ela e aos filhos. Depois aparecera Dan. O carinhoso e seguro Dan, que tinha acolhido aqueles três seres profundamente magoados debaixo da sua asa protetora. Fora maravilhoso poder sentir-se novamente como uma criança e saber que alguém se encarregaria de resolver todos os problemas.

Mas o acidente ensinara-lhe que nem mesmo Dan era capaz de resolver tudo. Para ser franca, fora provavelmente isso o que mais a afetara. Perder o bebé provocara-lhe uma tristeza infinita, mas a sensação de solidão e de vulnerabilidade quase fora pior.

Se iam continuar a viver juntos, precisava de aprender a desenvencilhar-se sozinha. Apesar de já ser um pouco tarde para começar a ser uma mulher independente, no fundo sabia que tinha a força necessária para o fazer. Conseguir aquele trabalho como decoradora marcaria um novo começo na sua vida. Ainda estava para ver se tinha o talento necessário; o primeiro obstáculo seria promover-se suficientemente bem de modo a que os Elvander a aceitassem.

Com o coração a martelar-lhe o peito, Anna bateu à porta. Ouviu passos a aproximarem-se e a porta abriu-se. Um homem que devia ter a sua idade apareceu, vestido como um carpinteiro e com óculos de proteção puxados para a testa. O rosto amigável assumiu uma expressão inquiridora, porém, por um momento, Anna limitou-se a ficar para ali especada, sem palavras.

– Olá – disse por fim. – Chamo-me Anna. Falámos ontem ao telefone.

– Anna, claro! Desculpe a minha reação. Embrenho-me tanto no trabalho que me esqueço de tudo o resto. Por favor, entre. Bem-vinda ao nosso caos.

O homem afastou-se para o lado para deixá-la entrar. Tinha razão acerca do caos que reinava no interior, mas Anna viu de imediato o potencial. Sempre tivera esse

dom; era como se tivesse uns óculos mágicos que lhe permitiam prever o resultado final.

Tobias seguiu-lhe o olhar.

– Como pode ver, temos algum trabalho pela frente.

Anna estava prestes a responder quando uma mulher loura e magra desceu as escadas.

– Olá, sou a Ebba – disse, limpando os dedos a um trapo. Tinha as mãos e a roupa manchadas de tinta branca, assim como minúsculas manchas de tinta no rosto e no cabelo. O forte cheiro a terebintina fez com que Anna lacrimejasse. – Desculpe aparecer-lhe neste estado – acrescentou Ebba, erguendo as mãos. – É melhor esquecermos o aperto de mão.

– Não se preocupe. Sei que estão em plena remodelação. Estou mais preocupada... Bem, sobre o que estão a passar neste momento.

– Quer dizer que a Erica lhe contou o que aconteceu?! – perguntou Ebba, embora fosse mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Soube do incêndio. E da outra coisa – respondeu Anna. Encontrar sangue sob o soalho da própria casa parecia uma descoberta tão absurda que nem teve coragem de dizer aquilo em voz alta.

– Na medida do possível, estamos a tentar continuar o trabalho – disse Tobias. – Não podemos dar-nos ao luxo de parar.

De dentro da casa veio o ruído de vozes e de madeira a rachar.

– Os técnicos forenses ainda cá estão – explicou Ebba. – Estão a levantar todo o soalho da sala de jantar.

– Têm a certeza de que é seguro ficarem aqui? – Anna apercebeu-se de que aquilo não era da sua conta, mas havia algo naquele casal que lhe despertava instintos maternos.

– Nós estamos bem – disse Tobias com pouca convicção. Estendeu a mão para abraçar Ebba, porém, como que antecipando o movimento, a mulher afastou-se e o braço de Tobias pendeu para um lado.

– Portanto, estão a precisar de uma ajudinha, não é verdade? – perguntou Anna, mortinha por se desviar daquele tema de conversa. A atmosfera era tão opressiva que começava a ter dificuldade em respirar.

Tobias parecia ter ficado grato por Anna ter mudado de assunto.

– Como eu disse ao telefone, não sabemos de todo o que fazer quando as obras principais estiverem terminadas. A decoração não é o nosso forte.

– Admiro o que estão a fazer. É uma trabalhadeira. Mas julgo que a casa vai ficar maravilhosa. Já consigo imaginar, um estilo rústico a dar para o antigo, com móveis decapados e pintados de branco e em tons pastel, uns rosas românticos, tecidos de linho bonitos, estanho e pequenos objetos de decoração para criar ambiente – as

imagens giravam-lhe na cabeça enquanto falava. – Julgo que aqui não ficavam bem antiguidades caras, é preferível optar por uma mistura de objetos usados e móveis novos que podemos trabalhar até parecerem antigos. Só precisamos de palha de aço e de umas correntes, e...

Tobias deu uma gargalhada e o rosto iluminou-se. Anna deu por si a pensar que aquele homem era bastante atraente.

– Sem dúvida que sabe o que quer. Mas continue a falar. Acho que nos está a soar bem.

Ebba assentiu.

– Era exatamente assim que imaginava tudo. Só não fazia a mais pequena ideia de como concretizá-lo – disse, mas logo a seguir franziu a testa. – Quase não temos orçamento e suponho que a Anna esteja habituada a gastar muito dinheiro e a cobrar bastante pelo...

Anna interrompeu-a.

– Compreendo a vossa situação. – Tobias já tinha explicado. – Mas vocês seriam os meus primeiros clientes, por isso, se ficassem satisfeitos com o meu trabalho, podiam ser a minha referência. Tenho a certeza de que podemos chegar a acordo sobre um preço que esteja dentro do vosso orçamento. Quanto à decoração, a ideia é fazer com que tudo pareça ter sido herdado ou comprado em segunda mão. Fazer com que fique o mais barato possível vai ser o meu desafio.

Terminada a sua apresentação comercial, Anna prendeu a respiração e esperou pela resposta do casal. Queria mesmo muito aquele trabalho e o que acabara de dizer a Ebba e a Tobias era verdade. Darem-lhe luz verde para transformar a antiga colónia balnear na joia do arquipélago seria a maneira perfeita de lançar o seu novo negócio.

– Eu também tenho o meu próprio negócio, por isso percebo perfeitamente o que a Anna quer dizer. O *passa palavra* é a melhor forma de publicidade – Ebba mencionara o seu negócio de modo quase tímido.

– Trabalha em quê? – perguntou Anna.

– Joias. Faço colares de prata com anjos.

– Deve ser maravilhoso. Como é que teve a ideia de começar a fazer isso?

Era como se as persianas tivessem sido descidas: Ebba baixou os olhos e virou a cara. Envergonhado, Tobias começou a falar para quebrar o silêncio.

– Não sabemos quando vamos acabar as obras. A investigação policial e os danos no vestíbulo atrasaram tudo, por isso é difícil calcular daqui a quanto tempo a Anna poderá começar.

– Isso não tem importância, posso começar a trabalhar quando vos der jeito – disse Anna, ainda intrigada com a reação de Ebba à sua pergunta. – Talvez possamos começar a falar de opções de cores para as paredes e essas coisas. E

depois podia fazer-vos uns esboços e começar a sondar os leilões da região para ver se consigo encontrar alguma coisa.

– Parece-me perfeito – disse Tobias. – Esperamos poder abrir a pousada com alguns quartos na Páscoa do ano que vem e começar em pleno no verão.

– Então temos tempo de sobra. Não se importam que eu dê uma volta pela casa para tomar algumas notas antes de me ir embora, pois não?

– Claro, fique à vontade – disse Tobias. Depois refletiu e disse: – Mas é melhor não ir à sala de jantar.

– Tudo bem. Posso voltar cá mais tarde para ver a sala.

Ebba e Tobias saíram para retomar o que estavam a fazer quando Anna chegara e deixaram-na observar a casa à vontade. Anna tomou muitas notas, sentindo o entusiasmo a borbulhar dentro dela. Aquele sítio podia ficar fantástico. Podia ser o início da sua nova vida.

A mão de Percy tremia enquanto se preparava para assinar os documentos. Respirou fundo para se acalmar. Buhrman, o advogado, franziu a testa.

– Tem a certeza absoluta de que quer fazer isto, Percy? O seu pai não teria aprovado.

– O meu pai já morreu! – retorquiu Percy, mas rapidamente murmurou um pedido de desculpa e, em seguida, prosseguiu: – Pode parecer uma medida drástica, mas é isto ou vender Fygelsta.

– Então é porque não um empréstimo bancário? – perguntou Buhrman, que também fora advogado do pai de Percy. Quantos anos teria?, interrogou-se Percy. Graças a todas as horas que passava no campo de golfe perto da sua casa em Palma de Maiorca, o homem parecia uma múmia; o corpo de Buhrman estava em tal estado que poderia ser exposto num museu.

– Por quem me toma? Claro que já falei com o banco. – Percy teve uma vez mais de forçar-se a baixar a voz e a falar com calma. Buhrman tinha tendência para falar-lhe com se ele ainda fosse um rapaz. Parecia esquecer-se de que Percy era agora o conde von Bahrn. – Deixaram muito claro que já não pretendem ajudar-me.

Buhrman ergueu uma sobrancelha, surpreendido.

– Mas nós tivemos sempre uma relação tão boa com o Svenska Banken! O seu pai e o antigo diretor estudaram ambos no Lundsberg Gymnasium. Tem a certeza de que falou com a pessoa certa? Quer que marque uma reunião? De certeza que eles...

– O antigo diretor já saiu do banco há muito tempo – interrompeu Percy. Estava à beira de perder a paciência com Buhrman. – Na verdade, já deixou este mundo há tanto tempo que, provavelmente, os ossos são tudo o que resta dele. Agora vivemos num mundo diferente. O banco está cheio de contabilistas picuinhas e jovens arrogantes da Faculdade de Economia. Não fazem ideia de como se devem

comportar. Estamos a falar do género de pessoas que descalçam os sapatos dentro de casa! – Zangado, Percy assinou o último documento e empurrou-o por cima da mesa na direção do advogado, que estava a abanar a cabeça, completamente perplexo.

– Bem, mas continuo a achar estranho – disse Burhman. – Quando menos esperarmos, vão tentar abolir as leis que regem os fideicomissos, de modo a que as propriedades possam ser divididas de qualquer maneira. Por falar nisso, não podia falar com os seus irmãos sobre esta situação? Mary casou com um homem rico e julgo saber que Charles está a fazer uma fortuna com os restaurantes. Talvez estivessem dispostos a ajudar. Afinal de contas, o Percy é da família.

Percy olhou fixamente para o advogado. O velho estava louco. Será que já se tinha esquecido das discussões acaloradas e dos processos judiciais que se seguiram à morte do pai, há quinze anos? Os irmãos de Percy tinham sido tolos ao ponto de desafiar a lei que lhe conferia o direito, como filho mais velho, de herdar a propriedade na sua totalidade. Felizmente, a lei era muito clara. Era ele, e apenas ele, o herdeiro de Fygelsta. Teria sido de bom-tom partilhar parte da propriedade com os irmãos, mas depois da tentativa deliberada de lhe tirarem o que lhe pertencia por lei, Percy não se sentiu particularmente generoso. Por isso, os irmãos tinham ficado de mãos a abanar e, para cúmulo, ainda tiveram de assumir as custas judiciais de Percy. Como Buhrman disse, nenhum dos irmãos tinha problemas financeiros e era nesse ponto que Percy buscava consolo sempre que sentia uma pontada de culpa. Mas de maneira nenhuma os ia agora abordar a pedir esmola.

– Esta é a minha única opção – disse, apontando para os documentos. – Tenho a sorte de ter bons amigos que estão dispostos a intervir e vou pagar-lhes tudo assim que esta infeliz situação esteja resolvida junto da Autoridade Tributária.

– Bem, faça como entender, mas está a pôr muita coisa em risco.

– Eu confio em Sebastian – afirmou Percy. Só desejava estar tão confiante como parecia.

Kjell bateu com o telefone com tanta força no descanso que o golpe se propagou pelo braço acima. A dor apenas lhe aumentou a fúria e Kjell praguejou enquanto massajava o cotovelo, cerrando os punhos para evitar atirar alguma coisa contra a parede.

– O que se passa? – Rolf, o seu melhor amigo e colega, enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

– O que te parece? – Kjell passou a mão pelo cabelo escuro, que há alguns anos tinha começado a adquirir, aqui e ali, madeixas grisalhas.

– A Beata? – perguntou Rolf, entrando no gabinete.

– Pois, quem é que havia de ser? Já te tinha dito que à última hora impediu-me de

ficar com os meus filhos no fim de semana, apesar de ser a minha vez de ficar com eles. Agora estava para ali ao telefone a berrar que não os deixa ir comigo a Palma de Maiorca. Considera que uma semana é demasiado tempo para estarem longe dela.

– Mas os teus filhos não passaram duas semanas com ela nas Canárias em junho? E ela não marcou a viagem sem te consultar? Porque é que não haveriam de poder passar uma semana com o pai?

– Porque são os filhos «dela». A Beata está constantemente a dizer isso. «Os meus filhos.» Por isso, parece que só estou autorizado a pedi-los emprestados.

Kjell tentou forçar-se a respirar mais devagar. Detestava que a ex-mulher ainda tivesse a capacidade de o perturbar. E que não se importasse com o que era melhor para os filhos. Tudo o que ela queria era tornar-lhe a vida o mais miserável possível.

– Mas vocês não tinham a guarda conjunta? – perguntou Rolf. – Devias poder ficar com os teus filhos com mais frequência, se é isso que queres.

– Pois, eu sei, mas ao mesmo tempo quero que tenham uma vida estável. Não deveria haver uma guerra sempre que me calha ficar com eles. Uma semana de férias! Será que é pedir muito? Eu sou o pai deles e tenho exatamente o mesmo direito de estar com os meus filhos que a Beata.

– Os teus filhos estão a crescer, Kjell. Vão acabar por perceber. Tenta ser uma pessoa melhor, um pai melhor. Eles precisam de tranquilidade. Assegura-te de que a têm quando estão contigo e tudo acabará por se resolver. Mas nunca pares de lutar pelo direito a estar com eles.

– Recuso-me a desistir – disse Kjell com amargura.

– Ótimo – afirmou Rolf. Em seguida, acenou com o jornal que tinha na mão. – Deixa que te diga, escreveste um artigo do caraças. Encostaste o tipo às cordas. Julgo que é o primeiro artigo que leio em que alguém se atreveu a pôr John Holm e o partido dele no lugar. – Rolf sentou-se na cadeira reservada às visitas.

– Não consigo perceber o que se passa com os outros jornalistas – Kjell abanou a cabeça. – Há falhas tão óbvias na retórica vomitada pelos Amigos da Suécia. Não devia ser assim tão difícil.

– Esperemos que haja mais a seguir o teu exemplo – disse Rolf, apontando para o jornal, que estava aberto no artigo de Kjell. – Temos de mostrar aos nossos leitores como é essa gente.

– O pior é que alguns eleitores engolem a propaganda barata deles. Vestem aqueles fatos elegantes, saneiam publicamente alguns membros que se portaram mal e põem-se a falar em cortes orçamentais e em poupança. Por detrás da fachada, continuam a ser os mesmos fascistas de sempre. Só que agora, sempre que fazem a saudação nazi e empunham bandeiras com suásticas, certificam-se de que o fazem às

escondidas. E depois vão à televisão lamentar-se de que foram difamados e injustamente atacados.

– Não precisas de tentar convencer-me. Estamos do mesmo lado – riu-se Rolf, erguendo as mãos.

– Tenho a certeza de que ele está a esconder mais qualquer coisa – disse Kjell, massajando a ponta do nariz.

– Quem?

– O John Holm. Está demasiado simpático, demasiado contido. É tudo demasiado perfeito. Nem sequer se preocupou em encobrir o passado como membro do movimento *skinhead*. Fala disso com toda a descontração quando vai aos programas da manhã da televisão e fica para lá sentado no sofá do estúdio a pedir desculpa e a lamentar ter sido *skinhead*. Enfim, nada disso é novidade para os eleitores. Não, tenho de continuar a investigar. O Holm não pode ter-se purificado de todos os pecados.

– Concordo. Mas os segredos dele não vão ser fáceis de descobrir. O Holm esforçou-se demasiado para os branquear. – Rolf pôs o jornal de lado.

– Pelo menos tenho de... – Kjell foi interrompido pelo toque do telefone. – Se for outra vez a Beata... – hesitou por um segundo e depois atendeu. – Estou?

Quando ouviu quem era, o seu tom de voz mudou imediatamente. Reparou que Rolf estava a olhar para ele com ar divertido.

– Olá, Erica... Não, não há problema... Claro, claro... O que foi que disseste? Estás a brincar, certo?

Lançou uma olhadela a Rolf e fez um sorriso rasgado. Dois minutos mais tarde, Kjell terminou a conversa. Tinha tomado algumas notas à pressa e, depois de desligar, atirou a caneta para cima da secretária, recostou-se e cruzou as mãos atrás da cabeça.

– Parece que as coisas estão a começar a mexer.

– Que aconteceu? Com quem estavas a falar?

– Com a Erica Falck. Parece que não sou a única pessoa interessada no John Holm. Deu-me os parabéns pelo artigo e perguntou-me se tinha algum material sobre o passado dele que pudesse ver.

– Porque será que a Erica se está a interessar por ele? – perguntou Rolf, abrindo depois muito os olhos. – Será que é por o Holm ter estado em Valö? Erica está a escrever sobre a família que desapareceu?

Kjell assentiu.

– Parece que sim. Mas essa não é a melhor parte. Não vais acreditar nisto.

– Então, Kjell, acaba lá com esse suspense.

Kjell sorriu. Sabia que Rolf ia adorar o que lhe ia dizer.

ESTOCOLMO, 1925

A MULHER QUE ABRIU A PORTA NÃO ERA DE TODO COMO DAGMAR A TINHA IMAGINADO. NÃO ERA BONITA NEM SEDUTORA, ANTES CANSADA E ABATIDA. TAMBÉM PARECIA SER MAIS VELHADO QUE HERMANN E TUDO NELA EXALAVA UMA SIMPLICIDADE INESPERADA.

DAGMAR FICOU A OLHÁ-LA, BOQUIABERTA. TER-SE-IA ENGANADO NA PORTA? MAS DIZIA «GÖRING» NA PLACA, POR ISSO DECIDIU QUE AQUELA MULHER DEVIA SER EMPREGADA DO CASAL. APERTOU A MÃO DE LAURA COM FIRMEZA.

– VIM VER O HERMANN.

– O HERMANN NÃO ESTÁ EM CASA. – A MULHER OLHOU-A DE ALTO ABAIXO.

– ENTÃO EU ESPERO QUE CHEGUE.

LAURA ESTAVA A TENTAR ESCONDER-SE POR DETRÁS DE DAGMAR E A MULHER LANÇOU-LHE UM SORRISO AMÁVEL ANTES DE DIZER:

– EU SOU A MULHER DE GÖRING. POSSO AJUDÁ-LA EM ALGUMA COISA?

ENTÃO AQUELA ERA MESMO A MULHER QUE DAGMAR ODIAVA. A MULHER QUE ESTAVA NOS SEUS PENSAMENTOS DESDE QUE LERA O SEU NOME NO JORNAL. DAGMAR CONTEMPLOU CARIN GÖRING COM SURPRESA: OS SAPATOS PRÁTICOS E RESISTENTES, A SAIA DE BOM CORTE ATÉ AOS TORNOZELOS, A BLUSA IMPECAVELMENTE ABOTOADA ATÉ AO PESCOÇO E O CABELO APANHADO ATRÁS NUM COQUE. PEQUENAS RUGAS ERAM VISÍVEIS EM TORNO DOS OLHOS E A PELE APRESENTAVA UMA PALIDEZ DOENTIA. DE REPENTE, TUDO ENCAIXOU. CLARO QUE AQUELA ERA A MULHER QUE TINHA ENGANADO O SEU HERMANN. UMA VELHA SOLTEIRONA COMO ELA NUNCA PODERIA TER CONSEGUIDO UM HOMEM COMO O HERMANN SEM ALGUNS TRUQUES PERVERSOS.

– BEM, TEMOS DE TER UMA CONVERSINHA, EU E VOCÊ. – DAGMAR PUXOU LAURA PELA MÃO COM FORÇA E ENTROU.

CARIN AFASTOU-SE SEM FAZER NADA PARA A DETER. LIMITOU-SE A ACENAR COM A CABEÇA À CRIANÇA.

– PODE DAR-ME OS VOSSOS CASACOS? – PERGUNTOU.

DAGMAR OLHOU-A COM DESCONFIANÇA. EM SEGUIDA, SEM ESPERAR SER CONVIDADA, ENTROU DE ROMPANTE NA DIVISÃO MAIS PRÓXIMA DO VESTÍBULO, PARANDO REPENTINAMENTE NO LIMAR DA GRANDE SALA. O APARTAMENTO ERA TÃO BONITO QUANTO ESPERAVA QUE O LAR DE HERMANN FOSSE: ESPAÇOSO, COM JANELAS ALTAS, UM TETO ALTO E SOALHO EM PARQUÉ RELUZENTE – MAS ESTAVA QUASE VAZIO.

– PORQUE É QUE ELES NÃO TÊM MÓVEIS, MAMÃ? – PERGUNTOU LAURA COM OS OLHOS MUITO ABERTOS ENQUANTO PESQUISAVA EM SEU REDOR.

DAGMAR VIROU-SE PARA CARIN.

– SIM, PORQUE É QUE NÃO TÊM MÓVEIS? PORQUE É QUE O HERMANN VIVE ASSIM?

CARIN FRANZIU A TESTA POR UM MOMENTO, O QUE INDICAVA CONSIDERAR A PERGUNTA IMPERTINENTE, MAS DEPOIS RESPONDEU NUM TOM BASTANTE AMIGÁVEL:

– AS COISAS TÊM SIDO UM POUCO DIFÍCEIS NOS ÚLTIMOS TEMPOS. MAS AGORA TEM DE DIZER-ME QUEM É A SENHORA.

DAGMAR FINGIU NÃO OUVIR O PEDIDO, LIMITANDO-SE A LANÇAR À SR.A GÖRING UM OLHAR DE DESDÉM.

– DIFÍCEIS? MAS O HERMANN É RICO. NÃO PODE ESTAR A VIVER ASSIM.

– OUVIU O QUE EU DISSE? SE NÃO ME DISSER QUEM É E O QUE ESTÁ AQUI A FAZER VOU SER OBRIGADA A CHAMAR A POLÍCIA. PARA O BEM DA CRIANÇA, PREFERIA NÃO O FAZER. – CARIN ACENOU COM A CABEÇA NA DIREÇÃO DE LAURA, QUE FOI MAIS UMA VEZ ESCONDER-SE POR DETRÁS DA MÃE.

DAGMAR AGARROU-LHE O BRAÇO E EMPURROU-A NA DIREÇÃO DE CARIN.

– ESTA É A MINHA FILHA. E DO HERMANN. A PARTIR DE AGORA, O HERMANN VAI MORAR CONNOSCO. JÁ ESTEVE COM ELE TEMPO SUFICIENTE E O HERMANN NÃO A QUER. SERÁ QUE NÃO PERCEBE ISSO?

CARIN GÖRING VACILOU, MAS MANTEVE UMA POSTURA CALMA ENQUANTO, POR UM MOMENTO, ESTUDOU DAGMAR E LAURA EM SILÊNCIO.

– NÃO FAÇO IDEIA DO QUE ESTÁ A DIZER. O HERMANN É O MEU MARIDO. EU SOU A SENHORA GÖRING.

– E EU SOU QUEM O HERMANN AMA. SOU O GRANDE AMOR DA VIDA DELE –DISSE DAGMAR, BATENDO O PÉ. – LAURA É FILHA DELE, MAS VOCÊ ROUBOU-MO ANTES QUE EU PUDESSE DIZER-LHO. SE O HERMANN SOUBESSE DA LAURA, NUNCA TERIA CASADO CONSIGO, INDEPENDENTEMENTE DO QUE TIVESSE FEITO PARA O OBRIGAR. – DAGMAR ESTAVA FORA DE SI DE TANTA RAIVA. LAURA TINHA-SE IDO NOVAMENTE ESCONDER POR DETRÁS DELA.

– ACHO QUE DEVIA SAIR ANTES QUE EU CHAME A POLÍCIA. – A VOZ DE CARIN PERMANECIA CALMA, MAS DAGMAR PODIA VER O MEDO ESTAMPADO NOS SEUS OLHOS.

– ONDE ESTÁ O HERMANN? – INSISTIU.

CARIN APONTOU PARA A PORTA DA FRENTE.

– SAIA! – AINDA A APONTAR, MOVEU-SE RESOLUTAMENTE NA DIREÇÃO DO TELEFONE. O MATRAQUEAR DOS SALTOS ECOOU NO APARTAMENTO VAZIO.

DAGMAR PARECEU ACALMAR-SE QUANDO FEZ UMA PAUSA PARA PENSAR. APERCEBEU-SE DE QUE A SR.A GÖRING NÃO IA DIZER ONDE ESTAVA O MARIDO, MAS PELO MENOS JÁ SABIA A VERDADE, O QUE LHE DEU GRANDE SATISFAÇÃO. AGORA SÓ TINHA DE ENCONTRAR HERMANN. MESMO QUE ISSO SIGNIFICASSE DORMIR À PORTA DELE, IA ESPERAR ALI ATÉ QUE CHEGASSE A CASA. DEPOIS FICARIAM JUNTOS PARA TODA A ETERNIDADE. AGARRANDO COM FORÇA LAURA PELO COLARINHO, DAGMAR ARRASTOU A CRIANÇA ATÉ À PORTA. COM UM ÚLTIMO OLHAR TRIUNFANTE A CARIN GÖRING, FECHOU A PORTA ATRÁS DE SI.



– Obrigada, querida Anna. – Erica beijou a irmã na face e apressou-se até ao carro depois de acenar aos filhos para se despedir. Sentia uma pontada de culpa por deixá-los uma vez mais; porém, a julgar pelos gritos de felicidade quando a tia Anna entrou, não precisava de todo de sentir remorsos.

Conduziu em direção a Hamburgsund com a mente cheia de perguntas. Estava irritada por não ter conseguido avançar mais na sua pesquisa para descobrir o que acontecera à família Elvander. Estava sempre a ir dar a bocos sem saída e não estava mais perto de resolver aquele desaparecimento do que a polícia. Mas não ia desistir. A história da família era fascinante e, quanto mais escavava nos arquivos, mais interessante se tornava. Era como se as mulheres da família de Ebba tivessem uma espécie de maldição a pairar sobre elas.

Erica afastou todas as imagens do passado. Graças a Gösta, tinha finalmente uma pista que valia a pena seguir. Gösta mencionara um nome, e depois de pesquisar um pouco mais, decidira ir ter com uma fonte que teria certamente informações valiosas, motivo pelo qual estava agora sentada no carro. Pesquisar casos antigos era muitas vezes como montar um *puzzle* gigantesco ao qual faltavam algumas peças vitais. A experiência ensinara-lhe que era melhor ignorar as peças em falta e concentrar-se em colocar todas as outras no lugar; mais cedo ou mais tarde, a imagem acabaria por materializar-se. Aquele caso estava longe de se clarificar, mas Erica esperava que em breve o *puzzle* adquirisse mais peças e fosse capaz de formar uma ideia do que a imagem queria dizer. Caso contrário, todos os seus esforços seriam em vão.

Quando chegou à estação de serviço de Hansson, parou o carro para pedir indicações. Tinha uma vaga ideia do caminho, mas era uma perda de tempo continuar sem rumo certo. Por detrás do balcão estava Magnus, o dono da estação de serviço, assim como a mulher. Além do irmão, Frank, e da cunhada, Anette, que tinham a salsicharia na praça, ninguém conhecia melhor os habitantes de Hamburgsund do que Magnus.

O homem lançou a Erica um olhar de curiosidade, mas não disse uma palavra enquanto esboçava um mapa pormenorizado num papel. Erica conduzia com um olho na estrada e outro no mapa, até que por fim chegou àquela que devia ser a vivenda que procurava. Só então se deu conta de que era possível que, num dia tão bom, não estivesse ninguém em casa. A maioria das pessoas que tinham o dia livre estaria na praia ou numa ilha qualquer no arquipélago. Mas agora que ali estava, o melhor era

tocar à campainha. Quando saiu do carro e ouviu música, ficou mais esperançosa.

Enquanto esperava que alguém lhe abrisse a porta, cantarolou a melodia: «*Non, je ne regrette rien*», cantada por Edith Piaf. O seu francês era fraco e só sabia o refrão, mas aquela música cativava-a e mal registou a porta a abrir-se.

– Ah, com que então uma admiradora de Piaf! – disse um homem baixo, envergando um robe de seda roxo debruado a dourado. Tinha o rosto maquilhado.

Erica não conseguiu esconder a surpresa.

O homem sorriu.

– Ora bem, minha querida, está a vender alguma coisa ou veio cá por outra razão? Se estiver a vender, eu já tenho tudo o que preciso, senão, convido-a desde já a entrar e a fazer-me companhia no alpendre. O Walter não gosta de sol, por isso estou lá sentado com toda a minha solidão. E não há nada mais triste do que beber um bom rosé sozinho.

– Oh, sim, bem... Há *realmente* uma razão para a minha visita – conseguiu dizer Erica.

– Excelente! – O homem bateu palmas com prazer e recuou para que Erica pudesse entrar.

Percorreu o vestíbulo com o olhar. Por toda a parte havia dourados, borlas e veludo. Dizer que a decoração daquele lugar era «ostensiva» nem por sombras lhe fazia justiça.

– Eu decorei este piso, ao passo que o Walter pôde fazer o que quis com o andar de cima. Para um casamento durar tanto tempo como o nosso, temos de estar dispostos a fazer concessões. Estamos prestes a celebrar o nosso décimo quinto aniversário; antes, vivemos em pecado durante dez anos – o homem virou-se para as escadas e gritou: – Amor, temos uma visita! Vem cá abaixo tomar uma bebida connosco ao sol em vez de estares para aí a rezingar!

O homem avançou pelo corredor, apontando para cima.

– Devia ver como é lá em cima. Faz-me lembrar um hospital. Completamente estéril. Walter diz que é estilisticamente puro. Adora o chamado *design* nórdico, que não tem nada de acolhedor. E que também não é propriamente difícil de conseguir. Basta pintar tudo de branco, trazer alguns desses repugnantes móveis de bétula da *IKEA* e *voilà*... acaba de criar um lar sueco.

O homem contornou uma poltrona enorme estofada em brocado vermelho e dirigiu-se para as portadas abertas que davam para o alpendre. Havia uma garrafa de rosé num balde de gelo em cima da mesa. Ao lado estava um copo de vinho meio vazio.

– Posso oferecer-lhe um copo? – O homem já estava a esticar o braço para alcançar a garrafa. O robe de seda esvoaçou em torno das pernas finas e pálidas.

– Gostava muito, mas vim a conduzir – disse Erica, pensando em como seria

agradável beber um copo de vinho naquele alpendre ensolarado com vista para o estreito e para a ilha de Hamburg.

– Oh, que coisa tão enfiada. Tem a certeza de que não consigo tentá-la a beber umas gotinhas? – perguntou, acenando sedutoramente com a garrafa depois de a ter retirado do balde de gelo.

Erica não conseguiu conter uma gargalhada.

– O meu marido é agente da polícia, por isso receio que não me atreva, por mais que me apetecesse.

– Aposto que é terrivelmente bonito! Sempre adorei homens de uniforme.

– Eu também – disse Erica, sentando-se numa das cadeiras do alpendre.

O homem afastou-se para baixar o volume do leitor de CD. Serviu a Erica um copo de água e entregou-lho com um sorriso.

– Então, porque é que uma rapariga tão bonita me veio fazer uma visita?

– Chamo-me Erica Falck e sou escritora. Atualmente estou a fazer pesquisas para o meu próximo livro. O senhor é Ove Linder, certo? E foi professor no colégio interno para rapazes de Rune Elvander no princípio dos anos 70.

O sorriso desapareceu do rosto do homem.

– Ove. Isso foi há muito tempo...

– Será que me enganei na casa? – perguntou Erica, apercebendo-se de que podia ter interpretado mal as complicadas indicações de Magnus.

– Não, não, mas já não sou Ove Linder há algum tempo. Pensativo, o homem rodou o copo nas mãos. – Não mudei oficialmente de nome. Se o tivesse feito, a menina não teria sido capaz de me encontrar, mas hoje em dia chamo-me Liza. Ninguém me chama Ove a não ser o Walter, e só se estiver zangado comigo. Escolhi o nome por causa de Liza Minelli, claro, embora eu seja apenas uma pálida imitação – explicou, inclinando a cabeça, aparentemente à espera que Erica protestasse.

– Para de andar à pesca de elogios, Liza.

Erica virou a cabeça. Deduziu que a pessoa que estava à entrada era Walter, o marido.

– Ah, já chegaste. Anda cá cumprimentar a Erica – disse Liza.

Walter entrou no alpendre, pondo-se por detrás de Liza e pousando-lhe ternamente as mãos nos ombros. Liza colocou a mão livre sobre a do marido e apertou-a. Erica deu por si a esperar que ela e Patrik fossem tão ternurentos um com o outro depois de viverem juntos durante vinte e cinco anos.

– Que se passa? – perguntou Walter quando se sentou. Ao contrário do companheiro, teria passado despercebido no meio de uma multidão: estatura média, nem gordo nem magro, uma calvície incipiente e roupas discretas. O género de pessoa que uma testemunha nunca conseguiria recordar se lhe pedissem para a identificar, pensou Erica. Mas tinha um olhar inteligente e parecia simpático. Sem

saber muito bem porquê, Erica teve a sensação de que aquele estranho par era perfeitamente compatível.

Aclarou a garganta.

– Como eu disse, estou a tentar descobrir mais coisas sobre o colégio interno de Valö. Era um dos professores, não era?

– Sim, infelizmente – respondeu Liza com um suspiro. – Foram tempos horríveis. Ainda não me tinha assumido e, naquela altura, não era tão aceitável ser *gay* como hoje em dia. Além disso, o Rune Elvander era um fanático terrível e não tinha medo de mostrar os seus preconceitos. Antes de ter decidido aceitar o meu verdadeiro eu, tentei desesperadamente encaixar naquele ambiente. Nunca tive aquele ar de lenhador, claro, mas fiz um esforço para parecer heterossexual e, como dizem, normal. Tive ocasião de praticar muito na infância e na adolescência.

Liza olhou para a mesa e Walter acariciou-lhe o braço para a consolar.

– Julgo que consegui enganar o Rune, mas tive de aturar uma data de insultos por parte dos alunos. Aquele colégio estava cheio de nulidades que se divertiam a encontrar os pontos fracos das outras pessoas. Só estive lá seis meses e provavelmente não teria aguentado muito mais. Na verdade, não planeava voltar depois das férias de Páscoa, mas não tive de me dar ao trabalho de pedir a demissão.

– Qual foi a sua reação ao desaparecimento da família? Tem alguma teoria? – perguntou Erica.

– Claro que achei pavoroso, independentemente do que pensava deles. Presumo que lhes tenha acontecido alguma coisa horrível.

– Mas tem alguma ideia do que possa ter acontecido?

– Não. Para mim, como para toda a gente, é um mistério – disse Liza.

– Como era o ambiente no colégio? Havia pessoas que não se davam bem?

– Isso é um eufemismo. Aquele sítio era uma panela de pressão.

– Como assim? – Erica sentiu a pulsação acelerar. Pela primeira vez tinha a oportunidade de saber o que se passara nos bastidores. Porque é que não tinha pensado naquilo antes?

– De acordo com o professor, cuja vaga preenchi, os alunos andavam a engalfinhar-se uns com os outros desde o início. Estavam habituados a fazer o que lhes dava na gana, mas também eram muito pressionados em casa para terem sucesso. Era inevitável que isso resultasse em lutas de galos. Quando comecei a trabalhar no colégio, o Rune já tinha feito estalar o chicote e os rapazes andavam na linha, mas podia sentir-se a tensão latente sob a superfície.

– E como era o relacionamento dos rapazes com o Rune?

– Odiavam-no. O Rune era um psicopata sádico – declarou Liza com frieza.

– Não pinta o Rune Elvander com muito boas cores. – Erica lamentou não ter

levado o gravador. Ia ter de tentar lembrar-se da conversa o melhor possível.

Liza estremeceu.

– O Rune Elvander era uma das pessoas mais desprezíveis que alguma vez conheci. E acredite em mim... – Liza lançou uma olhadela a Walter –, as pessoas como nós acabam por encontrar uma data de tipos desagradáveis na vida.

– E como era o seu relacionamento com a família?

– Isso depende de que membros da família estamos a falar. Não diria que a Inez fosse feliz. É difícil compreender porque é que casou com o Rune. Era jovem e meiga. Eu suspeitava de que fora a mãe a arranjar-lhe aquele casamento. Mas a velha morreu logo depois de eu ter começado a trabalhar no colégio, o que provavelmente foi um alívio para a Inez, porque aquela mulher era assustadora.

– Então e os filhos do Rune? – prosseguiu Erica. – Como é que encaravam o pai e a madrasta? Não deve ter sido fácil para a Inez tornar-se membro da família. Não tinha só mais uns anos do que o enteado mais velho?

– Sim. Um rapaz horrível, muito parecido com o pai.

– Como se chamava o filho mais velho?

– Claes. – Seguiu-se uma longa pausa. Erica esperou pacientemente. – É dele que me lembro melhor. Fico arrepiado só de pensar nele. E não consigo dizer porquê. O Claes sempre foi educado comigo, mas havia algo nele que me impedia de virar-lhe as costas quando estava presente.

– O Claes e o Rune davam-se bem?

– É difícil dizer. Orbitavam em torno um do outro como dois planetas, sem nunca se chegarem a cruzar – Liza riu-se, envergonhada. – Pareço uma mulher da *New Age* ou uma má poetisa...

– De modo nenhum. Continue, por favor – disse Erica, inclinando-se para a frente. – Compreendo o que quer dizer. Portanto, nunca houve conflitos entre o Rune e o Claes?

– Não, mantinha-se cada um no seu território. O Claes parecia obedecer à mais pequena ordem do Rune, mas o que sentia pelo pai é uma incógnita. No entanto, pelo menos uma coisa tinham em comum: ambos adoravam a Carla – a falecida mulher do Rune e mãe do Claes – e ambos pareciam desprezar a Inez. No caso do Claes, isso até podia ser compreensível, uma vez que ela tomara o lugar da mãe, mas o Rune casara-se com ela.

– Quer dizer que o Rune tratava mal a Inez?

– Sim. Ou, pelo menos, não era um relacionamento amoroso. Estava constantemente a dar-lhe ordens como se a Inez fosse sua subordinada e não a sua mulher. O Claes, por outro lado, era deliberadamente mau e não tinha vergonha do modo como tratava a madrasta. Também não parecia ter qualquer afeição pela Ebba. E com a irmã, Annelie, não era muito melhor.

– O que pensava o Rune do comportamento dos filhos? Será que os incentivava?
– Erica bebeu um gole de água. Estava calor no alpendre, mesmo à sombra do grande chapéu-de-sol.

– Aos olhos do Rune, o Claes e a Annelie nunca faziam nada de mal. Também falava com eles com voz de comando, mas era o único que tinha autorização para repreender os filhos. Se outra pessoa qualquer se queixasse deles, o Rune ficava furioso. Eu sei que a Inez tentou uma vez, mas foi a última. Não, o único membro da família que era bom para ela era o Johan, o filho mais novo do Rune. Era atencioso, meigo e muito ligado à Inez. – A expressão de Liza entristeceu. – Que será feito da pequena Ebba?

– Regressou a Valö. Ela e o marido estão a recuperar a casa. E anteontem...

Erica mordeu o lábio. Não sabia quanto se atrevia a revelar, porém, ao mesmo tempo, Liza tinha sido tão franca com ela. Respirou fundo.

– Anteontem, a Ebba e o marido encontraram sangue quando levantavam o soalho da sala de jantar.

Liza e Walter fitaram-na. Ao longe podia ouvir-se o barulho de barcos e pessoas a falar, mas no alpendre reinava o mais absoluto silêncio. Por fim, Walter disse:

– Sempre disseste que o mais certo era terem morrido.

Liza assentiu.

– Sim, parecia o mais provável. Além disso...

– Além disso o quê? – perguntou Erica.

– Ah, é um disparate. – Liza abanou a mão, fazendo flutuar a manga do robe de seda. – Na altura nunca falei disso a ninguém.

– Nada é demasiado insignificante nem demasiado disparatado. Conte-me.

– Não foi nada de especial, mas tive a sensação de que as coisas estavam prestes a piorar. E ouvi... – Liza abanou a cabeça. – Não, é demasiado absurdo.

– Conte lá – disse Erica, resistindo ao impulso de se inclinar sobre a mesa e abanar Liza até que desembuchasse.

Liza bebeu um grande gole de vinho e, em seguida, olhou-a nos olhos.

– Havia barulhos à noite.

– Barulhos?

– Sim. Passos, portas a abrir, uma voz distante. Mas quando me levantava para ir ver o que era, não estava lá ninguém.

– Como se fossem fantasmas? – aventou Erica.

– Eu não acredito em fantasmas – afirmou Liza com ar sombrio. – A única coisa que posso dizer é que ouvia barulhos e tinha a sensação de que algo terrível estava prestes a acontecer. Por isso não fiquei surpreendida quando soube do desaparecimento da família.

Walter assentiu.

– Sempre tiveste um sexto sentido.

– Oh, os disparates que estou para aqui a dizer – afirmou Liza. – O ambiente está a ficar demasiado triste nesta mesa. A Erica vai pensar que somos um par de profetas da desgraça. – De repente, o brilho estava de volta aos olhos de Liza, que fez um sorriso rasgado.

– De modo nenhum. Quero agradecer-vos por me terem acolhido e por me terem deixado falar convosco. Deram-me muito em que pensar, mas agora é melhor ir para casa – disse Erica, levantando-se.

– Mande cumprimentos meus à pequena Ebba – disse Liza.

– Serão entregues.

Liza e Walter fizeram menção de se levantar para a acompanhar até à porta, mas Erica fez-lhes sinal para continuarem sentados.

– Deixem-se estar. Eu consigo sair sozinha.

Quando passou pelo mar de ouro, de borlas e de almofadas de veludo, ouviu atrás de si Edith Piaf a cantar sobre o seu coração partido.

– Onde raio é que estiveste hoje de manhã? – perguntou Patrik, entrando no gabinete de Gösta. – Queria que fosses comigo falar com o John Holm.

Gösta ergueu os olhos.

– A Annika não te disse? Tive de ir ao dentista.

– Ao dentista? – Patrik sentou-se e lançou-lhe um olhar penetrante. – Não tens cáries, espero?

– Não. Nem uma cárie.

– Como está a correr a lista? – Patrik indicou a pilha de documentos pousados sobre a secretária à frente de Gösta.

– Bem, já compilei a maior parte das moradas atuais dos antigos alunos.

– Foi rápido.

– Os números dos cartões de cidadão... – disse Gösta, apontando para a antiga lista de alunos. – Basta usarmos o cérebro – acrescentou, e entregou um papel a Patrik. – Como correu com o líder nazi?

– Não me parece que o Holm apreciasse muito essa descrição – disse Patrik, começando a consultar a lista.

– Bem, mas é isso que ele é. Já não rapam as cabeças, mas não mudaram. O Mellberg portou-se bem?

– O que te parece? – disse Patrik, pousando a lista no colo. – Pode dizer-se que, durante a conversa, a polícia de Tanum não mostrou propriamente a sua melhor cara.

– Ao menos descobriram alguma coisa nova?

Patrik abanou a cabeça.

– Nem por isso. O John Holm não sabe nada sobre o desaparecimento. E não aconteceu nada no colégio que possa explicá-lo. Não havia nada a assinalar, além das tensões que seriam expectáveis entre um grupo de adolescentes e um diretor muito rigoroso, etc.

– Já soubeste alguma coisa do Torbjörn? – perguntou Gösta.

– Não. Prometeu despachar-se, mas uma vez que não descobrimos cadáveres para apresentar, provavelmente o caso não é considerado de prioridade elevada. Além disso, mesmo que se venha a constatar que a família foi assassinada, o crime já prescreveu.

– Mas o relatório sobre as análises ao sangue pode dar-nos algumas pistas relevantes para a nossa investigação sobre o fogo posto. Esqueceste-te de que naquela noite alguém tentou incendiar a casa com Ebba e Tobias lá dentro? Tu é que estavas plenamente convencido de que o fogo e o desaparecimento da família estavam relacionados. E a Ebba? Não tem o direito de saber o que aconteceu à família?

Patrik ergueu as mãos.

– Eu sei, eu sei. Mas por enquanto ainda não encontrei nada de interesse no processo sobre o desaparecimento da família e isto começa a parecer uma busca desesperada que não vai levar a lado nenhum.

– Há alguma coisa por onde pegar no relatório do Torbjörn sobre o incêndio?

– Não. Foi utilizada gasolina normalíssima e um fósforo normalíssimo. Não temos mais nada em concreto.

– Então temos de tentar na outra extremidade do *puzzle*. – Gösta virou-se e acenou para uma fotografia afixada na parede. – Acho que temos de pressionar um pouco mais os rapazes. Sabem mais do que nos disseram em 1974.

Patrik levantou-se e foi examinar a fotografia dos cinco rapazes.

– Talvez tenhas razão. Vi na lista que achas que devemos começar por falar com Leon Kreutz. Porque não vamos ter uma conversa com ele agora mesmo?

– Infelizmente, não sei onde o Leon está. Tem o telemóvel desligado e do hotel disseram-me que ele e a mulher já tinham feito o *checkout*. Parece que estão a instalar-se na casa nova. Esperamos até amanhã, para lhes dar tempo de desfazer as malas? Assim podemos falar com eles em paz e sossego.

– *Okay*. Nesse caso, porque não vamos antes falar com Sebastian Månsson e com Josef Meyer? Ambos vivem aqui perto.

– Claro. Mas primeiro tenho de dar uma arrumadela a isto.

– E não nos devemos esquecer de verificar esse misterioso «G».

– G?

– Sim, a pessoa que todos os anos envia postais de aniversário à Ebba.

– Achas que é mesmo necessário? – Gösta começou a remexer os papéis que tinha em cima da secretária.

– Nunca se sabe. Como acabaste de dizer: temos de encontrar um fio e depois segui-lo.

– Se puxarmos muitos fios ao mesmo tempo, ainda acabamos emaranhados – murmurou Gösta. – Não me parece relevante.

– Discordo – disse Patrik, batendo-lhe no ombro. – Sugiro que...

O telemóvel tocou e Patrik olhou para o ecrã.

– Tenho de atender esta chamada – disse, e saiu do gabinete de Gösta.

Alguns minutos mais tarde, Patrik regressou com uma expressão triunfante no rosto.

– Parece que temos finalmente a pista de que estávamos à espera. Era Torbjörn ao telefone. Não havia mais sangue sob o soalho da sala de jantar, mas encontraram outra coisa ainda melhor.

– O quê?

– Enfiada nas pranchas do soalho estava uma bala. Portanto, parece que foi disparado um tiro na sala onde a família estava reunida antes de ter desaparecido.

Patrik e Gösta trocaram olhares sombrios. Um momento antes estavam completamente desanimados e, de repente, a investigação tinha ganho um novo fôlego.

Erica planeara seguir diretamente para casa para render Anna, mas a curiosidade foi mais forte. Passou por Fjällbacka e continuou até Mörhult. Depois de hesitar se devia ou não virar à esquerda no campo de minigolfe e ir até às cabanas de pesca, decidiu tentar a sua sorte e ver se estavam em casa. Entretanto entardecera.

A porta estava aberta, presa por um tamanco de madeira decorado com flores. Erica enfiou a cabeça pela fresta.

– Está alguém? – perguntou.

Ouviu barulho no interior e, um momento depois, John Holm apareceu com um pano de cozinha na mão.

– Peço desculpa se venho interromper o seu jantar – disse Erica.

Holm olhou para o pano.

– Não, claro que não. Estava a lavar as mãos. Posso ajudá-la?

– Chamo-me Erica Falck e estou atualmente a trabalhar num livro.

– Ah, então é a famosa escritora de Fjällbacka? Venha fazer-me companhia na cozinha. Quer uma chávena de café? – perguntou o deputado, dirigindo-lhe um sorriso caloroso. – Então, o que a traz por cá?

Sentaram-se à mesa da cozinha.

– Estou a pensar escrever um livro sobre o que aconteceu em Valö. – Erica julgou

ter captado um ligeiro mal-estar nos olhos azuis de Holm, mas desapareceu tão rapidamente que talvez apenas o tivesse imaginado.

– É estranho de repente toda a gente parecer tão interessada em Valö. Se interpretei corretamente os coscuvilheiros destas bandas, foi com o seu marido que falei esta manhã.

– Sim, o meu marido é polícia. Patrik Hedström.

– Havia mais uma pessoa com ele que era muito... interessante.

Não demorou muito para Erica perceber a quem Holm se referia.

– Já vi que teve a honra de conhecer o Bertil Mellberg, o homem, o mito, a lenda!

Holm riu-se e Erica sentiu-se fascinada pelo charme do líder dos Amigos da Suécia. E isso incomodava-a. Detestava tudo o que Holm e o seu partido defendiam, porém, de momento o deputado parecia inofensivo. E bastante interessante, na verdade.

– Não é a primeira vez que me cruzo com alguém como ele. O seu marido, por outro lado, pareceu-me bastante competente.

– Eu sou parcial, claro, mas o Patrik é um bom polícia. Não para de escavar até descobrir o que quer saber. Tal como eu.

– Devem formar uma equipa perigosa. – Holm sorriu de novo, mostrando duas covinhas perfeitas.

– Acho que sim. Mas às vezes encalhamos. Há anos que faço pesquisas sobre aquele desaparecimento e agora decidi voltar a pegar na história.

– E vai escrever um livro sobre isso? – estas palavras foram acompanhadas por outro lampejo de ansiedade nos olhos de Holm.

– É esse o plano. Importava-se se eu lhe fizesse algumas perguntas? – Erica pegou num bloco e numa caneta.

Por um momento, John Holm pareceu hesitar.

– Pode ser – disse por fim. – Mas como já expliquei ao seu marido e ao colega dele, não tenho realmente muito a acrescentar.

– Julgo saber que havia certos conflitos entre os membros da família Elvander.

– Conflitos?

– Sim. Parece que os filhos do Rune não gostavam muito da madrasta.

– Como alunos, nós não nos envolvíamos na dinâmica familiar deles.

– Mas era um colégio tão pequeno... Deve ter reparado no que se passava no seio da família.

– Não nos interessava. Não queríamos ter nada que ver com eles. Já era suficientemente mau ter de lidar com o Rune. – Holm parecia arrependido por ter concordado em responder às perguntas de Erica. Encolhia os ombros e retorcia-se na cadeira, o que só aumentou a determinação de Erica em pressioná-lo. Aparentemente, havia algo naquela linha de investigação que deixava John Holm

pouco à vontade.

– Então e a Annelie? Uma rapariga de dezasseis anos no meio de uma data de rapazes adolescentes. Como é que as coisas se passavam?

Holm resfolegou.

– A Annelie era completamente doida por rapazes, mas nenhum de nós alguma vez a incentivou. Há certas raparigas das quais aprendemos a manter a distância e a Annelie era uma delas. Além disso, o Rune ter-nos-ia assassinado se tocássemos com um dedo que fosse na filha.

– O que quer dizer quando afirma que a Annelie era o género de rapariga de quem se aprende a manter a distância?

– Estava sempre a correr atrás de nós e a agir de modo estranho, e julgo que teria adorado meter-nos em sarilhos. Uma vez estendeu-se mesmo por baixo da nossa janela a tomar banhos de sol em *topless*, mas o Leon foi o único que se atreveu a olhar para ela. Já naquela altura gostava de desafiar a morte.

– O que aconteceu? O pai apanhou-a? – Erica sentiu que estava a ser arrastada para um mundo completamente diferente.

– O Claes, o irmão, costumava protegê-la. Naquela ocasião, viu-a e levou-a dali. Foi tão brusco que pensei que ia arrancar-lhe o braço.

– A Annelie tinha uma queda por algum dos rapazes?

– Claro que sim. Por quem acha que estava apaixonada? – perguntou Holm, mas depois percebeu que Erica não fazia ideia do que quisera dizer. – Pelo Leon, claro. Era o rapaz perfeito. A família era podre de rica, era bonito e tinha uma autoconfiança com que nós nem sequer sonhávamos.

– Mas o Leon não estava interessado nela?

– Como eu disse, a Annelie era o género de rapariga que causava problemas e o Leon era demasiado inteligente para se envolver com ela – um telemóvel começou a tocar na sala e Holm levantou-se de um salto. – Desculpe, importa-se que atenda?

Sem esperar por uma resposta, o deputado saiu da cozinha e Erica ouviu-o falar em voz baixa. Não parecia estar mais ninguém em casa. Percorreu a sala com os olhos enquanto esperava. Uma série de documentos empilhados numa cadeira da cozinha chamou-lhe a atenção. Lançando um rápido olhar por cima do ombro, começou a folhear as páginas. Pareciam ser apenas atas de trabalhos parlamentares e relatórios de reuniões, mas depois teve um sobressalto. Entre duas folhas impressas encontrou um papel coberto de rabiscos que não conseguia decifrar. Da sala de estar ouviu Holm dizer adeus e retirou rapidamente o papel do maço de documentos, guardando-o na mala. Quando Holm regressou à cozinha, Erica lançou-lhe um sorriso inocente.

– Está tudo bem?

Holm assentiu e voltou a sentar-se.

– Esta é a desvantagem do meu trabalho. Nunca estou de folga, nem mesmo durante as férias.

Com um murmúrio, Erica disse que compreendia. Não queria entrar num debate sobre as atividades políticas de Holm. Não seria capaz de ocultar os seus pontos de vista e corria o risco de transformar a conversa numa discussão. E assim não teria oportunidade de descobrir mais nada sobre Valö.

Erica pegou na caneta.

– Então, como era a Inez com os alunos?

– A Inez? – Holm desviou o olhar. – Não a víamos muito. Estava ocupada a cuidar da casa e da filha pequena.

– Mas certamente que tinham algum tipo de relacionamento com ela? Conheço a casa e não é particularmente grande, por isso deviam cruzar-se com bastante frequência.

– Claro que víamos a Inez. Mas era uma mulher calada e taciturna. Não nos ligava muito e nós fazíamos o mesmo.

– Parece que o marido também não morria de amores por ela.

– Não. Era incompreensível que um homem como o Rune tenha conseguido procriar quatro filhos. Especulávamos que só podiam ter sido nascimentos virginais.

– Holm lançou-lhe um sorriso irónico.

– Qual era a sua opinião dos dois professores do colégio?

– Eram os dois umas belas peças. Excelentes professores, mas Per-Arne tinha sido militar e era ainda mais rígido do que o Rune, se é que isso era possível.

– E o outro professor?

– O Ove? Hum... Havia nele algo de suspeito. Um homossexual encapotado. Essa era a teoria predominante. Será que alguma vez se terá assumido?

Erica teve de conter-se para não desatar a rir. Imaginou Liza, com as suas pestanas postiças e o seu bonito robe de seda.

– Quem sabe... – disse com um sorriso.

Holm lançou-lhe um olhar intrigado, mas Erica nada adiantou. Não lhe cabia informar Holm sobre a vida de Liza, além disso, estava bem consciente da posição dos Amigos da Suécia em relação aos homossexuais.

– Não se recorda de nada de especial sobre os professores?

– Não, nada. Havia fronteiras bem definidas entre os alunos, os professores e a família. Toda a gente tinha de saber qual era o seu lugar. Os grupos eram estanques.

«Um pouco como as tuas políticas», pensou Erica que teve de morder a língua para não o verbalizar. Sentia que Holm começava a ficar impaciente, por isso fez uma última pergunta:

– Segundo uma pessoa com quem conversei, havia alguns barulhos estranhos na casa durante a noite. Lembra-se disso?

Holm sobressaltou-se.

– Quem é que lhe disse isso?

– Isso não é importante.

– Parvoíces! – disse Holm, levantando-se.

– Quer dizer que não tem conhecimento desses barulhos?

– Claro que não. E agora receio que tenha de fazer alguns telefonemas.

Erica apercebeu-se de que não ia descobrir mais nada, pelo menos por enquanto.

– Obrigada pelo tempo que me dispensou – disse, recolhendo os seus pertences.

– O prazer foi todo meu. – Holm irradiava novamente charme, mas conduziu-a tão depressa à porta que os pés de Erica mal tocaram o chão.

Ia desceu as cuecas e as calças de Leon e ajudou-o a mudar-se da cadeira de rodas para a sanita.

– Pronto, já podes parar de fazer caretas – disse Ia.

– Não percebo porque é que não podemos contratar uma enfermeira para fazer estas coisas – disse Leon.

– Quero ser eu a cuidar de ti.

– O teu coração transborda de bondade – disse ironicamente Leon. – Se continuares assim vais dar cabo das costas. Precisamos de alguém para te ajudar.

– É bom saber que te preocupas com as minhas costas, mas eu sou muito forte e não quero cá mais ninguém. Só ia estorvar. Estamos bem só os dois. Até que a morte nos separe. – Tentou acariciar o lado ileso do rosto de Leon, mas o marido encolheu-se perante o toque e Ia retirou a mão.

Ele manobrou a cadeira de rodas para longe dela e Ia foi sentar-se no sofá. Tinham comprado a casa completamente mobilada e, finalmente, nesse dia tinham sido autorizados a mudar-se, depois de o banco no Mónaco ter aprovado o levantamento. Tinham pago tudo em dinheiro. Da janela abarcavam Fjällbacka na sua totalidade e Ia estava a apreciar aquela vista incrível mais do que imaginara. Ouviu Leon a praguejar na cozinha. Nada tinha sido adaptado para o acesso da cadeira de rodas, de modo que era difícil para Leon alcançar as coisas e estava constantemente a chocar com os cantos e com os armários.

– Já vou – gritou Ia, embora não se tenha levantado de imediato. Às vezes era bom fazê-lo esperar um pouco. Assim não tomava a ajuda dela como um dado adquirido. Da mesma forma que tinha encarado o seu amor como um dado adquirido.

Ia olhou para as mãos. Tinham tantas cicatrizes como as de Leon. Quando saía, usava sempre luvas para esconder as cicatrizes dos olhares curiosos, mas ali em casa queria que Leon visse os ferimentos que tinha sofrido quando o puxara para

fora do carro em chamas. Gratidão era o que exigia. Desistira de toda a esperança de receber amor. Já não tinha a certeza de Leon ser capaz de amar outra pessoa. Em tempos pensara que sim. Nessa altura, o amor dele era a única coisa que importava. Quando é que esse amor se transformara em ódio? Não sabia. Passara muitos anos a tentar reconhecer os seus defeitos, a esforçar-se ao máximo para corrigir o que Leon criticava, a dar o seu melhor para lhe oferecer o que parecia desejar. Mas Leon tinha continuado a atormentá-la, como se tentasse deliberadamente magoá-la. As montanhas, o mar, os desertos, as mulheres. Isso é que era importante. Eram as suas amantes. E os longos períodos em que esperara que o marido regressasse a casa tinham sido insuportáveis.

La tocou na cara. A pele era suave e o rosto não tinha expressão. De repente lembrou-se das dores das operações. Leon nunca estava lá para lhe pegar na mão quando acordava da anestesia. Nunca estava lá quando voltava para casa. A convalescença pareceu durar uma eternidade. Agora já não se reconhecia quando se via ao espelho. Mas já não tinha de se esforçar. Não havia montanhas para Leon subir, desertos para percorrer, mulheres por quem trocá-la. Leon era dela e só dela.

Tobias franziu a testa quando se esticou. Tinha o corpo dorido do trabalho manual interminável e quase se esquecera de como era não sentir dores. Sabia que Ebba pensava o mesmo. Quando julgava que não a estava a ver, costumava massajar os ombros e as articulações, fazendo a mesma careta de dor que ele fazia.

Mas a dor que sentiam no coração era pior. Viviam com ela dia e noite e a sensação de perda era tão grande que era impossível ver onde começava ou acabava. Mas não era só de Vincent que tinha saudades; também sentia a falta de Ebba. E tudo piorara quando a perda se misturava com a raiva e a culpa às quais não podiam escapar.

Sentou-se nos degraus com uma caneca de chá na mão, olhando para lá do mar, para Fjällbacka. A vista era mais bonita à luz dourada do sol da tarde. De alguma forma, sempre soubera que acabariam por ir parar à ilha. Mesmo que acreditasse em Ebba quando ela lhe dissera que tinha tido uma boa infância, às vezes sentia que a mulher carregava uma pergunta que não desapareceria até que ela, pelo menos, tentasse encontrar a resposta. Tobias tinha a certeza de que se tivesse abordado o assunto antes de tudo se ter desmoronado, Ebba teria negado. Mesmo assim, Tobias continuara convencido de que um dia iriam para ali, para o sítio onde tudo começou.

Quando as circunstâncias os forçaram finalmente a fugir – para algo que era ao mesmo tempo familiar e desconhecido, para uma vida em que Vincent nunca tinha existido –, Tobias albergara uma certa esperança. A esperança de que encontrariam o caminho de volta um para o outro e de que conseguiriam pôr a raiva e a culpa para

trás das costas. Mas Ebba tinha-o excluído e rejeitava todas as suas tentativas de intimidade. Será que tinha o direito de o fazer? A dor e o sofrimento não eram só dela, também os sentia. Certamente merecia que Ebba estivesse pelo menos disposta a tentar.

Tobias agarrou a caneca com mais força enquanto contemplava o horizonte. Imaginou Vincent. O filho era tão parecido com ele. Deram-se conta disso logo na maternidade e tinham achado graça às parecenças. Recém-nascido e enrolado numa manta, no seu carrinho de bebé, Vincent era como uma pequena caricatura de Tobias. As semelhanças tinham-se acentuado e Vincent adorava o pai. Aos três anos, seguia Tobias como um cachorrinho e era sempre pelo seu papá que chamava primeiro. De vez em quando, Ebba queixava-se, afirmando que aquilo era uma ingratidão da parte de Vincent depois de o ter carregado durante nove meses e de ter tido um parto doloroso. Mas falava da boca para fora. Ficava contente por ver como Vincent e Tobias eram cada vez mais chegados e contentava-se em assumir o segundo lugar.

As lágrimas inundaram os olhos de Tobias, que as limpou com a mão. Já não aguentava mais chorar, além disso não servia para nada. A única coisa que queria era que Ebba voltasse para ele. Nunca iria desistir. Continuaría a tentar até que Ebba percebesse que precisavam um do outro.

Tobias levantou-se e entrou em casa. Subiu as escadas, tentando ouvir Ebba, embora já soubesse onde a mulher estava. Sempre que não estavam atarefados com as obras, Ebba ia sentar-se à sua mesa de trabalho e concentrava-se a fazer um novo colar que algum cliente encomendara. Tobias entrou no quarto e foi pôr-se por detrás dela.

– Recebeste uma nova encomenda?

Ebba sobressaltou-se.

– Sim – respondeu, continuando a moldar a prata.

– Quem é o cliente? – A raiva pela indiferença da mulher cresceu dentro dele e teve de conter-se para não perder as estribeiras.

– Chama-se Linda. O filho morreu quando tinha apenas quatro meses. De síndrome de morte súbita infantil. Era o primeiro filho dela.

– Estou a ver – disse Tobias, virando-se. Não conseguia compreender como é que Ebba podia suportar ouvir aquelas histórias, todo aquele sofrimento de pais desconhecidos. A própria tristeza que sentia não era suficiente? Não precisava de olhar para saber que ela estava a usar o colar. Foi o primeiro que fez e usava-o sempre. Tinha «Vincent» gravado na parte de trás. Havia momentos em que tinha vontade de arrancar-lhe aquele colar, e achava que Ebba não era digna de usar o nome do filho ao pescoço. Mas também havia momentos em que só queria que a mulher tivesse Vincent perto do coração. Porque é que tinha de ser tão difícil? O que aconteceria se desistisse de tudo, aceitasse o que tinha acontecido e reconhecesse

que eram ambos culpados?

Tobias pousou a caneca numa prateleira e deu um passo em direção a Ebba. Hesitou por um momento, mas depois pôs-lhe as mãos nos ombros. Sentiu o corpo da mulher ficar hirto. Delicadamente, Tobias começou a massajar os músculos, sentindo que Ebba estava tão tensa como ele. Ebba não disse uma palavra, limitando-se a olhar fixamente em frente. As mãos, que tinham estado a trabalhar no anjo de prata, tombaram sobre a mesa e o único som que se ouvia era a respiração de ambos. Tobias sentiu um rasgo de esperança. Estava a tocar-lhe, a sentir o corpo de Ebba sob as suas mãos. Se calhar sempre havia uma saída.

Abruptamente, Ebba levantou-se. Sem dizer nada, saiu do quarto e Tobias ficou para ali, com as mãos no ar. Por um momento, fitou a mesa de trabalho da mulher, pejada de tralha. Então, como que por vontade própria, os braços moveram-se num grande arco e arremessaram tudo ao chão. No silêncio que se seguiu, Tobias apercebeu-se de que só havia um caminho a tomar. Teria de arriscar tudo.

⁸ Ou Nova Era. Movimento espiritual surgido no final dos anos 60 do século XX no contexto da cultura *hippie*. Propunha um novo modelo de consciência moral, psicológica e social, a integração com a natureza e o universo e o repúdio do conservadorismo das religiões tradicionais. (N. do T.)

ESTOCOLMO, 1925

– TENHO FRIO, MAMÃ. – LAURA CHORAMINGAVA, TRISTÍSSIMA, MAS DAGMAR NÃO LHE LIGAVA NENHUMA. IAM ESPERAR ALI ATÉ HERMANN VOLTAR PARA CASA. MAIS CEDO OU MAIS TARDE ACABARIA POR REGRESSAR E FICARIA TÃO CONTENTE AO VÊ-LA... DAGMAR ANSIAVA POR VER OS OLHOS DELE A ILUMINARAM-SE, POR VER O DESEJO E O AMOR QUE DEVIAM TER-SE FORTALECIDO DEPOIS DE TODOS AQUELES ANOS À ESPERA. – MAMÃ... – LAURA ESTAVA A TREMER TANTO QUE OS DENTES BATIAM.

– CALA-TE! – DISSE REPENTINAMENTE DAGMAR. AQUELA CRIANÇA ESTAVA SEMPRE A ESTRAGAR TUDO. SERÁ QUE NÃO QUERIA QUE FOSSEM FELIZES? DAGMAR NÃO PÔDE MAIS CONTER A RAIVA DENTRO DELA E ERGUEU A MÃO PARA BATER A LAURA.

– SE FOSSE A SI NÃO FARIA ISSO. – UMA MÃO FORTE AGARROU-LHE O PULSO E DAGMAR VIROU-SE, ASSUSTADA. POR DETRÁS DELA ESTAVA UM CAVALHEIRO ELEGANTE DE SOBRETUDO ESCURO, CALÇAS ESCURAS E CHAPÉU.

DAGMAR ERGUEU A CABEÇA COM ALTIVEZ.

– O SENHOR NÃO TEM O DIREITO DE INTERFERIR NO MODO COMO EU EDUCO A MINHA FILHA.

– SE LHE BATER, EU BATO-LHE A SI COM A MESMA FORÇA. ASSIM VERÁ COMO DÓI – DISSE CALMAMENTE O HOMEM, CUJO TOM DE VOZ INDICAVA QUE NÃO ADMITIA OBJEÇÕES.

DAGMAR PONDEROU DIZER-LHE O QUE ACHAVA DAS PESSOAS QUE METIAM O NARIZ EM ASSUNTOS QUE NÃO LHE DIZIAM RESPEITO, MAS APERCEBEU-SE DE QUE TAL ATITUDE NÃO A AJUDARIA EM NADA.

– PEÇO PERDÃO – DISSE. – A MINHA FILHA TEM ESTADO IMPOSSÍVEL O DIA TODO. NÃO É FÁCIL SER MÃE E, ÀS VEZES... – DAGMAR ENCOLHEU OS OMBROS COMO QUE A PEDIR DESCULPA E OLHOU PARA O CHÃO PARA QUE O HOMEM NÃO LHE VISSE A FÚRIA ESTAMPADA NO ROSTO.

LENTAMENTE, O HOMEM SOLTOU-LHE O PULSO E DEU UM PASSO ATRÁS.

– QUE ESTÁ AQUI A FAZER À MINHA PORTA?

– ESTAMOS À ESPERA DO MEU PAPÁ – DISSE LAURA, LANÇANDO AO DESCONHECIDO UM OLHAR SUPLICANTE. NÃO ESTAVA HABITUADA A QUE ALGUÉM SE ATREVESSE A DESAFIAR A MÃE.

– E O TEU PAPÁ MORA AQUI? – O HOMEM EXAMINOU DAGMAR.

– ESTAMOS À ESPERA DO CAPITÃO GÖRING – EXPLICOU, PUXANDO LAURA PARA JUNTO DELA.

– BEM, ENTÃO VÃO TER MUITO QUE ESPERAR – DISSE O HOMEM, CONTINUANDO A ESTUDÁ-LAS COM INTERESSE.

DAGMAR SENTIU O CORAÇÃO COMEÇAR A MARTELAR-LHE O PEITO. TERIA ACONTECIDO

ALGUMA COISA A HERMANN? PORQUE É QUE AQUELA DESGRAÇADA NÃO LHE TINHA DITO NADA?

– COMO ASSIM? – EXIGIU SABER DAGMAR.

O HOMEM CRUZOU OS BRAÇOS.

– UMA AMBULÂNCIA VEIO BUSCÁ-LO. LEVARAM-NO NUMA CAMISA-DE-FORÇAS.

– NÃO COMPREENDO.

– O HERMANN ESTÁ NO HOSPITAL DE LÂNGBR. – O HOMEM DO SOBRETUDO ELEGANTE APROXIMOU-SE DA PORTA, APARENTEMENTE DESEJOSO DE PÔR UM PONTO FINAL NAQUELA CONVERSA. DAGMAR AGARROU-LHE O BRAÇO, MAS O HOMEM AFASTOU-O COM UMA CARETA.

– POR FAVOR, SENHOR, PODE DIZER-ME COMO ENCONTRO ESSE HOSPITAL? TENHO DE VER O HERMANN!

O ROSTO DO DESCONHECIDO IRRADIAVA REPUGNÂNCIA. ABRIU A PORTA E ENTROU, SEM RESPONDER. QUANDO A PESADA PORTA SE FECHOU POR DETRÁS DELE, DAGMAR DEIXOU-SE CAIR NO CHÃO. E AGORA, O QUE IA FAZER?

COM A CABEÇA APOIADA NOS JOELHOS, DAGMAR CHOROU COMO SE O CORAÇÃO SE FOSSE PARTIR EM MIL PEDAÇOS. LAURA PUXOU A MÃE, TENTANDO FAZER COM QUE SE VOLTASSE A LEVANTAR. DAGMAR SACUDIU O BRAÇO DA FILHA. PORQUE É QUE AQUELA CRIANÇA NÃO PODIA DEIXÁ-LA EM PAZ E DESAPARECER? QUE IA FAZER SE NÃO CONSEGUISSSE ENCONTRAR HERMANN? LAURA NÃO ERA SÓ SUA FILHA. ERA FILHA DE AMBOS.



Patrik correu para a esquadra, parando abruptamente na receção. Annika estava profundamente embrenhada em alguma coisa e não ergueu logo os olhos. Quando reparou que Patrik ali estava, sorriu e olhou novamente para baixo.

– O Martin ainda está doente? – perguntou Patrik.

– Sim – respondeu Annika, os olhos fixos no ecrã do computador.

Patrik lançou-lhe uma olhadela intrigada e, em seguida, virou-se. Só havia uma coisa a fazer.

– Tenho de ir tratar de um assunto – disse, e voltou a sair da esquadra. Viu Annika abrir a boca, mas não ouviu o que ela disse.

Patrik olhou para o relógio. Passava pouco das nove da manhã. Ainda era demasiado cedo para aparecer à porta da casa de alguém, mas já estava tão preocupado que não se importava se ia acordá-los ou não.

Demorou apenas alguns minutos de carro até ao prédio onde Martin vivia com a família. Quando estava à frente da porta do colega, hesitou. Talvez não houvesse nenhum problema, talvez Martin estivesse mesmo doente e de cama e o fosse acordar sem motivo. Podia até sentir-se insultado, pensando que Patrik tinha ido confirmar se estava mesmo doente.

Mas o seu instinto disse-lhe o contrário. Martin já lhe devia ter telefonado, independentemente de estar ou não muito doente. Patrik tocou à campainha.

Esperou bastante tempo e esteve para tocar novamente, mas sabia que o apartamento não era muito grande, por isso deviam-no ter ouvido à primeira. Por fim, Patrik ouviu passos a aproximar-se.

Quando a porta se abriu, Patrik teve um choque. Não havia dúvida de que Martin parecia doente. Estava com a barba por fazer, tinha o cabelo desgrenhado e cheirava levemente a suor, mas o pior de tudo era a expressão vaga nos olhos do colega. Patrik quase não o reconheceu.

– Que estás aqui a fazer? – perguntou Martin.

– Posso entrar?

Martin encolheu os ombros, virou-se e arrastou-se para dentro do apartamento.

– A Pia está a trabalhar? – perguntou Patrik, olhando em redor.

– Não. – Martin parou perto da porta que dava para a varanda na sala de estar e olhou pela janela.

Patrik fez uma careta.

– Estás doente?

– Liguei para o escritório a dizer que não ia. A Annika não te disse? – Martin parecia zangado quando se virou. – Talvez queiras um atestado médico ou alguma justificação? Vieste cá para teres a certeza de que estou a dizer a verdade e não a tomar banhos de sol?

Normalmente, Martin era uma pessoa extremamente simpática. Patrik nunca tinha visto o colega sucumbir a uma explosão daquelas e sentiu-se ainda mais preocupado. Algo estava muito mal.

– Porque não nos sentamos? – perguntou, apontando para a cozinha.

A ira de Martin desapareceu tão rapidamente como aparecera e o olhar mortiço voltou-lhe aos olhos. Assentiu com indiferença e seguiu o colega. Sentaram-se à mesa da cozinha e Patrik examinou Martin com extrema preocupação.

– O que está a acontecer aqui?

Por um momento, Martin não disse nada.

– A Pia está a morrer – disse Martin, fixando depois o tampo da mesa.

Aquelas palavras não faziam sentido e Patrik recusou-se a acreditar que as ouvira.

– Como assim?

– A Pia começou anteontem o tratamento. Foi uma sorte ter conseguido uma vaga tão depressa.

– Tratamento para quê? – Patrik abanou a cabeça. Cruzara-se com Pia e com Martin no fim de semana e parecia estar tudo bem.

– A menos que haja algum tipo de milagre, os médicos dizem que podem restar-lhe apenas seis meses.

– Seis meses de tratamento?

Lentamente, Martin levantou a cabeça e olhou para o colega nos olhos. A extrema dor da sua expressão quase fez Patrik recuar.

– Seis meses de vida. E, depois, Tuva deixará de ter mãe.

– O quê?... Como... Quando é que tu... – Patrik deu por si a gaguejar, mas não conseguia encontrar nada sensato para dizer.

Martin não respondeu. Em vez disso, pousou a cabeça na mesa e desatou a soluçar tanto que todo o corpo começou a tremer. Patrik levantou-se e foi abraçá-lo. Não fazia ideia de quanto tempo tinha passado, mas finalmente Martin parou de chorar e o corpo relaxou.

– Onde está a Tuva? – perguntou, ainda a abraçar Martin.

– Com a mãe da Pia. Eu não consigo... Neste momento não consigo. – Martin começou a chorar, as lágrimas corriam-lhe silenciosamente pelo rosto.

Patrik acariciou-lhe as costas.

– Está tudo bem, desabafa à vontade.

Aquilo era um clichê e Patrik sentiu-se um pouco idiota, mas o que mais se podia dizer numa situação daquelas? Haveria alguma coisa certa ou errada? Na verdade, o conteúdo das suas palavras não importava; além disso, Patrik também não tinha a certeza se Martin estava a ouvir alguma coisa.

– Já comeste?

Martin fungou, limpou o nariz à manga do roupão de banho e depois abanou a cabeça.

– Não tenho fome.

– Isso não interessa. Tens de comer. – Patrik foi até ao frigorífico para ver o que conseguia encontrar. Havia muita comida, mas sabia que não era o momento certo para cozinhar uma refeição completa, por isso tirou simplesmente um pouco de manteiga e de queijo. Depois torrou algumas fatias de baguete que encontrou no congelador e fez duas sanduíches abertas. Achava que era tudo o que Martin conseguiria comer de momento. Em seguida, Patrik fez outra sanduíche para si próprio. Calculou que seria mais fácil Martin comer se tivesse companhia.

– Agora conta-me tudo – disse depois de Martin ter terminado a primeira sanduíche e um pouco de cor lhe ter voltado ao rosto.

Hesitante, Martin disse a Patrik tudo o que sabia sobre o cancro de Pia e contou-lhe o choque que sofreram. Num momento estava tudo bem e no momento a seguir descobriram que Pia tinha de ser internada no hospital e ia passar por um rigoroso processo terapêutico que talvez não servisse para nada.

– Quando começa a poder vir para casa?

– Para a semana, penso. Não tenho bem a certeza. Ainda não... – A mão de Martin tremeu quando levantou a sanduíche. Parecia envergonhado.

– Não falaste com eles? Tens ido visitar a Pia desde que foi internada? – Patrik estava a dar o seu melhor para não parecer reprobatório. Essa era a última coisa de que Martin precisava naquele momento e, por estranho que pudesse parecer, compreendia a reação do colega. Tinha visto um número suficiente de pessoas em estado de choque para reconhecer aquele olhar vago e aqueles movimentos pesados.

– Vou fazer um chá – disse antes que Martin pudesse responder. – Ou preferes um café?

– Café – respondeu Martin. Não parava de mastigar, mas parecia estar com dificuldade em engolir.

Patrik encheu um copo com água.

– Toma. Bebe um pouco de água para ajudar a engolir. O café está quase pronto.

– Não tenho ido vê-la – disse Martin quando acabou de mastigar.

– Isso não é assim tão estranho. Estás em estado de choque – disse Patrik enquanto punha colheradas de café moído no filtro.

– Eu desiludi-a. A Pia precisa tanto de mim agora e eu desiludi-a. E a Tuva. Não via a hora de levá-la para casa da mãe da Pia. Como se isto também não estivesse a ser difícil para ela. Afinal de contas, a Pia é filha dela. – Martin parecia novamente à beira das lágrimas, mas respirou fundo e, em seguida, fez um esforço para acalmar a respiração. – Não faço a mais pequena ideia onde a Pia vai buscar aquela força toda. Ligou-me várias vezes e está preocupada comigo. Que loucura é esta? Está a fazer radioterapia, quimioterapia e sabe-se lá que raio mais. Deve estar a morrer de medo e a sentir-se realmente doente. Mas é comigo que está preocupada!

– Isso também não é assim tão estranho – disse Patrik. – Bem, vamos fazer o seguinte: vais tomar um duche e fazer a barba e, quando acabares, o café estará pronto.

– Não, eu... – começou a dizer Martin, mas Patrik ergueu a mão.

– Ou vais imediatamente tomar um duche ou eu levo-te para a casa de banho à força e dou-te uma boa esfregadela. E, como isso não é algo que aprecie particularmente, espero que o faças sozinho.

Martin não pôde deixar de rir-se.

– Não penses que te aproximas sequer de mim com uma toalha. Eu tomo duche sozinho.

– Ótimo – disse Patrik, e virou-se para procurar canecas nos armários. Ouviu Martin levantar-se e ir para a casa de o banho.

Dez minutos mais tarde, quando regressou à cozinha, Martin era um homem novo.

– Já te pareces mais contigo – disse Patrik, despejando café fumegante na caneca do colega.

– Sinto-me melhor. Obrigado – disse Martin, sentando-se. O rosto ainda estava abatido e pálido, mas havia mais vida nos seus olhos verdes. O cabelo ruivo húmido estava em pé. Parecia uma versão mais velha do Kalle Blomkvist das histórias de Astrid Lindgren⁹.

– Tenho uma sugestão – disse Patrik, que refletira sobre aquilo tudo enquanto Martin estava no duche. – Tens de apoiar a Pia o mais possível. E também tens de te responsabilizar pela Tuva. Por isso, porque não tiras umas férias a partir de agora e depois vemos como as coisas correm e de quanto mais tempo vais precisar.

– Já só tenho três semanas de férias.

– Nós resolvemos isso – disse Patrik. – Por agora não te preocupes com os pormenores práticos.

Martin lançou-lhe um olhar confuso e assentiu. Patrik recordou-se subitamente de Erica e do acidente de viação em que esteve envolvida. Podia ser ele a estar ali sentado. Por pouco não tinha perdido tudo.

Tinha passado a noite inteira a dar voltas na cama e a pensar. Depois de Patrik ter

saído para ir trabalhar, sentou-se no alpendre, em paz e sossego, a pôr as ideias em ordem. Para variar, os filhos estavam a brincar sozinhos. Adorava a vista para o arquipélago de Fjällbacka e estava imensamente grata por ter conseguido salvar a casa onde ela e Anna tinham crescido. Agora, os filhos também podiam crescer ali. Não era fácil de manter. O vento e a água salgada iam deteriorando as paredes de madeira e a casa precisava de reparações e de manutenção constantes.

De momento não tinham grandes problemas financeiros. Tinha sido anos de muito trabalho, mas atualmente ganhava bastante bem com os livros. Não tinha alterado particularmente a sua rotina, mas era bom saber que não precisava de preocupar-se em fazer malabarismos com o orçamento familiar se precisasse de uma panela nova ou se tivessem de fazer obras em casa.

Estava plenamente consciente de que havia muitas pessoas que não desfrutavam da mesma segurança financeira. Quando não havia dinheiro ou o desemprego batia à porta, era fácil procurar um bode expiatório. Em parte era isso que fazia com que os Amigos da Suécia tivessem tanto sucesso. Desde o encontro com John Holm, Erica não conseguia parar de pensar naquele homem e no que ele representava. Esperara encontrar uma pessoa desagradável que exibisse orgulhosamente as suas ideias injuriosas. Em vez disso tinha encontrado algo muito mais perigoso. Uma pessoa eloquente, que inspirava confiança, e conseguia dar respostas simples. Alguém que conseguia ajudar os eleitores a identificar um bode expiatório e que depois prometia fazê-lo desaparecer.

Erica estremeceu. Estava convencida de que Holm escondia alguma coisa. Estava para se ver se haveria alguma ligação com o que aconteceu em Valö, mas sabia com quem ia falar a seguir.

– Meninos, vamos dar um passeio de carro! – gritou, virando-se para a sala de estar. As palavras provocaram gritos de júbilo por parte dos filhos, que adoravam passeios de carro.

– A mamã só tem de fazer um telefonema. Maja, calça-te que eu já vou para dentro ajudar o Anton e o Noel.

– Eu consigo ajudá-los – disse Maja, dando as mãos aos irmãos e conduzindo-os até ao vestíbulo. Erica sorriu. Maja estava cada vez mais a tornar-se uma pequena mãe para os irmãos.

Um quarto de hora mais tarde estavam todos no carro a caminho de Uddevalla. Telefonara para ter a certeza de que Kjell estava no jornal. Não queria fazer uma viagem com os filhos para nada. Inicialmente, Erica pensara explicar tudo ao telefone, mas depois concluiu que Kjell devia ver a nota com os próprios olhos.

Cantaram canções infantis durante toda a viagem até Uddevalla, por isso, Erica tinha a voz rouca quando anunciou a sua presença à rececionista. Passado um momento, Kjell apareceu para cumprimentá-los.

– Ena, trouxeste a equipa toda? – disse o jornalista, olhando para os três filhos que estavam timidamente a olhar para ele.

Kjell deu um abraço a Erica, e a barba do jornalista arranhou-lhe o rosto. Erica sorriu. Estava contente por vê-lo. Tinham-se conhecido há alguns anos, quando a investigação de um homicídio revelou que Elsy, a falecida mãe de Erica, e o pai de Kjell tinham sido amigos durante a Segunda Guerra Mundial. Tanto ela como Patrik gostavam de Kjell e Erica tinha imenso respeito pelo seu trabalho como jornalista.

– Hoje sou eu a *babysitter* – explicou Erica.

– Tudo bem. Gosto de vos ver a todos – disse Kjell, lançando um sorriso amigável às crianças. – Acho que tenho alguns brinquedos num cesto e podem entreter-se com eles enquanto eu converso com a vossa mãe.

– Brinquedos? – A timidez das crianças evaporou-se e Maja apressou-se a seguir Kjell, ansiosa por ver o cesto prometido.

– Aqui está. Praticamente só tenho folhas e lápis de cera – disse Kjell, despejando o conteúdo no chão.

– Devo avisar-te de que te sujeitas a ficar com o tapete todo manchado – disse Erica. – É que eles não escrevem só nas folhas.

– Achas realmente que umas manchitas vão fazer a diferença neste tapete? – perguntou, sentando-se à secretária.

Vendo o estado do tapete, Erica percebeu que o jornalista tinha razão.

– Ontem conheci o John Holm – disse Erica, sentando-se na cadeira reservada às visitas.

Kjell lançou-lhe um olhar penetrante.

– Com que impressão ficaste?

– É uma pessoa encantadora. Mas muito perigosa.

– Isso resume bastante bem as coisas. Quando era novo, o Holm pertencia a um dos piores grupos do movimento *skinhead*. Também foi lá que conheceu a mulher.

– Custa-me um bocado imaginá-lo com a cabeça rapada. – Erica virou-se para ver o que as crianças estavam a fazer, mas constatou que, pelo menos por enquanto, estavam a portar-se bem.

– Pois, o Holm realmente trabalhou a sua imagem. Mas, na minha opinião, esses tipos não mudam. Só ficam mais espertos com os anos e aprendem a comportar-se.

– O Holm tem cadastro?

– Não. Nunca foi acusado de nada, embora tivesse andado lá perto quando era mais novo. Ao mesmo tempo, não acredito por um minuto que seja que as ideias de Holm tenham mudado alguma coisa desde os tempos em que participava nas manifestações anuais de *skinheads* em Lund no dia 30 de novembro¹⁰. Por outro lado, posso afirmar com cem por cento de certeza que é por causa dele que o partido tem agora um assento no Riksdag.

– Porquê?

– A primeira ideia brilhante que o Holm teve foi explorar a divisão que surgiu entre os vários grupos neonazis suecos depois do incêndio na escola de Uppsala.

– Quando aqueles três neonazis foram condenados pelo incêndio? – perguntou Erica, recordando as manchetes que tinham aparecido nos jornais há vários anos.

– Exatamente. Além das divisões dentro dos grupos, e entre eles, os média começaram subitamente a interessar-se pelos neonazis e a polícia começou a ter a extrema-direita debaixo de olho. Foi aí que o John Holm entrou em cena. Juntou os melhores cérebros dos diferentes grupos e sugeriu uma colaboração. Como resultado, os Amigos da Suécia tornaram-se o principal partido. Desde então, Holm tem passado anos a peneirar os fiéis do partido, pelo menos à superfície, e a fazer passar a mensagem de que as suas propostas políticas têm grande apoio popular. Posicionaram-se como partido dos trabalhadores, a voz do homem comum.

– Mas não é difícil manter um partido como esse coeso? Deve haver uma data de extremistas entre os membros.

Kjell assentiu.

– E há. Algumas pessoas têm-no abandonado por julgarem que as medidas que o Holm propõe são demasiado leves e tem sido acusado de trair os antigos ideais. Parece que há uma regra tácita que proíbe a discussão aberta das políticas de imigração. Há demasiadas opiniões diferentes, o que significa que o partido corre o risco de cindir-se. Alguns são da opinião de que todos os imigrantes deviam ser enfiados no primeiro avião disponível e enviados de volta para os países de origem, ao passo que, no outro extremo do espectro, há quem argumente que deviam ser impostas à chegada restrições mais rigorosas a todos os estrangeiros que queiram vir para cá viver.

– A que categoria pertence o John Holm? – perguntou Erica, virando-se para acalmar os gémeos, que estavam a ficar barulhentos.

– Oficialmente, ao último grupo, mas oficiosamente... Eu não ficaria surpreendido se o Holm tivesse um uniforme nazi pendurado no guarda-fatos.

– Como é que o Holm foi parar a esses círculos?

– Depois de ontem me teres telefonado, fui investigar mais aprofundadamente o passado dele. Já sabia que a família do Holm era extremamente rica; o pai fundou uma empresa de exportações durante os anos 40 e, depois da guerra, continuou a expandir-se. O negócio foi de vento em popa até 1976... – Kjell fez uma pausa dramática e Erica endireitou-se na cadeira.

– Sim? – disse.

– Houve um escândalo que abalou a alta sociedade de Estocolmo. A mãe do John, Greta, trocou o pai, Otto, por um executivo libanês com quem o Otto tinha negociado. Também se soube que Ibrahim Jaber – era que assim que se chamava o

libanês – tinha enganado o Otto e lhe ficara com grande parte da fortuna. No final de julho de 1976, sozinho e falido, o Otto sentou-se à secretária e suicidou-se com um tiro.

– Que aconteceu a Greta e ao John?

– A morte do Otto não foi o fim da tragédia. Descobriu-se que o Jaber já tinha mulher e filhos, e nunca tivera qualquer intenção de casar com Greta. Ficou simplesmente com o dinheiro e abandonou-a. Alguns meses depois, o nome de John Holm aparece pela primeira vez ligado aos neonazis.

– E o ódio dele não diminuiu – disse Erica, estendendo a mão para a mala. Pegou na nota e entregou-a a Kjell. – Ontem encontrei isto em casa do Holm. Não consigo perceber o que diz, mas talvez seja importante.

Kjell riu-se.

– Define *encontrar*.

– Agora parecias o Patrik a falar – disse Erica, sorrindo. – Isso estava para lá. Tenho a certeza de que é só uma nota rabiscada que não vai fazer falta a ninguém.

– Deixa-me cá ver. – Kjell pôs os óculos de leitura que tinha empurrado para a testa. – Gimle – leu em voz alta, franzindo a testa.

– Sim. Que significa isso? Nunca vi essa palavra. Será alguma abreviatura?

Kjell abanou a cabeça.

– Gimle é o que vem depois de Ragnarok, o fim do mundo na mitologia nórdica. Uma espécie de céu ou paraíso. É um conceito bem conhecido e utilizado frequentemente nos círculos neonazis. É também o nome de uma associação cultural. Afirmam não estar filiados em nenhum partido político, mas tenho as minhas dúvidas a esse respeito. Uma coisa é certa: são populares entre os Amigos da Suécia e o Partido do Povo Dinamarquês.

– E o que é que fazem?

– De acordo com as brochuras, o objetivo é reavivar os sentimentos nacionalistas e partilhar uma identidade fazendo reviver velhas tradições suecas, danças folclóricas e poesia antiga, relíquias da antiguidade e assim por diante. Tudo isto está em sintonia com o objetivo dos Amigos da Suécia de promover as tradições do nosso país.

– Quer dizer que Gimle também pode ser uma referência a essa associação? – Erica apontou para o papel.

– É impossível saber. Pode significar qualquer coisa. E é difícil saber o que estes números significam: 1920211851612114. E depois: 5 08 1400.

Erica encolheu os ombros.

– Não faço a mais pequena ideia. Pensei que pudessem ter sido anotados à pressa, como se faz quando se está ao telefone.

– É possível – disse Kjell agitando o papel no ar. – Posso ficar com isto?

– Sim, claro. Vou só tirar-lhe uma foto com o meu telemóvel, para o caso de ter uma inspiração repentina e conseguir decifrar o código.

– Boa ideia. – Kjell passou-lhe o papel e Erica fotografou-o. Em seguida, ajoelhou-se no tapete e começou a arrumar tudo o que os filhos tinham utilizado.

– Tens alguma ideia do que vais fazer com isso?

– Não, realmente não sei. Talvez comece por explorar alguns arquivos para ver se consigo encontrar mais informações.

– Portanto, achas que isso é mais do que um rabisco feito ao telefone? – perguntou Erica.

– Pode ser. Em todo o caso, vale a pena verificar.

– Vai-me mantendo a par. Eu telefono-te se descobrir mais alguma coisa. – Erica começou a conduzir os filhos para o corredor.

– Claro. Vamos falando – disse Kjell, pegando no telefone.

Era sempre a mesma coisa. Se ele chegasse tarde era o fim do mundo, ao passo que Patrik podia estar fora metade da manhã que ninguém levantava uma sobancelha. Erica telefonara-lhe na noite anterior a reportar as visitas a Ove Linder e a John Holm. Agora, Gösta esperava impacientemente que Patrik chegasse para poderem ir falar com Leon. Suspirando por causa das injustiças da vida, voltou a estudar a lista que tinha em cima da secretária.

Um segundo mais tarde, o telefone tocou e Gösta pegou no auscultador.

– Estou. Fala Flygare.

– Gösta – disse Annika. – O Torbjörn está ao telefone. Os resultados das análises ao sangue já chegaram. Queria falar com o Patrik, mas como ele não está importas-te de ser tu a atender?

– Claro que não.

Gösta ouviu atentamente enquanto tomava notas pormenorizadas, embora soubesse que Torbjörn enviaria uma cópia do relatório por fax. Mas a linguagem dos relatórios oficiais era normalmente tão complicada que as informações eram mais fáceis de entender quando Torbjörn as transmitia.

Assim que Gösta desligou o telefone, alguém bateu na porta entreaberta do gabinete.

– A Annika disse-me que o Torbjörn ligou. O que foi que ele disse? – Patrik parecia ansioso por ouvir as novidades, apesar da expressão sombria.

– Há algum problema? – perguntou Gösta sem responder à pergunta.

Patrik sentou-se pesadamente numa cadeira.

– Fui ver como estava o Martin.

– Como é que ele está?

– Vai meter uns dias de baixa. Para começar, três semanas. Depois logo se vê

como as coisas evoluem.

– Porquê? – Gösta sentiu a preocupação aumentar. Embora às vezes se metesse com o jovem colega, gostava de Martin Molin. Toda a gente gostava de Martin.

Quando Patrik lhe disse o que sabia sobre o estado de saúde de Pia, Gösta engoliu em seco. Pobre rapaz. E a menina, que só tinha dois anos, ia ficar sem mãe. Engoliu novamente em seco e virou a cara, pestanejando freneticamente. Não podia pôr-se para ali a choramingar no gabinete.

– O melhor que podemos fazer por ele é continuar com o nosso trabalho – concluiu Patrik. – Que disse o Torbjörn?

Gösta limpou discretamente os olhos e aclarou a garganta antes de se virar para as notas que tomara.

– O laboratório forense confirmou que é sangue humano. Mas é tão antigo que os técnicos não foram capazes de obter nenhum perfil de ADN para ser comparado com o ADN de Ebba. E não é claro se o sangue pertence a mais do que um indivíduo.

– Certo. Era praticamente o que eu esperava. E a bala?

– O Torbjörn enviou-a ontem para um especialista em armas. Foi feita uma análise rápida, mas infelizmente não corresponde a nenhuma bala utilizada em outros crimes.

– Bem, valeu a pena tentar – disse Patrik.

– Claro. Apenas se conseguiu confirmar que é uma bala de nove milímetros.

– Nove milímetros? Isso não nos diz propriamente muito sobre o tipo de arma que foi utilizada. – Patrik afundou-se na cadeira.

– Não, mas o Torbjörn disse que havia ranhuras claras na bala, por isso o tal especialista vai examiná-la mais pormenorizadamente para ver se consegue determinar o tipo de arma utilizada. E se encontrarmos a arma, podemos depois compará-la com a bala.

– Mas primeiro há esse pormenor de encontrar a arma – Patrik olhou para Gösta. – Vocês revistaram cuidadosamente a casa e os arredores?

– Referes-te a 1974?

Patrik assentiu.

– Fizemos o melhor que podíamos – respondeu Gösta. – Estávamos com falta de pessoal, mas passámos a ilha a pente fino. Se alguém tivesse atirado uma arma para algum lado, tê-la-íamos encontrado.

– O mais provável é estar no fundo do mar – comentou Patrik.

– Se calhar tens razão. É verdade, comecei a telefonar aos ex-alunos do colégio, mas ainda não obtive nenhum resultado. Alguns não atenderam o telefone, mas isso não é muito surpreendente, uma vez que estamos no verão.

– Já foi muito bom teres começado – disse Patrik, passando a mão pelo cabelo. – Toma nota caso haja algum que justifique mais atenção; talvez possamos ir falar

pessoalmente com eles.

– Os tipos estão espalhados por toda a Suécia – disse Gösta. – Se fôssemos falar com eles um a um íamos ter de andar de carro até cair para o lado.

– Resolvemos isso quando soubermos de quantas pessoas estamos a falar. – Patrik levantou-se e dirigiu-se à porta. – Que tal darmos um salto a casa de Leon Kreutz depois do almoço? É uma sorte morar tão perto.

– Claro. Espero que consigamos saber mais do que na conversa de ontem. Josef foi tão parco em palavras como em 1974.

– Foi como tirar sangue a uma pedra. E aquele Sebastian saiu-nos uma bela enguia – disse Patrik ao sair do gabinete.

A mão de Gösta pairou sobre o telefone, preparando-se para marcar mais um número. Detestava falar ao telefone e, se não fosse por Ebba, teria tentado livrar-se daquela tarefa. Pelo menos não seria preciso correr toda a lista, uma vez que Erica prometera ajudá-lo.

– Gösta? Podes chegar aqui? – a voz de Patrik interrompeu-lhe os pensamentos.

No corredor encontrava-se Tobias Stark. Tinha uma expressão sombria e segurava um saco de plástico contendo o que parecia ser um postal.

– Tobias tem uma coisa para nos mostrar – disse Patrik.

– Enfie-o no saco assim que me lembrei – disse Tobias. – Mas mexi-lhe, por isso talvez tenha destruído alguma impressão digital.

– Não tem importância – disse Patrik, tentando tranquilizá-lo.

Gösta examinou o postal através do plástico. Era um postal normalíssimo com um gatinho amarelo. Abriu-o e leu a mensagem breve.

– Mas que raio?! – exclamou.

– Parece que «G» está a começar a revelar as suas verdadeiras intenções – disse Patrik. – Isto só pode ser interpretado como uma ameaça.

⁹ Escritora sueca de livros infantis (1907-2002) e criadora de *Pippi das Meias Altas*. (N. do T.)

¹⁰ Aniversário da morte do rei Carlos XII da Suécia (1682-1718), um monarca autocrata e guerreiro que viveu durante algum tempo em Lund, fazendo com que a cidade se tornasse a capital do país durante dois anos. A partir de 1853, a data passou a ser simbólica para os nacionalistas suecos e mais tarde para os grupos de extrema-direita. (N. do T.)

HOSPITAL DE LÅNGBRO, 1925

DEVIA TER HAVIDO ALGUM MAL-ENTENDIDO, OU ENTÃO A CULPA ERA DAQUELA MULHER HORRÍVEL. MAS DAGMAR PODIA AJUDÁ-LO. INDEPENDENTEMENTE DO QUE TIVESSE ACONTECIDO, TUDO IRIA FICAR BEM QUANDO VOLTASSEM A ESTAR JUNTOS.

DEIXARA A MENINA NUMA PASTELARIA DA CIDADE. FICARIA BEM. SE ALGUÉM PERGUNTASSE PORQUE ESTAVA SOZINHA, LAURA DEVIA DIZER QUE A MÃE TINHA IDO À CASA DE BANHO.

DAGMAR CONTEMPLOU O EDIFÍCIO. NÃO TINHA SIDO DIFÍCIL DAR COM ELE. DEPOIS DE PEDIR INDICAÇÕES A ALGUNS TRANSEUNTES, ACABOU POR ENCONTRAR UMA MULHER QUE LHE DISSE COMO CHEGAR AO HOSPITAL DE LÅNGBRO. AGORA, A SUA MAIOR PREOCUPAÇÃO ERA DESCOBRIR COMO ENTRAR. HAVIA DEMASIADOS FUNCIONÁRIOS DE SERVIÇO NA ENTRADA PRINCIPAL PARA ENTRAR SEM QUE DESSEM POR ELA. PENSARA APRESENTAR-SE COMO A SR.A GÖRING, MAS SE CARIN JÁ ALI TIVESSE ESTADO PARA VISITAR O MARIDO, OS FUNCIONÁRIOS PERCEBERIAM O ESTRATAGEMA E DEPOIS NÃO TERIA OUTRA OPORTUNIDADE.

CAUTELOSAMENTE, DE MODO A NÃO SER VISTA POR ALGUÉM QUE ESTIVESSE A OLHAR POR UMA JANELA, DAGMAR AVANÇOU FURTIVAMENTE ATÉ ÀS TRASEIRAS DO HOSPITAL. AÍ, ENCONTROU O QUE PARECIA SER UMA ENTRADA PARA FUNCIONÁRIOS. OBSERVOU DURANTE ALGUM TEMPO MULHERES DE VÁRIAS IDADES A ENTRAREM E A SAÍREM, TODAS ELAS VESTINDO UNIFORMES ENGOMADOS. ALGUMAS DETINHAM-SE JUNTO DE UM CARRINHO DO LADO DIREITO DA PORTA E DEPOSITAVAM ROUPA SUJA LÁ DENTRO. ISSO DEU A DAGMAR UMA IDEIA. APROXIMOU-SE SUB-REPTICIAMENTE DO CARRINHO DA LAVANDARIA, CONTINUANDO DE OLHO NA PORTA, NÃO FOSSE SAIR ALGUÉM. MAS A PORTA PERMANECEU FECHADA E DAGMAR VASCULOU RAPIDAMENTE O CONTEÚDO DO CARRINHO. HAVIA SOBRETUDO LENÇÓIS E TOALHAS DE MESA, MAS NO FUNDO HAVIA UM UNIFORME IDÊNTICO AOS QUE AS ENFERMEIRAS USAVAM. DAGMAR PUXOU-O PARA FORA E DOBROU A ESQUINA DO HOSPITAL PARA O VESTIR.

QUANDO ESTAVA PRONTA, ENDIREITOU AS COSTAS E ENFIOU O CABELO SOB O CHAPÉU. A BAINHA DO UNIFORME ESTAVA UM POUCO SUJA, MAS PARECIA APRESENTÁVEL. COM SORTE, O HOSPITAL ERA SUFICIENTEMENTE GRANDE PARA QUE AS ENFERMEIRAS NÃO REPARASSEM QUE, DE REPENTE, HAVIA UMA DESCONHECIDA ENTRE ELAS.

DAGMAR ABRIU A PORTA E ESPREITOU PARA DENTRO DO QUE PARECIA SER UM VESTIÁRIO PARA OS FUNCIONÁRIOS. ESTAVA VAZIO, POR ISSO CONTINUOU A AVANÇAR PELO CORREDOR, CONSTANTEMENTE À PROCURA DE UMA PISTA DO PARADEIRO DE HERMANN. SEMPRE COLADA À PAREDE, DAGMAR PASSOU POR UMA LONGA FILA DE PORTAS FECHADAS. NÃO HAVIA PLACAS DE IDENTIFICAÇÃO E COMEÇOU A TEMER NUNCA O CONSEGUIR ENCONTRAR. ESTAVA CADA VEZ MAIS DESESPERADA E PÔS A MÃO SOBRE A BOCA PARA EVITAR QUE UM GEMIDO DE

FRUSTRAÇÃO ESCAPASSE. AINDA NÃO ESTAVA DISPOSTA A DESISTIR.

DUAS JOVENS ENFERMEIRAS VINHAM NA SUA DIREÇÃO. CONVERSAVAM EM VOZ BAIXA, PORÉM, À MEDIDA QUE SE APROXIMAVAM, DAGMAR AGUÇOU OS OUVIDOS. TERIAM ACABADO DE DIZER «GÖRING»? CAMINHOU MAIS DEVAGAR, TENTANDO ESCUTAR. UMA DAS ENFERMEIRAS TRANSPORTAVA UM TABULEIRO E PARECIA ESTAR A QUEIXAR-SE À COLEGA.

– DA ÚLTIMA VEZ ATIROU-ME A COMIDA TODA PARA CIMA – DISSE, ABANANDO A CABEÇA.

– POR ISSO É QUE A ENFERMEIRA-CHEFE DISSE QUE A PARTIR DE AGORA DEVEMOS IR SEMPRE AOS PARES AO QUARTO DE GÖRING – AFIRMOU A COLEGA. TAMBÉM PARECIA UM POUCO ASSUSTADA.

PARARAM DIANTE DE UMA PORTA E AMBAS HESITARAM. PERCEBENDO QUE TINHA DE APROVEITAR AQUELA OPORTUNIDADE, DAGMAR ACLAROU A GARGANTA E FEZ UMA VOZ AUTORITÁRIA.

– MANDARAM-ME IR DAR O ALMOÇO A GÖRING, POR ISSO NÃO PRECISAM DE PREOCUPAR-SE – DISSE, ESTENDENDO A MÃO PARA O TABULEIRO.

– AH, SIM? – PERGUNTOU UMA DAS ENFERMEIRAS. PARECIA SURPREENDIDA, MAS A EXPRESSÃO DE ALÍVIO ERA ÓBVIA.

– SEI COMO LIDAR COM DOENTES COMO O GÖRING. PORTANTO, AS MENINAS PODEM IR ANDANDO. EU TRATO DISTO. MAS PRIMEIRO ABRAM-ME A PORTA.

– OBRIGADA – DISSERAM AS JOVENS ENFERMEIRAS, FAZENDO UMA PEQUENA REVERÊNCIA. UMA DELAS SACOU UM GRANDE CHAVEIRO E INSERIU UMA DAS CHAVES NA FECHADURA. ABRIU A PORTA E, MAL DAGMAR ENTROU, AS DUAS AFASTARAM-SE APRESSADAMENTE, CONTENTES POR TEREM SIDO DISPENSADAS DE UMA TAREFA TÃO DESAGRADÁVEL.

DAGMAR SENTIU O CORAÇÃO MARTELAR-LHE O PEITO. LÁ ESTAVA ELE, O SEU HERMANN, ENROSCADO NUMA CAMA, DE COSTAS PARA ELA.

– VAI FICAR TUDO BEM, HERMANN – DISSE DAGMAR, POUSANDO O TABULEIRO NO CHÃO.
– AGORA JÁ CÁ ESTOU.

O PILOTO NÃO SE MOVEU. DAGMAR CONTEMPLOU-LHE AS COSTAS E ESTREMECEU DE PRAZER POR ESTAR FINALMENTE TÃO PERTO DELE.

– HERMANN – DISSE, PONDO-LHE A MÃO NO OMBRO.

GÖRING AFASTOU O CORPO E, NUM MOVIMENTO RÁPIDO, VIROU-SE E SENTOU-SE NA BEIRA DA CAMA.

– O QUE É QUE QUERES? – BERROU.

DAGMAR RECUOU. AQUELE ERA MESMO HERMANN? O ATRAENTE PILOTO QUE TINHA FEITO TODO O SEU CORPO ESTREMECER DE PRAZER? AQUELE HOMEM DE COSTAS DIREITAS E DE OMBROS LARGOS CUJO CABELO BRILHARA COMO OURO AO SOL? NÃO PODIA SER ELE.

– DÁ-ME O MEU REMÉDIO, CABRA. PRECISO DELE! NÃO SABES QUEM SOU? SOU HERMANN GÖRING E PRECISO DO MEU REMÉDIO – DISSE EM SUECO COM UM FORTE SOTAQUE ALEMÃO, FAZENDO UMA PAUSA ENTRE CADA PALAVRA, COMO SE ESTIVESSE A TRADUZIR MENTALMENTE.

A GARGANTA DE DAGMAR PARECEU FECHAR-SE. AQUELE HOMEM QUE ESTAVA A URRAR COMO UM LOUCO ERA GORDO E A PELE APRESENTAVA UMA PALIDEZ DOENTIA. O CABELO FINO ESTAVA COLADO AO COURO CABELUDO. O SUOR ESCORRIA-LHE PELO ROSTO.

DAGMAR RESPIROU FUNDO E FORÇOU-SE A FALAR.

– HERMANN. SOU EU. DAGMAR – DISSE, MANTENDO A DISTÂNCIA, COM MEDO DE QUE O HOMEM PUDESSE ATACÁ-LA A QUALQUER MOMENTO.

OS VASOS SANGUÍNEOS NA TESTA DE GÖRING ESTAVAM SALIENTES E A PELE PÁLIDA ASSUMIU UM TOM VERMELHO-VIVO QUE SE ESPALHOU A PARTIR DO PESCOÇO.

– DAGMAR? QUERO LÁ SABER OS VOSSOS NOMES, GRANDES CABRAS. DÁ-ME O MEU REMÉDIO. OS JUDEUS TRANCARAM-ME AQUI, MAS TENHO DE SAIR. O HITLER PRECISA DE MIM. ONDE ESTÁ O MEU REMÉDIO?

HERMANN ESTAVA TÃO AGITADO QUE PULVERIZOU O ROSTO DE DAGMAR COM SALIVA. ATERRORIZADA, TENTOU NOVAMENTE.

– NÃO TE LEMBRAS DE MIM? CONHECEMO-NOS NUMA FESTA DADA PELO DOUTOR SJÖLIN. EM FJÄLLBACKA.

GÖRING PAROU ABRUPTAMENTE DE GRITAR E FRANZIU A TESTA ENQUANTO OLHAVA PARA ELA COM ESPANTO.

– EM FJÄLLBACKA?

– SIM, NA FESTA DO DOUTOR SJÖLIN – REPETIU DAGMAR. – PASSÁMOS A NOITE JUNTOS.

OS OLHOS DO PILOTO BRILHARAM E DAGMAR PERCEBEU QUE HERMANN SE LEMBRAVA DELA. FINALMENTE. AGORA, TUDO IA FICAR BEM. IA RESOLVER TUDO E HERMANN VOLTARIA A SER O SEU BELO CAPITÃO.

– ÉS A CRIADA – DISSE, LIMPANDO O SUOR DA TESTA.

– CHAMO-ME DAGMAR – DECLAROU. COMEÇOU A SENTIR UM NÓ NO ESTÔMAGO. PORQUE NÃO SE TINHA LEVANTADO DE REPENTE PARA A ABRAÇAR, COMO DAGMAR SEMPRE IMAGINARANOS SEUS SONHOS?

EM SEGUIDA, HERMANN COMEÇOU A RIR-SE, O QUE FEZ COM QUE A BARRIGA GORDA ESTREMECESSE.

– DAGMAR. EXATAMENTE. – HERMANN RIU-SE DE NOVO E DAGMAR CERROU OS PUNHOS.

– TEMOS UMA FILHA. LAURA.

– UMA FILHA? – HERMANN SEMICERROU OS OLHOS. – NÃO ÉS A PRIMEIRA A TENTAR ESSE TRUQUE! NUNCA PODERÁ SER PROVADO. AINDA POR CIMA DE UMA CRIADA.

PRONUNCIOU AS ÚLTIMAS PALAVRAS COM TAL DESPREZO QUE DAGMAR VOLTOU A SENTIR A FÚRIA AUMENTAR. NAQUELE QUARTO BRANCO E ESTÉRIL, ONDE AS JANELAS NÃO DEIXAVAM ENTRAR O MAIS PEQUENO RAIO DE SOL, TODOS OS SEUS SONHOS E ESPERANÇAS TINHAM ACABADO DE SER DESTRUÍDOS. TUDO O QUE JULGARA SABER SOBRE A SUA VIDA TINHA-SE REVELADO UMA MENTIRA. PASSARA ANOS E ANOS CHEIA DE SAUDADES, OBCECADA E A ATURAR AQUELA CRIANÇA QUE TANTO GRITAVA E QUE ERA TÃO EXIGENTE, A FILHA DELE, MAS TUDO FORA EM VÃO.

DETERMINADA A MAGOÁ-LO O MAIS POSSÍVEL, DAGMAR ATIROU-SE A HERMANN, OS

DEDOS COMO GARRAS. SONS GUTURAIS SAÍAM-LHE DA GARGANTA ENQUANTO OS DEDOS SE CRAVAVAM NA PELE E LHE ARRANHAVAM A CARA. COMO QUE AO LONGE, OUVIU-O GRITAR EM ALEMÃO. A PORTA ABRIU-SE E DAGMAR SENTIU-OS A PUXAREM-NA, A APARTAREM-NA DO HOMEM QUE AMARA DURANTE TANTO TEMPO.

DEPOIS, TUDO FICOU ESCURO.



Foi o pai que lhe ensinou a fazer um bom negócio. Lars-Åke «Lovart» Månsson era uma lenda e, na sua infância e adolescência, Sebastian reverenciava-o. A alcunha do pai, que significava «barlavento» em sueco, tinha-lhe sido dada porque conseguia sempre desvencilhar-se, mesmo nos maiores apertos. Dizia-se que Lars-Åke tinha tanto sucesso na vida que, se cuspsse contra o vento, nem uma gota de saliva lhe cairia no rosto.

Lovart descobrira que era de facto muito simples levar as pessoas a fazerem o que queria. O princípio básico era o mesmo que no boxe: identificar o ponto fraco do oponente e depois atacá-lo sem parar até chegar o momento de erguer vitoriosamente os braços. Ou, no caso de Lovart, o momento de levar o saque para casa. A sua forma de fazer negócios não lhe granjeara nem popularidade nem respeito, porém, como muitas vezes dizia: «O respeito nunca pôs comida na boca de um homem com fome.»

Esse tornara-se igualmente o lema de Sebastian. Tinha plena consciência de que era detestado e temido pela maior parte das pessoas, mas quando se sentava junto à piscina com uma cerveja gelada na mão, sabia que nada disso tinha a mais pequena importância. Não estava interessado em fazer amigos. Ter amigos significaria compromisso e ceder um pouco do seu poder.

– Pai? Eu e o pessoal estávamos a pensar ir até Strömstad, mas não tenho dinheiro – disse Jon, aproximando-se do pai em calções de banho e com uma expressão de súplica.

Sebastian protegeu os olhos do sol enquanto estudava o filho de vinte anos. Às vezes, Elisabeth resmungava que ele estragava com mimos Jon e Josan, a irmã, dois anos mais nova, mas ele não queria saber. Não queria que os filhos tivessem uma infância difícil, cheia de regras e limites. Uma vida de privilégios mostrar-lhes-ia o que o mundo tinha para oferecer e como obterem tudo o que quisessem. Haveria tempo de sobra para levar Jon para a empresa e ensinar-lhe tudo o que Lovart lhe ensinara. Até lá, o rapaz poderia fazer o que lhe apetecesse.

– Leva o meu cartão *gold*. Está na minha carteira, à entrada.

– Fixe. Obrigado, pai! – Jon correu para dentro de casa como se tivesse medo de que Sebastian pudesse mudar de ideias.

Na semana anterior, quando fora jogar ténis em Båstad, levava o cartão *gold* do pai e gastara setenta mil coroas¹¹. Mas isso era uma ninharia. O mais importante é

que ajudara Jon a manter o estatuto entre os amigos que fizera em Lundsberg. Aí, os rumores da riqueza do pai rapidamente tinham atraído um grupo de pessoas que no futuro seriam homens influentes.

Claro que Lovart tinha ensinado a Sebastian a importância de cultivar os contactos certos. Eram muito mais valiosos do que os amigos. Por isso é que Lovart escolhera o colégio de Valö para o filho. Os outros rapazes que o frequentavam eram das melhores famílias – com uma exceção. O rapaz judeu, como Lovart lhe chamava, não tinha nem dinheiro nem berço e a sua presença prejudicava o estatuto da escola. Porém, quando Sebastian recordava aqueles tempos estranhos e distantes, concluía que Josef tinha sido o aluno de quem mais gostara. Josef possuía a mesma ambição e a mesma motivação obsessiva que reconhecia em si próprio.

Agora que tinham voltado a encontrar-se por causa dos planos loucos de Josef, Sebastian tinha de admitir que admirava a determinação do ex-colega, que faria o que fosse preciso para alcançar o seu objetivo. Não era relevante que as suas metas diferissem. Inevitavelmente, quando chegasse a hora, o despertar seria brutal. Mas Sebastian sentia que Josef, lá no fundo, compreendera desde o início que, para si, aquela história não teria um final feliz. Ainda assim, como a esperança é sempre a última a morrer, Josef estava consciente de que tinha de jogar segundo as regras de Sebastian, tal como todos os outros que com ele se envolviam.

Sem dúvida que os desenvolvimentos recentes eram interessantes. Os rumores de que tinha sido feita uma descoberta na ilha tinham-se espalhado rapidamente. Claro que a coscuvilhice tinha começado assim que Ebba regressara. A investigação policial só tinha vindo juntar mais lenha à fogueira.

Sebastian rodou o copo de cerveja, pensativo, e depois apertou-a contra o peito para se refrescar. Interrogava-se sobre o que pensariam os outros de tudo aquilo e se também teriam recebido a visita da polícia. Do passeio ouviu o barulho do *Porsche* a arrancar. Com que então, o sacaninha também tinha levado a chave do carro, que estava ao lado da carteira. Sebastian sorriu. Uma boa tática. Se ainda fosse vivo, Lovart teria ficado orgulhoso.

Desde que regressara de Valö, no dia anterior, Anna não parara de ter ideias de decoração. Nessa manhã tinha praticamente saltado da cama. Dan rira-se do seu entusiasmo e Anna percebeu que o companheiro estava feliz por a ver assim.

Seria uma longa espera antes de poder pôr o projeto em prática, mas mal conseguia conter-se. Sentia-se atraída por aquele lugar. Talvez por Tobias ter acolhido as suas sugestões com tanto entusiasmo. Olhara para ela com algo que se assemelhava a admiração e, pela primeira vez em muito tempo, Anna sentiu-se uma pessoa interessante e capaz. Quando telefonou para saber se podia voltar à ilha para fazer medições e tirar fotografias, Tobias disse-lhe que era mais do que bem-vinda.

Anna deu por si a sentir saudades da sua presença enquanto media a distância entre as janelas no quarto principal. A atmosfera na casa era diferente quando Tobias não estava presente. Lançou um olhar a Ebba, que estava a pintar o batente da porta.

– Não se sente isolada, aqui na ilha?

– Nem por isso. Sabe bem ter um pouco de paz e sossego.

Ebba parecia relutante em falar e o silêncio na sala era tão opressivo que Anna se sentiu compelida a continuar a conversa.

– Está em contacto com algum dos seus familiares? Quer dizer, os seus parentes biológicos? – mais valia ter mordido a língua. A pergunta soou intrusiva e sem dúvida que faria com que Ebba ficasse ainda menos disposta a conversar.

– Já morreram todos.

– Já pesquisou a sua história familiar? Deve ter curiosidade em saber quem foram os seus pais.

– Nunca tive curiosidade. – Ebba parou de pintar e deixou o pincel suspenso no ar. – Mas desde que vim para cá comecei a interrogar-me.

– A Erica tem bastante material.

– Pois, a sua irmã disse-me. Estava a pensar ir a Fjällbacka um dia destes para dar uma olhadela ao que Erica descobriu, mas ainda não me dispus a isso. Está-se aqui tão bem. Acho que estou a começar a sentir-me ligada à ilha.

– Vi o Tobias quando cheguei. Ia a caminho de Fjällbacka.

Ebba assentiu.

– Foi fazer umas compras ao supermercado, buscar o correio e fazer uns recados. Estou a tentar adiantar um bocado o trabalho, mas...

Anna ouvira dizer que Ebba e Tobias tinham perdido um filho e esteve quase para lhe falar disso, mas não teve coragem. A sua própria dor ainda era demasiado intensa para a partilhar com alguém que sofrera uma perda semelhante. Ao mesmo tempo, Anna estava confusa. Pelo que podia ver, não havia nenhum vestígio de uma criança naquela casa. Nenhuma fotografia ou objetos que pudessem indicar que Ebba e Tobias tinham em tempos sido pais. Mas havia um olhar em Ebba que Anna reconheceu. Via esse mesmo olhar ao espelho todos os dias.

– A Erica disse que ia tentar descobrir o que aconteceu aos pertences da sua família. Pode ser que ainda haja alguns objetos pessoais em algum lado – disse, começando a medir o soalho.

– Eu sei. Concordo com a Erica quando estranha que tudo tenha desaparecido. A minha família morava nesta casa, por isso devia haver cá uma data de coisas. Ia adorar encontrar brinquedos e roupas de quando era pequena. Como as coisas que eu guardei de... – Ebba calou-se abruptamente e regressou às suas pinturas, enchendo a sala com o som sibilante do pincel. De vez em quando baixava-se e

mergulhava o pincel numa lata de tinta branca, que estava quase no fim.

Quando ouviu a voz de Tobias no andar de baixo, Ebba parou de repente.

– Ebba?

– Estou aqui em cima!

– Precisas de alguma coisa da cave?

Ebba foi até ao patamar para responder ao marido.

– Uma lata de tinta branca. Obrigada. A Anna está cá.

– Eu sei. Vi o barco dela – respondeu Tobias. – Vou buscar a tinta. E se nos fizesses um café?

– Está bem. – Ebba voltou para o quarto e disse a Anna: – Que tal fazermos uma pausa?

– Claro – respondeu Anna, enrolando a fita métrica.

– Se quiser pode continuar a trabalhar. Quando o café estiver pronto eu chamo-a.

– *Okay*, então adianto mais umas coisas. Obrigada. – Anna voltou a desenrolar a fita métrica e continuou a anotar as medições num esboço que tinha feito. Isto tornaria a tarefa de escolher a decoração muito mais fácil.

Concentrou-se no trabalho, vagamente consciente dos barulhos que Ebba fazia na cozinha no rés do chão. Uma chávena de café seria bem-vinda naquele momento, de preferência sentada à sombra. O calor no primeiro andar começava a ficar insuportável e tinha a camisa colada às costas.

De repente, Anna ouviu um grande estrondo seguido de um grito estridente. O ruído inesperado fê-la dar um salto e largou a fita métrica. Depois houve outro estrondo e, sem pensar, Anna correu escadas abaixo, movendo-se tão depressa que quase escorregou nos degraus gastos.

– Ebba? – gritou, correndo para a cozinha.

À porta, Anna estacou. A janela com vista para as traseiras da casa estava estilhaçada e havia cacos de vidro espalhados por toda a cozinha. Ebba estava encolhida no chão, à frente do fogão, com os braços em torno da cabeça. Parara de gritar, mas respirava a custo.

Anna precipitou-se para dentro da cozinha, triturando vidro sob os sapatos. Abraçou Ebba, tentando ver se esta estava ferida, mas não parecia haver sangue. Em seguida, percorreu a divisão com os olhos para ver o que poderia ter partido a janela. Quando o olhar desceu sobre a parede do fundo da cozinha, arfou. Dois orifícios de bala eram claramente visíveis na parede.

– Ebba? O que raio foi aquilo? – Tobias apareceu a correr na cozinha depois de ter subido os degraus que davam para a cave. – O que aconteceu?

Tobias olhou de Ebba para a janela e depois foi pôr-se ao lado da mulher.

– Estás ferida? Ela não se magoou, pois não? – Tobias estendeu a mão para Ebba e ajoelhou-se, embalando-a nos braços.

– Julgo que não – respondeu Anna. – Mas parece que alguém tentou matá-la.

O coração de Anna estava aceleradíssimo e, de repente, apercebeu-se de que podiam estar todos em perigo. Será que o atirador ainda estava lá fora?

– Temos de sair daqui – afirmou, apontando para a janela estilhaçada.

Tobias compreendeu imediatamente o que estava a passar pela cabeça de Anna.

– Não te levantes, Ebba. Temos de manter-nos afastados da janela – Tobias falava pausadamente, como se estivesse a dirigir-se a uma criança.

Ebba assentiu e fez o que o marido disse. Agachando-se, dirigiram-se ao vestíbulo. Anna lançou uma olhadela apavorada à porta. E se o atirador entrasse por ali e os matasse a todos? Tobias viu a expressão de Anna e lançou-se à porta, trancando-a.

– Há mais alguma maneira de alguém conseguir entrar? – perguntou-lhe Anna com o coração ainda a martelar-lhe o peito.

– A porta da cave, mas está trancada.

– Então e a janela da cozinha? Quase já não tem vidro.

– É demasiado alta – respondeu Tobias, soando mais calmo do que parecia.

– Vou chamar a polícia. – Anna pegou na mala, que estava numa prateleira no vestíbulo. As mãos tremiam-lhe quando sacou o telemóvel. Enquanto ouvia o sinal de chamada, observou Tobias e Ebba. Estavam sentados na escada. Tobias tinha o braço em torno da mulher e Ebba encostara-lhe a cabeça ao peito.

– Olá. Onde é que se meteram?

Erica deu um salto, assustada ao ouvir uma voz vinda do interior da casa.

– Kristina? – Erica olhou fixamente para a sogra, que tinha saído da cozinha com um pano na mão.

– Fui entrando. Por sorte ainda tinha a chave que me deram quando estiveram em Palma de Maiorca e me pediram para vos vir regar as plantas, senão tinha vindo de Tanumshede para nada – disse alegremente. Depois voltou para a cozinha.

«Bem podias ter telefonado antes a perguntar se podias vir visitar-nos», pensou Erica. Descalçou os filhos, respirou fundo e entrou na cozinha.

– Pensei vir dar-te uma ajuda por umas horas. Sei bem como precisas. No meu tempo, a casa nunca teria ficado neste estado. Nunca se sabe; pode aparecer uma visita e não lhes podemos apresentar a casa assim – disse Kristina, limpando energeticamente o lavatório.

– É verdade. Nunca se sabe quando é que o rei pode aparecer para tomar um café – retorquiu Erica.

Kristina virou-se, as sobrancelhas erguidas de espanto.

– O rei? Porque é que o rei haveria de vir cá?

Erica cerrou os dentes com tanta força que os maxilares lhe doeram, mas não

disse nada. Muitas vezes, o silêncio era a melhor resposta.

– Então, onde estiveram? – perguntou novamente Kristina enquanto passava o pano sobre a mesa da cozinha.

– Em Uddevalla.

– Foste de carro com os miúdos até Uddevalla? Pobres crianças. Porque é que não me telefonaste? Teria vindo mais cedo e ficava com eles. Claro que teria de cancelar o meu pequeno-almoço com Görel, mas faço qualquer coisa pelos meus filhos e pelos meus netos. É para isso que cá estou. Vais compreender melhor quando fores mais velha e os teus filhos cresceram.

Kristina fez uma pausa dramática antes de voltar a friccionar com o pano uma nódoa de compota no oleado que cobria a mesa.

– Um dia já não vou poder ajudar-te – prosseguiu Kristina. – Isso pode acontecer a qualquer momento. Já passo dos setenta, e não sei por quanto tempo vou ter forças.

Erica assentiu e forçou um sorriso de agradecimento.

– As crianças comeram alguma coisa? – perguntou Kristina, e Erica teve um sobressalto. Tinha-se esquecido completamente. Deviam estar a morrer de fome, mas nunca o admitiria à sogra.

– Comemos uns cachorros-quentes a caminho de Uddevalla. Mas de certeza que já estão prontos para almoçar.

Erica avançou resolutamente para o frigorífico para ver o que podia fazer. O mais rápido seriam cereais e iogurte, por isso pôs o iogurte na mesa e retirou uma caixa de *Frosties* do armário.

Kristina soltou um suspiro de desânimo.

– No meu tempo, nunca sonharíamos sequer dar às crianças outra coisa que não um almoço quente como deve ser. O Patrik e a Lotta nunca comeram alimentos processados e vê como são saudáveis. A base para uma boa saúde é a alimentação adequada. Estou sempre a dizer isto, mas ninguém parece dar ouvidos à sabedoria popular nos dias de hoje. Vocês, os jovens, pensam que sabem tudo e tudo tem de ser feito rapidamente. – Kristina teve de fazer uma pausa para recuperar o fôlego e, nesse momento, Maja apareceu.

– Mamã, estou cheia de fome e o Noel e o Anton também. Tenho a barriga vazia. – Maja passou a mão sobre a barriga, ainda rechonchuda por causa da gordura de bebé que ainda conservava.

– Mas vocês comeram um cachorro-quente durante a viagem – disse Kristina, acariciando o rosto de Maja.

– Não comemos, não. Só tomámos o pequeno-almoço e agora estou com fome. Com muita fome!

Erica fulminou a sua pequena traidora com o olhar. Podia sentir o olhar de

reprovação de Kristina na nuca.

– Posso fazer-lhes panquecas – disse Kristina, e Maja começou a pular de alegria.

– Panquecas da avó! Quero panquecas da avó!

– Obrigada – disse Erica, voltando a guardar o iogurte no frigorífico. – Vou só lá acima mudar de roupa e dar uma vista de olhos no meu trabalho.

Kristina tinha-se afastado e estava a juntar os ingredientes para a massa das panquecas. A frigideira já estava ao lume.

– Vai, vai, eu trato de dar de comer a estas pobres crianças.

Erica contou lentamente até dez enquanto subia as escadas. Na verdade, não tinha nada para fazer, mas apetecia-lhe estar uns minutos sozinha. A mãe de Patrik tinha boas intenções, mas sabia exatamente em que botões carregar para a enlouquecer. Por estranho que parecesse, Patrik não era afetado da mesma maneira, o que irritava ainda mais Erica. Cada vez que tentava conversar com ele sobre Kristina, sobre alguma coisa que a sogra dissesse ou fizesse, Patrik limitava-se a responder: «Ah, não liguês. A minha mãe às vezes exagera um bocado, mas é bem-intencionada.»

Talvez fosse sempre assim entre mães e filhos, e talvez um dia ela própria viesse a ser uma sogra tão irritante como Kristina para as mulheres de Noel e de Anton. Mas, lá no fundo, Erica não pensava assim. Ia ser a melhor sogra do mundo. As mulheres dos filhos iam encará-la como uma amiga, como alguém em quem podiam confiar. Iam pedir-lhes, a ela e a Patrik, para os acompanharem em todas as suas viagens e Erica ia ajudar com as crianças. E, se estivessem com muito trabalho, iria lá a casa ajudar com a limpeza e as refeições. O mais provável era que tivesse a sua própria chave e... Erica deteve aqueles pensamentos. Se calhar não era assim tão fácil ser a sogra perfeita.

No quarto, vestiu uns calções de ganga e uma *T-shirt*. Aquela *T-shirt* branca era a sua preferida. Achava que a fazia parecer mais magra. O peso tinha oscilado ao longo dos anos, mas sempre conseguira usar o trinta e oito. Porém, há já vários anos, desde que Maja nascera, que era forçada a comprar o quarenta e dois. Como é que aquilo tinha acontecido? Com Patrik as coisas não corriam muito melhor. Dizer que estava em plena forma quando se conheceram seria um exagero, mas tinha a barriga plana. Agora estava bastante protuberante e, infelizmente, tinha de admitir que não achava as barrigas de cerveja muito atraentes. Isso fazia-a questionar-se se o marido não pensaria o mesmo dela. Erica estava muito longe da rapariga elegante que era quando se conheceram.

Lançou um último olhar ao seu reflexo no espelho de corpo inteiro e depois virou-se abruptamente. Havia algo diferente no quarto. Examinou a divisão, tentando recordar-se de como tinha deixado o quarto de manhã. Era difícil evocar uma imagem daquela manhã em particular, mas podia jurar que algo tinha mudado. Será

que Kristina tinha estado ali? Não, porque decerto teria arrumado o quarto e feito a cama, o que não era o caso. As roupas de cama e as almofadas estavam todas misturadas e a colcha jazia aos pés da cama, como de costume. Erica deu outra vista de olhos em redor, mas depois encolheu os ombros. Provavelmente estava apenas a imaginar coisas.

Entrou no escritório, ligou o computador e introduziu a *password*. Olhou fixamente para o ecrã, surpreendida. Alguém tinha tentado entrar no computador. Depois de três tentativas fracassadas, o aparelho estava agora a pedir uma resposta a uma das suas perguntas de segurança: «Qual era o nome do seu primeiro animal de estimação?»

Com uma sensação de mal-estar, Erica inspecionou o escritório. Definitivamente, alguém estivera ali. Podia parecer que não havia nenhuma ordem em particular nos seus pertences, no caos aparente, mas Erica sabia exatamente onde estava tudo e tinha a certeza de que havia objetos que tinham mudado de sítio. Mas porquê? Estariam à procura de algo? Se sim, de quê? Passou algum tempo a tentar descobrir se faltava alguma coisa, mas parecia que não.

– Erica?

Kristina estava a chamar do rés do chão e, ainda com aquela sensação estranha, Erica levantou-se para descobrir o que a sogra queria.

– Sim? – respondeu, inclinando-se sobre o corrimão.

Kristina estava no vestíbulo a olhar para ela com ar reprobatório.

– Tens de te lembrar de fechar a porta que dá para o alpendre como deve ser. Se eu não tivesse visto o Noel da janela da cozinha, isto podia ter acabado mal. Ele já estava lá fora e ia para a rua. Consegui apanhá-lo, mas não podes mesmo deixar as portas abertas com crianças pequenas em casa. Desaparecem enquanto o diabo esfrega um olho!

Erica estava atordoada. Lembrava-se claramente de ter trancado a porta que dava para o alpendre antes de saírem. Depois de hesitar por um momento, pegou no telefone para ligar a Patrik. Um segundo depois, ouviu o toque do telemóvel do marido vindo da cozinha. Patrik tinha-o deixado no banco. Erica desligou.

Paula levantou-se do sofá com um gemido. O almoço estava pronto e, embora ficasse maldisposta só de pensar em comida, sabia que precisava de alimentar-se. Normalmente, adorava os cozinhados da mãe, mas perdera o apetite desde que engravidara. Se lhe dessem a escolher, teria subsistido a comer bolachas de água e sal e gelados.

– Aí vem o hipopótamo! – disse Mellberg, puxando uma cadeira para Paula se sentar.

Não estava com disposição para discutir; além disso, já ouvira aquela piada vezes

sem conta.

– O que é o almoço?

– Guisado preparado na panela de ferro. É importante ingerires ferro suficiente – disse Rita, servindo uma porção enorme e colocando o prato à frente de Paula.

– Obrigada por me deixarem almoçar convosco. Não me tem apetecido nada cozinhar nos últimos tempos. Sobretudo desde que a Johanna começou a trabalhar e chega a casa tarde.

– Ficamos muito contentes por ter-te por cá, minha querida – disse Rita, lançando um sorriso à filha.

Paula respirou fundo e, em seguida, forçou-se a comer uma garfada. A comida parecia inchar-lhe na boca, mas continuou perseverantemente a mastigar. O bebé tinha de ser alimentado.

– Como estão a correr as coisas na esquadra? – perguntou a Mellberg. – Estão a fazer progressos no caso do incêndio em Valö?

Mellberg acabou de comer o guisado antes de responder.

– Está a andar. Claro que tenho de ir fazendo estalar o chicote, mas só assim é que se conseguem resultados.

– O que descobriram até agora? – perguntou Paula, sabendo que, apesar de ser o chefe da polícia, o mais certo era Bertil não saber aquela resposta.

– Hum... – Mellberg parecia confuso. – Bem, ainda não pusemos os resultados por ordem.

O telemóvel de Mellberg tocou. Grato pela interrupção, o superintendente levantou-se e atendeu a chamada.

– Fala Mellberg... Olá, Annika... Mas onde raio é que o Hedström se meteu? E o Gösta? Porque é que não consegues contactá-los? Valö? Posso... Sim, já disse que tomo conta da ocorrência! – O superintendente terminou a chamada e murmurou entredentes enquanto se dirigia ao vestíbulo.

– Aonde vais? Não levantaste a mesa – disse Rita em voz alta da cozinha.

– Tenho de resolver uma coisa importante: um tiroteio em Valö! Não tenho tempo para tarefas domésticas.

Paula ficou subitamente alerta. Levantou-se o mais depressa que pôde.

– Espere, Bertil! Que foi que disse? Alguém levou um tiro em Valö?

– Não sei os pormenores, mas como disse à Annika, vou lá tomar conta da ocorrência.

– Eu vou consigo – disse Paula. Respirando com dificuldade, sentou-se num banquinho para calçar os sapatos.

– Isso está fora de questão – disse Bertil. – Além disso estás de férias.

Rita saiu precipitadamente da cozinha e apareceu para dar razão ao companheiro.

– Estás maluca! – Rita gritou tão alto que era um milagre não ter acordado Leo,

que dormia a sesta na cama extra que havia no quarto de Rita e de Bertil. – Não podes ir nesse estado.

– Isso, tenta inculir algum bom senso na tua filha. – Mellberg alcançou a maçaneta da porta, tentando escapar-se.

– O Bertil não vai a lado nenhum sem mim. Se o fizer, peço boleia para Fjällbacka e vou ter à ilha sozinha.

Paula já tinha tomado uma decisão. Estava farta de estar para ali parada, farta de não fazer nada. A mãe continuava a gritar, mas Paula não lhe deu a mais pequena hipótese.

– Maldição, estou rodeado de mulheres malucas – disse Mellberg.

Derrotado, o superintendente dirigiu-se ao carro. Quando Paula chegou ao rés-do-chão, ele ligou o motor e o ar condicionado.

– Promete-me que não fazes nenhum disparate e que não te pões em perigo se houver algum problema.

– Prometo – disse Paula, sentando-se no lugar do morto. Pela primeira vez em vários meses, sentiu-se outra vez ela própria, em vez de uma incubadora com pernas. Quando Mellberg telefonou a Victor Bogesjö, da Guarda Costeira, a informá-lo de que precisavam de transporte, Paula perguntou a si própria o que iriam encontrar na ilha.

¹¹ Cerca de 7500 euros. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1929

A ESCOLA ERA UM TORMENTO. TODAS AS MANHÃS, LAURA TENTAVA ADIAR A IDA ATÉ AO ÚLTIMO SEGUNDO. NO RECREIO LANÇAVAM-LHE PALAVRÕES E CHAMAVAM-LHE NOMES FEIOS, E CLARO QUE ERA TUDO POR CULPA DA MÃE. TODOS EM FJÄLLBACKA SABIAM QUEM DAGMAR ERA: UMA LOUCA, A BÊBADA DA CIDADE. ÀS VEZES, A CAMINHO DA ESCOLA, LAURA VIA A MÃE A DEAMBULAR PELA PRAÇA, A UIVAR ÀS PESSOAS E A DELIRAR SOBRE GÖRING. LAURA CONTINUAVA A CAMINHAR. FINGINDO NÃO A VER, PASSAVA APRESSADAMENTE POR ELA.

A MÃE RARAMENTE ESTAVA EM CASA. FICAVA NA RUA ATÉ MUITO TARDE E HABITUALMENTE ESTAVA A DORMIR QUANDO LAURA IA PARA A ESCOLA. QUANDO A FILHA REGRESSAVA, DAGMAR JÁ TINHA SAÍDO. A PRIMEIRA COISA QUE LAURA FAZIA ERA ARRUMAR O APARTAMENTO. SÓ DEPOIS DE TER REMOVIDO TODOS OS VESTÍGIOS DA PRESENÇA DA MÃE É QUE SENTIA ALGUMA CALMA. RECOLHIA AS ROUPAS QUE TINHAM SIDO ATIRADAS PARA O CHÃO, GUARDAVA A MANTEIGA QUE TINHA FICADO POR ARRUMAR E EXAMINAVA O PÃO PARA VER SE AINDA ERA COMESTÍVEL DEPOIS DE A MÃE SE TER ESQUECIDO DE COLOCÁ-LO NA CAIXA. DEPOIS, LAURA LIMPAVA E ARRUMAVA A CASA. QUANDO TUDO ESTAVA NO SEU DEVIDO LUGAR E TODAS AS SUPERFÍCIES BRILHAVAM, PERMITIA-SE FINALMENTE BRINCAR COM A CASA DE BONECAS. ERA O SEU BEM MAIS PRECIOSO. UM DIA, QUANDO A MÃE NÃO ESTAVA EM CASA, UM BOM VIZINHO BATERA À PORTA E OFERECERA-LHE AQUELA CASA DE BONECAS.

ÀS VEZES AS PESSOAS ERAM BONDOSAS E LEVAVAM-LHE COISAS: COMIDA, ROUPAS, BRINQUEDOS. MAS A MAIOR PARTE DAS PESSOAS APENAS OLHAVA E APONTAVA PARA ELA. DESDE QUE A MÃE A TINHA DEIXADO SOZINHA EM ESTOCOLMO QUE LAURA APRENDERA A NÃO PEDIR AJUDA. NAQUELA OCASIÃO, A POLÍCIA FORA BUSCÁ-LA E, DURANTE DOIS DIAS, LAURA SENTIU QUE ESTAVA NO CÉU. UMA FAMÍLIA ACOLHERA-A E TANTO A MÃE COMO O PAI TINHAM UM OLHAR IMENSAMENTE BONDOSO. APESAR DE SÓ TER CINCO ANOS NA ALTURA, AINDA SE LEMBRAVA DE CADA PORMENOR DAQUELES DOIS DIAS. A MÃE TINHA FEITO A MAIOR PILHA DE PANQUECAS QUE LAURA ALGUMA VEZ VIRA E INCENTIVARA-A A COMER MAIS ATÉ O ESTÔMAGO FICAR TÃO CHEIO QUE LAURA PENSOU QUE NUNCA MAIS VOLTARIA A TER FOME. DE UMA CÓMODA, A MÃE TIRARA ADORÁVEIS VESTIDOS FLORIDOS PARA LAURA USAR – VESTIDOS QUE NÃO ERAM ÁSPEROS NEM ESTAVAM SUJOS. SENTIU-SE UMA PRINCESA, ELEGANTÍSSIMA. DURANTE DUAS NOITES FOI INSTALADA NUMA BELA CAMA E RECEBEU UM BEIJO NA TESTA. TINHA DORMIDO TÃO PROFUNDAMENTE NO MEIO DAQUELES LENÇÓIS LAVADOS... A MÃE DOS OLHOS BONDOSOS CHEIRAVA MARAVILHOSAMENTE, NÃO TINHA AQUELE PIVETE A ÁLCOOL E A MOFO DE DAGMAR. E A FAMÍLIA TINHA UMA CASA LINDÍSSIMA, COM BIBELÔS DE PORCELANA E TAPEÇARIAS PENDURADAS NA PAREDE. NO PRIMEIRO DIA, LAURA IMPLORARA QUE A DEIXASSEM FICAR. A MÃE NÃO DISSE UMA PALAVRA ENQUANTO

ABRAÇAVA COM FORÇA A RAPARIGUINHA COM OS SEUS BRAÇOS MACIOS.

MAS NÃO TARDOU A QUE LAURA E A MÃE SE REUNISSEM NOVAMENTE EM CASA. ERA COMO SE NADA TIVESSE ACONTECIDO. A ÚNICA DIFERENÇA ERA QUE A MÃE ESTAVA COM MAIS RAIVA DO QUE NUNCA. ESTAVA CONSTANTEMENTE A DAR-LHE TAREIAS, A TAL PONTO QUE LAURA JÁ NEM SE CONSEGUIA SENTAR. FOI ENTÃO QUE TOMOU UMA DECISÃO: NÃO VOLTARIA A SONHAR COM A MÃE QUE TINHA SIDO BONDOSA PARA ELA. NINGUÉM VIRIA SALVÁ-LA E NÃO ADIANTAVA LUTAR. INDEPENDENTEMENTE DO QUE ACONTECESSE, IA SEMPRE ACABAR POR FICAR COM A MÃE NAQUELE APARTAMENTO ESCURO E MINÚSCULO. MAS, QUANDO FOSSE CRESCIDA, TERIA UMA BELA CASA COM PEQUENOS GATOS DE PORCELANA POUSADOS EM NAPERONS DE CROCHÊ E TAPEÇARIAS BORDADAS EM CADA QUARTO.

LAURA AJOELHOU-SE FRENTE À CASA DE BONECAS. O APARTAMENTO ESTAVA LIMPO E ARRUMADO E TINHA DOBRADO E GUARDADO A ROUPA. DEPOIS COMERA UMA SANDUÍCHE E AGORA PODIA PERMITIR-SE ENTRAR NUM MUNDO DIFERENTE E MELHOR. NA SUA MÃO ESTAVA A BONECA MAMÃ, QUE ERA MUITO LEVE E BONITA. TINHA UM VESTIDO BRANCO COM RENDAS E GOLA SUBIDA, E TINHA O CABELO ENCARRAPITADO. LAURA ADORAVA A BONECA MAMÃ. COM O DEDO, ACARICIOU-LHE A FACE. ERA LINDA, TÃO LINDA COMO AQUELA MÃE QUE CHEIRAVA TÃO BEM.

LAURA POUSOU CUIDADOSAMENTE A BONECA NO SOFÁ DA SALA DE ESTAR. ERA A SUA DIVISÃO PREFERIDA. TUDO ESTAVA PERFEITO. ATÉ HAVIA UM PEQUENO LUSTRE DE CRISTAL PENDURADO NO TETO. LAURA ERA CAPAZ DE PASSAR HORAS A OLHAR PARA AQUELES MINÚSCULOS PRISMAS, ESPANTADA POR ALGUÉM TER CONSEGUIDO FAZER ALGO TÃO PERFEITO E PEQUENO. SEMICERROU OS OLHOS PARA INSPECIONAR A SALA. ERA MESMO PERFEITA OU HAVIA ALGUMA COISA QUE PUDESSE MELHORAR? TENTOU DESLOCAR A MESA DE JANTAR UM POUCO PARA A ESQUERDA. EM SEGUIDA, UMA A UMA, DESLOCOU AS CADEIRAS E DEMOROU UM POUCO A CONSEGUIR QUE FICASSEM PERFEITAMENTE ALINHADAS COM A MESA. POR FIM, ESTAVA TUDO A SEU GOSTO – ATÉ QUE REPAROU QUE HAVIA UM ESPAÇO VAZIO NO MEIO DA SALA DE ESTAR. NÃO PODIA SER. PEGANDO NA BONECA MAMÃ COM UMA MÃO, DESLOCOU O SOFÁ COM A OUTRA. SATISFEITA, LAURA SOLTOU O SOFÁ E PROCUROU AS DUAS CRIANÇAS NA CASA DE BONECAS. TAMBÉM PODIAM ENTRAR, DESDE QUE SE PORTASSEM BEM. NÃO PODIAM ANDAR A CORRER PELA SALA NEM A DESARRUMÁ-LA. TINHAM DE SER BEM-EDUCADAS E SENTAR-SE MUITO QUIETINHAS. QUANTO A ISSO NÃO IA CEDER.

PÔS UMA CRIANÇA DE CADA LADO DA BONECA MAMÃ. QUANDO LAURA INCLINOU A CABEÇA, ERA QUASE COMO SE A BONECA MAMÃ ESTIVESSE A SORRIR. ERA TÃO LINDA E PERFEITA... QUANDO FOSSE CRESCIDA, LAURA IA SER EXATAMENTE COMO ELA.



Patrik respirava com dificuldade quando chegaram à porta da frente. A casa encontrava-se muito bem situada numa maravilhosa colina sobre o mar e Patrik deixara o carro em Brandparken para que pudessem subir o caminho. Incomodava-o parecer um fole quando chegou ao cimo do sinuoso percurso, enquanto Gösta parecia não ter feito qualquer esforço.

– Está alguém? – chamou Patrik, enfiando a cabeça pela porta aberta. Não era de estranhar no verão. Todos deixavam as portas e janelas abertas e, em vez de bater ou tocar à campainha, as visitas limitavam-se a gritar a anunciar a sua presença.

Passado um momento, apareceu uma mulher de chapéu-de-sol, óculos escuros e uma espécie de túnica flutuante e colorida. Apesar do calor, usava umas luvas finas.

– Sim? – o tom de voz sugeria que teria preferido não ser incomodada.

– Somos da polícia de Tanum. Viemos falar com Leon Kreutz.

– É o meu marido. Eu sou Ia Kreutz – declarou, apertando-lhes as mãos sem tirar as luvas. – Estávamos a almoçar.

Era óbvio que achava aquela visita um inconveniente. Patrik e Gösta trocaram olhares. Se Leon fosse tão lacónico como a mulher, iam ter muito trabalho pela frente. Seguiram-na até ao alpendre, onde se encontrava um homem sentado à mesa numa cadeira de rodas.

– Temos visitas. A polícia.

O homem acenou com a cabeça. Não parecia nada surpreendido.

– Sentem-se. Estávamos a comer uma salada leve. A minha mulher gosta destas comidas. – Leon lançou-lhes um sorriso irónico.

– O meu marido prefere fumar um cigarro a almoçar – disse Ia. Sentou-se e pôs um guardanapo no colo. – Não se importam que acabe de almoçar, pois não?

Patrik fez-lhe sinal para que continuasse a comer a salada enquanto conversavam com Leon.

– Presumo que tenham vindo cá para falar sobre Valö? – Leon parou de comer e pôs as mãos no colo. Uma vespa pousou num pedaço de frango que estava no seu prato e Leon deixou-a empanturrar-se em paz.

– Exatamente.

– Afinal de contas, o que é que se está a passar na ilha? Temos ouvido uns rumores.

– Fizemos algumas descobertas – respondeu Patrik sem querer adiantar muito. – Soube que regressou recentemente a Fjällbacka.

Patrik estudou o rosto de Leon. Um lado era liso, sem vestígios de lesões, ao passo que o outro ostentava cicatrizes. O canto da boca estava permanentemente puxado para cima, revelando-lhe os dentes.

– Sim. Comprámos a casa há alguns dias e mudámo-nos ontem – disse Leon.

– O que os fez regressar tantos anos depois? – perguntou Gösta.

– O desejo de voltar fica mais forte como o passar do tempo. – Leon virou a cabeça para contemplar o mar. Patrik só lhe via o lado intacto do rosto e era dolorosamente óbvio que em tempos Leon devia ter sido um belo homem.

– Eu preferia ter ficado na nossa casa na Riviera – disse Ia, trocando um olhar inescrutável com o marido.

– Normalmente, ela consegue o que quer. – Leon lançou-lhes novamente aquele sorriso estranho. – Mas, neste caso, eu insisti. Estava ansioso por regressar.

– A sua família tinha cá uma casa de verão, não era? – perguntou Gösta.

– Sim. Uma casa na ilha de Kalvö. Infelizmente, o meu pai vendeu-a. Não me pergunte porquê. Tinha os seus caprichos e era um pouco excêntrico na velhice.

– Ouvi dizer que esteve envolvido num acidente de viação – disse Patrik.

– Se a Ia não me tivesse salvado, não estaria aqui hoje. Não é verdade, minha querida?

O garfo e a faca de Ia tombaram com tanto barulho sobre o prato que Patrik teve um sobressalto. Ia fitou Leon em silêncio. Então, a sua expressão suavizou-se.

– É verdade, meu querido. Sem mim já não estarias vivo.

– E tu nunca deixas que me esqueça disso.

– Há quanto tempo estão casados? – perguntou Patrik.

– Há quase trinta anos – Leon virou-se para encará-los. – Conheci a Ia numa festa no Mónaco. Era a rapariga mais bonita que lá estava. E fez-se bastante difícil. Foi duro conquistá-la.

– Tendo em conta a tua reputação, não é assim tão estranho que tenha tido as minhas dúvidas.

Aquele arrufo fez lembrar a Patrik uma dança bem ensaiada, porém, parecia acalmá-los. Por um momento, pensou ter vislumbrado um leve sorriso nos lábios de Ia. Perguntou a si próprio como seria sem os óculos de sol enormes. Tinha a pele das maçãs do rosto muito esticada e os lábios eram tão artificialmente carnudos que suspeitou que os olhos daquela mulher se limitariam a confirmar a impressão de que estava perante alguém que tinha pago uma fortuna para melhorar a aparência.

Patrik virou-se novamente para Leon.

– Viemos cá falar consigo porque, como já referi, foram feitas algumas descobertas em Valö que indicam que a família Elvander foi assassinada.

– Isso não me surpreende – disse Leon depois de uma pausa. – Nunca percebi como é que uma família inteira podia pura e simplesmente desaparecer.

Ia começou a tossir. O rosto ficara pálido.

– Vão ter de desculpar-me. Não posso ajudar-vos em nada, por isso acho que vou lá para dentro terminar o meu almoço para que possam conversar à vontade.

– Com certeza. Foi com o Leon que viemos falar. – Patrik afastou os pés para deixar Ia passar. Transportando o seu prato, a mulher afastou-se envolta numa nuvem de perfume.

Leon semicerrou os olhos e estudou Gösta.

– Tenho a impressão de que o conheço de algum lado. Não foi o agente que estive em Valö? O que nos levou para a esquadra?

Gösta assentiu.

– Sim, fui eu.

– Lembro-me de como foi simpático. O seu colega, por outro lado, foi bastante ríspido. Ainda está na polícia?

– O Henry foi transferido para Gotemburgo no início dos anos 80. Perdi o contacto com ele, mas ouvi dizer que morreu há alguns anos – respondeu Gösta. Em seguida inclinou-se para a frente. – Pelo que me lembro, o senhor era uma espécie de líder do grupo.

– Quanto a isso não sei. Mas é verdade que sempre consegui que as pessoas me dessem ouvidos.

– Os outros rapazes pareciam respeitá-lo.

Leon assentiu.

– Se calhar tem razão. E que grupo! – acrescentou, rindo-se. – Só num colégio interno para rapazes é que conseguiríamos encontrar um grupo tão heterogéneo.

– Mas não tinham muita coisa em comum? Eram todos de boas famílias – disse Gösta.

– O Josef não era. Só estava lá por causa das grandes ambições dos pais. Era como se lhe tivessem feito uma lavagem ao cérebro para que acreditasse que a sua herança judaica implicava certas obrigações. Pareciam esperar que viesse a realizar grandes façanhas para compensar tudo o que tinham perdido durante a guerra.

– Não é tarefa fácil para um rapaz – disse Patrik.

– O Josef levou aquilo muito a sério e, ainda hoje, continua a tentar ir ao encontro das expectativas dos pais. Já ouviu falar do museu judaico?

– Julgo ter lido qualquer coisa acerca disso no jornal – afirmou Gösta.

– Porque é que o Josef quer construir um museu desses aqui? – perguntou Patrik.

– Esta região está muito relacionada com a guerra. Além de mostrar a história do povo judeu, o museu também vai destacar o papel da Suécia durante a Segunda Guerra Mundial.

Patrik recordou-se de uma investigação que tinha realizado alguns anos antes¹² e concluiu que Leon tinha razão. Bohuslän ficava perto da fronteira com a Noruega e os autocarros brancos tinham trazido ex-prisioneiros dos campos de concentração até Uddevalla. Havia uma mistura de sentimentos entre as pessoas daquela zona. A neutralidade tinha sido uma invenção posterior.

– Parece bem informado sobre os planos do Josef – disse Patrik.

– Encontrámo-lo no Café Bryggan no outro dia. – Leon pegou no copo de água.

– Vocês, os cinco que estavam na ilha naquele dia, mantiveram-se em contacto?

Leon pousou o copo depois de beber um longo gole. Um pouco de água escorreu-lhe pelo queixo e Leon limpou-a com as costas da mão.

– Não. Porque haveríamos de ter feito isso? Separámo-nos depois de os Elvander desaparecerem. O meu pai enviou-me para um colégio em França. Superprotegiame. Presumo que os outros rapazes também tenham sido enviados para colégios diferentes. Como eu disse, não tínhamos muito em comum e não mantivemos o contacto ao longo dos anos. Embora só possa falar por mim, claro. Segundo o Josef, o Sebastian tem feito negócios tanto com ele como com o Percy.

– Mas não consigo?

– Meu Deus, não! Antes meter-me no mar com tubarões brancos. O que, diga-se em abono da verdade, já cheguei a fazer.

– Porque não quer fazer negócios com o Sebastian? – perguntou Patrik, embora julgasse saber a resposta. Sebastian Månsson tinha muito má fama na região e a visita de Patrik no dia anterior não o fizera alterar a sua opinião sobre o homem.

– Se o Sebastian não mudou, é capaz de vender a própria mãe se lhe convier.

– Os outros não têm consciência disso? Porque concordam em fazer negócios com ele?

– Não faço ideia. Vai ter de lhes perguntar.

– Tem alguma teoria sobre o que aconteceu à família Elvander? – perguntou Gösta.

Patrik lançou um olhar de relance à sala de estar. Ia tinha terminado o seu almoço. O prato ainda estava em cima da mesa, mas dela nem sinal.

– Não. – Leon abanou a cabeça. – Claro que me fartei de pensar nisso, mas não consigo mesmo compreender quem possa ter querido assassiná-los. Devem ter sido assaltantes ou algum louco. Como Charles Manson¹³ e o seu bando.

– Nesse caso, tiveram mesmo sorte em chegar depois de o senhor e os amigos terem ido pescar – disse secamente Gösta.

Patrik tentou chamar-lhe a atenção. Aquela era uma conversa preliminar, não um interrogatório. De nada serviria antagonizar Leon.

– Não consigo pensar em qualquer outra explicação. – Leon abriu as mãos. – Talvez os tenham morto por algo do passado do Rune. Talvez alguém estivesse a

observar a casa e nos tenha visto sair. Como estávamos nas férias da Páscoa, só tinham de preocupar-se com nós os cinco. Durante o período escolar haveria consideravelmente mais alunos presentes, por isso, se alguém queria fazer mal à família, escolheu um momento oportuno.

– E não havia ninguém na escola que pudesse querer fazer-lhes mal? Reparou em algo suspeito antes de os Elvander terem desaparecido? Barulhos estranhos durante a noite, por exemplo? – perguntou Gösta.

Patrik lançou-lhe um olhar perplexo.

– Que me lembre, não. – Leon fez uma careta. – Estava tudo perfeitamente normal.

– Podia falar-nos um pouco da família? – Patrik enxotou uma vespa que se agitava teimosamente à frente da cara.

– O Rune geria o colégio com mão de ferro, ou pelo menos era essa a sua intenção. Era estranhamente cego para os defeitos dos próprios filhos. Sobretudo dos dois mais velhos: Claes e Annelie.

– Que tipo de coisas é que o Rune não conseguia ver no que dizia respeito a esses dois filhos? Dá ideia de que tem algo específico em mente.

A expressão de Leon tornou-se vaga.

– Nem por isso. Eram ambos insuportáveis... como a maioria dos adolescentes. Claes gostava de intimidar os alunos mais fracos nas costas do Rune. Quanto à Annelie... – Leon parecia estar a ponderar a melhor forma de expressá-lo. – Se ela fosse um pouco mais velha, provavelmente poderíamos afirmar que era ninfomaníaca.

– Então e a mulher do Rune, a Inez? Como eram as coisas para ela?

– Julgo que não tinha uma vida fácil. Tinha de fazer a lida da casa e de tomar conta da Ebba. Também tinha de aturar os disparates do Claes e da Annelie. A Inez passava o dia a trabalhar como uma escrava. Lavava a roupa e depois dava com ela toda espalhada pelo chão. Passava horas de volta do guisado e depois alguém aumentava o lume e esturricava-o. Esse género de coisas estava sempre a acontecer, mas a Inez nunca se queixava. Sabia que não adiantava nada falar com o Rune acerca disso.

– O senhor e os outros rapazes não podiam tê-la ajudado? – perguntou Gösta.

– Infelizmente, nunca nenhum de nós viu quem fazia essas coisas. Era bastante fácil adivinhar de quem era a culpa, mas não tínhamos provas para apresentar ao Rune. – Leon lançou aos dois polícias um olhar inquiridor. – Como é que saber como era o relacionamento entre os membros da família pode ajudar a investigação?

Patrik fez uma pausa antes de responder. A verdade é que tinha um pressentimento de que a chave para o que tinha acontecido se encontrava nas relações entre as pessoas que viviam na ilha. Não acreditava na teoria de um bando

de ladrões sanguinários. Afinal de contas, o que havia lá para roubar?

– Porque é que vocês os cinco ficaram no colégio durante as férias da Páscoa? – perguntou, optando por ignorar a questão de Leon.

– Eu, o Percy e o John ficámos na ilha porque os nossos pais estavam a viajar. O Sebastian não ficou por opção. Fora apanhado a fazer umas coisas e foi obrigado a ficar. O pobre Josef ficou para ter umas aulas extra. Os pais acharam que não merecia férias, por isso pagaram ao Rune para lhe dar aulas particulares durante esses dias.

– Parece que os que ficaram tinham motivos de sobra para discutir uns com os outros.

– Então porquê? – Leon olhou Patrik nos olhos.

Mas foi Gösta quem respondeu.

– Quatro eram filhos de pais ricos. Estavam habituados a conseguir tudo o que queriam. Posso imaginar que isso tenha levado a uma boa dose de competição. O Josef, por sua vez, vinha de um ambiente familiar completamente diferente, além ser judeu – Gösta fez uma pausa. – E todos sabemos quais são as ideias do John.

– Naquele tempo, o John não era assim – disse Leon. – É verdade que o pai não estava muito satisfeito por o John frequentar o mesmo colégio que um rapaz judeu mas, ironicamente, aqueles dois eram amigos íntimos.

Patrik assentiu. Por um momento perguntou-se o que teria feito John mudar. Teria sido infetado pelas ideias do pai à medida que crescia? Ou haveria outra explicação?

– E os outros? Como os descreveria?

Leon não respondeu imediatamente. Como se precisasse de tempo para ponderar, esticou os músculos e virou-se para gritar para a sala de estar: – Ia? Estás aí? Podias fazer-nos um café? – depois voltou a recostar-se na cadeira de rodas.

– Percy é um aristocrata até à medula. Fora estragado com mimos, mas não tinha uma ponta de maldade. Haviam-lhe incutido que era superior às outras pessoas e gostava de falar nas batalhas em que os antepassados tinham combatido, mas também tinha medo da própria sombra. E o Sebastian, como eu disse, estava sempre à procura de um bom negócio. Na verdade, fazia negócios bastante lucrativos lá na ilha. Ninguém sabia como o conseguia, mas julgo que pagava aos pescadores locais para entregarem coisas que depois eram vendidas a preços exorbitantes. Chocolates, cigarros, refrigerantes e revistas pornográficas. Em algumas ocasiões chegou a vender bebidas alcoólicas, mas parou depois de o Rune quase o ter apanhado em flagrante.

Ia entrou no alpendre com uma bandeja na mão e pousou as chávenas de café em cima da mesa. Não parecia confortável no papel de esposa solícita.

– Espero que o café esteja bom. Não tenho grande jeito com aquelas máquinas.

– De certeza que está tudo bem – disse Leon. – A Ia não está habituada a viver uma existência tão espartana. Na casa do Mónaco temos empregados para nos fazerem o café, portanto, tudo isto é uma grande mudança para ela.

Patrik não sabia se o imaginara, mas julgava ter detetado um toque de animosidade na voz de Leon. Mas depois passou e Leon era outra vez o anfitrião amável.

– Aprendi a viver de maneira muito simples durante os verões que passei em Kalvö. Na cidade tínhamos todo o conforto imaginável. Mas na ilha... – Leon olhou para o mar. – O meu pai pendurava o fato e vestia calções e *T-shirt*. Gostávamos de ir pescar, apanhar morangos silvestres e nadar. Prazeres simples.

Leon parou de falar quando Ia reapareceu para servir o café.

– Mas não teve propriamente uma vida simples desde então – afirmou Gösta, tomando o seu café.

– *Touché* – disse Leon. – É bem verdade. Sentia-me mais atraído pelas aventuras do que pela vida calma.

– É a adrenalina que o atrai? – perguntou Patrik.

– Essa é uma forma simplista de descrever as coisas, mas suponho que podemos falar em adrenalina. Acho que deve ser um pouco como as drogas, embora nunca tenha poluído o meu corpo com essas substâncias. Sem dúvida que é viciante. Quando se começa já não se quer parar. Damos por nós acordados durante a noite a perguntar: Será que consigo subir mais alto? A que profundidade posso mergulhar? A que velocidade consigo conduzir um carro? São perguntas que acabam por exigir uma resposta.

– Mas agora tudo isso acabou – disse Gösta.

Patrik perguntou-se porque é que nunca sugerira a Gösta e a Mellberg que participassem num curso intensivo de técnicas de interrogatório, mas Leon não parecia ofendido.

– Sim, agora acabou.

– Como se deu o acidente?

– Foi um acidente de viação perfeitamente normal. A Ia estava a conduzir e, como decerto sabe, as ruas no Mónaco são estreitas e sinuosas, e em alguns locais muito íngremes. Vinha um veículo em sentido contrário, a Ia guinou com muita força e despistámo-nos. O carro incendiou-se... – o tom de voz já não era tão indiferente e Leon estava a olhar fixamente para a frente, como se estivesse a assistir a tudo outra vez. – Faz ideia de como é raro um carro incendiar-se? Não é como nos filmes, onde os carros explodem quando chocam com alguma coisa. Tivemos azar. A Ia ficou mais ou menos bem, mas as minhas pernas estavam presas e eu não conseguia sair do carro. Sentia as mãos, as pernas e as roupas a arder. E depois a cara. Então perdi a consciência, mas a Ia puxou-me para fora do carro. Foi assim que feriu as mãos.

Tirando isso, milagrosamente, sofreu apenas alguns cortes e partiu duas costelas. A Ia salvou-me a vida.

– Há quanto tempo foi o acidente? – perguntou Patrik.

– Há nove anos.

– Não há nenhuma possibilidade de poder voltar a... – Gösta acenou com a cabeça para a cadeira de rodas.

– Não. Estou paralisado da cintura para baixo. Já estou muito grato por conseguir respirar sem ajuda – Leon suspirou. – Um dos efeitos secundários é que me canso facilmente, por isso costumo descansar um pouco a esta hora. Posso ajudar-vos em mais alguma coisa? Caso contrário, se não me levarem a mal, agradecia que ficássemos por aqui.

Patrik e Gösta trocaram olhares. Em seguida, Patrik levantou-se.

– De momento, é tudo, mas podemos ter de falar novamente consigo.

– E serão muito bem-vindos. – Impulsionando a cadeira de rodas à frente de Patrik e de Gösta, Leon entrou em casa.

Ia desceu as escadas e, num gesto de despedida elegante, estendeu-lhes a mão.

Quando já estavam do lado de fora, Gösta virou-se para falar com Ia, que parecia ansiosa para fechar a porta atrás deles.

– Seria bom termos a morada e o número de telefone da vossa casa na Riviera.

– Para o caso de decidirmos sair da cidade, não é? – Ia lançou-lhes um sorriso desmaiado.

Gösta limitou-se a encolher os ombros em resposta. Ia dirigiu-se à mesa do vestíbulo e anotou a morada e o número de telefone num bloco. Em seguida, arrancou a folha e entregou-a a Gösta, que a enfiou no bolso sem comentários.

Quando estavam sentados no carro, Gösta tentou debater o encontro com Leon, mas Patrik mal lhe prestava atenção. Estava demasiado ocupado a procurar o telemóvel.

– Devo ter deixado o telemóvel em casa – disse por fim. – Emprestas-me o teu?

– Desculpa. Trazes sempre o teu telemóvel, por isso não me preocupei em trazer o meu.

Patrik ponderou dar uma palestra sobre a importância de um polícia trazer sempre o telemóvel, mas apercebeu-se de que aquele não era propriamente o melhor momento. Rodou a chave na ignição.

– De caminho passamos por minha casa. Tenho de ir buscar o telemóvel.

Mantiveram-se em silêncio durante os poucos minutos que demoraram a chegar a Sälvik. Patrik não conseguia deixar de pensar que se tinham esquecido de um pormenor importante durante a conversa com Leon. Não sabia se aquela ideia fora provocada por algo específico, mas tinha uma forte sensação de que algo não batia certo.

Kjell estava ansioso por ir almoçar. Carina tinha de trabalhar de noite, por isso telefonara a perguntar se podiam almoçar juntos em casa. Era difícil encontrarem tempo para estar juntos quando um deles trabalhava por turnos e o outro tinha um horário normal. Se Carina tivesse vários turnos da noite seguidos, podiam passar dias sem se encontrarem. Mas Kjell tinha orgulho nela. Era muito esforçada. Durante os anos em que estiveram separados, Carina tinha-se sustentado a si e ao filho de ambos sem se queixar. Mais tarde, Kjell descobriu que Carina tivera problemas de alcoolismo, mas conseguira libertar-se sozinha. Curiosamente, tinha sido o pai de Kjell, Frans, quem a convencera a deixar de beber. «Uma das poucas coisas boas que fez», pensou Kjell com uma mistura de amargura e afeição relutante.

Beata, por outro lado... preferia não trabalhar. Quando viviam juntos discutiam constantemente por causa de dinheiro. Ela resmungava pelo facto de Kjell nunca ser promovido para ganhar tanto como os chefes, mas ao mesmo tempo pouco fazia para contribuir para as finanças do casal. «Eu cuido da casa» – dizia sempre a ex-mulher.

Kjell estacionou no acesso para carros e tentou controlar a respiração. Continuava a enchê-lo de repulsa pensar em Beata, o que era agravado pelo desprezo que sentia por si próprio. Como podia ter perdido tantos anos com ela? Claro que não se arrependia de ter tido os filhos, mas arrependia-se de se ter deixado enganar. Beata era jovem e doce e Kjell, que era mais velho, deixara-se facilmente cativar.

Saiu do carro, tentando afastar os pensamentos de Beata. Recusava-se a permitir que alguma coisa lhe estragasse o almoço com Carina.

– Olá, amor – disse Carina quando Kjell entrou. – Senta-te. O almoço está pronto. Fiz panquecas de batata.

Carina pôs-lhe um prato à frente e Kjell inclinou-se para inspirar o aroma. Adorava panquecas de batata.

– Como estão a correr as coisas no jornal? – perguntou Carina quando se sentou à sua frente.

Carina tinha envelhecido bem. As linhas de expressão em torno dos olhos delicados combinavam com ela e tinha um belo bronzado das horas que dedicava ao seu passatempo preferido: trabalhar no jardim.

– Está tudo a avançar muito lentamente. Estou a investigar uma pista que me deram sobre o John Holm, mas não sei muito bem o que fazer a seguir.

Kjell comeu um pouco de panqueca. Sabia tão bem como parecia.

– Não podes pedir a alguém para te ajudar?

Kjell estava prestes a descartar a sugestão quando se deu conta de que Carina tinha razão. Aquilo era suficientemente importante para pôr o orgulho de lado. Tudo o que tinha averiguado sobre Holm dizia-lhe que havia algum grande segredo que

precisava de ser desmascarado. Na verdade, não se importava de ser ele ou outra pessoa qualquer a sacar a notícia. Pela primeira vez na sua carreira de jornalista, Kjell deparava-se com uma situação da qual apenas tinha ouvido falar. Estava na posse do cerne de uma notícia que era maior do que ele.

Pôs-se de pé de um salto.

– Desculpa, tenho de ir tratar de um assunto importante.

– Agora?! – perguntou Carina, olhando para as panquecas meio comidas de Kjell.

– Sim, peço imensa desculpa. Sei que fizeste este almoço especial e estava ansioso por estarmos um bocado juntos, mas...

Quando viu o desapontamento estampado no rosto de Carina, Kjell quase voltou a sentar-se. Já a tinha dececionado muitas vezes no passado e não queria voltar a fazê-lo. Então, o rosto de Carina iluminou-se e a companheira sorriu.

– Vai lá e faz o que tens a fazer. Sei que não ias fugir de uma panqueca de batata meio comida a não ser que fosse uma questão de segurança nacional.

Kjell riu-se.

– Sim, é quase isso. – Inclinou-se e beijou-a nos lábios.

Já no jornal, Kjell perguntou a si próprio como apresentar a sua proposta. Provavelmente ia ser preciso mais do que um pressentimento e uns rabiscos feitos ao telefone para atrair o interesse de um dos repórteres políticos mais importantes da Suécia. Kjell cofiou a barba e então soube o que ia dizer. Erica tinha-lhe falado do sangue, mas nenhum jornal publicara nada sobre a descoberta em Valö. Estava quase a acabar de escrever o seu artigo e planeava oferecê-lo primeiro ao *Bohuslänningen*. O mais certo era que já corressem rumores pela região e seria apenas uma questão de tempo até que os outros jornais soubessem do caso, por isso convenceu-se de que não haveria problema se revelasse a notícia. Além disso, mesmo se o *Bohuslänningen* perdesse o exclusivo, o jornal conhecia tão bem a região que faria decerto um acompanhamento muito melhor do caso do que qualquer um dos jornais nacionais.

Durante alguns segundos, Kjell limitou-se a olhar fixamente para o telefone, pondo as ideias em ordem e tomando notas. Tinha de estar bem preparado quando ligasse a Sven Niklasson, o repórter político do *Expressen*¹⁴, para lhe pedir ajuda para saber mais sobre John Holm. E sobre Gimle.

Paula saiu cautelosamente do barco. Mellberg repreendera-a durante todo o caminho até Valö, primeiro no carro e depois a bordo do *MinLouis*, um dos barcos da Guarda Costeira. Mas os resmungos do superintendente não tinham soado muito convincentes. Já a conhecia suficientemente bem para perceber que não seria capaz de fazer com que mudasse de ideias.

– Vê lá onde pões os pés. A tua mãe matava-me se caíesses. – Mellberg pegou-lhe

numa mão enquanto Victor lhe pegava na outra para ajudá-la a desembarcar.

– Se precisar de boleia para Fjällbacka, telefone – disse Victor, e Mellberg assentiu.

– Não consigo perceber porque é que insististe em vir comigo – disse Mellberg enquanto caminhavam em direção à casa. – Talvez o barco ainda não se tenha ido embora. Isto pode ser perigoso e é um disparate arriscares a vida.

– Já passou quase uma hora desde que a Annika telefonou. Tenho a certeza de que o barco já partiu. E suponho que a Annika vai tentar localizar o Patrik e o Gösta, por isso vão acabar por vir cá ter.

– Sim, mas... – começou a dizer Mellberg, mas depois parou quando chegaram à porta da frente e gritou: – Está alguém em casa. Somos da polícia!

Um homem louro com ar aflito aproximou-se deles e Paula supôs que devia ser Tobias Stark. Durante a viagem de barco conseguira que Mellberg a pusesse a par do caso.

– Estávamos à espera lá em cima, no nosso quarto. Pensámos que era... mais seguro. – Tobias olhou por cima do ombro para as escadas, onde outras duas pessoas tinham aparecido.

Paula teve um sobressalto quando reconheceu uma das mulheres.

– Anna? Que está aqui a fazer?

– Vim cá fazer umas medições para a remodelação. – Anna estava um pouco pálida, mas parecia bastante serena.

– Estão todos bem?

– Sim, graças a Deus – respondeu Anna. Os outros dois assentiram.

– Aconteceu mais alguma coisa desde que telefonaram à polícia? – perguntou Paula, olhando em redor. Mesmo que pensasse que o atirador já devesse estar muito longe, não estava disposta a arriscar nada. Escutava atentamente cada barulho.

– Não, não ouvimos nada. Querem ver para onde os tiros foram disparados? – Anna parecia ter tomado conta das operações. Tobias e Ebba estavam por detrás dela, esperando silenciosamente. Tobias tinha o braço em torno de Ebba, que olhava em frente e abraçava o próprio corpo.

– Claro que sim – respondeu Mellberg.

– Foi para aqui, na cozinha. – Anna conduziu-os à divisão, parando à porta para apontar. – Como podem ver, o tiro entrou por aquela janela.

Paula avaliou os danos. Havia estilhaços de vidro por todo o chão, mas a maior parte estava mesmo por baixo da janela estilhaçada.

– Estava cá alguém quando os tiros foram disparados? E têm a certeza de que foram vários tiros e não apenas um?

– A Ebba estava na cozinha – respondeu Anna, dando a Ebba uma cotovelada. Lentamente, Ebba ergueu os olhos para dar uma olhadela à cozinha como se a visse

pela primeira vez.

– Houve um estrondo enorme – disse. – O barulho foi muito forte. Eu não sabia o que era. Depois houve outro estrondo.

– Portanto, foram dois tiros – disse Mellberg, entrando na cozinha.

– Julgo que não devíamos andar por aqui, Bertil – disse Paula. Desejou que Patrik tivesse ido com eles. Não tinha a certeza se seria capaz de controlar Mellberg sozinho.

– Não te preocupes. Já estive em mais locais de crime do que os que alguma vez verás na tua carreira e sei o que fazer e o que não fazer – Mellberg pisou um grande pedaço de vidro, esmagando-o sob o seu peso.

Paula respirou fundo.

– Continuo a pensar que devemos deixar o Torbjörn e a equipa dele examinar o local antes de o contaminarmos.

Mellberg fingiu não a ouvir e foi inspecionar os buracos de bala na parede da cozinha.

– Aha! Já vi estas malvadas! Têm algum saco de plástico?

– Na terceira gaveta – respondeu distraidamente Ebba.

Mellberg abriu a gaveta e extraiu um rolo de sacos de congelação. Arrancou um e calçou umas luvas de borracha que estavam pousadas na torneira do lavatório. Em seguida aproximou-se novamente da parede.

– Vamos lá ver, não são muito profundos, por isso deve ser relativamente fácil arrancá-las. Vai ser um trabalho simples para o Torbjörn – anunciou o superintendente, retirando as duas balas na parede.

– Mas primeiro a equipa do Torbjörn precisa de tirar fotos – argumentou Paula.

Mellberg não estava a ouvir uma palavra do que a colega dizia. Triunfante, estendeu o saco para lhes mostrar as balas antes de o enfiar no bolso da camisa. Depois tirou as luvas e atirou-as para dentro do lavatório.

– Não podemos esquecer as impressões digitais – disse. – Isso é muito importante em termos de recolha de provas. Depois de tantos anos na polícia, acaba por se tornar uma coisa natural.

Paula mordeu o lábio com tanta força que sentiu o sabor do sangue. «Despachate, Hedström», disse-lhe uma voz na cabeça. Mas o seu pedido não foi atendido e tudo o que podia fazer era ver Mellberg a calcar com indiferença os vidros partidos.

¹² Ler *Os Diários Secretos*, Publicações Dom Quixote, 2012.

¹³ Atualmente com 80 anos e a cumprir pena de prisão perpétua, Manson foi o fundador, mentor intelectual e líder de um grupo que cometeu vários homicídios nos EUA no final dos anos 60, entre eles o da atriz Sharon Tate. (*N. do T.*)

¹⁴ Tabloide vespertino de tendência liberal fundado em 1944. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1931

DAGMAR PODIA SENTIR TODOS OS OLHOS CRAVADOS NELA. AS PESSOAS ACHAVAM QUE ESTAVA ALHEADA DOS ACONTECIMENTOS, MAS NÃO IA DEIXAR-SE ENGANAR, SOBRETUDO POR LAURA. A FILHA TINHA JEITO PARA GRANJEAR COMPAIXÃO. ELOGIAVAM-NA POR SER UMA PEQUENA DONA DE CASA E TINHAM PENA DELA POR TER UMA MÃE COMO DAGMAR. NENHUMA DAQUELAS PESSOAS SABIA COMO LAURA REALMENTE ERA, MAS DAGMAR CONSEGUIA VER ATRAVÉS DA HIPOCRISIA. SABIA O QUE ESTAVA DEBAIXO DAQUELA SUPERFÍCIE BONITA. LAURA TRANSPORTAVA A MESMA MALDIÇÃO QUE ELA. A MARCA PODIA ESTAR DEBAIXO DA PELE, ESCONDIDA DOS OLHOS DE TODOS, MAS NÃO DEIXAVA DE SER UMA MARCA. O SEU DESTINO NÃO SERIA DIFERENTE DO DA MÃE E LAURA NÃO DEVIA PENSAR O CONTRÁRIO.

DAGMAR TREMIA UM POUCO QUANDO SE SENTOU À MESA DA COZINHA. A ACOMPANHAR A SUA DOSE MATINAL, COMERA UMA TORRADA SEM NADA, ESPALHANDO TANTAS MIGALHAS QUANTO PODIA. LAURA ODIAVA MIGALHAS NO CHÃO E NÃO DESCANSAVA ATÉ AS TER VARRIDO TODAS. ALGUMAS HAVIAM CAÍDO EM CIMA DA MESA E DAGMAR TAMBÉM AS SACUDIU PARA O CHÃO. AGORA, A FILHA TERIA ALGO PARA SE MANTER OCUPADA QUANDO CHEGASSE DA ESCOLA.

INQUIETA, DAGMAR TAMBORILOU NA TOALHA DE MESA ÀS FLORES. PREENCHIA-A CONSTANTEMENTE UMA ENERGIA IMPACIENTE QUE EXIGIA UM ESCAPE QUALQUER; HÁ MUITO QUE PERDERA A CAPACIDADE DE SE MANTER SENTADA E QUIETA. DOZE ANOS TINHAM PASSADO DESDE QUE HERMANN PARTIRA, MAS AINDA SENTIA AS MÃOS DO PILOTO A PERCORRER-LHE O CORPO, QUE TINHA MUDADO TANTO QUE DAGMAR JÁ NÃO APRESENTAVA QUALQUER SEMELHANÇA COM A JOVEM QUE EM TEMPOS FORA.

A RAIVA QUE SENTIRA POR HERMANN NAQUELE QUARTO PEQUENO E ESTÉRIL NO HOSPITAL TINHA-SE EVAPORADO. AMAVA-O E HERMANN AMAVA-A. NADA TINHA CORRIDO COMO IMAGINARA, MAS ERA BOM SABER DE QUEM ERA A CULPA. SEMPRE QUE ACORDAVA E ATÉ MESMO NOS SEUS SONHOS, DAGMAR IMAGINAVA O ROSTO DE CARIN GÖRING, SEMPRE COM UMA EXPRESSÃO ALIVA DE DESPREZO. ERA ÓBVIO QUE CARIN GOSTARA DE PRESENCIAR A HUMILHAÇÃO QUE ELA E LAURA TINHAM SOFRIDO. DAGMAR TAMBORILOU AINDA COM MAIS FORÇA NA TOALHA. A RECORDAÇÃO DE CARIN NÃO LHE DAVA TRÉGUAS. ERA GRAÇAS A ESSES PENSAMENTOS E AO ÁLCOOL QUE CONSEGUIA MANTER-SE VIVA DIA APÓS DIA.

ESTENDEU A MÃO PARA O JORNAL SOBRE A MESA. COMO NÃO PODIA DAR-SE AO LUXO DE COMPRAR UM JORNAL, ROUBAVA EDIÇÕES ANTIGAS DOS MAÇOS QUE ERAM ATIRADOS PARA AS TRASEIRAS DA LOJA, À ESPERA QUE OS LEVASSEM. LIA SEMPRE ATENTAMENTE CADA PÁGINA, PORQUE ÀS VEZES ENCONTRAVA ARTIGOS SOBRE HERMANN. REGRESSARA À ALEMANHA E AQUELE NOME, «HITLER», QUE GRITARA NO HOSPITAL, ERA FREQUENTEMENTE MENCIONADO

NOS JORNAIS. DAGMAR LERA OS ARTIGOS, SENTINDO A EMOÇÃO A CRESCER. O HOMEM NOS JORNAIS ERA O SEU HERMANN. NÃO AQUELE GORDO ENFIADO NO PIJAMA DO HOSPITAL QUE BERRAVA. HERMANN ESTAVA NOVAMENTE DE UNIFORME E, EMBORA JÁ NÃO FOSSE TÃO BONITO NEM ELEGANTE COMO QUANDO SE CONHECERAM, ERA NOVAMENTE UM HOMEM PODEROSO.

AS MÃOS DE DAGMAR AINDA TREMIAM QUANDO ABRIU O JORNAL. PARECIA QUE CADA DIA QUE PASSAVA A PRIMEIRA BEBIDA DA MANHÃ DEMORAVA MAIS TEMPO A FAZER EFEITO. MAIS VALIA BEBER MAIS UM COPO. DAGMAR LEVANTOU-SE E SERVIU-SE DE UMA PORÇÃO CONSIDERÁVEL. BEBEU-A DE UM SÓ TRAGO, SENTINDO IMEDIATAMENTE O CALOR ESPALHAR-SE POR TODO O CORPO, ALIVIANDO AS TREMURAS. DEPOIS VOLTOU A SENTAR-SE E COMEÇOU A FOLHEAR O JORNAL.

IA QUASE NA ÚLTIMA PÁGINA QUANDO DESCOBRIU O ARTIGO. AS LETRAS COMEÇARAM A MISTURAR-SE E DAGMAR TEVE DE FAZER UM ESFORÇO PARA SE CONCENTRAR NA MANCHETE: «MULHER DE GÖRING ENTERRADA. HITLER ENVIA COROA.»

DAGMAR ESTUDOU AS DUAS FOTOGRAFIAS. EM SEGUIDA, OS LÁBIOS ABRIRAM-SE-LHE NUM SORRISO. CARIN GÖRING ESTAVA MORTA. ERA VERDADE E AQUILO FÊ-LA DAR UMA GARGALHADA DE SATISFAÇÃO. AGORA NÃO HAVIA NADA QUE TRAVASSE HERMANN. AGORA IA FINALMENTE VOLTAR PARA ELA. DAGMAR BATEU COM O PÉ NO CHÃO.



Tinha ido sozinho à pedreira de granito. Para ser franco, Josef não gostava particularmente de companhia. O que procurava só podia ser encontrado se olhasse para dentro. Não era algo que alguém lhe pudesse dar. Às vezes, desejava ser diferente – ou melhor, mais parecido com as outras pessoas. Desejava albergar uma sensação de pertença, que fazia parte de algo, mas recusava-se a permitir que até a própria família se aproximasse. Tinha um nó muito apertado no peito e sentia-se como uma criança que encostava o nariz à montra da loja de brinquedos e olhava para todas as maravilhas que havia no interior sem se atrever a abrir a porta. Algo o impedia de entrar e de esticar a mão para lhes tocar.

Sentou-se num bloco de granito e os seus pensamentos voltaram-se novamente para os pais. Já se haviam passado dez anos desde a sua morte, mas Josef continuava a sentir-se perdido sem eles. E sentia vergonha de lhes ter escondido o seu segredo. O pai sempre enfatizara a importância da confiança, de se ser honesto e de se dizer a verdade, e dera a entender a Josef saber que ele lhe estava a esconder alguma coisa. Mas como lhes poderia ter contado? Alguns segredos eram demasiado grandes e os pais tinham sacrificado tanto por causa dele...

Durante a guerra haviam perdido tudo: família, amigos, posses, segurança, a terra natal. Tudo, exceto a fé e a esperança numa vida melhor. Enquanto os pais sofriam, Albert Speer tinha andado por ali a apontar, a gritar e a encomendar pedra para construir a cidade mais importante daquele império que estava a ser erigido com sangue. Josef não sabia se o próprio Speer tinha realmente estado ali, mas, sem dúvida que um dos seus sequazes calcorreara a pedreira nos arredores de Fjällbacka.

A guerra não parecia ser um acontecimento distante. Todos os dias da sua infância, Josef ouvira histórias da perseguição e da humilhação dos judeus, de como era o cheiro do fumo que saía das chaminés nos campos e de como as expressões horrorizadas dos soldados libertadores refletiam a degradação dos prisioneiros. A Suécia recebera-os de braços abertos, mas ao mesmo tempo recusava-se teimosamente a reconhecer o seu papel na guerra. Todos os dias o pai lhe falara dessas coisas, de como o seu novo país tinha de reconhecer os crimes que cometera, até ficar tudo gravado na mente de Josef. Tão indelévelmente como os números tatuados nos braços dos pais.

Juntando as mãos em oração, Josef olhou para o céu. Rezou para ter força para

continuar a sua herança, para ser capaz de lidar com Sebastian e com o passado que agora ameaçava destruir o que planeava levar a cabo. Os anos passaram muito depressa e Josef soubera esquecer. Um homem podia criar o seu próprio passado. Pretendera apagar essa parte específica da sua vida e desejava que Sebastian houvesse feito o mesmo.

Josef levantou-se, sacudindo o pó de granito das calças. Esperava que Deus tivesse ouvido as suas preces naquele lugar que simbolizava tanto o que poderia ter sido como o que estava prestes a ser construído. A partir daquela pedra criaria conhecimento e desse conhecimento resultaria a compreensão e a paz. Pagaria a dívida dos antepassados, dos judeus que tinham sido atormentados e oprimidos. Mais tarde, quando a sua missão estivesse terminada, a vergonha seria apagada para sempre.

O telemóvel tocou, mas Erica não atendeu. Era a editora mas, independentemente do motivo da chamada, seria necessário mais tempo do que aquele de que dispunha de momento.

Pela centésima vez, percorreu o escritório com os olhos. Odiava saber que alguém estivera ali a bisbilhotar o que considerava estritamente privado. Quem poderia ter sido? E o que é que essa pessoa estaria a procurar? Estava tão perdida nos seus pensamentos que se sobressaltou quando ouviu a porta da frente a abrir e a fechar.

Precipitou-se para fora do escritório e desceu as escadas. Patrik e Gösta estavam no vestíbulo.

– Olá! Que estão aqui a fazer?

Gösta desviou o olhar e parecia muito pouco à vontade. Não parecia aceitar com serenidade o acordo que mantinham e Erica não resistiu a provocá-lo um pouco.

– Já não o via há algum tempo, Gösta. Como está? – Erica mal conseguia esconder o sorriso ao vê-lo ficar vermelho como um tomate. Até os lóbulos das orelhas ficaram rosados.

– Hum... bem – murmurou, olhando para os sapatos.

– Está tudo bem por aqui? – perguntou Patrik.

A expressão de Erica tornou-se instantaneamente séria. Por um momento, esquecer-se de que provavelmente tinha estado alguém lá em casa. Apercebeu-se de que devia informar Patrik das suas suspeitas, mas por enquanto não tinha provas. Tinha sido uma sorte Patrik não ter atendido o telemóvel quando lhe telefonara. Erica sabia como o marido ficava perturbado sempre que alguma coisa afetava a família. Talvez a mandasse com os filhos para outro sítio se julgasse que alguém lhes tinha entrado em casa. Por isso decidiu não dizer nada por enquanto, apesar da sensação de desconforto que a incomodava. Não parava de olhar para a porta que dava para o alpendre, como se a qualquer momento alguém pudesse entrar outra

vez.

Ainda não tinha respondido à pergunta de Patrik quando Kristina surgiu da lavanderia com as crianças a reboque.

– O que estás a fazer em casa, Patrik? Sabes o que aconteceu há bocado? Quase tive um ataque cardíaco. Estava na cozinha a fazer panquecas para os miúdos quando vi o Noel a dirigir-se para a rua o mais depressa que conseguia com aquelas pernitais. Mas olha que o cacei mesmo no momento certo. Podia ter acontecido uma tragédia se eu não estivesse aqui. Não se podem esquecer de fechar todas as portas como deve ser, porque estes miúdos são rápidos. Pode acontecer uma tragédia e depois vão arrepender-se para o resto da vida...

Erica fitava a sogra, para ver se iria fazer uma pausa para recuperar o fôlego.

– Esqueci-me de fechar a porta do alpendre – disse Erica a Patrik sem o olhar nos olhos.

– *Okay*, bom conselho, mãe. Temos de ser mais cuidadosos agora que os gémeos já andam. – Patrik pegou nos filhos, que correram para o pai, lançando-se nos seus braços.

– Olá, tio Gösta – disse Maja.

Gösta ficou outra vez muito vermelho e lançou a Erica um olhar desesperado. Mas Patrik pareceu não reparar em nada, porque estava ocupado a brincar com os filhos.

Passado um momento, Patrik olhou para Erica.

– Viemos cá buscar o meu telemóvel. Por acaso viste-o?

Erica apontou para a cozinha.

– Deixaste-o em cima do banco hoje de manhã.

Patrik foi buscar o telemóvel.

– Tentaste ligar-me. Era alguma coisa importante?

– Não, só queria dizer-te que gosto muito de ti – disse Erica, esperando que o marido não percebesse que estava a esconder algo.

– Também gosto muito de ti, meu amor – disse distraidamente Patrik enquanto olhava para o ecrã. – Tenho cinco chamadas não atendidas de Annika. É melhor ligar-lhe para saber o que se passa.

Erica tentou escutar a conversa, mas Kristina continuava a tagarelar com Gösta sem parar, por isso só apanhou algumas palavras. Quando Patrik terminou a chamada, Erica percebeu pela expressão do marido que eram más notícias.

– Um tiroteio em Valö. Alguém disparou para dentro da casa. A Anna também está lá. A Annika disse que foi ela quem ligou para a esquadra.

A mão de Erica voou para a boca.

– A Anna? Ela está bem? Está ferida? Quem... – Erica deu-se conta da incoerência das suas palavras, mas a única coisa em que conseguia pensar era no

que podia ter acontecido a Anna.

– Parece que ninguém ficou ferido. Essa é a boa notícia. – Patrik virou-se para Gösta: – A má notícia é que, como não nos conseguiu localizar, a Annika foi obrigada a telefonar ao Mellberg.

– Ao Mellberg? – repetiu Gösta com ar preocupado.

– Sim. Por isso é melhor irmos para a ilha o mais depressa possível.

– Não me digas que vão à ilha havendo pessoas para lá aos tiros – disse Kristina, pondo as mãos nas ancas.

– Claro que vamos. É o meu trabalho – disse Patrik, irritado.

Kristina resfolegou, ofendida; abanou a cabeça e foi para a sala de estar.

– Eu vou convosco – disse Erica.

– Nem pensar.

– Se a Anna lá está, eu vou.

Patrik abanou a cabeça.

– Anda para lá um maluco qualquer aos tiros. Nem penses que te deixo ir!

– A ilha deve estar cheia de polícias. Que mal me pode acontecer? Vou estar perfeitamente segura. – Erica começou a apertar os atacadores das sapatilhas brancas.

– E quem fica a tomar conta dos miúdos?

– Tenho a certeza de que a Kristina pode ficar cá com eles. – Erica levantou-se e lançou a Patrik um olhar que dizia que de nada adiantaria protestar.

A caminho do barco, Erica sentiu que a preocupação com Anna aumentava a cada batida do coração. Era responsável pela irmã; Patrik que estivesse mal-humorado à vontade.

– Pyttan? Onde estás? – perguntou Percy, percorrendo o apartamento, surpreendido. A mulher não lhe dissera que ia sair.

Tinham estado em Estocolmo durante uns dias para participar na festa do sexagésimo aniversário de um amigo, um acontecimento a que não podiam faltar. Inúmeros membros da aristocracia sueca apareceriam para a ocasião, assim como alguns VIP do mundo empresarial – embora não fossem necessariamente considerados VIP em tais encontros. A hierarquia estava firmemente estabelecida e ser o presidente de uma das maiores empresas da Suécia não contava para nada se o indivíduo em questão não tivesse o berço adequado, o apelido correto e não tivesse frequentado as escolas certas.

Percy cumpria todos esses requisitos. Até há pouco tempo, nunca se detivera para pensar nisso. A sua posição social fazia parte da sua vida, algo que dava como adquirido. O problema é que agora se arriscava a ser um conde sem um palacete e isso teria consequências terríveis. Não ia descer a um nível tão baixo como os

novos-ricos, mas sem dúvida que ia ser despromovido.

Na sala de estar, parou à frente do carrinho de bebidas para se servir de um copo de *Mackmyra Preludium*, cuja garrafa custava cerca de cinco mil coroas suecas. Se tivesse de passar a beber *whisky Jim Beam*, mais valia ir buscar a velha *Luger* do pai e dar um tiro na cabeça.

O que mais o atormentava era saber que tinha desapontado o pai. Era o primogénito e sempre recebera tratamento preferencial. E o velho sempre considerara isso natural. Num tom perfeitamente casual, sem qualquer demonstração de emoção, dissera aos dois filhos mais novos: «Percy é especial. Um dia herdará tudo.» Secretamente, Percy sentia uma certa alegria sempre que o velho punha os irmãos no lugar. Compensava o facto, de que Percy estava plenamente consciente, de o pai o considerar fraco, tímido e mimado. Talvez fosse verdade que a mãe o protegera demasiado, mas tinha nascido prematuro, dois meses antes do termo da gravidez, tão pequeno e frágil que nem se esperava que sobrevivesse. Pela primeira e última vez na vida, Percy mostrara grande capacidade de resistência. Contra todas as probabilidades, sobrevivera, embora ficasse com uma saúde delicada.

Comtemplou Karlaplan. O apartamento tinha uma bela janela panorâmica que dava para uma ampla praça com uma fonte. Segurando o copo de *whisky*, Percy observou a multidão lá em baixo. No inverno, a praça estava deserta, mas agora que era verão os bancos estavam completamente ocupados e havia dezenas de crianças a brincar, a comer gelados e a desfrutar do sol.

Percy ouviu passos nas escadas e escutou atentamente. Seria Pyttan? Provavelmente escapulira-se para ir fazer algumas compras. Só esperava que o banco não lhes tivesse cancelado os cartões de crédito. Que raio de sociedade era aquela? Exigiam uma fortuna em impostos, aqueles malditos comunistas. Percy apertou ainda mais o copo de *whisky*. Mary e Charles iam deleitar-se se descobrissem a extensão dos seus problemas financeiros. Continuavam a espalhar aquelas mentiras de os ter despejado da própria casa e de lhes ter roubado o que lhes pertencia.

De repente, Percy deu por si a pensar em Valö. Se ao menos nunca lá tivesse ido parar. Então, nada daquilo teria acontecido – as coisas em que decidira não pensar, embora não conseguisse impedir que as imagens horríveis se infiltrassem nos seus pensamentos de vez em quando.

A princípio, Percy pensou ser uma excelente ideia mudar de colégio. A atmosfera em Lundsberg tornara-se insuportável depois de o acusarem de ter assistido sem interferir quando um par de rufias forçava o bode expiatório do colégio a beber um grande copo de laxante mesmo antes da cerimónia de fim de ano letivo no auditório. A roupa branca de verão do rapaz tinha ficado toda manchada de castanho nas costas.

Após o incidente, o diretor convocara o pai de Percy a Lundsberg. Ansioso por evitar um escândalo, não tinha ido ao extremo de expulsar Percy, mas deixara claro que o rapaz teria de continuar os seus estudos noutra sítio. O velho tentou argumentar que Percy fora um mero espectador e que isso certamente não poderia ser considerado um crime, mas acabou por ter de se conformar. Depois de averiguar discretamente, decidira que o internato de Rune Elvander, em Valö, era a melhor opção. Na verdade, o pai de Percy teria preferido enviá-lo para o estrangeiro. Mas, para variar, a mãe tinha intervindo. Por isso, Percy fora matriculado no colégio de Rune e foi assim que acabou assombrado por aquelas negras memórias que tentava desesperadamente reprimir.

Percy bebeu um grande gole de *whisky*, esperando que o álcool diluísse a humilhação que ameaçava dominá-lo, e olhou em redor. Pyttan recebera luz verde para a decoração do apartamento. Aqueles móveis rústicos pintados de branco podiam não lhe agradar, mas desde que a mulher não tocasse nas divisões de Fygelsta, podia fazer o que quisesse com o apartamento. O palacete tinha de permanecer exatamente como era no tempo do pai, do avô e do bisavô. Era uma questão de honra familiar.

A vaga sensação de mal-estar aumentou quando entrou no quarto. Pyttan já devia ter chegado a casa. Tinham uma festa naquela noite e, normalmente, a mulher começava a arranjar-se para os eventos sociais ao início da tarde.

Pousou o copo na mesa de cabeceira de Pyttan e depois abriu as portas do guarda-fatos. Alguns cabides oscilaram com a súbita deslocação do ar. De resto, o guarda-fatos estava vazio.

Ninguém acreditaria que há apenas uma hora alguém tivesse andado por ali aos tiros, pensava Patrik enquanto encostava o barco ao cais. A ilha estava envolta numa calma irreal.

Antes de Patrik ter conseguido amarrar o cabo, Erica saltou do barco e começou a correr em direção à casa. Com Gösta no seu encalço, Patrik desatou a correr atrás dela. Mas Erica movia-se tão depressa que não conseguiu alcançá-la e, quando entrou na casa, deu pela mulher a abraçar Anna. Tobias e Ebba estavam desconsoladamente sentados no sofá e ao seu lado encontravam-se Mellberg e Paula.

Patrik não percebia porque é que Paula ali estava. Mas ainda bem, pensou. Pelo menos podia ter esperança de ouvir um relato fiável do que acontecera.

– Estão todos bem? – perguntou, aproximando-se de Paula.

– Sim, estamos todos bem. Eles estão todos um bocado perturbados, sobretudo a Ebba. Alguém disparou tiros pela janela da cozinha quando ela estava lá sozinha. Não há indícios de que o atirador ainda possa estar nas proximidades.

– Telefonaram ao Torbjörn?

– Sim, a equipa dele está a caminho. Mas pode dizer-se que o Mellberg já começou o exame forense.

– Exatamente. Encontrei as balas – disse Mellberg, tirando do bolso um saco de plástico contendo duas balas. – Não estavam cravadas muito fundo na parede e foi fácil retirá-las. O autor dos disparos devia estar a uma boa distância, porque as balas tinham perdido muita velocidade no momento em que entraram na parede.

Patrik sentiu a raiva crescer dentro de si, mas a última coisa que queria era fazer uma cena. Mais tarde, haveria tempo de sobra para ter uma conversa séria com Mellberg sobre as regras a seguir quando se investiga um local de crime.

Virou-se para Anna, que estava a tentar libertar-se dos braços de Erica.

– Onde estavas quando isto aconteceu?

– Lá em cima – respondeu, apontando para o primeiro andar. – A Ebba tinha ido à cozinha fazer café.

– E você? – perguntou Patrik a Tobias.

– Estava na cave. Tinha regressado do continente e fui buscar mais tinta. Tinha acabado de descer as escadas para a cave quando ouvi um estrondo. – O rosto de Tobias estava pálido sob o bronzado.

– Quando chegou, viu algum barco desconhecido no cais? – perguntou Gösta.

Tobias abanou a cabeça.

– Não, só o da Anna.

– E não viu nenhum estranho por aí?

– Não, ninguém. – Ebba estava a olhar fixamente em frente como se estivesse atordoadada.

– Quem é que pode ter feito uma coisa destas? – perguntou Tobias a Patrik. – Quem é que nos anda a perseguir? Acha que tem alguma relação com o postal que lhe dei?

– Lamento muito, mas não sabemos.

– Que postal? – perguntou Erica.

Patrik ignorou a pergunta, mas o olhar penetrante que Erica lhe dirigiu tornava claro que acabaria por ter de contar-lhe.

– De agora em diante, ninguém entra na cozinha. Fica vedada. – Patrik virou-se para Ebba e para Tobias. – Vamos precisar de fazer uma busca à ilha, por isso seria melhor encontrarem um sítio para ficar no continente até terminarmos.

– Mas nós não queremos sair daqui – disse Tobias.

– Queremos, sim. – De repente, Ebba parecia bastante determinada.

– E onde é que vamos encontrar um quarto em plena época alta?

– Podem ficar em nossa casa. Temos um quarto – sugeriu Erica.

Patrik sobressaltou-se. Estaria louca? Convidar Ebba e Tobias para ficarem em

sua casa a meio de uma investigação?

– A sério? Tem a certeza? – perguntou Ebba, olhando para Erica.

– Claro. Enquanto estiverem connosco, a Ebba pode ler tudo o que eu reuni sobre a sua história familiar. Ontem estive a consultar outra vez os documentos e é realmente fascinante.

– Não acho que seja... – começou Tobias a dizer. Em seguida, os ombros descaíram-lhe. – Vamos fazer o seguinte: tu vais para o continente e eu fico aqui.

– Preferia que não ficasse aqui ninguém – afirmou Patrik.

– Eu não saio daqui. – Tobias lançou um olhar a Ebba, que não se opôs.

– *Okay*, então sugiro que a Ebba, a Erica e a Anna se retirem já para que possamos começar a fazer o nosso trabalho enquanto aguardamos a chegada do Torbjörn. Gösta, tu vais inspecionar o caminho até à praia para ver se alguém pode ter vindo por aí. Paula, podes encarregar-te da zona mais próxima da casa? Eu vou procurar num círculo amplo em torno da casa. Vai ser mais fácil quando tivermos aqui um detetor de metais, mas por enquanto vamos ter de nos desenvencilhar sem ele. Com alguma sorte, o atirador pode ter atirado a arma para um arbusto, algures.

– E, se não tivermos sorte, essa arma vai estar no fundo do mar, tal como a outra – disse Gösta.

– É possível, mas a prioridade são as buscas para vermos o que conseguimos encontrar. – Patrik virou-se para Tobias. – Não pode interferir na nossa investigação. Volto a insistir que não é boa ideia ficar na ilha sozinho, sobretudo durante a noite, depois de nos termos ido embora.

– Eu posso trabalhar lá em cima. Não vou empatar-vos – disse Tobias num tom monocórdico.

Patrik estudou-o por um momento, mas decidiu não insistir. Se Tobias se recusava a deixar a ilha, ninguém podia obrigá-lo. Foi ter com Erica, que estava à porta, preparada para sair.

– Até logo – disse, dando-lhe um beijo na face.

– Até logo. Anna, podemos ir para o continente no teu barco? – perguntou. Como um cão-pastor, Erica juntou o pequeno grupo que ia escoltar até casa.

Patrik não pôde deixar de sorrir. Acenou-lhes e depois virou-se para o grupo heterogéneo de polícias. Seria um milagre se conseguissem encontrar alguma coisa.

A porta abriu-se silenciosamente. John Holm tirou os óculos de leitura e pousou o livro.

– Que estás a ler? – perguntou Liv, sentando-se na beira da cama.

John ergueu o livro para que a mulher pudesse ver a capa.

– *Raça, Evolução e Comportamento*, de Philippe Rushton¹⁵.

– É um bom livro. Li-o há uns anos.

John pegou-lhe na mão e sorriu.

– É pena as férias estarem quase a acabar.

– Sim, se é que podemos chamar férias a esta última semana, tendo em conta a quantidade de horas que trabalhámos todos os dias.

– Eu sei. – John Holm franziu a testa.

– Ainda estás preocupado com o artigo do *Bohusläningen*?

– Não. Tens razão, não interessa. Para a semana já vai estar esquecido.

– Então é por causa de Gimle?

John lançou-lhe um olhar severo. Liv sabia que não devia mencionar aquela palavra. Somente aqueles que pertenciam ao núcleo duro do partido sabiam do projeto e arrependia-se amargamente de não ter queimado imediatamente o pedaço de papel que tinha rabiscado. Era um erro imperdoável, mesmo que não fosse certo que Erica Falck o levara. Podia ter voado com o vento ou estar perdido algures lá em casa, mas no fundo sabia que a explicação não podia ser tão simples. A nota estava no maço de papéis antes de Erica chegar e quando a procurou, depois de a escritora ter saído, tinha desaparecido.

– Vai correr tudo bem. – Liv acariciou-lhe a face. – Acredito que sim. Já chegámos muito longe, mas corremos o risco de não avançar a menos que tomemos alguma medida drástica. Temos de arranjar mais margem de manobra. É melhor para todos.

– Amo-te. – Holm podia dizer-lho com toda a franqueza. Ninguém o compreendia como Liv. Tinham partilhado ideias, experiências, sucessos e fracassos, e Liv era a única pessoa em quem alguma vez confiara, a única pessoa que sabia o que tinha acontecido à sua família. Claro que muita gente conhecia o seu passado, uma vez que tinha sido alvo de falatório durante anos, mas nunca tinha contado a ninguém, a não ser a Liv, o que pensara durante esse tempo.

– Posso dormir aqui esta noite? – perguntou subitamente Liv.

Vendo a incerteza no rosto da mulher, John foi invadido por uma onda de emoções conflitantes. No fundo, o que mais desejava era ter o corpo quente de Liv junto ao seu, adormecer com o braço em torno dela, respirando o cheiro do seu cabelo. Ao mesmo tempo, sabia que isso não daria certo. A intimidade implicava expectativas e fazia com que todas as deceções e promessas não cumpridas ressurgissem.

– Não podíamos tentar de novo?– disse Liv, acariciando-lhe a mão. – Já passou algum tempo e talvez as coisas tenham... mudado.

De repente, Holm virou-lhe as costas, afastando-lhe a mão. Quase sufocava só de pensar na sua impotência. Não suportava passar novamente por aquilo. Consultas médicas, pequenas pílulas azuis, bombas artificiais, a expressão de Liv sempre que não conseguia uma ereção. Não valia a pena.

– Vai-te embora, por favor. – Holm pegou no livro e empunhou-o como um escudo

à sua frente.

Fitou a página sem ver uma única palavra enquanto ouvia os pés de Liv a deslocarem-se pelo chão. Depois, suavemente, a mulher fechou a porta atrás dela. Os óculos de leitura de Holm ainda estavam sobre a mesa de cabeceira.

Já era tarde quando Patrik regressou a casa. Erica estava sentada sozinha no sofá, a ver televisão. Depois de os filhos terem ido deitar-se não lhe apetecera arrumar a casa, por isso, Patrik teve de avançar por entre os brinquedos espalhados pelo chão.

– A Ebba já está a dormir? – perguntou, sentando-se ao lado da mulher.

– Sim. Foi deitar-se por volta das oito. Parecia completamente exausta.

– Não admira. – Patrik apoiou os pés na mesa de café. – Estás a ver o quê?

– *Letterman*.

– Quem é o convidado?

– Megan Fox.

– Ah... – disse Patrik, afundando-se mais nas almofadas do sofá.

– Estás a pensar ficar para aí sentado a fantasiar com a Megan Fox para depois tentares reproduzir essas fantasias com a tua pobre mulher?

– Acertaste – disse Patrik, esfregando o nariz no pescoço da mulher.

Erica afastou-o.

– Como correram as coisas em Valö?

Patrik suspirou.

– Não muito bem. Meia hora depois de vocês partirem, chegaram os reforços: o Torbjörn e os seus rapazes. Revistámos tudo o que pudemos antes de escurecer, mas não encontrámos nada.

– Nada? – Erica pegou no controlo remoto para baixar o volume.

– Não. Nenhum vestígio de qualquer natureza do atirador. E o mais provável é que tenha atirado a arma ao mar. Mas talvez as balas nos digam alguma coisa. O Torbjörn enviou-as para o laboratório para serem analisadas.

– De que postal é que o Tobias estava a falar?

Patrik hesitou. Era sempre um número de equilíbriismo. Não podia revelar muito à mulher sobre uma investigação em curso. Ao mesmo tempo, tinha havido vários casos em que a polícia tinha beneficiado da capacidade de Erica para desenterrar informações. Decidindo-se, Patrik respondeu:

– A Ebba recebe todos os anos um postal de aniversário de alguém que os assina com a inicial «G». As mensagens nunca foram ameaçadoras. Até agora. Tobias foi hoje à esquadra mostrar-nos um que tinha acabado de chegar pelo correio. A mensagem era muito diferente das de todos os postais anteriores.

– Quer dizer que suspeitam que quem lhe envia esses postais também está por detrás dos acontecimentos em Valö?

– Por enquanto não temos teorias específicas, mas é claro que devemos considerar essa hipótese. Estou a pensar ir amanhã com Paula a Gotemburgo para conversar com os pais adotivos da Ebba. Como sabes, o Gösta não tem muito jeito para estas coisas e a Paula pediu-me que a deixasse voltar ao trabalho. Parece que já anda a trepar às paredes.

– Mas tem cuidado para ela não exagerar. Quando estamos grávidas, é fácil pensarmos que conseguimos fazer mais do que na realidade conseguimos.

– Saíste-me cá uma mãe galinha – disse Patrik com um sorriso. – Já passei por duas gravidezes, por isso não sou completamente ignorante a esse respeito.

– Vamos esclarecer uma coisa. Não foste tu que passaste por duas gravidezes. Pelo que me lembro, nunca tiveste os tornozelos inchados, câibras nas pernas e azia, nem passaste vinte e duas horas com dores de parto ou fizeste uma cesariana.

– Okay, já percebi. – Patrik ergueu as mãos. – Prometo estar de olho na Paula. O Mellberg nunca me perdoaria se lhe acontecesse alguma coisa. Podemos dizer o que quisermos sobre ele, mas pela família era capaz de passar pelo inferno.

Os créditos finais de *Letterman* começaram a passar no ecrã e Erica começou a fazer *zapping*.

– Então o que é que o Tobias está a fazer na ilha? Porque terá insistido em ficar?

– Não sei. Não queria deixá-lo lá. Penso que ele está à beira do esgotamento. Parece muito calmo e está a lidar com tudo isto com uma serenidade extraordinária, mas faz-me lembrar um pato que desliza suavemente à superfície da água enquanto as patas se mexem freneticamente por baixo. Percebes o que quero dizer? Ou será que estou a divagar?

– Não, percebo exatamente o que queres dizer.

Erica continuou a carregar no botão do controlo remoto. Por fim decidiu-se por *Pesca Mortal*, no Discovery Channel. Olhou distraidamente para as belas imagens de um homem vestido de *Gore-Tex* no meio de uma tempestade diabólica a recolher armadilhas com enormes caranguejos-reais parecidos com aranhas.

– Estás a pensar levar a Ebba contigo amanhã?

– Não, julgo que é melhor irmos sozinhos falar com os pais dela. A Paula estará aqui às nove e depois vamos até Gotemburgo no *Volvo*.

– Ótimo, assim posso mostrar à Ebba o material sobre o passado da família dela que já consegui juntar.

– Sabes que nunca vi esse material. Há alguma coisa que possa ser relevante para a investigação?

Erica pensou por um momento, mas depois abanou a cabeça.

– Não, já te falei dos poucos aspetos que podem ser úteis. O que descobri sobre a história da família da Ebba é muito mais antigo do que o caso do desaparecimento e acho que ela é a única pessoa que vai achar interessante.

– Mesmo assim gostava de dar uma vista de olhos. Mas não esta noite. Agora estou demasiado confortável. – Patrik aproximou-se de Erica, pôs-lhe o braço em torno da cintura e encostou a cabeça ao ombro da mulher. – Caramba, a trabalhadeira que estes tipos têm. Parece ser perigosíssimo. Ainda bem que não sou pescador de caranguejos.

– Tens razão, meu amor. E todos os dias dou graças a Deus por não seres. – Erica riu-se e beijou-lhe o topo da cabeça.

Desde o acidente que Leon era ocasionalmente atormentado por esticções nas articulações. Uma sensação de dor misturada com pontadas, como uma premonição de que algo estava prestes a acontecer. Nesse momento era o que sentia.

Ia estava habituada a decifrar os estados de alma do marido. Normalmente ralhava com Leon quando estava demasiado absorto nos seus pensamentos, mas não era isso que fazia naquele momento. Tentavam antes cuidadosamente evitar-se um ao outro, movendo-se pela casa sem se cruzarem.

Leon achava aquilo um bocado irritante. O tédio sempre tinha sido o seu pior inimigo. Quando era criança, o pai ria-se da sua incapacidade de estar quieto e também do facto de estar constantemente em busca de novos desafios e a tentar ultrapassar os limites. A mãe fazia grande algazarra por causa de todos os ossos partidos e arranhões que daí resultavam, mas o pai sentia-se orgulhoso.

A seguir àquelas férias da Páscoa, nunca mais voltou a ver o pai. Leon foi para o estrangeiro sem se despedir dele. Depois, os anos passaram e Leon esteve ocupado a viver a sua vida. No entanto, o pai nunca deixara de ser muito generoso, enviando-lhe dinheiro sempre que a sua conta bancária não tinha saldo. Nunca repreendera o filho nem tentara refreá-lo. Deixara que Leon voasse livremente.

No fim, Leon tinha voado demasiado perto do sol; sempre soube que isso acabaria por acontecer. Os pais já tinham morrido. O pai foi poupado a ter de testemunhar como o acidente naquela estrada de montanha sinuosa lhe roubara o corpo e o espírito aventureiro, como o tinha deixado acorrentado.

Leon e Ia tinham percorrido um longo caminho juntos, mas agora estava a aproximar-se o momento decisivo. Bastava uma pequena faísca para incendiar tudo. E jamais permitiria que outra pessoa ateasse aquele fogo. Teria de ser ele próprio a fazê-lo.

Leon pôs-se à escuta. A casa estava completamente silenciosa. Provavelmente, Ia fora deitar-se. Pegou no telemóvel que estava em cima da mesa e pô-lo no colo. Em seguida, manobrou a cadeira de rodas até ao alpendre e, sem hesitar, começou a telefonar-lhes, a todos.

Quando acabou de falar, descansou as mãos nas pernas e contemplou Fjällbacka. Na escuridão da noite, dezenas de luzes iluminavam a cidade como uma gigantesca

taberna cintilante. Depois, Leon desviou o olhar para o mar e para Valö. Na antiga colónia balnear, todas as luzes estavam apagadas.

15 Escritor e professor de psicologia canadiano (1943-2012). (*N. do T.*)

CEMITÉRIO DE LÖVO, 1933

DOIS ANOS TINHAM PASSADO DESDE A MORTE DE CARIN, MAS HERMANN NÃO TINHA IDO BUSCÁ-LA. COMO UM CÃO FIEL, DAGMAR TINHA ESPERADO QUE OS DIAS SE TRANSFORMASSEM EM SEMANAS, OS MESES EM ANOS.

CONTINUAVA A VASCULHAR OS JORNAIS EM BUSCA DELE. HERMANN TORNARA-SE MINISTRO NA ALEMANHA. NAS FOTOGRAFIAS PARECIA MUITO BONITO DE UNIFORME. ERA UM HOMEM PODEROSO E IMPORTANTE PARA AQUELE TAL HITLER. ENQUANTO HERMANN ESTIVESSE NA ALEMANHA, ENVOLVIDO NA SUA CARREIRA, DAGMAR CONSEGUIA COMPREENDER PORQUE É QUE TINHA DE DEIXÁ-LA À ESPERA, MAS QUANDO OS JORNAIS RELATARAM QUE ESTAVA MAIS UMA VEZ NA SUÉCIA DECIDIRA FACILITAR-LHE AS COISAS. HERMANN ERA UM HOMEM MUITO OCUPADO E, SE NÃO PODIA IR TER COM ELA, ELA IRIA TER COM ELE. COMO MULHER DE UM POLÍTICO PROEMINENTE, SERIA FORÇADA A ADAPTAR-SE ÀS SUAS NECESSIDADES E, PROVAVELMENTE, TAMBÉM TERIA DE IR VIVER PARA A ALEMANHA. APERCEBEU-SE DE QUE A FILHA NÃO PODIA IR COM ELA. NÃO SERIA BOM PARA UM HOMEM DA POSIÇÃO DE HERMANN TER UMA FILHA BASTARDA. MAS LAURA JÁ TINHA TREZE ANOS; PODERIA TOMAR CONTA DE SI PRÓPRIA.

OS JORNAIS NÃO MENCIONAVAM ONDE HERMANN ESTAVA HOSPEDADO, DEIXANDO DAGMAR SEM SABER COMO ENCONTRÁ-LO. DIRIGIU-SE À SUA ANTIGA MORADA EM ODENGATAN, EM ESTOCOLMO, MAS UM DESCONHECIDO ABRIU-LHE A PORTA E DISSE-LHE QUE OS GÖRING JÁ NÃO MORAVAM ALI HÁ ANOS. ESTAVA À FRENTE DO PRÉDIO, A PONDERAR O PRÓXIMO PASSO, QUANDO DE REPENTE SE LEMBROU DE TER LIDO ONDE CARIN ESTAVA ENTERRADA. TALVEZ HERMANN FOSSE VISITAR O TÚMULO DA MULHER. O CEMITÉRIO DE LÖVÖ FICAVA ALGURES NOS ARREDORES DA CIDADE. ACABOU POR CONSEGUIR ENCONTRAR UM AUTOCARRO QUE A LEVASSE PRATICAMENTE ATÉ LÁ.

ESTAVA AGACHADA À FRENTE DA LÁPIDE, OLHANDO PARA O NOME DE CARIN E PARA A SUÁSTICA QUE TINHA SIDO GRAVADA POR BAIXO. FOLHAS DOURADAS DE OUTONO GIRAVAM EM TORNO DELA, LEVADAS PELO VENTO FRIO DE OUTUBRO, MAS DAGMAR QUASE NÃO REPARAVA NESSES PORMENORES. QUANDO CARIN MORREU, PENSOU QUE O ÓDIO IA ESMORECER, MAS ALI, ENFIADA NO SEU CASACO GASTO, O CÉREBRO REPLETO DE PENSAMENTOS SOBRE TODOS OS ANOS DE DIFICULDADES QUE PASSARA, SENTIU A VELHA FÚRIA DESPERTAR UMA VEZ MAIS.

ERGUEU-SE RAPIDAMENTE E RETROCEDEU ALGUNS PASSOS. DEPOIS ATIROU-SE À LÁPIDE COM QUANTA FORÇA TINHA. UMA DOR INTENSA IRRADIAVA DO OMBRO PARA AS PONTAS DOS DEDOS, MAS A PEDRA NÃO SE MEXERA. FRUSTRADA, ATACOU AS FLORES QUE ENFEITAVAM A SEPULTURA, ARRANCANDO-AS PELA RAIZ. ENTÃO, RETROCEDEU NOVAMENTE E CORREU PARA A FRENTE, NA TENTATIVA DE ARRANCAR A SUÁSTICA VERDE DE FERRO QUE ESTAVA AO LADO DA

LÁPIDE. A SUÁSTICA CEDEU E TOMBOU NA RELVA. DAGMAR ARRASTOU-A PARA LONGE DO TÚMULO O MAIS QUE PÔDE. COM ALEGRIA, INSPECIONOU A DESTRUÇÃO QUE PROVOCARA ATÉ QUE UMA MÃO A AGARROU PELO BRAÇO.

– QUE RAIO ESTÁ A FAZER? – UM HOMEM ALTO E ROBUSTO ESTAVA AO LADO DELA.

DAGMAR SORRIU DE FELICIDADE.

– SOU A FUTURA SENHORA GÖRING. SEI QUE O HERMANN CONSIDERA QUE CARIN NÃO MERECE TER UMA CAMPA TÃO BONITA, POR ISSO JÁ TRATEI DO ASSUNTO E AGORA TENHO DE IR TER COM ELE.

DAGMAR CONTINUOU A SORRIR, MAS O ROSTO DO HOMEM ERA SOMBRIO. MURMUROU ALGO PARA SI ENQUANTO ABANAVA A CABEÇA. EM SEGUIDA, AGARRANDO-LHE FIRMEMENTE O BRAÇO, ARRASTOU-A EM DIREÇÃO À IGREJA.

QUANDO A POLÍCIA CHEGOU, UMA HORA MAIS TARDE, DAGMAR AINDA ESTAVA A SORRIR.



Às vezes, a casa geminada em Falkeliden parecia demasiado pequena. Dan ia com os filhos passar o fim de semana a casa da irmã em Gotemburgo e, durante a azáfama daquela manhã, Anna sentiu que, onde quer que se encontrasse, estava a empatá-los. Também se vira obrigada a correr até à estação de serviço para comprar rebuçados, refrigerantes, fruta e bandas desenhadas para a viagem.

– Agora já têm tudo? – Anna inspecionou a montanha de sacos de viagem e de outros objetos no vestíbulo.

Dan apressava-se entre a casa e o carro a arrumar a bagagem. Anna viu que não haveria espaço suficiente, mas isso era problema dele. Dan é que dissera aos filhos que fizessem as próprias malas prometendo-lhes que podiam levar o que quisessem.

– De certeza que não queres vir connosco? Não me agrada nada deixar-te aqui sozinha depois do que aconteceu ontem.

– Obrigada, mas eu fico bem. Até vai ser bom ter a casa só para mim durante dois dias. – Anna lançou a Dan um olhar suplicante, esperando que o companheiro compreendesse e não ficasse magoado.

Dan assentiu e abraçou-a.

– Compreendo perfeitamente o que queres dizer, amor. Não tens de me dar explicações. Aproveita ao máximo e não penses em ninguém, só em ti. Come bem, vai nadar um bocado, já que gostas tanto, e faz umas compras. Faz o que te apetecer; o que interessa é a casa continuar de pé quando regressarmos. – Dan abraçou-a uma última vez e regressou à tarefa de carregar malas para o carro.

Anna sentiu um nó na garganta. Esteve quase para dizer-lhe que tinha mudado de ideias, mas engoliu as palavras. Precisava de tempo para pensar, e o susto do dia anterior não era o único assunto que tinha de resolver na sua cabeça. A vida estendia-se à sua frente, mas não conseguia deixar de olhar fixamente para o retrovisor. Estava na altura de descobrir uma maneira de se livrar do passado e olhar em frente.

– Porque é que não vens connosco, mamã? – perguntou Emma, puxando-lhe a manga.

Anna agachou-se, impressionada por a filha já estar tão alta. Tinha dado um grande salto durante a primavera e o verão. Agora já era uma menina crescida.

– Já te disse: tenho uma data de coisas para fazer aqui em casa.

– Sim, mas nós vamos a Liseberg! – Emma olhou para a mãe como se Anna

tivesse momentaneamente enlouquecido. E, no mundo de uma criança de oito anos, esse era sem dúvida o caso, uma vez que ia perder voluntariamente uma visita ao parque de diversões.

– Para a próxima vou convosco. Além disso, sabes bem como sou medricas. Se calhar nem ia ter coragem de andar em nenhum carrossel. Tu és muito mais corajosa do que eu.

– Pois sou! – Emma endireitou orgulhosamente os ombros. – Vou andar na montanha-russa. Nem o papá tem coragem para dar uma volta.

Por mais que ouvisse Emma e Adrian chamar «papá» a Dan, Anna nunca deixava de ficar comovida. E essa era outra razão pela qual precisava daqueles dois dias de solidão. Tinha de encontrar uma maneira de se recompor. Pela família.

Beijou Emma na face.

– Domingo à noite já vamos estar juntas outra vez.

Emma correu para o carro e Anna encostou-se à ombreira da porta, abraçando o próprio corpo e apreciando a agitação no acesso ao carro. Dan começava a transpirar e parecia finalmente dar-se conta de que seria impossível levar toda aquela tralha.

– Meu Deus, não posso acreditar que tenham trazido tanta coisa – disse, limpando a testa.

O porta-bagagens já estava cheio até cima e ainda havia uma data de coisas no vestíbulo.

– Não digas nada! – Dan abanou o dedo na direção de Anna.

Anna abriu os braços.

– Estou caladinha.

– Adrian! Tens mesmo de levar o *Dino*? – perguntou, pegando no peluche preferido de Adrian, um dinossauro com um metro de altura que Erica e Patrik lhe haviam oferecido no Natal.

– Se o *Dino* não pode ir, eu também não vou! – gritou Adrian, arrebatando o dinossauro das mãos de Dan.

– Lisen? – berrou Dan em seguida. – Precisas de levar todas as *barbies*? Não podes escolher duas?

Lisen começou imediatamente a chorar. Anna abanou a cabeça e soprou um beijo na direção de Dan.

– Acho que não devo envolver-me nisso. Um de nós tem de sobreviver. Divirtam-se.

Anna entrou em casa e subiu as escadas até ao quarto. Deitou-se em cima da colcha e ligou a televisão com o controlo remoto. Depois de muito ponderar, decidiu-se por *Oprah*, no canal três.

Irritado, Sebastian atirou a caneta para cima do bloco de notas. O seu bom humor habitual recusava-se a voltar, embora tudo tivesse corrido como planeado.

Adorava a sensação de conseguir controlar Percy e Josef, e as parcerias com os dois estavam prestes a tornar-se muito lucrativas. Às vezes não compreendia as pessoas. Nunca lhe passaria pela cabeça envolver-se com alguém igual a si próprio, mas ambos estavam desesperados, cada um à sua maneira. Percy tinha pavor de perder a sua herança ancestral, e Josef procurava uma compensação e a aprovação dos pais. Sebastian compreendia melhor Percy do que Josef. Percy estava prestes a perder algo importante: dinheiro e estatuto. Mas o motivo de Josef era um mistério. Que importava o que Josef fizesse agora? A ideia de abrir um museu do Holocausto não fazia sentido. O projeto nunca ia levantar voo e se Josef não fosse tão idiota, seria capaz de ver isso por si próprio.

Sebastian levantou-se e foi até à janela. O porto estava repleto de barcos com bandeiras norueguesas e na rua só se ouvia esse idioma. Não é que tivesse alguma coisa contra isso. Já lucrara bastante com a venda de propriedades a noruegueses. A riqueza que o petróleo do mar do Norte lhes trouxe fê-los desejar gastar dinheiro, e compraram casas com vista para o mar, na costa oeste da Suécia, por um valor muito superior ao que valiam.

Lentamente, Sebastian desviou o olhar para Valö. Porque é que Leon teve de regressar e começar a agitar novamente as águas? Por um momento pensou em Leon e em John. Apesar de os ter nas mãos, era melhor não explorar a situação. Em vez disso, como um predador nato, identificava os elementos mais fracos da manada e isolava-os dos restantes. Leon estava a tentar juntar a manada de novo e Sebastian tinha a sensação de que isso não lhe seria vantajoso. Mas os acontecimentos já estavam em marcha e não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Não ia começar a preocupar-se com assuntos que estavam fora de seu controlo.

Erica ficou à janela até ver o carro de Patrik desaparecer. Então, vestiu rapidamente os filhos e enfiou-os no carro. Deixou um bilhete a Ebba, que ainda estava a dormir, a explicar que tinha saído para tratar de uns assuntos e levado os filhos com ela. Havia comida no frigorífico para preparar o pequeno-almoço. Erica enviara uma SMS a Gösta mal acordara, por isso sabia que o colega de Patrik estaria à espera deles.

– Aonde vamos? – Maja estava sentada no banco de trás com a boneca ao colo.

– Visitar o tio Gösta – respondeu Erica, apercebendo-se de imediato de que Maja ia contar a Patrik. Oh, enfim, mais cedo ou mais tarde o marido ia descobrir o acordo que tinha feito com Gösta. Estava mais preocupada por não ter contado a Patrik que alguém lhes tinha entrado em casa sem darem por isso.

Virou na saída em direção a Anrås, recusando-se a matutar em quem poderia ter

andado a vasculhar o escritório. Na verdade, sabia quem teria sido. Ou melhor, só havia duas possibilidades: ou alguém que acreditara que Erica tinha desenterrado informações delicadas relativas à colônia balnear ou a visita que fizera a John Holm e a nota que trouxera consigo. Tendo em conta o momento em que lhe entraram em casa, inclinava-se mais para o último caso.

– Vejo que trouxe toda a ninhada – disse Gösta quando abriu a porta. Mas o brilho nos olhos compensava o tom áspero em que se exprimira.

– Se tem objetos de valor sentimental por aí, é melhor guardá-los sem demora – disse Erica, descalçando os filhos.

Os gémeos estavam intimidados e agarraram-se às pernas de Erica, mas Maja estendeu os braços e gritou:

– Tio Gösta!

Gösta parecia atarantado, sem saber como lidar com aquele gesto de afeto esmagador. Então, a expressão suavizou-se e o polícia pegou em Maja.

– Mas que linda menina. – Gösta levou-a ao colo para dentro de casa e anunciou sem se virar: – Pus a mesa no jardim.

Erica ergueu os gémeos, equilibrando um em cada anca e seguiu-o. Tomada pela curiosidade, percorreu com os olhos a pequena casa de Gösta, convenientemente localizada perto do campo de golfe. Não soubera o que esperar, mas aquela não era a casa de um viúvo triste. Era agradável e cómoda, com vasos de plantas nos parapeitos das janelas. O jardim nas traseiras também estava surpreendentemente bem tratado, embora fosse tão pequeno que não devia exigir muito trabalho.

– Os miúdos podem beber sumo e comer bolos ou a Erica é uma daquelas mães que insistem que deve ser tudo orgânico e saudável? – Gösta sentou Maja numa cadeira.

Erica não pôde deixar de se rir e perguntou a si própria se Gösta não passaria os seus tempos livres a ler em segredo a revista *Mamã*.

– Bolos e sumo está ótimo – disse, pousando os gémeos que, lentamente, começaram a afastar-se da mãe.

Maja avistou algumas framboesiras e, com um grito de alegria, saltou da cadeira e correu até aos arbustos.

– A Maja pode apanhar framboesas? – Erica conhecia suficientemente bem a filha para prever que, num curto espaço de tempo, não restaria uma única baga nos arbustos.

– Claro, deixe-a comê-las à vontade – respondeu Gösta, servindo café a Erica e a si próprio. – Seja como for, os pássaros levam-nas todas. Maj-Britt costumava apanhá-las para fazer compota e sumo, mas eu não aprecio muito essas coisas. A Ebba... – Gösta conteve-se e apertou os lábios firmemente enquanto dissolvia um torrão de açúcar na sua chávena.

– O que tem a Ebba? – perguntou Erica. Recordou a expressão de Ebba durante a viagem de barco entre Valö e Fjällbacka. Uma mistura de alívio e de preocupação. Parecia estar dividida entre o desejo de ficar e o de partir.

– A Ebba também gostava de apanhar framboesas e depois comia-as todas – disse Gösta com relutância. – Durante aquele verão em que morou connosco não restou nenhuma para fazer compota ou sumo. Mas Maj-Britt não se importou. Foi muito divertido ver a miúda de fralda a enfiar punhados de framboesas na boca e o sumo das bagas a escorrer-lhe para a barriga.

– A Ebba morou aqui convosco?

– Sim, mas apenas durante o verão. Depois foi para casa de uma família em Gotemburgo.

Erica ficou sentada em silêncio, a tentar interiorizar o que Gösta acabara de lhe dizer. Que estranho. Quando andara a investigar o caso não tinha encontrado nenhuma menção ao facto de Ebba ter morado com Gösta e com Maj-Britt. De repente compreendeu porque é que Gösta estava tão envolvido naquela investigação.

– Alguma vez pensaram ficar com a Ebba? – perguntou.

Gösta olhou para a sua chávena de café enquanto rodava a colher sem parar. Por um momento, Erica lamentou ter feito aquela pergunta. Apesar de Gösta ter virado a cara, sentiu que ele estava à beira das lágrimas. Depois ele aclarou a garganta e engoliu em seco.

– Claro que sim. Conversámos muitas vezes sobre isso, mas Maj-Britt considerou que não éramos as pessoas certas para tomar conta dela. E eu deixei-me convencer a entregar a Ebba. Suponho que nos mentalizámos de que não tínhamos muito para lhe oferecer.

– Tiveram algum contacto com a Ebba depois de ela ter ido para Gotemburgo?

Gösta hesitou. Depois abanou a cabeça.

– Não. Decidimos que a rotura era o melhor caminho a tomar. No dia em que ela se foi embora... – a voz de Gösta quebrou e o velho polícia não conseguiu terminar a frase, mas não era necessário. Erica compreendeu.

– Qual é a sensação de voltar a vê-la?

– É complicado. A Ebba agora é uma adulta, uma estranha. Ao mesmo tempo, ainda consigo ver a nossa miúda dentro dela, a menina que estava mesmo aqui onde estamos a apanhar framboesas e a rir-se para nós.

– A Ebba não se tem rido muito ultimamente.

– Lá isso é verdade. – Gösta franziu a testa. – Sabe o que aconteceu ao filho dela?

– Ainda não tive coragem de perguntar. Mas o Patrik e a Paula estão a caminho de Gotemburgo para conversar com os pais adotivos da Ebba. Tenho a certeza de que

vamos descobrir.

– Não gosto do marido dela – disse Gösta, alcançando um bolo.

– O Tobias? Não me parece má pessoa. Apenas que podem estar com alguns problemas conjugais. Têm de lidar com a perda do filho e eu sei pela experiência da minha irmã como isso pode dificultar muitíssimo um relacionamento. A tristeza partilhada nem sempre aproxima as pessoas.

– Quanto a isso tem toda a razão – afirmou Gösta, assentindo. Erica apercebeu-se de que o colega de Patrik conhecia muito bem aquela realidade. Ele e Maj-Britt tinham perdido o seu primeiro e único filho dias depois de ele ter nascido. E a seguir também tinham perdido Ebba.

– Olha, tio Gösta! Há montes de framboesas! – gritou Maja dos arbustos.

– Come as que te apetecer – disse-lhe Gösta com os olhos outra vez a brilhar.

– Talvez gostasse de tomar conta deles um dia destes – disse Erica meio a brincar, meio a sério.

– Não tenho a certeza de conseguir lidar com os três, mas teria o maior prazer em tomar conta da Maja se a Erica alguma vez precisar de ajuda.

– Fica registado. – Erica decidiu fazer com que Gösta tivesse oportunidade de tomar conta da filha em breve. Maja nunca era tímida com estranhos, mas parecia ter gostado particularmente do colega sorumbático de Patrik. E era óbvio que Gösta tinha um espaço vazio no coração que Maja podia ajudar a preencher.

– Então, o que pensa do tiroteio de ontem?

Gösta abanou a cabeça.

– Não consigo perceber o que se passou. A família desapareceu em 1974, provavelmente por ter sido assassinada. Desde então, nada se passou. Até a Ebba regressar a Valö. Agora é um inferno e acontece tudo ao mesmo tempo. Mas porquê?

– Não pode ser por a Ebba ter testemunhado alguma coisa. Era tão nova que é impossível recordar-se.

– Eu sei. Estou mais inclinado a pensar que alguém queria impedir a Ebba e o Tobias de encontrarem o sangue. Mas os tiros disparados ontem não encaixam nessa teoria porque eles já o tinham visto quando se deu o incidente.

– O postal que o Tobias levou à esquadra é a prova de que alguém lhe quer fazer mal. E, uma vez que as cartas começaram a chegar em 1974, podemos concluir que tudo o que aconteceu à Ebba durante a semana passada está de alguma forma ligado ao desaparecimento da família. Por outro lado, é a primeira vez que a mensagem do postal parece ser ameaçadora.

– Bem, eu...

– Maja! Não empurres o Noel! – Erica levantou-se de um salto e aproximou-se rapidamente dos filhos, que estavam em plena briga ruidosa junto ao arbusto de

framboesas.

– Mas o Noel tirou-me a framboesa. Era minha. E ele comeu-a! – gritou Maja, tentando dar um pontapé a Noel.

Erica pegou na filha pelo braço e avisou-a:

– Para com isso! Não podes dar pontapés ao teu irmão mais novo. Além disso ainda há muitas framboesas. – Erica apontou para o arbusto, que estava carregado de frutos vermelhos maduros.

– Mas eu queria aquela! – A expressão de Maja deixava claro que se sentia injustiçada e, quando Erica lhe soltou o braço para pegar em Noel ao colo para reconfortá-lo, afastou-se a correr.

– Tio Gösta! O Noel tirou-me a minha framboesa – fungou.

Gösta olhou para a menina coberta de sumo de framboesa. Com um sorriso, pegou-lhe ao colo. Maja enroscou-se logo como uma pequena bola e fez um ar infeliz.

– Está tudo bem, minha querida – disse Gösta, acariciando-lhe o cabelo como se tivesse muita experiência a acalmar crianças de três anos infelizes. – Sabes uma coisa? Aquela framboesa não era a melhor.

– Não era? – Maja parou abruptamente de chorar e olhou para Gösta.

– Não. Por acaso eu sei onde estão as melhores framboesas. Mas é um segredo. Não podes dizer aos teus irmãos nem sequer à tua mãe.

– Prometo.

– Muito bem. Confio em ti – disse Gösta. Inclinou-se e sussurrou algo ao ouvido de Maja.

A menina escutou atentamente, desceu do colo de Gösta e regressou ao arbusto. Noel já se tinha acalmado e Erica voltou para a mesa e sentou-se.

– Que foi que lhe disse? Onde estão as melhores framboesas?

– Podia dizer-lhe, mas depois tinha de matá-la – afirmou Gösta com um sorriso.

Erica virou-se para observar Maja em bicos de pés a colher as framboesas que estavam demasiado alto para os gémeos as conseguirem apanhar.

– Foi uma saída inteligente – disse Erica, dando uma gargalhada. – Bem, onde íamos? Ah, pois, o atentado contra a vida da Ebba, ontem. Temos de decidir como proceder. Já descobriu o que aconteceu aos pertences da família? Podia ser muito útil darmos-lhes uma vista de olhos... Foi tudo para o lixo? Alguém foi lá depois de terem desaparecido para limpar a casa? Trabalhava lá alguém para fazer limpezas ou algum jardineiro, ou a família fazia tudo sozinha?

Gösta endireitou-se de repente.

– Meu Deus, como pude ser tão estúpido? Às vezes penso que devo estar a ficar senil.

– Como assim?

– Devia ter pensado nisso antes... Era como se ele fizesse parte do cenário, lá na ilha, mas mais uma razão para me ter ocorrido.

Erica fulminou-o com o olhar.

– Do que está a falar?

– Do sucateiro Olle.

– Do sucateiro Olle? O velhote que tem um ferro-velho em Bräcke? O que tem ele que ver com Valö?

– Olle fazia uns biscates sempre que era preciso.

– E acha que o sucateiro Olle pode ter-se apoderado dos pertences da família?

Gösta abriu as mãos.

– Pode ser uma explicação. O velhote recolhe objetos e, se ninguém reivindicou os pertences, não ficaria surpreendido se tivesse levado tudo.

– A questão é saber se ainda os tem.

– Está a dizer que o sucateiro Olle pode ter feito uma limpeza e deitado fora alguma coisa?

Erica riu-se.

– Não. Se levou as coisas da família, podemos ter a certeza de que ainda as tem. Talvez devêssemos ir lá agora ter uma conversa com ele – Erica já estava meio levantada, mas Gösta fez-lhe sinal para que se sentasse.

– Calma. Se essas coisas estiverem no monte de ferro-velho dele, estão lá há mais de trinta anos. Não vão desaparecer durante a noite. E aquilo não é sítio para crianças. Mais tarde ligo-lhe e se ele ainda lá tiver as coisas, podemos ir dar-lhes uma olhadela quando a Erica tiver alguém que tome conta dos seus filhos.

Erica sabia que Gösta tinha razão, mas não conseguia afastar a sensação que devia fazer qualquer coisa.

– Como é que ela está? – perguntou Gösta.

Erica levou um segundo a perceber a quem é que o polícia se referia.

– A Ebba? Parecia completamente exausta. Fiquei com a sensação de que, apesar de tudo, ficou aliviada por se afastar da ilha durante algum tempo.

– E por se afastar de Tobias.

– Acho que o avaliou mal, mas provavelmente tem razão. Estão lá os dois sozinhos e parecem estar a dar cabo dos nervos um do outro. A Ebba está interessada em saber mais sobre a história da família, por isso, quando chegar a casa e puser os gémeos a dormir a sesta, estou a pensar mostrar-lhe o que descobri.

– Tenho a certeza de que a Ebba ia gostar disso. Tem um passado e peras.

– Sem dúvida. – Erica bebeu o resto do café. Tinha ficado frio e fez uma careta. – É verdade, tive uma conversa com o Kjell, do *Bohuslänningen*. Deu-me algumas informações sobre o John Holm – disse, contando a Gösta a tragédia familiar que levava Holm a enveredar por um caminho tão odioso. Também lhe falou da nota que

encontrou. Ainda não tinha tido coragem de lhe falar nisso.

– Gimle? Não faço ideia do que isso significa. Não há nada que sugira que esteja relacionado com Valö.

– Eu sei, mas pode tê-lo deixado nervoso a ponto de mandar alguém ir a nossa casa – disse Erica antes de conseguir conter-se.

– Alguém entrou furtivamente em vossa casa? Que diz o Patrik sobre isso?

Erica não respondeu e Gösta fitou-a.

– Não lhe contou? – A voz de Gösta atingiu um tom de falsete. – Porque é que tem tanta certeza de que é o Holm e os capangas que estão por detrás disso?

– É só uma suposição e, na verdade, não tem muita importância. Alguém entrou pela porta do alpendre e andou a vasculhar o meu escritório. Tentaram entrar no meu computador, mas não conseguiram. Felizmente não me roubaram o disco rígido.

– O Patrik vai ficar maluco quando descobrir. E se souber que eu tive conhecimento e não lhe disse, também vai ficar furioso comigo.

Erica suspirou.

– Vou contar-lhe. Mas a parte interessante é parecer haver algo suficientemente valioso no meu escritório a ponto de alguém se arriscar a entrar furtivamente em minha casa. E julgo que é aquela nota.

– Será que o John Holm era capaz de ir tão longe? Os Amigos da Suécia terão muito a perder se se souber que entraram à socapa em casa de um polícia.

– A importância da nota pode justificá-lo. Mas eu dei-a a Kjell, por isso vamos ver se ele consegue descobrir a que se refere.

– Ótimo – disse Gösta. – Agora prometa-me que vai contar isso ao Patrik quando ele chegar a casa hoje à noite. Senão também vou meter-me em trabalhos.

– Está bem, está bem – disse Erica com voz cansada. Não ansiava por aquela conversa, mas tinha de ser.

Gösta abanou a cabeça.

– Será que o Patrik e a Paula vão descobrir alguma coisa em Gotemburgo? Começo a sentir-me um bocado desanimado.

– Resta-nos sempre a esperança de que o sucateiro Olle tenha algo para nos dizer – afirmou Erica, satisfeita por mudar de assunto.

– Sim, lá esperança temos nós – concordou Gösta.

HOSPITAL DE SANKT JÖRGEN, 1936

– É POUCO PROVÁVEL QUE A SUA MÃE TENHA ALTA EM BREVE – DISSE O DR. JANSSON. ERA UM HOMEM DE CABELO BRANCO NO FINAL DA MEIA-IDADE E TINHA UMA BARBA QUE O FAZIA ASSEMELHAR-SE AO PAI NATAL.

LAURA SUSPIROU DE ALÍVIO. CONSEGUIRA FINALMENTE PÔR A VIDA EM ORDEM; TINHA UM BOM EMPREGO E UM NOVO SÍTIO PARA MORAR. ERA UMA DAS INQUILINAS DA SR.A BERGSTRÖM, EM GALÄRBACKEN, HABITAVA UM QUARTO PEQUENO, MAS ERA TODO DELA E ERA TÃO BONITO COMO A CASA DE BONECAS EM DESTAQUE NA CÓMODA ALTA JUNTO À CAMA. A VIDA ERA MUITO MELHOR SEM DAGMAR. A MÃE ESTAVA INTERNADA HÁ TRÊS ANOS NO HOSPITAL SANKT JÖRGEN, EM GOTENBURGO, E ERA UM ALÍVIO NÃO TER DE SE PREOCUPAR COM AS CONFUSÕES EM QUE ELA SE METIA.

– QUAL É AFINAL A DOENÇA DA MINHA MÃE? – PERGUNTOU LAURA, TENTANDO PARECER IMPORTAR-SE.

COMO SEMPRE, ESTAVA BEM VESTIDA. SENTARA-SE COM AS PERNAS LIGEIRAMENTE INCLINADAS PARA UM LADO E A MALA REPOUSAVA-LHE NO COLO. EMBORA TIVESSE APENAS DEZASSEIS ANOS, SENTIA-SE MUITO MAIS VELHA.

– NÃO TEMOS CONSEGUIDO CHEGAR A UM DIAGNÓSTICO ESPECÍFICO, MAS O MAIS PROVÁVEL É QUE SOFRA DO QUE CHAMAMOS NERVOS DELICADOS. INFELIZMENTE, O TRATAMENTO NÃO FOI BEM-SUCEDIDO. AINDA INSISTE MUITO NOS SEUS DELÍRIOS SOBRE HERMANN GÖRING. NÃO É INVULGAR QUE AS PESSOAS COM NERVOS DELICADOS DESENVOLVAM FANTASIAS SOBRE PESSOAS FAMOSAS.

– A MINHA MÃE FALA EM GÖRING DESDE QUE CONSIGO LEMBRAR-ME – DISSE LAURA.

O MÉDICO LANÇOU-LHE UM OLHAR COMPASSIVO.

– PELO QUE SEI, A MENINA NÃO TEVE UMA INFÂNCIA FÁCIL. MAS PARECE ESTAR A DAR-SE BEM. ALÉM DE TER UMA CARA BONITA, PARECE SER MUITO SENSATA.

– FAÇO O QUE POSSO – DISSE TIMIDAMENTE LAURA, MAS A BÍLIS AFLOROU-LHE À GARGANTA QUANDO FOI INVADIDA POR UMA SÉRIE DE IMAGENS DA INFÂNCIA.

DETESTAVA NÃO SER CAPAZ DE CONTROLAR AQUELES PENSAMENTOS. NORMALMENTE CONSEGUIA SUPRIMIR AS MEMÓRIAS QUE TINHA DA MÃE E DAQUELE APARTAMENTO ESCURO E MINÚSCULO SEMPRE A TRESANDAR A ÁLCOOL, UM CHEIRO QUE NUNCA CONSEGUIRA ELIMINAR, POR MAIS QUE ESFREGASSE E LIMPASSE. TAMBÉM TINHA CONSEGUIDO ENTERRAR AS PROVOCAÇÕES DOS COLEGAS DE TURMA. JÁ NÃO A INSULTAVAM. NINGUÉM TOCAVA NO ASSUNTO DA MÃE. LAURA ERA RESPEITADA PELO QUE ERA: CONSCIENTE, BEM-COMPORTADA E METICULOSA EM TUDO A QUE SE DEDICAVA.

PORÉM, O MEDO PERMANECIA. O MEDO DE QUE A MÃE SAÍSSE E ESTRAGASSE TUDO.

– GOSTAVA DE VER A SUA MÃE? NÃO LHO RECOMENDO, MAS... – O DR. JANSSEN ABRIU AS MÃOS.

– OH, NÃO, ACHO QUE É MELHOR NÃO A VER. A MINHA MÃE FICA SEMPRE TÃO... PERTURBADA. – LAURA LEMBRAVA-SE DE CADA PALAVRA QUE DAGMAR LHE ARREMESSARA NAQUELA PRIMEIRA VISITA. CHAMOU-LHE NOMES TÃO VIS QUE LAURA NÃO SUPORTAVA SEQUER REPETI-LOS. O DR. JANSSEN, OBVIAMENTE, NÃO SE TINHA ESQUECIDO.

– ACHO QUE É UMA DECISÃO SÁBIA. TENTAMOS MANTER A DAGMAR CALMA.

– ESPERO QUE NÃO ESTEJA A DEIXAR A MINHA MÃE LER OS JORNAIS.

– NÃO, DEPOIS DO QUE ACONTECEU, A SUA MÃE NÃO TEM ACESSO A QUAISQUER JORNAIS. – O MÉDICO ABANOU ENFATICAMENTE A CABEÇA.

LAURA ASSENTIU. HÁ DOIS ANOS, TINHAM-LHE TELEFONADO DO HOSPITAL A DIZER QUE DAGMAR TINHA LIDO UMA REPORTAGEM NO JORNAL QUE MENCIONAVA QUE GÖRING TRANSLADARA OS RESTOS MORTAIS DE CARIN, A MULHER, PARA KARINHALL, A SUA QUINTA NA ALEMANHA. GÖRING TAMBÉM TINHA ERGUIDO UM MEMORIAL EM SUA HONRA. DAGMAR FICARA FURIOSA, DESTRUINDO COMPLETAMENTE O QUARTO E FERINDO DE TAL FORMA UM ENFERMEIRO QUE O HOMEM TEVE DE LEVAR PONTOS.

– VAI MANTER-ME INFORMADA SE ALGUMA COISA MUDAR, NÃO VAI? – PERGUNTOU LAURA, LEVANTANDO-SE. TINHA AS LUVAS NA MÃO ESQUERDA QUANDO ESTENDEU A DIREITA PARA SE DESPEDIR DO MÉDICO.

QUANDO SE VIROU E SAIU DO CONSULTÓRIO, UM SORRISO BRINCAVA-LHE NOS LÁBIOS. PELO MENOS, POR ENQUANTO, ERA LIVRE.



Estavam a aproximar-se de Torp, a norte de Uddevalla, quando ficaram presos num engarrafamento. Patrik teve de abrandar e Paula estava constantemente a mudar de posição, tentando ficar confortável no lugar do morto.

Patrik olhou para a colega, preocupado.

– Apetece-te mesmo fazer esta viagem de ida e volta a Gotemburgo?

– Claro. E não comeces a preocupar-te tu também. Já tenho pessoas suficientes preocupadas comigo.

– Bem, esperemos que valha a pena o esforço. O trânsito hoje está infernal.

– Quanto a isso, não podemos fazer nada – disse Paula. – É verdade, como está a Ebba?

– Não sei. Estava a dormir quando cheguei a casa ontem, e hoje ainda estava a dormir quando saí. Erica disse que a Ebba estava totalmente exausta.

– Isso não me surpreende. Isto deve ser um pesadelo para ela.

– Ei, vamos lá a andar! – Patrik buzinou quando viu que o condutor do carro à frente deles não conseguiu reagir quando se abriu um espaço na fila de veículos.

Paula abanou a cabeça, mas absteve-se de comentar. Já tinha andado de carro com Patrik vezes suficientes para saber que o colega se transfigurava sempre que se sentava ao volante.

Demoraram quase uma hora a mais a chegar a Gotemburgo no meio daquele trânsito de verão e Patrik estava prestes a explodir quando saíram do carro na tranquila rua residencial em Partille. Repuxou a camisa para se refrescar.

– Meu Deus, hoje está mesmo calor. Não estás a passar-te?

Paula lançou um olhar de relance presunçoso à testa do colega, que estava brilhante de suor.

– Sou estrangeira. Não transpiro – respondeu, erguendo os braços para enfatizar o que queria dizer.

– Então acho que estou a transpirar o suficiente pelos dois. Devia ter trazido uma camisa extra. Que vão eles pensar de nós? Estou completamente encharcado e tu pareces uma baleia encalhada. A polícia de Tanum não vai ficar muito bem vista – disse Patrik, carregando na campainha.

– Eu não sou uma baleia encalhada, estou grávida. E tu, qual é a tua desculpa? – Paula deu a Patrik uma cotovelada no estômago.

– E só uma barriguinha, desaparece num abrir e fechar de olhos assim que eu

começar outra vez a treinar.

– Ouvi dizer que o ginásio emitiu uma ordem de captura.

A porta abriu-se antes de Patrik ter tido oportunidade de oferecer uma réplica.

– Olá. Bem-vindos. Devem ser os polícias de Tanumshede – disse um homem na casa dos sessenta, lançando-lhes um sorriso amigável.

– Exatamente – disse Patrik, que se apresentou a si próprio e depois apresentou Paula.

Uma mulher da mesma idade juntou-se a eles e cumprimentou-os.

– Entrem! Sou Berit. Eu e Sture estávamos a pensar que podíamos ir sentar-nos na incubadora para reformados para conversarmos.

– Incubadora para reformados? – sussurrou Paula a Patrik com olhar confuso.

– A marquise – sussurrou por sua vez Patrik, e Paula sorriu.

Na pequena marquise ensolarada, Berit puxou uma grande cadeira de vime para junto da mesa e fez sinal a Paula.

– Sente-se aqui. É a mais confortável.

– Obrigada! Provavelmente terá depois de arranjar um guindaste para me levantar – disse Paula, afundando-se com gratidão na espessa almofada.

– E apoie os pés neste banquinho. Não deve ser fácil suportar esta vaga de calor num estado de gravidez tão avançado.

– Começa a pesar um bocado – concordou Paula. Após a longa viagem de carro, as barrigas das pernas pareciam bolas de futebol.

– Lembro-me tão bem daquele verão em que a Ebba estava grávida de Vincent. Também estava muito calor e a Ebba... – Berit parou a meio da frase e o sorriso desapareceu. Sture pôs o braço em torno da mulher e afagou-lhe meigamente o ombro.

– Ora muito bem. Vamos sentar-nos e oferecer às nossas visitas café e bolo. Este é o bolo tigre de Berit. A receita é segredo de Estado... nem eu sei como ela o faz. – Sture falava num tom despreocupado numa tentativa de aligeirar o ambiente, mas o seu olhar era tão triste como o da mulher.

Patrik sentou-se, mas apercebeu-se de que, mais cedo ou mais tarde, teria de abordar o assunto que era claramente doloroso para os pais de Ebba.

– Sirvam-se. – Berit aproximou dos polícias o prato com o bolo. – A senhora e o seu marido já sabem se é menino ou menina?

Paula fez uma pausa com um pedaço de bolo a meio caminho da boca. Então, olhou diretamente para a mulher sentada à sua frente e disse:

– Não, eu e a minha companheira, Johanna, decidimos que não queríamos saber antecipadamente. Mas já temos um filho, por isso, claro que seria bom termos uma menina desta vez. Mas, como se diz sempre, o mais importante é que o bebé seja saudável. – Paula acariciou a barriga, preparando-se para a reação do casal.

O rosto de Berit iluminou-se.

– Que bom, o seu filho vai adorar ser o irmão mais velho! Deve estar muito orgulhoso.

– Com uma mãe tão bonita, tenho a certeza de que o bebé vai ser lindo, seja menino ou menina – afirmou Sture com um sorriso caloroso.

Paula sorriu de felicidade. Não pareciam minimamente preocupados que a criança fosse ter duas mães.

– Agora têm de contar-nos o que está a acontecer – disse Sture, inclinando-se para a frente. – Não conseguimos que a Ebba e o Tobias nos adiantem grande coisa quando nos telefonam, e não querem receber a nossa visita.

– Pois, é melhor não a fazerem – disse Patrik, pensando que a última coisa de que Ebba e Tobias precisavam era de mais pessoas em Valö.

– Porque não? – os olhos de Berit deslocaram-se ansiosamente entre Patrik e Paula. – A Ebba disse que encontraram sangue quando estavam a levantar o soalho. É sangue hum...

– Sim, é o mais provável – respondeu Patrik. – Mas o sangue é tão antigo que não podemos ter a certeza se pertence à família da Ebba ou a quantas pessoas diferentes pode pertencer.

– Que horror! – exclamou Berit. – Nunca falámos muito à Ebba do que aconteceu. Só sabíamos o que a Segurança Social nos contou e o que lemos nos jornais. Por isso ficámos surpreendidos quando a Ebba e o Tobias quiseram ficar com a casa.

– Não me parece que o objetivo fosse ir especificamente para lá – afirmou Sture. – Acho que o que queriam era sair daqui.

– Poderiam contar-nos o que aconteceu ao filho deles? – perguntou cautelosamente Paula.

Berit e Sture trocaram olhares e, em seguida, Sture contou-lhes a história. Descreveu pausadamente o dia em que Vincent morreu e Patrik sentiu um nó a formar-se na garganta enquanto escutava. Às vezes, a vida parecia completamente cruel e sem sentido.

– A Ebba e o Tobias mudaram-se quanto tempo depois? – perguntou quando Sture ficou em silêncio.

– Cerca de seis meses depois – respondeu Berit.

Sture assentiu.

– Sim, foi isso. Venderam a casa. Não era muito longe daqui – acrescentou, apontando vagamente para a rua. – E o Tobias desistiu do emprego na carpintaria. A Ebba está de baixa desde a morte do Vincent. Era economista na Autoridade Tributária, mas nunca mais lá voltou. Estamos um bocado preocupados com as finanças deles, mas pelo menos têm o dinheiro da venda da casa no banco.

– Estamos a tentar ajudá-los da melhor maneira possível – disse Berit. – Temos

mais dois filhos que são mesmo nossos, por assim dizer, embora consideremos que a Ebba também é nossa filha. A Ebba sempre foi a menina dos olhos deles e os irmãos vão ajudá-la sempre que puderem, por isso tenho a certeza de que vai correr tudo bem.

Patrik assentiu.

– Aquela casa vai ficar fantástica. O Tobias parece ser muito bom carpinteiro.

– O Tobias é incrivelmente talentoso – disse Sture. – Quando viviam cá em casa tinha sempre trabalho. Às vezes até demasiado, mas antes assim do que ter um genro preguiçoso.

– Mais café? – perguntou Berit. Sem esperar por uma resposta, levantou-se e foi à cozinha buscar a cafeteira.

Sture observou-a a afastar-se e depois disse:

– A minha mulher ficou muito transtornada com isto mas não quer dar a entender. A Ebba era como um anjinho na nossa família. Na altura, os nossos filhos tinham seis e oito anos e andávamos a pensar ter outro. E a Berit teve a ideia de podermos ajudar uma criança, acolhendo-a.

– Já tinham acolhido alguma criança antes da Ebba? – perguntou Paula.

– Não. A Ebba foi a primeira e única. Acabou por ficar connosco e mais tarde decidimos adotá-la. Berit mal conseguia dormir, ansiosa por o processo de adoção estar concluído. Tinha medo de que pudesse aparecer alguém que no-la tirasse.

– Como era a Ebba em criança? – perguntou Patrik, sobretudo por curiosidade. Algo lhe dizia que a mulher que conhecera era apenas uma cópia pálida da verdadeira Ebba.

– Oh, era um verdadeiro furacão.

– A Ebba? Sim, era mesmo. – Berit entrou na varanda com a cafeteira na mão. – Aquela menina estava sempre a arranjar confusões. Mas era tão alegre que nunca conseguíamos ficar zangados com ela durante muito tempo.

– Por isso é que tudo tem sido muito mais difícil de suportar – disse Sture. – Não perdemos apenas o Vincent, também perdemos a Ebba. É como se uma grande parte dela tivesse morrido com o Vincent. E com o Tobias passou-se a mesma coisa. Sempre foi uma pessoa bastante instável e tinha crises de depressão, mas até à morte de Vincent as coisas corriam bem entre eles. Agora... Agora não sei. A princípio quase não suportavam estar juntos na mesma divisão e agora estão numa ilha no arquipélago. Como eu disse, é impossível não estarmos preocupados com eles.

– Têm alguma teoria sobre quem poderá ter pegado fogo à casa ou ter disparado contra a Ebba, ontem? – perguntou Patrik.

Berit e Sture fitaram-no, horrorizados.

– A Ebba não vos contou? – perguntou Patrik, olhando para Paula. Não lhe ocorrera que os pais de Ebba não soubessem do tiroteio, caso contrário teria sido

mais cuidadoso a formular a pergunta.

– Não, a única coisa que Ebba nos contou foi que encontraram o sangue – disse Sture.

Patrik estava à procura das palavras certas quando Paula foi em seu auxílio. Numa voz calma e despreocupada, falou-lhes do incêndio e do tiroteio.

Berit agarrou a borda da mesa com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

– Não consigo perceber porque é que a Ebba não nos contou.

– Provavelmente não queria preocupar-nos – disse Sture, embora parecesse tão perturbado como a mulher.

– Mas porque é que continuam na ilha? É uma loucura! Têm de sair de lá de uma vez por todas. Vamos lá falar com eles, Sture.

– Eles parecem-me determinados a ficar – disse-lhes Patrik. – Mas agora a Ebba está em nossa casa. A minha mulher levou-a para lá ontem e a Ebba passou a noite no nosso quarto de visitas. O Tobias recusou-se a deixar a ilha, por isso ainda lá está.

– Está maluco – disse Berit. Vamos lá. Agora! – acrescentou, e estava prestes a levantar-se, mas Sture pressionou-lhe suavemente as costas para que se deixasse estar.

– Não vamos fazer nada precipitado. Vamos telefonar à Ebba e ouvir o que ela tem para dizer. Sabe como eles são teimosos. Não adianta nada estarmos a arranjar mais confusão.

Berit abanou a cabeça, mas não voltou a tentar levantar-se.

– Ocorre-vos alguma razão para alguém querer tentar fazer-lhes mal? – Paula contorcia-se na cadeira, inquieta. Mesmo sentada naquela poltrona confortável, começava a sentir dores nas articulações.

– Não, nenhuma – respondeu Berit com firmeza. – Têm uma vida completamente normal. E porque é que alguém lhes quereria causar mais dor? Já tiveram dor e tristeza suficiente.

– Deve ter algo que ver com o que aconteceu à família Elvander – afirmou Sture. – Talvez alguém tenha medo que descubram alguma coisa.

– Essa também é a nossa teoria, mas até agora não temos tido muito em que pegar – disse-lhes Patrik. – Uma coisa que nos intriga são os postais que Ebba tem recebido e que vêm assinados apenas com um «G».

– Sim – disse Sture. – Chega um a cada aniversário. Achámos estranho, mas presumimos que são enviados por algum parente distante. Parecem inofensivos, por isso nunca nos preocupámos em investigar.

– Ontem, a Ebba recebeu um novo postal que de inofensivo não tem nada.

Os pais de Ebba olharam para Patrik, surpreendidos.

– Que dizia? – A luz do sol refletia-se na mesa e feria-lhes os olhos. Sture levantou-se para correr as cortinas.

– Digamos apenas que parece ameaçador.

– Se assim for, é a primeira vez. Pensam que foi enviado pela mesma pessoa que está a tentar fazer mal à Ebba e ao Tobias?

– Não sabemos. Mas seria útil se pudéssemos ver alguns dos outros postais. Têm cá algum?

Sture abanou a cabeça como que a pedir desculpa.

– Receio que nunca tenhamos guardado nenhum. Mostramo-los à Ebba e depois deitamo-los fora. Não têm mensagens pessoais. Apenas dizem «Feliz aniversário» e estão assinados com o tal «G». Nada mais. Não nos ocorreu guardá-los.

– Compreendo – disse Patrik. – E não havia mais nada nos postais que pudesse revelar quem é o remetente? Conseguiam ver de onde foram enviados?

– Vinham daqui, de Gotemburgo, por isso não era grande pista – Sture ficou em silêncio. Então teve um sobressalto e olhou para a mulher. – O dinheiro – disse.

Berit abriu muito os olhos.

– Porque é que não pensámos nisso? – afirmou, e virou-se para Patrik e para Paula. – Desde que acolhemos a Ebba e até ela fazer dezoito anos, todos os meses lhe foi depositado dinheiro, anonimamente, no banco. Recebemos uma carta a dizer que tinha sido aberta uma conta em nome dela. Guardámos o dinheiro e demos-lho quando a Ebba e o Tobias decidiram comprar uma casa.

– E não fazem ideia de quem depositou o dinheiro? Alguma vez tentaram descobrir?

Sture assentiu.

– Ficámos curiosos, claro. Mas o banco disse-nos que a pessoa queria permanecer anónima, por isso tivemos de desistir. Pensávamos que devia ser a mesma pessoa que enviava os postais de aniversário. Um parente distante, provavelmente.

– Que banco enviou a carta inicial sobre a conta?

– O Handelsbanken. O balcão da praça Norrmalmstorg, em Estocolmo.

– Vamos investigar isso.

Patrik ergueu uma sobrancelha inquiridora na direção de Paula. A colega assentiu, por isso, Patrik levantou-se e apertou a mão a Sture.

– Muito obrigado pelo tempo que nos dispensaram. Se se lembrarem de mais alguma coisa, telefonem-nos.

– Com certeza. Claro que queremos ajudar no que pudermos – Sture dirigiu-lhe um sorriso desmaiado e Patrik percebeu que iam telefonar à filha mal estivessem sozinhos.

A viagem a Gotemburgo acabara por se revelar mais produtiva do que se tinham atrevido a esperar. «Segue o dinheiro», como se dizia nos filmes americanos. Se

conseguissem determinar de onde o dinheiro tinha vindo, poderiam descobrir a pista necessária para avançar na investigação.

Quando já estavam outra vez no carro, Patrik consultou o telemóvel. Vinte e cinco chamadas perdidas. Suspirou e virou-se para Paula.

– Algo me diz que os média estão atrás desta história. – Patrik arrancou e dirigiu-se para Tanumshede. Ia ser um dia difícil.

O *Expressen* tinha publicado a notícia sobre Valö e, quando o chefe de Kjell ouviu rumores de que o *Bohuslänningen* podia tê-la dado em primeira mão, não ficou satisfeito – nem por sombras. Quando acabou de berrar, deu ordens a Kjell para ir para o terreno e fazer melhor do que o jornal da capital. «Só porque somos mais pequenos e provincianos, não significa que tenhamos de ser piores» – dissera.

Kjell folheou as notas. Claro que abrir mão da notícia tinha ido contra todos os seus princípios jornalísticos, mas a luta contra as organizações anti-imigração era mais importante. Se tivesse de sacrificar um exclusivo para descobrir a verdade sobre os Amigos de Suécia e John Holm, estava preparado para fazê-lo.

Teve de impedir-se a si próprio de telefonar a Sven Niklasson para descobrir como tinham corrido as coisas. O mais provável era que não descobrisse mais nada até ler tudo no jornal, mas não podia deixar de matutar no possível significado de «Gimle». Estava convencido de que a voz de Sven tinha mudado quando ouvira falar da nota que Erica encontrara em casa de Holm. Kjell teve a sensação de que Sven já tinha ouvido falar de Gimle e que já sabia algo sobre o que quer que significasse.

Kjell abriu o exemplar do *Expressen* e leu o que fora escrito sobre a descoberta em Valö. O jornal dedicara quatro páginas à história, que provavelmente seria acompanhada por mais artigos ao longo dos próximos dias. A polícia de Tanum convocara uma conferência de imprensa para aquela tarde e Kjell esperava ouvir algo que pudesse servir de base para o seu artigo. Mas ainda faltavam algumas horas para começar e o desafio era não fazer uso das mesmas informações que os outros repórteres teriam mas conseguir uma nova pista. Kjell recostou-se na cadeira para pensar. Os habitantes locais sempre se sentiram fascinados pelos acontecimentos misteriosos ocorridos em Valö e, sobretudo, pelo papel dos rapazes que tinham permanecido no colégio durante aquelas férias da Páscoa. Ao longo dos anos houve muita especulação sobre o que os rapazes sabiam ou não sabiam e se tinham, ou não, tido alguma coisa que ver com o desaparecimento da família. Se conseguisse desenterrar o máximo de informações sobre os cinco rapazes, podia ser capaz de escrever um artigo que nenhum dos outros jornais conseguiria igualar.

Kjell desligou o computador e começou a introduzir dados num motor de busca. Se vasculhasse os registos públicos devia ser possível descobrir bastantes informações acerca dos homens em que os rapazes se tinham transformado. Já tinha

entrevistado Holm; o próximo passo seria entrar em contacto com os outros quatro. Ia ter uma data de trabalho num curto período de tempo, porém, se conseguisse descobrir alguma coisa nova, valeria a pena.

Ocorreu-lhe outra coisa; não se podia esquecer. Precisava de falar com Gösta Flygare, que tinha estado envolvido na investigação inicial. Se tivesse sorte, Gösta podia estar disposto a partilhar as suas opiniões acerca dos rapazes, talvez recordar-se das primeiras impressões com que ficara depois de ter falado com eles. Isso acrescentaria algum peso ao artigo.

A palavra «Gimle» estava constantemente a despontar-lhe na mente, mas Kjell afastou-a resolutamente. Aquilo já não era da sua responsabilidade e talvez não significasse nada. Pegou no telemóvel para começar a fazer chamadas. Não tinha tempo para estar para ali a cogitar.

Percy fez a mala devagar. Não ia estar presente no sexagésimo aniversário do amigo. Depois de alguns telefonemas, descobriu que Pyttan não só o tinha deixado como tinha ido viver para casa do homem cujo aniversário estava a ser celebrado.

De manhã cedo, Percy ia entrar no *Jaguar* e conduzir até Fjällbacka. Não tinha a certeza se era boa ideia, mas a conversa com Leon servira para confirmar que toda a sua vida estava à beira do colapso. Portanto, que tinha a perder?

Como sempre, quando Leon ordenava, Percy obedecia. Já naquele tempo era Leon quem comandava e era ao mesmo tempo estranho e um pouco assustador constatar que já com dezasseis anos o amigo possuía a mesma autoridade que tinha atualmente. Talvez a vida tivesse sido diferente se Percy não tivesse seguido as ordens de Leon, mas agora não ia pôr-se a pensar nisso. Passara anos a tentar suprimir o que aconteceu em Valö e nunca regressara à ilha. Quando se sentaram no barco, naquele sábado de Páscoa, limitara-se a olhar brevemente para trás.

Agora ia ser obrigado a recordar-se. Sabia que devia ficar em Estocolmo, apanhar uma bebedeira monumental e depois sentar-se a ver a vida passar pela Rua Karlavägen enquanto esperava que os credores lhe viessem bater à porta. Mas a voz de Leon ao telefone tinha-o despojado de toda a força de vontade, tal como tinha acontecido naquele tempo.

Teve um sobressalto quando a campainha tocou. Não estava à espera de visitas e Pyttan já levava tudo o que era valioso. Não tinha ilusões de a mulher poder arrepender-se e voltar para ele. Pyttan não era parva. Sabia que ele estava prestes a perder tudo e fugira enquanto era tempo. De certo modo compreendia-a. Percy tinha crescido num mundo onde as mulheres casavam com maridos que tinham algo para oferecer, uma espécie de intercâmbio comercial aristocrático.

Abriu a porta. Era o advogado Buhrman.

– Combinámos encontrar-nos? – perguntou Percy, tentando recordar-se.

– Não, não combinámos nada. – O advogado deu um passo em frente, forçando Percy a afastar-se para o deixar passar. – Tive uma série de assuntos para tratar aqui na cidade e devia ter regressado a casa esta tarde. Mas isto não pode esperar.

Buhrman evitava olhá-lo nos olhos e Percy sentiu os joelhos começarem a tremer. Aquilo não era bom.

– Entre – disse, controlando a voz com esforço.

Mentalmente, ouviu a voz do pai: «Aconteça o que acontecer, nunca mostres o mais pequeno sinal de fraqueza.» Vieram-lhe à memória as ocasiões em que não seguira aquele conselho e, lavado em lágrimas, se ajoelhara a suplicar-lhe. Percy engoliu em seco e fechou os olhos por um instante. Não era o momento adequado para permitir que o passado se intrometesse. Teria de suportar uma dose suficiente de passado no dia seguinte. De momento tinha de lidar com Buhrman.

– Toma um *whisky*? – perguntou, dirigindo-se ao carrinho de bebidas e servindo-se a si próprio.

Com um esforço, o advogado afundou-se lentamente no sofá.

– Não, obrigado.

– Café?

– Não, obrigado. Agora sente-se. – Buhrman bateu com a bengala no chão e Percy fez o que lhe foi dito. Sentou-se em silêncio enquanto o advogado falava, limitando-se a assentir de vez em quando para mostrar que compreendia. A expressão de Percy não dava qualquer indicação daquilo em que estava a pensar. A voz do pai ecoava-lhe cada vez mais alto na cabeça: «Nunca mostres o mais pequeno sinal de fraqueza.»

Depois de Buhrman ter saído, Percy continuou a fazer as malas. Só havia uma coisa que podia fazer. Naquele tempo tinha sido fraco. Permitira que o mal triunfasse. Percy correu o fecho da mala e sentou-se na cama a olhar fixamente em frente. Tinha a vida em ruínas. Já nada fazia sentido. Mas nunca mais voltaria a mostrar que era fraco.

FJÄLLBACKA, 1939

LAURA ESTUDOU O MARIDO, SENTADO À MESA DA COZINHA A TOMAR O PEQUENO-ALMOÇO. ESTAVAM CASADOS HÁ UM ANO. NO DIA EM QUE LAURA FEZ DEZOITO ANOS ACEITOU A PROPOSTA DE SIGVARD E, UM MÊS MAIS TARDE, CASARAM NUMA CERIMÓNIA SIMPLES NO JARDIM. COM CINQUENTA E TRÊS ANOS, SIGVARD TINHA IDADE PARA SER SEU PAI. MAS ERA RICO E LAURA SABIA QUE NUNCA MAIS TERIA DE SE PREOCUPAR COM O FUTURO. TINHA-SE SENTADO A FAZER UMA LISTA DE ARGUMENTOS A FAVOR E CONTRA O CASAMENTO, E O LADO POSITIVO LEVARA A MELHOR. O AMOR ERA PARA OS TOLOS. ERA UM LUXO A QUE UMA MULHER NA SUA SITUAÇÃO NÃO SE PODIA DAR.

– OS ALEMÃES INVADIRAM A POLÓNIA – DISSE SIGVARD, PARECENDO AGITADO. – ESCUTA O QUE TE DIGO, ISTO É APENAS O COMEÇO.

– NÃO ME INTERESSA POR POLÍTICA.

LAURA PREPAROU METADE DE UMA SANDUÍCHE. NÃO SE ATREVIA A COMER MAIS DO QUE ISSO. A FOME CONSTANTE ERA O PREÇO QUE TINHA DE PAGAR PARA SER PERFEITA E, ÀS VEZES, DEBATIA-SE PERANTE O ABSURDO DA SITUAÇÃO. CASARA COM SIGVARD EM BUSCA DE SEGURANÇA, PARA TER A CERTEZA DE QUE NUNCA LHE FALTARIA COMIDA NA MESA. NO ENTANTO, PASSAVA TANTA FOME COMO EM CRIANÇA, QUANDO DAGMAR GASTAVA TODO O DINHEIRO QUE TINHAM NA BEBIDA.

SIGVARD RIU-SE.

– O TEU PAI TAMBÉM APARECE AQUI.

LAURA LANÇOU-LHE UM OLHAR GELADO. ESTAVA DISPOSTA A ATURAR MUITA COISA, MAS PEDIRA-LHE REPETIDAMENTE PARA NÃO FALAR DO QUE QUER QUE TIVESSE QUE VER COM A LOUCA DA MÃE. NÃO PRECISAVA QUE LHE RECORDASSEM COMO FORA A SUA VIDA. DAGMAR ESTAVA TRANCADA A SETE CHAVES NO HOSPITAL DE SANKT JÖRGEN E, SE LAURA TIVESSE SORTE, PASSARIA LÁ O RESTO DA SUA VIDA MISERÁVEL.

– TENS MESMO DE FALAR SOBRE ISSO? – PERGUNTOU LAURA.

– DESCULPA, MINHA QUERIDA. MAS NÃO TENS DE TER VERGONHA. PELO CONTRÁRIO, GÖRING É O FAVORITO DE HITLER E É O CHEFE DA LUFTWAFFE¹⁶. NADA MAL. – SIGVARD ACENOU COM A CABEÇA, PENSATIVO, E DEPOIS VOLTOU A MERGULHAR NO JORNAL.

LAURA SUSPIROU. NÃO ESTAVA INTERESSADA. TIVERA DE ATURAR DURANTE ANOS AS FANTASIAS DEMENTES DA MÃE E AGORA VIA-SE FORÇADA A OUVIR FALAR DAQUELE HOMEM CONSTANTEMENTE PORQUE ERA UM DOS COLABORADORES MAIS PRÓXIMOS DE HITLER. MEU DEUS, QUE LHE IMPORTAVA A ELES NA SUÉCIA SE OS ALEMÃES TINHAM INVADIDO A POLÓNIA?

– ESTAVA A PENSAR REDECORAR A SALA DE ESTAR. POSSO? – PERGUNTOU LAURA NO SEU TOM DE VOZ MAIS SUAVE. NÃO TINHA PASSADO MUITO TEMPO DESDE QUE MODIFICARA

COMPLETAMENTE A SALA. FICARA ADORÁVEL, MAS AINDA NÃO ESTAVA PERFEITA. PELO MENOS NÃO TÃO PERFEITA COMO A SALA DE ESTAR DA CASA DE BONECAS. O SOFÁ ELEGANTE QUE TINHA COMPRADO NÃO ENCAIXAVA NA PERFEIÇÃO E OS PRISMAS DO LUSTRE DE CRISTAL NÃO ERAM TÃO BRILHANTES NEM CINTILANTES COMO ESPERARA.

- VAIS LEVAR-ME À RUÍNA – DISSE SIGVARD, MAS LANÇOU-LHE UM OLHAR DE ADORAÇÃO.
- FAZ COMO ACHARES MELHOR, MINHA QUERIDA. DESDE QUE ISSO TE FAÇA FELIZ...

16 Força aérea alemã. (*N. do T.*)



– A Anna vem cá agora, se não se importar. – Erica lançou uma olhadela hesitante a Ebba. No momento em que convidara a irmã, apercebera-se de que talvez não fosse muito boa ideia, mas Anna parecia precisar de companhia.

– Tudo bem – Ebba sorriu, mas ainda parecia exausta.

– Que disseram os seus pais? Patrik sentiu-se horrivelmente mal por terem ficado a saber do incêndio e do tiroteio daquela forma, mas presumiu que a Ebba já lhes tivesse contado.

– E devia ter-lhes contado, mas estava a adiar. Sei como os meus pais ficam preocupados. Iam pedir-nos para desistirmos do projeto e voltarmos para casa.

– Já pensou em fazer isso? – disse Erica enquanto punha o DVD *Lotta em Bråkmakargatan* no leitor. Os gémeos estavam a dormir, cansadíssimos por causa da expedição a casa de Gösta, mas Maja estava sentada no sofá à espera de que o filme começasse.

Ebba parou para pensar antes de responder. Depois abanou a cabeça.

– Não, nós não podemos voltar para casa. Se aquilo na ilha não resultar, não sei o que vamos fazer. Sei que é uma parvoíce ficar aqui e estou *mesmo* assustada, mas ao mesmo tempo... A pior coisa que nos podia acontecer já aconteceu.

– O que... – começou a dizer Erica. Tinha finalmente ganhado coragem para lhe perguntar o que tinha acontecido ao filho, porém, nesse momento, a porta da frente abriu-se e Anna entrou.

– Olá! – chamou.

– Entra. Estive a pôr aquele DVD de *Lotta* para Maja o ver pela milésima vez.

– Olá – disse Anna, acenando com a cabeça na direção de Ebba. Lançou-lhe um sorriso cauteloso, como se não tivesse a certeza de como agir depois do que tinham passado no dia anterior.

– Olá, Anna – disse Ebba, igualmente hesitante. Mas, no seu caso, a cautela parecia fazer parte da sua personalidade e Erica perguntou-se se teria sido uma pessoa mais aberta antes da morte do filho.

O filme começou e Erica levantou-se.

– Vão andando para a cozinha que eu já vou lá ter.

Anna e Ebba dirigiram-se à cozinha e sentaram-se à mesa.

– Conseguiu dormir alguma coisa? – perguntou Anna.

– Sim, dormi mais de doze horas, mas sinto-me capaz de dormir outras tantas.

– Deve ser por causa do choque.

Erica entrou para se juntar a Anna e a Ebba, transportando uma pilha de documentos.

– O que consegui juntar não é exaustivo, nem pouco mais ou menos, e provavelmente a Ebba já viu alguns destes documentos – disse Erica, pousando tudo em cima da mesa.

– Eu não vi nada – afirmou Ebba, abanando a cabeça. – Pode parecer estranho, mas nunca pensei muito no meu passado até ter tomado conta da casa e nos termos mudado para a ilha. Tive uma boa vida e tudo parecia um pouco... absurdo. – Ebba olhou para a pilha de documentos como se pudesse absorver a informação só de olhar para ela.

– Ora bem... – Erica abriu um caderno e aclarou a garganta. – A sua mãe, Inez, nasceu em 1951 e tinha apenas vinte e três anos quando desapareceu. Não consegui descobrir muita coisa acerca dela antes de se casar com o Rune. Nasceu e foi criada em Fjällbacka, e tinha notas medianas na escola, mas foi tudo o que consegui encontrar nos arquivos. Casou com o seu pai, Rune Elvander, em 1970, e a Ebba nasceu em janeiro de 1973.

– No dia 3 de janeiro – acrescentou Ebba com um aceno de cabeça.

– O Rune era bastante mais velho do que a Inez, como decerto deve saber. Nasceu em 1919 e teve três filhos de um casamento anterior: Johan, que tinha nove anos, Annelie, de dezasseis, e Claes, que tinha dezanove anos quando desapareceu. A mãe deles, Carla, que foi a primeira mulher de Rune, morreu um ano antes de o Rune e a Inez casarem. Segundo as pessoas com quem falei, não foi propriamente fácil para a sua mãe integrar-se naquela família.

– Porque será que a minha mãe se casou com um homem muito mais velho? – interrogou-se Ebba. – O meu pai devia ter... – acrescentou, fazendo um cálculo mental. – Devia ter cinquenta e um quando casaram.

– A sua avó materna parece ter desempenhado um papel importante na decisão. Estava claramente... como hei de dizer isto?...

– Não tenho qualquer contacto com a minha avó, por isso não me importo que fale sem rodeios. A minha família está em Gotemburgo. Para mim, essa parte da minha vida tem um interesse puramente académico.

– Então não vai ficar ofendida se lhe disser que a sua avó era considerada uma grande cabra.

– Erica! – exclamou Anna em tom de censura.

Pela primeira vez desde que a tinham conhecido, Ebba riu-se com gosto.

– Não se preocupe – disse, virando-se para Anna. – Isso não me perturba. Quero saber a verdade, ou pelo menos toda a verdade que se consiga descobrir.

– Está bem – disse Anna com uma expressão algo descontente.

Erica prosseguiu:

– A sua avó materna chamava-se Laura e nasceu em 1920.

– Isso quer dizer que a minha avó tinha mais ou menos a mesma idade que o meu pai – disse Ebba. – Assim ainda fico mais intrigada com o que aconteceu.

– Como eu disse, a Laura parece ter desempenhado um papel importante. Parece que foi ela quem convenceu a sua mãe a casar com o Rune. Mas não posso prová-lo, por isso não deve encará-lo como uma certeza.

Erica começou a vasculhar a pilha de papéis e extraiu uma cópia de uma fotografia que pôs à frente de Ebba.

– Esta é uma foto dos seus avós, Laura e Sigvard.

Ebba inclinou-se para a frente.

– Não parece lá muito alegre – comentou, olhando para a mulher de rosto severo. O homem ao seu lado não parecia mais feliz.

– Sigvard morreu em 1954, pouco depois de esta foto ser tirada.

– Pareciam ser ricos – disse Anna, que também se inclinou para a frente para estudar a fotografia.

– E eram – confirmou Erica, assentindo. – Pelo menos, até à morte do Sigvard. Depois descobriu-se que tinha feito uma série de maus investimentos. Não restou muito dinheiro e, como a Laura não tinha emprego, foi-se acabando. Presumivelmente, a Laura teria acabado na miséria se a Inez não tivesse casado com o Rune.

– O meu pai era rico? – perguntou Ebba. Tinha pegado na fotografia e estava a segurá-la perto dos olhos, examinando-a pormenorizadamente.

– Eu não diria que era rico, mas estava bem na vida. Tinha o suficiente para comprar à Laura um apartamento respeitável no continente.

– Mas a Laura já tinha morrido quando os meus pais desapareceram, não tinha?

Erica folheou o caderno que estava em cima da mesa à sua frente.

– Sim. A Laura morreu de ataque cardíaco em 1973. Por acaso, em Valö. O filho mais velho do Rune, Claes, encontrou-a nas traseiras da casa, já sem vida.

Erica lambeu o polegar e, em seguida, começou a folhear os documentos até que encontrou uma fotocópia de um artigo de jornal.

– Aqui está o que vinha no *Bohusläningen*.

– A minha avó parece ter sido uma espécie de celebridade por estas bandas – disse Ebba quando acabou de ler.

– Sim, toda a gente sabia quem era Laura Blitz. O Sigvard fizera fortuna com os transportes marítimos e corriam rumores de que tinha negociado com os alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

– Eram nazis? – perguntou Ebba, horrorizada.

– Não sei a que ponto estavam envolvidos – respondeu hesitantemente Erica. –

Mas era do conhecimento geral que os seus avós tinham algumas simpatias pelos alemães.

– A minha mãe também? – perguntou Ebba com os olhos muito abertos. Anna lançou a Erica um olhar de advertência.

– Nunca ouvi ninguém dizer isso – respondeu Erica, abanando a cabeça. – Simpática, mas um pouco ingénua. Era assim que a maior parte das pessoas descrevia a Inez. E terrivelmente dominada pela mãe.

– Isso explicaria porque é que casou com o meu pai. – Ebba mordeu o lábio. – Não era também uma pessoa muito autoritária? Ou imaginei isso por ser o diretor de um colégio?

– Não, parece que realmente era assim. Dizia-se que era um homem muito severo e áspero.

– A minha avó era natural de Fjällbacka? – Ebba pegou novamente na fotografia daquela mulher com ar seríssimo.

– Sim, a família dela vivia em Fjällbacka há várias gerações. A mãe chamava-se Dagmar e nasceu em Fjällbacka em 1900.

– Portanto, tinha... vinte anos quando teve a minha avó? Mas suponho que era muito comum naquele tempo ser-se mãe tão jovem. Quem era o pai da Laura?

– Na certidão de nascimento lê-se: «pai desconhecido». E parece que Dagmar era uma personagem bastante carismática. – Erica lambeu novamente o dedo e depois continuou a sua busca até encontrar um papel quase no fundo do maço. – Isto é um excerto do cadastro dela.

– Condenada por libertinagem? A minha bisavó era prostituta? – Ebba lançou a Erica um olhar surpreendido.

– Dagmar era uma mulher solteira com uma filha ilegítima; por isso, o mais certo é que tenha feito tudo o que podia para sobreviver. Tenho a certeza de que não era uma vida fácil. Também foi condenada várias vezes por assalto. As pessoas julgavam que Dagmar era um pouco louca, além disso bebia de mais. Há documentos que mostram que passou muito tempo num asilo.

– Que infância terrível que a minha avó deve ter tido – disse Ebba. – Não é assim tão estranho que se tenha tornado uma pessoa má.

– Crescer com Dagmar deve ter sido muito difícil. Hoje, provavelmente seria um escândalo ser permitido a Dagmar ficar com a Laura. Mas eram outros tempos e havia um enorme desprezo pelas mães solteiras. – Erica conseguia imaginar vividamente a mãe e a filha. Dedicara tantas horas a aprofundar a história daquelas mulheres, que agora lhe pareciam muito reais. Não compreendia por que razão tinha recuado tanto no tempo, uma vez que devia antes estar a tentar desvendar o mistério do desaparecimento da família Elvander. Mas o destino daquelas duas mulheres tinha-a cativado, por isso continuara a pesquisar as suas histórias.

– O que aconteceu a Dagmar? – perguntou Ebba.

Erica tirou outra folha do maço. Era uma cópia de uma fotografia a preto e branco que parecia ter sido tirada num tribunal.

– Meu Deus! É ela?

– Deixe-me ver – disse Anna, e Ebba ergueu a folha.

– Quando foi tirada esta foto? Parece tão antiga e gasta.

Erica consultou as suas notas.

– É de 1945, o que significa que a Dagmar teria quarenta e cinco anos. Foi tirada quando ela estava internada no Hospital de Sankt Jörgen, em Gotemburgo. – Erica fez uma pausa dramática. – Ah, e quatro anos antes de ela desaparecer.

– A Dagmar desapareceu? – exclamou Ebba.

– Sim, parece ser uma característica familiar. O último relatório sobre Dagmar data de 1949. Depois disso, parece ter-se esfumado.

– A Laura não sabia nada?

– Disseram-me que a Laura perdera o contacto com a mãe muito antes disso. Nessa altura estava casada com Sigvard e tinha uma vida completamente diferente da que tinha tido com a Dagmar.

– Há alguma teoria sobre o que lhe aconteceu? – perguntou Anna.

– Sim. A mais convincente é que se embebedou e se afogou no mar. Mas o cadáver nunca foi encontrado.

– Caramba – disse Ebba, pegando novamente na fotografia de Dagmar. – Uma bisavó que era ladra e prostituta e que depois desapareceu. Não sei muito bem como lidar com isto.

– Mas as coisas ainda pioram – Erica estava a adorar ter toda a atenção do seu público. – A mãe de Dagmar...

– Sim? – perguntou Anna, impaciente.

– Bem, acho que devíamos almoçar primeiro. Podemos falar sobre isso mais tarde – disse Erica, embora não tencionasse esperar tanto tempo para revelar o resto da história.

– Agora! – gritaram Anna e Ebba em uníssono.

– Já alguma de vocês ouviu falar de Helga Svensson?

Ebba pôs-se a pensar, mas depois abanou a cabeça. Anna franziu a testa e, passado um momento, abriu muito os olhos.

– A Fazedora de Anjos! – exclamou.

– Como assim? – disse Ebba.

– Fjällbacka não é só famosa por causa da Fenda do Rei¹⁷ e de Ingrid Bergman – explicou Anna. – Temos também a duvidosa honra de ser a cidade natal da Fazedora de Anjos, Helga Svensson, que foi decapitada. Em 1909, julho.

– Não, em 1908 – corrigiu Erica.

– Decapitada? Porquê? – Ebba ainda estava confusa.

– A Helga assassinou crianças que tinham sido deixadas ao seu cuidado. Afogou-as numa bacia. O crime só foi descoberto quando uma das mães se arrependeu da sua decisão e regressou para levar o filho. Como não o encontrou em casa da Helga, apesar de esta lhe ter enviado cartas sobre ele durante um ano inteiro, a mãe ficou desconfiada e foi à polícia. Que acreditou na mulher e, numa manhã bem cedo, invadiu a casa da Helga. Ela estava lá com o marido e os filhos. A própria filha e as outras crianças que acolhia. Parece que tinham sorte por ainda estarem vivas.

– Quando a polícia cavou o chão da cave encontrou os cadáveres de oito crianças – interrompeu Anna.

– Que horror! – exclamou Ebba, ficando subitamente pálida. – Mas não percebo o que tem isso que ver com a minha família – acrescentou, fazendo um gesto em direção ao maço de documentos sobre a mesa.

– A Helga era mãe da Dagmar – disse Erica. – A Fazedora de Anjos, Helga Svensson, era mãe da Dagmar, sua tetravó.

– Só pode estar a brincar?... – Ebba olhou para Erica, incrédula.

– É verdade. Agora percebe porque é que achei uma estranha coincidência quando a Anna me disse que a Ebba fazia joias com anjinhos.

– Se calhar devia ter deixado o passado em paz – disse Ebba, embora não parecesse muito convencida.

– Mas é tão emocionante que... – lamentando a sua escolha de palavras, Anna interrompeu-se. – Desculpe, não queria dizer...

– Eu também acho que é muito emocionante – afirmou Ebba. – E é realmente irónico eu fazer este género de joias. Que estranho. Faz-me pensar no destino.

O rosto ensombrou-se e Erica suspeitou que Ebba estava a pensar no filho.

– Oito crianças – disse Ebba. – Oito crianças pequenas enterradas numa cave.

– O que levaria uma pessoa a fazer uma coisa dessas? – perguntou Anna.

– O que aconteceu à Dagmar depois de a Helga ter sido executada? – Ebba abraçou o próprio corpo. Parecia mais vulnerável do que nunca.

– O marido de Helga, pai de Dagmar, também foi decapitado – disse Erica. – Fora ele que enterrara os cadáveres, por isso foi considerado cúmplice dos homicídios, apesar de ter sido a Helga a afogar as crianças. Portanto, a Dagmar ficou órfã e acabou por ir viver com uma família que tinha uma quinta nos arredores de Fjällbacka, onde ficou vários anos. Não sei como foi a vida dela com essa família. Mas posso imaginar que as coisas devem ter sido difíceis para Dagmar, sendo filha de uma mulher que tinha matado oito crianças. As pessoas daqui nunca perdoariam um pecado tão grande.

Ebba assentiu. Parecia completamente exausta e Erica decidiu que já tinham ouvido o suficiente para um dia. Estava na altura de almoçarem. Além disso, queria

ir dar uma olhadela ao telemóvel para ver se Gösta tinha ligado. Fez figas para que o colega de Patrik tivesse conseguido alguma informação através do sucateiro Olle. Rezava para que tivessem finalmente tido um pouco de sorte.

A mosca zumbia junto à janela, atirando-se repetidamente contra o vidro numa batalha desesperada. Devia estar intrigada. Não havia nenhuma obstrução visível, porém, chocava constantemente em alguma coisa. Tobias compreendia como a mosca devia sentir-se. Observou-a durante algum tempo antes de estender lentamente a mão e pegar nela entre o polegar e o indicador. Fascinado, pressionou os dedos, apertando a mosca até a achatar. Depois limpou os dedos ao peitoril da janela.

Agora que o zumbido tinha parado, o quarto estava completamente silencioso. Estava sentado na cadeira de Ebba, com os utensílios que a mulher utilizava para fazer as joias espalhados à sua frente. Sobre a mesa havia um anjo de prata por acabar e Tobias perguntou a si próprio de quem seria a tristeza que se destinava a aliviar. Embora não tivesse necessariamente de se destinar a alguém que estivesse de luto. Nem todos os colares eram encomendados para recordar alguém que morrera. Muitas pessoas compravam-nos simplesmente porque eram bonitos. Mas Tobias apercebeu-se de que aquele em particular fora encomendado por alguém de luto. Desde que Vincent tinha morrido, Tobias conseguia sentir a tristeza das outras pessoas, mesmo que não estivessem presentes. Pegou no anjo semiacabado e soube que era para alguém que sentia o mesmo vazio, o mesmo absurdo que ele próprio sentia.

Apertou mais o colar. Ebba não compreendia que, juntos, poderiam vir a preencher parte daquele vazio. Ebba apenas precisava de deixá-lo aproximar-se novamente. E ela tinha de reconhecer a sua culpa. Durante muito tempo, Tobias ficara cego pela sua própria culpa, mas agora compreendia muito mais claramente que a culpa era de Ebba. Se ao menos Ebba o admitisse, perdoar-lhe-ia e oferecer-lhe-ia outra oportunidade. Mas Ebba não dizia nada, limitando-se a olhar para ele com aquela expressão acusatória, em busca de culpa nos olhos dele.

Ebba rejeitara-o e Tobias não o conseguia compreender. Depois de tudo o que tinha acontecido, a mulher devia tê-lo deixado tomar conta dela, devia ter-se apoiado nele. Dantes, Ebba é que decidia tudo. Onde iriam viver, onde iriam passar férias, quando deviam ter um filho. Mesmo naquela manhã, fora Ebba quem decidiu o que deviam fazer. As pessoas deixavam-se constantemente enganar pelos olhos azuis e pela figura elegante da mulher. Encaravam-na como uma pessoa tímida e complacente, o que não era verdade. Fora Ebba quem tomara a decisão naquela manhã. Mas, a partir de agora, era a sua vez de decidir.

Tobias levantou-se, atirando o anjo para cima da mesa que, coberto de algo

vermelho e pegajoso, aterrou na mesa apinhada. Espantado, Tobias olhou para a palma da mão e viu dezenas de pequenos cortes. Lentamente, passou a mão pelas calças. Ebba tinha de voltar para casa. Havia coisas que ele precisava de lhe explicar.

Liv limpava febrilmente a mobília do pátio. Se queria manter as cadeiras limpas, aquela tarefa tinha de ser diária, por isso continuou a esfregar até o plástico ficar a brilhar. O sol estava forte e gotas de suor escorriam-lhe pelas costas. Depois de todas as horas que tinham passado na cabana de pesca, a pele tinha adquirido uma bela tonalidade de castanho-dourado, mas as olheiras eram bem visíveis.

– Acho que não deves ir – disse. – Porque é que têm de voltar a reunir-se? Sabes bem que o partido está a atravessar um momento delicado. Temos de ser discretos até... – Liv calou-se abruptamente.

– Eu sei, mas há certas coisas que estão para lá do nosso controlo – disse John, empurrando os óculos de leitura para a testa.

Estava sentado à mesa a ler os jornais. Todos os dias lia os jornais nacionais, assim como alguns locais. Até agora, nunca conseguira fazê-lo sem ficar enojado com a estupidez que enchia as páginas. Todos aqueles jornalistas liberais, os colunistas e os chamados especialistas que pensavam que compreendiam como funcionava o mundo... Graças aos seus esforços concertados, tinham corrompido de forma lenta, mas inevitável, o povo sueco. Cabia-lhe a ele, John Holm, fazê-los abrir os olhos. O preço a pagar seria alto, mas era impossível travar uma guerra sem baixas. E aquilo era uma guerra.

– O judeu também vai? – Liv começou a tratar da mesa, depois de decidir que as cadeiras já estavam suficientemente limpas.

John assentiu.

– Presumo que o Josef também vai estar lá.

– E se alguém aparecer e te tirar uma foto com ele? O que achas que aconteceria se isso chegasse aos jornais? Imagina o que os teus apoiantes diriam. Ficarias comprometido, talvez fosses até forçado a renunciar ao mandato. Não podemos deixar que isso aconteça, ainda mais agora que estamos tão perto.

John contemplou o porto, evitando olhar Liv nos olhos. A mulher não sabia nada. Como lhe poderia falar da escuridão, do medo gelado que apagava todas as fronteiras raciais? Naquela época, naquele tempo e lugar, fora uma questão de sobrevivência. Quer gostasse ou não, estava ligado a Josef para toda a eternidade. Mas não havia nenhuma maneira de o conseguir explicar a Liv.

– Tenho de ir – disse Holm num tom de voz que deixava claro que aquele assunto estava encerrado. Liv sabia que não adiantava argumentar, mas continuou a resmungar para si mesma. John sorriu e olhou para a mulher, para o seu belo rosto e

para a sua expressão, que revelava uma vontade de ferro. Amava-a e tinham partilhado muita coisa, mas a escuridão era algo que apenas podia partilhar com aqueles que também lá tinham estado.

Pela primeira vez em todos aqueles anos iam voltar a encontrar-se. Seria a última vez. A tarefa que tinha diante de si era demasiado importante, e teria de pôr um ponto final no passado. O que aconteceu em 1974 podia ter ressurgido, mas também poderia facilmente desaparecer, se todos concordassem. Era melhor manter os segredos antigos na escuridão onde tinham sido engendrados.

A única pessoa que preocupava John Holm era Sebastian. Mesmo naquele tempo, Sebastian desfrutara da sua posição superior e podia ser um problema. Mas se o bom senso não funcionasse com ele, John tinha sempre outros métodos à sua disposição.

Patrik respirou fundo. Annika estava a dar o seu melhor nos últimos preparativos para a conferência de imprensa, que atraía até alguns jornalistas de Gotemburgo. Alguns deles escreveriam também para os jornais nacionais, por isso, no dia seguinte, a notícia apareceria em todas as principais publicações do país. Patrik sabia por experiência própria que, a partir daí, a investigação seria um circo e que, no meio de toda aquela confusão, estaria Mellberg, interpretando o papel de mestre-de-cerimónias. Patrik já o presenciara. Mellberg não fora capaz de esconder a alegria ao saber que tinham sido obrigados a convocar uma conferência de imprensa. Nesse momento estava provavelmente na casa de banho a compor o seu ninho de cabelo.

Além dos nervos habituais por ter de responder às perguntas sem revelar demasiado, Patrik ponderava como limitar os danos que Mellberg poderia provocar. Ao mesmo tempo, estava grato por a notícia não ter rebentado nos média um par de dias antes. Nada do que acontecia em Fjällbacka escapava à atenção dos habitantes locais, por isso era pura sorte ninguém ainda ter dado aos jornalistas informações sobre os acontecimentos em Valö. Mas a sorte acabara-se e seria impossível para a polícia manter aquela história em segredo.

Uma batida cautelosa na porta despertou-o dos devaneios sombrios. A porta abriu-se e Gösta entrou. Sem esperar por um convite, sentou-se na cadeira reservada às visitas à frente da secretária de Patrik.

– Então as hienas já estão cá todas – disse Gösta com pesar. Olhava para as mãos enquanto girava nervosamente os polegares.

– Só estão a fazer o trabalho deles – disse Patrik, apesar de os seus pensamentos serem semelhantes. Não adiantava nada ver os jornalistas como adversários. De vez em quando, os média até podiam ser úteis.

– Como correu em Gotemburgo? – perguntou Gösta, ainda sem olhar Patrik nos olhos.

– Bem. Parece que a Ebba não tinha falado aos pais do fogo posto nem do tiroteio.

Gösta ergueu os olhos.

– Porque não?

– Julgo que não queria preocupá-los. Suspeito que foram logo telefonar-lhe assim que saímos. A mãe estava mortinha para ir a Valö.

– Talvez não seja má ideia. Seria bom se alguém persuadissemos a Ebba e o Tobias a manterem-se longe da ilha até termos solucionado o caso.

Patrik assentiu.

– Eu não teria ficado lá nem mais um minuto se alguém tivesse tentado matar-me, ainda por cima não apenas uma, mas duas vezes.

– As pessoas são estranhas.

– Sim. Bem, pelo menos a Ebba tem uns pais simpáticos.

– Pareceram-te boas pessoas?

– Sim, acho que a Ebba teve uma boa vida com eles. Também parece ter um excelente relacionamento com os irmãos. E é um bairro decente. Casas antigas e muitas roseiras.

– Parece ser um bom sítio para se crescer.

– Mas não conseguimos nenhuma pista sobre quem poderá ter enviado os tais postais.

– Quer dizer que não guardaram nenhum?

– Não, deitaram-nos todos fora. Mas eram apenas postais de parabéns, não eram ameaçadores como o que acabou de chegar. E tinham sido claramente enviados de Gotemburgo.

– Estranho. – Gösta estava novamente a estudar os polegares.

– O que é ainda mais estranho é alguém ter depositado dinheiro numa conta bancária a favor da Ebba todos os meses até ela ter feito dezoito anos.

– O quê? Anonimamente?

– Exato. Por isso, se conseguirmos localizar de onde veio o dinheiro, talvez cheguemos a algum lado. Pelo menos, espero que sim. É concebível que tenha sido a mesma pessoa que enviou os postais. Mas agora tenho de ir andando – Patrik levantou-se. – Querias alguma coisa?

Após um momento de silêncio, Gösta aclarou a garganta e olhou para Patrik.

– Não, mais nada. Absolutamente nada.

– *Okay*. – Patrik abriu a porta e já estava no corredor quando Gösta o voltou a chamar.

– Patrik?

– Sim, o que é? A conferência de imprensa começa daqui a um minuto.

Outro momento de silêncio.

– Nada. Esquece – disse Gösta.

– *Okay*.

Patrik dirigiu-se para a sala de reuniões ao fundo do corredor com a incômoda sensação de que devia ter parado e tentado persuadir Gösta a desembuchar.

Depois entrou na sala e de imediato se esqueceu de tudo para além da tarefa que tinha pela frente. Todos os olhos se voltaram para ele. Mellberg já estava ao fundo da sala com um sorriso rasgado. Pelo menos uma pessoa na esquadra estava pronta a acolher os jornalistas.

Josef desligou a chamada. As pernas cederam e sentou-se lentamente com as costas contra a parede. Fitou o papel de parede florido que decorava o corredor desde que tinham comprado a casa. Rebecka quisera mudá-lo, mas Josef não compreendia porque haviam de gastar dinheiro se o papel ainda estava em boas condições. Porquê mudar algo que não precisava de ser mudado? Deviam estar gratos por terem um teto sobre as suas cabeças e comida na mesa. Havia coisas muito mais importantes na vida do que papel de parede.

Josef tinha perdido a mais importante de todas e, para sua surpresa, viu-se incapaz de parar de olhar para o papel de parede. Era horrível e perguntou a si próprio se não devia ter dado ouvidos a Rebecka e deixá-la substituí-lo. Será que devia ter escutado mais vezes o que a mulher tinha para dizer?

Era como se fosse a primeira vez que se via a partir do exterior. Um homem insignificante e arrogante. Um homem que acreditara que os sonhos podiam tornar-se realidade e que estava destinado a alcançar a grandeza. Em vez disso estava para ali sentado, exposto como o tolo ingénuo que era, e apenas se podia culpar a si próprio. Desde que se envolvera nas trevas, desde que a humilhação lhe tinha endurecido o coração, conseguira convencer-se de que um dia se vingaria. Claro que isso nunca iria acontecer. O mal era mais poderoso. Fizera parte da vida dos pais e, embora nunca lhe tenham falado acerca disso, Josef sabia que o mal os forcara a cometer atos ímpios. Josef também estava contaminado com o mal, porém, na sua arrogância, acreditava que Deus lhe tinha oferecido a oportunidade de ser purificado.

Josef começou a bater com a nuca na parede. A princípio, levemente; depois cada vez com mais força. Era maravilhoso e, de repente, chegou à conclusão de que, naquele preciso momento, tinha encontrado uma maneira de superar a dor. Para os pais não tinha havido nenhum consolo no facto de terem partilhado o sofrimento com outros e o mesmo valia para ele. Só fizera com que a vergonha fosse maior. Também ele tinha teimosamente acreditado que poderia libertar-se se a penitência fosse suficientemente grande.

Interrogou-se sobre o que Rebecka e os filhos diriam se soubessem, se tudo fosse revelado. Leon queria que todos estivessem presentes, queria reviver o sofrimento

que devia permanecer no esquecimento. Quando ele telefonara, na noite anterior, o medo quase tinha paralisado Josef. Agora, a ameaça estava prestes a tornar-se real e não havia nada que pudesse fazer para o impedir. Agora já não parecia importante. Era demasiado tarde. Era tão impotente agora como fora naquele tempo e já não lhe restavam forças para lutar. E lutar não serviria para nada. Desde o início que o sonho só existira na sua mente. Acima de tudo, recriminava-se por não ter percebido isso.

¹⁷ *Kungsklyftan*, em sueco. Gruta cuja designação teve origem na visita do rei Oscar II a Fjällbacka no século XIX. (N. do T.)

KARINHALL, 1949

DAGMAR CHORAVA, MAS SENTIA UM MISTO DE DOR E FELICIDADE. FINALMENTE JUNTARASE A HERMANN. CHEGARA A SENTIR-SE DESESPERADA. O DINHEIRO QUE RECEBERA DE LAURA APENAS CHEGARA PARA FAZER UMA PARTE DA VIAGEM, ALÉM DISSO GASTARA DEMASIADO SEMPRE QUE A SEDE SE APODERARA DELA. MAL SE LEMBRAVA DE ALGUNS DESSES DIAS, MAS VOLTARA SEMPRE A ERGUER-SE E A SEGUIR EM FRENTE. O SEU HERMANN ESPERAVA-A.

SABIA MUITO BEM QUE HERMANN NÃO TINHA SIDO ENTERRADO EM KARINHALL, A SUA PROPRIEDADE. UM INDIVÍDUO DESAGRADÁVEL TINHA-LHO DITO ALEGREMENTE DURANTE UMA DAS MUITAS VIAGENS DE COMBOIO QUE FIZERA PARA ALI CHEGAR, QUANDO DAGMAR LHE EXPLICARA QUAL ERA O SEU DESTINO. MAS ERA INDIFERENTE ONDE O CORPO DE HERMANN FORA ENTERRADO. DAGMAR LERA OS ARTIGOS E VIRA AS FOTOGRAFIAS. ERA ALI QUE ELE PERTENCIA. ERA ALI QUE ESTAVA A SUA ALMA.

CARIN GÖRING TAMBÉM ALI ESTAVA. MESMO DEPOIS DA SUA MORTE, AQUELA CABRA ODIOSA MANTIVERA O DOMÍNIO SOBRE HERMANN. DAGMAR CERROU OS PUNHOS ENFIADOS NOS BOLSOS DO CASACO, RESPIRANDO COM DIFICULDADE A OLHAR PARA OS CAMPOS. ESTES FORAM OS SEUS DOMÍNIOS, MAS AGORA ENCONTRAVA-SE TUDO DESTRUÍDO. SENTIU NOVAMENTE OS OLHOS MAREJADOS DE LÁGRIMAS. COMO É QUE AQUILO PODIA TER ACONTECIDO? A PROPRIEDADE ESTAVA EM RUÍNAS E O JARDIM, QUE EM TEMPOS DEVIA TER SIDO TÃO BELO, ESTAVA AGORA COBERTO DE MATO E DE ERVAS DANINHAS, E ABANDONADO. OS BOSQUES FRONDOSOS QUE CERCAVAM OS CAMPOS CONQUISTAVAM TERRENO A CADA DIA QUE PASSAVA.

TINHA CAMINHADO DURANTE HORAS PARA ALI CHEGAR. DE BERLIM FOI PEDINDO BOLEIA E DEPOIS CONTINUOU A PÉ ATÉ À ZONA ARBORIZADA A NORTE DA CIDADE QUE, COMO LERA, ERA ONDE SE SITUAVA KARINHALL. TINHA SIDO DIFÍCIL CONVENCER ALGUÉM A DAR-LHE BOLEIA. AS PESSOAS OLHAVAM COM DESCONFIANÇA PARA O SEU ASPETO ANDRAJOSO E DAGMAR NÃO FALAVA UMA PALAVRA DE ALEMÃO, LIMITANDO-SE A REPETIR «KARINHALL» ATÉ QUE UM HOMEM IDOSO LHE PERMITIRA RELUTANTEMENTE ENTRAR NO CARRO. QUANDO A ESTRADA BIFURCOU, O HOMEM ACENOU COM A MÃO PARA INDICAR QUE IA NUM SENTIDO, AO PASSO QUE DAGMAR DEVERIA TOMAR A OUTRA ESTRADA. ENTÃO, SAIU DO CARRO E SEGUIU A PÉ ATÉ KARINHALL. OS PÉS COMEÇARAM A DOER-LHE, MAS CONTINUOU A CAMINHAR. A ÚNICA COISA QUE QUERIA ERA ESTAR PERTO DE HERMANN.

DEPOIS DE AMBULARA PELAS RUÍNAS. AS DUAS GUARITAS À ENTRADA TESTEMUNHAVAM QUÃO GRANDIOSOS DEVIAM TER SIDO EM TEMPOS AQUELES EDIFÍCIOS. AQUI E ALI, DAGMAR VIU OS RESTOS DE PAREDES E DE PEDRAS DECORATIVAS, TORNANDO-LHE MAIS FÁCIL IMAGINAR A MAGNIFICÊNCIA PASSADA DA PROPRIEDADE. SE NÃO FOSSE POR CAUSA DE

CARIN, AQUELE LUGAR TER-SE-IA CHAMADO DAGMAR.

O ÓDIO E A DOR INVADIRAM-NA E DAGMAR CAIU DE JOELHOS A CHORAR. RECORDOU AQUELA LINDA NOITE DE VERÃO EM QUE SENTIU A RESPIRAÇÃO DE HERMANN NA PELE, EM QUE O JOVEM PILOTO ALEMÃO LHE COBRIU O CORPO DE BEIJOS. NESSA NOITE TINHA RECEBIDO E PERDIDO TUDO AO MESMO TEMPO. A VIDA DE HERMANN TERIA SIDO MUITO MELHOR SE A TIVESSE ESCOLHIDO. TERIA TOMADO CONTA DELE E NÃO TERIA DEIXADO, AO CONTRÁRIO DE CARIN, QUE SE TORNASSE AQUELE DESTROÇO HUMANO QUE VIRA NO HOSPITAL. TERIA SIDO SUFICIENTEMENTE FORTE PELOS DOIS.

DAGMAR PEGOU NUM PUNHADO DE TERRA E DEIXOU-O ESCORREGAR LENTAMENTE POR ENTRE OS DEDOS. O SOL QUEIMAVA-LHE A NUCA E, AO LONGE, OUVIU O UIVO DOS CÃES SELVAGENS. ALI PERTO HAVIA UMA ESTÁTUA PARTIDA CAÍDA POR TERRA. FALTAVA-LHE O NARIZ E UM BRAÇO, E OS OLHOS DE PEDRA FITAVAM O CÉU SEM O VER. DE REPENTE, DAGMAR APERCEBEU-SE DE COMO ESTAVA CANSADA. SENTIA O SOL A QUEIMAR-LHE A PELE E QUERIA ENCONTRAR UMA SOMBRA ONDE PUDESSE DESCANSAR. TINHA SIDO UMA LONGA VIAGEM, REPLETA DE INTENSAS SAUDADES, E PRECISAVA DE SE DEITAR E FECHAR OS OLHOS DURANTE ALGUM TEMPO. OLHOU EM REDOR EM BUSCA DE UMA SOMBRA. AO LADO DE UMA ESCADARIA QUE AGORA NÃO LEVAVA A LADO ALGUM, UMA GROSSA COLUNA TINHA CAÍDO E ESTAVA AGORA ENCOSTADA AO DEGRAU CIMEIRO. POR BAIXO HAVIA UMA FAIXA DE SOMBRA ABENÇOADA.

ESTAVA DEMASIADO CANSADA PARA SE MANTER EM PÉ, POR ISSO RASTEJOU PELO CHÃO ACIDENTADO ATÉ À ESCADARIA, ENROSCOU-SE O MELHOR QUE PÔDE E DEITOU-SE NAQUELE ESPAÇO DIMINUTO COM UM SUSPIRO DE ALÍVIO, FECHANDO OS OLHOS. PARTIRA AO SEU ENCONTRO DESDE AQUELA NOITE EM JUNHO. AO ENCONTRO DE HERMANN. AGORA PRECISAVA DE DESCANSAR.



A conferência de imprensa terminara há duas horas e todos os agentes da esquadra estavam agora reunidos na cozinha. *Ernst*, que tinha ficado tranquilamente fechado no gabinete de Mellberg, fora libertado e estava estendido, como de costume, aos pés do dono.

– Aquilo correu bem, não foi? – disse Mellberg com um sorriso de satisfação. – Não devias ir para casa descansar, Paula? – o superintendente falou tão alto que Patrik deu um salto na cadeira.

Paula fulminou o chefe com o olhar.

– Se não se importa, eu decido quando preciso de descansar.

– Vens a correr para aqui apesar de estares de licença de maternidade e depois vais a Gotemburgo e voltas. Se alguma coisa correr mal, lembra-te que eu...

– Acho que temos a situação sob controlo – disse Patrik, tentando evitar a briga que se adivinhava. – Agora é que aqueles rapazes vão ver como elas mordem.

Era absurdo empregar o termo «rapazes» para homens que atualmente já passavam muito dos cinquenta. Mas, quando Patrik pensava neles, imaginava sempre os cinco rapazes da fotografia, vestidos à anos 70 e com expressões algo matreiras.

– Pode crer. Sobretudo o John Holm – disse Mellberg, coçando *Ernst* por detrás da orelha.

– Patrik? – Annika enfiou a cabeça pela porta da cozinha e fez-lhe sinal para que fosse ter com ela. Patrik levantou-se e seguiu-a até à entrada, onde a secretária lhe entregou um telefone sem fios. – É Torbjörn. Parece que encontraram alguma coisa.

Patrik sentiu a pulsação acelerar. Pegou no telefone e entrou no gabinete, fechando a porta atrás de si. Durante praticamente um quarto de hora ouviu Torbjörn e fez-lhe várias perguntas para esclarecer dúvidas. Quando terminou a chamada, precipitou-se para a cozinha, onde Paula, Mellberg, Gösta e Annika o esperavam. Ainda que já fosse tarde, ninguém mostrou qualquer sinal de querer ir para casa.

– Que foi que Torbjörn disse? – perguntou Annika.

– Calma. Primeiro preciso de um café. – Movendo-se com lentidão exagerada, Patrik dirigiu-se à cafeteira elétrica e estendeu a mão para o recipiente, mas antes de a ter alcançado, Annika levantou-se. Pegou no recipiente, encheu uma chávena de modo tão abrupto que o café se entornou e, em seguida, colocou-a em cima da mesa à frente da cadeira vazia de Patrik.

– Pronto. Agora senta-te e conta-nos o que Torbjörn te disse.

Patrik sorriu, mas acedeu. Aclarou a garganta.

– Torbjörn encontrou uma impressão digital nítida na parte de trás do selo do postal enviado por «G». Portanto, agora podemos comparar essa impressão digital com as dos potenciais suspeitos.

– Isso é ótimo – disse Paula, apoiando as pernas inchadas numa cadeira. – Mas estás com aquele ar manhoso do gato que engoliu o canário, por isso deve haver novidades ainda mais importantes.

– Tens razão. – Patrik bebeu um golo do café a esgaldar. – Tem que ver com a bala.

– Qual delas? – perguntou Gösta, inclinando-se para a frente.

– Aí é que está. A bala que foi encontrada sob o soafo e as balas que foram, contra todos regulamentos, retiradas à força da parede da cozinha depois do atentado contra a vida de Ebba...

– Certo, certo – disse Mellberg, fazendo um gesto com a mão. – Recebi a mensagem.

– Bem, provavelmente foram disparadas pela mesma arma.

Quatro pares de olhos fixaram-no. Patrik assentiu.

– Parece incrível, mas é verdade. Em 1974, quando assassinaram um número desconhecido de membros da família Elvander, muito provavelmente foi utilizada a mesma arma que ontem serviu para tentar matar Ebba Stark.

– Poderá ser realmente o mesmo criminoso, tantos anos depois? – Paula abanou a cabeça. – Custa-me a acreditar.

– Sempre pensei que os ataques a Ebba e ao marido tinham que ver com o desaparecimento da família. E isto prova-o.

Patrik abriu as mãos. Ecoaram-lhe no cérebro questões semelhantes levantadas na conferência de imprensa. Não tinha sido capaz de fornecer respostas, além de reconhecer que aquela era uma das teorias possíveis. Mas só agora é que a polícia tinha uma prova que permitia prosseguir a investigação.

– Com base nos orifícios das balas, os técnicos forenses também conseguiram determinar o tipo de arma utilizada – prosseguiu Patrik. – Por isso, temos de descobrir se alguém nesta zona tem ou teve um revólver *Smith & Wesson* calibre 38.

– Bem, a parte positiva é a arma utilizada para assassinar a família Elvander não estar no fundo do mar – disse Mellberg.

– Pelo menos não antes de ontem, quando foram disparados os tiros contra Ebba. Claro que pode ter ido lá parar depois disso – frisou Patrik.

– Não me parece – disse Paula. – Se alguém conservou o revólver durante todos estes anos, é difícil imaginar que se tenha livrado dele agora.

– Talvez tenhas razão. Talvez essa pessoa respeite a arma como uma espécie de

troféu e a guarde como uma recordação. Seja qual for o caso, temos de concentrar os nossos esforços em determinar o que aconteceu em 1974. Vamos ter de voltar a conversar com os quatro homens com quem já falámos para ver se conseguimos esclarecer a sequência precisa de acontecimentos no dia em questão. E temos de localizar rapidamente Percy von Bahrn. Já o devíamos ter feito e eu vou assumir a responsabilidade de não termos falado com ele. Também temos de conversar com o tal professor, o que ainda está vivo. Como é que se chama? Bolas, aquele que estava de férias na Páscoa. – Patrik estalou os dedos.

– Ove Linder – disse Gösta. O tom de voz denotou ansiedade.

– Exatamente. Ove Linder. Não está a morar em Hamburgsund? Vamos lá ter uma conversa com ele amanhã de manhã. Pode ter informações valiosas sobre o que aconteceu naquele colégio. Vamos lá os dois, Gösta. – Patrik pegou numa folha e numa caneta, que estavam sempre à mão sobre a mesa, e começou a fazer uma lista das tarefas mais urgentes.

– Bem, eu... – disse Gösta, coçando o queixo.

Patrik continuou a escrever.

– Amanhã temos de falar com os cinco rapazes. Vamos dividi-los entre nós. Paula, achas que podes tentar investigar um pouco mais a origem do dinheiro que foi depositado no banco para Ebba?

O rosto de Paula iluminou-se.

– Claro que sim. Já contactei o banco para lhes pedir ajuda.

– Ouve, Patrik... – aventurou-se novamente Gösta, mas o colega estava demasiado ocupado a distribuir tarefas para o ouvir. – Patrik!

Todos os olhos se voltaram para Gösta. Não era habitual levantar a voz.

– Sim, o que é? O que é que querias dizer? – Patrik estudou o rosto do colega e, de repente, apercebeu-se de que não ia gostar do que estava prestes a ouvir.

– Bem, em relação a esse professor, Ove Linder...

– Sim?

– Já alguém falou com ele.

– Alguém? – repetiu Patrik, e depois preparou-se para ouvir o resto.

– Pensei que era boa ideia pôr mais pessoas a trabalhar no caso. E tu não podes negar que ela tem muito jeito para desenterrar informações, e os nossos recursos são tão limitados... Por isso pensei que não ia fazer mal se tivéssemos alguma ajuda. Além disso, como tu referiste, é uma coisa que já devíamos ter feito e, em certo sentido, já fizemos. Portanto, bem vistas as coisas, está tudo bem. – Gösta fez uma pausa para recuperar o fôlego.

Patrik fitou-o. Teria enlouquecido? Estava mesmo a tentar desculpar-se por ter feito as coisas nas costas dos colegas? Estava realmente a tentar converter aquela atitude em algo positivo? De repente, Patrik teve uma suspeita que esperava não ver

confirmada.

– Quando dizes «ela», estás a referir-te à minha querida mulher? A Erica foi falar com o professor?

– Bem... Sim – disse Gösta, olhando para baixo.

– Oh, Gösta... – disse Paula em tom de censura, soando como se estivesse a falar com uma criança apanhada a roubar um biscoito.

– Há mais alguma coisa que eu deva saber? – perguntou Patrik. – Mais vale dizeres-me. Que andou a Erica a tramar? A Erica e tu, claro.

Com um suspiro pesado, Gösta começou a contar o que Erica lhe dissera sobre as visitas que tinha feito a «Liza» e a John Holm, sobre o que Kjell tinha dito sobre o passado de John e sobre a nota que tinha encontrado. Depois hesitou por um momento, mas acabou por contar a todos que alguém tinha entrado à socapa em casa de Erica e de Patrik.

A expressão de Patrik tornou-se gelada.

– Que raio estás para aí a dizer?!

Envergonhado, Gösta olhou novamente para o chão.

– Deixa lá, já ouvi o suficiente. – Patrik levantou-se de um salto, saiu precipitadamente da esquadra e enfiou-se no carro. Podia sentir o sangue a ferver. Quando rodou a chave na ignição e ligou o motor, forçou-se a respirar fundo várias vezes. Depois carregou a fundo no acelerador.

Ebba não conseguia parar de olhar para as fotografias. Tinha pedido para ficar algum tempo sozinha e levava todo o material sobre a sua família para o escritório de Erica. Depois de lançar uma olhadela à secretária abarrotada decidiu sentar-se no chão e espalhar as cópias das fotografias em leque à sua frente. Aqueles eram os membros da sua família, as suas raízes. Mesmo que tivesse tido uma boa vida com a família adotiva, por vezes invejara que estivessem ligados a parentes de sangue. A única coisa a que ela própria estava ligada era a um mistério. Pensou em todas as vezes que contemplara as fotografias emolduradas em cima da grande escrivaninha na sala de estar: os avós maternos, os avós paternos, as tias e os primos – todos eles aparentados, de modo que os seus descendentes sentiam-se elos de uma longa cadeia. Agora contemplava as fotografias dos seus próprios parentes e preenchia-a uma sensação ao mesmo tempo maravilhosa e estranha.

Ebba pegou na fotografia da Fazedora de Anjos. Que belo nome para algo tão medonho. Aproximou o retrato, tentando ver se havia alguma coisa nos olhos de Helga que revelasse o mal que tinha feito. Ebba não sabia se a fotografia tinha sido tirada antes ou durante o período em que as crianças foram assassinadas, mas a menina na foto, que só podia ser Dagmar, era tão nova, que devia ter sido tirada por volta de 1902. Dagmar usava um vestido claro com folhos e não fazia ideia da sorte

que a esperava. Que lhe teria acontecido? Ter-se-ia afogado no mar, como tantos pareciam acreditar? Teria o seu desaparecimento sido um fim natural para uma vida que fora destruída quando o crime que os pais cometeram foi descoberto? Ter-se-ia Helga arrependido? Compreenderia as consequências para a filha quando o crime fosse descoberto? Ou estaria convencida de que ninguém viria a sentir falta daquelas crianças indesejadas? As perguntas começaram a acumular-se no cérebro de Ebba, mas sabia que nunca iria descobrir as respostas. No entanto, sentiu uma ligação àquelas mulheres.

Examinou a outra fotografia de Dagmar. O rosto apresentava sinais claros de uma vida dura, mas era óbvio que fora uma mulher lindíssima. Que teria acontecido a Laura, a filha, nas ocasiões em que a polícia prendia Dagmar ou quando foi levada para o hospital? Pelo que Ebba sabia, Laura não tinha mais nenhum parente vivo. Será que os amigos tinham tomado conta dela ou teria ido parar a um orfanato ou a uma família de acolhimento?

De repente, Ebba lembrou-se de que quando estava grávida de Vincent dera por si a pensar nas suas raízes. Afinal de contas, também se tratava do passado do filho. Curiosamente, essas especulações cessaram assim que Vincent nasceu. Por um lado, porque Ebba não tinha tido tempo para se entregar a cogitações, por outro, porque se deixara conquistar completamente por Vincent – Ebba estava enlevada pelo cheiro do bebé, pela penugem no seu pescocinho e pelas covinhas nos punhos minúsculos do filho. Tudo o resto parecia não ter a mais pequena importância, tornando-se irrelevante. Ela e Tobias tinham sido reduzidos, ou talvez elevados, a meros figurantes num filme sobre Vincent. Ebba adorava aquele novo papel mas, quando Vincent partiu, isso tornara o vazio ainda maior. Agora era uma mãe sem filho, uma figurante absurda num filme que, de repente, ficara sem o ator principal. Mas as fotografias espalhadas à sua frente davam-lhe uma renovada sensação de continuidade.

Ouvia Erica na cozinha, no rés do chão, e os gritos e brincadeiras dos filhos, enquanto ela estava para ali, cercada pelos familiares distantes. Estavam todos mortos, porém, apesar disso, Ebba sentia um alívio enorme por saber que em tempos tinham existido.

Ergueu os joelhos até ao queixo e pôs os braços em torno das pernas. Perguntou-se como Tobias se estaria a aguentar na ilha. Quase não pensara nele desde que viera para casa de Erica e, para ser completamente franca, não se preocupava muito com o marido desde a morte de Vincent. Como poderia preocupar-se com Tobias quando estava imersa na sua própria dor? Mas, de alguma forma, aquela nova sensação de ligação à família estava agora a fazer com que se apercebesse, pela primeira vez em muito tempo, de que Tobias era uma parte dela. Com quem poderia partilhar as suas memórias a não ser com Tobias? O marido estivera a seu lado,

acariciara-lhe a barriga à medida que a gravidez avançava e observava os batimentos cardíacos de Vincent no monitor de ultrassons. Limpou-lhe o suor da testa, massajou-lhe as costas e levou-lhe água durante o parto – aquelas longas, terríveis mas ao mesmo tempo incríveis vinte e quatro horas em que lutara para trazer Vincent ao mundo. O bebé tinha resistido e, quando finalmente abriu os olhinhos para a luz e pestanejou desajeitadamente, Tobias agarrou-lhe a mão e apertou-a com força. Não fez nenhum esforço para esconder as lágrimas, limitando-se a limpar as faces à manga. Mais tarde tinham partilhado todas aquelas noites em branco quando Vincent não parava de chorar, o primeiro sorriso do bebé e o despontar dos primeiros dentes. Tinham-no incentivado quando começara a mover-se desajeitadamente de um lado para o outro enquanto aprendia a gatinhar e Tobias filmara os primeiros passos vacilantes de Vincent. A primeira palavra do filho, a primeira frase e o primeiro dia no infantário; risos e lágrimas; dias bons e dias maus. Tobias era a única pessoa que realmente a compreendia quando ela falava de um destes acontecimentos. Não havia mais ninguém.

Ali sentada no chão, Ebba sentiu uma ternura crescente. O coração, aquela pequena peça antes tão fria e dura, estava a começar a derreter. Passaria ali mais uma noite, mas depois voltaria para casa. Para Tobias. Estava na altura de se libertar da culpa e de recomeçar a viver.

Anna manobrou o barco para fora do porto e ergueu o rosto para o sol. Estar sem o marido e os filhos dava-lhe uma sensação inesperada de liberdade. Pedira o barco de Erica e de Patrik emprestado, já que não havia gasolina na lancha finlandesa *Buster*, e Anna gostava de pilotar o *snipa* da família. A luz do final da tarde fazia com que as falésias que rodeavam o porto de Fjällbacka brilhassem como ouro. Ouviu os risos vindos do Café Bryggan e música a tocar. Ninguém parecia ainda ter-se aventurado na pista de dança, que no entanto não tardaria a encher-se depois de algumas cervejas.

Lançou uma olhadela ao saco que continha as amostras de tecidos. Estava no chão, a meio do barco, e Anna verificou se o fecho estava completamente corrido.

Ebba já vira as amostras e selecionara imediatamente algumas que queria que Tobias aprovasse. Os comentários de Ebba tinham motivado Anna a ponderar ir até Valö nessa mesma tarde. De início hesitara. A ilha não era um lugar seguro, como descobrira de forma tão dramática no dia anterior, e uma viagem impulsiva até lá parecia mais algo que teria feito na sua antiga vida, quando raramente pensava nas consequências. Mas decidiu seguir a sua inclinação inicial. Afinal de contas, que poderia acontecer? Iria à ilha, apresentaria as amostras a Tobias e depois voltaria para casa. Era apenas uma maneira de passar o tempo, disse Anna a si própria. E talvez Tobias ficasse contente por ter um pouco de companhia. Ebba tinha decidido

passar outra noite em casa de Erica para examinar mais pormenorizadamente todo o material que Erica reunira sobre a sua família, embora Anna suspeitasse que aquilo era apenas um pretexto. Ebba parecia relutante em voltar para a ilha, o que era perfeitamente compreensível.

Quando se aproximou do cais, viu que Tobias estava lá à sua espera. Anna telefonara antes de partir a dizer que ia aparecer, por isso, Tobias devia estar ali a aguardar a sua chegada.

– Com que então sempre se atreveu a regressar ao oeste selvagem? – disse Tobias com uma risada enquanto estendia a mão para a proa do barco.

– Sempre gostei de desafiar o destino. – Anna atirou o cabo a Tobias, que amarrou o barco com mão experiente. – Parece que já é um velho lobo-do-mar – disse Anna, apontando para a meia-volta que Tobias dera em torno de um dos postes de amarração no cais.

– Para vivermos no arquipélago, temos de perceber destas coisas. – Tobias estendeu a mão para a ajudar a desembarcar. A outra mão estava envolta numa ligadura.

– Obrigada. Que lhe aconteceu à mão?

Tobias examinou a ligadura como se nunca a tivesse visto.

– Ah, isto acontece muito quando fazemos obras deste género. São os ossos do ofício.

– Só um homem para dizer uma coisa dessas – afirmou Anna, que deu por si a sorrir disparatadamente. Sentiu uma pontada de culpa por estar mais ou menos a flirtar com o marido de Ebba, mas era só uma brincadeira completamente inofensiva, embora não pudesse negar que achava Tobias incrivelmente atraente.

– Deixe-me levar isso. – Tobias tirou-lhe o pesado saco de amostras do ombro e Anna, agradecida, seguiu-o até à casa.

– Em circunstâncias normais, convidava-a a sentar-se comigo na cozinha, mas há lá uma ligeira corrente de ar – disse Tobias quando entraram na casa.

Anna deu uma gargalhada. Sentia-se feliz. Era um alívio poder falar com alguém que não estava constantemente a pensar nas desgraças que tinha sofrido.

– E seria difícil irmos para a sala de jantar, uma vez que não há chão – prosseguiu Tobias, piscando-lhe o olho.

O Tobias sombrio que tinha conhecido parecia ter desaparecido, mas talvez isso não fosse assim tão estranho. Ebba também parecia menos desanimada quando estivera com ela em casa de Erica.

– Se não se importar de se sentar no chão, acho que seria melhor irmos até ao quarto. – Tobias subiu as escadas sem esperar por uma resposta.

– Parece um pouco estranho estarmos a pensar em amostras de tecidos, depois do que aconteceu ontem – disse Anna como que a pedir desculpa enquanto o seguia.

– Não se preocupe com isso. A vida continua. Nisso, eu e Ebba somos muito parecidos. Somos os dois extremamente práticos.

– Mas surpreende-me que se atrevam a ficar na ilha.

Tobias encolheu os ombros.

– Às vezes, há coisas que pura e simplesmente temos de fazer – disse pousando o saco no chão, no meio da sala.

Anna ajoelhou-se ao lado dele e começou a extrair amostras de tecidos, espalhando-as no chão. Com grande entusiasmo, disse o que podia ser utilizado para os móveis, as cortinas e as almofadas, e que tecidos combinavam. Passado algum tempo, Anna calou-se e virou-se para Tobias. O marido de Ebba não estava a olhar para os tecidos, tinha os olhos cravados nela.

– Parece interessadíssimo! – disse sarcasticamente Anna, mas sentiu o rosto corar. Nervosa, compôs uma madeixa por detrás da orelha. Tobias ainda estava a olhar fixamente para ela.

– Tem fome? – perguntou ele.

Anna assentiu, hesitante.

– Por acaso até tenho.

– Ótimo – Tobias levantou-se rapidamente. – Fique aqui e guarde as amostras. Venho já.

Desceu as escadas até à cozinha enquanto Anna permaneceu onde estava, cercada pelas faixas de tecido pousadas no bonito soalho de madeira recém-polido. Os raios de sol entravam pelas janelas e Anna apercebeu-se de que era mais tarde do que julgara. Por um momento pensou que precisava de regressar para tomar conta dos filhos, mas depois lembrou-se de que não havia ninguém em casa. Estava vazia. Restava-lhe pouco mais do que um jantar solitário frente à televisão, por isso mais valia ficar. Tobias também estava sozinho e seria muito mais agradável jantarem juntos. Além disso, Tobias já estava a preparar-lhes alguma coisa para comerem e seria má educação ir-se embora depois de ter aceitado o convite.

Nervosa, Anna começou a recolher os tecidos. Quando acabou de juntar todas as amostras em cima da cómoda encostada à parede, ouviu passos na escada, juntamente com o tilintar de copos. Um momento depois, Tobias entrou no quarto, transportando um tabuleiro.

– Vai ser um jantar à *la Cajsa Warg*¹⁸: carnes frias e queijo. Também tastei umas fatias de pão. Mas, com um bom vinho tinto, talvez resulte.

– Acredito. Mas vou ter de contentar-me só com um copo. Seria um verdadeiro escândalo se fosse presa a caminho de casa por dirigir um barco alcoolizada.

– Bem, de maneira nenhuma quero ser a causa de um escândalo. – Tobias pousou o tabuleiro.

Anna sentiu o coração bater mais depressa. Não devia de todo ficar ali a comer

queijo e a beber vinho com um homem que lhe fazia suar as palmas das mãos. Ao mesmo tempo, era exatamente o que queria fazer. Anna pegou numa torrada.

Duas horas mais tarde, sabia que ia ficar ainda mais tempo. Não foi uma decisão consciente e não tinham falado sobre o assunto, mas não foi necessário. Ao anoitecer, Tobias acendeu algumas velas e, por entre o brilho das chamas bruxuleantes, Anna decidiu viver o momento. Por um breve período de tempo ia esquecer tudo o que lhe tinha acontecido. Tobias fê-la sentir-se viva outra vez.

Adorava a luz da noite. Era muito mais lisonjeira e indulgente do que a luz implacável do sol. Ia estudou o rosto ao espelho e, lentamente, passou a mão pelas feições suaves. Quando é que começara a preocupar-se tanto com a aparência? Quando era nova, dava muito mais importância a outras coisas. Depois, a única coisa que passara a importar era o amor e Leon estava habituado a rodear-se de beleza. Desde que os seus destinos se tinham entrelaçado, Leon procurara desafios cada vez maiores e mais perigosos, enquanto o seu amor e a sua devoção por ele cresciam. Permitira que os desejos de Leon lhe condicionassem a vida e depois já não havia volta a dar.

Ia inclinou-se mais para o espelho, mas não detetou qualquer arrependimento no olhar. Enquanto Leon permanecera tão ligado a ela como ela a ele, estivera disposta a sacrificar tudo, mas depois Leon começou a afastar-se, esquecendo-se do destino que os unia. O acidente fê-lo compreender que só a morte poderia separá-los. A dor que Ia sentiu quando o puxou para fora do carro não era nada em comparação com o que teria sofrido se Leon a tivesse deixado. Isso era algo a que não poderia ter sobrevivido – sobretudo depois de tudo aquilo de que tinha abdicado por causa do marido.

Mas não podia continuar ali. Não conseguia compreender porque é que Leon quisera voltar. Não devia tê-lo permitido. Porquê voltar ao passado quando este encerrava tanta tristeza? Mesmo assim, Ia tinha cedido aos seus desejos. Mas agora atingira o limite. Não podia ficar para ali a vê-lo autodestruir-se. A única coisa que podia fazer era ir para casa e esperar que Leon a seguisse, para que pudessem continuar a viver a vida que tinham criado juntos. Leon não se aguentava sozinho e, assim, seria forçado a perceber isso mesmo.

Ia esticou-se e lançou um olhar persistente a Leon, sentado no alpendre, de costas para ela. Depois começou a fazer as malas.

Erica estava na cozinha quando ouviu a porta da frente abrir-se. Um momento depois, Patrik entrou precipitadamente na divisão.

– Que raio andaste a fazer?! – gritou. – Porque é que não me contaste que nos tinham assaltado a casa?

– Bem, eu não tinha a certeza se... – tentou dizer, embora soubesse que era inútil. Patrik estava tão irritado como Gösta previra que ficaria.

– Gösta disse-me que suspeitavas que John Holm estava por detrás disto e mesmo assim não me disseste nada! Esta gente é perigosa!

– Fala mais baixo. Acabei de deitar os miúdos. – Na verdade, este pedido era mais por sua causa. Detestava conflitos e o seu corpo desligava sempre que alguém gritava com ela, sobretudo Patrik, talvez por ser tão raro levantar-lhe a voz. Mas agora era pior, porque em parte, tinha de admitir que Patrik tinha razão.

– Senta-te e vamos conversar. A Ebba está lá em cima no escritório a consultar o material que pesquisei.

Erica viu que Patrik estava a lutar para se controlar. Respirou fundo algumas vezes, expirando pelo nariz. Parecia que tinha conseguido acalmar-se um pouco, mas ainda estava pálido quando acenou com a cabeça e se sentou à mesa da cozinha.

– Espero que tenhas uma explicação muito boa, incluindo o motivo para tu e o Gösta terem andado a fazer tudo nas minhas costas.

Erica sentou-se à frente do marido e fitou o tampo da mesa por alguns instantes. Estava a tentar descobrir como formular as palavras para poder ser completamente franca com Patrik e ao mesmo tempo sair o melhor possível daquela situação. Começou por contar-lhe como contactou Gösta depois de saber que ele tinha estado pessoalmente envolvido no caso do desaparecimento da família Elvander. Admitiu que não lhe contara porque sabia que ele não ia aprovar. Em vez disso, tinha persuadido Gösta a colaborar com ela durante algum tempo. Patrik não parecia satisfeito, mas pelo menos estava a ouvir o que Erica tinha a dizer. Quando lhe falou da visita a casa de John Holm e de que alguém tentara entrar-lhe no computador, Patrik voltou a empalidecer.

– Deves dar-te por satisfeita por não te terem levado o computador. Parto do princípio de que é demasiado tarde para mandar cá alguém procurar impressões digitais?

– Sim, acho que não serviria de nada. Estive a escrever no teclado e os miúdos estão sempre a correr de um lado para o outro com os dedos pegajosos.

Patrik abanou a cabeça, resignado.

– Além disso não tenho a certeza se o Holm está por detrás disto – afirmou Erica.
– Fiz essa suposição porque entraram cá depois de ter calhado tirar a tal nota.

– Ter calhado tirares a nota?! – exclamou Patrik, resfolegando.

– Mas entreguei-a a Kjell, por isso já não há perigo.

– As pessoas que estão à procura dela não sabem o que fizeste à nota. – Patrik olhou para Erica como se esta fosse uma idiota.

– Eu sei disso. Mas não aconteceu mais nada de mal.

– Mesmo assim, teria gostado de saber disto um pouco mais cedo. Pelo menos,

Gösta contou-me parte do que vocês os dois conseguiram descobrir.

– E amanhã vamos encontrar-nos com o sucateiro Olle e recuperar os bens da família.

– O sucateiro Olle?

– O Gösta não te disse? Descobrimos o que aconteceu a tudo o que pertencia à família Elvander. Parece que o sucateiro Olle era uma espécie de faz-tudo na colónia balnear quando aquilo era um colégio interno. Quando Gösta lhe telefonou a perguntar sobre os pertences da família, o Olle disse: «É incrível que a polícia tenha demorado tanto tempo para me perguntar se eu sabia dessas coisas!» – Erica riu-se.

– Quer dizer que o sucateiro Olle guardou as coisas estes anos todos?

– Sim e amanhã às dez vou lá com o Gösta para dar uma vista de olhos.

– Nem penses – disse Patrik. – Eu é que vou lá com o Gösta.

– Mas eu... – começou a dizer Erica, mas depois deu-se conta de que era melhor desistir. – *Okay*.

– A partir de agora não vais interferir mais nesta investigação – avisou-a Patrik, mas Erica percebeu, com alívio, que o marido já não estava zangado.

Ouviram passos nas escadas. Ebba estava prestes a juntar-se a eles.

Erica levantou-se para acabar de lavar os pratos.

– Amigos? – perguntou.

– Amigos – disse Patrik.

Ficou sentado no escuro a observá-la. A culpa fora dela. Anna tinha explorado a sua vulnerabilidade e enganara-o para que rompesse os seus votos para com Ebba. Prometera amar Ebba na saúde e na doença, até que a morte os separasse. Esse facto não mudou por saber agora que Ebba era culpada do que tinha acontecido. Amava-a e ia perdoar-lhe. Tinha estado a seu lado, vestido com o seu melhor fato, e prometera ser-lhe fiel. Ebba, tão linda no seu vestido branco simples, olhara-o nos olhos, ouvira as suas palavras e, em seguida, trancara-as no seu coração. Agora, Anna arruinara tudo.

Anna emitia um leve gemido e enterrou a cabeça na almofada. A almofada de Ebba. Tobias teve vontade de lançá-la para longe para impedir que o cheiro de Anna a maculasse. Ebba usava sempre o mesmo champô e a fronha costumava ter a fragrância do seu cabelo. Sentado na cama, Tobias cerrou os punhos. Ebba é que devia ter estado ao seu lado, com a luz da lua a iluminar-lhe o rosto belo, a lançar-lhe sombras em torno do nariz e dos olhos. Devia ter sido o peito nu de Ebba que subira e descera por cima da borda do cobertor. Olhou para os seios de Anna. Eram tão diferentes dos de Ebba, que eram como pequenos rebentos. Mas abaixo podia ver as cicatrizes que desciam, sinuosas, a caminho da barriga de Anna. Ao início da noite, quando passou as mãos por elas, sentiu-as ásperas e agora ficava enojado ao

vê-las. Cautelosamente, estendeu a mão, pegou no cobertor e puxou-o para lhe cobrir o corpo. Aquele corpo repulsivo que tinha estado encostado ao seu e apagara a memória da pele de Ebba.

O pensamento provocou-lhe náuseas. Tinha de remediar aquilo para que Ebba pudesse voltar. Por um momento, Tobias sentou-se perfeitamente imóvel. Então, pegou na sua almofada e, lentamente, baixou-a sobre a cara de Anna.

¹⁸ Autora de livros de culinária sueca nascida em Estocolmo em 1703. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1951

FOI MUITO INESPERADO. NÃO SE OPUNHA A TER FILHOS, PORÉM, À MEDIDA QUE OS ANOS FORAM PASSANDO SEM NADA ACONTECER, CHEGOU CALMAMENTE À CONCLUSÃO DE QUE NUNCA SERIA CAPAZ DE OS TER. SIGVARD JÁ TINHA DOIS FILHOS CRESCIDOS, POR ISSO NÃO PARECIA PREOCUPADO COM O FACTO DE LAURA SER ESTÉRIL.

MAS, UM ANO ATRÁS, COMEÇARA DE REPENTE A SENTIR-SE TERRÍVEL E INEXPLICAVELMENTE CANSADA. SIGVARD TEMEU O PIOR E MARCOU-LHE UMA CONSULTA NO MÉDICO DE FAMÍLIA PARA QUE ESTE LHE FIZESSE UM EXAME COMPLETO. LAURA TAMBÉM PENSOU QUE PODIA SER CANCRO OU UMA DOENÇA IGUALMENTE FATAL, MAS DESCOBRIU-SE QUE, AOS TRINTA ANOS, FICARA REPENTINAMENTE GRÁVIDA. O MÉDICO NÃO TINHA QUALQUER EXPLICAÇÃO PARA O FACTO E LAURA DEMOROU VÁRIAS SEMANAS A INTERIORIZAR A NOTÍCIA. POR ESSES DIAS LEVAVA UMA VIDA SEM QUAISQUER SOBRESSALTOS E ISSO CONVINHA-LHE NA PERFEIÇÃO. PREFERIA FICAR EM CASA, ONDE ERA SOBERANA E TUDO TINHA SIDO CUIDADOSAMENTE ESCOLHIDO E ORGANIZADO À SUA MANEIRA. MAS A ORDEM PERFEITA QUE TINHA TÃO METICULOSAMENTE ESTABELECIDO ESTAVA PRESTES A DISSIPAR-SE.

COM A GRAVIDEZ APARECERAM SINTOMAS PECULIARES E MUDANÇAS FÍSICAS INDESEJÁVEIS. A CONSTATAÇÃO DE QUE TINHA ALGO DENTRO DO CORPO QUE NÃO PODIA CONTROLAR PÔ-LA À BEIRA DO PÂNICO. O PARTO TINHA SIDO UM TORMENTO HORRÍVEL E LAURA DECIDIU QUE NUNCA MAIS SERIA SUBMETIDA A TAL EXPERIÊNCIA. RECUSAVA-SE A PASSAR PELAS DORES, PELA SENSACÃO DE IMPOTÊNCIA E POR AQUELA EXPERIÊNCIA ANIMALESCA DE DAR À LUZ UMA CRIANÇA, DE MODO QUE SIGVARD TEVE DE MUDAR-SE DEFINITIVAMENTE PARA O QUARTO DE HÓSPEDES. O MARIDO NÃO PARECEU IMPORTAR-SE, POIS ESTAVA SATISFEITO COM A SUA VIDA.

LAURA PASSOU OS PRIMEIROS DIAS COM ÎNEZ EM ESTADO DE CHOQUE. ENTÃO, DESCOBRIU NANNA, A ABENÇOADA E MARAVILHOSA NANNA, QUE LHE TIROU DE CIMA DOS OMBROS TODA A RESPONSABILIDADE PARA COM A BEBÉ E LHE PERMITIU CONTINUAR A FAZER A SUA VIDA. NANNA MUDOU-SE IMEDIATAMENTE LÁ PARA CASA PARA O QUARTO QUE FICAVA AO LADO DO BERÇÁRIO, PARA QUE PUDESSE RAPIDAMENTE TRATAR DE ÎNEZ A MEIO DA NOITE OU SEMPRE QUE ELA PRECISASSE DE ATENÇÃO. NANNA DEDICOU-SE DE ALMA E CORAÇÃO À BEBÉ E LAURA PASSOU A TER LIBERDADE DE ENTRAR E SAIR QUANDO LHE APETECIA. NORMALMENTE PASSAVA PELO QUARTO DA BEBÉ PARA UMA CURTA VISITA E, NESSAS OCASIÕES, CONSEGUIA GOSTAR DE ESTAR COM A FILHA. QUANDO ÎNEZ TINHA DEZOITO MESES, CONSEGUIA SER ENCANTADORA E DOCE, DESDE QUE NÃO ESTIVESSE A CHORAR POR TER FOME OU POR PRECISAR QUE LHE MUDASSEM A FRALDA. MAS ISSO ERA PROBLEMA DE NANNA, E LAURA PENSOU QUE TUDO SE TINHA RESOLVIDO DE FORMA PERFEITA, APESAR DA REVIRAVOLTA INESPERADA QUE A SUA VIDA TINHA DADO. LAURA NÃO GOSTAVA DE MUDANÇAS, POR ISSO, QUANTO MENOS O NASCIMENTO DA BEBÉ LHE ALTERASSE A VIDA, MAIS FACILMENTE ACEITAVA

A FILHA.

LAURA ENDIREITOU AS FOTOGRAFIAS EMOLDURADAS NA CÔMODA. HAVIA RETRATOS DELA E DE SIGVARD E DOS DOIS FILHOS DE SIGVARD COM AS RESPECTIVAS FAMÍLIAS. AINDA NÃO TINHAM CONSEGUIDO PÔR NENHUMA FOTOGRAFIA DE INEZ NUMA MOLDURA E LAURA NUNCA SONHARIA EXIBIR UM RETRATO DA MÃE. PREFERIA ESQUECER TUDO SOBRE A MÃE E A AVÓ.

PARA ALÍVIO DE LAURA, A MÃE PARECIA TER DESAPARECIDO PARA SEMPRE. HÁ DOIS ANOS QUE NÃO COMUNICAVA E NINGUÉM NA REGIÃO A TINHA VISTO. NO ENTANTO, O ÚLTIMO ENCONTRO AINDA ESTAVA FRESCO NA MENTE DE LAURA. DAGMAR TIVERA ALTA DO HOSPÍCIO HÁ UM ANO, MAS NÃO SE ATREVERA A APARECER NA CASA ONDE LAURA E SIGVARD VIVIAM. AS PESSOAS DIZIAM QUE ERA MUITAS VEZES VISTA A CAMBALEAR PELA CIDADE, EXATAMENTE COMO TINHA FEITO QUANDO LAURA ERA CRIANÇA. QUANDO DAGMAR FINALMENTE APARECEU À SUA PORTA – DESDENTADA, SUJA E ESFARRAPADA – PARECIA TÃO LOUCA COMO SEMPRE FORA E LAURA NÃO CONSEGUIA COMPREENDER PORQUE É QUE OS MÉDICOS LHE TINHAM DADO ALTA. PELO MENOS NO HOSPITAL DAVAM-LHE MEDICAMENTOS E NÃO A DEIXAVAM TOCAR EM ÁLCOOL. POR MUITO QUE LAURA TIVESSE GOSTADO DE DIZER À MÃE PARA SE PÔR A ANDAR DALI, DEIXOU-A ENTRAR, MOVENDO-SE RAPIDAMENTE PARA QUE OS VIZINHOS NÃO VISSEM.

– FIZESTE-TE CÁ UMA FINÓRIA – DISSE DAGMAR. – PARECE QUE SUBISTE NA VIDA.

LAURA CERROU OS PUNHOS POR DETRÁS DAS COSTAS. TUDO O QUE TINHA AFUGENTADO, TUDO O QUE AGORA APENAS LHE APARECIA EM SONHOS, TINHA-A REPENTINAMENTE ALCANÇADO.

– QUE QUERES?

– PRECISO DE AJUDA. – DAGMAR PARECIA À BEIRA DAS LÁGRIMAS. MOVIA-SE DE MODO ESTRANHO, RÍGIDO, E TINHA UM TIQUE NO ROSTO.

– PRECISAS DE DINHEIRO? – LAURA FOI BUSCAR A MALA.

– NÃO É PARA MIM – DISSE DAGMAR, QUE CRAVOU OS OLHOS NA MALA. – MAS PRECISO DE DINHEIRO PARA PODER IR À ALEMANHA.

LAURA OLHOU PARA A MÃE.

– À ALEMANHA? O QUE VAIS LÁ FAZER?

– NUNCA PUDE DESPEDIR-ME DO TEU PAI. NUNCA DISSE ADEUS AO MEU HERMANN.

DAGMAR COMEÇOU A CHORAR E LAURA OLHOU NERVOSAMENTE EM REDOR. NÃO QUERIA QUE SIGVARD OUVISSE ALGUMA COISA E FOSSE AO CORREDOR PARA AVERIGUAR O QUE ESTAVA A ACONTECER. NÃO DEVIA VER A MÃE ALI.

– CHIU! VOU DAR-TE O DINHEIRO. MAS ACALMA-TE, POR AMOR DE DEUS! – LAURA ESTENDEU-LHE UM MAÇO DE NOTAS. – TOMA! DEVE SER O SUFICIENTE PARA COMPRARES UM BILHETE PARA A ALEMANHA.

– AH, MUITO OBRIGADO. – DAGMAR AVANÇOU REPENTINAMENTE E AGARROU O DINHEIRO. EM SEGUIDA, PEGOU NAS MÃOS DA FILHA E BEIJOU-AS. ENOJADA, LAURA RETIROU AS MÃOS E LIMPOU-AS À SAIA.

– AGORA VAI – DISSE. A ÚNICA COISA QUE QUERIA ERA FAZER COM QUE A MÃE SAÍSSE DE

CASA E DA SUA VIDA, PARA QUE A PERFEIÇÃO VOLTASSE A REINAR. DEPOIS DE DAGMAR TER SAÍDO, LAURA DEIXOU-SE CAIR COM ALÍVIO NUMA CADEIRA DO VESTÍBULO.

JÁ SE TINHAM PASSADO DOIS ANOS E O MAIS PROVÁVEL ERA QUE A MÃE ESTIVESSE MORTA. LAURA TINHA DÚVIDAS DE QUE O DINHEIRO A TIVESSE CONSEGUIDO LEVAR MUITO LONGE, SOBRETUDO NO CAOS DO PÓS-GUERRA. E SE DAGMAR TIVESSE CONCRETIZADO AQUELE DELÍRIO DE DESPEDIR-SE DO SEU HERMANN GÖRING, PROVAVELMENTE TERIA SIDO ENCARADA COMO A LOUCA QUE REALMENTE ERA E SIDO TRAVADA ALGURES DURANTE O TRAJETO. NÃO ERA BOA IDEIA DIZER QUE SE CONHECIA UM HOMEM COMO GÖRING. A BRUTALIDADE DOS SEUS CRIMES NÃO TINHA DIMINUÍDO SIMPLEMENTE POR SE TER SUICIDADO NA PRISÃO UM ANO APÓS O FIM DA GUERRA. LAURA ESTREMECIA PERANTE A IDEIA DE A MÃE TER CONTINUADO A DIZER ÀS PESSOAS DA REGIÃO QUE GÖRING ERA O PAI DA FILHA. NÃO ERA UMA QUESTÃO DE ORGULHO. LAURA TINHA APENAS UMA VAGA LEMBRANÇA DE VISITAR A MULHER DE GÖRING EM ESTOCOLMO, MAS RECORDAVA-SE BASTANTE BEM DA VERGONHA E DO OLHAR QUE CARIN GÖRING LHE LANÇARA. OS OLHOS DE CARIN ESTAVAM REPLETOS DE COMPAIXÃO E DE AMABILIDADE E FOI SEM DÚVIDA POR CAUSA DE LAURA QUE NÃO GRITOU A PEDIR AJUDA, APESAR DE TER DECERTO FICADO APAVORADA.

BEM, AGORA TUDO ISSO ERA PASSADO. A MÃE TINHA DESAPARECIDO E NUNCA MAIS NINGUÉM FALARA DAS FANTASIAS DEMENTES DE DAGMAR. E NANNA TRATAVA DE FAZER COM QUE LAURA PUDESSE VIVER A SUA PRÓPRIA VIDA, COMO ESTAVA HABITUADA A FAZER. A ORDEM TINHA SIDO RESTABELECIDADA UMA VEZ MAIS E TUDO ERA PERFEITO. EXATAMENTE COMO DEVIASER.



Gösta olhou para Patrik, que tamborilava no volante e tinha os olhos resolutamente fixos nos carros que seguiam à frente deles. O trânsito era denso e as estreitas estradas de província não tinham sido feitas para engarrafamentos, por isso tinha de seguir colado à berma.

– Não foste demasiado duro com ela, pois não? – Gösta virou a cabeça para olhar pela janela do seu lado.

– Acho que foram os dois muito estúpidos e não vou mudar de ideias sobre isso tão cedo – disse Patrik, embora parecesse significativamente mais calmo do que no dia anterior.

Gösta não disse nada. Estava demasiado cansado para argumentar. Passara a maior parte da noite a consultar os processos. Mas não queria dizer isso a Patrik, que de momento provavelmente não gostaria de saber que alguém estava a fazer alguma coisa por sua própria iniciativa. Ergueu a mão para ocultar um bocejo. Ainda se sentia desapontado com a falta de resultados do seu esforço noturno. Não tinha descoberto nada de novo, nada lhe chamara a atenção. Ao mesmo tempo, não conseguia afastar a sensação de que a resposta estava ali, bem à frente do seu nariz, escondida algures naquela pilha de documentos. Inicialmente tinha sido a curiosidade, possivelmente misturada com o orgulho profissional, que o motivara a continuar. Mas agora movia-o uma sensação de desconforto. Ebba já não estava em segurança e a sua vida dependia de a polícia descobrir quem era o responsável pelos atentados de que fora alvo.

– Vira ali à esquerda. – Gösta apontou para uma estrada lateral alguns metros à frente.

– Já vi – disse Patrik, guinando temerariamente à esquerda.

– Não sei como é que te deram a carta – murmurou Gösta enquanto agarrava a pega por cima da porta do passageiro.

– Sou um excelente condutor – disse Patrik.

Gösta resfolegou. Acenou com a cabeça na direção da casa do sucateiro Olle.

– Os filhos vão ter uma grande dor de cabeça quando o Olle morrer e tiverem de limpar isto tudo.

Era mais um ferro-velho do que uma casa. Quem vivia na zona sabia que quando quisesse livrar-se de alguma coisa bastava chamar Olle que ficava satisfeitíssimo e ia buscar o que quer que fosse, o que significava que havia carros, frigoríficos,

reboques, máquinas de lavar e tudo o que se pudesse imaginar amontoado em torno de um par de anexos e de armazéns. Gösta até avistou um secador de cabelo de um cabeleireiro enquanto Patrik estacionava entre uma arca congeladora e um velho *Volvo Amazon*.

Um homem velho e magro, envergando um macacão, saiu de casa e foi cumprimentá-los.

– Teria sido melhor se tivessem vindo mais cedo. Metade do dia já se foi.

Gösta olhou para o relógio. Eram dez e um quarto da manhã.

– Olá, Olle. Ouvi dizer que tem umas coisas para nós.

– Bem, vocês demoraram a aparecer. Não percebo o que andam a fazer lá na esquadra. Nunca ninguém perguntou por estas coisas, por isso guardei-as. Estão ali, ao pé das tralhas do duque maluco.

Seguiram o sucateiro Olle até um celeiro escuro.

– O duque maluco? – perguntou Patrik.

– Não sei se era mesmo duque, mas tinha um apelido nobre qualquer.

– Está a falar de von Schlesinger?

– Exato. Tinha má fama por aqui porque simpatizava com Hitler e o filho foi lutar ao lado dos alemães. Mal lá chegou, o rapaz levou logo um tiro na cabeça. – Olle começou a vasculhar no meio de toda aquela tralha. – E se o velho não era louco antes, aquilo deu-lhe a volta ao miolo. Pensava que os Aliados iam à ilha atacá-lo. Nunca acreditariam em mim se vos contasse todas as coisas estranhas que ele fazia lá na ilha. Acabou por ter um derrame e morreu. – O sucateiro Olle fez uma pausa e olhou para os polícias sob a luz fraca enquanto coçava a cabeça. – Se bem me lembro, foi em 1953. Depois disso houve uma série de proprietários até os Elvander comprarem a casa. Meu Deus, que raio de ideia! Abrir um colégio interno na ilha e atrair todos aqueles meninos bem... Qualquer um podia ver que aquilo estava destinado a acabar mal.

Olle voltou a remexer a sucata enquanto murmurava para si mesmo. Uma nuvem de poeira elevou-se no ar e Gösta e Patrik começaram a tossir.

– Cá está. Quatro caixas de tralha. Os móveis ficaram na casa quando foi alugada, mas consegui recolher uma data de objetos soltos que por lá havia. Não se deve deitar as coisas fora sem mais nem menos, além disso, ninguém sabia se poderiam voltar. Embora a maior parte das pessoas, eu incluído, pensasse que o mais certo era estarem mortos.

– E nunca lhe ocorreu entrar em contacto com a polícia para dizer que tinha os pertences da família? – perguntou Patrik.

O sucateiro Olle endireitou-se e cruzou os braços.

– Eu disse ao agente Henry.

– O quê? Quer dizer que o Henry sabia que essas coisas estavam aqui? –

perguntou Gösta. Na verdade, não era a primeira vez que Henry se esquecia de passar informações vitais, mas não adiantava ficar zangado com alguém que já não estava vivo para se defender.

Patrik examinou as caixas.

– Deve haver espaço suficiente no carro para isto tudo, não achas?

Gösta assentiu.

– Se for preciso, podemos rebater os bancos traseiros.

– Tudo o que posso dizer é que já não era sem tempo. – Olle riu-se. – Demoraram mais de trinta anos a vir buscar essas coisas.

Gösta e Patrik fulminaram-no com o olhar, mas abstiveram-se de comentar.

– Que vai fazer a todas estas coisas que para aqui tem, Olle? – não pôde deixar de perguntar Gösta. Pessoalmente, sentia-se quase em pânico perante a visão de tanta tralha. A sua pequena casa podia não ser particularmente moderna, mas tinha orgulho em mantê-la limpa e arrumada e nunca ia transformar-se num daqueles velhos que guardam tudo e nadam no meio de um monte de lixo.

– Nunca se sabe se um dia não vão dar jeito. Se toda a gente fosse tão poupada como eu, o mundo seria um lugar diferente. Podem ter a certeza.

Patrik inclinou-se e tentou levantar uma das caixas, mas desistiu, soltando um gemido.

– Vamos ter de carregá-las os dois, Gösta. São demasiado pesadas.

Gösta lançou-lhe um olhar alarmado. Uma distensão muscular podia arruinar-lhe toda a temporada de golfe.

– Não devo pegar em coisas pesadas. Por causa das minhas costas.

– Vá lá. Dá-me aí uma ajuda.

Percebendo que seria inútil continuar com as desculpas, Gösta dobrou relutantemente os joelhos e pegou num dos lados da caixa. O pó fez-lhe comichão no nariz e espirrou várias vezes.

– Santinho – disse o sucateiro Olle com um sorriso rasgado que revelava três dentes superiores em falta.

– Obrigado – respondeu Gösta. Murmurando queixas, ajudou Patrik a colocar as caixas no porta-bagagens. Ao mesmo tempo, sentia uma expectativa enorme. Talvez houvesse algo nas caixas que lhes desse a pista de que tanto precisavam, mas ainda estava mais satisfeito por poder dizer a Ebba que tinham encontrado os pertences da família. Mesmo que desse cabo das costas, teria valido a pena.

Para variar, Kjell e Carina tinham decidido ficar a dormir até mais tarde. Kjell trabalhara até altas horas na noite anterior e pensou que merecia algumas horas extra na cama.

– Meu Deus – disse Carina, pondo-lhe a mão no ombro. – Ainda estou cheia de

sono.

– Eu também, mas quem disse que tínhamos de nos levantar? – Kjell aconchegou-se mais na cama, aproximando-se de Carina.

– Hum... Estou demasiado cansada.

– Só quero um abraço.

– Está bem, está. Achas que eu acredito nisso? – disse Carina, mas começou sensualmente a acariciar-lhe o pescoço.

O telemóvel de Kjell tocou de forma estridente no bolso das calças, que se encontravam aos pés da cama.

– Não atendas. – Carina chegou-se mais ao companheiro.

Mas o aparelho continuava a tocar e, por fim, Kjell não aguentou mais. Sentou-se, agarrou as calças e sacou o telemóvel. No ecrã lia-se «Sven Niklasson» e Kjell procurou desajeitadamente o botão para atender a chamada.

– Estou? Sven? Não, claro que não. Já estava acordado. – Kjell olhou para o relógio. Já passava das dez. Aclarou a garganta. – Descobriste alguma coisa?

Sven falou durante muito tempo e Kjell escutou com crescente espanto.

– Hum, hum – ia murmurando de vez em quando. Deitado de lado na cama e com a cabeça apoiada num braço, via Carina a estudar-lhe o rosto,

– Posso ir ter contigo a Malöga – disse por fim a Sven. – Agradeço teres-me deixado participar nisto. Nem todos os colegas estariam tão recetivos. A polícia de Tanum já foi informada? Gotemburgo? Bem, se calhar é melhor, atendendo à situação. Sim, deram uma conferência de imprensa ontem e estão ocupadíssimos com essa investigação. Parto do princípio de que o teu jornalista que esteve na conferência já te pôs a par de quase tudo. Já falamos melhor quando te for buscar. Até já.

Kjell estava praticamente sem fôlego quando terminou a chamada. Carina sorriu-lhe.

– Para Sven Niklasson vir até cá, calculo que seja coisa importante.

– Não vais acreditar. – Kjell levantou-se da cama e começou a vestir-se. Já não se sentia minimamente cansado. – Não vais acreditar – repetiu, agora mais para si próprio.

Erica desfez rapidamente a cama do quarto de visitas. Ebba tinha-se ido embora. Queria levar os documentos da pesquisa sobre a família, mas Erica perguntara-lhe se podia antes fazer-lhe cópias de tudo. Devia ter pensado nisso antes.

– Noel! Para de bater a Anton! – gritou para a sala sem se preocupar em verificar quem era o causador de todo aquele tumulto. Ninguém parecia tê-la ouvido, porque a choradeira aumentou.

– Mamãaa! Mamãaaa! O Noel está a bater no Anton – berrou Maja.

Com um suspiro, Erica pousou a roupa de cama. Sentia uma necessidade quase física de poder concluir uma tarefa sem ser interrompida por gritos de crianças a exigir-lhe atenção. Precisava de um tempo para si. Precisava que a deixassem ser adulta. Nada era mais importante na vida do que os filhos, mas às vezes sentia que tinha de sacrificar tudo o que queria fazer. Embora Patrik tivesse tirado alguns meses de licença de paternidade, fora sempre ela a supervisionar a vida familiar, certificando-se de que tudo funcionava sem problemas. Patrik ajudava muito, mas essa era a frase-chave: Patrik ajudava. E quando um dos filhos estava doente, era ela quem tinha de adiar uma data de entrega ou cancelar uma entrevista para que Patrik pudesse ir trabalhar. Dava o seu melhor para não pensar nisso, mas começava a sentir-se amargurada pelo facto de as suas necessidades e o seu trabalho serem sempre relegados para o último lugar.

– Para com isso, Noel! – disse Erica, puxando-o para longe do irmão gémeo, que estava deitado no chão a chorar. Noel também começou logo a chorar e Erica sentiu-se culpada por lhe ter agarrado o braço com tanta força.

– Mamã estúpida – disse Maja, olhando para Erica com ar zangado.

– Sim, a tua mãe é estúpida. – Erica sentou-se no chão e abraçou os gémeos, que soluçavam.

– Olá? – disse uma voz do vestíbulo.

Erica teve um sobressalto, mas então percebeu quem era. Só havia uma pessoa que lhe entrava em casa sem se preocupar em tocar à campainha.

– Olá, Kristina – disse Erica, levantando-se com esforço. Os gémeos pararam abruptamente de chorar e correram para a avó.

– Ordens do patrão. Vim tomar conta das crianças – disse Kristina, limpando as lágrimas das faces dos meninos.

– Tomar conta dos miúdos?

– Tens de ir até à esquadra – disse Kristina, olhando para Erica como se aquilo fosse óbvio. – Não sei mais nada. Sou uma mera reformada de quem se espera que esteja ao dispor a qualquer momento. Patrik telefonou-me e pediu-me que viesse imediatamente. Foi uma sorte ter-me encontrado em casa. Podia ter tido alguma coisa importante para fazer, quem sabe, ou até podia ter um encontro ou lá como lhe chamam agora, e disse a Patrik que desta vez podia ser, mas que para a próxima esperava que me avisassem com mais antecedência. É que tenho vida própria, embora possam pensar que já sou demasiado velha para isso. – Kristina parou para recuperar o fôlego e olhou para Erica. – De que é estás à espera? O Patrik disse que tinhas de ir à esquadra.

Erica continuava a não compreender o que estava a acontecer, mas decidiu não fazer mais perguntas. Fosse o que fosse, pelo menos permitir-lhe-ia fazer uma breve pausa e era exatamente disso que precisava naquele momento.

– Como eu disse ao Patrik, só posso ficar durante o dia, porque hoje à noite dá o *Sommarkrysset*¹⁹ e não quero perdê-lo por nada deste mundo. E antes disso tenho de lavar roupa e ir ao supermercado, por isso não posso ficar depois das cinco, senão não vou ter tempo de fazer tudo, e também tenho de fazer umas coisas em casa. Não posso estar constantemente às vossas ordens, embora haja sem dúvida muita coisa para fazer nesta casa.

Erica bateu com a porta quando saiu e sorriu. Liberdade.

Quando entrou no carro pôs-se a pensar. Que poderia ser tão urgente? A única coisa em que conseguia pensar era que devia ter algo que ver com a visita ao sucateiro Olle. Presumivelmente, Patrik e Gösta tinham encontrado os pertences da família. A assobiar, começou a conduzir em direção a Tanumshede. De repente, arrependeu-se de se ter queixado de Patrik, pelo menos até certo ponto. Se o marido lhe permitisse ajudá-lo com os pertences da família Elvander, faria de bom grado todas as tarefas domésticas sozinha durante um mês inteiro.

Parou no parque de estacionamento da esquadra e correu para dentro do edifício feio e atarracado. A receção estava vazia.

– Patrik? – chamou enquanto avançava pelo corredor.

– Estamos aqui. Na sala de conferências.

Erica parou à entrada. A mesa e o chão estavam completamente cobertos por toda a espécie de objetos.

– Isto não foi ideia minha – disse Patrik, que estava de costas. – Gösta achou que merecias estar presente.

Erica lançou um beijo a Gösta, que corou e virou a cara.

– Já encontraram alguma coisa interessante? – perguntou Erica.

– Não. Ainda estamos a tirar tudo das caixas, não fizemos muito mais. – Patrik soprou o pó de vários álbuns de fotografias que pousou em cima da mesa.

– Querem que vos ajude a tirar as coisas das caixas ou começo a dar uma vista de olhos ao que já está aqui?

– As caixas estão quase vazias, por isso podes começar. – Patrik virou-se para olhar para a mulher. – A minha mãe sempre foi lá para casa?

– Não, os miúdos já têm idade suficiente, por isso pensei que podia deixá-los sozinhos durante algum tempo. – Erica riu-se. – Claro que Kristina já lá está. Senão não saberia que era para vir cá.

– Primeiro tentei falar com a Anna, mas a tua irmã não atendeu nem o telefone fixo nem o telemóvel.

– A sério? É estranho. – Erica franziu a testa. Anna raramente se afastava mais do que alguns metros do telemóvel.

– O Dan e os miúdos foram viajar, por isso aposto que a Anna está a dormir uma sesta numa espreguiçadeira, a aproveitar o sol em paz e sossego.

– Deve ser isso. – Erica afastou a sensação desconfortável e começou a passar em revista todas os objetos espalhados pela sala.

Trabalharam em silêncio durante muito tempo. As caixas continham sobretudo objetos usuais, que qualquer pessoa possuiria: livros, canetas, escovas de cabelo, sapatos e roupas que já cheiravam a bafio.

– Que aconteceu aos móveis e àqueles objetos de decoração que toda a gente tem em casa? – perguntou Erica.

– Ficaram na casa. Suspeito que a maior parte das coisas foi desaparecendo ao longo dos anos, tendo em conta todos os inquilinos que lá viveram. Vamos ter de perguntar à Ebba e ao Tobias por eles. Deve ter restado pelo menos alguma coisa quando se mudaram para lá na primavera.

– É verdade, ontem, a Anna foi à ilha encontrar-se com o Tobias. Pediu-me o barco emprestado. Espero que tenha regressado sã e salva.

– Tenho a certeza de que a Anna está bem, mas podes telefonar ao Tobias, se estás preocupada. Assim ficas a saber quando voltou para casa.

– Acho que vou fazer isso.

Erica tirou o telemóvel da mala e marcou o número de Tobias. A conversa foi breve e, depois de ter terminado a chamada, olhou para Patrik.

– A Anna só lá esteve uma hora ontem à tarde e o mar estava perfeitamente calmo quando se veio embora.

Patrik limpou as mãos empoeiradas às calças.

– Estás a ver?

– Pois. Ainda bem que telefonei. – Erica acenou com a cabeça, mas por dentro sentia-se inquieta. Havia qualquer coisa que não batia certo. Ao mesmo tempo, sabia que tendia a preocupar-se demasiado com Anna e muitas vezes exagerava, por isso afastou aqueles pensamentos e continuou a verificar os objetos que Patrik e Gösta tinham tirado das caixas.

– É tão estranho – disse com uma lista de supermercado na mão. – Deve ter sido a Inez a escrever isto. Custa a acreditar que tinha uma vida normal, que incluía coisas como listas de compras: leite, ovos, açúcar, compotas, café... – Erica entregou a lista a Patrik.

O marido olhou para a lista de relance, suspirou e voltou a entregá-la a Erica.

– Não temos tempo para isso. Temos de concentrar-nos em encontrar alguma coisa que possa ser relevante para o caso.

– Okay – disse Erica, repondo o papel em cima da mesa.

Continuaram os três à procura.

– Um tipo muito metódico, este Rune – comentou Gösta, mostrando-lhes um livro de registos que parecia conter todas as despesas da família e do colégio. A caligrafia era tão minuciosa que quase parecia que as páginas tinham sido batidas à máquina.

– Aparentemente não havia despesas tão insignificantes que não valesse a pena registrar. Estão aqui todas – disse Gösta, folheando o livro.

– Isso não me surpreende, tendo em conta o que ouvi sobre o Rune – disse Erica.

– Vejam isto. Parece que alguém tinha uma queda por Leon. – Patrik ergueu uma página que tinha sido arrancada de um caderno e estava coberta de rabiscos.

– «A, coração, L» – leu Erica em voz alta. – E estava a praticar o seu futuro nome: Annelie Kreutz. Quer dizer que a Annelie estava apaixonada pelo Leon. Isso também encaixa no que ouvi.

– O que diria o papá Rune disso? – comentou Gösta.

– Tendo em conta a necessidade que ele tinha de controlar tudo, poderia ser uma desgraça se tivessem realmente um relacionamento – disse Patrik.

– A questão é saber se o sentimento era mútuo. – Erica sentou-se na borda da mesa. – A Annelie estava apaixonada pelo Leon, mas estaria o Leon apaixonado por ela? De acordo com o John, não estava, mas podia estar a esconder os seus sentimentos dos outros.

– Os ruídos noturnos – disse Gösta. – A Erica disse-nos que o Ove Linder afirmou que ouvia barulhos durante a noite. Será que eram o Leon e a Annelie que se encontravam às escondidas?

– Ou talvez fossem fantasmas – disse Patrik.

– Ah, sim, de certeza – disse Gösta, alcançando mais uns quantos recibos para consultar. – A Ebba já regressou à ilha?

– Sim, apanhou boleia no barco do correio – disse distraidamente Erica. Tinha pegado num dos álbuns de fotografias e estava a estudá-las atentamente. Havia uma fotografia de uma mulher jovem com cabelo comprido e uma criança nos braços. – Não parece muito feliz.

Patrik olhou por cima do ombro.

– Inez e Ebba.

– Sim, e estes devem ser os outros filhos do Rune. Erica apontou para três filhos de diferentes idades e alturas que pareciam estar relutantemente a posar contra uma parede.

– A Ebba vai adorar estas fotos – disse Erica, virando a página. – Significam muito para ela. Ah, esta deve ser a avó materna, a Laura.

– Essa mulher parece perigosa – disse Gösta, espreitando por cima do ombro de Erica.

– Que idade tinha quando morreu? – perguntou Patrik.

Erica fez uma pausa para pensar.

– Devia ter cinquenta e três. Uma manhã encontraram-na morta nas traseiras da casa.

– A morte dela não levantou suspeitas? – perguntou Patrik.

– Que eu saiba, não. Ouviu alguma coisa em contrário, Gösta?

O velho agente abanou a cabeça.

– O médico foi à ilha e concluiu que, por algum motivo, Laura deve ter saído de casa durante a noite, teve um ataque cardíaco e morreu. Não há indícios de que a morte não tenha ocorrido por causas naturais.

– Foi a mãe da Laura que desapareceu? – perguntou Patrik.

– Sim. Dagmar desapareceu em 1949.

– Uma alcoólica inveterada – disse Gösta. – Pelo menos foi o que ouvi dizer.

– É um milagre que a Ebba seja uma pessoa tão normal, tendo em conta a história da família.

– Talvez por ter crescido em Rosenstigen e não em Valö – afirmou Gösta.

– Pois, deve ter sido por isso – afirmou Patrik, recomeçando a vasculhar por entre os objetos.

Duas horas mais tarde tinham visto tudo e trocaram olhares decepcionados. Embora Ebba fosse ficar satisfeita por ter mais fotografias e objetos da família, não tinham encontrado nada de útil para a investigação. Erica estava à beira das lágrimas. Tinha tido enormes expectativas, mas a sala de conferências estava pejada de objetos que não tinham absolutamente nenhuma utilidade para eles.

Erica olhou de relance para o marido. Algo o incomodava, mas Patrik parecia não conseguir descobrir o que era. Já lhe tinha visto aquela expressão no rosto.

– Em que estás a pensar?

– Não tenho a certeza, mas há qualquer coisa que parece... suspeita. Mais logo lembro-me, espero – disse Patrik, parecendo irritado.

– Ora bem. Vamos lá arrumar isto tudo – disse Gösta, começando a colocar os objetos numa caixa.

– Parece que não tivemos sorte.

Patrik também começou a arrumar e Erica ficou para ali, sem fazer qualquer esforço para ajudar. Os olhos varreram a sala numa última tentativa de encontrar algo de interesse e estava prestes a desistir quando reparou em vários livretos pretos que reconheceu de imediato. Passaportes da família, que Gösta tinha empilhado muito direitinhos sobre a mesa. Semicerrou os olhos e depois aproximou-se para os examinar, contando silenciosamente para si. Pegou no maço e dispôs os passaportes lado a lado.

Patrik parou de embalar os objetos e olhou para a mulher.

– Que estás a fazer?

– Não estás a ver isto? – perguntou, e apontou para os passaportes.

– Não. Que queres dizer?

– Conta-os.

Silenciosamente, Patrik contou-os. Erica reparou que o marido abriu muito os

olhos.

– Há aqui quatro passaportes – disse Erica. – Não devia haver cinco?

– Sim, se presumirmos que a Ebba era demasiado nova para ter um.

Patrik aproximou-se e pegou nos passaportes. Abriu-os, um após o outro, para verificar o nome e a fotografia. Depois virou-se para Erica.

– Então? De quem é o passaporte que falta? – perguntou.

– O da Annelie. Falta o passaporte da Annelie.

¹⁹ Programa televisivo com atuações ao vivo e um concurso no qual os telespetadores podem ganhar dinheiro respondendo a perguntas. (*N. do T.*)

FJÄLLBACKA, 1961

A MAMÃ É QUE SABIA. ERA UMA VERDADE COM A QUAL INEZ TINHA CRESCIDO E QUE SEMPRE TOMARA COMO CERTA. NEM SEQUER SE LEMBRAVA DO PAI. TINHA APENAS TRÊS ANOS QUANDO O PAI TEVE UM DERRAME E ACABOU POR MORRER ALGUMAS SEMANAS MAIS TARDE NO HOSPITAL. DEPOIS DISSO, APENAS TINHA A MAMÃ E A NANNA.

ÀS VEZES, INEZ PERGUNTAVA A SI PRÓPRIA SE AMAVA A MÃE. NÃO TINHA A CERTEZA. ADORAVA NANNA E O URSINHO DE PELUCHE QUE TINHA NA CAMA DESDE QUE ERA BEBÊ, MAS ENTÃO E A MAMÃ? SABIA QUE DEVIA AMÁ-LA, TAL COMO AS OUTRAS CRIANÇAS NA ESCOLA AMAVAM AS SUAS MÃES. DAS POUCAS VEZES QUE A TINHAM DEIXADO IR BRINCAR A CASA DE OUTRA MENINA, VIU COMO AS MÃES E AS FILHAS SE CUMPRIMENTAVAM COM EXPRESSÕES FELIZES E COMO A MENINA SE LANÇAVA NOS BRAÇOS DA MÃE. INEZ SENTIA UM NÓ NO ESTÔMAGO QUANDO VIA AS COLEGAS COM AS MÃES. POR ISSO FIZERA O MESMO QUANDO CHEGOU A CASA. LANÇARA-SE NOS BRAÇOS DE NANNA, QUE ESTAVAM SEMPRE ABERTOS PARA ELA.

A MAMÃ NÃO ERA UMA PESSOA MÁ E, TANTO QUANTO INEZ SE LEMBRAVA, NUNCA LHE LEVANTARA A VOZ. ERA NANNA QUEM A REPREENDIA QUANDO FAZIA ALGUM DISPARATE. MAS A MAMÃ ERA RIGOROSA EM RELAÇÃO À MANEIRA COMO AS COISAS DEVIAM SER FEITAS E INEZ NÃO TINHA AUTORIZAÇÃO PARA CONTRADIZÊ-LA.

O MAIS IMPORTANTE ERA FAZER AS COISAS CORRETAMENTE. ERA O QUE A MÃE ESTAVA SEMPRE A DIZER: «QUALQUER COISA QUE VALHA A PENA SER FEITA TEM DE SER BEM FEITA.» A INEZ NUNCA ERA PERMITIDO SER DESLEIXADA. AS MATÉRIAS DAS AULAS TINHAM DE SER ESCRITAS NUMA CALIGRAFIA IMPECÁVEL NAS SEBENTAS, SEM PASSAR AS LINHAS E, NA SEBENTA DE MATEMÁTICA, OS NÚMEROS TINHAM DE ESTAR PERFEITOS. AS IMPRESSÕES TÊNUES DEIXADAS POR NÚMEROS MAL FEITOS, MESMO QUE CUIDADOSAMENTE APAGADOS, ERAM PROIBIDAS. SE INEZ NÃO TINHA A CERTEZA, TINHA DE ESCREVÊ-LOS PRIMEIRO NUMA FOLHA DE RASCUNHO E SÓ DEPOIS INSERIR-LOS NA SEBENTA.

TAMBÉM ERA IMPORTANTE NÃO DESARRUMAR NADA, PORQUE QUALQUER TIPO DE DESARRUMAÇÃO TRARIA CONSEQUÊNCIAS TERRÍVEIS. INEZ NÃO SABIA QUAIS PODIAM SER, MAS O QUARTO TINHA DE ESTAR SEMPRE EM PERFEITA ORDEM. INEZ NUNCA SABIA QUANDO LAURA PODIA APARECER PARA CONTROLAR. SE ALGUMA COISA ESTIVESSE FORA DO LUGAR, A MÃE FICARIA MUITO DECECIONADA E DIRIA QUE QUERIA TER UMA CONVERSA COM INEZ, QUE ODIAVA ESSAS CONVERSAS. NÃO QUERIA ENTRISTECER A MÃE E ESSE ERA NORMALMENTE O OBJETO DE TAIS DISCUSSÕES – INEZ DECECIONARA LAURA.

TAMBÉM NÃO ESTAVA AUTORIZADA A DESARRUMAR O QUARTO DE NANNANEM A COZINHA. AS OUTRAS DIVISÕES DA CASA – O QUARTO DA MÃE, A SALA DE ESTAR, O QUARTO DE HÓSPEDES E O SALÃO – ESTAVAM-LHE COMPLETAMENTE VEDADOS. PODIA PARTIR ALGUMA

COISA, EXPLICARA A MÃE. NÃO ERAM SÍTIOS PARA CRIANÇAS. INEZ OBEDECIA, PORQUE ISSO LHE TORNAVA A VIDA MAIS SIMPLES. DETESTAVA DISCUSSÕES E NÃO GOSTAVA DE TER AQUELE GÊNERO DE CONVERSAS COM A MÃE. SE FIZESSE O QUE A MAMÃ DIZIA, PODIA EVITAR AMBAS.

NA ESCOLA, INEZ ERA DISCRETA, CERTIFICANDO-SE DE QUE FAZIA TUDO O QUE SE ESPERAVA DELA. O QUE DEIXAVA CLARAMENTE OS PROFESSORES SATISFEITOS. OS ADULTOS PARECIAM FICAR CONTENTES QUANDO AS CRIANÇAS OBEDECIAM.

AS COLEGAS DE TURMA NÃO SE METIAM COM INEZ, COMO SE NÃO VALESSE A PENA BRIGAR COM ELA. EM ALGUMAS OCASIÕES HAVIAM FEITO TROÇA DELA, REFERINDO-SE À AVÓ, O QUE INEZ ACHAVA MUITO ESTRANHO, UMA VEZ QUE NÃO TINHA AVÓ. FALARA NISSO À MÃE, PORÉM, EM VEZ DE RESPONDER, LAURA TINHA DECIDIDO QUE PRECISAVAM DE TER OUTRA VEZ UMA DAQUELAS CONVERSAS. INEZ TAMBÉM TINHA PERGUNTADO A NANNA, MAS ESTA TINHA INESPERADAMENTE COMPRIMIDO OS LÁBIOS E DEPOIS DISSERA-LHE QUE NÃO PODIA FALAR SOBRE ESSES ASSUNTOS. POR ISSO, INEZ NÃO FIZERA MAIS PERGUNTAS. NÃO ERA SUFICIENTEMENTE IMPORTANTE PARA ARRISCAR MAIS UMA CONVERSA E, ALÉM DISSO, A MAMÃ É QUE SABIA.



Ebba saltou para o cais em Valö, agradecendo efusivamente a boleia. Pela primeira vez desde que chegara à ilha sentia expectativa e alegria enquanto subia o caminho até à casa. Havia tanta coisa que ansiava dizer a Tobias.

À medida que se aproximava deu-se subitamente conta da beleza da casa. Claro que ainda precisava de muitas obras – apesar de todos os esforços dos dois, mal tinham começado –, mas havia ali potencial. Como uma joia branca, ali estava ela, no meio de toda a vegetação, e mesmo que não conseguisse ver o mar, sabia que estava completamente rodeada por água.

Iam demorar a reencontrar o caminho de volta um para o outro e a vida de ambos nunca mais seria a mesma. Mas isso não significava que seria pior. Talvez conseguissem construir uma relação ainda mais forte. Ebba mal se atrevera a pensar em tal coisa antes, mas talvez até conseguissem encontrar espaço para uma criança na sua vida. Não enquanto tudo ainda era tão novo e frágil, nem enquanto tivessem tanto trabalho a fazer, quer na casa, quer neles próprios, mas talvez mais tarde Vincent pudesse vir a ter um irmão ou uma irmã. Era assim que Ebba via as coisas. Um irmão ou uma irmã para o seu anjinho.

Ebba conseguira acalmar os temores dos pais. Tinha-lhes pedido desculpa por não lhes ter contado tudo o que tinha acontecido e depois persuadira-os a não virem a correr para Fjällbacka. Também lhes fizera outra chamada a contar que soubera muita coisa sobre a sua família biológica, e sabia que os pais ficariam felizes por ela e compreenderiam o significado que aquilo tinha na sua vida. Mas os pais adotivos não queriam que Ebba regressasse à ilha até que a polícia descobrisse o que estava a acontecer. Por isso tinha mentido, dizendo que passaria mais uma noite em casa de Erica, o que pareceu agradar-lhes.

Assustava-a pensar que alguém estava a tentar fazer-lhes mal, mas Tobias tinha optado por ficar e Ebba tinha decidido juntar-se ao marido. Pela segunda vez na vida, escolheu Tobias. Tinha mais medo de perdê-lo do que do desconhecido que estava a ameaçá-los. Era impossível controlar tudo na vida – a morte de Vincent ensinara-lhe isso. O seu destino era ficar com Tobias, acontecesse o que acontecesse.

– Olá? – Ebba deixou cair o saco de viagem no chão do vestíbulo. – Tobias? Onde estás?

A casa estava muito silenciosa. Ebba escutava em busca de ruídos enquanto subia

lentamente as escadas. Teria ido fazer alguma coisa a Fjällbacka? Não, tinha visto o barco no cais. Também estava lá outro barco ancorado. Será que tinham visitas?

– Olá? – voltou a chamar, mas ouviu apenas a própria voz a ecoar nas paredes nuas. O sol brilhante entrava pelas janelas, iluminando as partículas de poeira que giravam no ar enquanto Ebba avançava. Foi até ao quarto.

– Tobias? – Ebba parou, surpreendida com a visão do marido sentado no chão, encostado à parede e a olhar fixamente em frente. Tobias não reagiu.

Ebba ficou instantaneamente alarmada. Agachou-se e acariciou-lhe o cabelo. Tobias estava com ar abatido.

– O que se passa? – perguntou.

O marido virou-se e olhou para ela.

– Voltaste? – disse com voz monótona e Ebba assentiu.

– Sim, e não fazes ideia das coisas que quero dizer-te. Tive muito tempo para pensar enquanto estive em casa da Erica. Apercebi-me de uma coisa que acho que também já sabes: que só nos temos um ao outro, que precisamos de tentar. Eu amo-te, Tobias. Vamos sempre trazer o Vincent aqui – Ebba pôs a mão no coração –, mas não podemos viver como se também estivéssemos mortos.

Ficou em silêncio, à espera de uma reação, mas Tobias não disse uma única palavra.

– Tantas coisas encaixaram quando a Erica me falou da minha família. – Ebba sentou-se ao lado do marido e começou ansiosamente a contar-lhe as histórias sobre Laura, Dagmar e a Fazedora de Anjos.

Quando terminou, Tobias acenou com a cabeça.

– A culpa foi transmitida.

– Como assim?

– A culpa foi transmitida – repetiu Tobias, erguendo a voz até atingir um tom de falsete.

Passou a mão pelo cabelo, pondo-o em pé. Ebba estendeu a mão para alisá-lo, mas Tobias afastou-lha bruscamente.

– Nunca estiveste disposta a admitir a tua culpa.

– Que culpa? – uma sensação desconfortável apoderou-se de Ebba, mas tentou afastá-la. Aquele era Tobias, o seu marido.

– A culpa da morte do Vincent. Como podemos continuar com a nossa vida se tu nunca vais admitir a tua culpa? Mas agora compreendo porquê. Está dentro de ti. A avó da tua avó era uma assassina de crianças e tu assassinaste o nosso filho.

Ebba recuou como se Tobias lhe tivesse batido. E era como se o tivesse realmente feito ao proferir aquelas palavras terríveis. Estava a acusá-la de matar Vincent? O desespero crescia-lhe no peito e teve vontade de gritar com ele, mas apercebeu-se de que o marido não estava bem. Não sabia o que estava a dizer. Essa era a única

explicação. Caso contrário, nunca lhe teria dito algo tão terrível.

– Tobias – disse Ebba com toda a calma possível, mas o marido limitou-se a apontar para ela e prosseguiu:

– Foste tu que o assassinaste. Carregas a culpa. Sempre a carregaste.

– Que estás a dizer, meu querido? Tu sabes o que aconteceu. Eu não matei o Vincent. Ninguém tem culpa da morte do nosso filho e tu sabes disso. – Ebba agarrou Tobias pelos ombros e olhou-o nos olhos, tentando incutir-lhe algum bom senso.

Ebba olhou em redor e, de repente, apercebeu-se de que os lençóis estavam revolvidos. A cama estava por fazer. Um tabuleiro no chão continha pratos com restos de comida e dois copos com restos de vinho tinto.

– Quem esteve aqui? – perguntou, mas Tobias não respondeu, limitando-se a lançar-lhe um olhar gélido.

Lentamente, Ebba começou a afastar-se dele. Sabia instintivamente que tinha de sair dali. Aquele não era Tobias, era outra pessoa e, por um segundo, perguntou a si própria há quanto tempo seria ele aquela pessoa que via agora à sua frente. Há quanto tinha aquela frieza nos olhos sem que se tivesse apercebido?

Continuou a recuar.

Movendo-se rapidamente e sem tirar os olhos dela, Tobias levantou-se. Aterrorizada, Ebba recuou mais depressa, tentando pôr-se de pé, mas Tobias estendeu a mão e empurrou-a de volta para o chão.

– Tobias? – disse novamente Ebba.

O marido nunca lhe tinha posto a mão em cima. Nunca. Protestava sempre que Ebba queria matar uma aranha, insistindo que a pusesse antes fora com mil cuidados. Mas esse Tobias já não existia. Talvez tivesse sido destruído quando Vincent morreu. Ebba tinha estado demasiado imersa na sua própria dor para perceber e agora era tarde de mais.

Tobias inclinou a cabeça para um lado enquanto a estudava, como se Ebba fosse uma mosca presa na sua teia. O coração martelava-lhe o peito, mas não tinha forças para lutar. Além disso, para onde poderia fugir? Era mais fácil render-se. Juntar-se-ia a Vincent. A morte não a assustava. Naquele momento, apenas sentia dor. Uma grande tristeza por Tobias se ter ido abaixo daquela maneira. Tristeza por as suas esperanças em relação ao futuro terem sido tão rapidamente destroçadas.

Quando Tobias se baixou e lhe pôs as mãos em volta do pescoço, Ebba olhou-o calmamente nos olhos. As mãos do marido estavam quentes e o seu toque era completamente familiar. Aquelas mãos tinham-lhe acariciado a pele tantas vezes... Tobias apertou com mais força e Ebba sentiu o coração acelerar. Viu chispas de luz e o corpo resistiu, lutando em busca de ar, mas Ebba encheu-se de coragem e obrigou-se a relaxar. Enquanto a escuridão descia sobre ela, aceitou o seu destino.

Vincent estava à sua espera.

Gösta estava sozinho na sala de conferências. A emoção que sentira quando descobriram que faltava um passaporte esmorecera. Talvez fosse um cínico, mas não podia deixar de pensar que podia haver muitas explicações para um passaporte a menos. O passaporte de Annelie podia ter sido destruído ou ter-se perdido, ou podia pura e simplesmente ter sido guardado noutra sítio, separado dos restantes, e depois desaparecera quando a casa fora esvaziada. Ainda era plausível que a sua ausência fosse significativa, mas teria de ser Patrik a descobri-lo. Entretanto, Gösta tinha tido subitamente vontade de consultar toda a documentação mais uma vez. Devia-o a Ebba; tinha de ser o mais rigoroso possível. Podia haver algo que lhes tivesse escapado, algo que não tinham examinado suficientemente bem.

Maj-Britt nunca lhe teria perdoado se não fizesse tudo o que estivesse ao seu alcance para ajudar a miúda. Ebba tinha regressado a Valö. Algo escuro e ameaçador a esperava na ilha e Gösta tinha que fazer tudo o que pudesse para impedir que lhe fizessem mal.

Ebba ocupava um lugar especial no coração de Gösta desde que se agarrara a ele naquele dia quando estava prestes a sair de sua casa. Tinha sido um dos piores dias da sua vida. Cada pormenor dessa manhã, quando a assistente social apareceu para levar Ebba para a sua nova família, estava-lhe gravado na memória. Maj-Britt dera-lhe banho e penteara-lhe o cabelo, atando-o com um laço. Depois pusera-lhe aquele vestido com uma fita em volta da cintura, o vestido que ela própria tinha feito durante várias noites seguidas. Gösta mal fora capaz de olhar para Ebba naquela manhã. Parecia tão doce...

Receando que o coração se partisse, Gösta planeava não dizer adeus à menina, mas Maj-Britt tinha insistido que se despedissem dela como devia ser. Então, Gösta tinha-se agachado e estendido os braços, e Ebba correra para ele, o laço no cabelo a oscilar e o vestido a adejar como uma vela branca. Ebba abraçou-o e agarrou-se a ele com muita força, como se soubesse que aquela seria a última vez que se iriam ver.

Gösta engoliu em seco quando tirou cautelosamente a roupa de bebé de Ebba da caixa que Patrik tinha acabado de encher.

– Gösta. – Patrik estava à entrada.

O velho agente deu um pulo e virou-se. Ainda tinha um *babygrow* nas mãos.

– Como é que soubeste a morada dos pais da Ebba em Gotemburgo? – perguntou Patrik.

Gösta não respondeu. Os pensamentos rodopiavam-lhe no cérebro e tentou pensar em alguma explicação. Talvez pudesse dizer que tinha visto a morada algures. Provavelmente conseguiria que Patrik acreditasse nele, mas em vez disso suspirou e

disse:

– Eu é que lhe enviei os postais.

– Quer dizer que tu és «G»? – perguntou Patrik. – Não posso acreditar que isso nunca me tenha ocorrido.

– Devia ter-te dito. Tentei algumas vezes. – Gösta baixou a cabeça, envergonhado. – Mas só enviei postais aos pais da Ebba. O último, aquele que Tobias nos veio cá trazer, não era meu.

– Eu sei. Por acaso tenho andado a pensar nesse postal. A mensagem era tão drasticamente diferente das dos outros.

– E também não copiaram muito bem a minha letra. – Gösta pousou o *babygrow* e cruzou os braços.

– Pois, não seria fácil copiar aqueles gatafunhos que tu fazes.

Gösta sorriu, aliviado por Patrik ter decidido ser tão compreensivo. Não sabia se ele próprio teria sido tão magnânimo.

– Sei que este caso tem um significado especial para ti – disse Patrik como se tivesse lido a mente de Gösta.

– Não posso deixar que nada lhe aconteça. – Gösta virou-se e começou novamente a vasculhar o conteúdo da caixa.

Patrik não se mexeu e Gösta virou-se novamente para o encarar.

– Tudo muda se a Annelie ainda estiver viva. Ou, se não estiver, pelo menos se tiver *sobrevivido* naquela altura. Já disseste a Leon que queremos ter outra conversa com ele?

– Prefiro surpreendê-lo. Se o conseguirmos apanhar desprevenido, há mais hipóteses de o fazermos falar. – Patrik calou-se, parecendo não saber ao certo se havia de continuar. Mas depois disse: – Julgo que sei quem enviou o último postal.

– Quem?

Patrik abanou a cabeça.

– Foi só um palpite e pedi ao Torbjörn para verificar. Saberei mais depois de ele me dizer alguma coisa. Até lá prefiro não adiantar mais nada, mas prometo-te que vais ser o primeiro a saber.

– Espero bem que sim. – Gösta voltou a virar-se. Ainda havia uma data de coisas na caixa que queria voltar a inspecionar. Algo que já tinha visto deixara-o inquieto e não estava disposto a desistir até perceber o que era.

Provavelmente, Rebecka não compreenderia, mas mesmo assim Josef tinha-lhe deixado uma carta. Pelo menos saberia que a amava e que estava grato pela vida que tinham tido juntos. Apercebia-se agora de que a tinha sacrificado, a ela e aos filhos, por causa do seu sonho. A vergonha e a dor tinham-no impedido de ver quanto significavam para ele. No entanto, Rebecka e os filhos tinham permanecido

lealmente a seu lado.

Também tinha enviado uma carta a cada um dos filhos. Igualmente sem qualquer explicação, apenas algumas palavras de despedida e instruções sobre o que esperava deles. Era importante que não se esquecessem de que tinham uma responsabilidade e uma missão a cumprir, mesmo que Josef não estivesse presente para lhes recordar isso.

Lentamente, comeu o ovo que comia sempre à hora do almoço, cozido durante exatamente oito minutos. Quando eram recém-casados, Rebecka enganava-se no tempo. Às vezes deixava o ovo cozer sete minutos, às vezes dez. Mas há anos que não cozia mal o ovo. Tinha sido uma mulher fiel e cumpridora e os sogros tinham gostado muito dela.

Porém, às vezes era demasiado indulgente com os filhos, o que o incomodava. Podiam já ser adultos, mas continuavam a precisar de ser guiados com mão firme e Josef não estava convencido de que Rebecka fosse capaz de o fazer. Também tinha dúvidas de que a mulher conseguisse manter vivas as suas tradições judaicas. Mas que escolha tinha? A sua vergonha colar-se-ia aos filhos e arruinar-lhes-ia qualquer hipótese de atravessarem a vida de cabeça erguida. Josef via-se forçado a sacrificar-se em prol do futuro dos filhos.

Num momento de fraqueza, ocorrera-lhe a ideia de vingança, mas afastara-a de imediato da mente. Sabia por experiência própria que a vingança nunca conduzia a nada de bom, apenas trazia mais escuridão.

Depois de comer o resto do ovo, Josef limpou cuidadosamente a boca e levantou-se da mesa. Não olhou para trás quando deixou a casa pela última vez.

Foi despertada pelo ruído de uma porta pesada a abrir-se. Confusa, Anna olhou de relance para a faixa de luz. Onde estava? Sentiu uma dor de cabeça terrível e sentou-se com enorme dificuldade. Estava frio e tinha apenas um lençol fino a cobrir-lhe o corpo. Tremendo, envolveu o peito com os braços quando sentiu uma onda de pânico a invadi-la.

Tobias. Era a última coisa de que se lembrava. Tinham estado deitados na cama – na cama dele e de Ebba. Tinham estado a beber vinho e tinha sentido um desejo irresistível. De repente recordou-se de tudo. Tentou afastar aquelas memórias para longe, mas a imagem do seu corpo nu contra o de Tobias insistia em materializar-se-lhe na mente. Tinham-se aproximado um do outro na cama, o luar a incidir-lhes nos corpos. Depois só havia escuridão. Não conseguia lembrar-se de mais nada.

– Está aí alguém? – chamou, virada para a porta, mas não houve resposta. Tudo parecia irreal, como se tivesse desembarcado noutro mundo, como Alice no País das Maravilhas a cair pela toca do coelho. – Está aí alguém? – voltou a perguntar quando tentou levantar-se, mas as pernas cederam e Anna caiu no chão.

Algo grande foi arremessado pela porta, que foi depois fechada com um estrondo. Anna deixou-se ficar sentada completamente imóvel. Estava outra vez escuro como breu. Não havia uma réstia de luz em lado nenhum, mas sabia que tinha de descobrir o que fora lançado para dentro do quarto. Começou a gatinhar, apalpando o caminho à sua frente. O chão estava tão frio que ficou com os dedos dormentes. A superfície áspera arranhava-lhe os joelhos. Por fim tocou em algo que parecia tecido. Continuou a apalpar, recuando quando sentiu pele sob as pontas dos dedos. Era uma pessoa, uma mulher, a julgar pelo cheiro e pelo cabelo. Os olhos estavam fechados e, a princípio, não conseguiu perceber se estava a respirar, embora o corpo estivesse quente. Cautelosamente, Anna apalpou-lhe o pescoço até sentir uma pulsação fraca. Sem pensar duas vezes, fechou as narinas da mulher e, ao mesmo tempo, inclinou-lhe a cabeça para trás. Em seguida, pôs a boca sobre a da mulher. À medida que lhe respirava para a boca, teve a vaga sensação de reconhecer aquele perfume.

Anna não sabia há quanto tempo estava a tentar reanimá-la. Intermitentemente, punha uma mão sobre a outra e pressionava o peito da mulher. Não tinha a certeza de estar a fazê-lo corretamente. A única vez que tinha visto fazer reanimação cardiorrespiratória fora numa série televisiva, por isso esperava que tivessem mostrado o processo com precisão.

Depois do que pareceu uma eternidade, a mulher começou a tossir. Parecia estar prestes a vomitar, por isso, Anna virou-a de lado e acariciou-lhe as costas. A tosse abrandou e a mulher começou a respirar fundo, emitindo silvos enquanto absorvia o ar.

– Onde estou? – murmurou.

Para tranquilizá-la, Anna passou-lhe a mão sobre o cabelo. A voz era tão tensa que era difícil adivinhar a sua identidade, mas Anna tinha as suas suspeitas.

– Ebba? É você? Está tão escuro aqui dentro que não consigo ver nada.

– Anna? Pensei que tinha ficado cega.

– Não, não está cega. Está mesmo escuro e não sei onde estamos.

Ebba começou a dizer algo, mas foi interrompida por um novo ataque de tosse que lhe fez abanar o corpo todo. Anna continuou a acariciar-lhe o cabelo até que Ebba fez um movimento para tentar sentar-se. Segurando-lhe o braço, Anna ajudou-a e, passado algum tempo, Ebba parou de tossir.

– Também não sei onde estamos – disse Ebba.

– Como viemos aqui parar?

A princípio, Ebba não respondeu. Em seguida, disse baixinho:

– O Tobias.

– O Tobias? – Anna viu novamente a imagem dos seus corpos nus. O sentimento de culpa fez com que a bílis lhe subisse pela garganta e teve de lutar contra o impulso de vomitar.

– O Tobias... – Ebba tossiu um pouco mais. – O Tobias tentou estrangular-me.

– Tentou estrangulá-la? – repetiu Anna, perplexa. Então apercebeu-se de que tinha tido uma vaga sensação de que Tobias não estava bem – como um animal que, pelo cheiro, consegue perceber que outro elemento do rebanho está doente. Mas isso só tinha aumentado a sua atração. Anna estava habituada ao perigo; era algo que lhe era familiar e, na noite anterior, reconhecera Lucas, o marido, em Tobias.

As náuseas voltaram a apoderar-se dela e o frio do chão espalhou-se-lhe pelo corpo. Começou a tremer mais intensamente.

– Meu Deus, está tanto frio. Para onde nos terá trazido? – perguntou Ebba.

– De certeza que nos vai deixar sair – disse Anna, mas podia ouvir a dúvida na própria voz.

– Eu não o reconheci. Parecia uma pessoa diferente. Vi-o nos olhos dele. O Tobias disse... – Ebba parou de falar e, de repente, começou a chorar. – Tobias disse que eu assassinei o Vincent. O nosso filho.

Sem dizer uma palavra, Anna abraçou Ebba e encostou-lhe a cabeça ao ombro.

– O que aconteceu? – perguntou passado um momento.

Ebba desatou num pranto tal que não conseguiu responder, mas depois começou a respirar mais pausadamente e disse:

– Foi no princípio de dezembro. Estávamos muito ocupados. Tobias encontrava-se a trabalhar em três obras ao mesmo tempo e eu também trabalhava até tarde. Aquilo estava obviamente a prejudicar o Vincent, porque estava constantemente a fazer birras e a levar a nossa paciência ao limite. Andávamos completamente estoirados. – Ebba fungou um pouco mais e Anna ouviu-a limpar o nariz à manga da camisa. – Na manhã em que aconteceu, estávamos os dois prestes a sair para ir trabalhar. O Tobias ia deixar o Vincent no infantário, mas telefonaram de uma das obras a dizer que tinha de ir imediatamente para lá. Um problema qualquer, já era habitual. O Tobias pediu-me para ser eu a levá-lo ao infantário para ir diretamente à obra, mas eu tinha uma reunião importante nessa manhã e fiquei furiosa por o Tobias pensar que o trabalho dele era mais importante do que o meu. Começámos a discutir e depois Tobias fartou-se e saiu porta fora, e eu fiquei para ali com o Vincent. Apercebi-me de que ia chegar atrasada a mais uma reunião e, quando o Vincent fez mais uma das suas birras, não aguentei mais. Fechei-me na casa de banho, sentei-me e comecei a chorar. O Vincent também estava a chorar e a bater-me à porta, mas passados alguns minutos fez-se silêncio, por isso presumi que o meu filho desistira e fora para o quarto dele. Deixei passar mais alguns minutos enquanto limpava os olhos e me acalmava.

Ebba estava a falar tão depressa que as palavras praticamente lhe jorravam dos lábios. Anna só tinha vontade de tapar os ouvidos com as mãos para não ter de ouvir o resto. Mas tinha de ouvir a história até ao fim. Devia-o a Ebba.

– Tinha acabado de sair da casa de banho quando ouvi um grande estrondo na rua. Um segundo depois, ouvi o Tobias gritar. Nunca tinha ouvido um grito como aquele. Não parecia humano, era mais como um urro de um animal ferido – a voz fraquejou-lhe, mas Ebba prosseguiu: – Soube imediatamente o que tinha acontecido. Sabia que Vincent estava morto. Podia senti-lo no meu corpo. Corri até à rua e lá estava ele por detrás do nosso carro. O Vincent não tinha o blusão vestido e, embora percebesse que estava morto, só pensava que o meu filho tinha saído de casa sem ter vestido o blusão. E que ia constipar-se. Foi nisso que pensei quando o vi ali prostrado na neve, que Vincent ia constipar-se.

– Foi um acidente – disse calmamente Anna. – A Ebba não teve culpa.

– Tive, sim. O Tobias tinha razão. Eu matei o Vincent. Se não tivesse ficado sentada na casa de banho, se tivesse dito a mim mesma que não importava se chegava ou não atrasada à reunião, se não... – Os soluços de Ebba transformaram-se num gemido. Anna puxou-a para mais perto de si e deixou-a chorar enquanto lhe acariciava o cabelo e murmurava palavras consoladoras. Sentia a dor de Ebba bem no fundo do seu próprio ser e, por um momento, aquela dor afastou o medo sobre o que lhes ia acontecer. Por uns instantes, foram simplesmente duas mães que tinham perdido os filhos.

Quando os soluços de Ebba diminuíram, Anna fez outra tentativa para se levantar. Já sentia mais estabilidade nas pernas. Ergueu-se lentamente, sem ter a certeza se bateria com a cabeça em alguma coisa, mas conseguiu ficar de pé. Cautelosamente, deu um passo em frente. Ao sentir algo tocar-lhe na cara, gritou.

– O que foi? – perguntou Ebba, agarrando-se à perna de Anna.

– Senti qualquer coisa na cara, mas deve ser só uma teia de aranha. – Tremendo, Anna ergueu a mão e manteve-a esticada à sua frente. Havia ali alguma coisa pendurada e foram precisas várias tentativas até conseguir agarrá-la. Um cordel. Anna deu-lhe um puxão. A luz que foi ligada era tão brilhante que teve de fechar os olhos.

Quando abriu novamente os olhos, olhou em redor, surpreendida. Ebba continuava no chão e Anna ouviu-a conter a respiração.

Há muitos anos que Sebastian desfrutava do facto de ter poder, mesmo naqueles casos em que optava por não exercê-lo. Exigir algo a John teria sido demasiado perigoso. John já não era a pessoa que Sebastian tinha conhecido em Valö. Embora conseguisse escondê-lo bem, estava tão repleto de ódio que teria sido imprudente explorar a oportunidade que o destino lhe dera.

Também não pedira nada a Leon, simplesmente porque Leon era a única pessoa além de Lovart por quem alguma vez nutrira algum respeito. Depois do que tinha acontecido, Leon desaparecera rapidamente, mas Sebastian tinha seguido a sua

carreira nos jornais e através dos rumores que chegavam a Fjällbacka. Agora, Leon tinha ficado preso naquele jogo, mas Sebastian já conseguira sacar tudo o que podia. O projeto ridículo de Josef não era mais do que uma memória. O terreno e o granito eram as únicas coisas de valor e Sebastian tinha amealhado uma bela quantia, segundo o acordo que Josef tinha assinado sem ter sequer dado uma vista de olhos aos documentos.

E Percy. Sebastian riu-se para si mesmo enquanto conduzia o *Porsche* amarelo ao longo das ruas estreitas de Fjällbacka, acenando para toda a gente que via. Percy vivia há tanto tempo no centro do mito que criara que não percebia que podia perder tudo. Claro que vivera momentos de angústia antes de Sebastian aparecer como o anjo salvador, mas nunca acreditou seriamente que poderia perder os seus direitos de primogenitura. Agora, a mansão era dos irmãos mais novos de Percy, que só se podia culpar a si próprio. Não gerira corretamente a herança e Sebastian apenas tinha contribuído para que o desastre não acontecesse um pouco antes do esperado.

Também tinha ganho bom dinheiro com o negócio, mas isso fora apenas um bónus. O poder era o que lhe dava mais satisfação. O curioso era que nem Josef nem Percy pareciam ter visto o que estava prestes a acontecer até ser tarde de mais. Tinham confiado na sua boa vontade e acreditado que queria genuinamente ajudá-los. Que idiotas! Enfim, agora Leon ia pôr fim ao jogo. Provavelmente era por isso que queria que se encontrassem todos. A questão era até onde pretendia ir. Sebastian não estava particularmente preocupado. A sua reputação era tal que as pessoas não ficariam demasiado surpreendidas. Mas estava curioso para ver como os outros reagiriam. Sobretudo John, que tinha mais a perder do que qualquer um deles.

Sebastian estacionou o carro, mas permaneceu sentado no interior durante alguns minutos. Depois saiu, certificou-se de que tinha a chave no bolso e avançou até à porta para tocar à campainha. O espetáculo ia começar.

Erica bebericou o seu café enquanto lia. Era requentado e tinha um sabor horrível, mas não lhe apetecia fazer mais.

– Ainda está cá? – Gösta entrou na cozinha da esquadra e serviu-se de uma chávena.

Erica fechou a pasta que estava a folhear.

– Sim, deram-me autorização para ficar a ler o processo da investigação antiga. Por isso estava aqui a perguntar-me porque é que falta o passaporte da Annelie.

– Que idade tinha ela? Dezasseis? – perguntou Gösta enquanto se sentava à mesa.

Erica assentiu.

– Sim, tinha dezasseis anos e estava claramente apaixonada pelo Leon. Talvez tivesse havido uma briga e tenha decidido ir-se embora. Se assim for, não era a

primeira vez que uma paixão entre adolescentes causava uma tragédia. Mas tenho dificuldade em acreditar que uma rapariga de dezasseis anos tenha assassinado toda a família sozinha.

– Também não me parece plausível. Teria precisado de ajuda. Talvez do Leon, se fossem namorados. Talvez o pai lhe tenha feito um ultimato, os dois tenham perdido a paciência e...

– É possível que tenha sido isso que aconteceu, mas diz no processo que o Leon andava à pesca com os outros rapazes. Sendo assim, porque é que lhe haveriam de fornecer um álibi? Como é que isso ia beneficiá-los?

– Duvido que tenham participado todos no plano da Annelie – disse Gösta, pensativo.

– Concordo. Não me parece que fossem suficientemente sofisticados para fazer uma coisa dessas.

– Mesmo que assumamos que aquilo foi obra da Annelie e do Leon, continua a não parecer haver qualquer motivo credível para assassinar uma família inteira. Matar o Rune teria sido suficiente.

– Estava a pensar o mesmo – Erica suspirou. – Por isso estou aqui sentada a consultar as transcrições das declarações que os rapazes prestaram. Deve haver algo no que disseram que soe a falso, mas contaram todos a mesma história. Foram pescar cavala e, quando regressaram, a família tinha desaparecido.

Gösta congelou, a chávena de café a meio caminho dos lábios.

– Disse cavala?

– Sim, é o que está nas transcrições.

– Como é que me pôde escapar uma coisa tão óbvia?

– Como assim?

Gösta pousou a chávena e passou a mão pelo rosto.

– É incrível como é que podemos ler um relatório policial vezes sem conta sem vermos o que está mesmo à nossa frente.

Por um momento, Gösta ficou em silêncio, mas depois lançou um sorriso triunfante a Erica.

– Sabe uma coisa? Acho que acabámos de dar cabo do álibi dos rapazes.

FJÄLLBACKA, 1970

INEZ QUERIA POR FORÇA AGRADAR À MÃE. SABIA QUE LAURA SEMPRE QUISERA O MELHOR PARA A FILHA E QUE PROCURAVA CERTIFICAR-SE DE QUE TERIA UM FUTURO SEGURO. NO ENTANTO, INEZ NÃO PODIA DEIXAR DE SENTIR UMA CERTA AVERSÃO QUANDO SE SENTARAM NO SOFÁ DA SALA DE ESTAR. AQUELE HOMEM ERA TÃO VELHO.

– COM O TEMPO VÃO CONHECER-SE MELHOR – DISSE LAURA, LANÇANDO À FILHA UM OLHAR FIRME. – O RUNE É UM HOMEM BOM E DE CONFIANÇA E VAI SABER TOMAR CONTA DE TI. SABES QUE O MEU ESTADO DE SAÚDE É DELICADO E, QUANDO EU PARTIR, NÃO TERÁS MAIS NINGUÉM. NÃO QUERO QUE FIQUES TÃO SÓ COMO EU FIQUEI.

A MÃE PÔS A SUA MÃO SECA SOBRE A MÃO DE INEZ, QUE SE LEMBRAVA DE TER SENTIDO O TOQUE DA MÃE APENAS EM RARAS OCASIÕES.

– COMPREENDO QUE ISTO POSSA PARECER UM POUCO REPENTINO – DISSE O HOMEM SENTADO À FRENTE DELAS, OLHANDO PARA INEZ COMO SE ESTA FOSSE UM CAVALO PREMIADO.

PODIA SER INDELICADO DA SUA PARTE PENSAR DAQUELA FORMA, MAS INEZ NÃO PODIA EVITÁ-LO. SEM DÚVIDA QUE AQUILO ERA REPENTINO. A MÃE TINHA ESTADO HOSPITALIZADA DURANTE TRÊS DIAS POR CAUSA DO CORAÇÃO E, QUANDO REGRESSARA A CASA, TINHA-LHE PROPOSTO AQUELE PLANO: INEZ DEVIA CASAR COM RUNE ELVANDER, QUE ENVIUVARA UM ANO ANTES. AGORA QUE NANNA TINHA MORRIDO, AS DUAS MULHERES ESTAVAM SOZINHAS.

– A MINHA QUERIDA MULHER DISSE-ME QUE EU DEVIA ENCONTRAR ALGUÉM QUE ME AJUDASSE A CRIAR OS NOSSOS FILHOS. E A SUA MÃE DISSE-ME QUE A MENINA É MUITO PRENDADA – PROSSEGUIU O HOMEM.

INEZ TINHA UMA VAGA SENSACÃO DE QUE NÃO ERA ASSIM QUE AS COISAS DEVIAM ACONTECER. AFINAL DE CONTAS, ESTAVAM NO INÍCIO DOS ANOS 70 E AS MULHERES TINHAM AGORA MUITO MAIS OPORTUNIDADES PARA ESCOLHER A VIDA QUE QUERIAM TER. MAS INEZ NUNCA VIVERA NO MUNDO REAL; APENAS PARTILHARA O MUNDO PERFEITO QUE A MÃE CRIARA. E, NESSE MUNDO, A PALAVRA DA MÃE ERA LEI. SE LAURA DECIDISSE QUE O MELHOR PARA A FILHA ERA CASAR COM UM VIÚVO DE CINQUENTA ANOS COM TRÊS FILHOS, INEZ NÃO TINHA AUTORIZAÇÃO PARA QUESTIONAR ESSA DECISÃO.

– ESTOU A PENSAR COMPRAR A ANTIGA COLÔNIA BALNEAR EM VALÖ E FUNDAR UM COLÉGIO INTERNO PARA RAPAZES. PRECISO DE ALGUÉM AO MEU LADO QUE ME AJUDE A CONCRETIZAR ESTE PLANO. É BOA COZINHEIRA?

INEZ ASSENTIU. PASSARA MUITAS HORAS NA COZINHA COM NANNA, QUE LHE ENSINARA TUDO O QUE SABIA.

– ÓTIMO, ENTÃO ESTÁ RESOLVIDO – AFIRMOU LAURA. – CLARO QUE DEVE HAVER UM

PERÍODO DE NOIVADO ADEQUADO, POR ISSO, QUE TAL UM CASAMENTO DISCRETO NO VERÃO?

– PARECE-ME EXCELENTE – DISSE RUNE.

INEZ NÃO DISSE NADA. ESTAVA A ESTUDAR O FUTURO MARIDO, A REPARAR NAS RUGAS QUE TINHAM COMEÇADO A FORMAR-SE EM TORNO DOS OLHOS E NOS LÁBIOS FINOS E RESOLUTOS. MADEIXAS GRISALHAS ERAM VISÍVEIS NO CABELO ESCURO DE RUNE QUE APRESENTAVA VÁRIAS ENTRADAS. PORTANTO, AQUELE ERA O HOMEM COM QUEM IA CASAR. AINDA NÃO TINHA CONHECIDO OS FILHOS; SÓ SABIA QUE TINHAM QUINZE, DOZE E CINCO ANOS. INEZ NÃO CONHECERA MUITAS CRIANÇAS NA VIDA, MAS SEM DÚVIDA QUE CORRERIA TUDO BEM. PELO MENOS ERA O QUE A MÃE DIZIA.



Percy ainda estava sentado no carro, a olhar para a embocadura do porto de Fjällbacka, mas não via as ondas nem o trânsito. A única coisa que via era o seu próprio destino e como o passado se estava a fundir com o presente. Os irmãos tinham-se esforçado por ser educados quando lhes telefonou. Era considerado de bom-tom comportarem-se decentemente, mesmo em relação a um homem que tinham derrotado. Percy sabia muito bem o que estava escondido por detrás das suas palavras condescendentes. Aquela satisfação com o sofrimento alheio era sempre igual, quer viesse de um rico ou de um pobre.

Disseram-lhe que tinham comprado Fygelsta, mas Percy já tinha ouvido a notícia. Buhrman, o advogado, descobrira que Sebastian tinha negociado com os irmãos nas suas costas. Utilizando as mesmas frases que Sebastian empregara, os irmãos explicaram que a mansão ia ser transformada num centro de conferências exclusivo. Era lamentável que as coisas tivessem enveredado por esse caminho, mas queriam que Percy vagasse a mansão antes do final do mês. Claro que a mudança seria supervisionada pelo advogado dos irmãos, que se certificaria de que Percy não levava nada do que estava incluído na venda da propriedade.

Percy ficou surpreendido por Sebastian ter decidido aparecer. Tinha-o visto passar de carro, em direção à colina onde ficava a casa de Leon. Bronzeado, com a camisa desabotoada, de óculos de sol caros e com o cabelo penteado para trás, Sebastian parecia o mesmo de sempre. E sem dúvida que não estava a sentir-se diferente. Eram apenas negócios, como gostava de dizer.

Percy lançou uma última olhadela ao espelho da pala do carro. Estava com péssimo aspeto. Tinha os olhos vermelhos de poucas horas de sono e muito *whisky*. A pele estava pálida. Mas o nó da gravata estava perfeito. Era uma questão de orgulho. Fechou a pala e saiu do carro. Não adiantava adiar o inevitável.

Ia encostou a cabeça ao vidro frio da janela. A viagem de táxi até ao aeroporto de Landvetter, em Gotemburgo, demoraria cerca de duas horas, talvez mais, dependendo do trânsito, e queria tentar dormir durante o percurso.

Tinha-o beijado antes de sair. Leon ia passar um mau bocado sem ela, mas Ia não queria estar presente quando a bomba rebentasse. Leon garantira-lhe que ia correr tudo bem. Disse-lhe que aquilo era algo que tinha de fazer, caso contrário nunca mais teria paz.

la pensou novamente naquele dia em que tinham percorrido as ruas íngremes do Mónaco. Leon estava prestes a deixá-la. As palavras tinham-lhe jorrado da boca. Divagara, afirmando que as coisas tinham mudado e que já não sentia as mesmas necessidades, que tinham passado juntos muitos anos fantásticos, mas que se apaixonara por outra pessoa. Ia também tinha de encontrar alguém que a fizesse feliz. Ia tirara os olhos da estrada sinuosa para olhar para Leon e, enquanto o marido ia vomitando aqueles disparates, pensara em tudo o que tinha sacrificado por causa dele.

Quando o carro guinou, viu os olhos de Leon abrirem-se muito e a enchente de palavras sem sentido cessou.

– Olha para a estrada enquanto conduzes – disse-lhe Leon. Ia detetou um certo nervosismo no rosto bonito do marido e mal podia acreditar. Pela primeira vez desde que o conhecia, Leon estava assustado. A sensação de poder era inebriante e Ia carregou no acelerador, observando como a súbita explosão de velocidade lhe pressionava o corpo contra o assento.

– Vai mais devagar, Ia – implorou Leon. – Estás a ir demasiado depressa!

Ia não disse nada, limitando-se a carregar mais no acelerador. O pequeno carro desportivo mal conseguia manter-se na estrada. Parecia flutuar e, por um breve momento, Ia sentiu-se completamente livre.

Leon tentou agarrar o volante, mas isso só fez com que o carro guinasse ainda mais, por isso desistiu. O terror na voz do marido encheu-a de uma felicidade que já não sentia há muito tempo. O carro estava praticamente a voar.

Mais à frente, Ia viu a árvore e foi como se alguma força externa a dominasse. Calmamente, manobrou o volante ligeiramente para a direita, apontando diretamente àquela árvore. Como que vinda de muito longe, ouviu a voz de Leon, porém, em seguida, o rugido que sentiu nos ouvidos abafou tudo o resto. No instante seguinte, o silêncio era total. Tudo ficou mergulhado numa paz enorme. Não iam ser separados. Ficariam juntos para toda a eternidade.

Ia ficou surpreendida ao descobrir que ainda estava viva. Ao seu lado, Leon estava sentado de olhos fechados, o rosto coberto de sangue. O fogo alastrava rapidamente. As chamas começaram a lamber os assentos e a aproximar-se deles. O cheiro a fumo encheu-lhe as narinas. Teve de tomar uma decisão rápida. Devia render-se e deixar que ambos fossem engolidos pelo fogo ou devia salvar-se a si própria e resgatar Leon das chamas? Olhou para o rosto bonito do marido. As chamas já lhe tinham atingido a face. Fascinada, Ia observou-as a chamuscarem-lhe a pele. Então decidiu-se. Agora, Leon era seu. E continuara a ser depois de o ter arrastado para fora do veículo em chamas.

Ia fechou os olhos, sentindo a frieza do vidro contra a testa. Não queria tomar parte no que Leon estava a planear fazer, mas ansiava pelo momento em que

voltariam a ficar juntos.

Anna percorreu rapidamente com o olhar a divisão vazia que se encontrava agora iluminada por uma única lâmpada. Cheirava a terra e a outra coisa mais difícil de identificar. Ambas tinham tentado abrir a porta, mas estava trancada e recusou-se a ceder.

Encostados a uma parede estavam quatro baús de madeira com ferragens e, por cima deles, estava pendurada uma bandeira, a primeira coisa que Anna e Ebba tinham visto quando a luz foi ligada. Estava escurecida por causa da humidade e do bolor, mas a suástica ainda se distinguia nitidamente contra o fundo branco e vermelho.

– Talvez haja alguma coisa nestes baús que possa vestir – disse Ebba, olhando para Anna. – Está a tremer.

– Claro. Visto qualquer coisa. Estou prestes a morrer congelada – respondeu Anna. Estava com vergonha da sua nudez debaixo do lençol. Era daquelas pessoas que nunca gostavam de ser vistas nuas num vestiário e isso piorara depois do acidente, graças às muitas cicatrizes que lhe cruzavam o corpo. Embora o pudor fosse a mais pequena das suas preocupações naquele momento, o constrangimento que sentia conseguiu superar tanto o medo como o frio.

– Aqueles três estão trancados, mas este está aberto – disse Ebba, apontando para o baú mais perto da porta. Levantou a tampa e encontrou um pesado cobertor de lã cinzento no interior. – Tome – disse, atirando o cobertor a Anna, que se envolveu nele por cima do lençol. Cheirava muito mal, mas Anna estava grata pelo calor e proteção que oferecia.

– Também há latas de conservas – disse Ebba, retirando várias latas empoeiradas do baú.

– Na pior das hipóteses, conseguimos sobreviver aqui durante algum tempo.

Anna olhou para Ebba. Aquele tom quase alegre parecia estranhamente despropositado, tendo em conta a sua situação e o seu estado emocional anterior. O mais provável era ser apenas um mecanismo de autodefesa.

– Mas não temos água – salientou Anna, deixando aquela declaração a pairar no ar. Sem água não durariam muito, mas Ebba não parecia estar a ouvi-la enquanto continuava a remexer no baú.

– Veja! – disse, segurando uma peça de roupa.

– Um uniforme nazi? De onde vieram estas coisas todas?

– Parece que durante a guerra esta casa pertencia a um velho louco. Estas coisas deviam ser dele.

– Que nojo – disse Anna. Ainda estava a tremer. O calor do cobertor infiltrava-se-lhe lentamente no corpo, mas o frio tinha-a enregelado até à medula e ia demorar a

aquecer.

– Como é que veio aqui parar? – perguntou repentinamente Ebba, virando-se para Anna. Era como se só agora se apercebesse de como era estranho estarem ali juntas.

– O Tobias também me deve ter atacado. – Anna envolveu-se mais no cobertor. Ebba franziu a testa.

– Mas porquê? Não o provocou, pois não? Ou aconteceu alguma coisa que... – Ebba levou a mão à boca e o olhar endureceu. – Vi o tabuleiro no quarto. Porque é que veio cá ontem? Jantou com o Tobias? O que aconteceu?

As palavras pareciam balas que ricocheteavam nas paredes e Anna encolhia-se a cada pergunta, como se tivesse sido esbofeteada. Não precisava de dizer nada. Sabia que as respostas podiam ser-lhe lidas no rosto.

Os olhos de Ebba encheram-se de lágrimas.

– Como é que foi capaz? Sabe o que passámos, sabe como as coisas têm sido para nós.

Anna tentou engolir, mas tinha a boca seca como algodão e não sabia como explicar os seus atos nem como desculpar-se pelo que tinha feito. Tinha os olhos marejados de lágrimas. Ebba fitou-a durante muito tempo. Depois respirou fundo e soltou o ar lentamente. Calma e recomposta, disse:

– Bem, não vamos falar sobre isso agora. Temos de manter-nos unidas para conseguirmos sair daqui. Talvez haja alguma coisa nos baús que possamos utilizar para arrombar a porta – disse, virando-se, todo o seu corpo rígido de raiva reprimida.

Anna aceitou com gratidão a oferta de tréguas temporárias. Se não saísse daquele sítio, não haveria razão para resolver o que quer que fosse. Ninguém ia dar pela falta delas durante algum tempo. Dan e os filhos estavam fora e passariam vários dias antes de os pais de Ebba começarem a preocupar-se. A única pessoa que podia interrogar-se sobre o que estava a acontecer era Erica, que costumava ficar extremamente inquieta se não conseguisse contactar Anna. Normalmente isso enfurecia-a, mas naquele momento só desejava que Erica começasse a sentir-se ansiosa e desatasse a fazer perguntas com tanta teimosia como normalmente acontecia quando não obtinha a resposta certa. «Querida, doce Erica, por favor, sê tão curiosa e preocupada como tens sido sempre», rezou Anna à luz da lâmpada nua.

Ebba tinha começado a pontapear o fecho do baú ao lado do que já abrira. O cadeado não mostrou qualquer sinal de querer mexer-se, mas Ebba continuou a dar-lhe pontapés e por fim conseguiu abri-lo.

– Venha cá ajudar-me – disse. Juntas conseguiram retirar o cadeado. Em seguida, inclinaram-se e tentaram levantar a tampa. A julgar pela sujidade e pela poeira, o

baú estava fechado há anos e foi precisa a força combinada das duas para o conseguirem abrir. Com uma guinada, a tampa cedeu finalmente.

As duas mulheres espreitaram lá para dentro e, em seguida, olharam uma para a outra. Anna viu a sua própria surpresa espelhada na expressão de Ebba. Um grito ecoou pelas paredes da divisão nua, mas Anna não tinha a certeza se tinha sido seu ou de Ebba.

– Olá. Kjell, certo? – Sven Niklasson avançou e apertou-lhe a mão quando se apresentou.

– Não trouxeste um fotógrafo? – Kjell olhou em redor no recinto de recolha de bagagens.

– Está neste momento a vir de Gotemburgo. Depois vai lá ter connosco.

Sven rebocou o pequeno *trolley* enquanto caminhavam para o parque de estacionamento. Kjell teve a impressão de que Sven estava habituado a fazer as malas à pressa e a viajar com pouca coisa.

– Achas que devemos informar a polícia de Tanum? – perguntou Sven quando entrou no lugar do morto do grande jipe de Kjell.

Kjell pensou naquilo enquanto conduzia para fora do parque de estacionamento e virava à direita.

– Julgo que devíamos informá-los. Mas tens de falar com o Patrik Hedström. Só com ele – disse, olhando de relance para Sven. – Pensava que não costumavam dar-se ao trabalho de informar a polícia local.

Sven sorriu e contemplou pela janela a paisagem que desfilava. Estava com sorte. A ponte de Trollhättan era lindíssima com aquele sol estival.

– Nunca se sabe quando podemos precisar de um favor de alguém na polícia. Já tenho um acordo com os tipos de Gotemburgo. Deixam-nos estar presentes quando avançam para deter alguém desde lhes tenhamos fornecido informações. Contarmos à polícia de Tanum o que está a acontecer é uma cortesia, digamos.

– O mais certo é que a polícia de Gotemburgo não esteja a pensar mostrar a mesma cortesia, por isso vou certificar-me de que o Hedström sabe como estás a ser generoso. – Kjell fez um sorriso rasgado. Estava profundamente grato por Sven Niklasson lhe permitir ir com ele. Aquilo era mais do que um exclusivo para si, enquanto jornalista, esta história ia ter repercussões na política sueca e chocar o país inteiro. – Obrigado por me incluíres – murmurou, sentindo-se subitamente envergonhado.

Sven encolheu os ombros.

– Não teríamos conseguido concluir isto se não nos tivesses fornecido aquelas informações.

– Quer dizer que conseguiste decifrar os números? – Kjell estava quase a rebentar

de curiosidade. Sven não lhe contara todos os pormenores pelo telefone.

– Era um código ridiculamente simples – disse Sven com um sorriso. – Os meus filhos poderiam tê-lo decifrado num quarto de hora.

– Então?

– Um era «A», dois «B» e assim por diante.

– Estás a gozar! – Kjell olhou de relance para Sven e quase saiu da estrada.

– Não, antes estivesse. Isso só mostra como eles nos consideram idiotas.

– E o que é que descobriste? – Kjell tentou imaginar os números, mas nunca tinha sido bom a matemática na escola. Hoje em dia mal conseguia lembrar-se do próprio número de telefone.

– Stureplan. Dizia Stureplan. E depois uma data e uma hora.

– Caramba! – disse Kjell, virando à direita na rotunda perto de Torp. – Isso podia ter sido desastroso.

– Sim, mas a polícia avançou esta manhã e caçou os tipos que iam realizar o atentado. Agora não podem comunicar com ninguém a revelar que a polícia sabe tudo sobre o plano. Daí isto ser tão urgente. Os responsáveis do partido não vão demorar muito a dar-se conta de que os tipos não dizem nada e vão estranhar não conseguirem entrar em contacto com eles. Depois põem-se em guarda e não vamos ter outra oportunidade.

– Era realmente um plano brilhante – disse Kjell. Não conseguia deixar de pensar no que teria acontecido se o plano se tivesse realizado. As imagens eram muito vívidas. Teria sido trágico.

– Eu sei. Apesar de tudo, devemos agradecer por eles estarem finalmente a mostrar quem realmente são. Vai ser um despertar infernal para muita gente que acreditou em John Holm. Graças a Deus. Espero não voltarmos a assistir a uma coisa destas durante muito tempo. Infelizmente, as pessoas têm uma memória muito curta. – Sven suspirou e virou-se para Kjell. – Importas-te então de ligar a esse tal Hedman?

– Hedström. Patrik Hedström. Claro, já lhe ligo – mantendo um olho na estrada, Kjell marcou o número da esquadra de Tanum.

– Então, que confusão é esta? – perguntou Patrik com um sorriso quando entrou na cozinha. Erica chamara-o aos gritos e Patrik viera a correr do seu gabinete.

– Senta-te – disse Gösta. – Sabes a quantidade de vezes que consultei o processo da investigação antiga, certo? Todos os rapazes contaram a mesma história, mas tive sempre a sensação de que algo não batia certo.

– E agora descobrimos o que era. – Erica cruzou os braços com uma expressão de satisfação no rosto.

– E então?

– É a parte da cavala.

– Da cavala? – Patrik olhou para a mulher. – Desculpa, importas-te de esclarecer isso?

– Nunca cheguei a ver os peixes que os rapazes pescaram – disse Gösta. – E, por alguma razão inexplicável, isso nunca me ocorreu durante as conversas que tive com eles.

– O que é que nunca te ocorreu? – perguntou Patrik, impaciente.

– Não se pode apanhar cavala antes do solstício de verão – disse Erica, pronunciando cuidadosamente as palavras como se falasse com uma criança.

Patrik deu-se lentamente conta do que aquilo podia significar. E todos os rapazes disseram que tinham ido pescar cavala?

– Exatamente. Se tivesse sido só um, podia ter-se enganado, mas como todos disseram a mesma coisa, devem ter combinado entre eles. Como não percebiam muito de pesca, escolheram o peixe errado – explicou Erica.

– Foi graças à Erica que descobri – disse Gösta, envergonhado.

Patrik lançou um beijo à mulher.

– És a maior! – disse do fundo do coração.

Nesse momento, o telemóvel de Patrik tocou. Olhou para o ecrã e viu que era uma chamada de Torbjörn.

– Tenho de atender esta chamada. Fizeram os dois um excelente trabalho. – Patrik ergueu o polegar na direção de ambos, voltou para o seu gabinete e fechou a porta.

Ouviu atentamente o que Torbjörn tinha para dizer, tomando notas num pedaço de papel que encontrou em cima da secretária. Apesar de ser estranho, as suas suspeitas tinham sido confirmadas. Enquanto ouvia Torbjörn, pensou no que aquilo podia significar. Quando terminou a chamada, tinha conhecimento de um dado novo, mas aquilo deixou-o mais confuso do que nunca.

Ouviu o ruído de passos pesados no corredor e levantou-se para abrir a porta. Paula avançava na sua direção, precedida pela enorme barriga.

– Não suporto ficar em casa à espera. A rapariga do banco com quem conversei prometeu ligar-me ainda hoje, mas até agora não tive notícias dela. – Paula teve de parar para recuperar o fôlego.

Patrik pôs-lhe a mão no ombro.

– Respira, por amor de Deus – disse, e depois esperou que a colega se acalmasse um pouco. – Queres ir sentar-te connosco na sala de reuniões enquanto revemos o caso?

– Claro.

– Aonde raio pensam que vão? – Mellberg materializou-se de repente por detrás de Paula.

– A Rita ficou tão preocupada quando saíste de casa que me obrigou a seguir-te.

Paula revirou os olhos.

– Não precisam de estar sempre preocupados comigo.

– Ainda bem que apareceu, Bertil. Há muita coisa que temos de rever – disse Patrik, encaminhando-se para a sala de conferências. Parou no caminho para pedir a Gösta que se juntasse a eles. Depois de hesitar por alguns segundos, Patrik virou-se e regressou à cozinha.

– Também podes vir – disse, acenando com a cabeça a Erica. Como esperava, a mulher saltou ansiosamente da cadeira.

A sala estava cheia, mas era ali que Patrik queria rever o caso, rodeado por todos os pertences da família Elvander. Os objetos serviam para lhes lembrar porque era tão importante descobrir exatamente o que acontecera há tantos anos.

Patrik explicou brevemente a Paula e a Mellberg que as caixas tinham vindo da propriedade do sucateiro Olle e que já tinham passado muito tempo a inspecionar o conteúdo.

– Algumas peças encaixaram, mas precisamos de ajuda para decidir como proceder a seguir. Em primeiro lugar, posso dizer-vos que o misterioso «G», que enviou os postais de aniversário a Ebba, é Gösta Flygare. – Patrik apontou para Gösta, que corou.

– Gösta?! – exclamou Paula.

O rosto de Mellberg ficou vermelho como um tomate. O superintendente parecia estar prestes a explodir.

– Eu sei que já devia ter contado, mas já conversei com o Hedström sobre isto – afirmou Gösta, encarando Mellberg.

– Mas o último postal não foi enviado por Gösta. E o tom é muito diferente do de todos os outros – prosseguiu Patrik, encostando-se à borda da mesa. – Eu tinha uma teoria sobre isso e acabei de falar com o Torbjörn, que confirmou as minhas suspeitas. A impressão digital que o Torbjörn recolheu na parte de trás do selo, que provavelmente pertence a quem colocou o selo no postal, corresponde a uma impressão digital no saco de plástico em que se encontrava. E foi o Tobias quem pôs o postal no saco antes de o vir cá entregar.

– Mas ninguém mais mexeu no saco além de vocês e de Tobias, pois não? Então isso significa que... – Erica ficou pálida e Patrik viu as engrenagens começarem a girar na cabeça da mulher.

Freneticamente, Erica remexeu na mala em busca do telemóvel e, com toda a gente a olhar para ela, marcou um número. Ninguém falou enquanto o telefone chamava e então todos ouviram claramente o gravador de chamadas de alguém.

– Merda – exclamou Erica quando marcou outro número. – Vou tentar Ebba.

O telefone tocou e tocou, mas Ebba não atendeu.

– Maldição – disse Erica, tentando um terceiro número.

Patrik não fez qualquer tentativa de continuar com a reunião até Erica ter acabado de fazer as chamadas. Também começava a sentir-se preocupado pelo facto de Anna não ter atendido o telemóvel o dia todo.

– Quando é que a Anna foi à ilha? – perguntou Paula.

Erica ainda tinha o telemóvel encostado ao ouvido.

– Ontem à noite e desde aí que não consigo contactá-la. Agora estou a ligar para o barco do correio. Eles é que levaram Ebba para Valö esta manhã, por isso pode ser que saibam alguma coisa. Estou? Olá, fala Erica Falck. Exatamente. Vocês levaram a Ebba até à ilha. Por acaso repararam se estava lá mais algum barco? Um *snipa* de madeira? Estava atracado no cais da colónia balnear? *Okay*. Obrigada.

Erica terminou a conversa e Patrik viu que a mão da mulher estava a tremer.

– O nosso barco, o que Anna levou até à ilha, ainda estava no cais. Portanto, a Anna e a Ebba estão em Valö com o Tobias e nenhum deles atende o telemóvel.

– Tenho a certeza de que não há qualquer motivo para preocupação. Além disso, a Anna pode já ter regressado a casa – disse Patrik, tentando fazer com que a voz soasse mais calma do que se sentia.

– Mas o Tobias disse que a Anna só lá tinha ficado uma hora. Porque haveria de ter mentido sobre isso?

– Deve haver uma boa explicação. Vamos à ilha ver o que se passa quando acabarmos a reunião.

– Porque é que o Tobias enviaria um postal ameaçador à própria mulher? – perguntou Paula. – Será que isso significa que está por detrás das tentativas de homicídio?

Patrik abanou a cabeça.

– Por enquanto não sabemos. É por isso que temos de rever tudo o que descobrimos até agora e perceber se existem lacunas que possamos preencher. Gösta, podes contar a todos o que descobriram acerca dos testemunhos dos rapazes?

– Claro – respondeu Gösta, que informou os colegas de como a referência à cavala revelava que as declarações dos rapazes eram falsas.

– Isso prova que estavam a mentir – disse Patrik. – E se mentiram sobre isso, provavelmente mentiram sobre tudo o resto. Por que outro motivo inventariam uma história para nos contar? Acho que podemos presumir que os rapazes estiveram envolvidos no desaparecimento da família e agora temos mais uma prova, o que significa que podemos pressioná-los.

– Mas o que é que isso tem que ver com o Tobias? – perguntou Mellberg. – Não estava lá nessa época, apesar de o Torbjörn ter dito que foi utilizada a mesma arma em 1974 e no tiroteio do outro dia.

– Não sei, Bertil – respondeu Patrik. – Vamos lidar com uma coisa de cada vez.

– E depois há a questão do passaporte que falta – prosseguiu Gösta, endireitando-se na cadeira. – Não encontramos o passaporte de Annelie, o que pode significar que a rapariga esteve de alguma forma envolvida no que aconteceu tendo depois fugido para o estrangeiro.

Patrik lançou um olhar de relance a Erica, que estava muito pálida. Sabia que a mulher não conseguia parar de pensar em Anna.

– A Annelie? A filha de dezasseis anos? – perguntou Paula no preciso momento em que o seu telemóvel começou a tocar. Atendeu a chamada, escutando com ar surpreso. Quando terminou a conversa, virou-se para os colegas.

– O pai adotivo de Ebba disse-me a mim e ao Patrik que um anónimo depositou dinheiro numa conta para Ebba todos os meses até ela ter completado dezoito anos. Nunca conseguiram descobrir de onde veio o dinheiro, mas, como é óbvio, pensámos que podia estar relacionado com o que aconteceu em Valö. Por isso tenho andado a tentar descobrir... – Paula fez uma pausa para recuperar o fôlego e Patrik lembrou-se de que Erica também tinha tido falta de ar durante as gravidezes.

– Desembucha! – Gösta endireitou-se. – A Ebba não tinha parentes que estivessem interessados em tomar conta dela, por isso é improvável que algum deles tenha enviado o dinheiro. A única pessoa que consigo imaginar a dar dinheiro à miúda seria alguém com um peso na consciência.

– Não faço a mais pequena ideia de qual era o motivo – disse Paula, que estava obviamente deleitada por estar prestes a fornecer uma informação que mais ninguém possuía. – Mas o dinheiro foi depositado por Aron Kreutz.

Todos ficaram atordoados e fez-se silêncio. Gösta foi o primeiro a falar.

– O pai do Leon enviou dinheiro a Ebba? Mas porquê?

– Isso é o que precisamos de descobrir – afirmou Patrik.

O telemóvel tocou dentro do bolso. Patrik sacou-o e consultou o ecrã: Kjell Ringholm, do *Bohuslänningen*. Sem dúvida que queria fazer mais perguntas na sequência da conferência de imprensa. Isso podia esperar. Patrik voltou a guardar o telemóvel e virou-se novamente para os colegas.

– Gösta, nós os dois vamos a Valö. Antes de falarmos com os rapazes, precisamos de ter a certeza de que a Anna e a Ebba estão bem e também temos de fazer algumas perguntas ao Tobias. Paula, continua a tentar saber mais informações sobre o pai do Leon. – Patrik fez uma pausa quando chegou a vez de Mellberg. Onde provocaria menos estragos? Na verdade, Mellberg preferia sempre fazer o mínimo possível, mas era importante que não se sentisse excluído. – Bertil, como é habitual, você é a pessoa melhor qualificada para lidar com os média. Importava-se de ficar aqui na esquadra para poder responder a eventuais perguntas dos jornalistas?

O rosto de Mellberg iluminou-se.

– Claro que não me importo. Tenho anos de experiência a lidar com os média.

Ninguém me chega aos calcanhares.

Patrik suspirou para si próprio. Tinha de pagar um preço elevado para que tudo continuasse a correr sem problemas.

– Posso ir convosco a Valö? – perguntou Erica. Continuava a apertar o telemóvel com força.

Patrik abanou a cabeça.

– Nem penses.

– Mas eu devia mesmo ir convosco. E se aconteceu alguma coisa a...

– Assunto encerrado – disse Patrik, apercebendo-se de que o tom de voz tinha sido desnecessariamente ríspido. – Desculpa, mas é melhor sermos nós a tratar disto – acrescentou, abraçando a mulher.

Erica assentiu com relutância e saiu da sala para ir para casa. Patrik observou-a a afastar-se e depois pegou no telemóvel e ligou a Victor. Oito toques mais tarde chegou ao gravador de chamadas.

– A Guarda Costeira não atende, como é habitual, e o nosso barco está ancorado em Valö.

Nesse momento, ouviu alguém a pigarrear.

– Receio não poder ir a lado nenhum por enquanto. O carro não pega – disse Erica da entrada.

Patrik lançou-lhe um olhar cético.

– É estranho. Gösta, podes deixar Erica em casa enquanto eu acabo umas coisas por aqui? Seja como for, temos de esperar por um barco.

– Não há problema – disse Gösta, evitando o olhar de Erica.

– Ótimo. Encontramo-nos no porto. Podes continuar a tentar falar com o Victor?

– Claro – disse Gösta.

O telemóvel estava outra vez a vibrar e Patrik olhou automaticamente para o ecrã. Kjell Ringholm. Era melhor atender a chamada.

– *Okay*, ao trabalho – afirmou, e carregou no botão verde enquanto os colegas saíam da sala. – Sim, fala Hedström – disse com um suspiro. Gostava de Kjell, mas não tinha mesmo tempo para falar com jornalistas.

VALÖ, 1972

ANNELIE ODIU INEZ DESDE O INÍCIO. TAL COMO CLAES. AOS SEUS OLHOS, INEZ NÃO VALIA NADA EM COMPARAÇÃO COM A MÃE, QUE PARECIA TER SIDO UMA SANTA. PELO MENOS ERA A IMPRESSÃO QUE DAVA QUANDO RUNE E OS FILHOS FALAVAM DELA.

INEZ TINHA APRENDIDO MUITO SOBRE A VIDA. A LIÇÃO MAIS IMPORTANTE FOI QUE A MÃE NEM SEMPRE TINHA RAZÃO. O CASAMENTO COM RUNE FOI O MAIOR ERRO DA SUA VIDA, MAS NÃO CONSEGUIA VER QUALQUER SAÍDA. TANTO MAIS QUE ESTAVA GRÁVIDA DO SEU FILHO.

LIMPOU O SUOR DA TESTA E CONTINUOU A ESFREGAR O CHÃO DA COZINHA. RUNE ERA MUITO EXIGENTE E TUDO TINHA DE ESTAR LIMPO E A BRILHAR QUANDO O COLÉGIO FOSSE INAUGURADO. NADA PODIA SER DEIXADO AO ACASO. – É A MINHA REPUTAÇÃO QUE ESTÁ EM JOGO – DIZIA RUNE, DANDO-LHE NOVAS ORDENS. INEZ TRABALHAVA DE MANHÃ À NOITE ENQUANTO A BARRIGA CRESCIA E ESTAVA TÃO CANSADA QUE MAL CONSEGUIA MANTER-SE EM PÉ.

DE REPENTE VIU CLAES PARADO À ENTRADA. SOBRESSALTARA-SE QUANDO A SOMBRA DO FILHO DE RUNE DESCERA SOBRE ELA.

– OH, PEÇO DESCULPA. ASSUSTEI-A? – DISSE O RAPAZ COM AQUELA VOZ QUE LHE CAUSAVA SEMPRE ARREPIOS NA ESPINHA.

PODIA SENTIR O ÓDIO QUE EMANAVA DELE E, COMO ERA COSTUME, TODO O SEU CORPO FICOU TENSO, DIFICULTANDO-LHE A RESPIRAÇÃO. NÃO HAVIA NENHUMA PROVA, NADA QUE PUDESSE DIZER A RUNE, ALÉM DISSO, O MARIDO NUNCA IRIA ACREDITAR NELA. SERIA A PALAVRA DELA CONTRA A DO FILHO E INEZ NÃO TINHA ILUSÕES SOBRE QUE PARTIDO RUNE TOMARIA.

– NÃO LIMPOU AQUELA PARTE – DISSE CLAES, APONTANDO PARA UM PONTO POR DETRÁS DELA. INEZ CERROU OS MAXILARES, MAS VIROU-SE PARA LIMPAR O SÍTIO PARA ONDE CLAES ESTAVA A APONTAR. OUVIU UM ESTRONDO E SENTIU A ÁGUA A ENCHARCAR-LHE AS PERNAS.

– DESCULPE, SEM QUERER CHOQUEI COM O BALDE – DISSE CLAES, MAS O TOM APOLOGÉTICO NÃO COMBINAVA COM O BRILHO MALÉFICO DOS OLHOS DO RAPAZ.

INEZ LIMITOU-SE A OLHAR FIXAMENTE PARA ELE. A FÚRIA CRESCIA A CADA DIA QUE PASSAVA, CRESCIA A CADA MALDADE, A CADA BRINCADEIRA DE MAU GOSTO.

– DEIXA-ME AJUDAR-TE.

ERA JOHAN, O FILHO MAIS NOVO DE RUNE. SÓ TINHA SETE ANOS, MAS OS OLHOS ERAM MEIGOS E INTELIGENTES. APEGARA-SE A INEZ DESDE O INÍCIO. DA PRIMEIRA VEZ QUE SE TINHAM VISTO, JOHAN DERA-LHE LOGO A MÃO.

LANÇANDO UM OLHAR ANSIOSO AO IRMÃO MAIS VELHO, JOHAN AJOELHOU-SE AO LADO DE INEZ. TIROU-LHE O PANO DA MÃO E COMEÇOU A LIMPAR A ÁGUA ENTORNADA.

– ASSIM TAMBÉM VAIS FICAR TODO MOLHADO – DISSE INEZ, COMOVIDA PELA VISÃO DA CABEÇA CURVADA DE JOHAN E DA MADEIRA QUE LHE CAÍA SOBRE OS OLHOS.

– NÃO FAZ MAL – DISSE O MENINO.

CLAES AINDA ESTAVA POR DETRÁS DELES, DE BRAÇOS CRUZADOS. A RAIVA BRILHAVA-LHE NOS OLHOS, MAS NÃO SE ATREVEU A REPREENDER O IRMÃO MAIS NOVO.

– QUE MARIQUINHAS – ZOMBOU ANTES DE SAIR DA COZINHA.

INEZ SUSPIROU DE ALÍVIO. ERA RIDÍCULO. CLAES TINHA APENAS DEZASSETTE ANOS. APESAR DE NÃO SER MAIS VELHA, ERA A MADRASTA DO RAPAZ, ALÉM DISSO ESPERAVA UMA CRIANÇA QUE SERIA SEU IRMÃO OU IRMÃ. NÃO DEVIA TER TANTO MEDO DE CLAES. MESMO ASSIM, INSTINTIVAMENTE SABIA QUE DEVIA MANTER-SE LONGE DELE E QUE NÃO DEVIA PROVOCÁ-LO.

INEZ PERGUNTOU A SI PRÓPRIA COMO CORRERIAM AS COISAS QUANDO OS ALUNOS CHEGASSEM. SERÁ QUE O AMBIENTE IA SER MENOS OPRESSIVO QUANDO A CASA ESTIVESSE CHEIA DE RAPAZES? SERÁ QUE AS SUAS VOZES AJUDARIAM A PREENCHER O VAZIO? ESPERAVA QUE SIM. SENÃO IA SUFOCAR.

– ÉS UM BOM MENINO, JOHAN – DISSE, PASSANDO-LHE A MÃO SOBRE O CABELO LOURO. JOHAN NÃO DISSE NADA, MAS INEZ VIU-O SORRIR.



Leon ficou sentado à janela durante bastante tempo antes de os outros chegarem. Contemplou o mar e Valö, observando os barcos que passavam e os veraneantes a gozarem as poucas semanas de férias longe dos seus empregos. Nunca conseguiria ter tido uma vida assim, contudo, invejava-os. Em toda a sua simplicidade, era realmente uma existência maravilhosa, embora talvez aquelas pessoas nem se apercebessem disso. Quando a campainha tocou, Leon empurrou a cadeira para longe da janela depois de lançar uma última olhadela a Valö. O sítio onde tudo tinha começado.

– Está na hora de acabar com isto. – Leon olhou para eles. A tensão no ar era palpável desde que começaram a chegar, um após o outro. Reparou que tanto Percy como Josef evitavam o contacto visual com Sebastian, que não parecia nem um pouco incomodado.

– Que destino, acabar numa cadeira de rodas. Para além de teres a cara completamente arruinada. Logo tu, que tinhas tão boa pinta – disse Sebastian, recostando-se nas almofadas do sofá.

Leon não ficou ofendido. Sabia que as palavras não eram destinadas a magoá-lo. Sebastian sempre fora direto, exceto quando queria enganar alguém. Então mentia sem quaisquer escrúpulos. Era estranho as pessoas mudarem tão pouco. Os outros também não tinham mudado. Percy tinha um ar frágil e Josef conservava a sua expressão séria. John irradiava o mesmo charme de sempre.

Leon tinha investigado tudo sobre eles antes de ter ido para Fjällbacka com Ia. Pagara uma data de dinheiro a um detetive particular, que fizera um excelente trabalho e informara Leon dos vários caminhos que as suas vidas tinham tomado. Mas era como se nada do que aconteceu depois de Valö tivesse qualquer significado agora que estavam novamente reunidos.

Leon não reagiu aos comentários de Sebastian, limitando-se a dizer:

– Está na altura de contarmos a história.

– De que adiantaria isso? – perguntou John. – São águas passadas.

– Sei que a ideia foi minha, mas quanto mais velho fico, mais me apercebo de que foi um erro – disse Leon, cravando os olhos em John. Calculara logo que seria difícil convencer John, mas não estava disposto a deixar que isso o travasse. Independentemente de conseguir que todos os outros concordassem, decidira revelar a verdade. Mas o seu *fair play* levava-o a querer contar aos outros os seus planos

antes de fazer algo que os afetaria a todos.

– Concordo com o John – disse Josef num tom monótono. – Não há nenhuma razão para remexer num assunto que foi esquecido há muito.

– Tu é que estavas sempre a falar da importância do passado. Sobre assumir as responsabilidades. Não te lembras? – perguntou Leon.

Josef empalideceu e virou a cara.

– Não é a mesma coisa.

– Claro que é. O que aconteceu ainda vive dentro de nós. Carreguei este fardo todos estes anos e sei que o mesmo se passou convosco.

– Não é a mesma coisa – insistiu Josef.

– Dizias que todos os culpados pelo sofrimento dos teus pais deviam ser responsabilizados. Não deveríamos nós ser responsabilizados e confessar a nossa culpa? – Leon falara suavemente, mas notou que aquelas palavras tinham perturbado Josef.

– Recuso-me a permitir uma coisa dessas. – John juntou as mãos no colo quando se sentou no sofá ao lado de Sebastian.

– Não te cabe a ti decidir – respondeu Leon, plenamente consciente de que acabara de revelar que já tinha tomado uma decisão.

– Olha, que se lixe. Faz o que te der na gana, Leon – disse repentinamente Sebastian. Enfiou a mão no bolso das calças e extraiu uma chave. Levantou-se e estendeu-a a Leon, que pegou relutantemente nela. Tinham passado muitos anos desde que tivera aquela chave na mão, mesmo muitos desde que lhes selara o destino...

Fez-se silêncio absoluto na sala enquanto todos viam uma vez mais as imagens que se tinham gravado nas suas memórias.

– Temos de abrir a porta. – Leon fechou os dedos em torno da chave. – Preferia ter-vos a todos comigo, mas se se recusarem fá-lo-ei sozinho.

– Com a Ia – aventou John, mas Leon cortou-lhe o pio.

– Ia está a caminho de casa, no Mónaco. Não consegui convencê-la a ficar.

– Pois. Vocês os dois podem sempre escapar – disse Josef. – Vão para o estrangeiro e nós que fiquemos cá para apanhar com tudo em cima.

– Não penso ir-me embora enquanto não estiver tudo resolvido – disse-lhe Leon. – E vamos voltar para cá.

– Ninguém vai a lado nenhum – disse Percy. Tinha ouvido tudo em silêncio, sentado numa cadeira, um pouco afastado dos outros.

– Que queres dizer com isso? – perguntou Sebastian, que continuava indolentemente reclinado nas almofadas do sofá.

– Ninguém vai a lado nenhum – repetiu Percy. Lentamente, inclinou-se e enfiou a mão na pasta que tinha pousado no chão ao lado da cadeira.

– Estás a brincar? – perguntou Sebastian, incrédulo. Estava a olhar para a arma que Percy pousara no colo.

Percy pegou-lhe e apontou-a a Sebastian.

– Não. Achas que tenho motivos para brincar? Tiraste-me tudo.

– Mas foram apenas negócios. E não podes culpar-me. Tu é que desperdiçaste a tua herança.

Ouviu-se um tiro e todos gritaram. Surpreendido, Sebastian levou a mão à cara e o sangue escorreu-lhe entre os dedos. A bala roçara-lhe a face esquerda, continuara o seu voo pela sala e saíra pela grande janela panorâmica com vista para o mar. Tinham os ouvidos a zumbir por causa do tiro e Leon deu-se conta de que estava a agarrar os braços da cadeira de rodas com tanta força que mal sentia os dedos.

– Que raio estás a fazer, Percy?! – gritou John. – Estás louco? Baixa essa arma antes que alguém se magoe.

– É tarde de mais. É tarde de mais para tudo. – Percy voltou a pousar a arma no colo. – Mas antes de vos matar a todos, quero que assumam a responsabilidade pelo que fizeram. Nesse ponto, concordo com o Leon.

– O que queres dizer com isso? À exceção do Sebastian, todos nós somos vítimas, tal como tu. – John olhou para Percy, mas o medo era claramente audível na sua voz.

– Estamos todos implicados. E aquilo destruiu a minha vida. Mas tu és o maior responsável e vais ser o primeiro a morrer. – Percy apontou novamente a arma a Sebastian.

A calma era absoluta. O único som que se ouvia era o da respiração de ambas.

– Deve ser um deles. – Ebba olhou para dentro do baú. Depois afastou-se e vomitou. Anna sentiu o estômago revolver-se, mas forçou-se a não desviar o olhar.

O baú continha um esqueleto. Um crânio com todos os dentes olhava para ela de órbitas vazias. Ainda havia tufo de cabelo curtos agarrados ao osso e Anna calculou que provavelmente era o esqueleto de um homem.

– Acho que tem razão – disse, virando-se para dar umas palmadinhas nas costas de Ebba.

Ebba emitiu alguns soluços antes de se agachar e pôr a cabeça entre os joelhos, como se temesse desmaiar.

– Quer dizer que estiveram sempre aqui.

– Sim. Penso que o mais certo é que os outros também aí estejam – disse Anna, acenando com a cabeça na direção dos dois baús que ainda estavam fechados.

– Temos de abri-los – disse Ebba, levantando-se.

Anna olhou nervosamente de relance para a porta.

– Não devíamos esperar até descobrir se vamos conseguir sair daqui?

– Tenho de saber. – Os olhos de Ebba brilharam.

– Mas o Tobias... – disse Anna.

Ebba abanou a cabeça.

– O Tobias nunca nos vai deixar sair daqui. Percebi isso pelo olhar dele. Além disso, deve pensar que já estou morta.

Aquelas palavras encheram Anna de terror. Sabia que Ebba tinha razão. Tobias não ia abrir a porta. Se não conseguissem encontrar uma saída, morreriam ali. Erica podia ter ficado preocupada e começado a fazer perguntas, mas isso de nada adiantaria se não fosse capaz de encontrá-las. Aquela divisão podia ficar em qualquer ponto da ilha. E porque é que alguém iria descobri-la agora se a polícia não a tinha descoberto durante as buscas para encontrar a família Elvander?

– *Okay*. Vamos tentar. Talvez haja alguma coisa lá dentro que nos ajude a abrir a porta.

Ebba não disse nada, mas começou imediatamente a dar pontapés no fecho do baú à direita do que tinham acabado de abrir. Aquele cadeado mostrou-se mais teimoso.

– Espere – disse Anna. – Podia emprestar-me o anjo do seu colar? Talvez pudesse utilizá-lo para desapertar os parafusos.

Ebba tirou o colar e, com alguma relutância, entregou-o a Anna, que começou a desapertar os parafusos. Depois de retirar as fechaduras dos outros dois baús, olhou para Ebba, que acenou brevemente com a cabeça. Depois, cada uma abriu um baú.

– Estão aqui. Todos – disse Ebba. Desta vez olhou fixamente para os restos mortais da família, que tinham sido despejados no baú como se de lixo se tratasse.

Entretanto, Anna contava os crânios que estavam dentro dos três baús. Depois voltou a contá-los, para não haver dúvidas.

– Falta um – disse em voz baixa.

Ebba teve um sobressalto.

– Como assim?

O cobertor começou a escorregar dos ombros de Anna, que voltou a envolver-se nele.

– Desapareceram cinco pessoas, não foi?

– Sim.

– Mas só estão aqui quatro crânios. Ou seja, quatro cadáveres, a não ser que esteja a faltar a cabeça de um – disse Anna.

Ebba fez uma careta. Inclinou-se para a frente para contar e, em seguida, respirou fundo.

– Tem razão. Falta um.

– Agora resta saber quem é.

Anna olhou para os esqueletos. Era assim que as duas iam acabar se não saíssem dali. Fechou os olhos e imaginou Dan e os filhos. Depois voltou a abri-los.

Recusava-se a deixar que isso acontecesse. Fosse como fosse, iam descobrir uma maneira de sair daquele sítio.

Ao seu lado, Ebba começou a soluçar.

– Paula! – Patrik fez sinal para que a colega o seguisse até ao seu gabinete. Gösta e Erica tinham ido para Fjällbacka e Mellberg fechara-se no gabinete para tratar dos jornalistas. Pelo menos era o que tinha dito.

– Qual é o problema? – Paula afundou-se desajeitadamente na cadeira reservada às visitas.

– Não me parece que tenhamos oportunidade de falar com o John Holm hoje – explicou Patrik, passando a mão pelo cabelo. – A polícia de Gotemburgo está a fazer buscas em casa dele neste preciso momento. Foi o Kjell Ringholm quem telefonou. Parece que o Kjell e o Sven Niklasson, do *Expressen*, estão no local.

– Buscas em casa do Holm? Porquê? E porque é que não fomos informados? – Paula abanou a cabeça.

– O Kjell não entrou em pormenores. Disse apenas que era uma questão de segurança nacional e que vai ser uma coisa em grande. Sabes como é o Kjell.

– Vamos até lá? – perguntou Paula.

– Não. Muito menos tu, nesse estado. Se a polícia de Gotemburgo lá está, o melhor é mantermo-nos afastados, por enquanto, mas estou a pensar telefonar-lhes para tentar obter mais algumas informações sobre o que está a acontecer. De qualquer forma, parece-me que o Holm não estará disponível durante bastante tempo.

– Que se estará a passar? – perguntou Paula, tentando encontrar uma posição mais confortável na cadeira.

– Tenho a certeza de que vamos saber em breve. Se o Kjell e o Sven Niklasson estão lá, a notícia não tardará a aparecer nos jornais.

– Entretanto podíamos ir falar com os outros.

– Como eu disse, receio que isso vá ter de esperar algum tempo. – Patrik levantou-se. – Vou ter com o Gösta para irmos a Valö. Temos de descobrir o que está a acontecer por lá.

– O pai do Leon – disse Paula, pensativa. – É tão estranho ter sido ele a depositar o dinheiro.

– Assim que eu e o Gösta voltarmos, vamos ter uma conversa com o Leon – afirmou Patrik. Os pensamentos rodopiavam-lhe na mente. – O Leon e a Annelie... Talvez sempre tenham alguma coisa que ver com o desaparecimento da família Elvander.

Estendeu a mão a Paula, que aceitou com gratidão a ajuda para se levantar.

– Vou ver o que consigo descobrir sobre o Aron – disse, arrastando-se depois pelo

corredor.

Patrik pegou no blusão de verão e saiu do gabinete. Esperava que Gösta tivesse conseguido deixar Erica em casa. Podia imaginá-la durante toda a viagem até Fjällbacka, a tentar persuadir Gösta a deixá-la ir com eles a Valö. Mas não estava disposto a ceder. Embora não estivesse tão alarmado como Erica, sentia que algo se passava na ilha. E não queria que a mulher lá estivesse se acontecesse alguma coisa.

Acabara de chegar ao parque de estacionamento quando Paula o chamou da entrada. Patrik virou-se.

– Que foi?

Paula estava a fazer-lhe sinal para regressar e, quando viu a expressão séria no rosto da colega, Patrik apressou-se a fazê-lo.

– Tiros. Em casa do Leon Kreutz – disse a arfar.

Patrik abanou a cabeça. Porque é que tudo tinha de acontecer ao mesmo tempo?

– Vou ligar ao Gösta a dizer-lhe para ir lá ter comigo. Podes ir acordar o Mellberg? Precisamos de toda a ajuda possível.

Salvik espriava-se diante deles, as casas a brilhar à luz do sol. Da praia, que ficava a escassas centenas de metros de distância, veio o som de crianças a brincar e a rir. Era um sítio popular entre as famílias e Erica passava lá quase todos os dias das férias de verão com os filhos enquanto Patrik estava a trabalhar.

– Onde se terá metido o Victor? – disse Erica.

– Pois, também gostava de saber – afirmou Gösta. Não fora capaz de contactar a Guarda Costeira, por isso, Erica convencera-o a entrar. Convidou-o para tomar uma chávena de café com ela e Kristina, enquanto esperava que Victor desse sinal de vida.

– Vou tentar telefonar-lhe novamente – disse Gösta, marcando o número pela quarta vez.

Erica estudou-o, tentando pensar numa maneira de o convencer a deixá-la ir com eles. Ia enlouquecer se ficasse em casa.

– Não atende. Acho que tenho tempo de ir à casa de banho. – Gösta levantou-se e saiu da sala.

Deixara o telemóvel em cima da mesa. Gösta só tinha saído há um minuto quando o aparelho começou a tocar. Erica inclinou-se para olhar para o ecrã. Dizia: «Hedström» em letras grandes. Ponderou o que fazer. Kristina estava na sala de estar, a correr atrás das crianças, e Gösta estava na casa de banho. Hesitou por um segundo e, em seguida, pegou no telemóvel.

– Sou eu, Erica. Estou a falar do telemóvel do Gösta... Ele foi à casa de banho. Queres que lhe deixe algum recado? Tiros? *Okay*, eu digo-lhe... Sim, sim... vou já

dizer-lhe. Gösta vai já para aí.

Erica terminou a chamada e considerou uma série de opções diferentes. Por um lado, Patrik precisava de reforços; por outro, tinham de ir a Valö o mais depressa possível. Pôs-se à escuta para tentar ouvir os passos de Gösta. Não tardaria a aparecer e tinha de tomar uma decisão antes que isso acontecesse. Pegou no seu próprio telemóvel e, passado um momento, marcou um número. Martin atendeu ao segundo toque. Em voz baixa, Erica explicou a situação e o que tinha de ser feito. Martin não hesitou por um instante. Essa parte estava resolvida. Agora só precisava de uma atuação digna de um Óscar.

– Quem é que me telefonou? – perguntou Gösta.

– O Patrik. Conseguiu falar com a Ebba e está tudo bem em Valö. A Ebba disse que a Anna ia a uns leilões de província e deve ter sido por isso que não teve tempo para responder às minhas chamadas. Mas o Patrik achou que nós devíamos ir até à ilha para termos uma pequena conversa com a Ebba e com o Tobias.

– Nós?

– Sim. O Patrik considera que já não há perigo.

– Tem a certeza? – Gösta foi interrompido pelo toque do seu telemóvel. – Olá, Victor. Sim, tenho estado a tentar falar contigo. Precisamos de boleia para Valö. De preferência agora mesmo... *Okay*, estamos aí daqui a cinco minutos.

Gösta terminou a chamada e lançou a Erica um olhar desconfiado.

– Se não acredita em mim, pode telefonar ao Patrik e perguntar-lhe – disse Erica com um sorriso.

– Não, não é preciso. É melhor irmos andando.

– Vais sair outra vez? – Kristina apareceu com Noel bem apertado nos braços. O rapazinho estava a tentar escapar-se. Da sala de estar veio o grito estridente de Anton e, ao mesmo tempo, Maja começou a gritar: – Avóo! Avóoo!

– Não vou demorar-me; depois tomo conta deles – disse Erica, prometendo silenciosamente ser mais simpática para a sogra se conseguisse ir até Valö.

– Bem, mas esta é a última vez que venho cá tão em cima da hora. Não penses que vou abdicar de mais um dia inteiro assim e repara que já não aguento lidar com este ritmo e com este nível de ruído. Claro que os meninos são um encanto, mas não posso deixar de dizer que podiam ter mais maneiras. E isso não é da minha responsabilidade, é uma coisa que tem de ser ensinada diariamente.

Erica fingiu não ouvir enquanto a agradecia à sogra e avançava até ao vestíbulo.

Minutos mais tarde estavam a bordo dos *MinLouis*, a caminho de Valö. Erica tentou descontraí-la, dizendo a si mesma que estava tudo bem, tal como dissera a Gösta. Mas não acreditava nisso. Sabia instintivamente que Anna estava em apuros.

– Espero aqui? – perguntou Victor quando atracou suavemente o barco.

Gösta abanou a cabeça.

– Não, não vale a pena. Mas podemos precisar de uma boleia mais tarde. Podemos ligar-te para nos vires buscar?

– Claro. Dá-me uma apitadela quando estiverem despachados. Vou fazer as minhas rondas para ver se está tudo bem.

Erica observou o barco a afastar-se, perguntando a si própria se fora uma decisão acertada deixá-lo ir. Mas já era tarde de mais para mudar de ideias.

– Ei, aquele não é o vosso barco? – perguntou Gösta.

– Sim. Que estranho... – Erica fingiu-se surpreendida. – Talvez a Anna tenha voltado. Vamos até lá acima? – perguntou, começando a caminhar.

Gösta avançou pesadamente atrás dela, murmurando para si mesmo.

Mais à frente, viram a bela casa castigada pelo tempo. Uma calma sinistra pairava sobre o edifício e Erica sentiu-se a entrar em alerta máximo.

– Está cá alguém? – gritou quando se aproximaram dos largos degraus de pedra. A porta da frente estava aberta. Ninguém respondeu.

Gösta parou.

– É estranho, não está ninguém em casa. Mas o Patrik disse que a Ebba estava cá?

– Sim, pelo menos foi o que percebi.

– Talvez tenham ido até à praia. – Gösta deu alguns passos para um dos lados para espreitar à esquina.

– Talvez – disse Erica, entrando na casa.

– Acho que não devíamos entrar assim sem mais nem menos.

– Porque não? Venha. Está cá alguém? – voltou a gritar. – Tobias? Está alguém em casa?

Gösta seguiu relutantemente Erica até ao vestíbulo. Estava completamente silencioso mas, de repente, Tobias apareceu à porta da cozinha. A fita da polícia tinha sido rasgada ao meio e agora pendia do batente da porta.

– Olá – disse num tom monótono.

Erica sobressaltou-se ao vê-lo. O cabelo estava desgrenhado e colado à testa como se tivesse estado a suar em bica e tinha olheiras. Olhava-os com uma expressão vazia.

– A Ebba está? – perguntou Gösta. Um sulco profundo tinha-lhe aparecido entre as sobrancelhas.

– Não, a Ebba foi visitar os pais.

Gösta lançou a Erica um olhar surpreendido.

– Mas o Patrik acabou de falar com ela e disse que a Ebba estava cá.

Erica abriu as mãos e, por um instante, a expressão de Gösta tornou-se severa, mas o velho polícia não disse nada.

– A Ebba não chegou a voltar para casa. Telefonou a dizer que ia de carro para

Gotemburgo.

Erica assentiu, mas sabia que Tobias estava a mentir. Maria, que pilotava o barco-correio, tinha dito que levara Ebba até à ilha. Erica olhou discretamente em redor e um objeto no chão, perto da porta, despertou-lhe a atenção. O saco de viagem de Ebba. O que tinha levado quando ficara em sua casa. Isso significava que não tinha ido diretamente para Gotemburgo.

– Onde está a Anna?

Tobias, que ainda estava a olhar para eles com a mesma expressão mortíça, encolheu os ombros.

Aquilo fez com que se decidisse. Sem pensar duas vezes, Erica avançou e ergueu o saco do chão. Então virou-se e subiu as escadas a correr enquanto gritava:

– Anna! Ebba!

Nenhuma resposta. Ouviu passos rápidos atrás dela e apercebeu-se de que Tobias estava no seu encalço. Chegou ao cimo das escadas e correu para o quarto, parando a meio. Ao lado de um tabuleiro com copos de vinho vazios e alguns restos de comida estava a mala de Anna.

Primeiro o barco e agora a mala da irmã. A contragosto, Erica teve de concluir que Anna ainda estava na ilha, tal como Ebba.

Virou-se para enfrentar Tobias, mas as palavras congelaram-lhe na garganta. Tobias apontava-lhe uma arma. Pelo canto do olho, viu Gösta parar de repente.

– Não se mexa – rosnou Tobias, dando um passo em frente. O cano da arma estava apenas a um centímetro da testa de Erica e o marido de Ebba empunhava-a com firmeza. – E você vá para ali. – Tobias fez sinal com a cabeça para que Gösta se fosse pôr do lado direito de Erica.

Gösta obedeceu instantaneamente. Com as mãos erguidas e os olhos fixos em Tobias, avançou para junto de Erica.

– Sentem-se! – ordenou Tobias.

Ambos se sentaram no chão de madeira recém-polido. Erica olhou para a arma. Onde é que Tobias tinha arranjado uma arma?

– Largue isso e vamos resolver esta situação juntos – aventou Erica.

– Como é que isso vai acontecer? O meu filho está morto por causa daquela cabra. Como é que pensa resolver isso?

Pela primeira vez houve uma centelha de vida nos olhos mortíços de Tobias, e Erica encolheu-se diante da loucura que via à sua frente. Teria estado sempre ali, por detrás da fachada controlada de Tobias? Ou teria sido a ilha a provocá-la?

– A minha irmã... – Erica estava tão preocupada que mal conseguia respirar. Se ao menos soubesse que Anna ainda estava viva...

– Nunca vão encontrá-las. Assim como nunca encontrarão os outros.

– Os outros? Está a falar da família Elvander? – perguntou Gösta.

Tobias não respondeu. Tinha-se agachado, continuando sempre a apontar-lhes a arma.

– A Anna está viva? – perguntou Erica sem esperar receber uma resposta.

Tobias sorriu. Erica percebeu que a decisão de mentir a Gösta foi a coisa mais estúpida que alguma vez tinha feito.

– Que está a pensar fazer? – perguntou Gösta como se tivesse lido a mente de Erica.

Tobias encolheu os ombros, mas não disse uma palavra. Em vez disso sentou-se no chão com as pernas cruzadas e continuou a estudá-los. Era como se estivesse à espera de alguma coisa, embora não tivesse a certeza do que poderia ser. Parecia estranhamente calmo. Apenas a arma e o brilho frio nos olhos arruinavam aquele efeito. Algures na ilha estavam Anna e Ebba. Mas estariam vivas ou mortas?

VALÖ, 1973

LAURA DAVA VOLTAS E MAIS VOLTAS NO COLCHÃO DESCONFORTÁVEL. UMA VEZ QUE IA VISITÁ-LOS TANTAS VEZES, PORQUE É QUE INEZ E RUNE NÃO LHE PROPORCIONAVAM UMA CAMA MELHOR? TINHAM DE PERCEBER QUE JÁ NÃO ERA NOVA. COMO SE NÃO BASTASSE, PRECISAVA DE IR À CASA DE BANHO.

PÔS OS PÉS NO CHÃO E ESTREMECEU. O FRIO DE NOVEMBRO TINHA VINDO PARA FICAR E ERA INÚTIL TENTAR AQUECER AQUELA CASA ANTIGA. SUSPEITAVA DE QUE RUNE POUPAVA NO AQUECIMENTO NA TENTATIVA DE REDUZIR AS DESPESAS. NUNCA FORA UM HOMEM PARTICULARMENTE GENEROSO. PELO MENOS, A PEQUENA EBBA ERA MUITO QUERIDA, TINHA DE ADMITI-LO – MAS SÓ ERA AGRADÁVEL TÊ-LA AO COLO POR POUCO TEMPO. NUNCA GOSTARA MUITO DE CRIANÇAS E TINHA MUITO POUCA ENERGIA PARA PERDER MUITO TEMPO COM ANETA.

CAUTELOSAMENTE, LAURA CAMINHOU PELO SOALHO DE MADEIRA, QUE RANGIA SOB O SEU PESO. NOS ÚLTIMOS ANOS, COMEÇARA A ENGORDAR A UM RITMO ANGUSTIANTE E A FIGURA ESBELTA NA QUAL SEMPRE TIVERA TANTO ORGULHO PERTENCIA AGORA AO PASSADO. MAS PORQUÊ ESFORÇAR-SE? NORMALMENTE ESTAVA SOZINHA NO SEU APARTAMENTO E A AMARGURA QUE SENTIA CRESCIA A CADA DIA QUE PASSAVA.

RUNE NÃO TINHA IDO AO ENCONTRO DAS SUAS EXPECTATIVAS. ERA VERDADE QUE LHE COMPRARA O APARTAMENTO, MAS LAURA ARREPENDIA-SE DE NÃO TER ENCONTRADO MELHOR PARTIDO PARA A FILHA. BELA COMO ERA, INEZ PODERIA TER TIDO QUALQUER HOMEM QUE QUISESSE. RUNE ELVANDER ERA DEMASIADO AVARENTO E FAZIA INEZ TRABALHAR DE MAIS. A FILHA TORNARA-SE MAGRA COMO UM FUSO E NUNCA TINHA UM MOMENTO PARA SI. SE NÃO ESTIVESSE A LIMPAR, A COZINHAR OU A AJUDAR RUNE COM OS ALUNOS, ESTAVA A TRATAR DOS FILHOS. O MAIS NOVO ERA BONZINHO, MAS OS DOIS MAIS VELHOS ERAM EXTREMAMENTE DESAGRADÁVEIS E MALTRATAVAM A FILHA À DESCARADA.

OS DEGRAUS RANGERAM QUANDO LAURA DESCEU AS ESCADAS. ERA MUITO INCOMODATIVO QUE A BEXIGA JÁ NÃO AGUENTASSE UMA NOITE INTEIRA. ERA PARTICULARMENTE DESAGRADÁVEL TER DE SAIR DE CASA PARA IR À CASA DE BANHO EXTERIOR COM AQUELE FRIO. LAURA PAROU. ALGUÉM ESTAVA A MOVER-SE NO RÉS DO CHÃO. PÔS-SE À ESCUTA. A PORTA DA FRENTE ABRIU-SE. A SUA CURIOSIDADE FOI DESPERTADA. QUEM ESTARIA LEVANTADO ÀQUELA HORA? NÃO HAVIA QUALQUER RAZÃO PARA ALGUÉM IR LÁ FORA, A MENOS QUE ESTIVESSE A TRAMAR ALGUMA. PROVAVELMENTE ERA UM DAQUELES RAPAZES MIMADOS A PREGAR UMA PARTIDA, MAS LAURA IA ESTRAGAR-LHE A BRINCADEIRA.

QUANDO OUVIU A PORTA FECHAR-SE NO VESTÍBULO, LAURA APRESSOU-SE A DESCER O RESTO DAS ESCADAS E CALÇOU AS BOTAS. ENVOLVEU-SE NUM XAILE QUENTE, ABRIU A PORTA DA FRENTE E OLHOU LÁ PARA FORA. ERA DIFÍCIL VER ALGUMA COISA NO ESCURO, MAS

QUANDO SAIU PARA O ALPENDRE VIU UMA SOMBRA A CONTORNAR O LADO ESQUERDO DA CASA E A DESAPARECER. TINHA DE SER ASTUTA. DESCEU O RESTO DOS DEGRAUS, MOVENDO-SE COM CAUTELA PARA O CASO DE A GEADA OS TER DEIXADO ESCORREGADIOS. NO FUNDO DAS ESCADAS, LAURA VIROU À DIREITA E NÃO À ESQUERDA. SEGUINDO PELA DIREÇÃO OPOSTA, INTERCETARIA QUEM QUER QUE ALI ESTIVESSE. ASSIM APANHARIA A PESSOA EM FLAGRANTE, FOSSE O QUE FOSSE QUE ESTIVESSE A FAZER.

LENTAMENTE, LAURA DOBROU A ESQUINA, MANTENDO-SE JUNTO À PAREDE. NA PRÓXIMA ESQUINA PAROU PARA VER O QUE ESTAVA A ACONTECER NAS TRASEIRAS DA CASA. NÃO SE VIA VIVALMA. LAURA FRANZIU A TESTA E OLHOU PARA A ESCURIDÃO, DECECIONADA. PARA ONDE TERIAM IDO? DEU TIMIDAMENTE ALGUNS PASSOS EM FRENTE ENQUANTO OLHAVA EM REDOR. PARA A PRAIA? ERA MUITO ARRISCADO AVENTURAR-SE ATÉ LÁ, PODIA TROPEÇAR E CAIR. ALÉM DISSO, O MÉDICO TINHA-A AVISADO PARA NÃO FAZER QUAISQUER ESFORÇOS. TINHA O CORAÇÃO FRÁGIL E NÃO DEVIA EXAGERAR. TREMENDO, LAURA ACONCHEGOU-SE MAIS NO XAILE. O FRIO COMEÇAVA A INFILTRAR-SE SOB A ROUPA E OS DENTES BATIAM.

DE REPENTE, UMA FIGURA ESCURA APARECEU-LHE À FRENTE E LAURA DEU UM SALTO. ENTÃO VIU QUEM ERA.

– AH, ÉS TU? QUE ANDAS A FAZER AQUI FORA A ESTAS HORAS?

OS OLHOS FRIOS FIZERAM-NA ESTREMECER AINDA MAIS. ERAM TÃO ESCUROS COMO A NOITE. LENTAMENTE, LAURA COMEÇOU A RECUAR, APERCEBENDO-SE DO SEU ERRO. MAIS ALGUNS PASSOS. BASTAVAM APENAS ALGUNS PASSOS PARA VIRAR A ESQUINA E DEPOIS CONSEGUIRIA CORRER ATÉ À PORTA DA FRENTE. NÃO ERA LONGE, MAS A ENTRADA DA CASA PARECIA FICAR A VÁRIOS QUILOMETROS DE DISTÂNCIA. ATERRORIZADA, LAURA OLHOU PARA AQUELES OLHOS NEGROS COMO A NOITE E SOUBE QUE NUNCA VOLTARIA A ENTRAR NAQUELA CASA. DE REPENTE LEMBROU-SE DE DAGMAR. A SENSÇÃO ERA A MESMA. NÃO HAVIA NADA QUE PUDESSE FAZER. FORA APANHADA E NÃO TINHA QUALQUER HIPÓTESE DE FUGA. LAURA SENTIU ALGO A REBENTAR-LHE DENTRO DO PEITO.



Patrik olhou para o relógio.

– Onde raio se meteu o Gösta? Devia ter cá chegado primeiro. – Estava à espera no carro com Mellberg e ambos olhavam para a casa de Leon.

Nesse momento, um veículo que lhe era familiar parou ao lado deles e Patrik viu, para sua surpresa, que Martin estava ao volante.

– Que estás aqui a fazer? – perguntou Patrik, saindo do carro.

– A tua mulher ligou-me, disse que havia um problema e que tu precisavas da minha ajuda.

– Mas que raio... – começou a dizer Patrik, mas depois calou-se abruptamente e apertou os lábios. Bolas, Erica! Claro que a mulher tinha conseguido enganar Gösta e fazer com que a levasse até Valö. Ficou furioso e extremamente preocupado. Era a última coisa de que precisava naquele momento. Não faziam ideia do que estava a acontecer em casa de Leon, mas era nisso que tinha de concentrar-se. Por outro lado, estava grato por Martin ter aparecido. Estava com ar abatido; contudo, numa situação de crise, até mesmo um Martin esgotado era preferível a um Gösta Flygare.

– Então, o que se passa aqui? – Martin ergueu a mão para tapar o sol enquanto estudava a casa.

– Um tiroteio. É tudo o que sabemos.

– Quem está lá dentro?

– Também não sabemos. – Patrik sentiu a pulsação acelerar. Como polícia, detestava aquelas situações. Tinham muito poucas informações para conseguir avaliar corretamente o que estava a acontecer e era nessas alturas que as coisas podiam dar para o torto.

– Não devíamos pedir reforços? – perguntou Mellberg do interior do carro.

– Não, acho que não há tempo para isso. Vamos lá e tocamos à campainha.

Mellberg parecia prestes a protestar, mas Patrik falou primeiro.

– O Bertil vai ficar aqui de guarda. Eu e o Martin vamos tentar resolver isto. – Patrik virou-se para Martin, que assentiu silenciosamente e sacou a pistola de serviço do coldre.

– Passei pela esquadra para ir buscar a minha pistola. Pensei que podia vir a precisar dela.

– Fizeste bem. – Patrik também sacou a sua pistola e ambos se aproximaram com cautela da porta da frente. Patrik tocou à campainha. O som ecoou no interior da

casa, e em seguida, uma voz gritou:

– Entre. Está aberta.

Patrik e Martin trocaram um olhar surpreendido. Depois entraram. Quando viram o grupo reunido na sala de estar, a surpresa foi ainda maior. Estavam lá Leon, Sebastian, Josef e John, assim como um homem de cabelos grisalhos que Patrik presumiu ser Percy von Bahrn. Empunhava uma arma e não se dignou a olhar para eles.

– Que está a acontecer aqui? – exigiu saber Patrik. Empunhava a pistola de serviço mas tinha o braço para baixo. Apercebeu-se de que Martin estava a fazer o mesmo.

– Pergunte ao Percy – disse Sebastian.

– Leon convocou-nos aqui para pôr um ponto final neste assunto. E é isso mesmo que pretendo fazer. – A voz de Percy tremia. Quando Sebastian mudou de posição no sofá, Percy sobressaltou-se e apontou-lhe a arma.

– Acalma-te, por amor de Deus. – Sebastian ergueu as mãos.

– Pôr um ponto final em quê? – perguntou Patrik.

– Nisto tudo. Em tudo o que aconteceu. No que nunca devia ter acontecido. No que todos nós fizemos – explicou Percy. Baixou a arma.

– Que foi que fizeram?

Ninguém respondeu, por isso, Patrik decidiu ajudá-los.

– Durante as conversas que tivemos convosco, todos alegaram ter ido pescar naquele dia. Mas não se pode apanhar cavala na Páscoa.

Ninguém falou. Por fim, Sebastian disse com uma risada:

– Só mesmo uns rapazolas da cidade para cometerem um erro desses.

– Na altura não protestaste – disse Leon. Parecia quase divertido.

Sebastian encolheu os ombros.

– Porque é que o seu pai depositou dinheiro no banco a Ebba até ela fazer dezoito anos? – perguntou Patrik a Leon. – Os senhores falaram com ele naquele dia? Um homem rico e poderoso, com uma rede de contactos. Será que vos ajudou depois de terem assassinado a família? Que aconteceu? O Rune foi longe de mais? Foram forçados a matar os outros porque eram testemunhas? – Patrik apercebeu-se do tom irado com que falava, mas queria apertar com eles, fazê-los falar.

– Estás satisfeito agora, Leon? – zombou Percy. – Tens aqui a tua oportunidade de pôr todas as cartas na mesa.

John Holm levantou-se de um salto.

– Isto é uma loucura. Recuso-me a fazer parte disto. Vou-me embora. – Holm deu um passo em frente, mas Percy virou-se instantaneamente para a direita, apontou a arma para John e engatilhou-a.

– Que estás a fazer?! – gritou John, sentando-se. Patrik e Martin ergueram as

pistolas para visar Percy, mas baixaram-nas porque Percy continuava a apontar a arma a John. Era demasiado arriscado.

– Da próxima vez, o alvo és tu. Esta é uma herança do meu pai que eles não me podem tirar. Costumava detestar as horas que me obrigava a passar a praticar tiro ao alvo. Mas se quisesse tirava-te essa franjinha de que tanto pareces gostar num abrir e fechar de olhos. – Percy inclinou a cabeça para um lado e olhou fixamente para John, cujo rosto estava pálido.

Só nesse momento ocorreu a Patrik que a polícia de Gotemburgo devia ter ido a casa de John Holm para o encontrar. O mais provável é que os colegas não tivessem ideia de que Holm estava ali.

– Tenha calma, Percy – disse calmamente Martin. – Não queremos que ninguém se magoe. Ninguém vai a lado nenhum até termos percebido o que se está aqui a passar.

– Foi por causa da Annelie? – Patrik virara-se novamente para Leon. Porque estaria a hesitar se queria realmente revelar o que tinha acontecido naquele fim de semana de Páscoa, em 1974? Será que de repente se tinha acobardado? – Julgamos que a Annelie levou o passaporte e fugiu para o estrangeiro depois dos homicídios. Porque a família foi assassinada, não foi?

Sebastian desatou a rir.

– Qual é a graça? – perguntou Martin.

– Nada. Absolutamente nada.

– Foi o seu pai que a ajudou a desaparecer? O senhor e a Annelie andavam a dormir juntos? Será que tudo se desmoronou quando o Rune descobriu? Como é que conseguiu que os outros rapazes o ajudassem e depois que se mantivessem calados estes anos todos? – Patrik fez um gesto abrangente a assinalar o grupo de homens de meia-idade. Visualizou as fotografias dos rapazes que tinham sido tiradas após o desaparecimento da família. Aquelas expressões desafiadoras. O ar autoritário de Leon, que lhe assentava como uma luva. Apesar dos cabelos grisalhos e dos rostos envelhecidos, continuavam muito parecidos com os rapazes que tinham sido naquele tempo. E também continuavam unidos.

– Isso, fala-lhes da Annelie. – Sebastian sorriu. – Já que estás tão interessado em revelar a verdade, fala-lhes dela.

De repente, fez-se luz na mente de Patrik.

– Já conheci a Annelie, não é verdade? A Ia é Annelie.

Ninguém disse uma palavra. Todos se viraram para Leon com uma mistura de medo e de alívio nos rostos.

Leon esticou lentamente os braços quando se sentou na cadeira de rodas. Em seguida virou-se para Patrik, o sol a incidir-lhe na face repleta de cicatrizes, e disse:

– Vou falar-vos da Annelie. E do Rune, da Inez, de Claes e Johan.

– Para e pensa no que estás a fazer, Leon – disse John.

– Já pensei. Está na hora.

Leon respirou fundo, mas antes que pudesse continuar, a porta da frente abriu-se. E lá estava Ia. Olhou para todos à vez e então os olhos abriram-se muito quando viu a arma na mão de Percy. Por um momento pareceu hesitar. Em seguida, dirigiu-se ao marido, pôs-lhe a mão no ombro e disse suavemente:

– Tens razão. É impossível continuar a fugir.

Leon assentiu. Depois começou a contar a história.

Anna estava mais preocupada com Ebba do que consigo própria. O rosto de Ebba estava pálido, o pescoço apresentava uma tonalidade vermelho-fogo e parecia ter impressas as marcas das mãos de alguém. As mãos de Tobias. O pescoço de Anna não estava dorido. Será que Tobias a tinha drogado? Não sabia e isso era o que mais a assustava. Tinha adormecido nos braços dele, embalada pela sensação de aceitação e de proximidade e depois acordara ali, deitada naquele chão de pedra frio.

– A minha mãe está aqui – disse Ebba, olhando para dentro de um dos baús.

– Não pode ter a certeza disso.

– Só um dos crânios é que tem cabelo comprido. Só pode ser a minha mãe.

– Pode ser a sua irmã – disse Anna. Ponderou fechar a tampa, mas Ebba andava há muito tempo a interrogar-se acerca do que acontecera à família e o conteúdo dos baús fornecia algumas respostas.

– Onde é que estaremos? – perguntou Ebba enquanto continuava a fitar os esqueletos.

– Julgo que devemos estar numa espécie de abrigo antiaéreo. E, a julgar pela bandeira e pelos uniformes, deve ter sido construído durante a Segunda Guerra Mundial.

– É tão estranho pensar que estiveram aqui durante tanto tempo. Porque será que nunca ninguém os encontrou?

Ebba parecia cada vez mais preocupada e Anna apercebeu-se de que, se queriam sair dali, teria de assumir o controlo da situação.

– Temos de descobrir algo com que arrombar a porta – disse Anna, dando um pequeno empurrão a Ebba. – Porque é que não vai vasculhar aquele monte de lixo ali ao canto enquanto eu... – Anna hesitou. – Enquanto eu procuro nos baús.

Ebba lançou-lhe um olhar horrorizado.

– Mas então e se... E se eles se partem?

– Se não conseguirmos abrir a porta vamos morrer aqui – disse calmamente Anna. – Talvez haja algumas ferramentas num dos baús. Uma de nós tem de fazê-lo. Decida!

Por um momento, Ebba não se mexeu enquanto pensava no que Anna tinha acabado de dizer. Depois virou-se e começou a vasculhar o monte de lixo. Anna não acreditava realmente que Ebba fosse encontrar alguma coisa, mas far-lhe-ia bem manter-se ocupada.

Anna respirou fundo e enfiou a mão num dos baús. Sentiu o estômago revolver-se quando tocou nos ossos. Cabelos secos e quebradiços fizeram-lhe cócegas na pele e não conseguiu conter um grito.

– O que foi? – perguntou Ebba, que se virou, alarmada.

– Nada – respondeu Anna, que se encheu de coragem e continuou a sua busca. Os dedos arranharam o fundo de madeira do baú e Anna inclinou-se para a frente para ver se havia lá mais alguma coisa. De repente sentiu algo duro e agarrou o objeto entre o polegar e indicador. Parecia demasiado pequeno para ser de alguma utilidade; apesar disso, Anna retirou-o do baú, para ver o que tinha encontrado. Um dente. Com um murmúrio enojado, Anna voltou a deixá-lo cair para dentro do baú e limpou a mão ao cobertor que a envolvia.

– Encontrou alguma coisa? – perguntou Ebba.

– Não, ainda não.

Anna forçou-se a procurar no segundo baú e, quando terminou, caiu de joelhos. Não havia nada. Nunca iriam sair dali. Iam morrer.

Voltou a levantar-se com esforço. Faltava um baú e recusava-se a desistir, embora estremecesse só de pensar em enfiar as mãos dentro dele. Decidida, virou-se para o último baú. Ebba estava encostada à parede, toda encolhida, a chorar. Anna olhou na sua direção antes de enfiar a mão no baú. Engoliu em seco quando estendeu a mão para o fundo de madeira, movendo as pontas dos dedos para a frente e para trás. Tocou em algo. Parecia um maço de papéis, embora fosse mais macio de um lado. Pegou no maço e ergueu-o contra a luz da lâmpada.

– Ebba! – chamou Anna.

Como não obteve resposta, Anna foi sentar-se no chão ao lado de Ebba. Em seguida, estendeu-lhe o que agora sabia serem fotografias.

– Veja – disse Anna. Os dedos estavam em pulgas para folhear as fotografias, mas suspeitava que eram do passado de Ebba, que devia ser a primeira a vê-las.

Com as mãos trémulas, Ebba pegou nas *Polaroid*.

– Que significa isto? – perguntou, abanando a cabeça.

Olharam ambas para as fotografias, ainda que tivessem preferido não o fazer. E perceberam as duas que estava ali a explicação para o que tinha acontecido naquele fim de semana de Páscoa, em 1974.

Tobias estava cada vez mais ausente. Tinha as pálpebras pesadas, a cabeça descaída e, como Erica constatou, estava prestes a adormecer. Não se atreveu a

olhar para Gösta. Tobias ainda empunhava firmemente a arma e podia ser fatal fazer qualquer movimento brusco.

Por fim, os olhos de Tobias fecharam-se. Lentamente, Erica virou a cabeça para Gösta enquanto levava um dedo aos lábios. Gösta acenou com a cabeça. Erica lançou um olhar interrogativo à porta por detrás de Tobias, mas Gösta abanou a cabeça. Não, Erica também não achava que aquilo fosse resultar. Se acordasse enquanto tentavam passar sub-repticiamente por ele, corriam o risco de Tobias desatar a disparar.

Erica fez uma pausa para pensar. Precisavam de ajuda. Voltou a chamar a atenção de Gösta e fez um gesto que significava telefonar. Gösta compreendeu-a imediatamente e começou a vasculhar os bolsos do casaco, mas depois encolheu os ombros, resignado. Não tinha trazido o telemóvel. Erica esquadrinhou o quarto. A mala de Anna não estava longe. Lentamente, foi tentando aproximar-se. Tobias contraiu-se de repente e Erica congelou por um momento, mas o marido de Ebba continuou a dormir, a cabeça descaída sobre o peito. Então, os dedos tocaram na mala e Erica deslizou mais alguns centímetros para o lado, conseguindo agarrar a pega. Prendeu a respiração quando pegou na mala sem fazer um ruído. Rebuscou-a cautelosamente enquanto Gösta observava. Suprimiu um acesso de tosse e Erica franziu a testa. Era a pior altura possível para Tobias despertar.

Por fim, Erica encontrou o telemóvel de Anna. Certificou-se de que tinha desligado o som, mas depois apercebeu-se de que não sabia o código de quatro dígitos. Tudo o que podia fazer era tentar adivinhar. Inseriu a data de nascimento de Anna. A palavra «erro» apareceu no ecrã e Erica praguejou em silêncio. Anna podia não ter alterado o código de origem, mas Erica esperava que isso não tivesse acontecido. Dispunha de mais duas tentativas. Erica pensou por um momento e depois tentou a data de nascimento de Adrian. «Erro», mais uma vez. Então teve uma ideia. Havia outra data que era significativa na vida de Anna: o dia fatídico em que Lucas morreu. Erica inseriu esses quatro dígitos e uma luz verde deu-lhe milagrosamente as boas-vindas ao mundo do telemóvel da irmã.

Erica olhou de relance para Gösta, que suspirou de alívio. Tinha de ser rápida a agir. Tobias podia acordar a qualquer momento. Graças a Deus que ambas tinham o mesmo modelo de telemóvel, por isso localizou facilmente o menu. Começou a digitar uma mensagem de texto, breve mas com informações suficientes para que Patrik compreendesse o perigo com que se deparavam. Tobias agitou-se, inquieto. Quando Erica estava prestes a enviar a mensagem voltou atrás e acrescentou mais alguns destinatários. Se Patrik não a visse imediatamente, vê-la-ia outra pessoa e agiria. Carregou no botão «enviar» e, em seguida, voltou a pôr a mala onde a tinha encontrado. Escondeu o telemóvel sob a coxa direita para poder aceder ao aparelho, se fosse necessário, mas de modo a que Tobias não fosse capaz de vê-lo quando

acordasse. Agora, tudo o que podiam fazer era esperar.

Kjell encostou-se ao carro, olhando para um dos veículos da polícia que se afastava. A incursão tinha fracassado. Apenas levavam a mulher de John Holm no banco traseiro.

– Onde raio se meteu o Holm?

A zona que circundava a casa ainda fervilhava de atividade. A polícia inspecionava cada canto e recanto e o fotógrafo do *Expressen* tentava freneticamente captar tudo. Não o tinham deixado aproximar-se muito, mas com a teleobjetiva de que dispunha, era fácil fazer o seu trabalho.

– Achas que o Holm fugiu do país? – perguntou Sven Niklasson. Sentado no carro de Kjell, já tinha escrito a primeira versão do artigo, que depois enviara ao editor.

Kjell sabia que também devia estar a escrever a sua própria notícia. Na verdade, já devia estar a caminho da sede do *Bohuslänningen*, onde iria, sem dúvida, ser recebido como o herói do dia. Quando telefonara a contar-lhes o que tinha acontecido, o chefe de redação soltara um grito de alegria tão alto que quase rebentara o tímpano de Kjell. Mas não queria ir-se embora enquanto não descobrisse para onde Holm tinha ido.

– Não, não me parece que se fosse embora sem Liv. E ela parecia surpreendida ao ver a polícia. Se não estava a par da incursão, quer dizer que o Holm também não estava. Diz-se que são muito unidos.

– Mas, numa cidade pequena como esta, os boatos devem espalhar-se mais depressa do que o vento, por isso, mesmo que ainda não tivesse fugido, há um grande risco de o fazer agora. – Sven virou-se para olhar para a casa com uma expressão sombria.

– Hum... – disse Kjell, não prestando muita atenção. No seu cérebro passava em revista tudo o que sabia sobre Holm, especulando aonde poderia ter ido. A polícia já tinha revistado a cabana de pesca e não o tinha encontrado.

– Já sabes mais alguma coisa sobre o que aconteceu em Estocolmo? – perguntou Kjell.

– Para variar, a [Säpo20](#) e a polícia parecem ter conseguido colaborar com sucesso e a incursão correu na perfeição. Todos os responsáveis foram detidos sem incidentes. Aqueles tipos já não são assim tão duros quando lhes chegam a roupa ao pelo.

– Pois, acredito. – Kjell pensava nos apelos às armas que encheriam os jornais nos próximos dias. E não seria apenas na Suécia; o resto do mundo expressaria uma vez mais a sua incredulidade por algo assim poder acontecer na Suécia, um país que tantas pessoas consideravam como quase absurdamente ordeiro.

O telemóvel de Kjell tocou.

– Olá, Rolf... Bem, isto está um bocadinho confuso. A polícia não sabe onde está o Holm... Que disseste? Tiros? *Okay*, vamos já para lá. – Kjell terminou a conversa e acenou com a cabeça na direção de Sven. – Entra. Parece que ouviram tiros em casa de Leon Kreutz. Vamos.

– Leon Kreutz?

– Um dos rapazes que frequentavam o colégio de Valö ao mesmo tempo que Holm.

– Não sei se é boa ideia. O Holm pode aparecer por aqui a qualquer momento.

Kjell inclinou o braço sobre o tejadilho do carro e olhou para Sven.

– Não me perguntes porquê, mas julgo que o Holm está em casa do Kreutz. Por isso decide-te. Vens comigo ou não? A polícia de Tanum já lá está.

Sven abriu a porta do carro e entrou. Kjell sentou-se ao volante, fechou a porta com estrondo e arrancou. Sabia que tinha razão. Os rapazes de Valö estavam a esconder algo. Algo que agora ia ser revelado. Não queria perder essa notícia por nada deste mundo.

20 Serviços secretos suecos. (*N. do T.*)

VALÖ, 1974

INEZ SENTIA QUE ESTAVA SEMPRE ALGUÉM A OBSERVÁ-LA. NÃO CONSEGUIA DESCREVÊ-LO DE OUTRA MANEIRA. AQUELA SENSÇÃO ACOMPANHAVA-A DESDE A MANHÃ EM QUE A MÃE FORA ENCONTRADA MORTA. NINGUÉM SABIA PORQUE É QUE LAURA TINHA SAÍDO DE CASA A MEIO DAQUELA NOITE FRIA DE NOVEMBRO. O MÉDICO QUE FOI À ILHA EXAMINAR O CADÁVER CONCLUIU QUE O CORAÇÃO DE LAURA TINHA SIMPLEMENTE FALHADO. E LEMBROU QUE JÁ TINHA AVISADO DE QUE ISSO PODIA ACONTECER.

MAS INEZ TINHA AS SUAS DÚVIDAS. ALGO MUDARA NA CASA DEPOIS DE LAURA MORRER E PODIA SENTI-LO ONDE QUER QUE ESTIVESSE. RUNE TORNARA-SE AINDA MAIS DISTANTE E SEVERO, E ANNELIE E CLAES COMEÇARAM A DESAFIÁ-LA DE FORMA MAIS ABERTA. ERA COMO SE RUNE NÃO ESTIVESSE A PRESTAR ATENÇÃO, E ISSO TORNAVA-OS MAIS OUSADOS.

À NOITE, INEZ OUVIA CHORAR NO DORMITÓRIO DOS RAPAZES. NÃO ERA UM CHORO ALTO, NA VERDADE ERA QUASE INAUDÍVEL. ALGUÉM PARECIA ESTAR A ESFORÇAR-SE AO MÁXIMO PARA ABAFAR OS SOLUÇOS.

ESTAVA ASSUSTADA. DEMOROU VÁRIOS MESES A IDENTIFICAR A SENSÇÃO QUE HÁ MUITO TENTAVA NOMEAR. PASSAVA-SE ALI ALGO TERRIVELMENTE ESTRANHO. TUDO GIRAVA EM TORNO DAQUILO, FOSSE O QUE FOSSE, MAS INEZ SABIA QUE, SE EXPRESSASSE A SUA PREOCUPAÇÃO A RUNE, O MARIDO LIMITAR-SE-IA A GRUNHIR DE DESDÉM. MAS APERCEBIA-SE DE QUE TAMBÉM RUNE ESTAVA CONSCIENTE DE QUE ALGO NÃO BATIA CERTO.

A FADIGA TAMBÉM ESTAVA A DEIXAR AS SUAS MARCAS EM INEZ. SENTIA-SE EXAUSTA POR TER TANTO TRABALHO NO COLÉGIO E, ALÉM DISSO, TER DE CUIDAR DE EBBA, E ESTAVA A REVELAR-SE UM FARDIO ENORME TER DE GUARDAR SÓ PARA SI ALGO QUE DEVIA PERMANECER EM SEGREDO.

– MAMÃAA – PROTESTAVA EBBA DO SEU PARQUE. ESTAVA DE PÉ, SEGURANDO A BORDA DA PROTEÇÃO E COM OS OLHOS FIXOS NA MÃE.

INEZ IGNOROU-A. JÁ NÃO TINHA FORÇAS. A CRIANÇA ERA MUITO EXIGENTE, MAS INEZ PURA E SIMPLEMENTE NÃO PODIA DAR-LHE O QUE QUERIA; ALÉM DISSO, LEMBRAVA-LHE CONSTANTEMENTE RUNE. O NARIZ E A BOCA DE EBBA ERAM EXATAMENTE COMO OS DE RUNE, O QUE FAZIA COM QUE LHE FOSSE DIFÍCIL AMAR A FILHA. CUIDAVA DELA, MUDAVA-LHE A FRALDA E ALIMENTAVA-A, PEGAVA-LHE AO COLO E CONFORTAVA-A, MAS ISSO ERA O MÁXIMO QUE PODIA FAZER. O MEDO OCUPAVA UM ESPAÇO DEMASIADO GRANDE NO SEU CORAÇÃO.

FELIZMENTE HAVIA ALGO MAIS. ALGO QUE LHE DAVA FORÇA PARA IR AGUENTANDO, QUE A IMPEDIA DE FUGIR IMEDIATAMENTE, LEVANDO O BARCO PARA O CONTINENTE E DEIXANDO TUDO PARA TRÁS. NAQUELAS HORAS SOMBRIAS, QUANDO PENSAVA NA IDEIA DE FUGIR, NUNCA SE ATREVEU A PERGUNTAR A SI PRÓPRIA SE LEVARIA EBBA CONSIGO. NÃO TINHA A CERTEZA SE QUERIA SABER A RESPOSTA.

– POSSO PEGAR-LHE? – A VOZ DE JOHAN FEZ INEZ DAR UM SALTO. NÃO O TINHA OUVIDO CHEGAR À LAVANDARIA, ONDE ESTAVA A DOBRAR LENÇÓIS.

– CLARO QUE PODES – RESPONDEU. JOHAN ERA OUTRA RAZÃO PELA QUAL CONTINUAVA NA ILHA. O RAPAZ ADORAVA-A E ADORAVA A IRMÃZINHA. E O SENTIMENTO ERA MÚTUO. SEMPRE QUE EBBA AVISTAVA JOHAN, TODO O ROSTO SE ILUMINAVA. NESSE MOMENTO, EBBA, QUE CONTINUAVA NO PARQUE, ERGUEU OS BRAÇOS PARA JOHAN.

– VEM CÁ, EBBA – DISSE JOHAN. EBBA PÔS-LHE OS BRAÇOS EM TORNO DO PESCOÇO E DEIXOU QUE O IRMÃO A ERGUESSE DO PARQUE. DEPOIS ENCOSTOU A CARA AO ROSTO DE JOHAN.

INEZ PAROU DE DOBRAR A ROUPA PARA OBSERVÁ-LOS. FICOU SURPREENDIDA AO SENTIR UMA PONTADA DE CIÚMES. EBBA NUNCA OLHAVA PARA A MÃE COM AQUELE AMOR INCONDICIONAL. EM VEZ DISSO, HAVIA SEMPRE UMA MISTURA DE TRISTEZA E DE SAUDADE NOS SEUS OLHOS.

– VAMOS LÁ FORA VER OS PÁSSAROS – DISSE JOHAN, ESFREGANDO O NARIZ NO NARIZ DE EBBA, FAZENDO-A RIR. – POSSO LEVÁ-LA ATÉ LÁ FORA?

INEZ ASSENTIU. CONFIAVA EM JOHAN E SABIA QUE O RAPAZINHO NUNCA IRIA DEIXAR QUE NADA ACONTECESSE A EBBA.

– CLARO QUE SIM, VÃO LÁ. – INEZ RECOMEÇOU A DOBRAR A ROUPA. EBBA DESATOU A RIR E A TAGARELAR ALEGREMENTE ENQUANTO OS DOIS SAÍAM DA DIVISÃO.

PASSADO UM TEMPO, DEIXOU DE OUVI-LOS. O SILÊNCIO ECOOU POR ENTRE AS PAREDES E INEZ SENTOU-SE NO CHÃO COM A CABEÇA APOIADA NOS JOELHOS. A CASA OPRIMIA-A DE TAL MANEIRA QUE MAL CONSEGUIA RESPIRAR. A SENSÇÃO DE SER UMA PRISIONEIRA TORNAVA-SE MAIS FORTE A CADA DIA QUE PASSAVA. DIRIGIAM-SE PARA UM PRECÍPIO E NÃO HAVIA NADA, ABSOLUTAMENTE NADA, QUE INEZ PUDESSE FAZER PARA EVITÁ-LO.



Patrik decidiu não atender o telemóvel quando o aparelho começou a tocar. Percy parecia prestes a ir-se abaixo e, como ainda tinha a arma na mão, isso podia ser desastroso. Ao mesmo tempo, estavam todos hipnotizados pela voz de Leon. Estava a falar de Valö, a contar como os rapazes se tinham tornado amigos, sobre a família Elvander e sobre Rune. Também contou como, aos poucos, tudo começou a correr mal. Ia estava ao seu lado, acariciando-lhe a mão. Depois da introdução da sua história pareceu hesitar e Patrik apercebeu-se de que Leon estava a aproximar-se do acontecimento que tinha acabado com a amizade dos rapazes.

Em breve saberiam a verdade. Mas Patrik estava tão preocupado com Erica que não conseguia deixar de olhar para o telemóvel. Uma mensagem de Anna. Bateu rapidamente com o dedo no ecrã. Quando leu a mensagem, a mão começou a tremer incontrolavelmente.

– Temos de ir a Valö! Imediatamente! – gritou, interrompendo Leon a meio de uma frase.

– Que aconteceu? – perguntou Ia.

Martin acenou com a cabeça e disse:

– Acalma-te e diz-nos o que se passa.

– Acho que foi o Tobias quem pegou fogo à casa e disparou contra Ebba. E agora o Gösta e a Erica estão lá com ele. A Anna e a Ebba desapareceram. Ninguém sabe delas desde ontem...

Patrik deu-se conta de que estava quase a balbuciar e fez um esforço para recuperar a compostura. Se queria ajudar Erica, precisava de raciocinar com clareza.

– Tobias tem uma arma e pensamos que é a mesma que foi utilizada na Páscoa de 1974. Isso diz-vos alguma coisa?

Os homens trocaram olhares. Então, Leon estendeu-lhe uma chave.

– Esse Tobias deve ter encontrado o abrigo antiaéreo. Era lá que estava a arma, não era, Sebastian?

– Sim. Eu não toquei em nada desde o dia em que trancámos a porta. Não compreendo como é que ele conseguiu entrar. Tanto quanto sei, esta é a única chave.

– Isso não significa que não possa haver outras. – Patrik avançou e pegou na chave. – Onde fica esse abrigo antiaéreo?

– Na cave, por detrás de uma porta secreta. É impossível encontrá-lo se não se souber onde procurar – disse Leon.

– É lá que a Ebba poderá estar? – Ia tinha ficado muito pálida.

– É uma suposição razoável – respondeu Patrik, dirigindo-se à porta da frente.

Martin apontou para Percy.

– Que fazemos com ele?

Patrik virou-se, avançou e tirou-lhe a arma da mão antes que Percy pudesse reagir. – Este absurdo acaba aqui. Mais tarde resolvemos tudo. Martin, tu pedes reforços quando estivermos no carro e eu vou ligar à Guarda Costeira a dizer-lhes que precisamos de boleia. Qual dos senhores vem connosco para nos mostrar onde fica esse abrigo antiaéreo?

– Eu vou – disse Josef, levantando-se.

– Eu também vou – disse Ia.

– Basta uma pessoa.

Ia abanou a cabeça.

– Eu também vou e não há nada que possa dizer que me faça mudar de ideias.

– *Okay*. Então vamos lá. – Patrik fez-lhes sinal para que o seguissem.

A caminho dos carros, praticamente chocou com Mellberg.

– O John Holm está lá dentro? – perguntou o superintendente.

Patrik assentiu.

– Sim, mas temos de ir a Valö. A Erica e o Gösta estão em apuros.

– Ai estão? – perguntou Mellberg, intrigado. – Mas eu acabei de falar com o Kjell e o Sven e parece que a polícia de Gotemburgo anda à procura do Holm. Não sabem que está aqui, por isso pensei...

– É todo seu – disse Patrik.

– Aonde vai? – Kjell Ringholm aproximou-se e juntou-se a eles, acompanhado de um homem louro que parecia vagamente familiar.

– Outro assunto policial. Se estão à procura do John Holm, está lá dentro. O Mellberg estará à vossa disposição.

Depois, Patrik correu para o carro. Martin ia mesmo atrás dele, mas Josef e Ia tiveram mais dificuldade para alcançá-los e Patrik segurou-lhes impacientemente uma das portas traseiras. Era contra todos os regulamentos levar civis para uma situação potencialmente perigosa, mas precisava da ajuda deles.

Durante a viagem de barco até Valö, Patrik andava de um lado para o outro na proa, como se isso pudesse fazer com que chegassem mais depressa. Por detrás de Patrik, Martin conversava com Josef e com Ia, instruindo-os a manterem-se afastados o melhor que pudessem e a seguirem as instruções. Patrik não pôde deixar de sorrir. Com o passar dos anos, Martin tinha deixado de ser um novato nervoso e tenso e tornara-se um agente profissional e de confiança.

Quando se aproximaram de Valö, Patrik agarrou-se com força à amurada. Deitava uma olhadela ao ecrã do telemóvel pelo menos uma vez por minuto, mas não chegara mais nenhuma mensagem. Ponderara enviar uma resposta a dizer que estavam a caminho, mas decidiu não o fazer, para o caso de isso revelar que Erica tinha um telemóvel.

Reparou que Ia estava a olhar para ele. Havia tanta coisa que queria perguntar-lhe. Porque tinha fugido e só agora regressara? Que papel tinha desempenhado na morte do pai e do resto da família? Mas essas questões teriam de esperar. Mais tarde haveria tempo suficiente para aprofundar tudo isso. Agora precisava de concentrar-se no facto de Erica correr perigo. Nada mais importava. Por pouco não a tinha perdido no acidente de carro há um ano e meio. Foi quando percebeu quanto dependia dela e o importante papel que a mulher desempenhava na sua vida e no seu futuro.

Quando desembarcaram, Patrik e Martin sacaram as pistolas de serviço ao mesmo tempo, como se tivessem combinado. Patrik fez sinal a Josef e a Ia para se manterem atrás deles e depois começaram a caminhar cautelosamente em direção à casa.

Percy olhava fixamente para algum ponto indefinível na parede.

– Ora, que se lixe! – exclamou.

– Que raio se passa contigo? – John passou a mão pelo cabelo louro. – Estavas a pensar matar-nos a todos?

– Hum. Na verdade, só estava a pensar matar-me a mim. Só queria gozar um bocado convosco primeiro. Assustar-vos um pouco.

– Porque é que haverias de querer matar-te? – Leon olhou para o velho amigo com uma expressão terna. Percy era muito frágil, apesar das suas maneiras arrogantes, e já naquele tempo, em Valö, tinha reparado que o amigo parecia estar prestes a ir-se abaixo. Era um milagre que isso ainda não tivesse acontecido. Tinha sido fácil ver que Percy teria muita dificuldade em viver com aquelas memórias, mas talvez também tivesse herdado uma grande capacidade de negação.

– Sebastian levou-me tudo. E a Pyttan deixou-me. Vou ser motivo de chacota para toda a gente.

Sebastian abriu as mãos.

– Quem é que, nos dias de hoje, utiliza a expressão «motivo de chacota»?

Pareciam crianças. Naquele momento, Leon podia vê-lo claramente. Não tinham crescido como devia ser. Continuavam na ilha, a viver das suas memórias. Comparado com eles, Leon saía-se realmente muito melhor. Olhava para aqueles homens e via-os como os rapazes que em tempos tinham sido. E, por mais estranho que pudesse parecer, sentia uma espécie de amor por eles. Tinham partilhado uma experiência que os abalara no mais fundo dos seus seres e que lhes moldara as

vidas. O elo que os unia era tão forte que nunca poderia ser cortado. Leon sempre soubera que iria voltar, que aquele dia chegaria, mas não imaginara que Ia estaria ao seu lado quando isso acontecesse. A coragem dela surpreendeu-o. Talvez tivesse deliberadamente optado por subestimá-la de modo a não se sentir culpado pelo sacrifício da mulher, que era maior do que o de qualquer um deles.

E porque foi Josef quem se levantou e se ofereceu para ir à ilha com os polícias? Leon julgava saber a resposta. Mal chegara a sua casa, Leon tinha visto nos olhos do amigo que Josef estava preparado para morrer. Reconheceu aquele olhar. Tinha-o visto no monte Everest, quando foi apanhado por uma tempestade repentina, e no salva-vidas depois de o navio se ter afundado no oceano Índico. O olhar de uma pessoa que abdicou da vida.

– Não tenciono tomar parte em nada disto – afirmou John, levantando-se e endireitando os vincos das calças. – Esta farsa já se arrasta há demasiado tempo. Vou negar tudo. Não há nenhuma prova; tudo o que a polícia tem é a tua palavra.

– John Holm? – disse uma voz vinda da entrada.

John virou-se.

– Bertil Mellberg? Era só o que mais faltava – disse Holm. – Que deseja? Se pensa que vai falar comigo com o mesmo tom de voz do outro dia, vai ter de falar com o meu advogado.

– Nem comento.

– Ótimo. Então vou para casa. Prazer em ver-vos. – John começou a encaminhar-se para a porta, mas Mellberg bloqueou-lhe o caminho. Por detrás dele estavam três homens e um deles empunhava uma grande máquina fotográfica, tirando fotos atrás de fotos.

– Vai ter de acompanhar-me – disse Mellberg.

John suspirou.

– Mas que absurdo é este? Não passa de puro e simples assédio e prometo que haverá repercussões.

– Está preso por conspiração e tentativa de homicídio e vem comigo imediatamente – disse Mellberg com um sorriso rasgado.

Leon observava toda a cena da sua cadeira de rodas. Percy e Sebastian também acompanhavam ansiosamente o que estava a acontecer. O rosto de John estava agora vermelho como um tomate e o deputado fez um esforço para passar pelo grupo que estava à porta, mas Mellberg empurrou-o contra a parede e, em seguida, juntou-lhe desajeitadamente os pulsos para poder algemá-lo. O fotógrafo continuou a tirar fotografias e os outros dois homens aproximaram-se.

– O que tem a dizer sobre o facto de a polícia ter descoberto uma conspiração a que o senhor e os Amigos da Suécia chamam «Projeto Gimle»? – perguntou um dos homens.

Os joelhos de John cederam e Leon observou com interesse redobrado. Mais cedo ou mais tarde, todos seriam responsabilizados pelos seus atos. Sentiu um súbito lampejo de preocupação por Ia, mas afastou-o. O que quer que viesse a acontecer estava predestinado. Ia tinha de fazer aquilo; só assim se conseguiria livrar da culpa e do arrependimento que a obrigaram a viver todos aqueles anos preocupada unicamente com ele. O amor de Ia por ele raiava a obsessão, mas Leon sabia que a mulher era movida pela mesma chama que o levava a aceitar cada novo desafio. E depois as chamas tinham-nos queimado aos dois, naquele carro, naquela encosta íngreme do Mónaco. Não tinham outra opção, tinham de terminar aquilo juntos. Leon estava orgulhoso dela, amava-a. A mulher ia finalmente regressar a casa. Tudo acabaria de uma vez por todas e Leon esperava que aquela história tivesse um final feliz.

Tobias abriu os olhos devagar e olhou para Erica e para Gösta.

– Estava tão cansado.

Nem Erica nem Gösta disseram uma palavra. De repente, Erica também se sentiu vencida pelo cansaço. A adrenalina tinha-se-lhe esvaído do corpo e o pensamento de que a irmã mais nova podia estar morta fez com que os membros lhe pesassem como chumbo. Tudo o que queria fazer era deitar-se no chão de madeira e enrolar-se numa bola. Fechar os olhos, adormecer e acordar quando tudo aquilo tivesse terminado. De uma forma ou de outra.

Repara que o ecrã do telemóvel de Anna estava a piscar. Dan. Meu Deus, devia estar preocupadíssimo depois de ter lido a mensagem que lhe enviara. Mas não havia qualquer resposta de Patrik. Talvez estivesse tão ocupado com alguma coisa que não a tivesse visto.

Tobias continuou a estudá-los. Todo o seu corpo estava relaxado e tinha uma expressão de indiferença. Erica lamentou não ter aprofundado junto de Ebba o que tinha acontecido ao filho deles. A morte do filho devia ter desencadeado algo e Tobias acabara por resvalar para a loucura. Se soubesse o que tinha acontecido, poderia ter sido capaz de falar com ele. Não podiam limitar-se a ficar para ali, à espera que Tobias os matasse. E Erica não tinha quaisquer dúvidas de que era o que tencionava fazer. Apercebeu-se disso assim que viu o olhar frio no rosto daquele homem. Suavemente, Erica disse:

– Fale-nos de Vincent.

A princípio, Tobias não reagiu. Erica apenas ouvia a respiração de Gösta e o ruído distante das lanchas. Esperou e, por fim, Tobias disse com voz monótona:

– Morreu.

– Que aconteceu?

– A culpa foi da Ebba.

– Porque é que a culpa foi da Ebba?
– Só há pouco tempo é que percebi isso.
– A Ebba matou-o? – perguntou Erica, contendo a respiração. Pelo canto do olho viu que Gösta seguia a conversa atentamente. – Foi por isso que tentou matar a Ebba?

Tobias estava a brincar com a arma, mudando-a de uma mão para a outra.

– Não queria que o fogo alastrasse daquela maneira – disse, voltando a pousar a arma no colo. – Só queria que a Ebba percebesse que precisava de mim. Que eu podia protegê-la.

– Também foi por isso que disparou sobre a sua mulher?

– A Ebba precisava de compreender que tínhamos de manter-nos unidos. Mas não importava. Agora já sei isso. A Ebba manipulou-me para que eu não visse o óbvio: que foi ela que o matou. – Tobias inclinou a cabeça, como que para dar ênfase àquelas palavras, e a sua expressão assustou Erica de tal modo que teve de fazer um grande esforço para manter a calma.

– A Ebba matou o Vincent?

– Sim, matou-o e eu percebi finalmente tudo depois de ela ter ido para sua casa. A Ebba herdou a culpa. Aquela maldade toda não pode pura e simplesmente desaparecer.

– Refere-se à tetravó de Ebba? A Fazedora de Anjos? – perguntou Erica, surpreendida.

– Sim. A Ebba contou-me que ela afogou as crianças numa bacia e que as enterrou na cave porque achava que ninguém as queria, que ninguém as viria buscar. Mas eu queria o Vincent. Fui procurá-lo, mas o meu filho já tinha desaparecido. A Ebba afogou-o. Estava enterrado com as outras crianças mortas e não conseguia voltar à superfície. – Tobias cuspiu as palavras e um rasto de saliva escorria-lhe pelo canto da boca.

Erica apercebeu-se de que não adiantaria tentar falar com ele. Diferentes realidades tinham-se fundido, criando uma estranha terra de sombras onde Tobias não podia ser alcançado. Dominada pelo pânico, olhou de relance para Gösta. A expressão resignada do velho polícia disse a Erica que Gösta tinha chegado à mesma conclusão. Tudo o que podiam fazer era rezar e esperar, de alguma forma, sobreviver àquele pesadelo.

– Chiu! – disse Tobias, endireitando-se de repente.

Erica e Gösta encolheram-se quando o viram mover-se.

– Vem aí alguém. – Tobias pegou na arma e levantou-se. – Chiu! – voltou a dizer, levando o dedo aos lábios.

Correu para a janela e espreitou. Ficou imóvel por um momento, como se estivesse a ponderar as opções de que dispunha. Depois virou-se e apontou a arma a

Gösta e a Erica.

– Vocês os dois ficam aqui. Eu vou-me embora. Tenho de vigiá-las. Não posso permitir que as encontrem.

– Do que está a falar? – não pôde deixar de perguntar Erica. A esperança de que alguém tinha vindo ajudá-los misturava-se com o medo de que a vida de Anna estivesse em perigo, se é que não era já demasiado tarde. – Onde está a minha irmã?! Tem de dizer-me onde está Anna! – exclamou com voz estridente.

Gösta pôs a mão no braço de Erica para a acalmar.

– Vamos esperar aqui, Tobias. Não vamos a lado nenhum – disse. – Vamos estar aqui quando voltar.

Gösta manteve os olhos fixos em Tobias.

Por fim, Tobias acenou com a cabeça, virou-se e correu escadas abaixo. Erica queria levantar-se de um salto e correr atrás dele, mas Gösta agarrou-lhe o braço com firmeza e sussurrou:

– Acalme-se. Primeiro temos de olhar pela janela para ver para onde é que o Tobias vai.

– Mas a Anna... – disse Erica, desesperada, tentando soltar o braço.

Gösta recusou-se a ceder.

– Pare e pense antes de se precipitar. Vamos ver se está tudo bem lá fora e depois descemos e vamos descobrir quem é que acabou de chegar. Deve ter sido Patrik e os colegas. Eles vão ajudar-nos.

– Está bem – disse Erica quando se levantou. Sentia as pernas bambas e dormentes.

Cautelosamente, olharam os dois pela janela, tentando ver Tobias.

– Vê alguém?

– Não – disse Gösta. – E a Erica?

– Também não. O Tobias não pode ter ido até ao cais, porque assim ia dar de caras com quem chegou.

– Deve ter ido até às traseiras da casa. Aonde mais poderia ter ido?

– Pelo menos não o vejo. Bem, vou lá abaixo.

Cautelosamente, Erica desceu as escadas até ao vestíbulo. A casa estava em silêncio. Não ouviu quaisquer vozes, mas sabia que eles deviam estar a tentar aproximar-se o mais silenciosamente possível. Olhou para a porta da frente aberta e quase teve vontade de chorar. Não estava lá ninguém.

Nesse instante, apercebeu-se de algo a mover-se entre as árvores. Semicerrou os olhos para ver melhor e sentiu uma onda de alívio. Era Patrik. Por detrás do marido estavam Martin e duas outras pessoas. Demorou um pouco a reconhecer Josef Meyer. Perto deles estava uma mulher elegantemente vestida. Poderia ser Ia Kreutz? Acenou para que Patrik a visse e depois voltou a entrar na casa.

– Nós ficamos aqui – disse a Gösta, que também já tinha descido as escadas.

Posicionaram-se perto da parede de modo a não poderem ser vistos pela porta. Tobias podia estar em qualquer lugar e Erica não queria correr o risco de se tornar um alvo.

– Aonde terá ido? – perguntou Gösta. – Acha que ainda pode estar dentro de casa?

Erica apercebeu-se de que Gösta tinha razão e olhou em redor, em pânico, temendo que Tobias pudesse aparecer a qualquer momento e matá-los. Mas não havia qualquer sinal do marido de Ebba.

Quando Patrik e Martin finalmente se juntaram a eles, Erica olhou Patrik nos olhos e viu um misto de alívio e de preocupação.

– O Tobias? – sussurrou Patrik. Erica contou-lhe rapidamente o que acontecera quando Tobias se dera conta de que alguém estava a chegar.

Patrik assentiu. Depois, com Martin, revistaram rapidamente o rés do chão com as pistolas erguidas. Quando regressaram ao vestíbulo, abanaram a cabeça. Ia e Josef não se tinham mexido. Erica perguntou a si própria o que estariam ali a fazer.

– Não sei onde estão a Anna e a Ebba. O Tobias estava a balbuciar algo sobre a necessidade de vigiá-las. Achas que as trancou em algum sítio? – Erica não conseguiu conter um soluço.

– Aquela é a porta que dá para a cave – disse Josef, apontando para uma porta ao fundo do corredor.

– Que há lá em baixo? – perguntou Gösta.

– Explicamos isso mais tarde. Agora não há tempo – disse Patrik. – Venham connosco. E vocês as duas ficam aqui – disse a Erica e a Ia.

Erica estava prestes a protestar, mas desistiu quando viu a expressão de Patrik.

– Nós vamos lá abaixo – disse Patrik, lançando um último olhar a Erica, que viu que o marido estava tão assustado quanto ela em relação ao que poderiam encontrar.

VALÖ, SÁBADO DE PÁSCOA, 1974

TUDO DEVIA CORRER COM A NORMALIDADE DE SEMPRE. ERA O QUE RUNE ESPERAVA. A MAIORIA DOS ALUNOS TINHA IDO A CASA PASSAR AS FÉRIAS E INEZ PERGUNTOU TIMIDAMENTE SE OS RAPAZES QUE TINHAM FICADO PODIAM ALMOÇAR COM ELES, MAS RUNE NEM SEQUER SE DIGNARA A RESPONDER. ERA ÓBVIO QUE O ALMOÇO DE PÁSCOA ERA APENAS PARA A FAMÍLIA.

INEZ PASSARA OS ÚLTIMOS DOIS DIAS A COZINHAR: CABRITO ASSADO, OVOS RECHEADOS, SALMÃO ESCALFADO... OS DESEJOS DE RUNE ERAM INFINITOS, EMBORA «DESEJOS» NÃO FOSSE A PALAVRA CERTA. ERAM MAIS EXIGÊNCIAS.

«A CARLA FAZIA SEMPRE ESSES PRATOS. TODOS OS ANOS», DISSERA-LHE RUNE QUANDO LHE ENTREGOU A LISTA PARA A PRIMEIRA PÁSCOA QUE IAM PASSAR JUNTOS.

INEZ SABIA QUE NÃO ADIANTAVA PROTESTAR. SE CARLA TINHA FEITO ASSIM, ERA ASSIM QUE TINHA DE SER FEITO. DEUS ALIVRASSE DE FAZER ALGUMA COISA DIFERENTE.

– PODIAS PÔR A EBBA NA CADEIRINHA, JOHAN? – PEDIU INEZ ENQUANTO PUNHA O GRANDE CABRITO ASSADO EM CIMA DA MESA. REZOU PARA QUE O TIVESSE COZINHADO COMO DEVE SER.

– ELA TEM MESMO DE ESTAR AQUI? SÓ VAI FAZER PORCARIAS. – ANNELIE APARECEU E SENTOU-SE DESCONTRAIDAMENTE À MESA.

– QUE SUGERES QUE FAÇA COM ELA? – PERGUNTOU INEZ. DEPOIS DE TER ESTADO A TRABALHAR QUE NEM UMA ESCRAVA NA COZINHA, NÃO ESTAVA COM DISPOSIÇÃO PARA AS OBSERVAÇÕES CÁUSTICAS DA ENTEADA.

– NÃO SEI, MAS É REPUGNANTE TÊ-LA AQUI À MESA. DÁ-ME VONTADE DE VOMITAR.

INEZ SENTIU ALGO ESTALAR DENTRO DELA.

– SE É ASSIM TÃO COMPLICADO PARA TI, TALVEZ NÃO DEVESSÉS ALMOÇAR CONNOSCO – RETORQUIU.

– INEZ!

INEZ DEU UM SALTO. RUNE TINHA ENTRADO NA SALA DE JANTAR E TINHA O ROSTO VERMELHO DE RAIVA.

– O QUE ACABASTE DE DIZER? A MINHA FILHA NÃO É BEM-VINDA A ESTA MESA? – PERGUNTOU NUM TOM GELADO E CRAVANDO OS OLHOS NA MULHER. – NESTA FAMÍLIA, TODOS SÃO BEM-VINDOS A ESTA MESA.

ANNELIE NÃO DISSE UMA PALAVRA, MAS INEZ VIU QUE OS COMENTÁRIOS IRADOS DO PAI EM DEFESA DA FILHA A TINHAM DEIXADO A REBENTAR DE FELICIDADE.

– PEÇO DESCULPA, NÃO ESTAVA A PENSAR COMO DEVE SER. – INEZ VIROU-SE E, EM SEGUIDA, COLOCOU O PRATO DE BATATAS EM CIMA DA MESA. MAS POR DENTRO ESTAVA A

FERVER. TINHA VONTADE DE GRITAR BEM ALTO, DE OBEDECER AO SEU CORAÇÃO E FUGIR. NÃO QUERIA CONTINUAR PRESA NAQUELE LUGAR INFERNAL POR MAIS TEMPO.

– A EBBABOLSOU UM BOCADO – DISSE JOHAN COM PREOCUPAÇÃO ENQUANTO LIMPAVA O QUEIXO DA IRMÃ MAIS NOVA COM UM GUARDANAPO. – NÃO ESTÁ DOENTE, POIS NÃO?

– NÃO, SE CALHAR COMEU DEMASIADA PAPA – DISSE INEZ.

– AINDA BEM – RESPONDEU JOHAN, EMBORA NÃO PARECESSE CONVENCIDO. ESTAVA A FICAR CADA VEZ MAIS PROTETOR, PENSOU INEZ, PERGUNTANDO-SE NOVAMENTE COMO JOHAN PODERIA TER SAÍDO TÃO DIFERENTE DOS IRMÃOS.

– CABRITO ASSADO. TENHO A CERTEZA DE QUE NÃO ESTÁ TÃO BOM COMO O DA MÃE – DISSE CLAES, SENTANDO-SE AO LADO DE ANNELIE. A RAPARIGA DEU UMA RISADINHA E PISCOU O OLHO AO IRMÃO, MAS CLAES FINGIU IGNORÁ-LA. AQUELES DOIS DEVIAM SER UNHA COM CARNE, MAS CLAES NÃO PARECIA GOSTAR DE NINGUÉM. EXCETO DA MÃE. ESTAVA CONSTANTEMENTE A FALAR NELA.

– FIZ O MELHOR QUE PUDE – DISSE INEZ.

CLAES RESFOLEGOU.

– ONDE ESTIVESTE? – PERGUNTOU RUNE, ALCANÇANDO AS BATATAS. – ANDEI À TUA PROCURA. O OLLE DESCARREGOU AS PRANCHAS QUE LHE TINHA PEDIDO. PRECISO QUE ME AJUDES A TRAZÊ-LAS DO CAIS.

CLAES ENCOLHEU OS OMBROS.

– FUI DAR UM PASSEIO. POSSO IR BUSCAR AS PRANCHAS MAIS TARDE.

– VAIS LÁ LOGO A SEGUIR AO ALMOÇO – DISSE RUNE, EMBORA PARECESSE SATISFEITO COM A EXPLICAÇÃO DO FILHO.

– DEVIA ESTAR MAIS ROSADO – DISSE ANNELIE, FRANZINDO O NARIZ NA DIREÇÃO DO PEDAÇO DE CABRITO QUE TINHA NO PRATO.

INEZ CERROU OS DENTES.

– O NOSSO FORNO NÃO É MUITO BOM. A TEMPERATURA NÃO SE DISTRIBUI DE MODO UNIFORME. COMO EU DISSE, FIZ O MELHOR POSSÍVEL.

– QUE NOJO! – DISSE ANNELIE, AFASTANDO A CARNE PARA O LADO. – PASSAS-ME O MOLHO? – ACRESCENTOU DIRIGINDO-SE A CLAES, UMA VEZ QUE A TIGELA DE MOLHO ESTAVA À ESQUERDA DO IRMÃO.

– CLARO – DISSE CLAES, ESTENDENDO A MÃO PARA A TIGELA.

– ORA BOLAS... – CLAES OLHAVA FIXAMENTE PARA INEZ. A TIGELA DE MOLHO CAÍRA NO CHÃO COM UM ESTRONDO. O MOLHO CASTANHO ENTORNOU-SE E ESCORREU POR ENTRE AS FRESTAS DAS PRANCHAS DO SOALHO. INEZ OLHOU-O NOS OLHOS. SABIA QUE O RAPAZ TINHA FEITO AQUILO DE PROPÓSITO. E CLAES SABIA QUE INEZ SABIA.

– ÉS UM DESASTRADO – DISSE RUNE, OLHANDO PARA AQUELA PORCARIA. – É MELHOR LIMPARES ISSO, INEZ.

– VOU JÁ LIMPAR – DISSE INEZ COM UM SORRISO FORÇADO.

CLARO QUE JAMAIS OCORRERIA A RUNE QUE CLAES É QUE DEVIA LIMPAR A PORCARIA

QUE TINHA FEITO.

– E PODES TRAZER-NOS MAIS MOLHO? – DISSE RONE ENQUANTO INEZ SE DIRIGIA À COZINHA.

INEZ VIROU-SE.

– NÃO HÁ MAIS.

– CARLA TINHA SEMPRE MAIS UM BOCADO NA COZINHA, PARA O CASO DE SE ACABAR.

– MAS EU NÃO TENHO MAIS. PUS TODO O QUE HAVIA NA TIGELA.

DEPOIS DE SE TER POSTO DE GATAS A LIMPAR O MOLHO ENTORNADO AO LADO DA CADEIRA DE CLAES, INEZ VOLTOU PARA O SEU LUGAR À MESA. A COMIDA TINHA ARREFECIDO, MAS ISSO NÃO IMPORTAVA. JÁ NÃO TINHA APETITE.

– ESTAVA MUITO BOM, INEZ – DISSE JOHAN, ESTENDENDO O PRATO PARA REPETIR. – ÉS UMA COZINHEIRA FANTÁSTICA.

OS OLHOS DO RAPAZ ERAM TÃO AZUIS, TÃO INOCENTES, QUE INEZ QUASE DESATOU A CHORAR. ENQUANTO INEZ LHE PUNHA MAIS CABRITO NO PRATO, JOHAN DAVA COMIDA A EBBA COM A COLHERINHA DE PRATA DA MENINA.

– AQUI VÊM UMAS BELAS BATATAS. HUM, SÃO TÃO SABOROSAS – DISSE. O ROSTO ILUMINOU-SE QUANDO EBBA ABRIU A BOCA E ENGOLIU UM PEDAÇO.

CLAES RIU-SE SARCASTICAMENTE.

– ÉS MESMO UM MARIQUINHAS!

– NÃO FALES ASSIM COMO TEU IRMÃO – DISSE BRUSCAMENTE RONE. – TEM EXCELENTE NOTAS A TODAS AS DISCIPLINAS E É MAIS ESPERTO DO QUE VOCÊS OS DOIS JUNTOS. NÃO TENS SIDO PROPRIAMENTE UM ALUNO EXEMPLAR, POR ISSO ACHO QUE DEVIAS SER MAIS EDUCADO COM O TEU IRMÃO ATÉ MOSTRARES QUE TENS ALGUMA MASSA CINZENTA NESSE CÉREBRO. A TUA MÃE NÃO IA FICAR NADA SATISFEITA SE VISSE AS TUAS NOTAS E SE SOUBESSE COMO TE TORNASTE UM INCOMPETENTE.

CLAES ENCOLHEU-SE E INEZ VIU AS PEQUENAS VEIAS NAS TÊMPORAS DO RAPAZ COMEÇAREM A PULSAR. OS OLHOS ESTAVAM NEGROS COMO CARVÃO.

POR UM MOMENTO, NINGUÉM FALOU À MESA. NEM EBBA EMITIU O MAIS PEQUENO SOM. CLAES OLHAVA FIXAMENTE PARA RONE, E INEZ CERROU OS PUNHOS NO COLO. ESTAVA A ASSISTIR A UMA LUTA PELO PODER E NÃO TINHA A CERTEZA DE QUERER VER COMO IA TERMINAR.

DURANTE VÁRIOS MINUTOS, PAI E FILHO LIMITARAM-SE A OLHAR UM PARA O OUTRO. ENTÃO, CLAES DESVIOU O OLHAR.

– DESCULPA, JOHAN – DISSE.

INEZ ESTREMECEU. CLAES TINHA A VOZ REPLETA DE ÓDIO. INEZ SABIA QUE DEVIA SEGUIR OS SEUS INSTINTOS. AINDA HAVIA TEMPO PARA SE LEVANTAR E FUGIR. DEVIA APROVEITAR A OPORTUNIDADE, FOSSEM QUAIS FOSSEM AS CONSEQUÊNCIAS.

– DESCULPE ESTAR A INTERROMPER O SEU ALMOÇO, MAS PRECISO DE LHE DAR UMA PALAVRINHA, RONE. É URGENTE. – LEON ESTAVA À ENTRADA COM A CABEÇA INCLINADA EM SINAL DE RESPEITO.

– ISSO NÃO PODE ESPERAR? AINDA NÃO ACABÁMOS DE ALMOÇAR – DISSE RUNE COM UMA CARETA. NÃO TOLERAVA QUE LHE INTERROMPESSEM AS REFEIÇÕES, MESMO EM CIRCUNSTÂNCIAS NORMAIS.

– COMPREENDO, E NÃO LHE PEDIRIA ISTO SE NÃO FOSSE IMPORTANTE.

– MAS O QUE É QUE SE PASSA? – DISSE RUNE, LIMPANDO A BOCA AO GUARDANAPO.

LEON HESITOU. INEZ OLHOU DE RELANCE PARA ANNELIE, QUE NÃO CONSEGUIA TIRAR OS OLHOS DO RAPAZ.

– TEMOS UMA EMERGÊNCIA EM CASA. O MEU PAI PEDIU-ME PARA FALAR CONSIGO.

– O SEU PAI? PORQUE NÃO DISSE LOGO?

RUNE LEVANTOU-SE DA MESA. TINHA SEMPRE TEMPO PARA OS PAIS RICOS DOS ALUNOS.

– CONTINUEM A ALMOÇAR. NÃO ME DEMORO – DISSE, ENCAMINHANDO-SE PARA A PORTA ONDE LEON O ESPERAVA.

OS OLHOS DE INEZ ESTAVAM CRAVADOS EM RUNE. SENTIU UM APERTO NO ESTÔMAGO. TUDO O QUE PASSARA NOS ÚLTIMOS MESES CONCENTROU-SE NAQUELE NÓ APERTADO. ALGUMA COISA ESTAVA PRESTES A ACONTECER.



A paisagem desfilava do lado de fora da janela do carro. No banco da frente, Mellberg, aquele idiota insuportável, tinha uma discussão acalorada ao telefone. Parecia que se recusava entregá-lo à polícia de Fjällbacka e que, em vez disso, insistia em ir levá-lo a Gotemburgo. Para John Holm era indiferente.

Perguntava-se como Liv iria reagir. Tal como ele, a mulher tinha apostado tudo naquele plano. Talvez devessem ter-se contentado com o que já tinham conseguido, mas a tentação de mudar tudo de uma penada fora demasiado grande, de conseguir o que nenhum outro partido nacionalista alguma vez conseguira na Suécia: alcançar uma posição política dominante. Na Dinamarca, o Partido do Povo Dinamarquês tinha conseguido muito do que os Amigos da Suécia sonhavam. Teria sido um erro assim tão grande tentar acelerar o processo?

O projeto Gimle tivera como objetivo unir todos os suecos, para que juntos pudessem finalmente restaurar o país. Era um plano simples e, apesar de todas as preocupações que, de vez em quando, lhe trouxera, estava convencido de que seria bem-sucedido. Agora estava tudo arruinado. Tudo o que tinham construído ia desmoronar-se e cair no esquecimento depois das consequências que se seguiriam à descoberta do projeto Gimle. Ninguém compreenderia que o objetivo era criar um novo futuro para a Suécia.

Tudo começara com uma sugestão apresentada em tom de brincadeira no círculo interno dos Amigos da Suécia. Liv tinha visto imediatamente o potencial. Explicara a John e aos outros que seria possível conseguir uma mudança rápida, uma mudança que, de outra forma, demoraria mais de uma geração a ocorrer. Da noite para o dia desencadeariam uma revolução, mobilizando os suecos para uma batalha contra os inimigos que se tinham infiltrado no país e estavam em vias de destruir a sociedade. Liv tinha apresentado uma argumentação lógica e o preço a pagar fora considerado razoável.

Uma única bomba. Colocada no meio do centro comercial Sturegallerian na hora de ponta. Depois do atentado, todas as provas recolhidas pela polícia apontariam para terroristas muçulmanos. Tinham trabalhado no plano durante mais de um ano, delineando todos os pormenores e assegurando-se meticulosamente de que seria impossível tirar outra conclusão: todos acreditariam que os islamitas tinham levado a cabo um ataque no coração de Estocolmo, no coração da Suécia. As pessoas ficariam assustadas e o medo deixá-las-ia iradas. Em seguida, os Amigos da Suécia

avançariam, conduzindo-as suavemente pela mão e confirmando os seus receios. Diriam ao povo o que era preciso fazer para voltar a sentir-se seguro. Para todos poderem a voltar a viver como suecos.

Mas o plano nunca seria realizado. As preocupações de John sobre o que Leon estava prestes a revelar pareciam ridículas e absurdas em relação ao escândalo que em breve o engoliria. Estaria no centro das atenções, mas não como tinha imaginado. Em vez de ser o seu maior triunfo, o projeto Gimle seria a sua ruína.

Ebba estudou as fotografias que tinha espalhado no chão. Os rapazes nus olhavam com expressão vazia para a máquina fotográfica.

– Têm um ar tão indefeso – disse Ebba, virando-se.

– Isso não tem nada que ver consigo – afirmou Anna, dando-lhe uma palmadinha no braço.

– Teria sido melhor se nunca tivesse encontrado nada sobre a minha família. Agora, a única imagem que vou ter deles, se alguma vez conseguirmos...

Ebba não terminou a frase e Anna percebeu que não queria dizer em voz alta o que estava a pensar: poderiam nunca sair dali com vida.

Ebba virou-se novamente para as fotografias.

– Devem ser os alunos do meu pai. Se era a isto que os submetia, compreendo perfeitamente que o tenham matado.

Anna concordou. Notava-se que os rapazes queriam cobrir os sexos com as mãos e que o fotógrafo se recusava a permiti-lo. A angústia era tão evidente nos seus rostos que Anna só podia imaginar a raiva que tal humilhação devia ter desencadeado.

– Só não percebo porque é que tiveram todos de morrer – disse Ebba.

De repente ouviram passos lá fora. Levantaram-se e olharam com os olhos muito abertos para a porta, que alguém tentava abrir.

– Deve ser o Tobias – disse Ebba, apavorada.

Instintivamente olharam em redor em busca de um esconderijo, mas estavam presas como ratos. Lentamente, a porta abriu-se e Tobias entrou, empunhando uma arma.

– Ah, estás viva? – disse para Ebba. Anna ficou chocada perante a indiferença de Tobias. Tanto se lhe dava que a mulher estivesse viva ou morta.

– Porque é que estás a fazer isto? – Ebba aproximou-se dele, soluçando.

– Para! – Tobias ergueu a arma e apontou-lha. Ebba estacou.

– Deixe-nos sair daqui. – Anna tentou chamar a atenção de Tobias. – Prometemos não dizer nada.

– Acha mesmo que eu acredito nisso? Também já não importa. Não tenciono... – Tobias calou-se de repente, olhando para os ossos no baú. – O que é isso?

– A família de Ebba – disse Anna.

Tobias não conseguia tirar os olhos dos esqueletos.

– Estiveram aqui estes anos todos?

– Parece que sim.

Anna esperava que Tobias ficasse tão abalado a ponto de conseguir alcançá-lo de alguma forma. Inclinou-se e ele sobressaltou-se virando-se para ela e fazendo oscilar a arma na sua direção.

– Só quero mostrar-lhe uma coisa. – Anna agarrou as fotografias e entregou-as a Tobias, que lhes pegou com expressão cética.

– Que é isto? – perguntou e, pela primeira vez, o tom da sua voz era normal.

Anna sentia o coração martelar-lhe o peito. Ainda havia ali um vestígio do Tobias são e sensato. Ele aproximou as fotografias para poder estudá-las.

– Deve ter sido o meu pai que lhes fez isso – disse Ebba. O cabelo pendia-lhe para a cara e era evidente pela sua postura que tinha desistido.

– O Rune? – perguntou Tobias, mas ouvindo vozes a aproximar-se encolheu-se e fechou rapidamente a porta.

– Quem está aí? – perguntou Anna.

– Eles vão estragar tudo – disse Tobias. A expressão do marido de Ebba mudara e Anna podia ver que não adiantava ter esperança. – Mas não vão conseguir entrar. Eu tenho a chave. Estava por cima da porta da cave, esquecida há muito tempo e enferrujada. Experimentei-a em todas as fechaduras, mas não servia em nenhuma. Há uma semana, por mero acaso, encontrei esta entrada. Foi feita de modo tão engenhoso que era praticamente invisível.

– Porque é que não me falaste disto? – perguntou Ebba.

– Já estava a começar a chegar à verdade. Que eras a culpada da morte do Vincent mas que recusavas admiti-lo. Estavas a tentar transferir a culpa para mim. E no baú que não estava fechado, encontrei isto. – Tobias abanou a arma. – Sabia que acabaria por me ser útil.

– Eles vão encontrar uma maneira de entrar. Sabe isso muito bem – afirmou Anna. – Mais vale abrir a porta.

– Não posso abri-la. Havia um manípulo no interior, mas alguém o tirou. A porta tranca-se automaticamente e eles não têm nenhuma chave, por isso, mesmo que encontrem a porta secreta, não serão capazes de entrar. Quem construiu esta cave era paranoico, isto aguenta quase tudo. – Tobias sorriu. – Quando trouxerem equipamento adequado para forçar a porta já será demasiado tarde.

– Tobias, por favor – disse Ebba, mas Anna sabia que não adiantava tentar argumentar com ele. Tobias tinha decidido morrer ali e elas também morreriam, a não ser que fizesse alguma coisa.

Nesse instante ouviram uma chave na fechadura. Surpreendido, Tobias virou a

cabeça. Era o momento por que Anna esperava. Apanhou o pingente em forma de anjo do chão e atirou-se a Tobias. Fez-lhe um grande corte na face com a ponta afiada do anjinho e serviu-se da outra mão para tentar tirar-lhe a arma. Quando tocou no aço frio, ouviu-se um disparo.

Josef tinha decidido morrer naquele dia. Parecia ser o passo lógico depois do seu fracasso e, na verdade, a decisão aliviara-o. Quando saiu de casa ainda não tinha decidido como ia fazê-lo, mas quando Percy começou a abanar a arma, Josef lembrou-se de que podia morrer como um herói.

Mas agora, por estranho que parecesse, achava que era uma decisão precipitada. Enquanto descia as escadas escuras que conduziam à cave, a vontade de viver parecia mais forte do que nunca. Não queria morrer, especialmente naquele sítio que lhe tinha provocado pesadelos durante tantos anos. Viu os polícias à sua frente e sentiu-se estranhamente nu sem uma arma. Não tinha hesitado em acompanhá-los. Era o único que lhes poderia mostrar o caminho. O único que sabia como encontrar o inferno.

Os polícias esperaram por ele ao fundo das escadas. Patrik Hedström ergueu interrogativamente uma sobrancelha e Josef apontou para a parede oposta. Parecia ser uma parede comum, com prateleiras tortas contendo latas de tinta velhas. Vendo a expressão cética de Patrik, Josef avançou para lhes mostrar. Lembrava-se tão bem de tudo aquilo: os cheiros, a sensação do chão de cimento sob os pés, o ar bafiento que lhe enchera os pulmões.

Depois de um olhar de relance a Patrik, Josef pressionou o lado direito da prateleira do meio. A parede moveu-se, girando para dentro, e revelou uma passagem que conduzia a uma porta sólida. Josef deu um passo para o lado. Os agentes olharam para ele com surpresa por um momento e, em seguida, entraram na passagem. À entrada, pararam e puseram-se à escuta. Podiam ouvir um leve murmúrio vindo do interior. Josef sabia exatamente o que estava por detrás da porta. Tudo o que tinha de fazer era fechar os olhos para a imagem ser tão clara como se tivesse visto aquela divisão no dia anterior. As paredes frias, a lâmpada nua pendurada no teto. E os quatro baús. Tinham posto a arma dentro de um deles. Devia ter sido aí que o marido de Ebba a encontrara. Josef perguntou a si próprio se Tobias também tinha aberto os baús trancados, se sabia o que continham. Não importava, porque agora tudo ia ser revelado. Não havia volta a dar.

Patrik tirou a chave do bolso, enfiou-a na fechadura e rodou-a. Lançou um olhar a Josef e aos colegas, a expressão revelando claramente que temia o que estavam prestes a encontrar.

Cautelosamente, Patrik abriu a porta. Um tiro foi disparado e Josef viu os agentes correrem para dentro da divisão de pistolas em punho. Mas permaneceu na

passagem. Todo aquele rebuliço tornava difícil saber exatamente o que estava a acontecer, mas conseguiu ouvir Patrik a gritar:

– Largue a arma. – Viu-se um clarão e um tiro ecoou tão alto que os ouvidos lhe doeram. Em seguida ouviu o estrondo de alguém a cair no chão.

No silêncio que se seguiu, os ouvidos de Josef zuniam e apercebeu-se de que a sua respiração era irregular e superficial. Estava vivo, sabia que estava vivo, e estava grato por isso. Rebecka ficaria preocupada quando encontrasse a carta, mas tentaria explicar-lhe. Porque não ia morrer naquele dia.

Alguém desceu a correr as escadas que conduziam à cave e, quando se virou, Josef viu-la a precipitar-se na sua direção. Tinha um olhar apavorado.

– A Ebba – disse. – Onde está a Ebba?

O sangue tinha salpicado os baús e metade da parede. Nas suas costas, Anna ouvia Ebba a gritar, mas parecia que o som vinha de muito longe.

– Anna! – Patrik pôs-lhe as mãos nos ombros e abanou-a. A irmã de Erica apontou para o ouvido.

– Acho que o meu tímpano rebentou. Não consigo ouvir nada.

A voz soou-lhe estranhamente abafada. Acontecera tudo tão depressa. Olhou para as mãos. Estavam ensanguentadas e Anna examinou o corpo para ver se estava a sangrar, mas não conseguiu encontrar quaisquer ferimentos. Ainda tinha na mão o pingente em forma de anjo de Ebba e apercebeu-se de que o sangue devia ser do corte no rosto de Tobias. O marido de Ebba estava deitado no chão com os olhos abertos. A bala tinha-lhe aberto um grande buraco na cabeça.

Anna virou-se. Ebba continuava a gritar e, de repente, uma mulher precipitou-se na sua direção e abraçou-a. Lentamente, embalou-a para a frente para trás até que os gritos de Ebba diminuíram, transformando-se num gemido. Anna apontou em silêncio para os baús. Patrik, Martin e Gösta olharam para os esqueletos, agora salpicadas do sangue de Tobias.

– Temos de sair daqui. – Patrik conduziu suavemente Anna e Ebba em direção à porta. Ia seguiu-os de perto.

Quando chegaram à divisão principal da cave, Erica apareceu a voar pelos degraus íngremes. Descia-os dois a dois e Anna precipitou-se para a encontrar a meio do caminho. Só quando enterrou a cara no ombro da irmã mais velha é que sentiu as lágrimas começarem a fluir.

Quando alcançaram o vestíbulo, no andar de cima, semicerraram os olhos por causa da luz ofuscante do sol. Anna ainda estava a tremer como se estivesse frio. Erica leu-lhe os pensamentos e foi buscar as roupas da irmã ao primeiro andar. Não disse uma palavra por as ter encontrado no quarto de Tobias e de Ebba, mas Anna sabia que ia ter muito que explicar. Doía-lhe o coração quando pensava como Dan ia

ficar abalado, mas não podia ter esses pensamentos. Teria de resolver isso mais tarde.

– Já telefonei a pedir reforços e há uma equipa a caminho – disse Patrik. Ajudou Anna e Ebba a sentarem-se nos degraus da entrada.

Ia sentou-se junto de Ebba, pondo-lhe o braço em torno dos ombros. Gösta sentou-se do outro lado de Ebba, estudando as duas mulheres. Patrik inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Esta é a Annelie. Depois explico-te melhor.

Gösta lançou-lhe um olhar perplexo. Depois lembrou-se de algo e abanou a cabeça.

– A caligrafia. Claro, assim bate tudo certo.

Sabia que lhe tinha escapado qualquer coisa quando examinara o conteúdo das caixas. Algo que tinha visto e devia ter compreendido. Gösta virou-se para Ia.

– A Ebba podia ter acabado por ficar a viver connosco, mas teve uma boa vida com a família de Gotemburgo. – Gösta reparou que os outros estavam a ouvi-lo, embora não fizessem ideia do que estava a dizer.

– Não tinha coragem para pensar em quem ficaria com ela. Nem sequer tinha coragem para pensar nela. Assim foi mais fácil – respondeu Ia.

– Era uma criança tão linda. Fiquei completamente cativado por ela naquele verão e queríamos ficar com ela. Mas tínhamos perdido um filho e desistido de qualquer ideia de voltar a ter um... – Gösta virou-se.

– Sim, era linda. Um verdadeiro anjinho! – disse Ia, sorrindo tristemente. Ebba olhou para eles com espanto.

– Como foi que descobriram? – perguntou Ia.

– A lista de compras. Havia uma lista manuscrita entre as coisas que deixaram na casa. E então a senhora deu-me aquele papel onde tinha anotado a morada. A caligrafia era igual.

– Será que alguém pode explicar-me o que se passa? – disse Patrik. – De que estás a falar, Gösta?

– Foi o Leon quem se lembrou que eu podia utilizar o passaporte da Annelie em vez do meu – disse Ia. – Tínhamos alguns anos de diferença, mas éramos suficientemente parecidas, por isso resultou.

– Não percebi. – Ebba abanou a cabeça.

Gösta olhou-a nos olhos. Recordou a miúda que tinha corrido pelo seu quintal e lhe deixara tantas saudades. Já era mais do que tempo de ouvir a notícia que há tantos anos esperava receber.

– Ebba, esta é a sua mãe: Inez.

Silêncio absoluto. Apenas se ouvia o vento a abanar as folhas das bétulas.

– Mas, mas... – balbuciou Ebba. Apontou para trás, em direção à cave. – Então quem era a pessoa de cabelo comprido que está no baú?

– A Annelie – respondeu Ia. – Tínhamos ambas o cabelo castanho e comprido – acrescentou, tocando carinhosamente na face de Ebba.

– Porque é que nunca... – A voz de Ebba tremia de emoção.

– Não há uma resposta simples. Há muita coisa que não consigo explicar, porque eu própria não compreendo. Obriguei-me a não pensar em ti. Senão nunca teria sido capaz de deixar-te.

– O Leon não acabou de nos contar o que aconteceu em 1974 – disse Patrik. – Acho que está na altura de sabermos a verdade.

– Tem razão – disse Ia.

Viam-se barcos na água, ainda a alguma distância, mas dirigiam-se a Valö. Embora estivesse satisfeito por outra equipa estar prestes a assumir o comando das operações, Gösta queria primeiro saber, de uma vez por todas, o que tinha acontecido naquele fim de semana de Páscoa de 1974. Pegou numa mão de Ebba. Ia agarrou a outra.

VALÖ, PÁSCOA, 1974

– O QUE É ISTO? – RUNE ESTAVA À ENTRADA DA SALA DE JANTAR, O ROSTO BRANCO COMO A CAL. ATRÁS DELE ESTAVAM LEON E OS OUTROS RAPAZES: JOHN, PERCY, SEBASTIAN E JOSEF.

INEZ PESTANEJOU AO VÊ-LOS, SURPREENDIDA. NUNCA TINHA VISTO RUNE PERDER A COMPOSTURA, MAS O MARIDO ESTAVA TÃO ZANGADO QUE TREMIA. APROXIMOU-SE DE CLAES. NAS MÃOS TINHA UM MAÇO DE FOTOGRAFIAS E UMA ARMA.

– O QUE É ISTO? – REPETIU.

CLAES NÃO DISSE UMA PALAVRA, O ROSTO INEXPRESSIVO. OS RAPAZES ENTRARAM CAUTELOSAMENTE NA SALA E INEZ PROCUROU O OLHAR DE LEON. O RAPAZ EVITOU OLHAR PARA ELA. EM VEZ DISSO, OLHOU FIXAMENTE PARA CLAES E PARA RUNE. POR UM MOMENTO, NINGUÉM FALOU. O AR ESTAVA PESADO E ERA DIFÍCIL RESPIRAR. INEZ AGARROU A BORDA DA MESA. ALGO TERRÍVEL ESTAVA PRESTES A ACONTECER MESMO À SUA FRENTE E, FOSSE O QUE FOSSE, SABIA QUE AS COISAS IAM ACABAR MAL.

UM SORRISO ABRIU-SE LENTAMENTE NOS LÁBIOS DE CLAES. ANTES DE O PAI PODER REAGIR, O RAPAZ LEVANTOU-SE, AGARROU NO REVÓLVER E DISPAROU PARA A CABEÇA DE RUNE, QUE CAIU NO CHÃO, SEM VIDA. O SANGUE JORROU DO BURACO FEITO PELA BALA, ENEGRECIDO PELA PÓLVORA. INEZ OUVIU-SE GRITAR. PARECIA QUE O GRITO PROVINHA DE OUTRA PESSOA, MAS SABIA QUE ERA A SUA PRÓPRIA VOZ QUE ECOAVA NAS PAREDES, MISTURANDO-SE COM OS GRITOS DE ANNELIE NUM DUETO MACABRO.

– CALEM-SE! – GRITOU CLAES, CONTINUANDO A APONTAR A ARMA A RUNE. – CALEM-SE!

MAS INEZ NÃO CONSEGUIA PARAR DE GRITAR. O TERROR FORÇAVA O SOM A SAIR-LHE DA BOCA ENQUANTO OLHAVA PARA O CADÁVER DO MARIDO. EBBA CHORAVA ESTRIDENTEMENTE.

– JÁ DISSE PARA CALAREM A BOCA! – CLAES DISPAROU NOVAMENTE SOBRE O PAI, FAZENDO COM QUE O CORPO SE CONTRAÍSSE. LENTAMENTE, A CAMISA BRANCA IA FICANDO VERMELHA.

O CHOQUE FEZ COM QUE INEZ SE CALASSE ABRUPTAMENTE. ATÉ ANNELIE TINHA PARADO DE GRITAR, MAS EBBA AINDA ESTAVA A CHORAR.

CLAES ESFREGOU O ROSTO. NA OUTRA MÃO EMPUNHAVA A ARMA. «PARECE UM MIÚDO A BRINCAR AOS *COWBOYS*», PENSOU INEZ, MAS O ROSTO DE CLAES NÃO TINHA NADA DE INFANTIL E NEM SEQUER PARECIA HUMANO. TINHA O OLHAR VAZIO E CONTINUAVA A OSTENTAR AQUELE SORRISO HORRÍVEL, COMO SE O ROSTO TIVESSE CONGELADO NAQUELA EXPRESSÃO. RESPIRAVA A CUSTO.

DE REPENTE, VIROU-SE PARA EBBA E APONTOU-LHE O REVÓLVER. A MENINA AINDA ESTAVA A CHORAR E TINHA O ROSTO MUITO CORADO. COMO QUE PREGADA À CADEIRA, INEZ OBSERVOU O DEDO DE CLAES PREMIR O GATILHO ENQUANTO JOHAN SE LANÇAVA PARA A FRENTE. DE REPENTE, O RAPAZ ESTACOU. ESPANTADO, OLHOU PARA A CAMISA, ONDE UMA MANCHA VERMELHA SE ESPALHAVA RAPIDAMENTE. DEPOIS TOMBOU NO CHÃO.

O SILÊNCIO ABATEU-SE UMA VEZ MAIS SOBRE A SALA DE JANTAR. UM SILÊNCIO SOBRENATURAL. ATÉ EBBA ESTAVA QUIETA, CHUPANDO O POLEGAR. JUNTO À SUA CADEIRINHA, JOHAN JAZIA DE COSTAS. UMA MADEIRA LOURA TINHA-LHE CAÍDO PARA OS OLHOS, QUE FITAVAM O TETO SEM NADA VER. INEZ REPRIMIU UM SOLUÇO.

CLAES RECUOU ATÉ FICAR ENCOSTADO À PAREDE.

– FAÇAM O QUE VOS DIGO. E FIQUEM CALADAS. ISSO É O MAIS IMPORTANTE. – A VOZ DO RAPAZ ERA ESTRANHAMENTE CALMA, COMO SE CLAES ESTIVESSE A DESFRUTAR DA SITUAÇÃO.

PELO CANTO DO OLHO, INEZ DETETOU UM MOVIMENTO PERTO DA PORTA E CLAES TAMBÉM PARECEU REPARAR. APONTOU IMEDIATAMENTE O REVÓLVER AOS RAPAZES.

– NINGUÉM SAI DA SALA. NINGUÉM VAI ALADO NENHUM.

– O QUE VAIS FAZER CONNOSCO? – PERGUNTOU LEON.

– NÃO SEI. AINDA NÃO DECIDI.

– O MEU PAI TEM MUITO DINHEIRO – DISSE PERCY. – ELE PAGA-TE SE NOS DEIXARES IR.

CLAES SOLTOU UMA RISADA OCA.

– NÃO É O DINHEIRO QUE ME INTERESSA. JÁ DEVIAS SABER ISSO.

– PROMETEMOS NÃO DIZER NADA – AFIRMOU JOHN, MAS O APELO NÃO SURTIU EFEITO.

INEZ SABIA QUE ERA INÚTIL. TINHA RAZÃO ACERCA DE CLAES. SENTIRA QUE FALTAVA ALGUMA COISA DENTRO DELE. INDEPENDENTEMENTE DO QUE FIZESSE AOS RAPAZES, IA ENCOBRIR OS SEUS CRIMES A TODO O CUSTO. JÁ TINHA MATADO DUAS PESSOAS E NÃO ESTAVA DISPOSTO A DEIXAR NINGUÉM SAIR DALI VIVO. IAM MORRER TODOS.

DE REPENTE, LEON OLHOU PARA ELA E INEZ APERCEBEU-SE DE QUE O RAPAZ ESTAVA A PENSAR A MESMA COISA. NUNCA MAIS PASSARIAM TEMPO JUNTOS; SÓ TINHAM TIDO AQUELAS POUCAS HORAS ROUBADAS. TINHAM FEITO PLANOS E PARTILHADO TANTAS IDEIAS ACERCA DE COMO SERIA A SUA VIDA. TUDO O QUE TINHAM A FAZER ERA ESPERAR E TER PACIÊNCIA. ACABARIAM POR TER UM FUTURO PARA PARTILHAR. MAS ISSO JÁ NÃO IA ACONTECER.

– SABIA QUE AQUELA PUTA ESTAVA A TRAMAR ALGUMA! – EXCLAMOU CLAES DE REPENTE. – ESSES OLHARES NÃO DEIXAM QUALQUER DÚVIDA. HÁ QUANTO TEMPO É QUE ANDAS A COMER A MINHA MADRASTA, LEON?

INEZ NÃO DISSE UMA PALAVRA. ANNELIE DESVIOU O OLHAR DE CLAES PARA LEON.

– É VERDADE? – POR UM MOMENTO, ANNELIE PARECEU ESQUECER O MEDO. – GRANDE CABRA! NÃO PODIAS TER-TE METIDO COM ALGUÉM DA TUA IDADE, GRANDE...

AS PALAVRAS DE ANNELIE FORAM CORTADAS. CLAES ERGUERA CALMAMENTE O REVÓLVER E DERA-LHE UM TIRO NA TÊMPORA.

– EU TINHA-TE DITO PARA CALARES A BOCA – AFIRMOU NUM TOM COMPLETAMENTE DESPROVIDO DE EMOÇÃO.

INEZ SENTIU AS LÁGRIMAS BROTAREM-LHE DOS OLHOS. QUANTO TEMPO DE VIDA LHES RESTARIA? ESTAVAM COMPLETAMENTE INDEFESOS. NÃO HAVIA NADA A FAZER ALÉM DE ESPERAR ATÉ SEREM ABATIDOS UM A UM.

EBBA RECOMEÇOU A CHORAR E CLAES RECUOU. A MENINA BERRAVA CADA VEZ MAIS ALTO E INEZ SENTIA TODO O CORPO TENSO. DEVIA LEVANTAR-SE, MAS NÃO CONSEGUIA MEXER-SE.

– CALA-ME ESSA MIÚDA! – CLAES FULMINOU INEZ COM O OLHAR. – JÁ DISSE PARA CALARES ESSA FEDELHA!

INEZ ABRIU A BOCA, MAS NÃO CONSEGUIU PROFERIR PALAVRA E CLAES ENCOLHEU OS OMBROS.

– *OKAY*, NESSE CASO VOU TER DE SER EU A CALÁ-LA – DISSE, VOLTANDO A APONTAR O REVÓLVER A EBBA.

QUANDO PUXOU O GATILHO, INEZ LANÇOU-SE PARA A FRENTE PARA PROTEGER A FILHA COM O PRÓPRIO CORPO.

MAS NADA ACONTECEU. CLAES PUXOU NOVAMENTE O GATILHO. O REVÓLVER NÃO DISPAROU E O RAPAZ OLHOU PARA A ARMA COM SURPRESA. NESSE INSTANTE, LEON PRECIPITOU-SE NA SUA DIREÇÃO E ATACOU-O.

INEZ PEGOU EM EBBA E ABRAÇOU-A COM O CORAÇÃO A BATER DESCONTROLADAMENTE. CLAES ESTAVA NO CHÃO SOB O PESO DE LEON, MAS CONTORCIA-SE PARA TENTAR LIBERTAR-SE.

– AJUDEM-ME! – GRITOU LEON. EM SEGUIDA SOLTOU UM URRO DE DOR QUANDO CLAES LHE DEU UM SOCO NO ESTÔMAGO.

PARECIA ESTAR PRESTES A PERDER O DOMÍNIO SOBRE CLAES, QUE SE DEBATIA FEROZMENTE. MAS UM PONTAPÉ CERTEIRO DE JOHN ATINGIU-O NA CABEÇA E OUVIU-SE UM BAQUE HORRÍVEL. O CORPO DE CLAES FICOU INERTE E O RAPAZ PAROU DE LUTAR.

LEON REBOLOU RAPIDAMENTE PARA LONGE DO CORPO, FICANDO DE GATAS. PERCY PONTAPEOU CLAES NO ESTÔMAGO ENQUANTO JOHN CONTINUAVA A DAR-LHE PONTAPÉS NA CABEÇA. A PRINCÍPIO, JOSEF LIMITOU-SE A ASSISTIR. ENTÃO, CAMINHOU RESOLUTAMENTE ATÉ À MESA, PASSOU POR CIMA DO CORPO DE RUNE E PEGOU NA FACA QUE TINHA SIDO UTILIZADA PARA TRINCHAR O CABRITO. CAIU DE JOELHOS AO LADO DE CLAES E OLHOU PARA JOHN E PARA PERCY, QUE PARARAM DE DAR PONTAPÉS ENQUANTO ARFAVAM EM BUSCA DE AR. UM SOM BORBULHANTE SAIU DA BOCA DE CLAES E O RAPAZ REVIROU OS OLHOS. LENTAMENTE, QUASE COMO QUE A SABOREAR O MOMENTO, JOSEF ERGUEU A GRANDE FACA E ENCOSTOU A BORDA AFIADA À GARGANTA DE CLAES. DEPOIS FEZ UMA RÁPIDA INCISÃO E O SANGUE COMEÇOU A JORRAR.

EBBA CONTINUAVA A CHORAR E INEZ ABRAÇOU-A COM MAIS FORÇA. O INSTINTO DE PROTEGER A FILHA ERA MAIS FORTE DO QUE TUDO O QUE JÁ TINHA SENTIDO. TODO O CORPO LHE TREMIA QUANDO EBBA SE ENROSCOU NOS SEUS BRAÇOS COMO UM PEQUENO ANIMAL. A MENINA AGARROU-SE-LHE COM TANTA FORÇA AO PESCOÇO QUE INEZ MAL CONSEGUIA RESPIRAR. NO CHÃO, À SUA FRENTE, ESTAVAM PERCY, JOSEF E JOHN, AO LADO DO CORPO DESTROÇADO DE CLAES, COMO UM GRUPO DE LEÕES A RODEAR A SUA PRESA.

LEON APROXIMOU-SE DE INEZ E DE EBBA. RESPIROU FUNDO VÁRIAS VEZES.

– TEMOS DE LIMPAR ISTO – DISSE EM VOZ BAIXA. – NÃO TE PREOCUPES, EU TRATO DE

TUDO – ACRESCENTOU, BEIJANDO-LHE SUAVEMENTE A FACE.

COMO SE DE MUITO LONGE, INEZ OUVIU-O COMEÇAR A DAR ORDENS AOS OUTROS RAPAZES. CHEGAVAM-LHE PALAVRAS DISPERSAS, SOBRE O QUE CLAES TINHA FEITO, SOBRE AS PROVAS QUE TINHAM DE SER ESCONDIDAS, SOBRE A VERGONHA, MAS ERA COMO SE ALGUÉM ESTIVESSE A FALAR A UMA GRANDE DISTÂNCIA. COM OS OLHOS FECHADOS, INEZ EMBALOU EBBA. EM BREVE, TUDO ESTARIA TERMINADO. LEON IA RESOLVER TUDO.



Sentiam-se estranhamente vazios. Era noite de segunda-feira e os acontecimentos dos últimos dias iam sendo lentamente interiorizados. Erica tinha visto e revisto o que acontecera a Anna, e o que poderia ter acontecido. Patrik passara todo o dia anterior a mimá-la como se Erica fosse uma criança. A princípio tinha achado carinhoso, mas já estava farta de tantas atenções.

– Queres uma manta? – perguntou Patrik, beijando-a na testa.

– Estão mais de trinta graus aqui dentro, por isso, não, obrigada. Não quero uma manta. E juro-te que se me beijares a testa mais uma vez não vou para a cama contigo durante um mês.

– Desculpa lá estar um bocado preocupado com a minha mulher. – Patrik saiu em direção à cozinha.

– Viste o jornal de hoje? – perguntou Erica em voz alta, mas recebeu apenas um resmungo como resposta. Levantou-se do sofá e foi ter com o marido. Passava das oito, mas o calor não tinha abrandado. Erica sentiu uma vontade repentina de comer um gelado.

– Infelizmente vi – disse Patrik. – Gostei particularmente da primeira página: Mellberg a posar com John Holm, ao lado do carro-patrulha, por baixo da manchete: «O HERÓI DE FJÄLBACKA.»

Erica resfolegou. Abriu o frigorífico e pegou numa embalagem de gelado de chocolate.

– Queres um bocado?

– Claro, obrigado. – Patrik sentou-se à mesa da cozinha. Os filhos já estavam deitados e reinava a calma em toda a casa. Tinham de aproveitar enquanto podiam.

– Presumo que o Mellberg esteja muito satisfeito consigo próprio?

– «Satisfeito» é dizer muito pouco. E a polícia de Gotemburgo está chateada por o Mellberg ter monopolizado todos os louros. Mas o que importa é que os planos de Holm foram revelados e o atentado travado a tempo. Os Amigos da Suécia vão demorar muito tempo a recuperar.

Erica gostava de poder acreditar naquilo. Lançou um olhar sombrio a Patrik.

– Como correram as coisas quando falaste com o Leon e com a Inez?

Patrik suspirou.

– Não tenho bem a certeza. Responderam a todas as minhas perguntas, mas continuo a não compreender.

– Como assim?

– Leon explicou o que aconteceu, mas tenho dificuldade em seguir-lhe o raciocínio. Tudo começou quando o Leon começou a suspeitar que havia algo no colégio que não batia certo. E, por fim, o Josef foi-se abaixo e contou-lhe o que o Claes lhe tinha feito. E também a John e a Percy.

– O Leon é que teve a ideia de contar ao Rune?

Patrik assentiu.

– Os rapazes não queriam, mas o Leon convenceu-os. Tive a impressão de que, desde então, o Leon passou muito tempo a pensar sobre o que teria acontecido e sobre como as vidas de todos teriam sido diferentes se não tivesse persuadido os outros rapazes a falar.

– Era a única coisa a fazer. O Leon não podia adivinhar que o Claes era completamente louco. Era-lhe impossível prever o que ia acontecer. – Erica raspou o último pedaço de gelado da taça, mantendo os olhos fixos em Patrik. Quisera acompanhá-lo quando Patrik foi falar com Leon e com Inez, mas ele não o permitiu. Por isso tinha de contentar-se com o seu relato da conversa.

– Foi exatamente o que eu lhe disse.

– Então e depois de tudo ter acontecido? Porque é que não chamaram a polícia? – perguntou Erica.

– Tinham medo que ninguém acreditasse neles. E acho que o choque também desempenhou o seu papel. Os rapazes não estavam a pensar com clareza. Além disso, não podemos subestimar a vergonha que sentiam. Provavelmente, a ideia de as pessoas virem a descobrir aquilo a que tinham sido submetidos, fê-los embarcar no plano do Leon.

– Mas o Leon não tinha nada a perder se comunicasse a ocorrência à polícia. Não era uma das vítimas de Claes e não tomou parte no seu assassinio.

– Pois não, mas corria o risco de perder a Inez – explicou Patrik, e pousou a colher sem sequer ter provado o gelado. – Se os pormenores do caso fossem divulgados, o escândalo teria sido tão grande que provavelmente não poderiam ter ficado juntos.

– Então e a Ebba? Como é que tiveram coragem de a deixar assim sozinha?

– Isso parece ter sido o que mais incomodou Leon ao longo dos anos. Não o disse taxativamente, mas julgo que nunca parou de censurar-se a si próprio por convencer a Inez a deixar a Ebba sozinha. E eu não quis perguntar. Acho que ambos já sofreram o suficiente por causa das decisões que tomaram.

– Só não consigo perceber como é que o Leon teve coragem de persuadir a Inez a deixar a Ebba sozinha.

– Estavam completamente apaixonados e tinham medo de que o Rune descobrisse. O amor proibido é uma coisa perigosa. E o pai do Leon, o Aron, também tem uma

quota-parte de culpa. O Leon telefonou-lhe a pedir ajuda e o Aron deixou claro que a Inez teria de deixar o país, mas não com uma criança pequena.

– *Okay*, percebo que o Leon tenha concordado com isso. Mas a Inez? Mesmo apaixonadíssima, como foi capaz de abdicar da própria filha? – A voz de Erica estremeceu só de pensar em abdicar de qualquer um dos filhos e perante a perspectiva de nunca mais voltar a vê-los.

– O mais certo é que também não estivesse a pensar com clareza. E, aparentemente, o Leon convenceu-a de que seria o melhor para Ebba. Posso imaginá-lo a assustá-la, a dizer-lhe que, se ficassem, acabariam na prisão e que a Inez acabaria à mesma por perder Ebba.

Erica abanou a cabeça. Aquilo não fazia sentido. Jamais compreenderia como um pai poderia voluntariamente abdicar de um filho.

– Quer dizer que esconderam os cadáveres e depois inventaram aquela história de terem ido à pesca, não foi?

– De acordo com o Leon, o pai sugeriu que deitassem os cadáveres ao mar, mas o Leon receava que voltassem a emergir, por isso teve a ideia de escondê-los no abrigo antiaéreo. Levaram-nos para a cave e enfiaram-nos nos baús, juntamente com as fotografias. Decidiram recolocar o revólver onde Claes devia tê-lo encontrado. Depois trancaram o abrigo, contando com o facto de estar tão bem escondido que a polícia não conseguiria encontrá-lo.

– E realmente a polícia nunca o encontrou – disse Erica.

– Pois não. Essa parte do plano funcionou bem, mas Sebastian guardou a chave. Parece que a conservou para poder ter sempre uma forma de controlar os outros.

– Mas porque é que a polícia nunca encontrou nenhum vestígio do que aconteceu quando revistou a casa?

– Os rapazes esfregaram o chão da sala de jantar e removeram todo o sangue que era visível a olho nu. Tens de ter em mente que aquilo aconteceu em 1974 e que foi a polícia de província a levar a cabo o exame pericial. Não era propriamente o *CSI*. A seguir, os rapazes mudaram de roupa e partiram no barco de pesca depois de fazerem uma chamada anónima para a polícia.

– E para onde foi a Inez?

– Escondeu-se. Leon disse que também foi ideia do pai. Forçaram a entrada numa casa de verão desocupada numa ilha próxima. A Inez ficou lá até tudo ter acalmado o suficiente para poder deixar a Suécia com Leon.

– Quer dizer que, durante todo o tempo em que a polícia esteve à procura da família, a Inez estava numa casa de verão lá perto? – perguntou Erica com ceticismo.

– Sim. Provavelmente, os donos da casa apresentaram queixa à polícia por causa da entrada forçada mais tarde, mas a ocorrência nunca foi relacionada com o

desaparecimento da família em Valö.

Erica assentiu, satisfeita por todas as peças do *puzzle* terem finalmente encaixado. Depois de passar tantas horas a tentar compreender o que tinha acontecido à família Elvander, conhecia finalmente quase toda a história.

– Como será que ficam as coisas entre a Inez e a Ebba? – perguntou Erica, estendendo a mão para a taça de Patrik, para poder comer o gelado que o marido deixara antes que derretesse. – Não quis incomodar a Ebba, mas presumo que tenha regressado a casa dos pais adotivos em Gotemburgo.

– Quer dizer que ainda não sabes? – perguntou Patrik, cujo rosto se iluminou pela primeira vez desde que tinham começado a falar sobre o caso.

– Não, o quê? – perguntou Erica.

– A Ebba vai ficar no quarto de visitas do Gösta durante alguns dias para descansar. O Gösta disse que a Inez devia ir lá jantar com eles esta noite. Presumo que estejam a fazer um esforço para se conhecerem melhor uns aos outros.

– Parece-me boa ideia. A Ebba precisa disso. O que aconteceu com o Tobias deve ter sido um choque horrível. Imagina viveres com alguém que amas e em quem confias e que depois faz uma coisa daquelas... – Erica abanou a cabeça. – Mas aposto que o Gösta está feliz por a Ebba estar lá em casa. Se ao menos...

– Eu sei. E o mais certo é o Gösta ter tido o mesmo pensamento mais vezes do que podemos imaginar. Mas a Ebba teve uma boa infância e tenho a sensação de que o Gösta considera que isso é o mais importante. – Patrik mudou abruptamente de assunto, como se achasse demasiado doloroso pensar em tudo o que Gösta tinha perdido. – Como está a Anna?

Erica franziu a testa.

– Ainda não tive notícias dela. O Dan regressou logo a casa depois de ter recebido a mensagem que lhe enviei, mas sei que a Anna quer contar-lhe tudo.

– Tudo?

Erica assentiu.

– Como achas que o Dan vai reagir?

– Não sei. – Erica comeu mais algumas colheradas de gelado e depois agitou o que restava na taça, que se transformou num líquido pastoso. Era um hábito que tinha desde criança. Anna fazia a mesma coisa. – Espero que consigam resolver tudo entre eles.

– Hum... – respondeu Patrik, e Erica apercebeu-se do ceticismo do marido. Era a sua vez de mudar de assunto.

Não queria admiti-lo, nem a si própria nem a Patrik, porém, nos últimos dias, tinha estado tão preocupada com Anna que mal conseguira pensar noutro assunto. Mas conteve-se e não telefonou. Para terem alguma hipótese de resolver as coisas, Anna e Dan precisavam de paz e sossego. Anna acabaria por telefonar.

– Será que vai haver repercussões legais para o Leon e os outros?

– Não. O caso já prescreveu. A única pessoa que podia ter sido processada por alguma coisa era o Tobias. Agora resta esperar para ver o que acontece ao Percy.

– Espero que o Martin não esteja muito perturbado por ter matado o Tobias. Era a última coisa que precisava, com as preocupações que já tem – disse Erica. – E foi por minha culpa que o Martin se envolveu.

– Não te sintas culpada. O Martin está a aguentar-se bem, atendendo à situação, e parece pronto para voltar ao trabalho o mais depressa possível. Os tratamentos da Pia vão demorar e os pais de ambos estão a ajudá-los; por isso, o Martin está a combinar com ela trabalhar pelo menos a tempo parcial.

– Parece sensato – disse Erica, mas mesmo assim não podia deixar de sentir-se culpada.

Patrik lançou-lhe um olhar interrogativo. Depois estendeu a mão e acariciou-lhe a face, olhando-a nos olhos. Como que por acordo tácito, não tinham falado sobre o facto de Patrik quase a ter perdido uma vez mais. Mas, agora, Erica estava ali. E amavam-se Nada mais importava.

ESTOCOLMO, 1991

DUAS CARIN GÖRING?

O INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL DE LINKÖPING ANALISOU OS RESTOS MORTAIS ENCONTRADOS RECENTEMENTE NUMA URNA FORRADA A ZINCO NAS IMEDIAÇÕES DE KARINHALL, UMA PROPRIEDADE QUE EM TEMPOS PERTENCEU A HERMANN GÖRING. SUPUNHA-SE TRATAR-SE DOS RESTOS MORTAIS DE CARIN GÖRING, QUE MORREU EM 1931 E CUJO APELIDO DE SOLTEIRA ERA FOCK. ESTRANHAMENTE, EM 1951, UM GUARDA-FLORESTAL DESCOBRIU RESTOS DISPERSOS DE UM ESQUELETO QUE SE PRESUMIA PERTENCER A CARIN GÖRING. SOB GRANDE SIGILO, FORAM CREMADOS E AS CINZAS LEVADAS POR UM PASTOR PARA A SUÉCIA PARA O CEMITÉRIO DE LOVÖ.

FOI A TERCEIRA VEZ QUE CARIN GÖRING FOI ENTERRADA. A PRIMEIRA FOI NO JAZIGO DA FAMÍLIA FOCK, NO CEMITÉRIO DE LOVÖ, DEPOIS EM KARINHALL E, POR FIM, NOVAMENTE NA SUÉCIA.

OUTRO CAPÍTULO DESTA HISTÓRIA PECULIAR ESTÁ AGORA A SER ESCRITO. ANÁLISES DE ADN REVELAM QUE OS ÚLTIMOS RESTOS MORTAIS DESCOBERTOS PERTENCEM DE FACTO A CARIN GÖRING. FICA A PERGUNTA: DE QUEM SÃO AS CINZAS ENTERRADAS NO CEMITÉRIO DE LOVÖ, NOS ARREDORES DE ESTOCOLMO?

Epílogo

Escrevo estas linhas uma semana depois da explosão de uma bomba em Oslo, na Noruega, e dos homicídios na ilha de Utøya. Como toda a gente, estive a ver as notícias com uma sensação horrível no estômago, tentando em vão compreender como é que alguém pode ser capaz de tanto mal. As imagens da destruição em Oslo fizeram-me perceber que os acontecimentos deste livro roçam essa maldade. Infelizmente, confirma-se que a realidade é mais estranha do que a ficção. Por mero acaso, a minha história sobre pessoas que se servem da política para justificar as suas maldades coincidiu com o que aconteceu na Noruega, mas talvez seja uma indicação do género de sociedade em que vivemos atualmente.

No entanto, há outras partes de *O Olhar dos Inocentes* que foram conscientemente baseadas em acontecimentos reais. Quero agradecer a Lasse Lundberg, que durante uma visita guiada a Fjällbacka mexeu com a minha imaginação com a sua história sobre o granito de Bohuslän, que Albert Speer supostamente escolheu para a construção da Alemanha. O mesmo aconteceu com a visita que se diz que Hermann Göring fez a uma das ilhas do arquipélago de Fjällbacka. Tomei a liberdade de utilizar esses relatos para criar a minha própria história.

Tive de pesquisar muito sobre Göring para escrever esta história. O livro de Björn Fontander, *Carin Göring Skriver Hem*, foi um grande recurso, sobretudo por causa dos dados sobre o tempo que Göring passou na Suécia. Foi também nesse livro que descobri um verdadeiro mistério que podia entretecer no enredo da minha história dessa forma mágica que por vezes é concedida aos escritores. E isso é sempre maravilhoso. Obrigada, Björn, pela inspiração que o teu livro me deu.

Não existiu nenhuma Fazedora de Anjos em Fjällbacka, mas claro que há semelhanças entre a Helga Svensson da minha história e Hilda Nilsson, de Helsingborg, que se enforcou na sua cela em 1917 antes de a sentença de morte poder ser levada a cabo.

A colónia balnear de Valö existe e ocupa o seu lugar na história da Fjällbacka. Passei muitas semanas de verão na colónia e quase todos os habitantes de Fjällbacka têm alguma relação com a grande casa branca. Atualmente é simultaneamente uma pousada de juventude e um restaurante, e merece uma visita. Tomei a liberdade de alterar as datas e os proprietários para poderem encaixar na minha história. Como sempre, tive a ajuda inestimável de Anders Torevi em relação

a todos os outros pormenores acerca de Fjällbacka.

O jornalista Niklas Svensson foi muito generoso concedendo-me ajuda especializada em relação às partes do livro sobre política. Muito obrigada pela tua ajuda.

Como é habitual, combinei pormenores da vida real com a minha própria imaginação e todos os erros são inteiramente da minha responsabilidade. Situei a história numa época em que os homicídios prescreviam passado vinte e cinco anos. Essa lei foi entretanto alterada.

Há muitas pessoas a quem gostaria de agradecer, incluindo a minha editora, Karin Linge Nordh, e a minha revisora, Matilda Lund, que levaram a cabo uma tarefa hercúlea com o manuscrito.

Agradeço também ao meu marido, Martin Melin, que apoia sempre de forma extraordinária o meu trabalho. Desde que está pela primeira vez a trabalhar no seu próprio manuscrito temos sido capazes de encorajar-nos um ao outro, uma vez que passamos muitas horas a escrever. Claro que é igualmente uma vantagem incrível ter um polícia em casa e poder perguntar-lhe tudo e mais alguma coisa acerca do trabalho policial.

Obrigada aos meus filhos, Wille, Meja e Charlie, que me dão energia para escrever os meus livros. E a todo o meu círculo de familiares e amigos: a minha mãe, Gunnel Läckberg, Rolf «Sassar» Svensson, Sandra Wirström, e o pai dos meus filhos mais velhos, Mikael Eriksson, assim como Christina Melin, que veio em meu auxílio e foi excecional quando as coisas se começaram a complicar. Obrigada a todos.

Joakim Hansson e toda a equipa da Nordin Agency sabem que estou incrivelmente grata pelo trabalho que fazem por mim na Suécia e no mundo. Christina Saliba e Anna Österholm, da Weber Shandwick, esforçaram-se enormemente em prol de tudo o que contribui para o sucesso da carreira de um escritor. O vosso trabalho é incrível.

Obrigada aos meus colegas escritores. Não nomeio nenhum, por isso não esqueço nenhum. Não me encontro convosco com tanta frequência como gostaria, contudo, quando nos vemos, fico cheia de energia positiva e com imensa vontade de escrever. E sei que estão sempre comigo. Um lugar especial no meu coração está reservado para Denise Rudberg, minha amiga, colega e um grande apoio há tantos anos. Que faria eu sem ti?

Não poderia escrever estes livros se os cidadãos de Fjällbacka não permitissem alegremente que eu invente todo o género de horrores sobre a sua pequena cidade. Às vezes fico um pouco nervosa em relação ao que estou a fazer, mas até toleraram ser invadidos por uma equipa de filmagens. O que vai voltar a acontecer este outono

e espero que fiquem orgulhosos dos resultados, quando Fjällbacka tiver mais uma oportunidade de mostrar o seu cenário único aos telespetadores de todo o mundo.

Por último, gostaria de agradecer aos meus leitores. Esperam sempre pacientemente pelo próximo livro. Incentivam-me na adversidade, dão-me uma palmadinha nas costas quando preciso dela e estão comigo há muitos e muitos anos. Agradeço-vos do fundo do coração. Obrigada.

Camilla Läckberg
Måsholmen, 29 de julho de 2011
www.camillalackberg.com

Table of Contents

- [Ficha Técnica](#)
- [FJÄLLBACKA, 1908](#)
- [FJÄLLBACKA, 1912](#)
- [FJÄLLBACKA, 1915](#)
- [FJÄLLBACKA, 1919](#)
- [FJÄLLBACKA, 1919](#)
- [FJÄLLBACKA, 1919](#)
- [FJÄLLBACKA, 1919](#)
- [FJÄLLBACKA, 1920](#)
- [FJÄLLBACKA, 1925](#)
- [ESTOCOLMO, 1925](#)
- [ESTOCOLMO, 1925](#)
- [ESTOCOLMO, 1925](#)
- [HOSPITAL DE LÅNGBRO, 1925](#)
- [FJÄLLBACKA, 1929](#)
- [FJÄLLBACKA, 1931](#)
- [CEMITÉRIO DE LÖVO, 1933](#)
- [HOSPITAL DE SANKT JÖRGEN, 1936](#)
- [FJÄLLBACKA, 1939](#)
- [KARINHALL, 1949](#)
- [FJÄLLBACKA, 1951](#)
- [FJÄLLBACKA, 1961](#)
- [FJÄLLBACKA, 1970](#)
- [VALÖ, 1972](#)
- [VALÖ, 1973](#)
- [VALÖ, 1974](#)
- [VALÖ, SÁBADO DE PÁSCOA, 1974](#)
- [VALÖ, PÁSCOA, 1974](#)
- [ESTOCOLMO, 1991](#)
- [Epílogo](#)

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[FJÄLLBACKA, 1908](#)

[FJÄLLBACKA, 1912](#)

[FJÄLLBACKA, 1915](#)

[FJÄLLBACKA, 1919](#)

[FJÄLLBACKA, 1919](#)

[FJÄLLBACKA, 1919](#)

[FJÄLLBACKA, 1919](#)

[FJÄLLBACKA, 1920](#)

[FJÄLLBACKA, 1925](#)

[ESTOCOLMO, 1925](#)

[ESTOCOLMO, 1925](#)

[ESTOCOLMO, 1925](#)

[HOSPITAL DE LÅNGBRO, 1925](#)

[FJÄLLBACKA, 1929](#)

[FJÄLLBACKA, 1931](#)

[CEMITÉRIO DE LÖVO, 1933](#)

[HOSPITAL DE SANKT JÖRGEN, 1936](#)

[FJÄLLBACKA, 1939](#)

[KARINHALL, 1949](#)

[FJÄLLBACKA, 1951](#)

[FJÄLLBACKA, 1961](#)

[FJÄLLBACKA, 1970](#)

[VALÖ, 1972](#)

[VALÖ, 1973](#)

[VALÖ, 1974](#)

[VALÖ, SÁBADO DE PÁSCOA, 1974](#)

[VALÖ, PÁSCOA, 1974](#)

[ESTOCOLMO, 1991](#)

[Epílogo](#)